

ANNAES
DA
BIBLIOTHECA NACIONAL

DO
RIO DE JANEIRO

PUBLICADOS SOB A DIREÇÃO DO

BIBLIOTHECARIO

DR. JOÃO DE SALDANHA DA GAMA.

*Litterarum seu librorum
negotium concludimus hominis
esse vitam.*

(PRIOBIBLION. CAP. XVI.)

1884 — 1885.

VOLUME XII.

RIO DE JANEIRO

Typ. de G. Lenxinger & Filhos, Rua d'Ouvidor 31

1887

ANNAES
DA
BIBLIOTHECA NACIONAL
DO
RIO DE JANEIRO

ANNAES
DA
BIBLIOTHECA NACIONAL
DO
RIO DE JANEIRO

PUBLICADOS SOB A DIRECÇÃO DO
BIBLIOTHECARIO
DR. JOÃO DE SALDANHA DA GAMA.

*Litterarum seu librorum
negotium concludimus hominis
esse vitam.*

(PHILOBIBLION, CAP. XVI.)

1884 — 1885.
VOLUME XII.

RIO DE JANEIRO

Typ. de G. Leuzinger & Filhos, Rua d' Ouvidor 31

1887

Escrever e publicar a biographia de varões illustres é prestar-lhes a homenagem mais digna de sua memoria e offerter á humanidade o exemplo mais bello e a lição mais proveitosa para a realisação de seus altos destinos.

Ao illustre beneditino, ao seu preclaro e esforçado ex-Director, Frei Camillo de Monserrate, orgulha-se a Bibliotheca Nacional de erguer neste volume dos seus *Annuaire* um monumento modesto, é verdade, mas capaz de perpetuar-lhe o nome.

O artista que se incumbiu d'esta tão difficil quanto piedosa tarefa, exinio pela elevação da idéa, largueza dos planos, fino espirito de observação, justeza da critica, graça, elegancia, impecabilidade da forma, é um artista já laureado por gloriosas conquistas na sciencia e nas boas lettras.

Ninguém mais competente do que o Sr. Dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão para traçar e levar a cabo a biographia de Frei Camillo de Monserrate. Tendo tido a fortuna de conhecer pessoalmente a Frei Camillo e de captar-lhe a amizade, pôde, na doce intimidade e plena confiança de que gozava, aquilatar o valor d'aquelle espirito e a tempera d'aquelle caracter. Sendo o seu successor nesta casa, achou ainda vivissima a tradição de seus feitos, e os muitos documentos do nosso archivo como que ainda palpitavam sob o influxo da intelligencia e das emoções que os haviam ditado, attestando a actividade e os grandes esforços despendidos por Frei Camillo em prol do engrandecimento da importante repartição que dirigia.

Além dos documentos que lhe forneceram a Bibliotheca Nacional e o Mosteiro de S. Bento d'esta Corte e as informações verbaes de amigos intimos de Frei Camillo, o illustrado biographo teve de reunir e coordenar uma enorme quantidade de notas, lançadas sem ordem por Frei Camillo em pedaços de papel de todos os tamanhos e de todas as formas. É especialmente nestas investigações que se revela a sagacidade, o discernimento, a erudição e a perseverança do biographo. Neste acervo de papéis, de notas, de datas e assumptos variadissimos, achar o pensamento, comprehender o systema, apreciar-o, confrontal-o, é tirar do cahos a ordem, das trevas a luz.

O Sr. Dr. Ramiz Galvão, attendendo ao melhor methodo, dividiu o seu trabalho em 3 partes:

1.ª *Biographia*. Esta parte abrange o periodo de 1818 a 1870; desde o nascimento até a morte de Frei Camillo.

2.^a *Notícia e analyse dos seus escriptos.* Nestas paginas poderá o leitor avaliar a lucidez da exposição e assim também a delicadeza, a firmeza e a verdade da analyse.

3.^a *Documentos, Memorias e Notas.* Nesta parte são reproduzidos textualmente os escriptos de Frei Camillo. O leitor ficará habilitado para fazer idéa da extensão e variedade dos conhecimentos do douto benedictino.

Como se vê, a biographia é completa. O Sr. Dr. Ramiz Galvão estuda primeiro o seu modelo em sua vida íntima e social. A educação, a índole, as faculdades physicas, intellectuaes e moraes, as condições do meio em que nasceu e viveu, todas estas circumstancias, todos aquelles factores poderosos são apreciados isolada e conjuntamente, dispostos e entrelaçados, de modo a formarem uma como moldura de precioso quadro, de cujo centro resalta o vulto sympathico do venerando monge.

Em seguida, na analyse dos escriptos, o biographo exerceu a grande e verdadeira critica, formando o seu criterio pelos processos mais aperfeiçoados da sciencia moderna.

Em uma palavra, o Sr. Dr. Ramiz Galvão fez uma obra digna de si e do seu modelo.

Ao muito digno ex-Bibliothecario apresentamos a homenagem do nosso respeito e da nossa gratidão.

Bibliotheca Nacional, em 19 de Setembro de 1887.

JOÃO DE SALDANHA DA GAMA
Bibliothecario.



Fr. Camillo D. Monserrat

FR. CAMILLO DE MONSERRATE

ESTUDO BIOGRAPHICO

PELO

Dr. B. F. RAMIZ GALVÃO

EX-BIBLIOTHECARIO DA BIBLIOTHECA NACIONAL DO RIO DE JANEIRO.

« ... ego, ap'is Matine
More modoque,
Grata carpentis thyma per laborem
Plurimum, circa nemus, avidique
Tiboris ripas, operosa parvus
Carmine fingo. »

(HOR. IV. 2.)

PRIMEIRA PARTE

BIOGRAPHIA

I.

(1818-1834).

Nascimento. Educação. Tendências literárias. Primeiro ensaio archeológico.

« J'écrits ou j'écoute quelque chose. »
(CAMILLO CLÉAU)

Na cidade de Paris nasceu Jorge Eustásio Xavier Luiz Camillo Cléau a 14 de Novembro de 1818, e na parochia de S. Sulpício da mesma cidade recebeu, 26 dias depois, as aguas do baptismo.

Em todos os documentos officiaes, que lhe dizem respeito figuram como seus pais Jorge Gabriel Cléau de Freiras e Anna Maria Perier d'Angervilliers. Si é certo porém que tomou o nome de Cléau, e de facto se julgou até certa idade filho do casal que o creára, é todavia certo também que um mysterio envolveu lhe o berço, e que Camillo trazia nas veias sangue de mais alta linhagem.

A Musa da Historia não tem reservas a guardar, mormente quando, passados já quasi 70 annos, lhe é permitido revelar a verdade inteira, sem risco de offender indivíduos, e tanto mais quanto importa esta verdade á explicação logica de acontecimentos, que d'outra sorte mal se-puderam justificar. E' portanto sem escrúpulo que o-dizemos: Camillo era realmente filho não de J. Cléau, mas do desventurado duque de Berry já então casado com a filha de Fernando I, e sua mãe pertencia á celebre familia italiana dos Malatesta. Este segredo elle proprio o-communicou entre lagrimas a mais de um amigo intimo no Rio de Janeiro, e as qualidades de seu nobre character não permittem suppor que faltasse á verdade em assumpto tão delicado.

Como é de prevêr, a illegitimidade de tal nascimento caigiu reservas especiaes. Seus verdadeiros paes confiaram-no á guarda da familia Cléau, a qual adoptou por filho, ficando incumbida da sua educação mediante recursos, que para esse fim lhe-foram ministrados.

E' sabido que em 1820 morreu o duque de Berry victima de um assassino fanatico; tinha pois Camillo dous annos, quando veio o crepe da orphandade envolver-lhe ainda mais o berço já tão annuviado pela origem criminosa.

Da infeliz Malatesta não temos mais noticia além de seu nome, mas tudo nos faz suppôr que suffocára no coração a vergonha e a dôr, e que, havendo deixado a seu filho pequenas lembranças, não tornou a vê-lo.

Como se-fez a educação d'esta criança, difficil é dizer com exactos pormenores. Longe do theatro dos acontecimentos, sem outro dado seguro além das revelações feitas a um amigo, e essas mesmas já meio apagadas pela tradição e pelo tempo, não podemos affirmar sinão pouquissimas cousas em relação a esse primeiro periodo de sua vida.

A familia Cléau recobêra recursos sufficientes para esse fim, e ao que parece se-desempenhou do encargo com honradez e lisura, pelo menos até certa data.

O que é indubitavel é que, não obstante todo o immenso talento natural de Camillo, elle não conseguiria a illustração e os dotes moraes exceptionaes, de que deu provas muito cedo, si um zeloso educador lhe não tivesse dirigido os passos na estrada do saber, e o coração na practica da virtude e do bem. E' pois certo para nós que Camillo não fez seus primeiros estudos em collegios, á sacrcê de professores pouco conscienciosos ou coagidos a distrahir sua attenção por avultado numero de discipulos; teve pois um proceptor idoneo, a não sêr que o proprio Cléau o-dirigisse nessa ordem de trabalhos, o que nos-parece menos provavel.

Já homem referia elle muitas vezes que começara o estudo do grego na mais tenra infancia, e que seu mestre aguçava-

lhe a applicação ao trabalho promettendo-lhe doces e regalos, que depositava sobre um moel, ao qual não chegavam os seus bracinholos de criança.

Por outro lado é incontestavel que aos 15 annos de edade conhecia perfeitamente as linguas grega e latina, tinha adeantados estudos de historia e philosophia, e encetava já seus trabalhos de archeologia e de critica. Como explicar semelhante illustração em tão verdes annos, sinão admittindo que se-lhe deu a mais cuidadosa e perfeita educação litteraria?

Acresce que do exame attento de todos os seus papéis particulares, ainda os mais antigos, não transhiu o menor vestigio de educação collegial nos primeiros tempos.

Apenas frequentou Lycœus (talvez o Lycœu de Versailles), quando tinha já 13 ou 14 annos, é o que podemos asseverar.

Si é verdade porém que Jorge Cléau até certa epocha se-esmerou em dar ao filho adoptivo uma educação excepcional, e si é certo que o talento e a applicação rara do menino octuplicaram os fructos d'esta sollicitude, não é menos verdade que, por quaesquer razões, se intentou depois contrariar-lhe a aptidão litteraria, e quizeram fazer do joven hellenista — um notario, ou quando muito — um advogado.

Nada podia ser mais avesso á inclinação natural d'aquelle talento, habituado desde o berço ao encanto das letras classicas e dos estudos criticos.

Camillo nascôra para as investigações eruditas; dêra-lhe a Providencia o instincto de *savant*, como deu a Colombo o do descobridor de novos mundos, como a Cellini, a Callot, a Wilkie e a S. Bach o fogo sagrado da arte. E' baldado intento arredar esses homens de sua carreira providencial: Colombo arrosta sobrehumanos obices e aporta á Guahani; Cellini resiste ás suggestões de seu pae, que pretende fazer d'elle um flautista emerito, e hurta a famosa estatua de Perscu entre outras obras immortaes; Callot foge duas vezes da casa paterna para ir a Roma, donde o-chama o seu genio, e desenha em caminho esses admiraveis mendigos e ciganos, que as col-

leções iconographicas reputam thesouros; D. Wilkie, não tendo lapis nem tóla, faz como Giotto, — com um tição pineta quadros na primeira superfície lisa que encontra; a Bach negare luz para impedilo de compôr, mas elle escreve ao clarão do luar, tal é a invencivel inclinação de seu genio musical.

Jorge Cléau porém não via, ou não queria vêr estes exemplos; cuidando talvez torcer os caprichos de um menino vulgar, obsteinou-se em destinar Camillo ás aridas e mesquinhas questionculas do fóro.

Camillo tinha então 14 annos. Escrevendo a sua erman Eulalia Cléau, que se achava em Troyes, uma charta datada de 27 de Agosto de 1832, diz a este proposito o seguinte:

« Mr. Belhomme fils a envoyé aujourd'hui à mon père un de ses ouvrages (1) de Médecine, dans le quel il traite la nature et le siège de l'Hystérie et de l'Hypocondrie. C'est la réfutation de quelques opinions émises par le Docteur Brochet. Regardez *combien je dois enragier*, quand je vois comme cela des sciences aimables que je suis obligé de laisser pour la *maudite prose*. On ne peut pas faire de découvertes en droit, ou du moins ce ne sont que des découvertes insignifiantes, qui ne sont pas certaines, parce que leur succès ne dépend que de la manière dont elles sont expliquées. Je me dis à moi même que j'aurais pu devenir quelque chose, et je te dis à toi comme à d'autres que je ne serai jamais rien. Voilà une persuasion qui me décourage à jamais. Je te prie de ne pas parler de ces réflexions là à mon père, parcequ'il serait affligé de voir que ses desirs tous parfaitement d'accord avec mon bonheur à venir sont en contradiction avec les miens. Car mon père pense que je serai heureux quand j'aurai quelques centaines d'écus de plus, moi qui ne suis pas habitué à l'idée de travailler pour gagner de l'argent. Tu me dis cependant pourquoi es tu content quand tu en as? Tout le monde sera de même, parce qu'alors on a la facilité d'exécuter ses projets.

« Mais quand on travaille pour soi, pour sa seule satisfaction on n'a pas de projets à réaliser qui demandent de l'argent. Voilà de bien belles choses que Mr. Belhomme sans s'en douter m'inspire. »

E' charta de um menino, não ha duvidar; mas *ex digito*

(1) A obra a que se refere Camillo é certamente a seguinte: *Rapport analytique du Mémoire de M. Brochet, sur la nature, le siège de l'Hystérie et de l'Hypocondrie*, lu à la Société de Paris, et suivi des réflexions et de l'opinion du rapporteur. Paris, 1832, in 8.º de 24 pp.

gigas. Camillo gemia em silencio ante a pressão paterna; criança obediente e amorosa não queria affligir o velho Cléau renunciando o notariado, que aliás lhe causava horror, mas o germen da futura revolta alli estava. O menino sonhava os descobrimentos do critico e do philologo; queria trabalhar sim, mas pela gloria não pelo dinheiro.

O periodo de dois annos, que se seguiu a 1832, é para nós, envolto em sombras. Quando muito vejo nelle accentuar-se uma grave perturbação domestica, que devêra ter a mais decisiva influencia sobre a vida de Camillo.

Jorge Cléau era já então viuvo, sem que possamos dizer quando falleceu sua esposa. Enquanto no coração lhe durou a imagem d'esta primeira mulher, parece que a paz interior se não alterou; si não tinha pelo filho adoptivo verdadeiro amor paternal, ao menos dispensava-lhe o necessario cuidado. Mas em breve o coração fraqueou, não duvidando chamar a uma posição immerceida certa pessoa, que por condição e origem devêra conservar-se em papel somenos. Este acontecimento produziu os mais desastrosos resultados no lar, como não é raro acontecer. Quem sóbe a posições immerceidas breve abusa d'ellas e se revela indigno do favor.

A mulher arvorada em senhora não tardou em prevalecer-se da grande influencia exercida sobre o espirito de Jorge Cléau, e encetou a serie de insolencias e de aggravos, que deviam levar o desespero ao coração dos filhos.

Camillo, ainda menino na idade, mas já homem no character, sentiu a mais profunda indignação pela affronta feita á memoria de sua mãe, — pelo tracto rude e grosseiramente acintoso, de que eram victimas elle e sobretudo sua cerman, innocente e angelica menina que amava com véras, — pela fraqueza indigna de seu paí, docil e escravizado instrumento da paixão.

Foi esse o periodo das primeiras agonias. O menino, que até então por amor e respeito sacrificara em silencio a aptidão litteraria, parece que chegou a revelar a J. Cléau sua negação pelo notariado; d'ahi os pretextos de máo tracto e de uma severidade

excepcional. Por outro lado a sua revolta contra as insolências da intrusa mais contribuiu seguramente para aguilhoar o descontentamento e a rudeza do velho Cléau; d'ahi a recusa proposita de recursos e favores, d'ahi uma cadeia não interrompida de recriminações, de discussões amargas e de agastamentos, que encheram de dôr o coração do nobre e corajoso menino.

O que faria elle para pôr termo a este supplicio? No lar não tinha mais do que seus livros, pois que até a irmã querida já raramente sahia do Collegio para vir suavizar-lhe as mágoas. Os estudos, a que o enagiam, geravam tedio e não lhe davam o minimo prazer. O que faria?

O intelligente moço de 15 annos, que não nascera para turgante ou peralvilho, o que não saberia estragar o tempo em passadas nem comprometter o futuro em dissipações licenciosas ou frivolas, começou por dar expansão à sua vocação litteraria, — e sem que lhe importassem mais as accusações injustas do pae adoptivo, tomou o caminho do mundo de seus sonhos, e entrou nelle com a avidez de saber e o mais fogoso entusiasmo que é licito imaginar.

Na opulenta capital de França não faltavam meios para isso. Paris de então, como o de hoje, era a metropole dos grandes prazeres e dos grandes estudos. O nababo filaiucioso que alardêa galas e equipagens sumptuosas, o herdeiro abastado que vive a vida folgada dos salões e dos clubs aristocraticos, o industrioso capitalista que explora activamente industrias lucrativas, o estudante laborioso que frequenta os cursos e os museus, o artista que estuda os grandes modelos, o sabio que investiga como um benedictino e escreve livros profundos, o pobre que trabalha, o rico que dissipa, o religioso que se santifica, a mocidade que sonha e espera, a virilidade que construe, a velhice que recorda — todos, todos alli acham campo vasto à plena satisfação de seus intuitos, por mais nobres ou mais perversos que elles sejam.

No immenso torvelinho de homens que se acotovellam, todos se encontram, poucos se conhecem, e cada qual leva a

rôta batida, que suas inclinações e seus desejos indicam. Ha para todos os gostos como para todos os cabedacs.

Para Camillo o mundo encantado da erudição sorria-lhe por todos os lados: aqui a Bibliotheca Nacional da rua Richelieu com immensos thesouros e seus cursos de linguas orientaes e classicas, de palaeographia e archeologia; alli o Collegio de França com professores emeritos, o Instituto com suas Academias; acolá — o Louvre com sumptuosos muscus; mais alem — as sociedades scientificas, com suas reuniões altamente instructivas, e suas discussões luminosas.

O joven Camillo começou por todos elles, sem descanso e sem tregua, travando conhecimento com os sabios mais illustres; dir-se-hia o viajante do Sahara, sequioso, ardente, que mal entra na sombra amiga e humida do oasis, bebe febril em todas as fontes crystallinas, que irrompem da verdura.

Vejamos as provas:

A 8 de Julho de 1834, em charta datada do Louvre, A de Cailleux, director dos Museus Reaes, comunica ao *sar*, Camillo Cléau que dera já suas ordens para lhe-ser facultado o ingresso nas salas de antiguidades do Egypto *antes da hora ordinaria*, até o dia 23 do mesmo mez.

Aproveitada esta graciosa permissão, o estudioso mancebo pede prolongamento de licença até o dia 10 de Agosto, e isso lhe-é egualmente concedido.

A 20 d'este mesmo mez escreve elle nos seguintes termos a sua erman:

« Ma bonne petite sœur, le temps se passe, et me paraît bien long: je
« m'étais figuré que les jours qui suivraient ton départ seraient aussi tranquilles
« que ceux qui l'avaient précédé. Malheureusement, mon père a attaqué les
« maximes antiques ou innées manque de respect, d'obéissance, ou comme
« preuve du peu de reconnaissance ou d'amitié que je lui portais. Certaines
« personnes ont la bonté de me dédommager dans la journée de la contrariété
« que je reçois le soir. En outre le travail auquel je me livre avec assiduité
« me distrait plus encore que tout plaisir mondain. J'ai depuis ton
« départ certaines petites satisfactions qui flattaient à la fois mon amour propre
« et me donnaient l'espoir de réussir, et promptement. Je vais te les faire

« connoître, et en outre je t'en fais un petit hommage. Tu sais que j'avais
 « obtenu une permission de M.^r de Cailloux pour aller dans la journée travailler
 « au Musée Egyptien du Louvre, j'y ai copié quelques papyrus, avec quelque
 « facilité, et à la bibliothèque royale où je passe une partie de toutes mes
 « journées, je rencontre souvent M. Letronne, l'administrateur quinquennal de
 « la bibliothèque, le président de l'administration, conservateur des médailles,
 « l'un des rédacteurs du Journal des Savans, professeur au Collège de France,
 « membre de l'Institut, et l'un des savans, antiquaires, philologues, critiques
 « les plus estimés de l'époque. Je me suis adressé à lui, il m'a bien accueilli,
 « avec bonté et satisfaction même, je lui ai demandé quelques conseils, et il
 « m'a répondu avec franchise et confiance. Il m'a dit même qu'il me com-
 « muniquerait les copies de papyrus de Paris. Je fis en outre la connoissance de
 « M.^r Dubois conservateur du Musée Egyptien, un homme qui a parcouru, chargé
 « par le gouvernement, la Grèce, l'Egypte, l'Asie mineure, etc. Ce M.^r Dubois
 « est lié d'amitié avec M.^r Letronne et lui a beaucoup parlé de moi; je n'ai
 « pas vu M.^r Letronne depuis ce temps là. M.^r de Clarac, conservateur du
 « musée des antiquités grecques du Louvre, m'a comblé de compliments,.....
 « et ensuite il m'a ajouté qu'il était flatté d'avoir commencé ma connoissance,
 « et qu'il espérait la continuer ».

Lis pois o moço illustre a entrar no mundo dos sábios, e seu primeiro passo é para o museu de antiguidades egypciacas. Não admira esta tendencia. Naquella epocha o Egypto era o grande enigma da archeologia; para alli convergiam todas as attenções depois das conquistas do famoso capitão do seculo, e das não menos celebres victorias incruentas de Champollion, que rasgára o espesso véo dos hieroglyphos.

Mas a ingenua e intima narração de Camillo não acaba ahi, e o que se segue ainda é mais significativo.

« Je suis allé mardi dernier (continúa elle) au cours d'archéologie de la bi-
 « bliothèque royale, et par hasard; ce cours est professé par un homme distingué
 « comme antiquaire, philologue, qui est membre de l'Institut, conservateur des
 « médailles de la bibliothèque du Roi, l'un des rédacteurs du Journal des Sa-
 « vans, etc. C'était la séance de fermeture; aussi pour prolonger chez ses
 « auditeurs le souvenir de ses leçons, il confia à nos soins la solution d'un pro-
 « blème archéologique assez intéressant; il s'agissait de déterminer d'après le
 « costume, la position, l'aspect de la figure le nom d'un grec qui paraissait
 « porter la tournure d'un philosophe. Cela doit te sembler ou peu important,
 « ou facile, ou impossible. Eh bien! Mardi soir, après dîner, je me suis placé
 « dans ta chambre, et le soir même j'avais réuni sur un philosophe grec, que

« je croyais être celui que représentait la statue, des témoignages nombreux, « tirés des anciens biographes, des poètes, des polygraphes de l'antiquité, « sur le caractère, les mœurs, la doctrine, etc. de ce même philosophe; le « lendemain je voulus aller porter ce travail assez considérable, sous les yeux « de M.^r Raoul-Rochette pour le prier de l'examiner, je ne le trouvais pas, et « en descendant de chez lui, j'allai demander des nouvelles d'une personne qui « t'intéresse,..... qui se porte très bien.

« Je trouvais au Louvre M.^r de Clarac qui me félicita, et regarda mon « travail comme bon et promptement mis à fin; il m'exhorta à le montrer à « M.^r Letronne, ou à M.^r Raoul Rochette, et aujourd'hui même j'allai voir ce « dernier qui me reçut d'abord assez froidement comme une personne que « l'on ne connoît pas, et puis entra en connaissance, me montra ses notes et « m'avoua que nos conjectures étaient semblables, que ses vues s'étaient portées « sur le même pphe (philosophe) que moi.

« Il me fit voir quelques statues qu'il possède, me fit entrer dans son « cabinet et là me dit qu'il était franchement flatté de faire ma connoissance « et qu'il ne voulait pas que je me bornasse à une simple démarche. En ce « cas il m'a engagé à venir dans huit jours pour accepter un ouvrage qui « est encore sous presse, et qui..... (1) Je n'en ai rien dit et ai l'intention « de n'en pas parler, à qui que ce soit, pas même à mon père. Je tiens même « à ce que tu ne le lui dises pas. J'espère pouvoir lui prouver d'une manière « plus palpable bientôt que malgré la mauvaise opinion qu'il a conçue de moi, « je puis être bon à quelque chose. La conjecture de M.^r R. R. (Raoul Ro- « chette) qui avait été sa première et la mienne, a pris une autre route, c'est « à dire qu'il a changé d'avis, ou de philosophe. M'ayant communiqué cette « détermination, j'ai examiné avec soin les deux opinions, j'ai comparé les té- « moignages qui nous sont restés sur l'un et l'autre et j'ai conservé ma pre- « mière conviction, ayant l'intention de la soumettre à quelque savant dont le « jugement fasse autorité et foi. J'ai choisi M.^r Letronne, au quel j'ai lu deux « pages d'un résumé, d'après le quel il a conclu que la conjecture de M.^r « Raoul R. est fautive et la mienne vraisemblable. Aujourd'hui donc en re- « cevant le mémoire de M.^r Raoul R. sur des médailles grecques inédites, je « lui ai annoncé que je lui apporterais dans quelques jours une suite de « ces petits travaux mis en ordre. Il m'y a autorisé, me l'a même recom- « mandé. » (2)

É ou não extraordinario o que se-acaba de lêr? Um me-

(1) O papel está aqui dilacerado, e não pretendemos completar o sentido, que fica suspenso.

(2) A charta continúa tractando de assumpto diverso: visitas, jantares e ceremonias a que assistiu, noticias de varias pessoas de suas relações de familia, &c. &c.

nino de 16 annos incompletos (*) resolve em algumas horas um problema archeologico difficil, encontra-se com a opinião do mestre, e quando este muda de parecer discute-o com proficiencia e sagacidade tal, que o proprio Letronne lhe-dá razão.

Mas por outro lado, si Camillo exultava de contentamento neste primeiro passo da carreira litteraria (e os termos de sua charta o-revelam assaz claramente), que profunda máguia não, devêra ser a do coração do filho, que carecia occultar dos olhos paternos tão inesperado triumpho?

É preciso não haver sentido este gôzo ineffavel para negá-lo. A primeira corôa de louros ganha no collegio tem dobrado valor, quando a criança cheia de amor vem depô-la no rogaço materno, ou nas mãos de um pae extremoso; então o beijo estremecido dos paes é premio mais alto das fadigas, que mais viva de sanctas alegrias!

Vejamos porém o que respeita ao problema archeologico: restam d'este trabalho entre os papeis de Camillo duas notas infelizmente truncadas ambas, mas apesar d'isso muito dignas de figurar á frente de seu espolio litterario, e por isso transcriptas sob n.º 1 na 3.ª parte d'esta Memoria.

A primeira é um esboço do trabalho offerecido a Raoul Rochette, em que elle expõe as razões de sua conjectura, e a apresenta como a solução pedida pelo mestre.

A pequena estatua, muito similhante á de Euripides que se-achava no Louvre, representava um personagem de aspecto grave e pensador, com a cabeça um pouco inclinada, os olhos quasi fechados, e com a mão direita a comprimir levemente a outra, sem attributo algum de poeta tragico. Procedendo primeiro por exclusão, recusa-se Camillo a admitir que ella representasse Hippocrates, depois Homero, Ulysses, Solon, e Euripides. Por ultimo passa a demonstrar que se-tratava de Heraclito, philosopho ephesio de grande nomeada na antiguidade.

(*) Dado que não tenho indicação de anno, a charta é positivamente de 1834, porque nesse anno morreu João Baptista Mabelline (Thibé Mablin), o cujo enterrão conta Camillo que estivera presente.

Como já vimos pela charta a sua erman, era essa também a opinião de Raoul Rochette. Mas o mestre mudou de parecer logo depois, pretendendo que a estatuetta fôsse de Epimenides. Isto deu origem á 2.^a nota, mais extensa, esboço da ampla refutação que oppôz a ésta conjectura. Ahi começa por demonstrar que, a ser de Epimenides, não deixaria de ser representado velhissimo, á vista da extrema longevidade que todos os auctores lhe attribuem; depois argumenta com as datas do nascimento e morte de Euripides, e com o facto de haverem sido encontradas junctamente as duas estatuas, para concluir que a hypothese de R. Rochette não tinha visos de maior probabilidade. Por fim, tenta a explicação das razões que puderam ter levado os Athenienses a dedicar uma estatua a Heracito, enumera com erudição notavel os testemunhos relativos a este philosopho, que adquiriu reconhecida celebridade, e conclue por um estudo rapido sobre o seu character melancholico, e misanthropo — inteiramente de accordo com o aspecto severo e sombrio da estatuetta, aspecto que por forma alguma se poderia coadunar com o que a antiguidade nos-deixou em suas informações sobre Epimenides.

É força confessar, ainda longe dos documentos, que a argumentação do menino de 15 annos é forte, bem deduzida e sobretudo apoiada em um conhecimento dos auctores antigos verdadeiramente excepcional. Não admira pois que Letroune lhe-dêsse razão; em tudo isto o unico objecto de espanto é escrever-se em verdes annos, quasi *currente calamo* e da noite para o dia, uma nota tão erudita e tão prometteedora de um grande futuro.

Appensos a estas velhas tiras de papel achamos os apontamentos, que serviram á redacção de ambas as notas, mas sobretudo á da ultima, que lhe-reclamára maior desenvolvimento. São de letra sua, e quasi todos escriptos em latim, — o que é mais uma prova da notavel instrucção de Camillo em idade tao juvenil.

II.

(1834-1836.)

Seus estudos. Trabalhos de maior fulego. Secretario de Letronne. Graves desgostos na casa paterna.

« Quicquid lectione collocum est, alius reliquit in corpus. » (*Sen. Epist. LXXXIV*).

« Juvens, ut diu stans alimentum, illud longius esse discunt, et fortis amittit. » (*Sen. Nat. quæst. I, 17*).

Tão singular aptidão litteraria não pudera deixar de merecer a sympathia dos sabios. Eis como se explica a acceitação, que teve C. Cléau desde logo entre homens da estatura scientifica de Raoul-Rochette, Letronne, de Clarac e tantos outros.

O primeiro d'elles pretendeu algum tempo depois fazê-lo admittir como Secretario do Instituto Archeologico de Roma, juncto do duque de Luynes, e esta nomeação só se não realizou por causa da divisão, que separou aquella Sociedade em 3 classes.

Entretanto a avidez de saber não consentia que se limitasse Camillo a este genero de trabalhos; em 1834 começou a frequentar a Sociedade Geologica de França, cujas sessões (*) se-faziam então ás 7 1/2 da noite na rua do Vieux Colombier n.º 26.

Ainda no anno seguinte de 1835 foi assiduo frequentador d'esta illustre associação, e, segundo elle proprio refere em uma memoria composta muitos annos depois, alli conheceu os sabios Ampère, Elias de Beaumont, Walfertin, Arago e Constant Prevost, que então discutiam com grande enthusiasmo e fogo a theoria da sublevação das cadeias de montanhas.

Veremos mais tarde que essas lições não foram desaproveitadas.

D'este mesmo anno encontro a noticia de uma protecção de Azais, o mediocre philosopho do *système des compensations*.

O intelligente moço era deante de seus mestres um critico;

(*) Em seus papéis se achou ainda um aviso do Secretario, por charta impressa datada de 19 de Fevereiro de 1834, annunciando-lhe que haveria sessão supplementar a 24 do mesmo mez.

vejamos como elle desenha em traços rápidos o professor Azais e a sua doutrina:

« Un vieillard vénérable, dont l'accent est doux et personnel; l'extérieur simple, le geste naturel, l'attitude modeste; tel est le professeur au début. « Son imagination est aussi vive que son raisonnement est pur, son éloquence également naïve et mûre. sa méthode peut-être un peu confuse, mais ses expressions intéressantes et variées. S'il est possible au disciple de cerner ces discours du maître à son caractère, toutes ses intentions doivent être bienveillantes, ses moeurs douces, son esprit indulgent et résigné, son cœur fécond et épuisé.

« La philosophie de M. Azais réside toute entière dans l'appréciation des lois d'équilibre qui balancent dans le monde moral, comme dans la nature, les tendances individuelles à s'approprier la substance vitale.

« Il applique ces vues providentielles à l'avenir de la société, et ses conclusions déduites de faits d'ordre moral et de considérations métaphysiques sont d'accord généralement avec les axiomes de la philosophie de l'histoire.

« Toutefois le professeur abuse un peu des figures, et celles-ci ne sont pas toujours d'une exactitude parfaite ni d'une corrélation évidente avec le sujet qu'elles aident à présenter ou à éclaircir.

De facto Azais não mereceu juízo mais Esongeiro de autoridades competentes na materia, nem a opinião de Camillo apesar de seus verdes annos discorda em substancia da que achamos por exemplo na obra do sabio Franck.

Ainda em 1835, graças ao seu merito e à recommendação do conde de Clarac, começou Camillo Cléau a exercer as funcções de secretario de João Antonio Letronne, membro do Instituto, professor de história no Collegio de França, e um dos mais notaveis archeologos francezes d'aquelle tempo. Tal commercio com um homem eminente (1), que certamente o dirigiu com seus conselhos, devêra ser da maior valia para desenvolver e apurimar as altas qualidades do espirito do manecbo (2). Pena foi que por circumstancias accidentaes não durasse mais tempo esta ligação intima e proveitosa; Raoul

(1) « Comme avant, dit Walckenaër, le trait distinctif de son génie a été la sagacité la plus pénétrante. »

(2) Por recommendação do conde de Clarac passou que elle houve-se auxiliado Letronne na compozição do livro — *Lectures d'un antiquaire à son élève*. 1835-37 —, de 1 x 2 volume manuscrito — *Grégoire, ou les antiquaires présents à l'Egypte*. 1837.

« zèle que de succès. Pour ce que regarde l'énigme que vous avez entrepris
 « de résoudre, je me permets d'observer qu'outre les savans que vous nommez,
 « M.^r Eichstädt s'en est aussi occupé dans un des programmes qu'il publie
 « régulièrement comme orateur de l'Université. Comme il est très probable
 « que cette feuille ne trouve pas le chemin en France, je crois vous faire
 « plaisir en donnant ici un petit extrait de cette essais, dans lequel M.^r E.
 « qui lit le distiche en qu. de la manière suivante :

« Μη λέγε, καὶ λέξεις ἐμὸν ὄνομα· δεῖ δὲ σε λέξαι,
 « ὅδδ' ἄλλῃ, μέγα θαῦμα, λέγων ἐμὸν ὄνομα λέξεις. »

« en donne l'explication que voici : « Equidem tuendam arbitror vulgatam lec-
 « tionem ὅδδ', et Iusum qui ex ἀμφιβολίᾳ nascitur, non tantum in duplici signifi-
 « catione dictionis *μη λέγε*, verum etiam in duplici et ambigua verborum interpun-
 « ctione quaerendum. Scilicet hoc ænigmate non una significatur *particula μη*,
 « sed *negatio* in genere, sive ea per *μη* sive per ὅδδ' exprimitur. Vult scriptor,
 « ut ænigmati sensus constet, voculam ὅδδ' ad priora referri, *δεῖ δὲ σε λέξαι*,
 « sed eam ita posuit, ut, mutata interpunctione, possit etiam posterioribus
 « adjungi : vnde ambiguus sensus oritur, ænigmatis naturæ conveniens. » A
 « cet explication E. ajoute une version latine et métrique :

« Ne dicas, et me dices : sin dicere oportet
 « Nec rursus, res inira, meum præfabere nomen.

« Vous voyez, Monsieur, que cette explication ne s'éloigne pas beaucoup
 « de celle que Lange avait donnée, et qu'elle n'en est une *editio emendatio*,
 « en évitant quelques difficultés que Buttmann y avait reprises. Cependant
 « j'avoue qu'elle ne me satisfait pas plus que toutes les autres, la mienne y
 « comprise, qu'aussi je n'ai avancée qu'avec une juste défiance ; et le peu de
 « succès de tant d'essais d'explication m'a fait soupçonner quelquefois ou que
 « l'énigme avait été mal conçue par son auteur, ou mal lue par les copistes.

« La leçon du premier mot du 2 vers n'est pas sûre. La copie de Spalletti
 « que j'ai suivie dans ma dernière édition de l'Anthologie, présente *αδ* (sans
 « accent), et je ne doute pas que l'original n'y offre les mêmes traits, des-
 « quels *αδ* ne s'éloigne pas plus qu' *ὅδδ'*. Mais quoiqu'il en soit, les tentatives
 « faites jusqu'à présent ne pouvaient ni ne devaient vous empêcher d'en hasarder
 « une nouvelle ; et l'explication que vous proposez avec une modestie qui fait
 « honneur à votre caractère est sans contredit fort ingénieuse. D'abord il est
 « très-vrai que, comme vous observez, les griffes des anciens ne consistaient
 « souvent qu'à tromper les yeux ou les oreilles des lecteurs, et l'usage que
 « vous faites de cette observation à l'égard du mot *ὄνομα* dont vous séparez les
 « syllabes, ressemble assez au facétieux calembourg des Athéniens dans les mots
 « ἀπὸ γού et ἀπ' οὐνο κατὰ πτερὰ. Il n'y a pas de doute non plus que la
 « particule *ὅδ* ne se place quelquefois derrière le verbe ; il me semble ce-

« pendant que dans les endroits où cette position se trouve, le cas est un peu
 « différent, et qu'elle n'a lieu que lorsque le sens paraît exiger un rapproche-
 « ment de la négation à tel ou tel mot, comme c'est le cas dans une anti-
 « thèse ou interrogation ; or le vers dont il s'agit n'offrant pas une semblable
 « excuse, puisque l'auteur pouvait écrire : μή λέγω, καὶ λέξεις ἐμὸν ὄνομα — ,
 « aurait-il pu supposer qu'aucun lecteur ou auditeur devinât qu'il fallait diviser
 « les syllabes de ὄνομα pour y trouver la négation que le sens demandait ?
 « Dans l'autre vers j'avoue qu'il me repugne d'abandonner la construction fa-
 « cile et naturelle qui paraît exiger qu'on joigne οὐδὲ λέγων λέξεις ἐμὸν ὄνομα,
 « — tu ne prononceras mon nom pas même en le prononçant —, ce qui sans
 « doute est une chose merveilleuse, μέγα θαύμα !, pour adopter celle que vous
 « croyez nécessaire.

« Voilà mon opinion sur le problème en question ; je l'ai proposée avec
 « franchise sans craindre de vous offenser. Il me semble donc que cette pauvre
 « énigme reste encore à résoudre, ou par le défaut de l'auteur, ou par quel-
 « qu'autre cause que nous ignorons. Car je n'adopte pas l'opinion de M.^r Ros-
 « signol qui prétend que le propre de ces espèces de problèmes consiste à ne
 « laisser jamais arriver à une solution complète et décisive ; caractère qui n'est
 « pas et ne peut pas être que celui des mauvaises énigmes.

« Agrérez, Monsieur, l'assurance de l'estime particulière avec laquelle j'ai
 « l'honneur d'être

« Monsieur

« Votre très-obéissant serviteur

« Jacobs. »

« Si vous connaissez, comme je crois pouvoir supposer, M.^r de Sinner
 « et si vous êtes en relation avec lui, j'ose vous prier de l'assurer de toute
 « mon estime et considération, et que malgré son long silence je ne cesse pas
 « de penser à lui avec tout l'intérêt d'un ancien ami. »

“ O sobrescripto d'esta charta é do seguinte theor :

« À Monsieur

Monsieur Camille Cléau
 homme de lettres,

à Paris. »

A memoria de Camillo sobre a decifração do enigma vae annexa sob n.º 2 á 3.ª parte d'este trabalho ; ali poderá vêr o leitor que o nosso critico, não obstante as objecções de Jacobs,

conservou sua primeira opinião, interpretando o enigma por esta forma :

« Mij lépe, mi léfey éda mî(s)puarâa dé sa léfey ;

« Quid mî(s) pîpa léfey ! léfey dé sa léfey léfey.

« Ne dize, ne dicat nemo nomen : sed dicatur es !

« Res nomen non nîm ! dicens nomen nomen, dices »

A 3 de Dezembro de 1835 escreveu João de Witte, disantissimo antiquario, pedindo a Camillo que se encarregasse de fazer um indice de materias, e a 21 de Janeiro de 1836, transmittendo-lhe alguns conselhos de Raoul-Rochette sobre este assumpto, pediu mais o indice dos artistas, para complemento da obra, que estava imprimindo, e que pela data supponho ser a — *Description des antiquités et objets d'art qui composent le Cabinet de ses M. le chevalier R. Durand, Paris, Rollin, 1835, in 8.* — Isto fez e deu prompto em Março seguinte.

Chegamos ao anno de 1836. Não resfriara o ardor do joven Cléau, mas também não obstante o aprego de seus protectores estava por conseguir ainda uma posição segura, que o-puzesse a abrigo das necessidades materiaes, e que ao mesmo tempo lhe-permittisse dar largas á paixão devoradora do estudo.

Todavia não desanimára por enquanto; trabalhando sempre com a mesma impaciencia febril, esperava merecer, e tudo confiava do proprio talento e da tenaz applicação.

A seguinte charta demonstra não só em que estima era tido por homens eminentes, como a assiduidade com que ia á Bibliotheca Real no constante laborar de investigações eruditas:

« Cabinet des médailles et antiques,

« Bibliothèque Royale,

« Paris, le 19 janvier 1836,

« Je regrette vivement que monsieur Cléau ait pris plusieurs fois, comme on me le dit, et toujours inutilement, la peine de passer chez moi. Je suis touché des sentimens qu'il me témoigne, et que je lui rends en toute sincérité.

« J'espère être plus heureux une autre fois, si ses études à la Bibliothèque
« l'amènent de mon côté.

« J'ai communiqué à M. de Witte les feuilles dont je lui avais parlé;
« et sous ce rapport du moins les intentions de monsieur Cléau se trouvent
« remplies.

« Mille salutations

« RAOUL-ROCHETTE. »

Com a data de 31 de Maio d'este anno encontramos uma pequena nota crítica, novo trabalho seu, sobre a interpretação que dera Raoul-Rochette à expressão *ἐστία προσηγορία* do seguinte verso de Eschylo, Agamemnon, 1056:

... τὰ πύρ γὰρ ἐστίας προσηγορίαν etc.

Vejase o n.º 3 dos *Documentos* (III parte).

Por esse tempo Michaud, da Academia Franceza, accitou a collaboração de Camillo Cléau para a grande *Biographie Universelle*, que então começava a dar o seu longo Supple-mento.

Sabemos por uma nota do proprio auctor que elle preparára dous artigos principaes: *Clitoulème* e *Duris*.

Vão ambos appensos a este trabalho sob n.º 4 e 5: o 1.º transcripto do vol. LXI *Suppl.*, onde apparecem assignado pela inicial Z. characteristic dos anonymos, — o 2.º reproduzido do manuscripto original e autographo intitulado: *Notice biographique sur Duris, historien et tyran de Samos* —, peq. in-fol. de 18 ff. inn., que a *Biographie* não publicou, provavelmente por ser extremamente longo e destoar do programma geral da obra.

Ao que parece, teve Camillo intenção de escrever outros artigos, pois que achou reunidas notas interessantes sobre *Chrysorinus*, historiador grego, de Corintho, auctor de varias obras: *Ἰνδικὰ*, *Περὶ προσηγορίων*, e *Ἠellenιστικὰ* de que falla Plutarcho mais de uma vez; *Cleo Cariensis*, de quem se-diz que Appollonio roubára não pequena parte de suas *Argonauticas*; *Cinethon*, poeta lapodemonio, auctor das *Percecloxyba*; *Cléophaule*, medico, de quem falla Celso (III. 14.) com applauso, e que no dizer de

Plínio era perito conhecedor de plantas (XX, 5. XXIV, 16.); *Craophilo*, de Samos, poeta grego contemporaneo de Homero, sobre o qual divergem as opiniões de Casaubono e Fabricio; este (B. gr. I. IV. p. 18. t. 4. ed. Harles) considera-o distincto de outro *Craophilo* citado em Athenaeu (VIII, p. 361. C.) como auctor de um libello sobre as fronteiras do territorio dos Ephesios; Casaubono pelo contrario identifica em um só personagem o poeta e o defensor do territorio Samio, — opinião a que se inclina Camillo, baseado em uma noticia ainda não aproveitada de Strabão (XIV, 1. §. 20. t. III. p. 12. Cora. p. 639. Caa.).

Taes notas porém ficaram na pasta, e os artigos em projecto. Não acreditamos que houvessem dispensado tão illustre collaborador os directores da *Biographie Universelle*, antes é mais provavel que Camillo, vendo recusada sua extensa memoria sobre Duris, não quizesse subjettar-se ao modulo conciso que lhe-impunham, e preferisse abandonar o trabalho.

Merecia ella essa recusa, quando enormes artigos sobre assumptos relativamente modernos enchiam as paginas da obra?

Os criticos poderão julga-lo lendo-a agora, e confrontando-a com o que hoje sabemos, 50 annos depois, sobre o mesmo Duris.

Em 1841 publicou Hüllemann na Allemanha: *Duridis Samii quae supersunt. (Traj. ad Rhén.)*; logo em 1842 saiu a lume a Dissertação de Eckertz: *De Duride Samio imprimis de ejus in rebus tradendis fide*; e em 1848 o sabio Carlos Müller inseriu no vol. I dos *Fragmenta historicorum graecorum* (collocção Didot) não só uma biographia do tyranno de Samos como os raros trechos de suas obras, que occorrem citados pelos escriptores da antiguidade. Pois bem, o confronto faz grande honra ao trabalho de Camillo, e este tinha apenas 19 annos quando o compoz: a mesma erudição, por vezes as mesmas opiniões nos pontos controversos, o mesmo conhecimento das fontes.

Na enumeração das obras de Duris nota-se uma divergencia assás consideravel entre a relação de Müller (*) e a lista mais

(*) Esta relação é ainda a mesma que 7 annos depois apparece no ad. *Duris de Samos* da *Nouvelle Biographie générale de Diderot*, 1853, vol. XIV, col. 653-658. Vê-se que os modernos criticos não se afastaram no trabalho de C. Cléau.

extensa do nosso joven philologo, mas de facto a discordancia é antes apparente que real, porque Müller inclue as *Macedonicas e Hellenicas* nas *Historias*, as *Lybicas* nas *Memorias de Agathocles*, o *Tractado do luxo dos Samios* nos *Antares*, e tanto pôde ter razão um critico como outro.

Quanto ao Livro sobre as *Pyramides de Egypto* (n.º IX de Camillo) citado sob a auctoridade de Plinio (?), é o unico que não occorre na compilação dos *Frag. Histor.*, e o *Epigramma sobre Epheso* (n.º XIII), si Müller o attribue a outro Duris, é certo que o parecer de Fred. Jacobs defende a opinião de C. Cécau.

Em summa, a memoria que temos á vista é o mais eloquente testemunho da capacidade d'este moço, que eguala aos mestres ao ensaiar os primeiros passos na carreira da philologia classica.

Dando de mão a este genero de trabalhos, que lhe não abriam caminho, Camillo tinha por essa epocha preoccupações graves, e talvez mais seriamente do que nunca via perturbada a serenidade de seu espirito.

Por uma parte inscrevêra-se no curso de mineralogia de Delafosse (era o alumno n.º 26), provavelmente com o intuito de aprofundar ou adquirir conhecimentos, que deante das luminosas discussões da *Société Géologique* reconheceria não ter; por outra parte continuava a frequentar os cursos da Bibliotheca Real, onde Estevão Quatremère professava o persa, Ilase — o grego moderno e paleographia grega, o barão Silvestre de Sacy — a lingua arabe, Raoul Rochette — a archaeologia, &c. &c.

Occupava-se além d'isso na composição de uma memoria numismatica, que nesse mesmo anno terminou, e de que fallaremos mais adelante.

Finalmente, e era este por ventura o objecto que o preoccupava mais séria e dolorosamente: a grande crise domestica

(?) Plinius, *Hist. nat.* XXXVI, 17, §. Transierunt a tectis Pyramis simplicissima ex probis lapideis constructe. Trecentis LX annis nulla ante XX annos constructa prodierat. Tres vero ante annis LXXVIII et mandatis IV. Qui de his sunt ceteri, sunt Hierodotus, Eubecus, Duris Scythus, Aëtiogonus, Doryteus, Arionchorus, Alexander Polichius, Boetius, Anstherus, Demetrius, Theophrastus, Apion.

chegára ao seu desenlace fácil. O rompimento com seu pae adoptivo era um facto consummado.

Fallecem-nos os pormenores indispensaveis para traçar com exacção o quadro d'esta lucta suprema, que veio desvendrar aos seus olhos a triste realidade e envenenar-lhe para o resto dos dias o coração; apenas algum rascunho de cartas íntimas dirigidas a sua erman, e a tradição de confidencias feitas a alguns amigos muitos annos depois — nos permitem recompor a scena angustiosa.

Já atraz deixamos assignalados os tormentos, por que passava Camillo juncto do pae adoptivo. Não podendo tolerar as insolencias da segunda mulher do velho Cléau, rebellára-se o moço; não querendo igualmente sujeitar-se á imposição de uma carreira, para a qual sentia aversão decidida, acabára por desobedecer formalmente ao mesmo Cléau. Esta situação não fez sinão azedar-se com o tempo, e parece que as discussões apaixonadas e acerbas chegaram ao ponto de lhe-ser revelada a sua origem, a posição falsa que occupava na família.

Sabendo então Camillo de quem era filho, e conhecendo as circumstancias relativas ao seu nascimento, pretendeu entrar na posse de bens, que julgava terem sido confiados á guarda de Jorge Cléau para prover á sua educação, e isto lhe foi peremptoriamente negado. D'ahi a expulsão da casa paterna, a origem de um processo judicial, e a idéa de uma viagem para fóra de França.

É d'esta epocha a seguinte carta, que com data de 2 de Outubro de 1836 escreveu a sua erman Felicia Cléau:

« Malgré toute la sympathie qui régné entre nous, je ne te permets pas
 « de t'étonner de ce que j'ai été surpris de te long retard à ma lettre. Il m'est
 « venu mille pensées extraordinaires qui ne te me représentaient pas malade,
 « mais mariée. C'est drôle. Mais puisque je suis maintenant que c'était le
 « mauvais état de la santé qui te faisait garder le silence, je regrette de ne
 « l'avoir pas distrait par quelques mots de nouvelles et satisfait par quelque
 « nouvelle protestation d'amitié.

« Il n'est pas surprenant qu'Amédée ne m'ait pas trouvé et qu'on lui ait
 « dit que j'étais à la campagne; j'y suis allé passer plusieurs jours et quand

« j'en revenais, je recommandais au concierge de me dire absent afin de ne
 « me pas voir déranger trop souvent. Mais je me suis rendu plus d'une fois
 « à l'habitation d'Amedée ⁽¹⁾, sans qu'il fût également.

« Tu croyais me voir passer à Troyes bientôt; cependant mon départ
 « était et est encore subordonné à l'issue de mes affaires, quelle qu'elle soit.
 « Mais elles ne sont pas encore terminées; mon père qui n'a pas besoin que
 « le terme arrive, entrave plus qu'il n'active; il a néanmoins été décidé il y
 « a quelque temps qu'au lieu de produire l'affaire devant les tribunaux, elle
 « serait soumise afin d'éviter le scandale, à l'arbitrage de trois avocats: deux
 « choisis par chacun de nous, et un troisième amené par le sort. L'avoué de
 « mon père ne s'inquiète pas beaucoup de nous: rien ne peut aller sans qu'il
 « soit présent, et il passe à la campagne un temps qui me semble bien long.
 « mon avoué m'a dit être revenu inquiet de mon affaire et voulant y apporter
 « prompte fin. Quant à la tournure de la décision, je ne la puis connoître,
 « mais tout me fait présager un résultat heureux pour moi.

« Ce qui concerne ce voyage est fort simple; c'est la conclusion de la
 « position que m'a faite mon père; et ma position eût été la même, que
 « j'eusse ou non suivi ses intentions dans la carrière à embrasser; ce qui le
 « prouve c'est qu'il t'a proscrit également quoique tu n'eusses pas refusé d'être
 « avocat. Au reste je ne suis pas le premier qu'une pareille chance poursuit
 « et qui s'en délivre par soi même. Mais je dois te dire que l'un des grands
 « embarras quand on est ainsi, c'est le désespoir des personnes qui nous en-
 « tourrent. Par soi même on s'y porte facilement; si l'on vous y excite, on va
 « plus loin. Puis on aime assez généralement ne pas inspirer la pitié; quand
 « on est dans une position embarrassante, on agit par des efforts combinés
 « pour en sortir ou l'améliorer, et en cela les exhortations et les lamentations
 « des personnes même très aimées ne jouent le rôle que des cymbales dans
 « une orchestre. Ce que je te dis ici, ne doit nullement te blesser, car j'ap-
 « précie ton intérêt pour moi comme doit l'être celui d'une vraie amie, mais,
 « te le sais, chacun, et moi peut être plus que d'autres, chacun a des caprices,
 « des volontés qu'il est aussi facile de satisfaire que de contrarier; il vaut
 « mieux prendre le parti le plus doux.

« Tu vois donc enfin que c'est en pure perte que tu tentes ces rappro-
 « chements, que tu veux établir de bons rapports avec le cabinet de Nazareth.
 « Mon père agit très prudemment en n'écrivant pas, car il n'est pas une seule
 « de ses lignes qui ne puissent le compromettre; une froideur sans cause serait
 « en harmonie avec ses actions, mais aussi laide et désapprouvable que celles
 « ci; de l'abandon et du calme, ce serait une contradiction avec le passé.

(1) Il provablement Amedée de Thou, joven advogado que pouco depois desposou a me-
 nina Eulalia Cléau.

« J'ai découvert bien de nouveaux motifs de dédain pour lui ; des faussetés
 « aussi indignes du rôle qu'il devrait jouer que dangereuses par l'atteinte qu'elles
 « portent, sans qu'il s'en doute, à sa propre considération. Je ne te citerai
 « aucun fait, car leur seule énumération dans des notes que j'ai remises à mon
 « avoué, m'a employé du temps et seize pages grand in folio. Puis que tu
 « me demandes ce que je fais, si je travaille ; tu sois que c'est déjà un emploi
 « de temps considérable qu'exige l'examen de toutes ces pièces, la disposition
 « des argumens ; enfin il est beaucoup plus long et difficile de répondre à des
 « négations de faits avec leurs circonstances, que d'établir un système d'accu-
 « sation.

« Cependant, je travaille pas mal, je suis allé dernièrement retirer les
 « bonnes feuilles d'articles insérés dans la biographie universelle ; j'ai un article
 « tout prêt pour le *National* dont A. Radou ne fait plus partie ; cet article, je l'ai
 « écrit sur la signification religieuse des obélisques à propos de l'aiguille de la *Place*
 « *Louqsor*. Et ce qu'il y a de fort drôle, c'est que cet article terminé depuis plus
 « d'un mois contenait quelque ironie sur les procédés des modernes pour élever cet
 « obélisque au moyen de la vapeur, invention récente, quand les anciens qui
 « ignoraient ces forces, les élevaient en peu de temps (32 jours) à l'aide de
 « seuls cabestans et de bras d'hommes ; et pour autoriser cette moquerie, les
 « engrénages de la machine à vapeur ayant fait craindre la chute du monument
 « au moment où il serait suspendu au dessus de terre et par suite quelque
 « malheur, on a renoncé à l'invention moderne pour, à l'exemple des anciens,
 « n'employer que des moyens simples et beaucoup moins coûteux.

« J'ai porté à l'*Ami de la religion* une réfutation banale, ou plutôt quelques
 « observations générales sur le culte Châtel, tendant à appeler sur son infamie
 « l'indignation de tous ceux qui le fréquentent. Mais le craintif *Ami de la*
 « *religion*, qui désire la chute de son adversaire, redoute une rencontre pu-
 « blique.

« Tant de fiel entre-t-il dans l'âme des dévots ! Il m'a remis ma feuille
 « en me priant de traiter des sujets moins dangereux, qu'il insererait dans son
 « journal.

« J'ai à faire la note biographique de M. Jauffrey, maître des requêtes
 « au Conseil d'état, qui est mort cette année, et chez lequel, tu sais, j'allais
 « souvent. Pour le même recueil j'ai un article Duris. Puis en garde dans
 « mon secrétaire je place un mémoire de numismatique terminé ; j'attends le
 « moment propice pour le publier ; un mémoire sur un monument d'un ordre
 « nouveau ; des recueils de critique ; enfin cette nuit il m'est venu en tête de
 « placer dans le *Flâneur* une mystification pour M. G. S.^t Hilaire. Je rédige
 « ce matin une notice sur des lapins monstrueux vivant à Asnières, etc.... et
 « je ne doute pas que M. G. S. H. se transporte sur les lieux pour y exploiter
 « dans un but de science des prodiges qui n'existent pas.

« Je viens de faire la connaissance, il y a quelques jours, d'un jeune homme assez instruit, mais surtout plein d'imagination qui écrit des articles légers dans quelques journaux, mais qui s'est pris d'enthousiasme pour ma personne et veut me faire connoître à l'un de ses amis, jeune homme également, mais déjà connu à Paris comme collaborateur du *Temps*. Il s'est trouvé précisément dans la même position de famille que moi et paraît, dans ce que j'ai lu de lui avoir des idées arrêtées qui se rapprochent assez des miennes. Il n'a que deux ans de plus que moi : je dois l'aller voir demain. Il se nomme Alfred Michiels.

« Les opposans parlent assez peu poliment du ministère. M. Molé est un pis aller que l'on a pris pour l'honneur du gouvernement jusqu'à la reprise de session ; car les sièges du Conseil restaient vacans. On a donné quelques jours après la démission de M. Thiers, la comédie de M. Scribe, « Bertrand et Raton », aux Français. Je ne sais si c'était par vengeance, mais le diplomate Rantzen portait une allusion évidente à l'égoïsme du président du Conseil qui se retire le jour où il apprend qu'il sera remercié. Le général Bernard est revenu à la guerre, tu le sais, il y a longtemps. Mais tout cela c'est du remplissage...

« Je vois que j'irai trop loin si je ne me retiens de causer avec toi. Je ne te dis pas que je t'aime immensément, mais je le pense.

« CAMILLE CLÉAU.

« 28.^{bre} 1836. Dim. matin.

« Les Italiens étaient ouverts hier.

« J'oubliais de te dire que je t'écris en prison, à l'hôtel des haricots, où la garde nationale ma collègue me fait enfermer ».

III.

(1836-1837).

Situação crítica. Luctas do coração.

« Quid jaces? aut quid moros? aut cur suc-
« cumbis, cedisque fortunæ?... Magna vis est in
« virtutibus: eas excita, si forte dormiant. »

(Cic. *Tuscul.* III, 17.)

Criticas, demasiado criticas como se-vê, eram as circunstancias de Camillo. Seus protectores mal lhe-haviam podido offerecer até então fracas achegas, que não deviam satisfazê-lo. Hase, o professor de palcographia grega e de grego moderno, que até lhe-dera lições particulares — prova evidente do apreço em

que o-tinha — propoz-lhe uma vez recolher as variantes das historias byzantinas manuscriptas para a Academia de Berlim, mas Camillo, por motivos que ignoramos, recusou este trabalho *assez productif* (como elle proprio o-chama). Bernouli, a quem R. Rochette o-recommendára calorosamente, conseguira fazê-lo admittir como repetidor de grego em um collegio, e eram os proventos d'este humilde emprego tudo quanto tinha para sustentar-se.

A imprensa acenava-lhe com promessas, e o proprio Michaud, que lograra conhecer o seu merito pela collaboração cruidita da *Biographie Universelle*, propoz-lhe a redacção dos folhetins da *Quotidienne*; mas nem o talento do nosso illustre philologo era de feição para este genero de trabalho, que reclama aptidões especiaes, nem elle mesmo se-sentia disposto a enveredar por essa estrada perigosa, da qual o-arredavam os conselhos de seus melhores amigos.

Por outra parte o amor-proprio natural de quem se-reconhecia mercedor de posição mais lisonjeira; certa vulnerabilidade que foi sempre o caracteristico de seu genio; a necessidade de procurar uma diversão ás torturas da alma profundamente magoada pelos tristes incidentes da vida particular; enfim os hábitos filhos de uma educação, que tinha preparado o joven Camillo para tudo, menos para a posição de pretendente e necessitado, — todas estas causas junctas concorriam para diffcultar a solução do problema, e para fazê-lo pensar em fugir do scenario de suas tribulações como unico meio de adiar, sinão de remediar os males do presente.

Bem difficil é dizer tudo o que lhe-fia o'alma de fundos desgostos, filhos da situação anormal e triste em que o-puzera seu nascimento — esse ponto negro d'onde tudo derivava como consequencia logica e esmagadora.

Quão dolorosa dovêra ser para seu espirito a idéa de que todas essas angustias as-devia ao papel de filho natural esquecido e abandonado! Os desregramentos de uma paixão criminosa o-haviam gerado, e elle, a victima innocente e inconsciente do crime, gemendo sob o peso d'esta nota infamante, curtia os

amargores da penuria porque o-deixáram ao desamparo, quando outros mais felizes mereceram não só a legitimação (*) mas ainda o derradeiro osculo paterno.

É todavia, nesta luta de sentimentos de toda a ordem, fallava sempre o sangue: Camillo não tinha uma palavra de re- criminação contra seu verdadeiro pai, de queixas contra quem o-exquecêra, de ciúme contra os irmãos mais bem aquinhoados pela fortuna.

Ele devia saber que Henrique, o duque de Bordões, não obstante a condição penosa do exílio em que se-achava sua família desde 1830, ou fôsse em Lutworth, ou em Holyrood na Escocia, ou no castello de Hradschin em Praga, ou em Goritz, proseguira sua educação de príncipe no meio de todas as regalias que produz a riqueza. Guiára seus primeiros passos na qualidade de aio o barão de Damas até 1833, auxiliado por Barande e pelos dous jesuitas Deplacc e Druilhet; depois de 1833 passára aos cuidados do marquez de Latour-Maubourg e do general d'Hautpoul, e o illustre Frayssinous bispo de Hermopolis começara a dirigir-lhe os estudos, servindo de professores o p.^o Tréhouquet (a quem mais tarde se chamouram o anjo de Frohsdorf), o sabio Cauchy, o coronel Moucier encarregado da instrução militar, e o conde de Monthel professor de sciencias sociais.

Além expatriado sim mas não ignorado, o augusto filho do duque de Berry não só fruíra os gozos da abastança, mas era o caro penhor d'um partido inteiro que sonhava a sua elevação ao throno de França, e o-cercava de attensões eolicitos des- velos.

Além, no antigo castello dos reis da Bohemia, iam levar-lhe

(*) É sabido que o duque de Berry, de costumes licenciosos desde sua mocidade, tivera aventuras amorosas em Inglaterra, e que quasi tizeram dous meninos fillos de Ellen Amy Brown; chamavam-se Carlos Maria Agostinho — nascido a 13 de febre de 1828, e Luiz Maria Carlos — a 19 de Dezembro de 1829.

Doze antes do morrer, o príncipe mandou as chamar, revelar a toda a família aquelle se- greto de sua vida, e ultrapondo os fillos recomendo-os á solidação de sua esposa.

O rei não tardou a dignificar as bastardas; a to de Junho do mesmo anno de 1829 Carlos foi elevada a conde de Lamour, e Luiz a conde de Vierron; aquella pouco depois de-pois Fernando Victor Amador de Bourgoing príncipe de Tachinge e de Cyren. Por casou-se mais tarde com Antonia Carlos Maria, filha de Clureux.

saudações apparatusas pares do reino, generaes, officiaes superiores do exercito e centenas de peregrinos da legitimidade capitaneados pelo fogoso e illustre Chateaubriand.

Servidores fieis e distintos não lhe faltaram jamais. Ao general d'Hautpoul succederam varios outros nas funções de aio: de Bouillé — antigo governador de Martinica; o conde de Brissac que ficou encarregado tambem da direcção de sua casa, e por ultimo o duque de Lévis-Ventadour — esse a quem H. de Pène cognomina « o Sully de Henrique V », e que devia ficar ao lado do conde de Chambord pelo espaço de longos 25 annos, já não como aio, sinão como conselheiro e amigo.

Quando apontou a puberdade, e foi-lhe necessario completar pelas viagens a esmerada educação recebida nos livros ou dos labios de mestres insignes, o duque de Bordéas fez digressões instructivas, assistiu a exercícos militares, visitou paizes estrangeiros, e por toda a parte o-esperavam mostras de amor, tributos de homenagem e respeito á sua alta jerarchia, — ou fôsse na Lombardia, ou no imperio da Austria, ou nos campos de Lonato e Castiglione para as grandes manobras, ou nas grandes cidades da Italia, ou na Allemanha, ou finalmente na Inglaterra que elle tornou a vêr com sympathia e saudade.

Tudo isto se-passou aos olhos de Camillo, o irmão espiroto, ou devia realizar-se pouco tempo depois dos successos que vamos historizando; e ante a desigualdade da sorte o infeliz e nobre moço não tinha uma palavra acerba contra o verdadeiro causador de seus males.

Elle tinha de ser legitimista de coração até a morte. Amava provavelmente o herdeiro do throno de S. Luiz, e quem sabe si entre esses dois mancebos, que os azares da fortuna separaram tão profundamente, não havia além dos laços do sangue um laço mystico de infortunio, que os-approximava. No meio das galas de príncipe e de soberano *in pectus* uma nuvem sombria toldara desde a meninice o céu limpido e sereno da vida de Henrique, o futuro conde de Chambord; eram os des-

regimentos de sua mãe — a princesa Carolina, vítima de uma natureza inquieto e ágil, que a lançou em aventuras políticas assaz conhecidas, e por último nos braços de uma união clandestina e desigual com o conde Heitor de Lucchesi-Palli. Este incidente escandaloso explorado pela politica do tempo foi sempre um espinho no coração do neto de Carlos X, e eu não acredito impossível que semelhante amargura inspirasse a Camillo sentimentos de sympathia, que os laços consanguínicos haviam já preparado.

Tambem Cléau não ignorava de certo o bem estar das filhas naturnas reconhecidas na hora da morte pelo duque de Berry; sabia-as já então titulares, universalmente havidas por netas do rei, casadas com altos personagens e vivendo no buliço das festas, nos salões dourados da aristocracia européa, entre risos, flores e adorações. Só elle, o mísero, só elle o esquecido, não tinha nem a consideração, nem os gozos materiais, nem os recursos necessários á vida, nem o direito de proclamar sua filiação escura, nem o consólio de haver conhecido a mãe querida, — e por cúmulo de desventuras nem ainda os lucros de uma posição social que a consciencia do seu merito reclamava, porque enfim elle possuía a scintilla divina do talento vivificada pelo trabalho e pela virtude, e este titulo mais nobre que todas as nobrezas seculares bem podia ter-lhe aberto de par em par as portas do futuro. Singulares destinos os destinos humanos!

Estas cruciantes cogitações todavia não abatteram ainda a alma bem formada do moço infeliz, e elle, para fugir ao scenario das tribulações, pensou simplesmente em afogar nas distrações de uma viagem longinqua o mundo de tristezas que lhe perzava no coração.

Teria certo pendor natural pelas aventuras alguma influencia sobre esta resolução? Não nosamos assagura-lo, mas é tambem possível que assim fôsse. Sua imaginação viva, e por ventura um pouco phantastica, si ás vezes enegrecia-lhe o quadro dos desgostos reais, outras pinctava-lhe horizontes in-

decisões com côres brilhantes e sedutoras. Elle tinha então 21 annos, e servia-lhe no sangue o fogo de Italia avivado pela natureza cavalheiresca de um paladino.

O que é certo é que no meio de todas estas luctas de coração, aggravadas finalmente pela desapprovação da propria irmã, surgiu o projecto de uma longa viagem, ou fôsse idea sua, ou expediente aconselhado pela excellente familia Lefebvre, que o-amava e que lhe prestou nessa epocha serviços reaes.

O projecto deitou raizes, graças ao auxilio d'esta familia e de alguns outros amigos. Convencionou-se que partiria em um navio baleeiro commandado por Gustave Radou, e que só voltaria dons annos depois.

Suas proprias palavras dizem, melhor do que o poderíamos fazer, as razões d'esta resolução, e o que elle contava ganhar. O que se segue é um rascunho de charta, dirigida a um advogado amigo, e que pincta bem o estado de exaltação em que se-achava seu espirito. Posto que não tenha data, é obvio que foi escripta em 1837:

« Monsieur;

« Avant de partir definitivement pour ce long voyage que votre bienveil-
 « lance vous a empêché de caracteriser hautement, mais que peut être incérie-
 « rement vous avez regardé comme une extravagance, ou comme une détermination
 « légère dans une circonstance importante, je crois devoir vous adresser le précis
 « des faits et des motifs qui m'ont amené à cette grave résolution.

« Ce n'est ni pour orner la vérité, ni pour flétrir le mensonge que je vous
 « dépose ces confidences.

« Vous avez su et vous vous rappelez sans doute les difficultés et les peines
 « que j'ai eues à souffrir et à surmonter depuis quelque temps, je vous en ai
 « fait le tableau de vive voix et je crois vous avoir donné une idée suffisamment
 « exacte de ces obstacles à mon travail et à mon bonheur puisque vous en avez
 « conçu de l'intérêt pour ma cause, de l'espoir pour son triomphe et de l'in-
 « dignation contre mon adversaire.

« Il y avait quatre ans que je souffrais de toute manière quand mon père
 « m'a mis dehors avec cinq francs pour tout secours. Non seulement il
 « me refusa l'assistance de sa considération, de ses ressources pécuniaires,
 « mais il me poursuivait de calomnies qui passèrent d'abord pour des médi-

« sances, dont le temps a démenti les fausses apparences, et qui se trouvent
« détruites et effacées à la honte de mon père seul.

« Mais ma vie, mon pain ne m'était pas fourni par un revenu propre ;
« j'étais encore trop jeune, trop entouré d'obstacles instrumentés par mon père,
« l'esprit trop préoccupé pour faire fructifier subitement ce que je pouvais
« m'être acquis de connaissances, pour réaliser l'espoir que je fondais sur une
« étude facilitée par des conseils ; de qui pouvais je attendre les avantages de
« présentation dans le monde qu'il m'a fallu fréquenter ? de mon père ; il m'a
« calomnié et son fiel a dégouté tout le monde. De qui pouvais-je espérer de
« l'intérêt dans mes besoins de la vie matérielle ? de mon père ; il m'a
« chassé et m'ôte par des insinuations malveillantes les moyens de gagner.
« Il me doit une petite somme et refuse de me la payer ; il est forcé par
« la justice à acquitter cette dette regardée par mes juges comme naturellement
« et civilement contractée, il accuse mes juges de prévention et me traîne
« en appel. Quelle conclusion de tout ceci : il a voulu me placer dans l'alter-
« native ou de mendier en rue le secours de l'étranger ou de satisfaire mes
« besoins au préjudice de mon honneur ; il attendait le triomphe de sa cause
« en me représentant comme indigne de son amitié et ne s'est pas contenté
« d'une publicité restreinte ; un héraut... a rempli exactement l'office de col-
« porteur d'infames propos et d'atroces calomnies revêtues du socau transparent
« de l'intérêt et de la vraisemblance. Oui, mon cher monsieur, le temps de la
« sensibilité est bien loin ! J'avais été élevé en effet comme si je devais toujours
« vivre doucement ; c'est ce qui m'a fait voir bien beau le cœur lépreux de
« mon père. Tout cela est difficile à dire, à croire, longtemps je ne l'ai pas
« cru, je ne l'ai pas dit ; je le crois maintenant, et je le dis, je le dirai.

« Etais-je donc dans une position facile à occuper ; tiraillé par des néces-
« sités, obsédé par des craintes, n'ayant pour me soutenir que la bienveillance
« inouïe d'une famille sur la quelle des tentatives de calomnie ont glissé, n'ayant
« personne de qui je pusse non pas exiger, mais attendre un secours, que vouliez vous
« donc que je fisse ? J'ai trouvé des protecteurs qui me facilitent la carrière,
« mais je n'en devais pas espérer de sacrifices. Comment croire que des
« étrangers peuvent faire ce qu'un père ne fait pas et défend qu'on fasse.
« Tout le monde n'a pas assez de fermeté, de grandeur d'âme pour surmonter
« la mauvaise humeur d'un père contre son fils qu'il paraît avoir seul le droit
« de traiter bien ou mal ; surtout un père qui tient entre ses mains des ins-
« truments dangereux, une influence dans l'administration de la police, et qui
« peut bien nuire aux étrangers puisqu'il nuit à ses enfants.

« Un de mes parens m'offrait donc un moyen de réparer tout cela ; en
« me permettant de m'éloigner du centre de ces persécutions il me rend le
« calme d'esprit, il me procure par un désintéressement touchant deux années

« sans souci de vie matérielle, il me donne les loisirs qui me font achever à
 « l'aise les travaux entrepris dans la fièvre, il me fait préparer ainsi des élémens
 « de gain, de casement, d'introduction dans la société, de rapports honorables et
 « utiles, il me transporte pour gagner tous ces biens dans des contrées où les
 « plaisirs instruisent, où l'expérience forme l'esprit, où la monotonie de situation
 « assied et fixe la volonté, donne des habitudes d'ordre et de méthode, où
 « les moindres observations deviennent des connoissances importantes quand on
 « sait en profiter, n'est ce pas déjà une somme d'avantages assez grande pour
 « qu'elle dispense d'une énumération plus détaillée. Qu'est ce ensuite que cette
 « protection indigne; que certains esprits se sont éclairés sur la vraie nature
 « de mes peines morales et de mes embarras; qu'un parent qui n'est ni mon
 « père, ni mon frère me donne ce que mon père me refuse, ce que ma sœur
 « ne m'accorde pas et qu'en deux années j'aurai obtenu tout d'un ami quand
 « en près de deux ans je n'aurai reçu de mon père que des mauvais traitemens,
 « de ma sœur une somme de 120 francs dont j'ai signé l'obligation rembour-
 « sable sur le résultat du procès et rien au delà. Tout cela est vrai; qu'on
 « se dispense donc d'écouter ces belles thèses de sentiment qui n'aboutissent
 « qu'à prouver que les actions des gens sont en opposition avec leurs paroles;
 « qu'on ne me dise pas; je suis désolée, affligée, attristée de voir partir celui
 « que l'on voit obtenir par ce départ tous les avantages que l'on ne peut ou
 « ne veut lui procurer.

« Ces différens faits ne sont pas disposés dans un ordre et une classifi-
 « cation qui en fasse un catalogue de bonnes raisons; mais, mon cher Mon-
 « sieur, veuillez je vous en prie reconnoître ce qu'il y a de bien rigoureux
 « dans ces déductions et vous en fixer le souvenir dans votre si bon cœur, de
 « sorte à reconnoître lors de mon retour l'accomplissement de chacune de ces
 « espérances. La vérité ne se défigure pas en vieillissant, au contraire elle
 « acquiert plus de netteté par le contrôle du temps; si je puis lui comparer
 « quelque chose d'inaltérable, c'est ma reconnaissance et mon dévouement,
 « c'est votre bonté, votre désintéressement pour le plus respectueux de vos
 « serviteurs

CAMILLE CLÉAU. »

O tal ou qual desalinho d'esta charta, o tom apaixonado e ás vezes acerbo que em toda ella apparece, bem revelam a dôr profunda e a agitação, que as circumstancias haviam produzido no espirito de Camillo.

Outro homem mais calmo, de natureza menos susceptivel, talvez devesse comedir sua linguagem em relação a um velho, que não obstante seus defeitos o havia educado com certo esmero, e a quem devia portanto reconhecimento e respeito.

O proprio processo instaurado contra seu pae adoptivo não é a nossos olhos inteiramente justificavel. Mais digno fôra desamparar a casa onde se-tornára falsa a sua posição, e, por muitos sacrificios que isso lhe-custasse, procurar silencioso e grave no trabalho proprio os meios de vida, como fez, mas sem desvendar ao publico os factos particulares de uma casa onde vivêra como filho.

A resolução de uma longa viagem foi até certo ponto acertada, como meio de diversão ao seu espirito angustiado; mas ella poderia trazer-lhe todos esses beneficios, com que a sua phantasia lhe-acenava? Não era isso vêr de rosicler o porpura um horizonte aliás bem nebuloso ainda? A longa ausencia de Paris, si por uma parte amortecia-lhe as mágoas do coração, por outro lado não era um largo parentese aberto em sua carreira litteraria, um corte nas relações preciosas que com seu talento e qualidades raras conseguira angariar?

E todavia Camillo não previa este resultado, absorvido agora pela idéa fixa da aventura que lhe sorria, não já como palliativo do côres reaes, mas como remedio efficaz e heroico para sanar todos os males que padecia.

Havia pois nesse moço, ao lado de grandes dores moraes e de um talento superior, o sinão bem accentuado da phantasia, que o-fez apaixonado por vezes, versatil e inconstante nos proprios objectos que mais amava, infeliz em summa em quasi todos os incidentes de sua vida publica e particular.

Mas reatemos o fio d'esta narrativa, e acompanhemo lo para longe de França.

IV.

(1837-1839.)

A viagem.

* *Ue magnitudinis medicinas doloris magnitudo
maioreretur.* (Cic. *Tuscul.* IV, 89.)

Resolvida a viagem e aplainadas todas as difficuldades pelo dr. Lefebvre, que foi um verdadeiro pae para o joven Camillo nesta conjunctura, deixou elle a cidade de Paris nos ultimos

dias de Junho de 1837, sabe Deus com que angustias no coração.

Chegado ao Havre, onde devêra embarcar; recommendado a seu primo B. Verjon e a Gustavo Radou o commandante do navio, os quaes ambos o-accolheram com a maior gentileza, parece que não restava sinão dizer um derradeiro adeus ás terras de França, e pedir aos ventos amigos que o-conduzissem ao seu longinquo destino; mas novos tormentos o-esperavam ainda, como si fôra sorte sua encontrar na vida obstaculos e dissabures por toda a parte. O armador da *Dunkerquoise*, que no primeiro dia nenhuma objecção oppuzera ao embarque de Camillo, no dia seguinte, por motivos que não sabemos ao certo, negou se com tal obstinação a permittir-lo, que se julgou perdida toda a esperanza de realizar o projecto.

Seriam manejos do velho Cléau? Com que intuito? Chegaria a sua vingança ao ponto de fazer intervir a administração para impedir essa viagem, que promettia consólio e algum tempo de paz ao attribulado moço?

Custa a crêr em tanta perversidade. Seria então um resto de interesse pela sorte d'elle, e afigurava-se-lhe em sua razão calma de homem experiente que semelhante aventura compromettia o futuro de Camillo? Mas si elle proprio concorrêra para o-envenenar tão profundamente?!

Nesta duvida mal podemos adivinhar com o verdadeiro movel da recusa do armador, mas é certo que ella se-deu, e parece indubitavel que foi motivada por insinuações vindas de Paris.

« On trouver des ennemis qui emploient une adresse plus adroite à me venger que plus dure? »

« La haine et le dégoût se mêlent dans mon cœur et je souffre encore plus vivement de quitter cette France sillonnée de poison. »

Eis o grito de dôr do proprio Camillo em uma charta, que pretendeu escrever do Havre ao dr. Lefebvre no dia 2 de Julho.

Abattido pela inesperada occorrendia, pensava já em vêr meios de partir para a Guadeloupe, e disponha-se a vêr com

lágri-mas n'os olhos o saír da gentil *Dunkerquoise*, quando á última hora seu primo Verjon o impellia inopinadamente para dentro de um escaler, e fê-lo seguir para bordo do navio baleeiro, que já abria as velas e aproava ao mar. Chegar, ser recebido nos braços do commandante Gustavo e partir definitivamente, sem que alguém pudesse impedi-lo, foi obra de poucos minutos.

Por uma resolução heroica e repentina de seus amigos, estava assim realizado o projecto; mas com que deficiência de meios!

Sem sua bagagem, sem seus livros e papeis, que devêram fazer-lhe tão grande falta na longa e fastidiosa travessia!

O navio tinha de seguir para a Nova Zelandia, estação adequada á pesca da baléia, e onde por essa epocha se-reuniam numerosos navios de todas as nacionalidades a explorar esta industria. Tomando rumo do Sul, 15 dias depois tocou rapidamente na ilha do Fogo, do archipelago de Cabo-Verde, d'onde Camillo se não esqueceu de escrever ao seu bom amigo o dr. Lefebvre; vencidas as calvarias da costa d'Africa veio passar á vista do Cabo da Boa Esperança, e deu frente ás 6.000 milhas que separam a ponta meridional africana do continente da Australia. Ali encontrou certamente os ventos alizcos e as famosas correntes de Oeste, que favorecem a navegação dos que demandam as paragens Oceánicas; mas ainda assim que fastidioso e longo percurso, em uma região onde ainda hoje se não encontram mais do que os bandos de albatrozes e *grolands* a voitar sobre os mastros dos navios! « Não há no globo travessia mais solitaria, di-lo ainda agora um moderno viajante, porque na de S. Francisco ao Japão tem-se ao menos a enchança de encontrar o paquete da mesma Companhia que volta. Ali, nada que com isso se-parêça: o último vapor seguiu há um mez, e o proximo virá um mez depois; durante todo o trajecto não sois mais do que um ponto negro que corre para seu destino com a velocidade média de 300 milhas por dia. »

Que tempo gastaria a *Dunkerquoise* para atravessar esse

immenso deserto d'aguas, não podemos dizer ao certo, nem mesmo sabemos si para encurtar um pouco a distancia, preferiu afrontar as borrascas e o frio intenso do Oceano Glacial, onde na latitude de 50° S. se-acham ventos mais frescos e meridianos mais estreitos. D'estas minucias da viagem não deixou Camillo outra informação sinão que seis mezes depois da partida, portanto em Janeiro de 1838 mais ou menos, estacionava ainda detronto da costa meridional da Australia, com o intento de aproar a Van Diemen, parar algum tempo em Hobart's-town, e fazendo a volta pela ponta septentrional da ilha do Norte ganhar definitivamente a Bahía das Ilhas situada na costa oriental da Nova-Zelandia, onde deviam hibernar. Certamente, com a marcha vagarosa do navio baleeiro sujeito aos caprichos do vento, não logrou alcançar o porto antes do mez de Março.

É de Janeiro de 1838 a seguinte missiva dirigida ao dr. Lefebvre; o leitor encontrará nella curiosos pormenores e, mais que tudo, o quadro fiel dos sentimentos de Camillo nas expansões intimas do seu coração cheio dos mais ternos affectos:

« Cher Monsieur.

« Les quinze jours que j'ai passés à la mer dans la traversée du Havre
 « aux îles du Cap Vert, m'ont semblé tellement longs, que je croyais, en vous
 « écrivant de Rago, m'être séparé de vous depuis plusieurs mois. Depuis ce temps
 « nous n'avons pas encore touché la terre et aucun des navires que nous avons
 « rencontrés n'a pu me procurer le moyen de vous faire parvenir quelques
 « pages; tous étaient partis récemment de leurs ports et ne devaient pas
 « joindre la terre avant nous. Nous sommes passés en vue du Cap de Bonne
 « Espérance, sans que Gustave ait pu ou voulu permettre qu'on l'abordât. Nous
 « sommes encore en station dans ce moment-ci dans la mer qui baigne les
 « côtes méridionales de la Nouvelle Hollande. A la fin de ce mois nous faisons
 « route vers l'île de Van Diemen et nous relâcherons quelque temps à Ho-
 « bart's-town, pour gagner définitivement le lieu d'hivernement, la baie des
 « îles à la Nouvelle Zélande. Je vous écris par avance, parce qu'il peut se
 « faire que pour la guérison des scorbutiques, on accoste Van-Diemen un peu
 « plus tôt que je me le crois, et, comme cela est arrivé à Rago, que j'aie à
 « peine le temps de vous écrire.

« Vous croirez facilement que les six mois écoulés depuis mon départ de France, ne m'ont pas toujours présenté des motifs de satisfaction. Il n'est pas donné à Gustave de me procurer l'oubli de ce que je regrette, ni d'avancer mon retour en France : vous direz, mon bon monsieur, que mon caractère est bien singulier, que je ne me plais jamais où je suis et que je voudrais toujours être où il ne se peut pas que je sois. Je ne me plaindrais pas si vous pensiez cela, parce que je ne vous ai pas dit en partant tout ce qui m'agitait : vous devez vous rappeler, je m'en souviens du moins parfaitement, que je vous ai à peine parlé pendant les derniers jours de mon séjour à Paris : était ce donc que je n'éprouvais rien, que j'avais oublié tous vos bienfaits et que je ne sentais aucun mouvement de tendresse et de reconnaissance ? Bien au contraire, j'étais ému au delà de tout ce que vous imaginez ; je ne disais pas : je vais au Havre, mais je quitte Monsieur Lefebvre et son excellente famille : loin d'être indifférent, j'étais fatigué de sentir les effets de mon départ, et à mesure qu'ils se sont présentés, ils m'ont fait et me font éprouver encore de bien cuisans regrets. La monotonie de la vie du bord, me laisse en possession de toutes les peines de mon cœur ; aussi ne souhaité-je rien autre chose que de vous revoir toujours les mêmes, c'est à dire, n'ayant rien changé de votre opinion sur mon compte, me croyant aussi sincère qu'attaché et reconnoissant.

« Quel excès de bonté, d'avoir bien voulu le Dimanche matin de mon départ, vous déranger sitôt et me conduire jusqu'à la voiture de Maisons-Lafitte, en me donnant comme la veille et toujours, tant de preuves de votre bienfaisance ! Je ne vous ai pas même dit adieu ; je suis monté, me suis assis et ne vous ai pas regardé ; il faut que je croie moi même avoir tout à fait rêvé, pour m'excuser ; mais je m'en suis trouvé tellement coupable et j'en ai éprouvé tant de peine, que j'ai caché ma figure dans mon chapeau, afin qu'aucun voisin ne s'en aperçût. Qu'y a-t-il de pardonnable dans cette conduite ? Tout ; parce que je m'étais oublié, je ne pensais à rien en voulant penser à trop de choses ensemble ; je n'ai pas ouvert un seul des journaux, une seule des brochures que, par une sollicitude compréhensible de votre seule part, vous aviez destinés à me distraire pendant la route ; je n'ai pas fait grande attention aux bords de la Seine et, ce que j'ai peine à comprendre, j'ai retenu un air que je n'ai entendu chanter que par un des voyageurs du bateau à vapeur ; je ne puis être gai chaque fois que je la fre donne et cela m'arrive presque continuellement. Si j'entrais dans plus de détails sur ce qui s'est passé en moi après avoir quitté Paris, vous devriez me trouver bizarre ; et vous le dire après huit mois, serait encore plus singulier. Je me contente de vous dire en somme que le dernier soir que j'ai passé chez vous, m'a fait connoître tout ce que je pouvais avoir de sentimens tendres et d'affections vraies ; Madame, Mademoiselle et vous, mon cher Monsieur, pouvez seuls imaginer l'étendue de mon attachement en le mesurant sur votre bonté.

« J'ai vu avec grand plaisir Monsieur Verjon, au Havre; il a bien voulu
 « me témoigner de l'intérêt; il m'a emmené à sa campagne près de la ville,
 « où j'ai trouvé Madame Verjon et ses demoiselles. Cette dame aime beaucoup
 « ses enfans et montre beaucoup d'attentions aux étrangers; comme parent
 « elle m'a accueilli avec complaisance. Quant à son mari, mon cousin, il est
 « aussi bon qu'il est franc et sensible. J'ai profité avec empressement des
 « occasions qu'il m'a procurées d'être avec lui, j'en ai recueilli la conviction
 « que plus on le voit, plus on doit l'aimer; je ne sais pas s'il a autour de lui
 « tout ce qu'il faut pour alimenter l'appétit de son cœur, mais ce qu'il m'a
 « raconté de sa jeunesse, avec des émotions que je partageais volontiers, me
 « fait penser qu'il ne doit pas aimer à être traité froidement. Veuillez oublier
 « ce que je vous dis là, car c'est une indiscretion que je commets en vous
 « peignant l'intérieur de la famille.

« Je crois vous avoir dit dans ma lettre datée de St. Philippe de Foëgo,
 « que malgré le dévouement et la bonne volonté de Gustave, peu s'en est
 « fallu que je ne partisse pas. Monsieur Verjon a attribué comme moi ces
 « difficultés à l'odieuse influence de mon père; je souhaite qu'il n'en soit
 « rien. Cette incertitude était telle qu'immédiatement avant le départ, rien
 « encore n'était arrêté; le navire même sortait du port au complet, et j'étais
 « encore à terre. Vous vous représenterez facilement mon inquiétude pendant
 « les cinq jours; enfin Monsieur Verjon m'a lancé en canot et je suis monté
 « à bord où Gustave m'a reçu les bras ouverts, sans métaphore. Mais là,
 « comme j'avais fait à Paris, une fois dans le canot, le trouble qui s'est em-
 « paré de moi m'a fait oublier que Monsieur Verjon était sur la jetée, et
 « j'étais déjà loin quand je suis sorti de ma stupeur; je me suis retourné,
 « mais je n'ai pu voir mon bon cousin; je suis persuadé qu'il me l'a pardonné.
 « Tous mes effets, livres et bagage sont restés au Havre, je n'avais en hardes
 « que ce que je portais le jour même, par une grande chaleur; mais Gustave
 « avec un zèle et un désintéressement parfaits ne me laisse manquer de quoi
 « que ce soit. Il n'a pas cessé d'être pour moi tel que je l'espérais; il est d'ail-
 « leurs le capitaine et ne peut se laisser aller à des considérations de per-
 « sonnes, mais il se montre toujours mon ami.

« Ainsi mes livres et mes papiers, sur les quels je comptais pour m'occuper,
 « sont restés en France; j'en suis de jour en jour plus désolé; je cherche de
 « tous côtés des moyens de travail du genre de celui que je me proposais en
 « partant, et je ne trouve que dans mes souvenirs des matériaux trop inco-
 « hérants pour me servir. Il y a cependant quelques bons livres à bord, mais
 « qui ne procurent que du plaisir sans faciliter une vraie instruction. Je me
 « suis posé un certain nombre de questions sur des sujets assez variés pour
 « m'occuper longtemps sans me lasser; et les différentes réflexions auxquelles
 « ce genre de travail donne lieu m'acquiescent, c'est ce que je desire, du

« bon sens et en quelque sorte de l'expérience. Vous pensez bien que je ne
 « vis pas avec un assez grand nombre d'hommes, sans trouver quelque bizar-
 « rerie dans leur manière d'être, de dire ou de penser ; je me servirai de leurs
 « ridicules pour corriger les miens, si je puis ; quand je dis de leurs ridicules,
 « il semblerait qu'ils en sont largement pourvus ; mais du tout ; ce sont d'ex-
 « cellens jeunes gens, moins prétentieux les uns que les autres, très entendus
 « dans leurs fonctions et meilleurs que sur la plupart des autres navires. Le
 « chirurgien n'est pas celui que vous connoissez, M. Lemire, qui joint à
 « beaucoup d'instruction, ce me semble, une grande modestie et une grande
 « franchise, qualités qui paraissent d'ordinaire incompatibles, mais dont vous
 « même, dans une promenade au bois de Vincennes, m'avez bien défini la
 « nature ; vous m'avez prouvé qu'au contraire, elles ne pouvaient être vraies
 « l'une et l'autre que lorsqu'elles étaient réunies ; il suffit en effet pour s'en
 « convaincre de remarquer que la vanité ne peut être franche, ni la modestie
 « menteuse, car... On dirait que je vous vois tous les jours et qu'il m'est
 « permis de divaguer à tout propos comme dans la conversation qu'en peut
 « reprendre le lendemain. Le chirurgien que nous avons à bord est un excellent
 « gascon, épicurien au delà des bornes, indifférent à tout excepté à son bien
 « être extérieur ; il appartient à d'excellens parens qui l'aiment beaucoup et
 « lui ont passé bien des folies ; il a toujours quelque histoire gaie à raconter,
 « et chaque fois il gesticule très drôlement ; s'il parle de tambour, violon,
 « flûte, il exécute sur la table un roulement, agite ses bras comme s'il tenait
 « un archet, ou ses doigts comme s'il les promenait sur les trous d'une flûte.

« Vous ne pourriez croire combien la nouvelle de ce matin a changé les
 « dispositions de tout le monde. Quand on a indiqué la route vers la relâche,
 « tout l'équipage a paru joyeux ; moi-même je me sens tout autre et je
 « serais au mieux si je pouvais penser qu'à terre je pourrais recevoir de
 « vos nouvelles.

« Gustave et moi parlons de vous, je ne dirai pas souvent, mais con-
 « tinuellement ; n'est au point que tout le monde vous connoît ; on ne
 « parle jamais d'une personne qu'on aime beaucoup, sans vous faire entrer
 « en comparaison ; on ne me dit pas : n'est-ce pas que vous serez bien-
 « heureux à votre retour en France, de revoir votre famille ? Mais on me
 « parle du bonheur que j'éprouverai en vous embrassant ; et moi, je ne
 « suppose pas de joie pareille à vous retrouver en bonne santé, vos dames,
 « et vous même, et n'ayant ou ne supposant avoir aucun motif de changer
 « vos dispositions à mon égard. »

Vê-se que Camillo não perdia o tempo, e que não obstante a ausencia dos seus dilectos classicos gregos procurava objectos dignos de occupar-lhe a attenção.

Não deviam ser muitos em plena travessia, mas ao visitar tetras novas e quasi virgens os assumptos curiosos lhe não faltaram de certo.

Durante oito mezes, de 1838 a 1839, visitou mais de um poncio das costas da Nova-Zelandia, a Bahia das Ilhas, Akaroa, Otago, Tokolabo (?), Pircka (?), Taoneroa, e teve larga oppor-
tunidade de estudar os costumes e a lingua dos habitantes d'aquellas curiosissimas paragens, particularmente as de *Ta mā* *poi na mā* na ilha do Meio, que foi onde mais tempo estacionou.

Bem diversa de hoje era a Nova-Zelandia de 1838, tão desconhecida pelos povos civilizados depois de 1642 quando Tasman a descobriu, e ainda após 1779 quando o celebre Cook reconheceu a existencia do estreito, que separa as duas grandes ilhas, e que conserva o nome do infeliz navegador!

Ainda em 1838 pequeno era o fructo colhido das missões comprehendidas, e apenas a Bálhia das Ilhas era o encontradouro obrigado dos navios baleeiros; obtido o lucro desejado, d'alli partiam elles sem ousar plantar os germens fecundos da civilização, que multiplica e engrandece os thesouros da natureza.

Só em 1840 o grande senso practico, para não dizer o invejavel atilamento colonizador da Inglaterra, levou aquellas regiões a auspiciosa semente, imprimindo-lhe o desenvolvimento que não tem feito sinão crescer a passos de gigante desde a sabia e prudente administração de Jorge Gray.

Hoje, possessão ingleza, ha alli uma Egreja constituida, instrucção obrigatoria e gratuita, uma Universidade, 911 escolas publicas, uma milicia de voluntarios, policia armada, torpedeiros a defenderem suas costas, o littoral allumiado por 23 pharões, 28 portos abertos à navegação; industria agricola e pastoril consideravel, minas de ouro e de carvão de pedra largamente exploradas, um commercio externo no valor de 150 mil contos;

(?) Puro Cooper, das chuzas ingleza.

(?) Maia bay.

um movimento annual de navegação representado por 1564 navios com cerca de 900.000 toneladas, uma marinha mercante composta de 272 navios de vela e a vapor; cidades com 20, 30 e 40.000 habitantes; em summa um governo regular e uma administração systematizada. E tudo isso em pouco mais de 40 annos!

Muito diverso foi o quadro que teve Camillo ante seus olhos: uma natureza mal desbravada, aqui e alli miseras aldeas protegidas por estacadas primitivas, e vivendo em pleno dominio de quasi selvageria uma rude população de *maoris* a nutrir-se da pesca, da raiz do *te aruka* (*Pteris esculenta*) ou da fecula da *Cyathea medullaris*, envolvidos nos toscos *periclers* feitos da fibra preciosa do *Phormium tenax*, ou vogando nas suas pirogas ligeiras ornadas á pôpa e prôa de emblemas monstruosos.

Suppondo que viajasse do Norte para Sul, o que não temos por inteiramente certo, o primeiro dos pontos em que tocou foi a já mencionada *Bahia das Ilhas* (Mangat) na Ilha do Norte ou Ika-na-maui, vasto e esplendido ancoradouro, onde invernavam com segurança os navios baleeiros á espera da estação propicia.

Como a viagem da *Dunkerquoise* tinha um fim particular, e não abundavam provavelmente os recursos, impossivel foi a Camillo tentar excursões curiosas pelo interior d'esse paiz de maravilhas: vêr o celebre Tongariro a vomitar fumo e cinzas, o sinistro Ruapahú coberto de neves eternas no cabeço altivo, o bellissimo lago Taupo, o Waikato margado de geysers e fontes thermaes innumeradas, e sobre todas as bellezas o incomparavel Tataratá, immensa fonte d'agua fervendo a descer em cascatas successivas sobre largos terraços brancos como o marmore de Paros, por entre as rubras paredes nuas da cratera aquatica, — esse canto singular do mundo que F. de Hochstetter (*) cognominou « la plus grande merveille de ce merveilleux pays », e ante o qual, diz o barão de Hübner (**),

(*) *Tout du Monde*, 1865.

(**) *A travers l'Empire Britannique* (1863-1884). Paris, Hachette, 1886. Tom. I. pag. 242.

sente-se a insufficiencia das linguas humanas, mais aptas a pintar os trabalhos do espirito e os impulsos do coração do que a reproduzir as impressões que nos vêm pelos sentidos (*).

Visitando modestamente a região mais vizinha da costa nas duas ilhas, poudes entretanto apreciar a diversa physionomia de cada uma d'ellas: — Ika-na-mau, coberta em grande parte de uma variada vegetação toda ella mais ou menos luxuosa e bella, desde os fetos abundantissimos das grotas humidas e sombrias até o *Eleocarpus*, com cuja casca os maoris tingiam de preto o *kaitakū* vestido nas ceremonias solemnes; — desde o bello *Metrosideros tomentosa* que se cobre em Dezembro de vistosas flores escaurates, e derrama todo o anno uma vasta sombra amiga, até o gigantesco pinheiro *kauri* (*Dammara australis*) que domina todas as altas florestas, verdadeiro thesouro da região neo-zelandeza como a *Araucaria Brasiliensis* no Paraná, a *Sequoia gigantea* na California. — Tewaiponamū, pelo contrario, natureza alpestre e bravia, cortada de N. a S. por uma cadeia de altas montanhas coroadas de neve, de flancos cobertos de goleiras ou escarpados, estercis e solitarios, em cuja base mal verdeja uma orla de vegetação risonha.

A ilha do Norte, fertil, povoada, cortada de curtos mas bellos rios, que vêm despejar suas aguas em portos espaçosos e bahias seguras: — a ilha do Meio ao contrario, selvagem, açoutada de tempestades, quasi erma de indigenas assim como de animacs e vegetaes utcis, pouco provida de portos e de rios.

Em raros sitios do globo se-encontrará contraste mais visivel do que nestas duas ilhas curiosas apenas separadas por algumas milhas, que mais não tem de largo o estreito de Cook.

Atravessando a bahia da Abundancia viu Camillo talvez de

(*) Por um medanho paralytico, a lã frequente em regiões vulcánicas, acaba de ser tudo isso transformado. No dia 9 de Junho de 1886 a erupção do Taaweni e as grandes abalos de toda a região circumdinha modificaram o aspecto d'aquelles paragens: a maravilha do Hemispherio Sul, os terríveis rosos e brancos de Rotomahana, desapareceram. Centenas de novos geysers irromperam do solo, e o Rotomahana sentiu nova erupção. (V. *Journal des Débats*, 29 juillet 1886).

longe o vulcão da ilha Whakati coberto de imensas nuvens de vapor branco.

Na ilha do Meio visitou particularmente Akaroa e Otago. A primeira d'estas localidades passa por uma das mais bellas bahias d'este paiz, e é sem duvida a mais formosa de toda a península de Banks: seus prediosos exceptionaes indigitavam-na para assento da cidade principal d'esta região, e si de facto com o andar dos annos veio caber a primazia a Lyttelton situada na antiga *Higgins-bay*, é certo que nenhuma razão existe para explicá-lo além do capricho inexplicavel das correntes de população.

Akaroa tem a sua entrada voltada para sudeste, e ladeada por altas montanhas que de longe se avistam. Naquella epocha uma rica vegetação cobria as orlas da bahia profunda, os innumeros fetos arborecentes agitavam suas vastas e graciosas frondes sacudidas pela brisa da tarde, e a aldeia miseravel de maoris composta de umas 30 cabanas desalinhadas se escondia na dobra de uma montanha.

À chegada do estrangeiro surgia a piroga dos indigenas; as mais das vezes trazendo o chefe do *pa*, que vinha offerecer seus serviços; homem robusto e de aspecto guerreiro, face tatuada, a cabeça ornada de plumas, sobre os hombros o manto de *phormium*, e no braço afeito ás luctas o terrivel *pata-pati*, ou a comprida lança com ponta de osso.

Todas essas scenas pittorescas desapareceram em poucos annos: lá estão os rochedos a vigiar a entrada, e os penhascos talhados a pique bordam sempre o canal, mas todo o resto do quadro transformou-o a raça activa e emprehendedora dos colonos. A vegetação das montanhas mais proximas desbastou-se o machado ou o fogo, reina a cultura por toda a parte, e das cabanas maoris mal restam vestigios. Uma milha mais para dentro da bahia, onde outrora a floresta inextricavel detinha os exploradores. Immensos campos de trigo, copiosas manadas de bois e carneiros, um caos substituindo a antiga praia de limpidas arcias, uma larga ponte de desembarque que

conduz á alfandega, mais além a torre de uma egreja, grandes edificios, e sobre as collinas mais remotas — elegantes habitações campestres a sorrirem no meio de jardins e pomares cuidadosamente plantados.

Quão diversa de hoje a Akaroa de 1839. Como é para sentir-se que Camillo não houvesse deixado uma descripção minuciosa d'aquelles sitios, com informações fidedignas e interessantes sobre a vida e os costumes de seus habitantes?

Pudéra contar-nos em seus mais curiosos pormenores a existencia no *pá*, pintar-nos o banquete dos pescadores de golfinho, as mulheres a grelharem sobre carvões acesos a carne sangrenta do appetitoso animal que cortavam com uma concha de marisco, os homens assentados em circulo com seus feixes de feto battido a esperarem a iguaria, as mulheres e crianças a disputarem no termo do festim as sobras abandonadas. Pudéra fazer-nos assistir ás dansas e aos cantos selvagens d'aquelle povo, dar-nos idéa das suas superstições e dos seus deuses terríveis, das tradições de sua raça, de um sem numero de particularidades enfim, a que hoje ligariamos o maior apreço, porque o maori está em vespas de desaparecer da scena do mundo, aniquilado, transformado, vencido e esmagado pela raça invasora. Não o fez, qñe o saihamos.

Deixando Akaroa-toco a *Dunckerquaise* em Otago. Também abi apenas havia umas 60 cabanas de indigenas e aventureiros, e impossivel fôra em Maio de 1839 prever-se-lhe o prospero futuro, que devia poucos annos depois espantar a propria metropole ingleza.

Imperfeitamente conhecida a costa, completamente desconhecido o interior da ilha, ninguém então imaginava que immensos thesouros mineralogicos aquellas fragosas penedias encobriam; veio porém a sêde das riquezas, e o alvião do mineiro descobriu ricas jazidas de ouro, até alli apenas suspeitadas. Breve, Otago foi o centro de um movimento espantoso: correram para alli aos milhares os colonos da Australia, muitos

outros acudiram de longe, e iniciou-se a fundação da que é hoje florescente cidade de Dunedin.

Como podia cuidar Camillo Cléau em semelhante metamorphose, elle que todavia julgou interessante e necessario publicar então uma nota geographica sobre este porto da Nova-Zelandia?

A transformação é das mais completas. Onde outr'ora as cabanas maoris, hoje alamedas, jardins plantados de bellas arvores exóticas, ruas largas e directas bordadas de edificios notaveis; mais longe, nos arrabaldes, onde outr'ora a natureza bravia, hoje um sem numero de casas de campo, risonhas, ensombradas por carvalhos de Inglaterra, e por toda a parte em summa a riqueza nascente, e as aspirações ousadas de uma cidade nova, que ha de ser quiçá um dia a capital commercial da Nova-Zelandia. Tanto pôde a vigorosa influencia do trabalho humano, e a rara energia da raça!

Fructos d'esta viagem, produziu Camillo dois pequenos trabalhos, que viram ambos a luz nos *Nouvelles Annales des Voyages* pouco tempo depois: o primeiro — *Le port Otago* — (n.º 6 dos *Documentes*) publicado no t. IV, da 4.ª serie, 1840, pg. 373-375; o segundo mais importante sem duvida, — *Vocabulaire néo-zélandais* — (n.º 7 dos *Doc.*) publicado no tom. I, de 1842, pgs. 192-204: ambos subscriptos com o pseudonymo de Guido Malatesta (*).

É para notar-se que Camillo na curta introdução ao vocabulario não deixou de imprimir o sello de seu grande talento n'uma questão bem pouco estudada naquella epocha. Indagando accidentalmente a origem da população neo-zelandica, e defendendo a idéa das migrações polynesicas tão discutida mais tarde, pretendeu encontrar em Java o ponto de partida d'essas nações que, dispersando-se em virtude de uma grande revolução, foram povoando de estação em estação o enxame das ilhas oceánicas.

(*) Não está inutil lembrar que Malatesta era o nome da familia de sua mãe, como dissemos nos primeiros pagos d'este escripto.

Ora muito se-adeantou neste particular depois da curta e desprezenciosa hypothese de Camillo; mas o que hoje corre como mais assentado e provado nesta questão ethnographica é que a Nova-Zelandia foi povoada directamente por navegadores emigrações da ilha Savai, do archipelago Samoa, oriundos por sua vez de uma remota emigração, que teve seu ponto de partida na ilha Buru perto das Celebes e portanto bem visível de Java.

Com os elementos habidos nesta viagem pretendeu ainda Camillo Cléan escrever mais tarde um trabalho intitulado — *Observations sur le poëmanon ou pierre verte des Néo Zélandais* —, e outro de maior folego sobre as linguas oceanicas, para o qual encontramos notas, umas antigas outras modernas, entre seus papeis; mas estes projectos não foram levados a termo, ao que parece.

Tambem escreveu, segundo se-deprehende de nota particular, um trabalho com o titulo *Les Batainiers*; não pudemos averiguar porém si foi algures publicado, nem achar vestigios d'elle nos apontamentos e rascunhos, que de ordinario guardava. Devêra ser uma descripção dos incidentes curiosos da pesca da balda, que teve occasião de conhecer como testemunha ocular.

Sabemos enfim por informação de velhos amigos que, habil desenhador, não se-descuridou Camillo de traçar pequenos esboços do que se-lhe-offereceu de mais curioso, já no que respeita a paisagens, já no que respeita aos typos e costumes dos habitantes da Nova Zelandia. Esses desenhos se-extraviaram em grande parte, e alguns deu-os a varios amigos como recordação d'aquella phase assignalada de sua vida. Não conseguimos vêr um só.

Eis tudo quanto parece que produziu a longa viagem.

Claro está que nos não referimos ao seu effeito moral, porque neste ponto sem duvida se realizaram em parte as previsões de quantos amavam o joven Camillo. O afastamento do scenario de suas grandes tribulações tronxe-lhe a calma do

espírito, com esta amadureceu o juízo, e incontestavelmente o homem ganhou, posto que perdessem o crítico e o archeologo.

A missão da *Dunkerquoise* chegou enfim ao seu termo, e annunciou-se o regresso a França em 1839.

Facil é de conjecturar-se o alvoroço de prazer, com que esta noticia foi recebida pelo moço, a quem já sobravam saudades da patria. Não teve pois grande difficuldade de abandonar os seus *maoris*, e si houve mostras de pesar no momento da partida, sem duvida foram d'elles os que perderam o seu bom e sympathico *le-Côut*, como o chamavam.

V.

(1839-1844).

Novos trabalhos. Vida de professor. Corheil. Conesse, Tortenay-aux-Roses, Menars.
Tentativas de vida monastica. Partida para o Brazil.

« que bñx quasi nullum cruciatum obducit
« ànter. » (Cic. *Tacul.* II, 15.)

De volta ao Havre, tornou o navio pelo caminho do Cabo da Boa-Esperança, ou seguiu pelo sul da America completando assim a viagem em torno do mundo? Nada sabemos de positivo a este respeito, sinão que tocou em Santa Helena, o que nos é indicio de que regressou pelo mesmo caminho do Sul da Africa, pois que, passando pelo estreito de Magalhães, não era natural que fôsse ter áquelle paragem tão afastada da derrota ordinaria dos navios.

Ei-lo enfim, depois de 2 annos de ausencia, restituído a Paris. Neste intervallo sua irmã Eulalia casára-se com Amedeu de Tnou, advogado e poeta de algum talento, mas não residia na capital; seu pae, talvez chamado á razão pela cabna e pelo tempo, mostrava-se disposto a uma reconciliação, para a qual de uma e d'outra parte trabalhavam amigos. O dr. Lefebvre, esse respeitavel cavalheiro que se-lhe-mostrára tão dedicado, vivia ainda.

Os sabios com quem tivera occasião de travar relações, e que, o consideravam tanto, — esses encontrou-os outra vez, posto que alguns houvessem mudado de posição e perdido talvez a oportunidade de adeanta-lo na carreira litteraria. Mas Camillo chegava alentado de coragem e disposto a romper com seu trabalho e seu merito os obstaculos, que encontra todo aquelle que reconheça uma lida.

Em 1840 habitava a rua Culture-S.^{te} Catherine n.º 30, e vivia em constante relação com antiquarios, archeologos e bibliotecarios. É de 13 de Agosto uma charta, que lhe-fôí escripta pelo sabio J. B. Felix Lajard, membro da Academia de Inscriptões, convidando-o a vir mostrarlhe com o *cartabied* Carangian a bella colleção de pedras gravadas d'este armenio.

No mesmo anno veio-lo apresentar a Burnouf uma memoria sobre numismatica da Parthia e Bactriana (provavelmente a mesma que encetára antes da viagem, e a que dera agora a ultima de mão), pedindo-lhe que intercedesse juncto de Burnouf filho para fazê-la apparecer no *Journal Asiatique*. O illustre philologo respondeu-lhe com a seguinte charta, que julgamos interessante transcrever:

« Paris, 7 9^{me} 1840.

« Monsieur,

« J'ai communiqué votre lettre à mon fils, qui a été très touché des sentimens que vous y manifestez, et qui conçoit parfaitement le désir que vous avez de produire un travail qui vous feroit honneur.

« Mais je dois vous dire que depuis plus de 6 mois il n'a pas assisté à la commission du journal.

« En général il ne prend part aux discussions de cette commission que pour ce qui se rapporte à l'*Zéus*. Il est incompetent pour juger le mémoire dont vous vous êtes occupé, et qui ne lui a pas été soumis, qui ne pouvait pas même l'être.

« La seule personne qui ait pour cet objet des connaissances tout à fait spéciales, et qui puisse porter un jugement éclairé et tout-à la fois équitable est selon moi M.^r Reinaud. La science profonde de cet académicien et son caractère extrêmement bienveillant, ne me permettent pas de douter qu'il ne s'empresse de rendre justice à votre travail. Je vous conseille d'aller le voir le plus tôt possible et de lui demander un suffrage, qui certes sera prépondérant et qu'il ne vous refusera pas, pour peu qu'il voie dans votre notice quelque chose d'intéressant pour la science de l'antiquité. Je ne conçois pas l'objection tirée de la non spécialité; il n'y a rien de si oriental que Tiridate. Il est certainement plus oriental que Méhémet Ali & que Sultan Abdül-medjid qui font aujourd'hui tant de bruit dans le monde. D'après les statuts de la Société Asiatique, on doit admettre même la grec moderne, qui est bien occidentale, si on la considère relativement à la Perse et à l'empire des Parthes.

« Voyez donc M.^r Reinaud, le juge naturel de tout ce qui a trait à la numismatique du pays et de l'époque qui font l'objet de vos études.

« Recevez, Monsieur, l'assurance de ma parfaite considération et mes vœux pour votre succès.

Baraouf. »

É pròvavel que Camillo não deixasse de seguir este conselho, e que a opinião dos competentes fuisse favoravel ao seu trabalho, mas de facto nada sabemos sobre a publicação da memoria.

Do anno de 1841 datam suas investigações sobre Typhon, a proposito de um bello *lecythus* de fabrica tyrrheno pñenicia pertencente á collecção do conde Pourtalès-Gorgier, e interpretado diversamente pelos sábios archeologos Panofka e Raoul-Rochette.

O monstro anguipede e alado, que se achava pintado nesse precioso vaso, representava na opinião de Panofka — Neren ou Cadmo, e na de Raoul-Rochette — Oannes, uma divindade chaldaica. Camillo, não se conformando com nenhuma das duas in-

interpretações, propoz-se demonstrar em uma erudita memória que o personagem angustiado era Typhon.

Parece que na investigação d'este assumpto consumia grande trabalho, a julgarmos pelo acervo de notas que deixou reunidas. Si chegou a redigir completamente a memória, não é fácil assegurar; só encontramos um esboço de charta a Raoul-Rochette e o fragmento, allás extenso e curiosissimo, que o leitor encontrará sob n.º 8 e 9 dos *Doc.*, e propendemos para crêr que de facto a não acabou por falta de necessario lazer.

A verdade é que Camillo não obstante todo o esforço e apesar do seu merito não achava em Paris a posição que lhe-competia, nem os meios de viver tranquillo, de que tanto precisava.

Seas circumstancias eram de verdadeira penuria.

« Je regrette, dizia elle por esse tempo á emmar que vivia a Paris, je ne
 « prevo de te voir habiter un quartier si éloigné que je ne pourrai gagner sans
 « perdre en chemin un temps considérable et sans compromettre ainsi mon
 « travail au hospital je compte pour me procurer plus tard une position. Si je
 « possédais un revenu quelconque, il ne me serait pas pénible d'abandonner mes
 « études pour toi, mais non seulement je n'ai ni rentes, ni appointements, mais je
 « me trouve parfois embarrassé pour payer le port d'une lettre. »

Tal era a situação, e os seus protectores não achavam meio de amparar o moço laborioso e douto, que tão corajosamente lutava contra a indolecencia do destino: Burnouf, que o-patrocinára antes da viagem, já não era mais inspector geral da Universidade, e via-se sem recursos para fazer por elle alguma coisa: Naudet, director da Bibliotheca Real, mostrava desejos de favorecê-lo, mas as nomeações para aquelle estabelecimento dependiam particularmente do ministerio; Sinner, o illustre collaborador do *Thesaurus* de H. Estevão novamente editado por Firmino Didot, a quem Fred. Jacobs o recomen-dára com grande calor, mostrára-se-lhe egualmente affeição-do antes de 1837, mas agora não tinha tornado a vê-lo depois dos 2 annos de ausencia; emfim relações mais ou menos amistosas com eminentes sábios lhe não faltavam, pois os nomes já citados se-podem acrescentar os de Michelet, Magnin, de Witte,

Cayx, Grangerut de la Grange, Quatremère, e outros ⁽¹⁾. — mas todos careciam dos meios de obter-lhe um emprego condigno, e por seu lado Camillo não conseguia vencer a repugnância que lhe causava o pedir.

Reproduziam-se portanto as difficuldades de outrora, e accrescia a tudo isso a insistencia das auctoridades municipaes que o-perseguiam para incorporá-lo na guarda nacional — situação que elle via com horror.

Afinal, nos primeiros mezes de 1842, deparou-se-lhe um modesto emprêgo no Lycée de Corbeil como professor de latim e grego.

Era um trabalho fadigoso e inglorio na verdade ensinar a meninos da 6.^a à 2.^a classe, e de mais sua saúde sempre fraca e desde aquella epocha atormentada por accessos de asthma não se-coadunava bem com similhante tarefa; mas cumpria viver, e bruxolcava-lhe então no horizonte a esperanza de ser

(1) É digno de ser aqui inserida uma nota, que enuncia avulso entre os papéis do infeliz moço. É uma lista dos seus mais caros parentes, e dos principaes amigos com quem cultivava relações em França. Elle recorda o nome em que os chamava. Nada:

Vergo	de Girard	Beauvay
Infante	C. ^{te} Louis de Noailles	Herroniers
Lamur	Carlos d'Arevedo	Yver
de Thou	Seg. Bacher	de Lafléty
C. ^{te} de Lestrange	Geoty	P. Quatremère
Touquet-Croquans	Berthelot	Geoffroy S. Maître pere
Roch Kœchette	Merlonça	Brugnot
C. ^{te} de Clève	Amiral Cécille	Compielle
Edm. de Lesseps	Vass. Radet	J. Pucot
Paul. Pourtalès	V. ^{te} de la Tour du Pin	Dupont
Cailland	C. ^{te} de Fontgibant	Nou de Beaupré
P. Humphry	Letou	de Grandvillée
Bourdon	de la Morandière	Arustel
du Courtigis	de la Saunaye	Hilouf
Lerroux	de Calonne	Valença
Ch. Meguin	Noblet	Mablin
Michaud	Beugnot	Carbau
Huc	A. d'Enghien	de Montguez
Champolice Pigeac	Austin	de Frétil
Fréget	Guillemaud	Tarpin
Martin	Delisy	Galy Camille
Charpillon	Kolman	de Kougé
Kleiser	Berthier	du Mesnil-Bellière
Charlier	Durand d'Clayze	Luc de Ligny
Bury	Dubois	Lamendie
Ed. Clémont	de Cailloux	C. ^{te} de Montesquieu
Maisier des	Prunaud	Chardeneux
Crye	de Paucy	de Laperche
de Witte	Mazore	de Reisel
M. ^{te} de Pastoret	Rambourg	

nomeado sub-bibliothecario da Camata dos Pares, graças ás promessas do conde Daru, do duque de Cástres e do visconde de la Tour du Pin. Esta bella nuvem veio a dissipar-se como tantas outras, deixando-o mais desalentado cada vez que novo projecto fallava.

Corbeil demora a 33 kilometros da Paris: pequena cidade sem outras recordações historicas alem da bella porta do XIV seculo, e da egreja medieval de Santo Exuperio com a estatua tumular do conde Hayrion e o monumento erigido á memoria de Thiago de Burguin, fundador do collegio da cidade, que data de meados do seculo XVII. Bem poucos attractivos podia tudo isto offerrecer ao espirito superior de Camillo; elle na sua modesta posição de professor soffria mil necessidades, e trazia a mágoa no coração.

D'aíli escreveu a sua esposa as seguintes linhas, que nos dão perfeita idea da situação; é o fragmento de uma charta:

«..... je sais trop bien ce que commandent les relations et ce que ma condition a de ridicule et de chétif aux yeux des gens du meilleur sens. Une position est un diplôme de savoir faire ou d'incapacité; la mienne, si c'en est une, fait supposer une petite intelligence, une petite éducation, une petite dignité de caractère, un petit avenir, tout en petit et rien de ce qui fait honneur soit à la morale, soit à la capacité. On a pitié d'un pauvre professeur, on ne le considère qu'à demi. Ne crois pas que je rougis mon métier par humilité, c'est plutôt par orgueil; je me trouve mieux fait qu'il ne faut pour un semblable état; je serais honteux que ceux qui me connoissent sussent ce que je suis; je passe dans Corbeil les yeux baissés; je me méprise quand je me vois en face des autres, quoi qu'il me estime en mon particulier.

« Je me vends pour cinq cents francs par an, je n'ai ni que la ville m'envoie une douze cents francs de rentes pour me racheter. Tu devrais me trouver une occupation dans ta sous-préfecture⁽¹⁾: le travail des honnêtes m'inait sans m'obliger au sacrifice de tout ce qui me plaît; je serais, à la fin, à côté de toi, planté dans un pays où tu dois vivre longtemps et où je resterais toujours; car, tout ce qui m'est prais, offert du côté de Paris me semble aussi peu certain que toutes les espérances qui m'ont été successivement indiquées. Mais

(1) Não nos está p'raço a saber que Amédée de Thou era por esse tempo sub-prefeito de Corbeil.

« bah ! Il y a tant de superstition à croire qu'on est destiné à être toujours
 « malheureux qu'à prévoir qu'on doit devenir heureux un jour; je néglige donc
 « donc au moins des circonstances; qu'elles me fassent malheur ou marchand de
 « marchandises je n'ai pas moins mille projets, en tête, mille espérances et
 « de bons sentiments au fond du cœur.

« Tu me fais avec Amédée une invitation bien aimable et que je serais
 « bien heureux d'accepter. Pauvre ami! veux tu que je te dise quels obstacles
 « s'opposent à ce que je t'aie vu; carma l'époque à la quelle tu veux
 « bien m'attendre approche, il faut bien que tu surtes les difficultés que je
 « prévois. C'est que tout me manque; je n'ai ni vêtements pour paraître, ni ce
 « qu'il faut pour partir, ni la faculté de me procurer tout cela jusqu'à là. Les
 « quarante francs que je reçois chaque mois s'épuisent toujours sans que je puisse
 « précisément dire comment; je suis allé à Paris une fois, avec l'intention de
 « faire des emplettes; pour cela je me suis fait avancer quelque argent; j'ai
 « acheté un mauvais paletot d'été parce que je ne pouvais resister une somme
 « suffisante à l'acquisition d'un bon vêtement; un mauvais chapeau, deux che-
 « mises, une paire de chemises, une casquette pour aller toujours, une cravate
 « de soie noire et deux cravates de lin, frais de voyage et accessoires, tout
 « cela a absorbé la somme que j'avais apporté et je suis forcé chaque mois de
 « me faire faire quelque avance pour suffire au besoin impérieux de manger et boire;
 « car je suis un homme encloté: quand je ne fume pas, je suis malade. Ah bien!
 « après tout cela je suis toujours sans argent et sans possibilité d'en avoir avant
 « un mois et demi.

« Le tableau que je te fais de ma situation n'est nullement un préambule
 « de sollicitation.

Da estala de Camillo em Corbeil não temos outra noticia além d'esta e das que nos fornecem mais dous curiosos fragmentos de chartas a M.^{te} de Thou: um em que descreve com grande eliste a celebre romaria feita em honra dos padroeiros da cidade S.^{to} Exuperio e S. Guinaldo (S.^{to} Spire e S.^{to} Guénan); outro em que ridiculiza a visita feita ao Collegio por um pedantesco inspector da Academia.

Aproveitando as férias dos mezes de Julho e Agosto deixou Corbeil, e foi procurar um pouco de repouso no Havre, onde passou algum tempo com seu bom primo e amigo Verjon na bella propriedade, que este possuia a 6 leguas da cidade, em S.^{to} Jean d'Albhetot, perto de S.^{to} Romain. Não foi sem certa emoção que tornou a vêr o mar, que elle tanto amava, o

logar onde embarcára inopinadamente havia 5 annos, e onde em 1839 tornára a vêr a sua bella e querida França.

Em passeios á *falaise* visitou o celebre castello feudal de Tancarville, edificado segundo se-diz por Henrique I duque de Normandia, com a sua pittoresca e famosa torre Coquesart parcialmente reconstruida no seculo XV, e o seu vasto castello novo que data de 1709. Estas curiosas ruínas da antiguidade franceza, desenhou-as o seu lapis facil e espirituoso em um pequeno esboço que existe na Bibliotheca Nacional da Côte, com a data de Setembro de 1842.

Vida calma e pacifica a do campo! Mas Camillo não podia repousar indefinidamente a sombra dos carvalhos normandos, quando sua ambição de futuro e de gloria o-chamava ao trabalho... Em principios de Outubro tomou caminho de Paris, passando pela cidade de Ruão, e voltou á procura de emprego.

Foi provavelmente nesta occasião que accitou um logar de professor em Guncesse, mas parece que ali se-demorou pouquissimo, porque logo depois o encontramos em Pontenay-aux-Royes, no collegio estabelecido pelo padre dr. José da Silva Tavares, d'onde escreveu Camillo uma charta a sua erman narrando-lhe os preparativos feitos para a recepção da infanta D. Anna de Jesus, marquesa de Lulé, que ia levar os dous filhos áquella casa de educação.

Não será despido de interesse dar alguma noticia sobre este collegio, tanto mais quanto sua existência se-prende ás recordações juvenis de homens distintos do Brazil e de Portugal, que alli beberam instrução.

José da Silva Tavares, nascido em S. Miguel de Urgivai (termo de Barcellos) a 14 de Fevereiro de 1788, professára o instituto dos Augustinianos reformados (mais conhecidos pela denominação vulgar de *Grillos*) a 25 de Junho de 1805, tomando ali o nome de fr. José da Sacra Familia.

Homena eminente por talento e virtudes, doutorou-se em theologia e mais tarde em philosophia pela Universidade de

Coimbra, foi professor do Collegio das Artes, e d'ahi transferido para a cadeira de philosophia do Estabelecimento do bairro de Belem.

Sobrevindo em 1833 a restauração do governo constitucional em Portugal e logo depois a abolição das ordens regulares, emigrou para França em 1834 (1), e por breve apostolico se secularizou no anno seguinte.

Em 1836 foi professor de lingua e litteratura portugueza no Prytaneeu de Ménars, e n'esta posição passou dous annos até que realizou a fundação do Collegio Luso-brasileiro de Fontenay-aux-Roses, animado provavelmente pelo pensamento de dirigir a educação de muitos jovens portuguezes pertencentes a nobres familias de emigrados legitimistas, e de outros muitos brasileiros, que então procuravam estabelecimentos de instrução em França por não u'tos haver ainda bem organizados em seu paiz recentemente emancipado do dominio de Portugal.

Para desempenho d'esta ardua tarefa obteve o concurso: do sr. Eduardo de Mendonça, joven e distincto compatriota que fizera sua educação em Berlim, sob as vistas do sabio Silvestre Pinheiro Ferreira, e depois em Paris onde lhe foram dados o diploma de bacharel em lettras e a distincção honorifica de *Officier d'Académie*; do sr. Antonio José Viale (2) ex-official da Secretaria de Estado dos Negocios estrangeiros; de Manuel Moreira Coelho, (3) illustrado professor publico di-

(1) Exercendo as funções de preceptor dos filhos de Gustavo Balha, de Sousa Apollonia de Lisboa.

(2) Restituido a nos depois a Portugal, foi este doudo Lumen de lettras: mestre de gram. d'e-oi D. Pedro V e de humanidades ao duq. de Ferra (hoje D. Frei D. Luis V), conservador da Bibliotheca Nacional de Lisboa e Professor de Litteratura grega e latina no Curso superior de lettras.

Auctor de estmados trabalhos, e apos uma longa carreira de grandes servicos publicos, vive ainda hoje em Lisboa, e é a sua extrema benevolencia que devemos parte d'estas informações minuciosas sobre o collegio de Fontenay.

Nasceu em 1807.

(3) Foi depois vice-director em Méuns, vice-consul de Portugal em Paris, e em 1847 nomeado sub-inspector dos estudos dos príncipes D. Pedro e D. Luiz, e mais a vice-re da Correira nomeada as finanças de aio dos mesmos príncipes. Por seu zelo, intelligencia e dedicação foi sempre alto da maior consideração da familia real e de seus compatriotas, além das altas distincções honorificas e do titulo de conde, que lhe foram conferidos por premio de seus servicos.

Nasceu em 1806, e falleceu a 9 de Novembro de 1883.

(Vide o bosquejo biographico intitulado: *O conselheiro Manuel Moreira Coelho* do *Jornal das Colonias* (anno 7.º n.º 157 de 24 de Fevereiro de 1883), onde se transcreve a noticia publicada pelo sr. conselheiro Viale no *Commercio de Portugal*).

rante o antigo regimen em Portugal e tambem emigrado; dos majores Fonseca e Lobo (*) e do sargento mór Manuel Correa do Abreu. A este grupo de professores vieram juntar-se depois alguns estrangeiros como: Daddi, o padre Pécquet (capellão do collegio), Labosne, o padre Dubourg, o nosso Camillo Cléau e talvez alguns mais, cujos nomes foi-nos impossivel apurar. (**)

No collegio professavam-se todas as disciplinas dos cursos preparatorios para as escolas superiores de França, e alem d'isso havia ensino especial das linguas portugueza, hispanhola, italiana, ingleza e allemã, assim como de musica vocal e instrumental.

Grças ao apoio de tão bons cooperadores, á elevada reputação de que gozava o padre dr. Silva Tavares na alta sociedade portugueza, e grças tambem aos recursos prestados generosamente pelo rico legilista Luiz Antonio Esteves Freire, pareceu prosperar a instituição, affluindo para alli bom numero de filhos das mais conhecidas familias de Portugal e do Brazil.

É curioso saber-se que de homens illustres passaram por aquella casa, onde Camillo Cléau começou a amar a nossa patria e a lingua portugueza. Dircmos o nome e o destino de boa parte d'elles, auxiliado pelas reminiscências de um antigo discipulo (***) de Fontenay:

1.º — Alumnos portuguezes, dos quaes vivem ainda muitos e occupam posição eminente em seu paiz:

Americo Ferreira dos Santos, depois doutor, bispo do Porto e cardeal; seus irmãos Carlos, hoje conselheiro e presidente da Associação Commercial; Geraldo, hoje barão de Fer-

(*) Este militar foi depois o conde de S. Martinho.

(**) O sr. Lúcio de Tâmpouca, illustreissimo educador da mocidade brasileira, esteve em Fontenay em 1840, porém durante 5 semanas apenas, o tempo necessario para receber do sr. conselheiro de Vielle algumas lições de portuguez. Tomou já a resolução de vir para o Brazil, e não queria chegar a este paiz sem um certo conhecimento da lingua.

(***) O Il.º sr. dr. Fereira de Sousa e Oliveira Coutinho, que nos concedeu com amabilidade e preciosos a este respeito, e a quem neste lugar significamos a nossa gratidão.

reira dos Santos, e o actual barão de Santos, ministro plenipotenciário de Portugal no Imperio da Rússia;

D. Pedro Agostinho e D. Augusto Pedro de Mendonça Rolim de Moura Barreto, o primeiro nascido em 1830 e hoje duque de Loulé, o segundo nascido em 1835 e hoje 3.º conde de Azambuja, — ambos filhos da infanta D. Anna de Jesus Maria de Portugal, filha mais moça de D. João VI, que se casára a 1 de Dezembro de 1817 com Nuno José Severo de Mendonça Rolim de Moura Barreto, conde de Valle de Reis, depois marquez e 1.º duque de Loulé;

Joaquim Pedro de Quintella, o filho mais velho do 1.º conde de Farrobo, e herdeiro do título de seu pai;

Francisco Jayme Quintella de Farrobo, hoje visconde da Charruada;

os actuaes viscondes de Villar e Allen;

Pedro de Amorim Vianna, depois mathematico emérito, lente da Academia Polytechnica do Porto e redactor do jornal *A Península*, onde publicou artigos philosophicos de grande merecimento;

Eduardo Augusto Allen, bacharel em letras pela Universidade de Paris, bacharel em direito pela de Coimbra, director do Museu Municipal do Porto e bibliothecario da Bibliotheca Publica da mesma cidade;

Alexandre Meyrelles de Tavora do Canto e Castro, depois doutor em direito pela Universidade de Coimbra, delegado do procurador da Corôa em Macão, juiz de direito de Quilimane, &c. &c.;

seu irmão André Meyrelles de Tavora do Canto e Castro, que é neste momento proprietario e redactor principal do *Jornal das Colonias*;

Luiz Francisco M. do Canto e Castro;

José do Canto, o eminente agricultor e homem de letras da Ponta Delgada, a quem sua patria tanto deve;

D. Affonso e D. Caetano de Portugal, filhos de D. José

Bernardino de Portugal e Castro, 5.^o marquez de Valença e 12.^o conde do Vinioso;

Pedro Wanzeller, professor no Porto;

J. Peganha, filho da nobre familia d'este nome, e que se passou depois a Goa, segundo cremos;

Carlos Sá;

P. J. C. Gama Machado;

J. C. d'Azevedo, aparentado talvez com os viscondes do Rio Secco;

A. P. Batalha;

Fredérico Ferreira Pinto Basto;

M. C. da Costa Freire;

J. J. Cruz;

N. Tanco, & &.

2.^o — Alumnos brasileiros:

Pedro Pereira de Andrade, que fez depois brilhantes exames na Escola Central de Paris e foi distincto engenheiro entre nós;

Pedro de Alcantara Lisboa, sobrinho do almirante visconde de Tamandaré, professor da Escola Normal do Rio de Janeiro, hoje fallecido;

Pedro de Alcantara Sardenberg, posteriormente magistrado;

José Maria Velho da Silva, filho do mordomo e veador conselheiro J. M. Velho da Silva, hoje capitalista assaz conhecido e bem conceituado no Rio de Janeiro;

José Pereira do Faro, actualmente veador de S. M. a Imperatriz e barão do Rio Bonito;

Ernesto Ferreira França e Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva, depois lentes da Academia Juridica de S. Paulo;

Ernesto Candido de Araujo Vianna, hoje fallecido, filho do illustre marquez de Sapucahy;

Ignacio Martinho Barbosa (depois doutor e lente da Escola Militar), Brazilio Barbosa e Luiz Antonio Barbosa, —

todos sobrinhos do mordomo conselheiro Paulo Barbosa da Silva;

Silverio Rodrigues Jordão, sobrinho do illustrado senador José de Araujo Ribeiro, barão do Rio Grande, ainda não ha muitos annos fazendeiro em S. Paulo;

Delphin Rodrigo Pereira;

João Pereira de Almeida, filho do barão de Ubá;

Ernesto de Sousa e Oliveira Coutinho, filho do visconde de Sepitiba, hoje doutor em medicina e intelligente bibliothecario da Eschola Polytechnica do Rio de Janeiro;

Raymundo Gomes de Sousa Gayoso, hoje agricultor distincto no Ceará, e seus irmãos José Gomes de Sousa Gayoso, thesoureiro da Repartição de Fazenda do Maranhão, e Antonio Brito de Sousa Gayoso que se bacharelou mais tarde em direito e foi chefe de policia e Presidente da Provincia da Parahyba do Norte, actualmente fallecido;

Raymundo Teixeira Mendes, distincto filho do Maranhão, pae do talentoso bacharel Raymundo Teixeira Mendes que hoje vive no Rio de Janeiro;

João Pereira Ramos, sobrinho do marquez de Itanhaem, depois addido ás Legações Brazileiras de Napoles e Londres, e seu digno irmão Francisco de Lemos Faria Pereira Coutinho, senhor do morgado de Marapietá, depois visconde e conde de Aljezur, gentil-homem da Casa Imperial — a cuja bondade somos tambem devedores de boa parte d'estas noticias;

Eugenio Augusto de Carvalho Menezes, actualmente bacharel em direito e advogado em Sant'Anna do Pirahy.

Eis ali uma pleiade de moços, que mais ou menos se-tornaram cidadãos conspícuos, e honraram o ensino que lhes-dêra o excellente collegio do dr. Silva Tavares.

Pode parecer á primeira vista que em taes condições, frequentado e estimado o estabelecimento, devêra elle offerecer ao seu digno fundador interesses avultados ou pelo menos quantos bastassem para alimentar-lhe a vida; todavia assim nao foi. Embaraços pecuniarios vieram estorvar-lhe a marcha, e

obrigaram o dr. Tavares a cogitar na dissolução do Collegio, por mais doloroso que lhe fôsse abandonar companheiros que tanto prezava, e uma situação idônea e admirável como a de Fontenay-aux-Roses, onde tudo era apropriado para um grande estabelecimento de instrução da mocidade: vastidão do edificio, sitio pittoresco e alegre, tal ou qual isolamento e a um tempo abundancia de recursos pela vizinhança de Paris. Mas a situação financeira se impunha ao honrado velho, e forçoso lhe foi ceder á dura necessidade, porque não estava no seu nobre character illudir a quem quier que fôsse.

Resolveu-se pois em 1843 o encerramento do Collegio de Fontenay, e como unico meio de não desamparar os filhos de amigos e illustres compatriotas, decidiu-se a transferencia ou fusão do estabelecimento com o Prytanée de Ménars, onde o mesmo Tavares já leccionára antes de 1838; para isso fez contracto com alguns professores (*) dispostos á mudança, e entre outros sabemos que levou consigo o já citado Manuel Moreira Coelho, que passou a exercer as funções de superintendente administrativo e disciplinar (funções desempenhadas em Fontenay pelo bacharel Eduardo de Mendonça), e o nosso inditoso Camillo Cléau, com quem celebrou contracto que temos á vista, datado de 11 de Setembro de 1843 e assignado pelos directores dr. Tavares, A. Blanchon e p. Mavré.

Ei-lo em sua integra:

- 1. Conventions entre les Directeurs du Prytanée de Ménars, et M. Cléau.
- 2. Entre les soussignés MM. l'Abbé Mavré, le Docteur José da Silva Tavares et A. Blanchon directeurs du Prytanée de Ménars, d'une part.
- 3. Et M.^r Georges Stanislas Xavier Louis famille Cléau d'autre part,
- 4. ont été arrêtées les conventions suivantes:
- 5. M.^r Cléau, Bachelier-ès-Lettres, (*) admis comme professeur interin du

(*) De uma lista feita achada entre os papeis de Camillo presume que foram professores em Ménars por esse tempo: o p. Mavré, A. Blanchon, Labrous, B. Baugier, Berthelot, Ch. Kaiser, N. Collignon, Duboué de Baquer, A. Conty. Todavia esta supposição não tem por ellemtos outros documentos sobre o que se acharam todos esses nomes ao lado de Mavré e Blanchon, que certamente fizeram parte do corpo docente do Prytanée.

(*) É este o unico documento d'onde posso indagar que Camillo tomou o grau de bachelier, em lettras. Não tendo isso por certo é indubitavel, conjecturamos que si alcançasse o benfazejo diploma da Sorbonna, foi no periodo de 1844-50.

« Prytanée, s'engage à donner de cinq à huit heures de son temps, chaque
 « jour de classe, et de trois à quatre heures le Jeudi, au service de l'établis-
 « sement, en se conformant à l'esquisse du règlement des Professeurs internes
 « dont il a pris connaissance. Ce service consistant à faire les classes désignées
 « par le Directeur Chef des Etudes, et d'après ses instructions; à prendre part
 « à la surveillance des élèves dans les Etudes, les retenues, les récréations, les
 « promenades (les voyages dans les environs), au refectoire, à l'Infirmerie,
 « pendant les exercices religieux et les leçons d'arts d'agrément &c.; à se
 « charger de la surveillance d'un dortoir à raison d'une semaine par mois;
 « quand à la surveillance des après-midi des Jeudi, des demi-congés, des di-
 « manches et jours de fête ou des congés extraordinaires, elle sera réglée de
 « la même manière que pour les autres Professeurs internes, c'est à dire en
 « alternant entr'eux.

« Les parties de l'enseignement dont Monsieur Cléau sera spécialement
 « chargé sont les classes de Rhétorique, de Grec et de Latinité supérieures, de
 « Français et de Littérature française, d'Histoire et Géographie, de Préparation
 « au Baccalauréat; ce qui n'excluera pas, au besoin, sa coopération dans di-
 « verses autres parties de l'enseignement, sur lesquelles il se trouvera exercé
 « et en état de professer.

« Par contre, les Directeurs du Prytanée s'engagent envers Monsieur Cléau:
 « 1.^o à le loger, nourrir, blanchir, éclairer, chauffer et soigner dans ses
 « maladies qui n'exigeront pas des frais extraordinaires. 2.^o à lui payer un
 « traitement... de quatre vingt trois francs, trente trois centimes par mois,
 « c'est à dire de mille francs l'an, payables par trimestre et dans le mois qui
 « suivra chaque trimestre échu. 3.^o à lui accorder quinze jours de vacances sans
 « deduction de traitement, s'ils sont pris à une époque agréée par la Direction.

« Les parties pourront rompre cet engagement en se prévenant récipro-
 « quement quinze jours à l'avance. Mais si Monsieur Cléau, par des circons-
 « tances fortuites était obligé de quitter le Prytanée sans avoir pu donner le
 « temps convenu, il n'aurait droit à son traitement que jusqu'au jour où il
 « aura cessé de fonctionner et s'il convenait aux directeurs du Prytanée de
 « congédier immédiatement monsieur Cléau, ils ne seraient tenus qu'à lui
 « compter quinze jours de traitement, sans autre indemnité.

« Les présentes conventions auront leur effet à partir du premier Octobre
 « prochain.

« Fait double à Fontenay-aux-Roses le onze Septembre 1843.

(assignado)

bon pour traité — Camille Cléau

Bon pour traité — Le D.^{eur} J. da Silva Tavarés

Bon pour traité — A. Blanchon.

Tomado este empenho partiu Camillo para Ménars, onde alguns dos alumnos portuguezes e brazileiros de Fontenay continuaram a sua educação sob as vistas do dr. Silva Tavares.

Menars está a 9 kilometros de Blois; no elegante castello alli construido por M.^{me} de Pompadour, vendido depois na epocha da Revolução, e adquirido finalmente pelo príncipe de Chimay, é que havia sido fundado por este o Prytaneu, — estabelecimento de educação que durou alguns annos, e veio a ser depois substituido pela chamada Eschola professional de Ménars (uma especie de eschola de artes e officios) dirigida por Cesar Fichet, que tambem já não existe.

A zelosa administração do illustre educador portuguez restaurou dentro de pouco a disciplina do Prytaneu, e infundiu como que sangue novo á instituição; é o que se vê de uma charta de Camillo datada de 19 de Dezembro, onde diz:

« Notre collège de Ménars est en voie de prospérité; Monsieur Tavares
« le dirige avec une activité extraordinaire et obtient dès aujourd'hui les meilleurs résultats; il a rétabli la discipline qu'un désordre de plusieurs années
« avait cruellement compromise; les études ont été jusqu'ici très faibles, mais
« avec le soin qu'apporte Monsieur Tavares dans leur direction, je ne doute
« pas que le Collège ne devienne florissant sous ce rapport, comme sous tous
« les autres. »

Pezadissimas porém eram as obrigações a que se-compromettêra o joven professor Cléau, de compleição tão debil e de saude tão precaria; basta attender ás condições do contracto para reconhecê-lo. D'isso resultou no fim de alguns mezes não poder continuar o exercício do professorado com a exacção dos primeiros dias, e como não era homem talhado para desempenhar-se a meio dos seus deveres, julgou mais digno pedir a sua exoneração, não obstante todas as mostras de benevolencia estima, que lhe-prodigalizára o dr. Tavares. Este enfim lh'a-concedeu, permitindo a Camillo demorar-se no estabelecimento enquanto lhe-aprouvesse. Seu tirocinio de professor acabou alli a 31 de Janeiro de 1844.

Como se-passaram os seus dias em Fontenay e Menars?

A julgar pelos papeis que temos á vista, foram talvez os mais felizes e tranquillos da sua vida, desde que por circumstancias dolorosas abandonára o lar paterno, e entrára no mundo, cheio de cuidados e em lucta constante com a penuria.

Entreteve certamente as mais amistosãs relações com varios d'os moços, que frequentaram um e outro collegio; algumas das chartas que lhes dirigiu depois, e que vão publicadas sob n.º 10 dos *Des*, assaz o-demonstram; que de affectos, que de paternal solicitude em todas ellas transparece! A isto aconsella o habito do trabalho, a vida pacifica e regular, a acertada escolha dos amigos —; áquelle incute a aversão aos prazeres immoderados, que compromettem a saude, impossibilitam o trabalho e debilitam a intelligencia, — os prazeres, esses tyrannos de cujo dominio não ha libertar-se depois que a mocidade inexperiente lhes-cain nas garras; áquell'outro enfim dicta normas de estudo, aconselhando o habito das investigações profundas, a adopção de um methodo seguro, a lucida classificação das ideas, a consulta das fontes, a discussão das opiniões.

Oh! como pudéra Cléau dizer no fim de todas essas chartas o que achamos em uma d'ellas:

« Vous venez plus tard, quand vous retrouverez cette lettre dans vos vieux papiers, si vous me faites l'honneur de la conserver, que votre vieil ami de Fontenay vous aime sincèrement. »

Um d'esses moços, Farrobo, de tal sorte se-interessou pela sorte de Camillo, e tanto se-afeiçoou ao seu professor e-amigo que chegou a escrever a seu paé, pedindo-lhe que conseguisse um emprego condigno para Cléau em Portugal. Da mesma forma em Fontenay-aux-Roses o brasileiro Silverio Rodrigues Jordão propuzera-lhe até trazê-lo para o Brazil, e si isto se não realisou então foi porque, devendo elles partir junctos, não quiz o joven professor apressar a retirada de Jordão, receoso de que o facto fôsse mal interpretado ou de qualquer maneira viesse a magoar o respeitavel director do Collegio.

É certíssimo que as suaves recordações de Fontenay-aux-Roses ficaram-lhe sempre n'alma, e a dedicação que em todo o tempo mostrou pela memoria do dr. José da Silva Tavares temo-la por prova, não só da excellencia de character de ambos, como da tal ou qual ventura que ao seu coração ulcerado trouxeram os mezes de convívio amistoso passados juncto aquelle venerando portuguez, e ao lado de uma generosa mocidade.

Quando pouco tempo depois vieram a perturbar-se completamente as relações do dr. Tavares com os outros dous directores do Prytanee, suscitando a dissolução da sociedade e a retirada definitiva do mesmo Tavares, este não achou defensor mais caloroso, nem amigo mais dedicado do que Camillo Cléau. Tendo noticia dos successos desagradaveis de Ménars, e sabendo que Blanchon e Mavré propalavam insinuações malevolas sobre o character do dr. Tavares, não pôde conter a sua indignação, e escreveu a Caetano de Portugal uma longa charta recordando-lhe a elle e a todos os seus condiscipulos quanto deviam de estima, dedicação e reconhecimento ao illustre portuguez, e pedindo-lhes que considerassem:

*« comme salonnies toutes les paroles qui ne peignaient pas M. Tavares
« comme l'homme le plus honorable, le plus généreux, le plus estimable de toutes
« les personnes qu'ils avaient pu connaître en France. »*

Infelizmente nem todos procederam similhantemente, e por isso o segundo commettimento do dr. J. da Silva Tavares veio a abortar, tirando-lhe toda a esperanza de satisfazer os compromissos tomados em Fontenay, — circumstancia que foi causa de gravissimo desgosto para o honrado velho, coagido a sair de França e a retirar-se para Inglaterra, onde primeiro foi — preceptor dos filhos do visconde de Moncorvo (dos quaes um é hoje o marquez da Fronteira), e depois — párocho na igreja catholica de S.^a Helena de Brent-Wood, onde morreu a 14 de Setembro de 1858. O exercicio d'estas funções parochiaes, a que dedicou os ultimos annos de sua vida agitada, só o interrompeu por pouco tempo, quando em 1851 foi chamado a

Brannbach na Allemanha para ensinar a lingua portugueza a D. Sophia Amelia Adelaide, princeza de Löwenstein-Wertheim-Rochefort e esposa do principe D. Miguel de Bragança.

Foi o dr. José da Silva Tavares character de tempera antiga; generoso e bom de coração, mas severo e rigido de principios. Devido provavelmente a esta mesma severidade, preferiu sempre o exilio á renuncia ostensiva de suas doutrinas politicas: assim foi que recusou ainda em Fontenay o alto cargo de vigario apostolico da diocese de Coimbra, que lhe-offerecêra o governo portuguez de accordo com a Sancta Sé, e mais tarde não accedeu jamais ao regresso á patria, posto que a amnistia e o esquecimento do passado promettesscm seguro abrigo ás cans veneraveis do illustre septuagenario.

Tempo é porém de voltar aos destinos de Camillo Cléau.

Deixou elle definitivamente Ménars no dia 1.º de Fevereiro de 1844; esteve um mez em Cosne juncto de sua erma, e, voltando a Paris á procura de novo trabalho, obteve chartas de recommendação para um estabelecimento de instrucção de Beauvais, onde todavia nada se-poude realizar, porque era aquella uma casa em decadencia, a agonizar.

Tantos mallogros repetidos, tantas esperanças illudidas não tardaram a precipitar Camillo na resolução firme de abandonar a França, custasse o que custasse: esta idéa agitava-se no seu espirito havia muito, as decepções reiteradas deviam apressar a sua realisação.

Uma tentativa mais, e seria a ultima para não deixar o sólo abençoado da patria.

Os desenganos do mundo conduziram o nosso joven e infeliz professor a pensar no retiro do claustro: e para esse fim, por intermedio de A. Dubourg, procurou informações sobre a vida monastica e sobre os meios, que devia empregar para cingir o habito dos Benedictinos.

O religioso J. Bruno Lacombe respondeu em 18 de Março ao professor Dubourg expondo-lhe succintamente o espirito de sua Ordem, e convidando Camillo a ir passar algumas semanas

em Solesmes, como melhor meio de conhecer *de visu* as practicas e o regimen de vida, a que se propunha.

Um mez depois escreveu-lhe directamente o veneravel fr. Prospero Guéranger, abbade de Solesmes, a seguinte charta:

« Pax.

« Albiaye de Solesmes, ce 21 Avril 1844.

« Monsieur,

« Après avoir pris connaissance des deux lettres de M. Dubourg adressées
« à l'un de nos pères, je suis en mesure de vous écrire que rien ne s'oppose
« à votre entrée chez nous pour un essai de la vie monastique. Vous
« pourrez donc, Monsieur, vous présenter avec cette lettre au R. P. Uricur
« de notre maison de Paris, Rue de Monsieur, 13 bis. Vous achèverez, en
« conférant avec lui, de connaître notre genre de vie, et il m'écrira en
« suite, afin de me mettre à même de décider si c'est dans notre monastère
« de Paris, ou dans celui de Solesmes, que vous devrez passer le temps de
« la première probation.

« Veuillez, Monsieur, demeurer persuadé de ma bonne volonté à vous
« faciliter les moyens de suivre votre vocation et agréer l'assurance de mon
« sincère dévouement en N. S.

« + fr. Prosper Guéranger, Abbé de Solesmes ».

Esta charta, porém já não encontrou Camillo Cléau em Paris. Ou fôsse que a demora da resposta o impacientasse, ou que a sua inconstancia natural o fizesse desistir de um projecto, para o qual em verdade o não chamava uma vocação decidida e real, o que é certo é que, antes de a receber, partiu o infeliz moço, resolido definitivamente a executar o pensamento de deixar a França e procurar no Brazil uma sorte menos dura.

Suffocou pois no coração amargurado a ultima das esperanças, que lhe sorriram, e dizendo adeus (devia ser o derradeiro) ao bello Paris, onde os sonhos febris da imaginação lhe-anguraram tantas vezes, mas sempre em vão, o futuro brilhante que seu talento parecia reclamar, tomou caminho do Havre, e depois de pequena demora com seu bom primo e amigo R. Verjon, embarcou para o Brazil na galera franceza *le Stanislas* a 15 de Maio de 1844.

Termina aqui o primeiro periodo da vida de Camillo Cléau.

e o tempo de lançar um olhar retrospectivo sobre este passado de 26 annos.

Porque razão um moço de invejavél talento e de habilitações provadas, honesto e bom, chega sem posição e sem futuro á cidade, em que todo o homem de dotes mediocres tem assegurado o porvir e definido o seu papel na sociedade?

O meio em que nasceu e viveu não era o mais próprio para aproveitar tão grande somma de prediados, que raramente se encontram reunidos?

As tempestades domesticas que vão fundo ao coração humano, a falta de amparo efficaz nos primeiros annos da vida por parte de um paé adoptivo que o-perseguira cruel e injustamente, — bastam estas causas para explicar tanto máo exito e o desaproveitamento de tantos recursos naturaes?

Não o-crêmos. Aquelle menino foi desamparado, é certo, por quem lhe-devia protecção, mas encontrou amigos e muitos, que lhe-extenderam a mão e o-apresentaram no mundo. Os gravissimos desgostos que rasgaram cedo o seu coração de filho e de homem perturbam, é verdade, o desenvolvimento de naturas mediocres, e esterilizam faculdades pouco vigorosas; mas nem Camillo era uma natureza mediocre (demonstrou-o em muitos passos de sua existencia agitada), nem taes desgostos detêm o progresso dos homens superiores, e quiçá representam ás vezes o papel de estímulos á conquista do futuro.

Não falta quem attribua aos cáprichos da sorte os insuccessos da vida, e até certo ponto é justo dizer-se que accidentes extranhos á nossa vontade podem inspir poderosamente sobre a carreira dos homens. Mas o que temos por incontestavel é que, sinão em todos, pelo menos na maioria dos casos, é do nosso proprio character que depende o bom exito dos commettimentos na vida publica. Não ha cáprichos da sorte. A vida humana é um desenvolvimento logico de nossas faculdades; si ao lado do talento e das virtudes figura a energia e a firmeza de character, não ha obstaculos que nos-detenham o passo. O homem bem dotado d'esta grande força é como

o rio caudaloso; suas aguas abatem as represas, transbordam e inundam os valles.

Ora, si mil predicaes estimaveis possuia, faltava-lhe ao illustre e bom Camillo Clian; a firmeza,

A imaginação viva era o seu maior inimigo; não sabia esperar, nem persistir.

Menino de 15 annos resolvía problemas archeologicos, e tinha uma erudição notabilissima para tão verdes annos. Festejado pelos sabios, e sonhando com a gloria litteraria, arrastado por uma grande paixão ao estudo da antiguidade classica, e animado nessa paixão, figurou-se com razão destinado a um futuro brilhante, que tanto mais ambicionava quanto pretendia castigar com o brilho d'essa posição os maos tractos de quem o abandonara no limiar do mundo. Mas as grandes conquistas raramente se-fazem á maneira de Cesar: *veni, vidi, vici*. E como a ambicionada posição tardasse, e como não quizesse esperar paciente a oportunidade feliz; ei-lo a desesperar de tudo, e a procurar nas aventuras de uma digressão longinqua o conforto e o balsamo, que seus desgostos particulares reclamavam.

De volta á patria, e já aos 21 annos, poderia ainda começar a vida publica; muitos a-iniciaram mais tarde. Mas a irritação produzida pelo mallogro das primeiras tentativas persiste, a inconstancia do character obriga-o a mudar frequentemente de planos e de posição: ora em Corbeil; ora em Gonesse, ora em Fontenay, ora em Ménars. — em parte alguma vê realzado o seu sonho, e por isso tudo abandona em procura da sombra fugitiva.

N'este lidar agitado, em que se-consumia a sua natureza debil, e em que o coração lhe-sangrava de continuo, encontrou sempre amigos bons e prestimosos, além de sua irmã que o-amava extremosamente. Mas Camillo, que tinha tão preciosos dotes moraes para captar amigos, e que tanto sabia estremecer-los, raramente os-conservou. Com sua propria emman teve em algum tempo correspondencias em tom acerbos; de Gustavo

Radou, o commandante que o levára a Nova Zelandia, veio mais tarde a separar-se (*); finalmente com o dr. Lefebvre, esse cavalheiro que tão efficazmente o protegeu em conjuncturas difficis, e sob cujo tecto viveu na mais doce intimidade, com Lefebvre a quem, de véras dedicou sempre a maior estima e o mais sincero reconhecimento, veio a estremer relações sem outra causa mais do que susceptibilidades e supposições provavelmente infundadas.

D'onde este procedimento estranho? Não era a ingratidão, offerecem d'isso prova os seus papeis particulares, e ainda bem, porque lho não perdoariamos esta macula; era no mundo intimo e pequeno das afeições a mesma falta de firmeza, a mesma inconstancia, a mesma susceptibilidade quasi doentia, que tanto o prejudicou na vida publica até esta data.

Fôra mais feliz si, obediente ás imposições do velho Cléau, se-subjeitasse ao papel humilde de escrevente de chartorio? Não queremos dizê-lo; mas em um emprego somenos, na posição de simples professor de algum lyceu, ainda que não fôsse o de Louis le Grand, o de Henri IV ou o de Condorcet, poderia ter esperado a cunha de uma collocação mais vantajosa aos seus interesses materiaes e aos seus estudos.

O grande Walter Scott ganhava o pão como escrevente de um tabellionato, e todavia preparava nas horas de descanso as immortaes obras, que elevaram mais tarde o auctor de Waverley á primeira fila dos escriptores de Inglaterra. Quantos exemplos d'esta natureza se-puderam apontar?

Camillo portanto, realmente infeliz, o foi sobretudo por não se-haver resignado a esperar; querendo precipitar os acontecimentos, correu atraz de uma nuvem,—e essa lhe-fugiu constantemente até os 25 annos de idade, como acabamos de vêr.

(*) Foram provavelmente escriptos ou puzos alguns resentimentos a causa d'esta separação; de facto vejo pela sua correspondencia particular que depois se-desvaneceram a frieza de relações. Gustavo Radou escreveu-lhe cartas amistosos para o Brasil, e outro anno em uma Carta de 20 de Novembro de 1866 em que recommençava ao patrocínio de Camillo a pretensão de seu cello Eduardo Veresca, que propunha ceder ao nosso Governo sua esplendida collecção de objectos de Historia Natural.

VI.

(1844 — 1847).

Situação penosa no Rio de Janeiro. Consulado de França. Projectos.

*« Tacuina lita urgebant urbs, universumque
per terras ac maria vagos, quosdam multo
rursus gesserat causas. »*

(Sexto. Epist. CIV.)

« Abijt ulcers, Tacili, militare est. »

(Id. id., XCVI.)

A 28 de Junho de 1844 entrava no porto do Rio de Janeiro a galera *le Stanislas*, trazendo a seu bordo entre outros passageiros o nosso joven Camillo, o dr. Domingos Marinho de Azevedo Americano — illustre brasileiro que pouco depois se finou, e o bem conhecido e conceituado livreiro d'esta Corte o sñr. B. L. Garnier, que ainda vive.

Com algumas cartas de recommendação, que o abonavam, entrou nesta capital disposto a exercer as funções de proctor em alguma casa distincta ou de professor em qualquer estabelecimento publico.

Não era destituida de fundamento a esperanza que alimentava; mais facilmente do que em Paris poderia encontrar um d'estes empregos, aqui onde ainda hoje, e principalmente naquella epocha, não havia numerozo pessoal idoneo para taes comissões.

Por outra parte acabava de inaugurar-se o segundo reinado, e bem sabemos quanta necessidade havia de reformar e melhorar a instrucção publica, que o joven soberano D. Pedro II parecia já então olhar com olhos amigos e paternaes.

Todavia a desejada occupação não se-offereceu desde logo, apesar do benevolo acolhimento, que por toda a parte Camillo recebeu, e das geracs sympathias que soube despertar nos litteratos mais distinctos, com quem travou immediatamente relações.

Sérias difficuldades economicas portanto começaram a perturba-lo novamente, visto como trouxera mais que minguidos

recursos; e como estas dificuldades não faziam sinão avivar-lhe a lembrança das amarguras do passado, — eis que a idéa de procurar um abrigo á sombra do claustro lhe acode outra vez.

Ora, Camillo cogitando em abraçar a vida religiosa não pudera hesitar um momento na escolha do Instituto, a cujas portas cumpria batter: por indole, por educação litteraria, era a Ordem Benedictina que elle devia procurar, e assim foi.

O proprio bispo D. Manuel do Monte fez-se patrono da pretensão, e a pedido de pessoas respeitaveis d'esta Corte escreveu ao D. abade geral da Bahia interessando-se por Cléau «moço francez que mostra a maior vocação para abraçar o Instituto Benedictino, de um mérito litterario raro entre nós, acreditado por pessoas conspicias daquelle reino, de uma vida de poucos annos, mas toda cheia de interesse», são suas proprias palavras.

Havia um grave embaraço para esta admissão. Cumpria que o candidato se-naturalizasse, e só decorridos 2 annos de residencia no Imperio seria possível obter a charta de cidadão brasileiro. Combinou-se que esperariam esta epocha.

Mas entrentes era mister viver, e viver de seu trabalho. O conselheiro Paulo Barbosa pediu ao abade de S. Bento que admittisse Camillo no Convento a titulo de mestre de francez dos noviços, mas isso não se-poude fazer. Finalmente, depois de decorridos alguns mizes de angustiosas necessidades, conseguiu elle a 20 de Janeiro de 1845 um logar de amanuense na chancellaria da Legação Franceza, graças á benevolencia de Theodoro Taunay, que se-mostrou sempre seu dedicado amigo, e mais ou menos por esse mesmo tempo entrou para a redacção da gazetta franceza — *Le Courrier Européen*.

Ouçamo-lo a referir a sua ermia os transees por que passou, e a sua triste situação por essa epocha:

« Chère bonne amie,

« Je ne serai pas longtemps occupé à t'écrire, parce que je suis un peu pressé. Je veux néanmoins t'annoncer que la lettre que tu m'as écrite en Novembre dernier m'est arrivé ces jours ci. Je suis bien heureux de savoir

« que tu vas bien, qu'Amédée est toujours bien portant, que Jeanne est
 « toujours fraîche et de plus en plus gentille; que mon neveu Jacques est
 « bien, joli, bien fait, bien portant. Tout ce que tu me dis dans ta
 « lettre me paraît bien coquet; j'en voudrais davantage; les gentilleses de
 « ma bonne Jeanne, les larmes d'Amédée, tes plaisirs et tes bons senti-
 « mens pour moi me touchent infiniment. Pardonne-moi je t'en prie quand
 « je négligerai quelque temps de t'écrire; je suis maintenant employé à la
 « chancellerie de la Légation de France; je suis rédacteur du *Courrier Ba-
 « roçois*; j'ai de nombreuses relations dans la ville, je demeure au sommet
 « d'une montagne; la chaleur est excessive; tout cela empêche d'écrire,
 « parce que je prends beaucoup de temps en course pour aller de chez moi à
 « la Légation, pour retourner chez moi, pour lire des débats des Chambres
 « en langue Portugaise pour en rendre compte dans les journaux; je rends
 « compte du théâtre; j'écris un feuilleton sur le pays; je suis chargé d'écrire
 « un rapport sur l'état de l'industrie dans la province de Rio.

« Malgré tout cela, je n'ai encore rien gagné; tout cela est un surpau-
 « vrier; je n'ai pas renoncé à San Bento; j'attends mes lettres de naturaliza-
 « tion; toutes ces améliorations dans ma vie ne datent que du 30 janvier;
 « jusque là je n'avais rien pu faire; aussi ai-je vécu assez misérablement. La
 « vie est très chère à Rio. Le log.^t et la nourriture coûtent 60. 70. 80 mille
 « reis et dans les hôtels un peu propres 300,000 par mois. A cela vient se
 « joindre le blanchissage, le nettoyage, les malaises, les dépenses accidentelles.
 « Tu verras que j'ai été bien petitement, puisque je n'ai dépensé par mois que
 « 55 mil reis, c'est à dire, un tiers du change 160 f.^t par mois.

« J'ai vécu depuis le 15 juillet, jusqu'au 15 janvier, cela a fait 6 mois;
 « j'avais pour vivre le premier mois, du 28 juin au 15 juillet, avec ce que
 « j'avais apporté de France par les soins de mon cousin et les vôtres à tous
 « deux Amédée et toi. Aujourd'hui je n'ai plus de dépenses à faire, mais je
 « dois ce que j'ai dépensé..... Je te fais parvenir quelques numéros de mon
 « journal. Je t'écris quelques détails pour le navire prochain; celui-ci part
 « demain; je ne veux pas qu'il aille en France sans que je t'embrasse tendre-
 « ment avec Amédée et mes deux chers neveu e nièce.

« Adieu chère amie, je vous aime infiniment.

Camille Clém.

Habitava nesse tempo Camillo no mórro do Castello, para
 onde se-passára depois de ter residido no modesto Hotel
 Grote no Becco da Fidalga n.º 5, e depois em Netheroy. Sua
 vida era das mais simples; toda entregue ao trabalho re-
 partia-se entre a Legação e o *Courrier*, e o pouco tempo que

lhe-sobrava votava-o ao necessario recurso, ou á conversação com amigos que a Providencia lhe-deparára.

Foi alli, e por esse tempo, que Camillo teve a boa fortuna de conhecer João Baptista Calogeras, o amigo fiel e dedicadissimo, com quem entreteve relações verdadeiramente fraternaes, até sua morte: era um illustrado humanista e um cavalleiro ás directas.

Tambem cultivou desde então a amizade dos sabios barão de Tautphoeus e dr. Joaquim Caetano da Silva—ambos hellenistas emritos, que provavelmente o animaram a publicar na *Minerva Brasiliense* N.º 1 de 15 de Novembro de 1844 a interpretação do enigma grego, a que já nos referimos, e que se-acha appensa a esta Biographia sob n.º 2 dos *Doc.* com o titulo: = *Philologia. Aenigmatis, grecæ scripti, usum interpretatio* =. A publicação d'esta memoria escripta em elegante latim não devêra contribuir pouco para despertar o interesse dos nossos litteratos mais distinctos pela pessoa do douto joven, e convencer a todos, que elle valia mais-do que a grande maioria dos estrangeiros que vêm tentar fortuna entre nós com meritos assaz duvidosos.

O *Courrier Européen*, de que falla Camillo na chárta que atraz transcrevemos, foi gazetta de pouca duração, e infelizmente não teve condições de prosperidade que offerocassem meio de vida aos seus collaboradores. Fundada ao que parece por iniciativa particular, mas posta sob o patrocínio do governo francez (!), com o intuito de defender os interesses da França na lucta que então se-travara no Rio da Prata, teve por principal redactor, um certo Laferrière—homem de algum talento, que pouco depois se-ausentou do Brazil, deixando a direcção da folha a Girard, o qual tinha vindo para o Rio de Janeiro na qualidade de representante das livrarias francezas de Belin & Le Prieur e F. Didot; mas este Girard tão mal administrou,

(1) Não só collocou esta informação de pessoa d'aquella epocha, como vimos um trecho da *Cronica Mercantil* citada pela *Sociedade de Moupin* de 20 de Agosto de 1845, d'onde se infere que Laferrière recobria do governo francez uma pensão igual de um francez.

esta empreza como as outras, de que veio incumbido. A gazetta teve ainda uns lampejos de vida e augmentou o numero de assignantes, quando começou a inserir em suas columnas (1) a Historia do Consulado e do Imperio de Thiers, cujo primeiro volume acabava de apparecer em Paris; mas tal florescimento foi passageiro, e, como o proprietario não satisfizesse aos seus compromissos para com Camillo, o qual nem um ceutil recebeu em remuneração dos excellentes serviços que prestara, abandonou este similhante tarefa ingrata e improductiva. O *Courrier* (2) pouco sobreviveu á sua retirada, ao que parece.

A nostalgia começou entretanto a pungir-lhe o coração, e só encontrava conforto e diversão no trabalho.

A serie dos seus projectos não estava concluida. Enquanto esperava a naturalização, teve o intento de fundar perto do Rio de Janeiro um grande collegio organizado á feição dos lycens reacs de França, e para isso redigiu memorias e estatutos, esboçou planos que ainda se encontram entre seus papeis.

« J'ai l'intention, escrevia elle, de demander l'appui du gouvernement du pays: je ne sais si je dois espérer: lorsqu'il s'agit de faire des démarches et de formuler des demandes de fonds, ce qui donnera de suite à mes intentions l'apparence de la spéculation personnelle, j'hésiterai sans doute et je garderai par devers moi les mémoires, plans et statuts que j'ai déjà rédigés à peu près »

A prophécia se-realizou poncto por poncto, segundo cremos.

(1) Vide artigo citado em nota precedente.

(2) Infelizmente não podemos encontrar uma só edição d'esta gazetta nas bibliothecas do Rio de Janeiro, e sabemos que o proprio Sigaud em seu *Journal* de 1846 só menciona um *Courrier Brésilien* na lista das gazettas publicadas no Ceará, — o que nos levou por algum tempo a suppor que tivesse havido alguma das indicações de Camillo. Esta duvida porém se desfez ante a consulta dos jornais fluminenses da epocha. A *Semana da Manhã* de 23 de Dezembro de 1844 transcreve já um artigo do *Courrier Européen* sobre Beliza attes, e continua a citá-lo desde Janeiro até Outubro de 1845.

Em 20 de 11 de Junho, fallando d'elle, cita o 2.º de do *Courrier*, e o 11 de Agosto publica um artigo assignado por — Um Americano —, no qual se refuta e combatte a doutrina da 1.ª levação sustentada pelo mesmo *Courrier Européen*.

Então, entre os papeis de Camillo achamos um fragmento de 4.ª pg. do jornal, com esta indicção: *Typographie du Courrier Européen*, R. do Lavradio nº 15.

É certo pois que existiu uma similhante empreza. O str. laido de Teóphorus assegurou-nos por sua parte que tambem alli publicou alguns artigos.

Outro projecto foi o da fundação de um grande jornal francez « destinado a estreitar os laços entre o Brazil e a Europa, contribuindo para destruir os preconceitos mutuos e para esclarecer os dous paizes sobre sua situação e seus interesses ». Para este fim pôz em campo alguns de seus amigos mais influentes, como o sr. barão de Tautphoeus que o recomendou a Luiz Pinto Guedes, camarista de S. M. o Imperador, — e o venerando dr. Joaquim Caetano da Silva que era já então reitor do Imperial Collegio de Pedro II. Eis a charta de apresentação escripta por este ao então visconde de Olinda:

« Ill.^{mo} e Ex.^{mo} S.^o

« Animado pelo esclarecido empenho com que V. Ex.^a « promove a prosperidade do Brasil, e também pela efficaz « hounosissima benevolencia com que V. Ex.^a se dignou de « beneficiar-me para sempre: abalanço-me a rogar a V. Ex.^a o « favor da sua poderosa protecção a bem da empresa litteraria « intentada pelo S.^o Camillo Cléau, e que circunstanciadamente « consta do Prospecto incluso.

« Perfeitamente conhece V. Ex.^a a utilidade que de seme- « lhante empresa resultará para o Brasil; mas como o S.^o Cléau « não tem a fortuna de ser conhecido de V. Ex.^a, e como eu « tenho a de tratar muitas vezes com elle, por isso me não « acanho em o appresentar a V. Ex.^a, como pessoa dignissima « da mais attenta consideração, já pelo seu raro juizo, já pelo « seu raro talento, já pela sua rara instrucção, já pela sua rara « honestidade.

« Sou com a mais profunda veneração, e com vivissima « gratidão eterna,

« De V. Ex.^a

« Ill.^{mo} e Ex.^{mo} S.^o Visconde de Olinda,

« muito reverente e eternam.^{te} obg.^{do} criado

« *Dr. Joaquim Caetano da Silva.*

« Collegio de Pedro Segundo,

« 21 de Dezembro de 1846. »

Similhanes na substancia e identicas no honrosissimo conceito da pessoa de Camillo, escreveu o mesmo sabio brasileiro mais duas chartas a José C. Pereira d'Almeida Torres (depois visconde de Macahé) e a Candido José de Araújo Vianna (depois visconde e marquez de Sapucahy); mas nenhuma das trez recommendações foi aproveitada, visto que achamos os documentos intactos entre seus papeis. Provavelmente, ao reconhecer que a intervenção do governo era então difficilissima em similhante negocio, e pois que sem ella não havia esperanza alguma de o-levar a bom fim, julgou mais acertado desistir do intento.

VII.

(1847-1853.)

Faz-se religioso beneditino. Vida no Mosteiro. Trabalhos e desillusões. Imperial Collegio de Pedro II.

"Je ne suis pas entré au Couvent pour y prêter, mais pour en retirer un bénéfice." (Fr. Cam. chart.)

"La solitude ruine en partie l'homme au bonheur naturel en éloignant de lui le malheur social." (Berna. S.^a Pierre).

Chegou o anno de 1847. Decidiu-se Camillo a realizar o seu projecto de entrada para o Mosteiro de S. Bento, e assentou-se que entraria em dias de Abril, logo que chegasse a necessaria auctorização do D. abbade geral da Bahia, a quem para esse fim se-uscrevêra; mas a resposta tardou por motivos de força maior, e nesse interim foi promulgado o decreto de sua naturalização, com data de 2 de Outubro de 1847, referendado por Manuel Alves Branco.

Finalmente, satisfeitas as formalidades e removidos todos os obices, chegou o dia 12 de Novembro (1), em que tomou

(1) Na vespera decessoria do conselho do Mosteiro a sua admissão, segundo consta da respectiva acta, que transcrevemos fellemente:

No dia 12 de Novembro de 1847 convocado o R.^{mo} e V.^{mo} R.^{mo} PP. do conselho, dep.^s de lido o termo do antecedente, perguntou-lhes o N. M. R.^{mo} P.^o Frago^s Geral e D. Abb.^e se alguma coisa tinha a advir sobre o seu espirital e temporal do Mosteiro, ao que responderão q^{ue} suas fúlas e negligencias. Passaram logo a ser vistas e examinadas as inq^{ui}

o habito de noviço e o nome de fr. Camillo de Monserrate.

Era tempo de achar um pouco de tranquillidade quem tanto havia soffrido. Este mesmo periodo, embora curto, de sua estada no Brazil, não fizera sinão accentuar as penas e angustias do passado; o bom e amavel Theodoro Tannay tivera de soccorrê-lo por vezes em suas necessidades mais urgentes evitando-lhe vexames a que a sua extrema penuria o-expozera. Ora para o espirito activo e nobre de Camillo nenhuma dôr se-podia equiparar a esta — de subsistir á custa de sacrificios de outrem, por mais amigo que elle fôsse.

Em summa — *alea jacta est* —, e as portas do Mosteiro de S. Bento do Rio de Janeiro se-abriram para o filho do duque de Berry.

Com que disposições d'alma abraçou Camillo Cléau a vida religiosa e transpoz os umbracs solennos da casa de Deus? Não é difficil dizê-lo:

No nosso paiz, desde que por causas multiplas, que não vem ao caso enumerar, entraram as ordens monasticas em um periodo de visivel decadencia, encheram-se os claustros de moços, uns movidos pela necessidade de remediar a pobreza outros pela preferencia de uma carreira facil que não exigia superiores talentos, alguns pelo intento de sanar junto aos altares e nas sombras da vida contemplativa serios desgostos do coração, bem poucos pela verdadeira vocação religiosa.

A que grupo pertencia Cléau?

Ha quem tenha acreditado que uma paixão amorosa infeliz conduziu Camillo a esta resolução suprema; mas sem negarmos que tal sentimento houvesse perpassado pelo seu coração alguma vez em França ou ainda no Brazil, parece-nos incontestavel

visões de sua ex-mulher de Camillo Cléau, Francisco Ferreira Vianna, e João Francisco da Silva, prefezentes do nosso sancto habito que haviam alcançado carta de approbção de M. R.™ D. Abb. Genuli as quaes assignações foram approvadas e lidas assignação. Nada m.º se passou no referido Concelho de que se queira ter. Diz, mas o unico ut supra.

(Assignados)

Fr. José de S.ª Maria

Norma do Mosteiro.

O D. Abb.º

que elle não foi o grande movel de suas determinações, e quasi asseguramos, á vista de suas cartas e papeis mais íntimos, que Camillo não teve jamais em sua vida um grande amor. Similhante conjectura deve ser posta á margem.

A verdade é que elle não nascêra asceta, e que, apozar de haver fallado desde a idade de 17 annos em procurar o retiro d'um convento, muito se-enganaria quem o-acreditasse impellido por sentimentos profundamente religiosos.

Camillo entrou para o clastro para fugir aos embates do mundo, que o-affligira com decepções cruéis; dentro d'aquelles muros não buscou a Deus como consôlo supremo e grande remanso, em que certas almas se-deleitam e repousam fatigadas; buscou para e simplesmente um anteparo ás tempestades da vida, um retiro propicio ao estudo que era a sua paixão, uma solidão tranquilla, onde sem tremer pelo futuro pudesse olhar para o que o passado lhe-dera de bom.

O seculo accnara-lhe ao despoitar da adolescencia com promessas encantadoras, e elle proprio sonhára um grande porvir; mas a familia faltou-lhe com suas caricias, a sociedade tardou em dar-lhe o premio de seus talentos, os sonhos se-esvaeceram um por um deixando-o sempre a curtir dôres e necessidades, que a consciencia lhe dizia não merecer; os homens negaram-lhe enfim a tranquillidade, a alegria, a abastança, e, ou fôsse só culpa d'elles ou tambem por defeito proprio, haviam feito de sua vida um labutar sem fructo, um esperar sem remedio, um carpir sem consôlo; em breves palavras, a existencia no seculo bra-lhe quasi sempre tormenta sem porto amigo. Para escapar a esta lucta, que o prostrava, abrigou-se ás muralhas da Cidade Sancta, da mesma forma que o piloto battido pelos suêstes procura a enseada segura para fugir do quasi certo naufragio.

No meio de todos os seus dissabores, elle tivera entretanto alguns dias de serenidade, alguns momentos de feliz expansão no seio da amizade — este sentimento que tanto abalava as fibras de seu coração delicado. Foi tambem para

não perder na voragem do século estas poucas recordações suaves, que constituiriam o seu único thesouro colhido nas relações mundanas, que procurou o retiro. Na casa da oração e das abstinências, quando outros meditassem nas delícias do Céu ou na magestade dos sagrados mysterios, elle volveria sobre si mesmo, em doce paz relembraria os caros amigos, a boa cerman, os raros dias felizes, e na meia claridade d'esta resurreição tudo avultaria na sua imaginação phantasiosa, como as imagens que o calcidoscopio engrandece e illumina.

Escrevendo a sua cerman por esse tempo, disse elle proprio:

« Je ne suis pas entré au Couvent pour y prier Dieu: mais pour me re-
« plier sur moi-même, pour y jouir des félicités éternelles qui ont laissé quelques
« traces dans le fond de mon cœur: j'échappe ainsi au danger de contracter
« des nouveaux liens, trop faciles à rompre, dont l'empreinte meurtrit et brise
« les fibres les plus délicates de l'âme: j'arrête ma vie à l'âge où je suis arrivé
« et, en purifiant l'esprit, je ne serai sûrement que jeter les souvenirs du temps
« évané. »

Era assim que Canillo contava ser feliz:

« Heureux, continuâ malis adante a mesma carta, Heureux: chère amie.
« Tu l'as plusieurs fois pour voir si je l'étais en tremblant. Si c'est une
« illusion, je ne voudrais pas le croire sans te le dire, assuré comme je suis
« que ce ne sera qu'ajouter quelque chose à ton bien être. Si d'ailleurs, plus
« tard, je me trouve désabusé, je te le dirai encore, pour que tes consolations
« et les caresses, dont j'ai eu toujours grand besoin, me viennent plus abondantes.
« Cette tranquillité d'esprit dont j'espère jouir un jour dans ce couvent est le
« bien après lequel j'aspirais dès longtemps. Quoique mes vœux de retraite que
« tu fais remonter à mes 17 ans fussent alors bien vagues et s'adressassent à
« une situation que je ne pouvais connaître, il me semble à présent que j'avais
« dès lors pressenti les besoins de ma vie ultérieure et qu'une sorte d'instinct
« me ramenait constamment vers le but que je me flattais d'avoir atteint. Le
« charme que je crois trouver dans cette nouvelle existence ne tient pas, comme
« tu pourrais le supposer, à une sombre et misanthropique disposition, non
« plus qu'à un excès de ferveur religieuse ou à un goût exclusif pour la vie
« contemplative. Je n'abandonne du monde que les charges qu'il impose,
« je me réserve les douceurs et les joies que de vieilles amitiés, fondées sur
« la reconnaissance, le dévouement mutuel, les sentimens humains, l'analogie
« des goûts, la ressemblance des situations, peuvent me procurer dans ma
« solitude. »

Elle proprio conhecia e confessava que seus sentimentos religiosos não eram os mais adequados áquella vida austera e de sacrificios.

« Je suis bien loin d'être au dedans de moi, escreve ainda a M.^{me} de l'Heu, e que la règle exige que je sois dans mes exercices, et cependant « je me sens en dehors de ceux qui m'entourent par la bonne foi et la ferveur « un peu de suite que j'y apporte: je ne puis me faire aucun reproche d'hypo- « crisie ou de mensonge, car en me soumettant aux formes de notre culte, je « m'y fonde par sentiment et la raison ne me gêne plus: je me rapproche « chaque dimanche davantage de la croyance... sans faire aucun effort pour « cela. »

É certo pois que faltava a Carrillo a acção da graça, mas também não era um impio nem um hypocrita, que por calculo egoista procurasse os commodos materiaes da vida claustral. Sua educação profana, e talvez descurada pelo lado religioso, certamente o-não preparara para as severidades da admiravel Regra de S. Bento, e ainda menos para as mortificações de outros institutos cenobiticos; mas a grande e instinctiva bondade do seu coração approximava-o de Deus, sem que elle proprio o-presentisse, e si é incontestavel que não daria ja'nmais um apostolo, nem ainda um monge ás direitas, também é verdade que poderia ser um religioso exemplar e util.

Em substancia fazia da vida monastica uma idéa falsa, mas era com boa fé que a-abraçava. Tinha por isso talvez de soffrer dissabores mais tarde, quando chegassem as desillusões, — mas não levava a mentira no coração.

Carrillo disse algures que tinha o gosto de-se-analisar a si mesmo, e é a verdade que transparece em varios de seus papeis — muitos e leaes confidentes, a quem entregava nas horas de repouso as impressões de sua alma candida e boa. Em uma folha d'essas, escripta sem duvida na epocha a que nos-referimos, dizia elle de si proprio:

« A vida claustral, arredada do mundo e dos seus enganos, é a que mais « parece-conver ab meu espirito, ás exigencias de mi'ha saúde precaria. A de- « bilidade de meu character, que se-arrecoia dos obstaculos.

« Tendo sido educado para viver com o mundo, sinto-me todavia destinado a viver longe d'elle. Já de ha muito me abandonaram as illusões que o de ordinario decciam e encantam. Tenho o coração por demais dedicado aos meus verdadeiros amigos, para deixá-lo e pô-lo á disposição de todos.

« Sinto em mim mesmo um que de candura e sinceridade natural de tal ordem, que me é de todo impossível fingir sentimentos que não tenha. « Vivei entre os homens sempre escutando as impressões, e por assim dizer « ter duas fides e duas naturezas, uma realmente minha, e outra para ostentar « na exterior. Fullem-me força, coragem e disposição para um ilustre papel, « assim como a firmeza necessaria para soffrer os inconvenientes que resultam « de um proceder totalmente diverso do dos que me cercam.

« Em um Convento terei deveres certos a cumprir, honras de completa « liberdade em minha cella, e poderei em cuidados e sem receio pensar em « meus amigos, e recolher-me ao seio dos sentimentos que me fazem felizes...

« Minhas illusões são hoje muito outras do que já foram, e do que puderam ter sido si a vida me não corréra tão preche de amarguras e soffrimentos.

« Hoje só procuro a solidão, a paz, o recolhimento, a minha perfeição « moral, o estudo, o estudo livre, o cumprimento de deveres bem determinados, « a faculdade de ser útil e os suaves gozos da amizade. Eis o que desejo, e « o que penso haver encontrado allim. Essa será a minha paixão; serão estes « os meus prazeres mais caros, e nisto se resumirá toda a minha vida. »

Estas citações, que de proposito alongamos, bastam a pintar o homem e os verdadeiros intuitos, com que elle procurou o claustro.

Era em 1847 D. abbade do Mosteiro de S. Bento fr. Marcellino do Coração de Jesus, e corriam então os dias do 3.º triennio. A regularidade da casa religiosa não era o que havia sido nos tempos aureos da Ordem, mas graças ao character grave e austero de seu superior ainda se mantinha mais ou menos. Os professores fr. José da Graça e Almeida e dr. José Pedro da Silva Camacho dirigiam os estudos dos novitos, que eram 5 nessa occasião: fr. Camillo, fr. Francisco de Sancta Senhorinha, fr. João da Purificação, fr. João da Natividade Procopio e fr. Manuel de Sancta Justa (1).

(1) É certo porém que nem todos estavam no mesmo dia para o noviciado. Como já vimos, o Conselho approvou na sessão de 21 de Novembro de 1847 as inquirições de Camillo, Francisco P. Viana e João Procopio da Silva. Na de 23 do referido mes se approvou a de Manuel del Valle Pinto, e só em 19 de Abril de 1848 resolveu sobre a entrada de João José Rodrigues da Purificação.

A vida d'estes moços se-compunha das seguintes obrigações: algumas horas nos trez chóros da madrugada, do meio do dia e da tarde, duas lições de theologia, e algumas vezes á noite — Conclusões —, isto é, uma conferencia de Dogma ou de Moral; acrescentem-se cinco horas diarias destinadas ao estudo e á meditação, e momentos entrecortados de convivencia com seus companheiros, e teremos um quadro approximadamente exacto do regimen collegial, em que se-passaram para Camillo os annos de 1847 e 1848.

Nenhum accidente extraordinario veio neste periodo interromper a tal ou qual serenidade de seu espirito. A noticia da morte do velho Jorge Cléau, que se-dêra a 9 de Setembro de 1847 em Paris, e que lhe-chegou em dias de Novembro ao que parece, coincidia mais ou menos com sua entrada para o Convento; — mas esse mesmo acontecimento, ainda que o affligisse, não era, por motivos faccis de prevêr, bastante grave para turbar-lhe a paz interior.

« Cette nouvelle, dit elle, m'a vivement affligé: et malgré le désir que
 « j'éprouais de connaître toutes les circonstances qui en dépendent, je ne suis
 « plu à éloigner les antécédens fâcheux pour ne considérer que le dévouement.
 « J'avais comme un présentiment de ce qui est arrivé: je prévoyais, en y
 « songeant, que la fin répondrait aux précédens et que notre pauvre père,
 « enoué comme il l'était d'influences funestes, méconnaîtrait nos droits à sa
 « tendresse, même à ses derniers momens. Je lui pardonne de tout mon cœur
 « son indifférence, quoique je fusse resté digne de son amitié. »

Ao cabo de um anno de estudos fez exame das rubricas, ceremonias, canto, e tudo mais que se-exigia dos curuás próximos a professar, e foi plenamente approvado (*).

Chegou finalmente o termo do periodo de provas, e com elle o dia da profissão solenne dos votos, definitivamente marcado para 1.º de Janeiro de 1849.

Para assistir a esta cerimonia, a mais grave da vida, cos-

(*) Foi o thesor da seta do Conselho de 23 de Dezembro de 1848: « A. P. Roger N. P. para serem examinados das rubricas, ceremonias, canto e tudo mais que se exija no noviciado dos igrejas regulares proximas a professar que já havito sido approvados pelos ultimos votos: Fr. Camillo de Monserrate, Fr. Francisco de S.ª Conceição, Fr. João da Natividade Indupe, Fr. Manoel de Santa Justa. Feito o exame, foram todos plenamente approvados. »

humain os novicos convidar seus parentes e amigos mais caros. Fr. Camillo, que não tinha familia, limitou-se a alguns dos melhores amigos, e estando nesse numero o venerando dr. Joaquim Caetano da Silva, reitor do Collegio de Pedro II, escreveu-lhe a seguinte charta nas vespertas da solemnidade:

« Monsieur. J'ai attendu jusqu'aujourd'hui pour avoir l'honneur de vous
« faire part de la dernière détermination de S. R. M. l'Abbé de S. Bento,
« relativement à la profession des novices entrés comme moi le 12 Novembre
« de l'année dernière; parce que je craignais que l'époque de cette cérémonie
« fut encore retardée, comme elle l'avait été successivement plusieurs fois.

« Le jour de ma profession étant définitivement fixé au 1.^{er} Janvier 1849
« et l'acte solennel devant avoir lieu dans l'église du Monastère, entre neuf
« et dix heures du matin, je prends la liberté, Monsieur, de vous prier de me
« donner, en assistant à cette cérémonie qui n'a d'ailleurs rien que de triste,
« une nouvelle marque de l'intérêt et de la bienveillance dont vous avez daigné
« m'honorer jusqu'ici. J'aurai moi même, dans cette occasion, le bonheur, en
« vous durant le baiser solennel, moi étranger, sans famille, lorsque mes
« compagnons embrasseront leur père, de me faire une douce illusion sur ma
« situation, et de reconnaître qu'en adoptant une nouvelle patrie, j'ai été assez
« heureux pour y trouver une famille.

« Le jour où se célébrera cet acte est déjà un jour solennel: c'est celui
« où les vœux forment et s'expriment mutuellement les vœux de félicité: je
« pourrai donc, en renouvelant ceux que je n'ai cessé jusqu'ici de faire pour
« votre bonheur, les formuler une fois pour tout le temps à venir, et espérer
« qu'ils seront entendus et exaucés, en raison du lieu, de l'occasion, et de la
« sincérité avec laquelle je les adresserai.

« Je serai privé de l'honneur de vous voir après l'acte; le néophyte
« ou époux se trouvant obligé de garder, durant trois jours, un silence de
« pythagoricien. Mais dès qu'il me sera permis de sortir du monastère, j'aurai
« l'honneur de vous faire ma première visite; et j'ose vous prier de me per-
« mettre dès à présent d'adresser à monseigneur de Silva mes hommages très
« respectueux, mes vœux très discrets, et à l'occasion de ma mort civile, de
« lui baiser humblement les mains. Veuillez être aussi bon, Monsieur, pour
« me servir d'interprète dans cette occasion délicate, et pour embrasser, en
« l'honneur de moi, votre très chère et très aimante Laure.

« L'humble et glissante situation du novice, *de genre*, m'a empêché de
« présenter à M. le Rme P. Mestre (*) les hommages que je devais et voulais

(*) Refere-se ao moncho de vice-reitor do Collegio, o sr. Dr. Rodrigo de S. José, illustre religioso beneditino, de quem a enciclopedia d'aquelle tempo guardava um longo e veneranda recordação. Era amigo particular do dr. Joaquim Caetano, e de Camillo e-lhe era alto conhecido.

« offrir; mais S. R. sait bien sans doute que penser à ce sujet. Demander
 « au maître des navires la permission de visiter S. R. est été peut-être une
 « imprudence: visiter S. R. est été une importunité; inviter S. R. à assister
 « à l'acte de profession est pu être une inconvenance, lorsque S. R. réside
 « actuellement dans le monastère et doit figurer avec la communauté, l'un de
 « la prononciation des vœux, comme l'un des principaux dignitaires de l'Ordre.
 « J'ose espérer, et je prends la liberté de vous en prier, que vous voudrez
 « bien alléguer, pour mon excuse, ces différents motifs, à moins que vous
 « n'approuviez pas ces réserves.

« Quelque la profession implique une sorte de résurrection, il ne s'ensuit
 « pas que le défunt doive renoncer au souvenir de la vie antérieure. L'âme
 « qui est immortelle ne saurait oublier ce qui l'a délicieusement affectée *dans*
 « *la siècle*; vos bontés pour moi, votre indulgence, vos bons services et la
 « grâce avec laquelle vous m'avez accordé tant de faveurs, resteront toujours
 « dans mon souvenir pour orner la vie silencieuse du monastère; *omnia mecum*
 « *portas*.

« J'ai l'honneur d'être, Monsieur, avec le plus profond respect et la plus
 « vive reconnaissance votre très humble et très obéissant serviteur.

FR. CAMILLO DE MONSERRATE.

« 28 Décembre 1848. »

Realizou-se a profissão solenne no dia aprazado — 1.º de Janeiro de 1849, e começou então realmente a nova phase da existencia de Camillo. Estavam-lhe de uma vez e para sempre cortadas as relações com o seculo.

Não podemos descrever com côres mais fiéis as impressões d'esse dia memoravel, do que reproduzindo algumas linhas que elle escreveu então — despretenciosas, vindas do fundo do coração, e certamente não destinadas á publicidade que hoje lhes damos:

« Mon Dieu, dans cette occasion solennelle, je vous prends à témoin.
 « Je pardonne à mon père le mal qu'il m'a pu faire: je pardonne à tous ceux
 « qui m'ont offensé, comme je supplie ceux que j'ai pu blesser volontairement
 « ou involontairement de me pardonner aussi.

« J'embrasse librement et spontanément cette vie nouvelle dans l'espoir de
 « devenir meilleur et plus heureux. Si je vis heureux, que mon bonheur ne
 « cause au préjudice de personne; si je verse des larmes, qu'elles ne retombent
 « pas en gouttes amères sur le cœur de ceux qui m'aiment encore dans le
 « monde.

« Bénissez mes frères dans ce couvent, répandez vos bénédictions sur les
« débris de ma famille, sur mes amis, sur mon ancienne et ma nouvelle patrie,
« sur les monarques de l'un et de l'autre, et en particulier sur un homme dont
« le cœur est juste, tendre et compatissant comme vous êtes grand, juste, élé-
« ment et éternel.

« Louis XVI, roi de France, priez pour moi. »

Esta supplica não carece de commentários; o homem su-
perior que a-fox era digno do habito de S. Bento, e digno do
nosso respeito.

No dia 26 de Fevereiro de 1850 fez Camillo os últimos
exames necessários para ser promovido ao presbyterado ⁽¹⁾, e
em Abril do mesmo anno recebeu a tonsura e ordens menores das
mãos do D. abba de fr. Antonio Joaquim de Jesus Maria Lamego,
que occupava este posto desde o capitulo de 1848. Pouco tempo
depois ⁽²⁾, foi-lhe conferida a ordem de presbytero, e, segundo
cremos, na solemnidade do Rosário (em Outubro do mesmo
anno) celebrou elle sua Missa nova, — cerimonia na qual func-
cionaram: como padrinhos fr. Marcellino do Coração de Jesus
ex-abba e o p.^a m.^a fr. José de Sancta Maria Amaral, — ao
cabo e gonil os seculares drs. Joaquim Caetano e Camacho,
e mestre de ceremonias o p.^a m.^a fr. José da Purificação
Franco.

A illustração reconhecida e pouco vulgar de fr. Camillo
de Monserrate foi desde logo aproveitada no Convento para
um trabalho importante e de perfeito accordo com os seus
gostos litterarios. Incumbiram-no de ordenar e classificar a
bibliotheca do Mosteiro, na qual não existia então mais que
um indice informe de auctores para guiar os estudiosos.

(1) De assim a respectiva aula do Conselho do Mosteiro: «... Titulo N.º 1.º que não
fazendo parte desse Mosteiro nem de sacerdotes que bastassem aos officios do côro e altar,
propunha e foram promovidos á sagrada ordem do Presbyterado os irmãos Fr. Antonio de
Virgem Maria e Fr. Camillo de Monserrate, e á ordem de Linceos os irmãos Fr. Francisco de
S.^a Rosa, Fr. João de N. S.^a do Loreto e Fr. Gualter de N. S.^a dos Anjos, se houverem
sufficientes idoneas, e por isso os fazia entrar successivamente para serem examinados: logo verifi-
cadas as suas idoneas, e lida a disposição assignada pelo q.^o N.º R.^{mo} Fr. M.^a D. Abba Geral
responsam.^a authorizando pelo Capitulo Geral concedido ao irmão Fr. Camillo a dispensa de
alguns annos de habito p.^a que possa ordenar-se sacerdote, preferindo-se ao exame de sciencia
com cada buon pariente.^a findo o qual e correo o exercicio, foram unanimemente approvados, e

(2) Extr. da sess. do Conselho de 20 de julho de 1852: «... foram introduzidos os
R.^{os} Fr. Fr. Luiz da Conceição e Fr. Camillo de Monserrate a serem examinados de canto,
rehearsal e entonarias da Missa. Procede-se immediatamente ao referido exame pelo q.^o se achou
que estavam sufficientemente instruidos, »

10.º Indice das obras impressas no Brazil;

11.º " " " escriptas ou publicadas por Benedictinos;

12.º " " " edições dos Elseviers, Aldos, Gryphos, Estevões, Didots, &c.

Quem quer que tenha algum conhecimento de bibliothecas descobrirá facilmente neste esboço um homem entendido e profissional.

Na classificação systematica propriamente dita tinha muitos modelos a seguir, mas Camillo era assaz illustrado e sensato para copiar ás cegas um bibliographo qualquer, e tanto mais quanto convinha adaptar o seu trabalho ás condições especiaes da collecção de livros de que se tractava. Não seguiu pois nem Mabillon por demasiado succincto e atrozado, nem Lelong por demais prolixo, — sinão um meio termo practico e racional.

Tendo tirado os bilhetes para o Catalogo e planejado a distribuição methodica, começou a redigi-lo em latim e a copia-lo por sua propria mão com o esmero de quem ama o seu encargo. Esta tarefa infelizmente não foi concluida, já por que sobrevieram desgustos e desavenças que teve com religiosos do Mosteiro, já porque a sua tradicional inconstancia o fez parar em caninho.

Eis o que d'ella ficou prompto, e ainda se conserva no Convento de S. Bento: um grande volume in-folio, enquadernado em couro, com o seguinte titulo:

Catalogus
librorum Bibliothecæ
monasterii
Sⁱ Benedicti
Fluminensis.
Juxta disciplinarum catenam
descriptus,
quadruplici indice
instructus.

* Sicut olim et pinguedine repleta. Littera mea n.
Vol. II. LXXII. 6.

MDCCLXIX.

Segue na 2.^a fl. um prologo em latim — *Lecturis S.* — , que vai adiante transcripto na integra sob n.^o 11 dos *Documentos*; na 3.^a fl. — *Monitum* — ; 4.^a, 5.^a e 6.^a fls. em branco.

Começa na fl. 7. o Catalogo, com as seguintes rubricas:
A. THEOLOGIA.

1. Scriptura Sacra, Libri Canonici. (2 fls. escriptas).
2. In Sacra Scripturam appendix. Apocrypha, pseudepigrapha. (3 fls. escriptas).
3. In Sacram Scripturam Isagoge, complectens apparatus, prolegomena, praefationes in SS. Biblia: de eor. divisione, dotibus, auctoribus, libris canonicis et apocryphis, versionibus, concordantiis, parallelismis, &c. tractatus generales: et quaecumque, in SS. litterarum interpretationem aut intelligentiam, regulas et elementa praebent. (12 fls. escriptas).
4. In Sacram Scripturam Commentaria. (5 fls. não acabadas).

As notas adicionadas por fr. Camillo são succintas, e todas escriptas em latim.

Como se vê, bem incompleto ficou o trabalho definitivo, o que é verdadeiramente para lastimar-se, porque a obra promettia ser modelo no seu genero.

Do prologo achamos avnissos varios rascunhos, uns muito mais extensos do que outros. De um d'estes esboços extrahimos os seguintes conceitos, que honram a sua penna:

« Depois do templo em que se celebram os sagrados mysterios, não ha
« lugar em um mosteiro benedictino que mereça mais attenção do que a sua
« bibliotheca.

« As sepulturas dos claustrros encerram os venerandos restos de seus irmãos,
« mas não são sinão graves testemunhos de um passado sem nome e sem his-
« toria: a bibliotheca é o semiterio onde jaceo promptos para responder-nos os
« preciosos vestigios de seu espirito: é alli que se acham inscriptas as fastos
« de sua gloria pessoal, e alli germinam os elementos de sua gloria futura.

« Si a meditação no meio dos tumulos do claustro tem alguma cousa de
« mais arstero, e mostra a materia que dorme o sono eterno, o commercio
« com as obras de nossos antepassados não é nem menos solenne nem menos

« religioso, pois que estabelece um laço mystico entre as intelligencias de todos os seculos » e as confunde em um destino commun ».

Pelo anno de 1849 ou 1850 pediu-lhe o D. abba de do Mosteiro uma pequena memoria sobre S.^{ta} Severa, virgem-martyr, cujas reliquias, encontradas no cemiterio de Sancta Ignez de Roma no dia 2 de Maio de 1842, haviam sido mandadas com uma bulla especial aos reverendos padres capuchinhos do Rio de Janeiro pelo S. Padre Gregorio XVI.

Propôr a fr. Camillo questào d'esta ordem equivalia a tê-la resolvida. Eis o plano da dissertação, que logo esboçou:

1. Inventus reliquiarum (Romae, 1842, in Cemeterio D. Agnetis, viâ « Nomentana »).

2. quemam fuerit in Sebena.

3. martyrii S. Seberae descript.

4. S. Seberae reliquiarum translatio probabilis.

5. Inscriptiones et sigilli et monogrammati in tumulo Sanctae exaribz elucidatio.

6. De qualitate martyris et virginis.

7. De cemeterio D. Agnetis.

8. de diebus sacris Martyrum.

9. De die sacro S. Seberae.

10. Conclusio ».

De accôrdo com este plano redigiu tambem em latim sem demora a memoria curta, mas assás completa, que encontrámos autographa e vae transcripta sob n.^o 12 dos *Dec.* Parece que addicionou-lhe notas, a julgar por differentes signacs que existem no texto original: mas não pudemos descobri-las, nem isso prejudica grandemente o bom acabado da dissertação, da qual se pode dizer: *pauca sed bene parata.*

Ao chegar ao Rio de Janeiro a boa nova da entrada do papa Pio IX em Roma em 1849, era de razão que os institutos religiosos celebrassem immediatamente este fausto acontecimento na vida do mundo catholico. O Mosteiro de S. Bento não se fez esperar, e a 14 de Julho de 1850 cantou-se na sua igreja um solenne *Te-Deum* por semelhante motivo.

Mas o pouco tempo de que se-dispoz para isso não per-

mittira aos prégadores ordinários do Convento preparar um discurso, como convinha.

Fr. Camillo solveu a dificuldade; de um jacto ^{escreveu} em francez o sermão de acção de graças, que foi promptamente traduzido, estudado e recitado pelo então joven fr. José da Purificação Franco.

É a oração que occorre sob n.º 13 dos *Doc.*

Das suas horas tranquillias no retiro da cella, e mais ou menos de 1850, datam provavelmente algumas paginas, poucas e não acabadas, da versão franceza da Regra do Patriarcha S. Bento; constam da Introdução e das duas primeiras Licções.

Até aqui o monge. Vae porém começar uma epocha nova na existencia de fr. Camillo de Monserrate, — o periodo da revelação dos seus talentos no seculo.

Dê facto as insignes habilitações do sabio benedictino não podiam passar despercebidas. O claustro, tal como existia entre nós, não era theatro bastante vasto para a manifestação de quanto elle valia. O governo imperial foi busca-lo no retiro, e por decreto de 28 de Setembro de 1850 o nomeou professor da 2.ª cadeira de Geographia e Historia do Collegio de Pedro II, vaga por haver passado para a 1.ª o dr. Joaquim Manuel de Macedo.

Chamado a succeder ao dilecto amigo, João Baptista Calogeras, que nessa data abandonou o professorado publico para organizar um grande estabelecimento particular de instrução secundaria, fr. Camillo não pudéra ver mais bem aproveitados os conhecimentos especiaes que possuia da antiguidade. Por sua parte o nosso Governo não pudéra ser mais feliz na escolha, e isso mesmo o-disse o dr. Joaquim Caetano da Silva, quando, ao communicar a Camillo o aviso da nomeação, datado de 3 de Outubro, escreveu-lhe nos seguintes termos: « ... felicito-me com este Collegio pela preciosissima aquisição que faz na pessoa de V. S. Rev.^{ma} ».

O novo professor de Geographia e Historia antigas entrou

em exercício no dia 14 de Outubro seguinte, e só veio a deixar o magisterio por decreto de 20 de Junho de 1855, que lhe concedeu a demissão muitas vezes solicitada.

Era ardua a missão, por isso mesmo que fr. Camillo conhecia a fundo a sua grave responsabilidade. Ha professores e professores; para uns é facil a tarefa, porque não custa vigílias reproduzir os livros expositores; para outros porém, o Camillo era d'esses, professar uma disciplina é ter d'ella o mais amplo conhecimento, é amenizar com as flôres da sciencia as aguras da propria sciencia, é ajunctar a investigação propria ás lucubrações alheias, é constituir-se em summa uma auctoridade respeitavel e respeitada aos olhos da mocidade.

Era pois ardua a missão, não ha duvidar; masahi estão ainda os que ouviram com pasmo semelhantes lições, e os que foram seus discipulos confessam é uma que nunca ainguem se sentou com mais direito em uma cadeira de professor.

O sabio, que já o-era aos 32 annos de idade, constitua-se o compendio e o vivo atlas de sua aula. Como si foram cousas comecinhas e habituaes ao seu espirito, fr. Camillo costumava representar estadio por estadio, marco por marco, as regiões e os monumentos do mundo antigo; e ali vinham as curiosas e cruditas observações historicas sobre cada um dos objectos de sua prelecção geographica, a critica dos escriptores antigos, a explanação das duvidas que tanto ensombram aquelle periodo da sciencia.

Entre seus preciosos papeis achamos um programma do curso da aula para o anno de 1853. É justo que o-transcrevamos para dar idéa perfeita do desenvolvimento, com que já então esta disciplina era ensinada. Li-lo:

1. Introdução: do estudo da geographia antiga. Fontes, documentos: classificação dos conhecimentos geographicos. Noticia sobre Strabão e sua obra;

2. Mundo conhecido pelos antigos: geographia bíblica. Da situação do Paraíso terrestre: primeiros centros de sociedades, segundo o Genosis e segundo as tradições e escriptores

do Oriente. Mundo de Homero, de Herodoto, de Strabão. Diferentes medidas da terra. Eratosthenes.

3. *Ásia*: seu nome; suas divisões, limites; mares, golfos, etc.

4. *Ásia Menor*: situação, limites, divisões, configuração physica: documentos antigos e modernos sobre a geographia d'esta região.

5. *Ásia Menor*: paizes marítimos: parte septentrional. Ponto: Paphlagonia: Bithynia: Mysia.

6. *Ásia Menor*: parte occidental: Mysia e Eolide. Lydia e Jonia. Caria e Doride.

7. *Ásia Menor*: parte meridional: Lycia: Pamphylia e Pisidia: Cilicia.

8. *Ásia Menor*: parte central: Phrygia: Galacia: Cappadocia.

9. *Ásia propriamente dicta*: paizes do N.O. Regiões caucasicas. Bosphoro Cimmerico: Colchide: Iberia: Albania: Armenia.

10. *Ásia propriamente dicta*: paizes de S.O. cis Euphratem: Syria: Phenicia: Palestina: Arabia.

11. *Ásia propriamente dicta*: paizes de S.O. trans Euphratem: Mesopotamia: Assyria: Babylonia: Chaldaea.

12. *Ásia propriamente dicta*: paizes do centro trans Tigrem cis Indium: Media: Persia: Aria: Hyrcania: Parthia: Bactriana.

13. *Ásia propriamente dicta*: paizes de L. cis e trans Gangem: *India utraque*. Ilhas. Serica. Sina.

14. *África*. Questões geogr. Circumnavegações.

15. *África Oriental*: Egypto: Nubia: Ethiopia.

16. *África Septentrional*. Libya Marmarica e Cyrenaica.

17. *África de N.O.* Numidia. Mauritania.

18. *Europa Occidental*: Hespanha. Gallia.

19. *Europa Septentrional*: Britannia. Thule. Sarmatia.

20. *Europa Central*: Germania: Davia, &c.

21. *Europa Meridional*: Italia: Grecia.

Este programma foi executado e desenvolvido a risca;

temos d'isto a certeza pelas lições manuscriptas, que ainda conseguimos encontrar entre os preciosos papeis de fr. Camillo, e que comprehendem um grande numero de quadernos in-4.º — ora redigidas *in-extenso*, ora reduzidas a notas summarias, que o professor se-guardava para desenvolver no curso.

Nesta collecção valiosa faltam apenas os quadernos relativos aos pontos 13, 19 e 20, e estão ao que parece incompletos os que tractam dos pontos 17, 15 e 18. Do que valent as lições poderá o leitor fazer juízo pelas duas: 1.ª e 12.ª que transcreveremos na integra sob n.º 14 dos *Dac.*

Na introducção ao estudo da Geographia antiga, que faz objecto da lição 1.ª é notavel a vasta comprehensão do assumpto, que o professor recommendava á attenção de seus discipulos; na 12.ª, que tracta dos paizes contrários da Asia, transparece claramente o methodo rigoroso do auctor, sua lucidez de ideas, e o grande criterio com que sabia conter-se dentro dos limites impostos pelas circumstancias.

De facto, não era licito a fr. Camillo dar aos meninos discipulos do Collegio de Pedro II um ensino mais profundo nem mais amplo, c'ò si alguma vez seduzido pelo seu genio investigador e essencialmente critico entrava em pormenores, que podem á primeira vista parecer deslocados, não é menno verdade que taes digressões serviam para despertar o interesse e a attenção da mocidade, assim como para dar-lhe idea exacta do que vale a critica, da difficuldade de interpretação dos velhos textos, e do processo a seguir para chegar-se á verdade em materia por vezes tão obscura e daviiosa. É o que nesta lição 12.ª se vê a proposito do templo de Baris situado perto de Ichatana, de que falla Strabão (XI, 19, 7.), e que alguns commentadores, corrigindo o texto, acreditaram ser um templo dedicado a Aharis, divindade allás desconhecida. Fr. Camillo resolve o ponto, restabelecendo o texto primitivo e chegando a uma feliz interpretação, que nenhum outro commentador suspeitára.

É o que deprehendo ainda de uma correcção feita ao

texto de Ptolomeu (*Geogr. c. 2 sub fin.*), em que elle, discordando do parecer de Letronne, por uma simples variante de punctuação esclarece sagazmente o trecho obscuro do auctor. (V. n.º 15 dos *Doc.*)

No decurso d'estas funcções, em que foi sempre mestre applaudido e venerado, formou o plano de enriquecer a litteratura nacional com um bom compendio de geographia antiga, que ainda hoje não possuímos, com outro de historia antiga que então não existia, e finalmente com um tractado elementar de mythologia classica, que pudesse supprir as graves inexacções e as ridiculas falsidades dos Diccionarios de Chompré e Noël e das chartas a Emilio, que por esse tempo manuscava a mocidade estudiosa.

Para as primeiras obras serviram de base as suas lições manuscritas; para o tractado de mythologia não lhe faltava de certo a competencia, conhecedor como era de toda a antiguidade classica, assim como dos enormes progressos realizados modernamente pelos trabalhos de Welcker, Muller, &c.

A seguinte nota particular avulsa dá-nos idéa do pensamento geral, com que pretendia levar a cabo semelhante empresa:

« É opinião minha que devemos rejeitar o symbolismo muitas vezes pueril
 « que não descobre nas lendas antigas senão allusões aos phenomenos naturaes,
 « allegorias moraes ou psychologicas. Sem cair na excessão de um evemerismo
 « exaggerado, parece-me que em muitas cases essas lendas, sem conservar um
 « character realmente historico, são todavia frequentemente a consignação d'um
 « acontecimento; d'um facto que deixou na memoria do povo uma impressão
 « vaga mas profunda, e que, designado, ampliado, argumentado de circum-
 « stancias hiazas ou maravilhosas tomou proporções epicos, apesar de sua bu-
 « ntille origem.

« O symbolismo natural, ainda que se considere genuinamente como a ex-
 « pressão das idéas e das impressões dos povos primitivos, parece-me ser ao
 « contrario proprio das sociedades em decadencia, nos quaes a interpretação
 « subtil se substitue á verificação directa dos phenomenos.

« Os povos pouco adelantados em civilização accostumam-se depressa aos
 « grandes espectaculos da natureza e, sem ser-lhes absolutamente insensíveis,
 « deixam passar sem grande attenção os phenomenos periodicos que lhes são
 « familiares.

« Hasão em crer que o povo procure characterizar sob a forma de um mytho ou de uma figura cada um dos aspectos, cada uma das estações, dos efeitos benéficos ou perniciosos do sol... »

« As grandes catástrophas, tais como grandes fúrias, erupção vulcânica, vastas inundações, em razão da importância dos desastres que causaram, deixam na recordação d'aquelles, que os soffreram, uma impressão de terror que assegura a duração da tradição e levante, perpetuando-se, a exaggeração do acontecimento real. Mas quoaquer que sejam os benefícios da luz e do calor solar e sua acção sobre a vida animal e vegetal, a homem simples habituou-se a isso e ligalhe menos interesse. »

A execução d'este projecto demandava tempo, tranquillidade e forças. Infelizmente nenhum d'estes requisitos teve fr. Camillo, por isso nenhuma das obras compôz. O trabalho a que se entregava para o bom desempenho da cadeira de geographia antiga acabrinhava o tanto, e a sua debil saúde privava-o tantas vezes do estudo, que havendo-lhe sido proposto uma vez leccionar simultaneamente a cadeira de grego do mesmo Collegio, recusou-se a este encargo, declarando que não tinha forças para tão grande tarefa, e o que é mais, dizendo-se *pouco competente* para aquelle ensino! De outra vez, amargurado com as dificuldades que experimentava para alliar o cumprimento dos seus deveres de religioso aos estudos serios, que exigiam as duas disciplinas de sua cadeira, pretendu solicitar do Governo sua exoneração de lente de Historia, propondo-se simplesmente a reger (sem ordenado) a cadeira de Geographia antiga e a redigir um compendio d'esta sciencia apropriado aos alumnos do Collegio.

É certo pois que não lhe-sobravam forças nem tempo para empregar as horas vagas na redacção esmerada de livros elementares, talvez mais difficeis de compôr do que memorias eruditas e dissertações archeologicas.

Dizemos tambem que lhe-fallaria para isso a indispensavel tranquillidade, e o leitor perguntar-nos-ha sem duvida como isso se-explica.

Pois a solidão do claustro, a vida regular e serena do Convento não haviam realizado os sonhos dourados do infeliz desertor do seculo?

Pois os muros da Cidade Sancta, o porto amigo da Cruz, o remanso da casa de Deus não o haviam protegido das tempestades da vida social, não tinham posto o seu coração a salvo das angustias do passado?

Tão poucos annos eram decorridos, e já o arrependimento ou a desillusão o atormentavam?

Estas interrogações fará a si mesmo quem quer que nos-leia.

A verdade é que fr. Camillo até certo ponto soffrêra uma decepção com a nova vida que abraçara. Foram de rosas os primeiros tempos. Mas vieram as obrigações monasticas, que ainda naquella epocha se-desempenhavam um pouco á risca, porque havia pessoal para manter-se a regularidade do mosteiro; ora, estes deveres — os primeiros em um Instituto religioso — importavam em um constrangimento de liberdade que o-atfligia, e certamente não eram de ordem a satisfazer as aspirações de seu espirito mais inclinado ao estudo do que ás ceremonias ecclesiasticas.

As excellentes disposições com que elle entrára na vida monastica, em vez de se-radicaem no seu espirito, haviam soffrido um profundo abalo com o estudo do dogma, e com as practicas religiosas. Por um singular phenomeno psychologico a vizinhança e a frequencia do altar o fizeram quasi deisto, e á maneira de Renan as tentações da critica em lugar de fortalecerem-lhe a fé, plantaram-lhe n'alma a semente venenosa do scepticismo.

Não pudemos dizer melhor do que elle próprio os incidentes d'esta transformação moral. São suas as palavras que se-seguem, postas á frente de uma memoria, que iniciou mais tarde sob o título de *Le problème catholique en 1868*:

« J'ai souvent hésité, quoique je le désirasse, à m'interroger sur l'étendue et l'intensité de ma foi religieuse. Je craignais, en analysant ma croyance, ou en discutant les fondemens, de l'amoindrir ou de l'ébranler. Mais je me rappelle, avec regret, une époque bien lointaine, où une foi absolue, instinctive ou plutôt, celle que l'enseignement et l'exemple m'avaient inspirée, exerçait sur moi une bienfaisante et douce influence: non seulement il

« ne m'était nécessaire de faire aucun effort, mais j'ignorais même alors que la
 « raison et le raisonnement puissent être invoquées, soit pour l'établir ou la
 « confirmer, soit pour la discuter ou la détruire.

« Cependant je ne me suis jamais vu entraîner, même à cette époque de
 « mon enfance où ma foi était si vive et si complète, aux élans mystiques qui,
 « par leur nature même, ne peuvent promettre une durée permanente, une
 « constante intensité. La contemplation de l'idée divine était pour moi un
 « bonheur, une jouissance ineffable dont je ne me rendais pas plus compte que
 « des autres affections vives qui mettaient en exercice ma sensibilité, alors très
 « développée. Les mystères qu'on m'avait enseignés, les vérités morales ou
 « métaphysiques, telles que les comportait mon âge, que l'on m'avait apprises,
 « n'étaient, à mes yeux, ni des mystères, ni des abstractions, mais des faits
 « absolus et sans explication nécessaire.

« Je ne me souviens pas de l'époque où mes sentiments religieux commen-
 « cèrent à s'affaiblir et à se modifier, ni des causes qui contribuèrent à cette
 « transformation : ce que je crois pouvoir affirmer, c'est que l'enseignement reli-
 « gieux a produit sur moi l'effet opposé à celui qu'on en devait attendre : au
 « lieu de me confirmer dans ma foi naïve, il me fournissait des armes contre elle,
 « en révélant à mon raisonnement naissant, les problèmes et les difficultés que
 « j'ignorais auparavant, et qu'on me montrait imprudemment en m'incitant
 « tout effort et toute tentative pour les résoudre. Imprudence bien grande, en
 « effet, de signaler à ceux entre les mains desquels on vient de déposer les
 « armes du raisonnement, des sujets sur lesquels ils seront tentés de les exercer,
 « en leur en défendant l'usage.

« Aussi ai-je acquis la conviction que je conserve encore à cette heure,
 « que l'enseignement religieux, parmi les catholiques, doit être aussi résumé et
 « contenu que possible, même lorsqu'il s'adresse à des adultes : qu'il doit
 « s'apaiser très peu sur les questions de dogme, mais beaucoup sur les ques-
 « tions de morale, et parmi ces dernières, sur les devoirs de respect et d'humilité
 « à l'égard de l'autorité et des sujets qui se rapportent au problème impéné-
 « trable de la destinée humaine.

Néanmoins, au milieu de ces vicissitudes de ma croyance, que souvent,
 « dans les moments de retour sur moi-même, je déplorais sans avoir la force et
 « la constance nécessaire pour m'efforcer d'en triompher, je n'ai jamais senti se
 « refroidir en moi l'idée et le sentiment religieux, et même, bien au contraire
 « j'ai reconnu, dans plusieurs circonstances qu'il s'était singulièrement exalté
 « en moi. Je me surprisais dans les élans d'amour, de foi, de reconnaissance
 « et d'espérance, que j'adressais à Dieu, sans analyser son essence, mais per-
 « suadé qu'il m'entendait, qu'il assistait à mon repentir et me concéderait,
 « avec sa miséricorde, les grâces que je lui demandais. Je dois même dire que
 « dans plusieurs occasions, je me suis convaincu d'avoir été sauvé, favorisé par

« sa protection : et encore aujourd'hui, en repassant ma vie, je vois clairement, avec une gratitude infinie, qu'en m'abandonnant avec confiance à sa volonté, j'ai reçu de Dieu mille grâces.

« Tout cela ressemble bien, il faut en convenir, à un pur déisme : mais ce n'est pas un Déisme de parti pris, à *posteriori*, une antithèse du catholicisme, une hérésie. Je n'ai, en effet, pour l'adopter, fait violence à aucune doctrine ; je n'ai pas analysé le dogme, pour y choisir ce point de vue, à l'exclusion des autres. Mais, comme les dévots de notre Église Catholique, qui adressent de préférence leurs vœux et leurs prières, à la Sainte Vierge, au Saint Esprit, à tel ou tel Saint, j'ai placé ma dévotion aussi haut que possible, là où les occasions de doute ne pouvaient m'atteindre et vers le point où les conditions un peu abstraites de ma pensée me conduisaient spontanément.

« Ce n'est pas non plus que, par un orgueil coupable et stupide en de telles matières, je me fusse dit : laissez au commun des hommes des croyances trop concrètes pour un esprit philosophique, et élançons nous dans les régions pures de la métaphysique. Bien loin de là : je regrette encore, comme j'ai souvent et dès longtemps regretté de ne pas être doué de cette ardeur dont je voyais animés des hommes simples d'esprit ou même très éclairés dont je ne suspectais pas la sincérité : le culte extérieur, les images saintes, les formules et cérémonies me laissaient froid et insensible, tandis que la contemplation intérieure, la concentration à laquelle après quelques efforts je pouvais m'élever, me plaçait dans une condition de douce et sincère exaltation. J'avais néanmoins espéré que le retour aux pratiques religieuses, le commerce avec les personnes pieuses, une vie régulière au milieu de ceux qui se sont éloignés du monde pour s'acquitter plus librement et plus facilement des devoirs moraux et religieux, me ramèneraient à la situation où ma première éducation et les aspirations de mon enfance m'avaient maintenu assez longtemps.

« Ce fut dans ces dispositions, avec ces intentions, quoique je m'abstinsse de l'avouer à mes amis étonnés de ma détermination, que je résolus, en France d'abord, puis au Brésil, par un retour opiniâtre à des projets anciens, de me faire admettre dans un monastère de l'ordre de S. Benoît, espérant y rencontrer les occasions et les moyens d'occuper mon esprit à l'étude, mon cœur à l'affection de mes collègues et à l'exercice d'une piété persévérante sans austérité ; ce qui me ravissait surtout dans cette perspective, c'était la conviction qu'il ne me resterait plus qu'à obéir à une règle fixe, qui me permettrait de déposer pour ainsi dire ma personnalité extérieure et qui, si j'en accomplissais les prescriptions me soustrairait à la responsabilité de mes actes en ne me laissant que celle de ma pensée et de ma conscience.

« C'est en 1843, mais après avoir bien des fois, depuis 1835, songé à

« exécuter ce projet, que je me décidai à solliciter mon admission chez les
 « Bénédictins de Solesmes, dont l'abbé Guéranger avait, en 1830 je crois,
 « rétabli le monastère. Je m'adressai à lui même, par lettre ; il dut prendre
 « des renseignemens qui tardèrent sans doute à venir entre ses mains, de sorte
 « que je ne reçus sa réponse, d'ailleurs favorable, et que j'ai encore, que dans les
 « premiers mois de l'année 1844, à une époque où, supposant par suite de ce
 « retard qu'il n'avait pas accueilli ma demande, je m'étais décidé à partir pour
 « le Brésil, ignorant d'ailleurs que j'y trouverais l'occasion de satisfaire à mes
 « aspirations.

« Je débarquais à Rio de Janeiro vers le milieu de l'année 1844, en Juin ;
 « je ne sus pas immédiatement qu'il y existait un monastère de S. Benoît.
 « Mais dès que j'en eus connaissance, je cherchai à m'informer des conditions
 « exigées pour y'être admis : j'appris qu'il était nécessaire d'avoir obtenu du
 « Gouvernement Impérial des lettres de naturalisation Brésilienne qui ne pou-
 « vaient alors être accordées qu'après un intervalle de deux années, à partir du
 « jour où une déclaration authentique avait été déposée par le postulant sur les
 « registres de la municipalité. Je remplis ces formalités, et, en 1847, je me
 « trouvai en mesure de me pourvoir près de l'abbé général de la Congrégation
 « de S. Bento du Brésil, résidant à Bahia, afin d'être admis à la probation ou
 « noviciat, dans le monastère de Rio de Janeiro. L'abbé général, alors absent
 « de la capitale de Bahia, et malade, ne put expédier que tardivement l'auto-
 « risation, qui arriva enfin et me fut favorable. Je pris donc l'habit de novice,
 « le 12 Novembre 1847, sous la prélature de Frei Marcellino do Coração de
 « Jesus, abbé du monastère de Rio de Janeiro.

« J'entrai dans cette nouvelle vie dont j'ignorais toutes les obligations,
 « tout en me les représentant comme austères et peut être un peu pénibles,
 « avec un parfait contentement d'esprit, dans les meilleures dispositions et avec
 « l'intention de me conformer à toutes les prescriptions quelles qu'elles fussent.
 « Je trouvai dans le noviciat quelques compagnons, quelques uns nouveaux
 « comme moi, d'autres qui comptaient déjà quelques mois de séjour, mais tous
 « beaucoup plus jeunes que moi. A ce contact, je rede vins enfant, gai, con-
 « fiant, et, sauf une exception, je n'eus qu'à me féliciter de mes rapports
 « intimes avec ces camarades.

« Loin de rencontrer là des pratiques difficiles, l'usage des mortifications,
 « je fus fort étonné de la douceur et de la simplicité de la discipline : je
 « m'accoutumai même assez facilement à me lever de grand matin, et la vie
 « régulière et active, sans préoccupation ni soucis, exerça une heureuse influence
 « sur ma santé. En un mot j'étais très satisfait de ma nouvelle condition.

« Du reste, en écrivant ces lignes, je ne prétends pas décrire ma vie, mais
 « seulement examiner l'état de ma foi religieuse vers l'époque de mon entrée
 « en religion et postérieurement à cette époque.

« Je disais donc que, simplifiés comme ils l'étaient par la tolérance de nos
 « supérieurs, les devoirs de mon nouvel état me paraissaient être d'un accom-
 « plissement facile. Cependant je ne m'abandonnais que très peu aux diverses
 « cérémonies, et la crainte d'y manquer me préoccupait et m'embarassait de
 « telle sorte que cette timidité contribuait à me rendre gauche ou inhabile.
 « On n'aurait pu croire que je donnais peu d'importance à ces pratiques caté-
 « chétiques qui, en effet, me touchaient peu, mais que je ne dédaignais certaine-
 « ment pas.

« C'est d'ailleurs, dans les maisons religieuses, le point capital: on s'in-
 « quète moins de ce que l'on pense que de ce que l'on fait, à l'égard de
 « l'observance du culte.

« Or, après ma profession définitive, qui eut lieu le 1.^{er} janvier 1849, à
 « l'expiration d'un noviciat qui avait duré un an et deux mois, je me trou-
 « vai en contact avec les autres religieux dont, jusqu'à là, les novices mes
 « congénères et moi, avions vécu séparés. Je me sentais en pleine sécurité:
 « ma position nouvelle était irrévocable, et loin de m'affliger, cette perpétuité
 « en perspective, qui troublait quelques uns de mes camarades, me communi-
 « quait une sérénité et une confiance complètes. »

De tais disposições de espirito o que deveria provir em um homem leal, sincero, inimigo da profanação e da hypocrisia? É obvio: sobrevieram as consequencias fataes da falta de vocação. As obrigações monasticas, a que sua saúde melindrosa e seus affazeres no professorado publico panham já grande obstaculo, a descrença acabou por sacrificar; de certa epocha em diante fr. Camillo foi um cenobita, mas não foi mais um sacerdote.

D'ahi o desgosto das auctoridades do Mosteiro, e desgosto que, por vicios de educação talvez, se-externou com manifestações pouco attentuosas.

Os padres mais velhos e mais graves do Convento eram por esse tempo ou homens educados em uma eschola austera, que não admittia excepções, e que antepunha a tudo as obrigações monasticas propriamente ditas, ou monges virtuosos sim, mas de origem portugueza e de natural rude, que não entendiam de archelogia nem critica, e que portanto não podiam ver com bons olhos o moço *frances*, cavalheiro dos mais finos, amador de Platão e de Thucydides, discipulo de Letronne e de Raoul Rochette, — verdadeira *avis mure* no meio dos psalmeadores rispidos de cantochão.

Não erraremos muito dizendo que n'aquella epocha só dous feligiosos, pelos predicaes raras do talento e do coração, poderiam apreciar dignamente a fr. Camillo: queremos fallar de fr. Rodrigo de S. José e de fr. José de Sancta Maria Amaral, — ambos luminares do claustro benedictino; mas o primeiro vivia fóra do Mosteiro nas funções delicadas de vice-reitor do Collegio de Pedro II; o segundo, muito mais moço posto que já mestre na Ordem, não tendo nem querendo ter parte alguma na administração, prototypo da modestia e da virtude, como um monge ás direitas vivia entregue aos estudos philosophicos ou ás profundas meditações, que o-fazem ainda hoje um dos mais veneraveis filhos de S. Bento. Nenhum d'elles podia pois influir sobre a direcção do Convento, para se-relevar a fr. Camillo a omisso de certos deveres (1), que não estava na sua indole desempenhar com amor.

Alguns religiosos tractaram-no portanto sem a bonhomia e a attenção, de que elle era aliás merecedor, e este facto acarretou-lhe mágoas que não soube esconder, o que em sua natureza impressionavel tomaram grandes proporções. Não era preciso mais para turbar-lhe a tranquillidade suspirada. Não estando no seu character a paciente resignação, nem o poder esperar por dias melhores, a revolta era quasi infallivel, e si é verdade que ella se não fez clara por escandalosas manifestações *extra-muros*, é todavia incontestavel que o-expoz a discussões acerbas, á luta interior, a um sobresalto quasi continuo, a um novo genero de martyrio finalmente.

Foi sem duvida numa d'estas situações penosas que escreveu a seu bom amigo Tannay uma charta cheia de indignação, á qual respondeu aquelle veneravel ancião com estes conselhos de grande alcance moral:

(1) Entre outras coisas é certo que descumia as ceremonias, e que por fim até deixou de celebrar o sacro sacrificio da Missa. Temos para prova-o o testimonho de religiosos de tempo, e o proprio texto da acta do Conselho de 14 de Abril de 1853, que diz assim: ... e advertio o M. R. P. D. Abbe que o R. P. fr. Camillo ha muito tempo não celebra; e constante que elle não sabe as ceremonias, se lhe assignou o espaço de dous meses p.^{ra} se aquellor, e se resolveu não se lhe dearem as premissas se não celebrasse.

Fr. Camillo, procedendo em um justissimo monachio em um estado irregular, e não podia deixar de merecer repunha.

« Prenez, Monsieur, les choses avec calme et douceur; Plutarche disait, « avec sa merveilleuse raison, que pour se tirer d'affaire dans l'horrible mêlée « et l'acte des choses d'infini has, *mieux valait et plus servait* (c'est Amyot qui « parle) *le bouclier que l'épée*. St. Augustin n'aurait pas mieux dit. »

Parece que por esse mesmo tempo pretendem valer-se da protecção do conselheiro Araujo Vianna, pai de seu antigo discípulo de Fontenay - Ernesto Vianna —, o qual lhe respondem, em charta que temos á vista, nos seguintes termos:

« Soyez tranquille, car mon père sera votre protecteur tant qu'il existera. »

Si assim foi, não obrou mui assixadamente fr. Canillo, procurando na intervenção de extranhos um remedio, que só a sua prudencia e discricção poderiam ministrar-lhe.

O que é certo é que, para pôr-se a salvo, tanto quanto possível, das imposições de seus superiores, pensou o religioso em solicitar do Governo a mercê de prégador imperial, — titulo que lhe-daria exempções e privilegios no Convento; fez para isso um requerimento, que tivemos occasião de lêr, mas que não sabemos si effectivamente subiu á presença dos poderes competentes.

Nestas angustias, um pouco filhas de sua própria natureza, um pouco oriundas do meio em que vivia, passaram-se os annos de 1852 e parte de 1853. Veio d'ellas tira-lo um acto do Imperador, S. M. o Senhor D. Pedro II, a quem estava reservada a fortuna de aproveitar condignamente os meritos do sabio discípulo de Letronne.

VIII.

(1853 - 1870).

Bibliothecario da Bibliotheca Nacional. Sua administração, Projectos e serviços.

Três largos

(Trind. *Sin. Bibl. Nat.* I, 40.)

Diz Diodoro de Sicília que a bibliotheca de Memphis, fundada por Osymandyas (1), tinha no alto da porta esta inscripção:

(1) Uma das passagens de Diodoro, sem ignora que os egypciologos nada acrescentam por ou tanto sobre o nome d'este rei, que tem sido o grande Ramses II. Letronne (*Mélanges d'érudition*, p. 243 sq.) era um d'aquellas memorias cheias de

Remédios d'alma. Si alguma vez teve este profundo pensamento applicação adequada e feliz, nunca foi mais verdadeira do que no caso vertente.

Que horizonte novo para os destinos de fr. Camillo; que paraíso depois de tantas luctus, de tão fundos dissabores e de illusões tantas vezes repetidas e mallogradas!

Foi pelo menos ésta a impressão, que em seu espirito causou a nomeação de bibliothecario da Bibliotheca Imperial e Publica, que lhe foi conferida por decreto de 23 de Abril de 1853, referendado por Francisco Consalves Martins, depois barão de S. Lourenço.

É como não sê-lo? Si Camillo Cléau houvesse perseverado em França, affrontando as difficuldades da estrêa e esperando uma occasião azada (que mais cedo ou mais tarde se apresentaria), é indubitavel que seus talentos seriam aproveitados em uma grande bibliotheca. Este era o grande pendor natural do seu genio: uma existencia tranquilla de estudo e de investigações eruditas.

O Mosteiro de S. Bento, que se-lhe-afigurára realizar este ideal, enganára-o nas suas esperanças, porque antes de tudo alli cumpria que elle fosse monge, e sua vocação não era a do cenobio, já viúvo. A posição de director da Bibliotheca Publica trazia-lhe pois os dons grandes sonhos de sua vida: uma serena independencia, e todo o rico manancial de saber em que podia saciar á farta a paixão dominante.

Camillo tinha dobrado motivo para receber como um presente do Céu semelhante encargo. A bibliotheca é para o homem de letras o jardim de delicias, nem comprehendendo que

saber e de vigorosa dialectica que sabia escrever, pretendendo demonstrar que o monophago de Champendys descrito por Diodoro como uma das maravilhas de Tíchara alli não existe, não existiu e nem poderá existir, mostrando que a descripção não passa de uma das muitas invenções dos enciclistas egypcios sempre empunhadas em das aos Gregos para lhes phantasia do seu país. Si bem que as seguintes principaes contradiziam da comparação do texto de Diodoro com o que nos revelam os minas, teria já apóia egualmente sua thesa sobre a impossibilidade de identificar Champendys com o grande Ramses (*Necropolis des Grecs*): mas esta identificação parece hoje facta accreditada. O Ramesseno de Quirah correspondente ao estudo, toralmente ao ed luto descrito por Diodoro. Champollion ali encontrou o solo da bibliotheca, perto do o patrimonio de Tabut e Sékeli — divindades protectoras das letras e das artes. V. Lepsius, *Ell. ant. de l'Orient*, 111, pg. 107.

haja espirito culto capaz de trocar as doçuras ineffáveis, que nella se gozam, pelas honras mais apparatusas do mundo, a menos que obrigações particulares e deveres de outra ordem não imponham este sacrificio.

O que se pode comparar na terra ao suave commercio com os livros, — estes mestres que nos-instruem sem castigo, — veneraveis ancãos que nos-abrem a cada hora o thesouro da sua experiencia, ou virgens graciosas que nos-offerecem todo o encanto de suas galas, — amigos de todos os dias que, si os chamamos, acodem (?), si os interrogamos, se não calam, si caímos em erro, ajudam-nos, si os-importunamos, não murmuram nem se-negam?

Sempre juncto de quem os-ama, sempre fontes de consolação ou de alegria, os livros tanto doçitam ao homem feliz como suavizam as mágoas do que padece os embates da fortuna (?): áquelle dirigem e desviam da torrente vertiginosa dos prazeres mundanos; a este desanuviam o espirito e confortam o coração, ou seja attrahindo-o a cogitações de outra ordem, ou seja robustecendo-o na resignação e na propria dôr pelas lições da moral e pelos ensinamentos da historia.

O naturalista que perscruta os segredos da criação, estudando as formas mysteriosas e sablamente concatenadas do mundo organico, ou devassando as origens e as applicações utilitarias do reino mineral; o astrónomo que arranca dos céus as leis que regem o movimento dos mundos sideraes; o artista que se-estasia ante os quadros da natureza, e os-immobiliza e perpetua na tela ou no marmore; o mechanico que segue pertinaz uma idéa, e projecta um invento; o mathematico que consome noites de vigília no descobrimento de um principio

(?) *It. de Bury, Bibliothec. cap. I.* « Hi sunt magistri, qui nos instrunt sine virgis et fœcula, sine verbis et cholera, sine poenis et potentia. Hi accedunt, non dormiant, si requiramus interrogas, non se abscondunt, non timentur, si aliter, nullâque noceant, si perire. O libri soli liberales et liberi, qui vana petenti tribuunt, et cunctis manumissis vobis sedulo servient. »

As paginas d'este livro estão cheias de conceitos sobre o valor dos livros, e, posto de parte o estilo clerical e mystico do seu autor, ninguém se-generará sem prazer e sem proveito.

(?) *Id. de Bury, op. cit. cap. XV.* « Delectum libri prospectante delectat arduosque coaculantur individua quibula formata torrent; poëta humanis colora tribuunt, nec scripturæ semine graves sine fœcula. »

generalizador; o philosopho que estuda os arcanos do invisível; — todos elles têm no trabalho assiduo e nos gozos de sua obra um grande consôlo e uma occupação feliz. Mas o bibliothecario digno d'este nome, o devotado amador dos livros possue mais do que todos, porque tem a seus pés o universo inteiro, o passado e o presente, o visível e o invisível: as formas da natureza tangivel e os innumeros sons da immensidade, as bellezas da criação e todos os inventos humanos, os calculos e as fórmulas, os systemas de todas as escholas e as grandes verdades de toda a philosophia, — em uma palavra, o escriptorio de todas as joias amontoadas pelos seculos á custa do labor de um milhar de sabios.

Que prazer se pode equiparar no mundo á contemplação d'esta infinita riqueza, ao uso quotidiano d'este manancial immenso que concretiza os esforços herculeos da intelligencia humana, ao cavar noite e dia n'esta mina insondavel, que produz á saciedade a gemma preciosissima e inapreciavel do saber?

E o bibliothecario tem alli tambem a sua obra. Elle examina, ordena e classifica como o naturalista; elle compara os textos, e decide a primazia como o critico; restaura os monumentos injustamente exqucridos e exhuma as reliquias do passado como o archeólogo; lê no palimpsesto e no papyrus como o geólogo interpreta nas camadas da terra os annaes prehistoricos do globo; analysa as creações do bello como o artista; archiva, commenta e illumina de notas as obras hodiernas para auxiliar as investigações do futuro, dá o fio de Ariadne a toda a sorte de pesquisas, anima com seu conselho e ajuda com suas luzes tanto o inexperto caminheiro como o explorador provecto; ao litterato fornece e aponeta os modelos e as fontes, ao sabio faculta os annaes das Academias, ao artista os materiaes da composição, ao politico os documentos da administração dos Estados; em summa, não ha trabalhador no immenso campo da sciencia profana e sagrada ou no dominio das artes, a quem elle não preste o seu braço, não ha monumento litterario de vulto, para cuja construcção elle não concorra com pedras angulares.

E o que dizer dos encantos da pesquisa bibliographica, em que o corpo não sente cansaço, porque a tensão do espirito o-sustenta; do affan com que se-corre atraz de uma informação preciosa ou de um documento ignorado. — labor em que se não sente o passar das horas; dos veios preciosos que se-de-scohem em caminho a cada passo, indemnizando a pequena máguá d'um insuccesso; o que dizer afinal do achado feliz dos thesouros que se-buscavam, ou da decifração de um enigma que até então se-julgára insolúvel? Que momentos de prazer indizível não proporciona, que victorias sem sombra, que alegrias serenas, que doce consolação do tempo consumido!

Os livros são pois, não só os grandes esteios (1) da vida humana, sinão também a fonte das nossas mais puras delicias; é tão justo applicar-se a uma nação o que dizia Geoffroy ácerca do seu convento: « claustrum sine armario, quasi castrum sine armentario », como é profundamente exacta e philosophica a inscrição egypciaca « *Wexj3; tawpetow* » que encima este capitulo.

Mas também, si a bibliotheca é um grande luzeiro e ãa mansão de remedios, não é menos certo que o homem chamado a dirigir similhante instituição deve possuir um conjunto de predicaos raros. Em todo o tempo se-pensou assim, e hoje mais do que nunca se-reclamam dotes extraordinarios.

Já no seculo XIV o illustre chancellor de Inglaterra, que havemos aqui citado, fallava dos deveres arduos do bibliothecario. Em 1780 dizia Cotton des Houssayes — digno conservador dos

(1) No *Catalogus gloria mundi* de Chaucerius (1639) appare a seguinte pagina seguinte, que compendia os meritos do livro, e que vale a pella transcrever, com grato seus defeitos de orthoia.

Liber quatuor

« Liber est: lumen cordis et speculum corporis, salutis repertorium, utilium consiliarium, curia prudentum, diadema sapientum, beneficentia doctum, clarissima secretum, comes pueris, domesticus fidelis, socius colloquens, collega presidentis: vas plenum sapientie, via recte eloquentie, hortus plenus inuitum, primum locus floribus, unde duc luctus, principium intelligencie, fundamentum memoria, bestia obediens, amicus secretorum: vocatus propter iustasque festinas, rogatus respondens, iubetur obedire, contra fortune victor atque rerum sui ductor, brevis conclusus et fons dignus, parans aqua vive, paradisi atque culina, saltem in te parum si reperit ignorantia, nunquam patitur festidium etiam graves eum rumbus, actans re-velare et cunctis clar bonus. »

(Cf. por Nomen, e telegrapho com trad. de *Bibliotheca de Bibliotheca*, 1839, p. 547. 579.)
Poderão-se-lhe os tres do livro, e seguem-se as verdades constituentes que este trecho encerra.

thesouros da Sorbonna: « Un bibliothécaire vraiment digne de ce nom doit avoir exploré d'avance toutes les régions de l'empire des lettres, pour servir plus tard de guide et d'indicateur fidèle à tous ceux qui veulent le parcourir. Il ne sera étranger à aucune des parties de la science: lettres sacrées et profanes, beaux-arts, sciences exactes, tout lui sera familier. Travailleur assidu et infatigable, profondément dévoué aux lettres, son but unique et permanent sera d'en assurer l'avancement. »

Nos nossos dias, em que a vastidão dos conhecimentos humanos se dilata de um modo assombroso, em que a actividade dos escriptores é cem vezes maior, em que todas as classes sociais vão com anxiedade procurar o pão do espirito outrora reservado a um numero selecto o privilegiado de felizes, quanto mais difficil é a tarefa do bibliothecario!

Compre que tenha um saber excepcional e sobretudo variado, sem presumpção nem altivez; um juizo seguro e superior ás suggestões de doutrina ou aos preconceitos de escola; a mais esmerada polidez e natural singeleza sem descair na condescendencia banal e compromettedora; severidade na guarda dos cimbrios sem laivos de avariza nem sombras de rude; gosto apurado e artistico, amor indefesso ao trabalho, enthusiasmo pela profissão, espirito aberto a todas as conquistas, coração generoso e leal.

Si falho de instrucção, pode applicar-se-lhe o dicto de Bautru a Philippe IV a proposito dos monges ignorantes, que dirigiam a bibliotheca do Escorial; « Sire, si j'étais roi d'Espagne, c'est à l'un de ces moines de l'Escorial que je confierais l'administration de mes finances. » Porque? tornou-lhe o rei « Parce que ce sont les plus honnêtes gens du monde! ils ne touchent jamais au dépôt qui leur est confié. »

Si bibliomaniaco, sacrificará a organização das collecções á idéa fixa que o apaixona, não terá o discernimento preciso para a escolha das acquisições.

Si bibliotapho, será um guarda imprestavel ao publico es-

tudioso, recusando-lhe os elementos mais preciosos de trabalho, e transformando a bibliotheca em uma vasta necrópole.

Si aspero no tracto, afugentará os que precisam de seu auxilio, e será antes figura do dragão mythologico á entrada do jardim das Hesperides, do que sombra amiga de Beatriz a conduzir o divino Dante pelos círculos do Paraíso.

Eis o que se-exige nestas funcções, e o quadro summario das qualidades que ornaram os Passionci, Mabillon, Naudé, Letronne, Van Praet, Paulin Paris, Peignot, bibliophilo Jacob, Assemani, Lambecius, Ebert, Dibdin e tantos outros — para não fallar sinão dos mortos mais illustres.

Era fr. Camillo de Monserrate homem tallado por estes moldes? Certamente sim, podemos dizê-lo.

Não é difficil imaginar o immenso prazer que teve o sabio beneditino ao vêr-se honrado com a alta incumbencia de dirigir a nossa Bibliotheca Pública, — incumbencia que por todos os motivos lhe-fôz tábua de salvação.

A 29 de Abril tomou posse do cargo, e encetou incontinentemente a sua vida de bibliothecario, que por espaço de 17 annos não desamparou sinão com raras intervallos exigidos pela molestia, e que só com a morte deixou.

Neste longo periodo teremos de consideralo sob duas faces, e o-faremos separadamente para não sacrificar a ordem e a clareza: vê-lo-hemos bibliothecario, e sabio; consideralo-hemos na Bibliotheca trabalhando pelo progresso da instituição, e no seu gabinete particular de estudo a pôr em acção uma admiravel actividade intellectual.

O que fez fr. Camillo de Monserrate como Bibliothecario, e o que lhe-deve este grande estabelecimento?

A Bibliotheca Imperial e Publica da Côrte, fundada pelo principe regente D. João com os livros trazidos da sua Real Bibliotheca da Ajuda, era já em 1853 uma preciosa collecção, posto que os poderes publicos não se-houvessem esmerado grandemente em a-desenvolver.

Eramos um povo nas faixas da infancia, mal acordado ao

grito regenerador de 1822; não admira que, tendo de acudir a grandes necessidades materiais e moraes de toda a ordem, faltassem-nos nesse periodo recursos para dar sangue e vida a este estabelecimento. As grandes bibliothecas como os grandes museus são o characteristico das nações mais adiantadas e vigorosas.

A nossa primeira bibliotheca era pois relativamente rica das antigualhas, que nos-havia deixado D. João VI em 1821, mas muito deficiente em obras modernas, e dotada de uma organização viciosa, obsoleta e improstavel.

O illustre bispo de Anemuria, seu 1.^o bibliothecario depois da independencia, e os que se-lhe-seguiram: o padre Francisco Vieira Goulart, o illustrado conego Januario da Cunha Barbosa e por ultimo o dr. José de Assis Alves Branco Moniz Barreto — pouco fizeram na verdade a bem da instituição, limitando-se as mais das vezes ao ordinario expediente (*), a mandar copiar alguns vellos catalogos ou a fazer novos indices incompletos, summarios e incorrectissimos.

Collocada desde o principio no edificio do Hospital da O. 3.^a de N. S. do Carmo, alli se-conservava ainda então a Bibliotheca, sujeitos os livros a varias causas de estrago, sem meio de expandir-se, em local acanhado e improprio por muitos motivos, e dispondo de um orçamento insufficiente para as suas grandes necessidades.

Fr. Camillo ao enretar a administração viu sem demora quanto lhe-cumpria fazer para sanar estes males, — elle que perfeitamente conhecia a organização e a disposição das bellas bibliothecas de Paris. Suas justas reclamações não tardaram portanto,

Com data de 7 de Maio do mesmo anno encontra-se já no registo da Bibliotheca um longo officio, que dirigiu ao Governo, manifestando-lhe as suas impressões e lembrando a urgencia das reformas mais indispensaveis.

(*) Como prova da verdade deste asserto basta-me dizer q. Camillo em 1833 ainda não achou classificados todos os livros do fundo da lica, que entraram para a Bibliotheca em 1822; ea preciosa colleção historica do barão Marbodo não se ve até hoje catalogada nem se opusculo, e nem se nem se haviam feito indices parciaes para cada volume.

Começando por lamentar a imperfeição dos velhos regulamentos já quasi derogados pelo uso, e propondo-se a offerecer um projecto de nova lei organica, passou aos pormenores seguintes. Ponderou que o catalogo então vigente « carecia de uma reforma geral »; que cumpria:

redigir quanto antes um inventario descriptivo da Bibliotheca;

modificar o processo de inscripção dos livros emprestados, dos legalmente depositados, dos comprados e offerecidos, substituindo a ordem alphabetica pela chronologica;

alterar o methodo na disposição material dos livros, de modo a evitar a confusão dos formatos, e a das materias tanto quanto possível;

restituir os polygraphos aos seus logares competentes;

reunir os classicos antigos, que não se achavam distribuidos conforme o uso a que eram destinadas as edições, mas segundo a natureza dos seus escriptos ⁽¹⁾;

encher os espaços vazios nas estantes, para não sacrificar ao desejo de seguir uma classificação illusoria os interesses mais preciosos da boa conservação dos livros, e visto que o catalogo systematico é o verdadeiro o unico representante da ordem logica;

alterar o systema de numeração dos livros então adoptado, e substitui-lo pelo processo, que depois se-executou e ainda hoje vigora;

redigir inventario especial de cada um dos generos de riquezas ⁽²⁾, de que se-compunha a Bibliotheca, isto é, 1.º de livros impressos; 2.º de manuscriptos; 3.º de mappas, planos e estampas, 4.º de desenhos originaes, pinturas, estatuas e mais objectos d'arte;

(1) Por exemplo: *Enchiridion philologicum et antiquit. dialog. ex recens. J. F. Fischer. Lipsiæ, Schulze, 1783*, 1a-8.ª estava classificado em philologia, quando, pela natureza da collecta e das notas que contém, pertence á critica philologica; e como este, muitos outros.

(2) Esta distincção pertence dos thezours do estabelecimento não veio a dar-se ainda com a consagração das species das notas decretada pela reforma de 1876, que se fez durante a nossa administração. Dividia-se então a Bibliotheca em 7 seções: de impressos, de manuscriptos e de estampas, ficando cada uma d'ellas com um pessoal idôneo e apenas subordinado á direcção geral do bibliothecario.

proceder á restituição immediata das obras raras e preciosas, manuscriptos e até desenhos originaes de M^{ra} Mauro, que haviam sido emprestados a particulares, com grave risco de extravio ou de estrago;

preencher quanto antes as numerosas lacunas existentes nas collecções de Leis e Decretos do Imperio, de Relatorios dos varios ministerios e das presidencias de provincia, que por singular anomalia se achavam incompletos e truncados;

substituir boa parte dos grossos moveis da repartição, adquirir outros e reparar o edificio arruinado;

finalmente, prover a Bibliotheca do material necessario para o catalogo systematico, e até comprar um sineto para estampar os livros, que não existia.

Esta longa serie de reclamações e de medidas propostas, não duvidámos transcrevê-la quasi *in extenso* com o duplo fim de photographar o tristissimo estado, em que se encontrava uma repartição da ordem da Bibliotheca Publica, e demonstrar o grande interesse e perfeito conhecimento profissional, com que Sr. Camillo encetou a sua administração.

Nos primeiros tempos seus officios ao Governo foram frequentissimos, e cada qual d'elles versava sobre assumptos importantes.

A 14 de Maio officiou propondo suas duvidas sobre a interpretação do decreto n.º 433 de 3 de Julho de 1847, pelo qual eram os impressores obrigados a remetter, na Corte á Bibliotheca Publica, e nas provincias á Bibliotheca da capital, um exemplar de todos os impressos que saíam das respectivas typographias.

Em primeiro lugar essa denominação vaga de impressos se prestava a interpretações differentes; em 2.º lugar as infracções d'esta lei não tinham correctivo conveniente e necessario; finalmente a obrigação imposta só aos impressores da Corte de remetter suas publicações á Bibliotheca Publica privava este estabelecimento do valiosissimo contingente das publicações provinciaes.

Pela nossa parte sempre considerámos defeituoso o citado decreto de 1847, e não só fr. Camillo procurou todas as occasiões opportunas para o criticar e solicitar a sua reforma como nós o fizemos invariavelmente durante toda a nossa administração.

É todavia, em 17 annos de constante reclamação fr. Camillo não conseguiu ainda o decreto complementár n.º 1283 de 26 de Novembro de 1853, que deu instrucções para a execução do primeiro, e nós, força é dizê-lo, não obtivemos em mais 12 annos nem sequer a substituição de uma linha ao *statu quo*, apesar de argumentarmos em officios e relatorios, já com a procura das publicações provinciais na Corte, já com o eloquente exemplo das leis que regem este assumpto nos paizes mais adelantados.

Si outros muitos factos não demonstrassem a imperturbavel incuria dos nossos administradores em relação a certa ordem de interesses, bastára este pequeno incidente para o-revelar. *Ex digito pignus*. Quem acreditará que 30 annos de reclamação feita por funcionarios zelosos não foram ainda sufficientes para fazer reformar uma lei imperfeita e visivelmente prejudicial aos interesses do publico esmiudoso?

Do seu officio de 14 de Maio não teve fr. Camillo resposta.

A 8 de Junho reclamou energicamente contra a usurpação do edificio da Bibliotheca feita pela Ordem 3.ª do Carmo.

A 9 do mesmo mez chamou a attenção do Governo para um objecto de summa importancia e pode dizer-se que com esse officio promoveu a salvação de um monumento litterario nacional.

É geralmente sabido que o sabio botânico brazileiro fr. José Mariano da Conceição Velloso deixou manuscrita a sua *Flora Fluminensis*, — verdadeiro prodigio de saber e de paciente trabalho, si attendermos á epocha em que foi escripta e ao meio obscuro e aterrorado, em que o seu auctor a-compôz.

Sabe-se egualmente que D. fr. Antonio de Arrabida, bispo de Anagnina, 1.º bibliothecario da nossa Bibliotheca, promoveu

em 1825 a publicação do texto d'essa obra, que ficou incompleto (ignora-se por que razão), e a impressão das estampas em Paris, que veio a ultimar-se com dispendio avultado.

Pois bem. Tudo isso jazia desde aquella epocha no mais condemnavel esquecimento, e parte dos exemplares em folha apodrecia nos armazens humidos e destruidores da Secretaria da Justiça.

Fr. Camillo com a perspicacia e o zelo que o caracterizavam, ponderou que semelhante estado de cousas não podia continuar; propoz-se a rever e completar os exemplares, a distribui-los pelas bibliothecas e museus mais afamados da Europa, e a solicitar d'aquelles governos estrangeiros a troca por obras de vulto alli publicadas, e que pudessem enriquecer a nossa collecção de livros.

Ainda bem que seus votos encontraram d'esta vez acolhimento. A 16 de Junho respondeu-lhe o governo, autorizando-o a offerrecer a obra aos agentes diplomaticos estrangeiros residentes na Corte e a pedir-lhes a referida permuta.

Essa distribuição fê-la o bibliothecario com o maior criterio, e ella valeu-nos a remessa de obras de grande valor, por parte dos governos da Belgica, Italia, Portugal, Prussia, Austria, França e Inglaterra. Entre outras podemos citar as seguintes:

Memorias da Academia de Sciencias de Turim;

Historia metallica da Casa de Saboia por Napione;

Historia e descripção da Abbadia de Alacomha por Cibrario;

Obras completas de Frederico o Grande (edição de R. Decker, 1840—57, 34 vols. in-4.º max.)

Mas o melhor do serviço não consistiu em semelhantes dadivas, sinão na divulgação da grande obra do nosso conterraneo Velloso, pela qual anhelavam os sabios especialistas do velho mundo. Ella foi provar-lhes que muitas especies vegetaes, descriptas como novas por botanicos europeus, de facto o não

eram, pois que o illustre franciscano brazileiro já as descrevêra e desenhára em sua obra desde o principio do seculo.

De 60 exemplares da *Flora*, que fr. Camillo ainda pôde salvar, restavam talvez 6 ou poucos mais, quando terminou a sua administração: os outros foram quasi todos remetidos a bom destino, e alguns ao nosso Governo deu a particulares com aquella mesma indiscreta liberalidade, que tem presidido á distribuição da preciosissima *Flora Brasiliensis* (?) de Martins.

A 23 de Julho propoz ao Ministerio do Imperio estipular contracto com a casa Didot da Côte para effectuar a compra dos livros, de que carecesse a Bibliotheca.

Era este um objecto digno de chamar a attenção de um bibliothecario zeloso, á vista dos preços exaggerados por que se vendem os livros no nosso mercado. E' certo que dadas certas circumstancias de urgencia, se é as vezes obrigado a procurar nos livreiros do Rio de Janeiro algumas obras de valor, e então não ha outro remedio sinão subjeitar-se a Bibliotheca ás imposições do commercio; mas na grande maioria dos casos o fornecimento feito directamente na Europa por intermedio d'um agente resqunda em consideravel economia para os cofres publicos. Foi neste intuito que fr. Camillo celebrou a 26 de Agosto seguinte um contracto com a casa Didot irmãos, Belin, Leprieux & Morizot, — contracto que aliás veio pouco depois a ser rescindido por se não terem aquelles livreiros desempenhado perfeitamente do encargo.

A 4 de Novembro officiou ao Governo communicando-lhe que em cumprimento da ordem recebida fôra visitar a casa do antigo Recolhimento de N. S. do Parto, então occupada pelo

(?) A respeito desta obra é verdadeiramente condemnavel o que se ha feito. Ella tem sido dada de graça a indivíduos que absolutamente não cultivam a Botânica, e cuja eguarranda e inutilidade chega ao ponto de nem ao menos presentarem na Bibliotheca os novos fascículos, que se publicam depois da data do regio presente.

E' triste verdade, mas deve dizer-se para correctivo de quem torce um thesouro incalculavel.

A nossa vêz, e esta opinião, — extremamente liberalmente, o scrupulo do Governo na distribuição da *Flora* destruiu o projecto de estabelecer como compen a restituição dos exemplares á Bibliotheca, quando fôllessem os particulares, para cujos estudos fossem servidos. Seria o unico meio de ter em todo o tempo exemplares disponiveis para os especialistas do futuro.

Hospital da Ordem 3.^a do Carmo, para conhecer si o edificio seria proprio para nelle estabelecer provisoriamente a Bibliotheca, e que o achara insufficiente e incapaz de ser adaptado a similhante fim.

Na mesma data solicitou do ministerio que dêsse ordem nas provincias aos seus agentes, e nos paizes da America ás legações imperiaes, para enviarem informações sobre os periodicos, publicações officiaes e particulares impressas nas differentes partes do novo continente, e bem assim noticia dos documentos manuscriptos existentes nos archivós dos mesmos paizes, que pudessem interessar á nossa historia.

Este pedido era sem duvida de maior importancia, mas fr. Camillo teve de vêr mallogradas as suas esperanças, porque das provincias foi sempre diminutissimo o numero de publicações que lhe remetteram, e das nossas legações não obteve jámais uma só relação de manuscriptos, excepção feita de algumas noticias, que logo em começo lhe foram enviadas pelo conselheiro Silva Pontes, ministro brasileiro em Buenos Ayres.

É infelizmente um facto hoje reconhecido, que, salvo casos bastante raros, os nossos diplomatas se preocupam muito pouco com objectos d'esta natureza, por mais que elles importem ao desenvolvimento da nossa historia e ao engrandecimento da primeira bibliotheca do paiz. Datam de epocha mais recente os serviços prestados por alguns beneméritos, e entre os quaes figura na primeira linha o illustrado snr. dr. Salvador de Mendonça, consel. do Brazil em New-York; dos antigos talvez se possa apenas exceptuar o saudoso Varnhagen, que tinha a paixão historica, e que, aproveitando sua estada em Madrid e em outras capitães de Europa, de lá remetteu por vezes para o Instituto Historico e Geographico Brasileiro cópias de documentos preciosos.

Dos mais era inutil esperar qualquer enthusiasmo neste sentido. Fr. Camillo debalde appellou para elles; o mais significativo silencio foi a resposta que lhe deram.

Movido pelo mesmo intuito tentou pouco depois o illustrado

bibliothecario obter cópia de todas as inscrições existentes em monumentos publicos na Corte e nas provincias, e para esse fim dirigiu ao Governo o officio datado de 20 de Dezembro de 1855. Tambem quasi nada obteve neste particular: a epigraphia nacional ficou em projecto por falta de materiaes.

A 8 de Janeiro de 1856 propôz a idéa, que já tinha lembrado em um de seus Relatorios, de se-fazerem catalogos dos documentos manuscriptos existentes nos archivios das municipalidades e outros, que offerrecessem interesse historico ou administrativo, tirando-se de taes catalogos duas cópias: uma para o Archivo da respectiva provincia, e outro para a Bibliotheca Publica da Corte.

Foi porém pregar no deserto. Este brasileiro adoptivo amava mais do que nós mesmos a historia do Brazil. Si ligeiras e simples noticias lhe recusavam, si os proprios relatorios das presidencias lhe não eram remettidos, como conseguir da inercia e da indifferença dos nossos administradores que se dêssem ao *improbo* trabalho de mandar arrolar e descrever papéis velhos?

Nada d'isso se-fez.

Não ha pessimismo nestas considerações. Só quem não lidou ou não lidã em negocios publicos neste paiz ignora que somma de esforços herculeos e que dose de perseverança teutonica se-fazem indispensaveis para obter alguma coisa além da rotina e do expediente ordinario.

Está na lembrança de todos o que fez a Bibliotheca Nacional ha poucos annos, organizando e executando uma Exposição historica sem precedentes no paiz, e que por honra nossa, por dever de patriotismo, exigia o concurso de todos os bons brasileiros. Pois bem, aquillo que então se não revelou, dizê-mo-lo hoje para que sirva de instrucção a futuros historiadores: houve alta associação litteraria, d'onde se-fizeram retirar volumes preciosos (com grave abuso), para que não pudessemos examinar e classificar os documentos historicos que nelles se-continham, e cuja menção devia figurar no nosso

Catalogo; houve grande Bibliotheca, assás conhecida pela sua riqueza, d'onde não obtivemos sequer a nota de um manuscrito de valor, quanto mais a remessa de qualquer documento á Exposição.

Acreditaria alguém na mesquinhez de taes sentimentos, si não fôsse um facto realzado o que estamos referindo?

Pela mesma occasião, isto é, em 1881, dirigimos a todas as municipalidades do Imperio um questionario geographico, e, calculando já com as difficuldades que teriam em dar-lhe resposta, fizemo-lo acompanhar de um modelo completo, que sem duvida facilitaria este trabalho. Pois bem, de mais de 800 camaras municipaes que no Imperio existiam, apenas 128 acediram ao nosso appello; de algumas provincias nem uma linha de resposta nos remetteram, e d'estarte se-mallogrou em grande parte o utilissimo projecto, que haviamos formado de organizar na Bibliotheca Nacional um dicionario geographico do Brazil fundado nas informações authenticas e verídicas dos conhecedores das localidades.

Si isto se-deu ha apenas 4 annos, não é de extranhar que em 1856 houvesse fr. Camillo encontrado a gélida indifferença, a que alludimos. E todavia elle tivêra uma idéa feliz e patriótica. Não são poucos nem falhos de valor os documentos, que existem nos archivos das provincias, sobretudo no que respeita á historia local, e, si não é justo nem talvez conveniente recolhê-los todos á Bibliotheca Nacional ou ao Archivo Publico da Côrte, havia e ha grande vantagem em despertar a attenção dos administradores para esses papeis esquecidos e menos-prezados, em fazê-los examinar e catalogar regularmente, para que nada se-perca, e nada se-deteriore.

Que fr. Camillo tinha sobejá razão, provam-n'o os factos occorridos e os abusos inqualificaveis, a que a incuria deu lugar: dos archivos da provincia da Bahia e até de repartições da Côrte foram distrahidos innumerous papeis officiaes, que pararam e ainda param em mãos de particulares camadores; uns com-

prou-os (!) já o Governo para salvar essas preciosas reliquias historicas; outros deve elle a todo o custo adquirir, não consentindo jamais que se-apartem do Brazil documentos, que são nossos e que nos-interessam vivamente.

Um dos trabalhos que, como já vimos, mais despertaram desde logo a attenção do digno bibliothecario, foi a redacção de bons catalogos. De facto é este o primeiro dever do officio, nem se-pode conceber Bibliotheca sem essa fonte de luz e sem esse fio director, que o publico estudioso reclama com razão.

Maus catalogos fazem de uma riquissima collecção de livros um thesouro imprestavel; bons duplicam o valor de uma bibliotheca ás vezes mediocre.

Examinando pois fr. Camillo o que nesse particular existia, e convencido de que era forçoso reforma-lo quasi totalmente, projectou a organização de um completo catalogo systematico, acompanhado de uma synopse para revelar o methodo adoptado, e de varios indices:

- 1.º indice alphabetico dos auctores;
- 2.º " " dos anonymos e pseudonymos;
- 3.º " " das obras impressas na America;
- 4.º " " dos manuscriptos e livros com anotações manuscriptas;
- 5.º " " dos retratos historicos.

Quando esta tarefa estivesse concluida, passar-se-hia a relacionar as estampas soltas, far-se-hia depois um inventario representativo da disposição material das collecções, e por fim coroar-se-hia esta obra com o catalogo especial das curiosidades bibliographicas.

Tudo isto consta do seu excellento Relatório de 31 de Janeiro de 1854.

Si a realização dos melhores intuitos correspondesse sempre á bondade d'elles, fr. Camillo teria deixado um bom catalogo

(*) Estes se acham felizmente a bom porto, na secção de manuscriptos da Bibliotheca Nacional, e nós nos desvaneçamos de Laver attribuido quanto possível para similhante realdade.

da Bibliotheca Publica, e bastaria este grande serviço para recomendar-lu á estima dos homens de letras. Certamente lhe não faltaram para isso nem a competencia nem os bons desejos; mas faltou-lhe o melhor, que foi da parte dos poderes publicos a comprehensão clara da importancia de similhante tarefa, o aprêço devido ás suas reclamações, o interesse real e effectivo pelos destinos da primeira bibliotheca da America do Sul.

Como poderia um só homem, desajudado, levar a cabo empreza de tanta magnitude?

Diz-se-lhe que a Bibliotheca tinha empregados: um ajudante de bibliothecario, dous officiaes, dous amanuenses, e jornalheiros. Mas é preciso que se-saiba que funcionarios eram, que habilitações tinham, e que auxilio podiam prestar em um trabalho d'esta natureza. A verdade é que, salvas poucas excepções, eram todos destituídos de habilitações classicas, e alguns d'elles verdadeiros illiteratos, que só por ironia da sorte se-achavam empregados em tractar de livros. Os poucos habéis e talvez competentes para trabalhos de certa ordem nada se demoravam na Bibliotheca, ou viviam no gôzo de quasi constantes licenças, e procuravam a todo o custo empregos bem remunerados em outras repartições, porque os da Bibliotheca não davam nem para garantir a mais modesta subsistencia.

Ora, com um pessoal de tal natureza era absolutamente impossivel intentar obra de grande vulto, e nem havia hypothese de fazer acquisição de homens mais habilitados, porque os ordenados eram ridiculos (*), e ninguem se-queria subjeitar a similhante posição precaria.

Bem o-via o intelligente bibliothecario, e suas reclamações ao Góvêrno foram constantes nesse particular: era mais que tudo urgente dotar a Bibliotheca d'um orçamento, que a-habilitasse a pagar seus serventuarios de maneira condigna.

(*) Cmoo Acramento historico, e para se-lazer justia á idea do que taes ordenados eram, veja nos heitos na oetter esta pagina do orçamento:

Os officiaes da Bibliotheca por ordem de 800000 rs. annuaes.

Os amanuenses por ordem de 200000 rs. "

Os jornalheiros por ordem de 15000 rs. por dia de serviço. "

Esses mais bem retribuidos os porteiros de decorações, e mais valla sem duvida ser ajudante de porteiros.

Mas os poderes públicos foram surdos por espaço de 17 annos á voz da razão, e o desanimo produzido no espirito de fr. Camillo por este procedimento foi tal, que em seus ultimos relatorios já não curava de externar o seu pensamento de modo diverso, — reproduzia textualmente as mesmas palavras todos os annos, quando chegava ao triste paragrapho da remuneração dos empregos.

Sim. É preciso que se diga toda a verdade, sem ambages nem reservas, para que não pezo esta pecha de desidia sobre quem a não merecem.

O illustrado benedictino representou, rogou, supplicou — e tudo foi um cansar-se de balde, porque os nossos administradores tinham questões electorales a resolver com preferencia, tinham interesses particulares a patrocinar, tinham politica d'aldeia a discutir, — só não tinham tempo nem coragem para reclamar da Assembléa um pouco de verba afim de melhorar a sorte da Bibliotheca Publica, cheia de quasi analphabetos.

Dir-se-ha que no longo periodo da administração de fr. Camillo passaram pela pasta do Ministerio do Imperio distinctos e consummados estadistas, homens do estôfo de Pedreira, marquez de Olinda e outros. Deante de taes reputações parecerá injusto assegurar-se que elles não tinham a comprehensão clara das necessidades da Bibliotheca Publica, e que por não n'as-conhectrem, como era de seu dever, ficou entregue esse estabelecimento a um marasmo sem remedio.

Mas entretanto assim foi, pôr mais inacreditavel que pareça.

Quer-se saber de um curioso episodio, occorrido no ministerio do sr. Luiz Pedreira do Couto Ferraz, depois senador do Imperio e visconde de Bom-Retiro?

A Bibliotheca Imperial de S. Petersburgo pedira ao nosso Governo um exemplar da *Flora Brasiliensis* e outro dos catalogos de todas as obras da Bibliotheca da Côrte. Ordenando o citado ministro do Imperio a fr. Camillo que satisfizesse o pedido, retorquiu este quanto á segunda parte que a Biblio-

theca não possuía catalogos impressos, e que por isso lhe-era impossivel dar cumprimento aos desejos da administração russa.

O que se-pensa que um homem tão intelligente e illustrado, como Pedreira, pudêra responder? — « Si não ha catalogo impresso, tractemos de publica-lo » —, ou então — « Si não ha bom catalogo, tractemos de organiza-lo, e informe de que meios carece para este trabalho »?

Pois nada d'isso. O illustre ministro expediu na data sempre memoravel de 25 de Agosto de 1854 o seguinte aviso, que deveria ser inscripto em characteres negros nos annaes da administração brasileira:

« Em solução ao sen officio... tenho de declarar-lhe que deve remetter a esta Secretaria de Estado uma cópia autentica do respectivo catalogo. »

Posa de parte a impertinencia ridicula dos termos, já se-viu mais rematada ineptia do que exigir a cópia de 70 volumes in-fol., que tantos compunham o catalogo da Bibliotheca, pura e simplesmente pelo capricho (famos dizer infantil), de vêr cumprido um *ukase* ministerial?

O que é que isto demonstra sinão que o ministro desconhecêa completamente a Bibliotheca Publica, suas riquezas, sua organização, os seus catalogos? E como podia ser o arbitro supremo dos destinos de uma repartição que dava semelhante prova de supina ignorancia?

Pois não parou ali. Tendo sr. Camillo ponderado com a maior delicadeza e com evangelica mansuetude, que tal cópia era impracticavel, e havendo externado as razões de sua recusa, retorquiu-lhe o ministro por aviso de 12 de Setembro que *pedisse as mãos para fazer a cópia monumental*.

O digou e prudente bibliothecario viu bem que deante de tanto absurdo o melhor seria contemporizar, esperando do tempo, que a febre auctoritaria passasse do periodo agudo. Expôndo ao ministro do que precisaria, só para o trabalho material, e ponderando-lhe sempre o mais uma vez quão difficil

e improficuo era obedecer-lhe, declaron que todavia já encetára a tarefa.

A 4 de Outubro irrompeu enfim um terceiro aviso, que devia fechar com chave de ouro este curiosissimo incidente, nos seguintes termos:

« À vista do que V. M.^a expõe... *tenho resolvido* que se suspenda qualquer trabalho, a que para tal fim se tenha dado começo, até que se possa organizar um catalogo regular, sendo mudada a Bibliotheca para o edificio em que deva ficar permanentemente. »

Si esta correspondencia não estivesse archivada nos registos da repartição, nós difficilmente o-acreditariamos, apesar de saber quanto são pouco conhecedores dos variados negocios de suas pastas ministros, que aliás se-recommendam pela actividade, pelo talento e às vezes por grande sciencia em certo e determinado ramo de estudos.

Excusado é dizer que a cerebrina cópia dos 70 volumes in-fol. ficou para as calendas gregas, apesar da declaração do ultimo aviso. É certo que este simplesmente a-adiára para epocha mais opportuna, mas ninguem ignora o que tacs palavras significam: é que entre nós se-tem assentado a doutrina de que o Governo é infalivel, por mais absurdos que profira, e pois, não querendo confessar o seu erro, procurou o ministro uma tangente, e por ella se-evadiu. Habilmente é que não foi; cortezmente tão pouco.

Arrazoemos porém sobre o triste caso. Com tacs administradores o que é que fr. Camillo podia conseguir para a almejada reforma da Bibliotheca? Como organizar catalogo scientifico de 80.000 volumes preciosos sem pessoal idoneo, — obter pessoal idoneo sem alteração do orçamento, — e obter orçamento quando os ministros eram os que menos sabiam o que vem a ser um catalogo de bibliotheca?

Nada pois lhe-deram em 17 annos, e tal foi a razão porque o melhor de seus projectos ficou sempre na expectativa de dias mais felizes.

Por outro lado a impressão, que necessariamente esta differença foi produzindo no espirito de Fr. Camillo acabou por incutir-lhe a descrença, e, comprehendendo elle que não podia « ser juiz com taes mordomos », recolheu-se ao silencio do gabinete, certo de que não realizaria nenhum dos seus bellos sonhos de bibliothecario.

Accresce que não lhe-faltaram outros desgostos no exercicio d'estas funcções.

De uma vez extrahon-lhe o marquez de Olinda a despesa de 105000 rs. feita com tilburys em 9 mezes, e isso quando se tractava de agenciar a mudança da Bibliotheca para o novo edificio. A tal censura ridicula e impertinente respondeu (*) o honestissimo bibliothecario com uma moderação, que deveras admiramos.

De outra — reprehendeu-o (†) o ministro por não haver podido permissão prévia para mandar enquadernar brochuras.

Por mais de uma vez lhe-foi egualmente observado que requisitasse auctorização especial para cada compra de livros.

Taes arregaços de auctoridade, e estas tentativas de centralização esmagadora peavam-no e affligiam-no, como é facil de conjecturar. Pois si o director da Bibliotheca não tinha competencia para estes misteres, os mais comusinhos e ordinarios de sua repartição; si a cada momento lhe-era indispensavel solicitar o beneplacito do ministro, — que papel lhe ficava reservado? O de sacudir o pó dos incunabulos?

Esta mania centralizadora dos nossos governos é a mais detestavel praga que se possa imaginar na administração brasileira. Arrogam-se as Secretarias e os governos o supremo direito de intervenção immediata em assumptos que não conhecem, e decidem do alto de suas cadeiras quanto occorre ao capricho. Não lhes-hasta a ingerencia quasi exclusiva na escolha do pessoal, — o que já é grande excesso de auctoridade; nas menores particularidades da administração pretendem intervir,

(*) Por Officio de 4 de Agosto de 1857.

(†) Por Aviso de 11 de Abril de 1859.

as mais das vezes com descortezia, quasi sempre com desgosto dos chefes de repartição, mas sempre com uma tendencia absorvente, que, tollendo a iniciativa e a liberdade dos mesmos chefes, acaba por deixa-los quasi sem meios de acção e reduzidos ao papel secundario de rubricadores de contas.

Não é esta de certo a norma do bom governo. Quando um bibliothecario é nomeado, presume-se que merere a confiança do ministro; pois dá-se-lhe liberdade de acção e prestigio, enquanto elle se-mostrar digno da posição que occupa. Faça as aquisições que entender, mande enquadrernar quando e onde quizer, corresponda se com quem julgar conveniente e necessario, dirija a seu talante os serviços internos do estabelecimento, aceite dadiyas, permuto, agradeça, faça tudo quanto couber dentro dos limites da lei e do orçamento para o bem da repartição e do publico estúdioso. Que têm as Secretarias e os ministros que vêr com similhantes minucias, desde que está em suas mãos remover o funcionario que exorbita, ou por qualquer motivo desmerece de sua confiança? Que pretensão estulta é essa de fazer sentir a cada momento o peso da auctoridade, decidindo de questões especiaes, que só competem aos seus delegados?

Foi essa centralização esmagadora um dos característicos do periodo administrativo, que atravessou fr. Camillo de Monserrato na Bibliotheca Pública, e foi ella incontestavelmente um dos maiores obices oppostos ao progresso da bella instituição.

Impuzeram-lhe invariavelmente a mais rigorosa tutela, e elle não teve em 17 annos liberdade de comprar um livro, de assignar uma revista estrangeira, de enquadrernar uma brochura, de dar nome ás proprias salas da Bibliotheca, e o que mais é, de aceitar um presente offerecido por quem quer que fôsse á sua repartição, sem pedir o beneplacito á Secretaria de Estado — verdadeira tutora d'este infante debil e doentio. A consequencia foi a que vemos todos os dias na ordem physica: fizeram a criança trôpega, anemica e marasmatica, que nós en-

contramos em 1870, quando substituímos o illustradissimo e zeloso sr. Canillo.

Quer-se ainda a prova *à posteriori*? Da-la hemos, por muito embaraçoso que nos-seja alludir aos proprios serviços.

Fomos nomeado para a direcção da Bibliotheca por um ministro filiado a outra eschola, e que desde os primeiros dias nos-honrou com a sua confiança. Pois bem, não tendo a competencia excepcional do sabio benedictino, nem zêlo maior pela causa publica, podemos dizer sem desvanecimento nem vaidade que ao cabo de 12 annos transformámos a criança trôpega e lymphatica em um adolescente vigoroso, sanguineo e capaz de um grande futuro.

Animados pela confiança do Governo, propuzemos-lhe as reformas necessarias; e ellas não tardaram. Quintuplicou-se a verba do orçamento; graças a este grande passo, chamou-se pessoal idoneo para a organização dos novos catalogos; encetaram-se estes do modo mais regular, e coroou-se a obra com a reforma geral da Bibliotheca feita em 1876, que veio com todos os seus fructos levantar a instituição e acredita-la aos olhos do publico.

Tudo isso partiu da esclarecida norma de governo do sñr. conselheiro João Alfredo Correia d'Oliveira, um ministro benemerito e de raros dotes administrativos, a quem não regatearemos jamais os elogios e agradecimentos, a que fez jus. Sem a confiança que depositou no bibliothecario, sem o criterioso systema de ouvir as reclamações dos mais competentes, sem aquelle desprendimento da velha eschola auctoritaria e centralizadôra, — o grande passo não se-teria dado, e a Bibliotheca continuaria a arrastar a vida ingloria dos seus primeiros 50 annos.

Quanto ao deploravel processo de solicitar auctorização para tudo, — puzemo-lo á margem, e o digno ministro, comprehendendo que tinhamos razão, foi prompto em dispensar-nos d'aquella especie de *prævia censura*, que asphyxiava as idéas no

nascidouro, e atára as mãos de tantos bibliothecarios prestimosos pelo talento e pelo patriotismo.

-Dada ao chefe a conveniente liberdade de acção, vieram todos os melhoramentos conhecidos nos varios ramos do serviço.

E' pois d'estarte que se-governa: o regimen da desconfiança atrophia as faculdades. O ministro não deixa de ser o director supremo dos serviços de sua pasta, por alhear de si attribuições minimas e compartir a responsabilidade com seus delegados.

Haja escrupulosa solicitude na escolha d'estes, rodêem-n'os de prestigio, e o patriotismo de cada um fará o resto.

Tempo é porém de sustar o curso d'estas ponderações, a que nos-levou a lembrança de saudosos tempos gravados no fundo do coração como a epocha mais feliz da vida.

Voltemos ao illustre fr. Camillo de Monserrate, de cuja memoria cremos haver varrido a pecha de desídiioso e omisso no cumprimento do dever.

Um grande serviço conseguiu elle prestar á Bibliotheca Publica, e tão grande, que mal podemos crêr se-houvesse realizado sem a intervenção valiosa de quem vêla ha perto de meio seculo pelo progresso das instituições litterarias do nosso paiz. Referimo-nos á transladação da Bibliotheca para o edificio, em que ainda hoje se-acha.

Em virtude das constantes reclamações do bibliothecario para tirar a repartição do local acanhado e improprio, em que funcçãoava na rua do Carmo, fizeram-se princieiro algumas tentativas sem fructo.

Já vîmos que se-pensára no edificio do Recolhimento de N. S. do Parto, e que fr. Camillo dêra informação contraria a esse respeito. Lembrou-se depois o Governo do Quartel de Bragança, que se-estava reedificando em 1854, mas tambem não foi julgado adequado ao fim proposto.

Houve em seguida idéa de fr. Camillo de passar-se para o bello e grande predio construido segundo planos do famoso

Grandjean de Montigny na rua do Passeio canto da rua das Marrecas, e nesse sentido officiou ao ministro.

Finalmente offereceu-se a boa oportunidade do edificio do Largo da Lapa n.º 46 (hoje 48) pertencente a João Pereira da Rocha Vianna, situado em frente ao Passeio Publico, com vastas accommodações, de construção sólida e certa belleza architectonica no interior.

Conseguiu-se a aquisição do predio, e a 20 de Fevereiro de 1855 foram entregues as chaves ao bibliothecario, o qual tractou *in continenti* de proceder ás modificações internás indispensaveis, á promptificação das estantes e grandes mezas, &c.

Como é de estylo entre nós, todos estes trabalhos se prolongaram extraordinariamente, graças ao systema de mandar fazer obras por partes, e á irresolução de despende de uma vez e bem tudo quanto se-faz mister.

Emfim, decorridos quasi 3 annos de canseira e de fiscalização de obras, cheios de officios, de propostas, de orçamentos, de reclamações e de enfados de todo o genero, ponde ff. Camillo transferir os thesouros da Bibliotheca Publica para o seu novo edificio, — tarefa delicadissima e difficil, de que se elle desempenhou com excellente ordem e notavel economia.

Abriu-se ao publico a repartição no dia 5 de Agosto de 1858, e esta data symboliza o mais relevante serviço de sua administração. Não era o que elle tinha sonhado, nem ainda naquella occasião havia o Governo accedido a todas as suas propostas; por exemplo não se-eucanára o gaz de illuminação; não se-comprára o terreno da rua das Mangutiras (hoje Visconde de Maranguape) annexo ao jardim da Bibliotheca, nem a modesta casa destinada á residencia do guarda; não se-haviam feito as obras de arame propostas por elle para as portas dos armarios, &c. &c.

Um grande numero de melhoramentos se-deixou de fazer, por falzarem vistas largas e verdadeiro talento administrativo a quem auctorizava as despesas.

Em rigor não era aquillo o que se-devéra ter feito; muito

mêlhor fôra iniciar nesse tempo a construcção de um edificio apropriado ao seu destino especial, occupando terrenos então baldios ou procedendo a desapropriações outrora menos custosas. Com uma verba annual decretada no orçamento para as obras respectivas, ter-se-hia em 5, ou quando muito em 10 annos, erguido um monumento publico para atravessar os seculos, dando ás leturas o palacio que ellas ainda hoje reclamam. Além de todas as outras vantagens facéis de imaginar, houvera o Governo poupado despesas, que mais tarde foi coagido a fazer, quando a Bibliotheca cresceu, e não estaria hoje esta importantissima repartição sem espaço para accommodação de livros, e quasi condemnada a guardar dentro de caixões os preciosos volumes, que por milhares se-aggregam cada anno ás aquisições anteriores.

Como sair actualmente da grande difficuldade sinão fazendo o que se não fez ha 30 annos passados?

Havemos de amontoar livros sobre livros, com grave risco da conservação d'elles, e prejuizo da ordem indispensavel, e até da decencia? A secção de manuscriptos, onde já não cabem os papeis preciosos, ha de desfallecer de asphyxia, e a riquissima e interessante secção de estampas não terá mais um metro quadrado para guardar cuidadosamente os seus thesouros artisticos, que valem centenas de contos de réis?

Ter-se-há de despedir o publico estudioso por não caber na sala impropria e atanhada, onde já se-acotovella em algumas noites de frequencia mais consideravel?

E' portanto forçoso tomar agora a heroica resolução de executar um bom plano, e levantar edificio novo e idoneo. Porque então se não fez em 1855 com menor dispendio?

Mas em summa fez-se alguma coisa, e essa victoria não foi pequena: o ministro do Imperio que realizou a compra do novo predio, si não merece hosanias, fez jus todavia á nossa gratidão pelo acto corajoso de applicar algumas parcelas do orçamento á nobre causa da Bibliotheca Publica.

Pena foi sómente que não completasse a obra; deu casa.

asseiada ao enfermo, mas não curou das lesões internas que lhe minavam a existencia. De 1853 em diante a verba destinada ás despesas da repartição ficou sendo a mesma, os illitteratos lá ficaram, o novo catalogo sempre impossivel de fazer-se, as acquisições quasi nullas, — e no meio de tudo isso o espirito lucido e entusiasta de fr. Camillo de Monserrate a doar-se da improficuidade de seus esforços, como um archeologo consummado, que tivesse os pés sobre as ruínas de uma acropole sem auxiliares para cavar a terra nem instrumentos para descobrir os monumentos ambicionados.

Durante sua administração, as acquisições mais valiosas foram: as obras recebidas de Europa em permuta pela *Flora* de Velloso; — os preciosos 42 vols. manuscriptos com 208 estampas coloridas relativos á botanica e zoologia brasileiras, legado do dr. Antonio Corrêa de Lacerda, que entrou em Julho de 1853; — e pouco depois, em fins do mesmo anno, a famosa collecção Angelis composta de 2785 vols. impressos e 1291 documentos e mappas manuscriptos, dos quaes ainda 120 vols. se retiraram para o Instituto Historico e Geographico.

Além d'isto só alguns poucos livros comprados cada anno, e isso mesmo enquanto não rebentou a guerra do Paraguay, porque de 1865 em diante advertiu-lhe sempre o Govêrno que, em virtude das circumstancias criticas do Estado, limitasse as despezas da Bibliotheca ao estricitamente indispensavel.

Um dos bons melhoramentos introduzidos por fr. Camillo desde o principio fôra a assignatura de um certo numero de excellentes revistas estrangeiras; estas por merecê mui particular escaparam sempre do alfango barbaro, — mas ainda assim, cumpre dizê-lo, houve um ministro, o conselheiro José Joaquim Fernandes Torres, que por aviso de 25 de Novembro de 1867 mandou perguntar ao bibliothecario, si aquelles periodicos *não eram dispensaveis*. Causava-lhe provavelmente grande perda no orçamento esse avultado dispendio annual de 600\$000 rs., e sonhou prestar um relevante serviço á patria cortando-o.

É força confêssar que, si não foram as exigencias da his-

teria implacavel, ha factos na administração do nosso paiz, que por honra propria deveramos calar.

Esta pergunta inepta pertence sem duvida ao numero d'elles; forremo-nos ao trabalho de commenta-la, e fique archivado que só a insistencia do sabio bibliothecario conseguiu salvar esta victima do sacrificio.

Todas as mais caíram sob o cutello de economias mal entendidas.

D'esta sorte não foi possível remediar a pobreza da Bibliotheca em livros especialmente relativos ao Brazil e á America, nem formar a collecção de obras sobre linguas indigenas, para a qual chamou fr. Camillo a attenção do Govêrno nos seguintes termos, que lhe-fazem muita honra :

« Não duvidarei insistir com empenho sobre a utilidade de reunir quanto
 » antes os materiaes, os quaes vão cada dia desaparecendo, de um estudo
 » que parece reservado por privilegio á mocidade brasileira, e que honraria
 » muito a quem dedicando-se a elle servisse ao paiz e á sciencia. Acrescen-
 » tarei que tais elementos não constam somente das obras relativas aos Indios
 » do Brazil e da America em geral: todos os problemas que se referem aos
 » habitantes indigenas do Novo-Continente, antes e depois da sua descoberta
 » pelos Europeus, exigindo a analyse comparada das diversas linguas ame-
 » ricanas e a pueria fusão dos vocabularios d'ellas. »

Pela mesma razão não se-formou a collecção heraldica de brazões, não se-colligiram moedas nem medalhas, não se-colheram noticias sobre os retratos originaes de personagens historicos brasileiros, não se-mandou copiar em Portugal e Hispanha os documentos manuscritos relativos á historia nacional, — apesar de haverem sido lembrados todos estes assumptos pelo illustre bibliothecario.

E note-se que nesta enumeração de melhoramentos limitamo-nos aos de mais facil realização, porque de outros quasi inutil-seria fallar, si não tivessemos o dever de demonstrar a cultura de espirito, o zelo e o enthusiasmo de fr. Camillo.

O que dizer do seu projecto de aggregar á Bibliotheca uma typographia especial, officina de enquadernação, e cursos

publicos de paleographia, archeologia, de ethnographia e philologia americana? Estes foram verdadeiros sonhos, que quasi nem passaram da pasta de suas notas particulares. Offerecê-los á approvação dos nossos ministros equivalia talvez a solicitar o diploma de vesano.

E todavia, algumas d'estas idéas, visivelmente bebidas no conhecimento dos grandes estabelecimentos congêneros da velha Europa, não só revelavam um espirito adeantado como consultariam, executadas, reais necessidades do paiz e da Bibliotheca.

Não estamos de accôrdo, nem quanto á typographia, nem quanto a todos os cursos indicados.

As impressões feitas pela repartição limitam-se ainda hoje quasi exclusivamente aos *Annaes*, e poderiam abranger quando muito o grande Catalogo systematico, dado que se descobra vantagem em imprimi-lo. Mas para aquelles deve bastar a Imprensa Nacional, que conviria organizar-se de modo a satisfazer a todas as exigências; e quanto ao *Catalogo* geral confessamos que é puncto assás duvidoso a vantagem de sua impressão.

A quem não conhece o regimen e a vida intima d'estes estabelecimentos parece clara e obvia a utilidade da publicação do Catalogo geral. Assim seria de facto, si as riquezas da Bibliotheca Nacional permanecessem estacionarias, sem o accrescimento progressivo que todos os annos experimentam; mas a veridade é que a impressão de um grande Catalogo de 140.000 volumes levaria pelo menos 3 annos a fazer-se, com a exacção rigorosa que taes obras reclamam. Ora, neste periodo a Bibliotheca adquiriria pelo menos 10.000 volumes; logo, ao findar a publicação de tão custoso trabalho, elle estaria forçosa e irremediavelmente incompleto, e incompleto exactamente na parte relativa aos livros modernos, que são sempre os mais procurados, e os de mais assídua consulta em um paiz como o nosso, onde os estudos classicos são raros, e as investigações eruditas rariísimas.

De que serviria pois um Catalogo incompleto? A comissão

de uma obra importante nas suas paginas nada adeantaria ao leitor estudioso, porque no momento daquelle essa obra poderia já existir nas estantes da Bibliotheca.

A resposta habitual, que se-offerece a esta objecção, é que os supplementos publicados annualmente terão sempre o publico em dia com os accrescentamentos. Mas já se ponderou acaso o gravissimo inconveniente d'esta multidão de supplementos, a difficultarem e embarçarem a procura?

Nem se diga que ao cabo de alguns annos os supplementos podem e devem ser fundidos no corpo do Catalogo; isso importa uma reimpressão, e a reimpressão de um trabalho d'estes é dispendiosissima.

Acreditamos pois, que os recursos applicaveis a este fim serão sempre mais bem empregados em enriquecer as collecções e na publicação de manuscriptos preciosos.

O catalogo geral impresso é para nós um luxo mal cabido, quando tantas outras necessidades reclamam dinheiro; o Museu Britannico começou-o, mas parou ha muitos annos na letra A; as Bibliothecas Nacionais e Reaes de Paris, Berlim e Vienna nem sequer o-emprehenderam, e o mesmo se-dá quanto ás de Bruxellas, Haya e Lisboa, á Magliabecchiana de Florença, á Ambrosiana de Milão, &c. &c., e aliás sabemos que algumas d'estas instituições são dotadas principescamente nas leis do orçamento.

A conclusão a que pretendemos chegar é que a necessidade de similhante impressão não existe, e que a officina typographica annexa á Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro teria portanto pouca razão de ser.

Da mesma forma pensamos quanto ás cadeiras de paleographia, e archeologia. Estes estudos são de certo curiosissimos e têm seu lugar em França, onde os archivos regorgitam de velhos documentos, e os muscus são riquissimos de antiguidades de toda a sorte. Mas no Brazil, um paiz novo que não tem 400 annos de existência, que justificativa teriam taes creações?

Os nossos thesouros palaeographicos resumem-se em meia duzia de manuscriptos illuminados, quasi todos posteriores ao seculo XIV, existentes na Bibliotheca Nacional, e em algumas Bullas escriptas em character antigo que se acham no Archivo Publico. Tudo o mais é relativamente moderno, e dispensa o auxilio de Sylvestre, e de Wailly para ser convenientemente interpretado.

O mesmo succede quanto ás poucas riquezas archeologicas, que possui o Museu Nacional. O que alli existe actualmente em grande cópia, graças aos desvellos do illustrado director, dr. Ladislaw Netto, são monumentos de archeologia americana prehistorica, e tal estudo sem dvida se-deve animar; mas a Bibliotheca não é o lugar mais apropriado para isso. Compete aos professores do Museu discutir o valor dos cimelios, que possuem.

Si algum curso publico se-devesse annexar á nossa Bibliotheca Nacional, pensamos que o melhor seria o de linguística americana, e este pensamento passou-nos mais de uma vez pela lembrança quando, na qualidade de bibliothecario, tivemos a fortuna de cultivar a amizade do saudoso dr. Baptista Caetano de Almeida Nogueira, — o nosso primeiro especialista neste genero. É provavel até que, si motivos conhecidos nos não houvessem arredado d'aquelle posto em 1882, e si ainda vivesse o sabio americanista a quem nos-referimos, é provavel, digo, que tivéssemos recorrido á sua grande competencia para pôr por obra esta idéa, que nos parece util e feliz.

O estudo das linguas americanas é um factor importante nas graves questões linguisticas, e foi até hoje descurado officialmente entre nós, quando é claro que ninguem tinha mais dever nem maiores facilidades para o-emprender. Fr. Camillo presentiu com seu grande talento esta verdade, e a-revelou não só em relatorios como em um trabalho critico, de que adiante fallaremos; mas nem sequer teve meios de augmentar a collecção de livros relativos á lingua guarany da Bibliotheca Publica, como já vimos.

Durante a nossa direcção (1870—1882) tomaram algum impulso estes estudos na Bibliotheca, mediante o auxilio que nos prestaram o mesmo dr. Baptista Caetano e o sñr. Alfredo do Valle Cabral — distincto chefe actual da secção de manuscritos; enriqueceram-se as collecções com livros raros, comprados alguns a pzo de ouro, e publicaram-se nos *Annaes* trabalhos de valor, que os entendidos estimam.

Mas ha ainda por fazer muita coisa, e uma d'ellas é crear o curso publico para formar discipulos e desenvolver o gôsto pela linguistica americana, — estudo que, alem do seu alto valor scientifico e abstracto, teria o inapreciavel merecimento de auxiliar a catechese até hoje imperfecta e mal dirigida dos nossos aborigenes.

Ao actual bibliothecario, tão intelligente quão zeloso funcionario, não fallecerá de certo a vontade de prestar mais este bom serviço ás lettras e ao paiz; assim tenha elle a enxaça de encontrar um especialista cultor do abanheenga, tão dedicado a ésta causa como o saudoso amigo, que deveria auxiliarnos, si vivesse.

Quanto á officina de enquadernação, estamos de perfeito accordo com fr. Camillo; ella mais cedo ou mais tarde deverá montar-se como um annexo á Bibliotheca; si é certo que exige espaço, e que virá augmentar os não poucos trabalhos da direcção geral do estabelecimento, terá por outro lado grandes vantagens, e de todas a principal é proporcionar a fiscalização immediata da enquadernação de livros raros e de volumes por qualquer titulo preciosos, sem que estes corram o risco de perder se, saindo de casa.

Ninguém ignora hoje que ha livros e papeis inestimaveis na Bibliotheca Nacional: exemplares unicos, obras rarissimas, manuscritos de insigne valor historico. Como deixar sair esses volumes insubstituiveis para uma officina extranha, onde um simples descuido pôde dar logar a extravios sem remedio?

Durante a nossa administração occorreu um facto d'esta ordem,

Havíamos tido a singular fortuna de adquirir para a Bibliotheca um exemplar da famosa edição *princeps* da *Marília de Dirceu* impressa em Lisboa, 1792,—livro de existência tão problemática e discutida. Cheios de prazer, d'esse grande prazer que só o bibliographo conhece, e desejando reparar os estragos que o tempo e o abandono haviam causado ao precioso livrinho, mandamo-lo fóra para reíazer a enquadernação.

Em má hora tivemos semelhante idéa; d'entre centenas de volumes confiados ao mesmo artista, foi aquelle o unico que se perdeu, deixando-nos em uma desolação bem fácil de imaginar-se. Baldados foram todos os esforços para encontrar a perola perdida; puniu-se o delinquente com severidade, procurou-se por toda a parte o fugitivo, — mas em vão: o raríssimo exemplar não voltou para a Bibliotheca Nacional, e ainda até hoje se não pôde substituir a lacuna.

Ha poucos desgostos na vida intima de uma Bibliotheca, que se comparta a isto. Pois bem, a officina de enquadernação *intra-muros* destina-se a evitar que taes factos se dêem, e por isso estamos certos de que, quando os recursos e o local o permittirem, este melhoramento se fará. Fr. Camillo pensava bem aponctando-o como uma medida vantajosa e necessaria.

IX.

(1853—1870).

Ainda o bibliothecario e o sapio.

«... eruditissimus viri huncce mense. n.
(*Tac. Agric. vita*, VIII.)

«El récolta la science en véritable et infu-
igible chérisse. n. (Balthaz.)

As delicadas funcções de um bibliothecario não se limitam a ordenar e classificar os thesauros confiados á sua guarda. Mais do que tudo é elle o auxiliar diligente dos estudiosos, o guia natural dos que fazem investigações de qualquer natureza,

o catalogo vivo em somma, que esclarece e aplaná o caminho dos homens de letras.

Nesta parte de suas obrigações não carece de animações do Governo, não precisa de verbas, e pouco se-lhe dá que os ministros comprehendam ou não as elevadas attribuições de uma bibliotheca publica. Por isso tambem neste particular fr. Camillo foi um bibliothecario inexcedível e um verdadeiro modelo a imitar-se.

Não se-lhe-approximava um homem estadioso, que não colhesse fructos de semelhante consulta.

Tinha por habito ler cuidadosamente todas as gazettas noticiosas, litterarias e scientificas que a Bibliotheca recebia, e invariavelmente annotava em citavos de papel quanto lhe parecia mais importante sobre todas as questões controversas ou debatidas no nosso tempo. Collido um certo numero de notas, classificava-as em acto successivo, e tinha á mão em seu gabinete de trabalho esta especie de catalogo volante e subsidiario, que veio no fim de alguns annos a tomar proporções consideraveis.

Quem alli entrava era recebido a qualquer hora com a maior urbanidade que imaginar-se pôde; fr. Camillo era um completissimo cavalheiro, suas maneiras distinctas jamais nunca se-desmentiam, nem mesmo nos dias (e era quasi sempre) em que a asthma o-flagellava desapiadadamente.

Quantas vezes penetrei naquello gabinete do sabio benedictino, tantas sahi mais admirador do seu grande talento, e mais captivo de sua gentileza.

Trabalhava elle no ultimo aposento da ala esquerda do edificio, ainda hoje residencia dos bibliothecarios.

Alguns moveis atopetados de gazettas e de livros; nas paredes os bustos de Franklin, Milton, Shakspeare, além de um ou outro objecto artistico de bom gosto, e em face da grande janella uma mesa alta coberta de papeis, onde fr. Camillo escrevia de pé; eis quanto havia. Grande modestia em tudo que

o-rodeava, mas insignes thesouros de saber e de coração na alma do sabio anachoreta.

Recebia ao ministro de estado como ao estudante obscuro, e, pois que quasi sempre podia servi-los com suas luzes, nunca os-deixava sair sem haver prestado algum serviço litterario, alguma informação proveitosa, qualquer conselho bem avisado, algumas notas preciosas.

Em 1869 acabava eu de percorrer o livro de Herodoto, e duvidas me-haviam ficado no espirito quanto á genuina interpretação de algumas passagens do texto grego. Occorrendo-me procurar na Bibliotheca Publica alguma edição commentada do grande historiador para solver taes duvidas, foi então, que pela vez primeira o-vi n'aquelle estabelecimento. Posto que o livro desejado se-achasse inscripto no Catalogo, os empregados não sabiam achá-lo; consultavam a fr. Camillo, e este, vindo promptamente, foi chegando e, pondo a mão sobre o veneravel in-folio, m'o ministrou com summa gentileza.

Mais tarde procurei-o varias vezes, e sobretudo quando me-occupei da historia da Ordem Benedictina Brasileira não foram poucos os subsidios que elle ministrou-me, já facultando as notas do seu catalogo particular, já propondo-me a consulta de differentes obras, onde se-poderiam achar informações aproveitaveis.

Um pequeno incidente se-faz digno de menção. Ao visitar fr. Camillo pela primeira vez nesse mesmo anno de 1869, fallei-lhe casualmente da minha Tese inaugural defendida no anno anterior perante a Faculdade de Medicina da Corte. Qual não foi o meu espanto, sabendo que o illustre bibliothecario a lera havia pouco, e ouvindo-o repetir criteriosamente a theoria que eu alli sustentára sobre a acção physiologica e therapeutica de um medicamento!

Confesso que tudo esperaria, menos que similhante assumpto essencialmente clinico pudesse haver attrahido a attenção do sabio hellenista e archeologo. Este facto revelou-me o homem com toda a sua immensa sede de saber.

Como lia extraordinariamente, não lhe-passavam despercebidos nem ainda os lapsos, por vezes ridículos, dos nossos homens de letras. Citemos alguns factos:

Em uma das actas das sessões de 1860 de uma illustre associação litteraria do Rio de Janeiro veio publicada a seguinte noticia: « Mandaram de *Wissenschaften* as memorias da Academia de Vienna, que foram recebidas com especial agrado. » Fr. Canillo tomou nota da parvoice, e era digna d'isso.

No *Jornal do Commercio* de 15 e 17 de Outubro de 1864 appareceu uma elegante poesia latina dedicada pelo illustrado professor Augusto Milagres aos desposorios da serenissima princeza imperial D. Isabel, sob o titulo de *Ode Ithyphallica*. O insigne bibliothecario não ponde conter-se ante a impropriedade d'esta denominação infeliz, e publicou no *Jornal* de 18, sob o véo do anonymo, uma ligeira critica, na qual fazendo justiça ao poeta observava-lhe que, tacs especies de ode, allás desconhecidas na litteratura moderna, eram especialmente consagradas ao culto obsceno de Priapo, e recitadas nas orgias bacchicas por Satyros em dansas pouco reservadas, como o nome indica. (*)

O professor Milagres não demorou a resposta, e no dia 19 veio reconhecendo a justiça da observação do seu benevolo Aristarcho, sem poder todavia explicar por que combinação de acasos a cópia dos seus versos, que foi levada á typographia, teve o titulo trocado.

No mesmo anno de 1864 aventou-se no seio do Instituto dos Bacharcis em letras, então nascente, uma discussão animada e interessante sobre o merito de Colombo, o descobridor da America.

Era o auctor d'estas linhas ainda bem moço.

Acalorando-se o debate com a contradicta e a negação systematica de alguns argumentos apresentados em desfavor do celebre genovez, succedeu que ultrapassamos a raia, e qui-

(*) Existe entre os papeis de Fr. Canillo o original d'este pequeno artigo.

zemos provar de mais, sustentando que os descobrimentos dos Scandinavos no seculo X haviam servido para guiar a Colombo nesse memoravel commettimento de 1492. Era um erro semelhante these, estamos hoje convencidos.

Pois bem, a discussão dos jovens bachareis não passou despercebida ao sábio fr. Camillo, que lia regularmente as actas das nossas sessões publicadas no *Jornal do Commercio*. Achamos nota de todas ellas, e logo abaixo o seu juizo critico sobre o paradoxo, em que então gastamos tanta erudição bem digna de melhor causa; excusa dizer-se que não podia ser nos favoravel.

Como estes, muitos outros factos poderiam ser citados.

Naquelle silencioso gabinete de trabalho, que já descrevemos a largos traços, ninguém foi poder luz que não n'a-chasse. O illustre benedictino recebia por isso innumeras consultas de toda a parte, e longe de enfastiar-se com semelhante tarefa, parece que a-amava, tendo prazer ineffável em ser útil e agradável a quem quer que fôsse.

Em 1866 precisou o conselheiro Pedreira de uma empresa para a Exposição Nacional. Consultando o, recebeu sem demora 24 distichos, qual mais apropriado e feliz. Foi preferido o primeiro: « *Rurcus et ultra.* »

O Instituto dos Bachareis em letras pediu-lhe em 1867 a composição de um diploma com emblemas e epigraphic adequada. Não tardou a sua proposta, si é que não foi feita em acto sucessivo:

Emblemas: uma estrella radiada; cegonha e môcho; aos dous lados — os medallhões de Homero, Virgilio, Herodoto e Tacito, Plarão, Aristoteles, Aristarcho e Varrão. Epigraphic: « *Præteritis uli, acceptis tradere, atque, si dat Fortuna, perficere.* »

Um amigo, mais conhecedor de sciencia do que de letras, recebeu de Academia estrangeira um titulo de Doctor em Philosophia, e pretendeu agradecer em termos consoantes á gentileza da graça. Fr. Camillo acode pressuroso, e redige para elle um officio magistral, severo e a um tempo elegante.

P. Taunay, casado com a condessa de Escragnoles, commendára a Borel d'Hauterive, auctor do excellente *Annuaire de la noblesse*, uma noticia genealogica e heraldica sobre a familia Escragnoles, originaria dos arredores de Nice. Tendo d'Hauterive composto a noticia, attribuiu ao nome Escragnoles a derivação de *Castrum de Strangola*. Deu isto motivo a uma consulta do venerando Taunay ao seu bom amigo Camillo, e este com a rara aptidão critica, que lhe conhecemos, se deu pressa em emitir o seu parecer, expondo duvidas muito bem fundadas sobre a certeza de semelhante derivação pouco conforme com as leis da glottica.

Em 1858 o deputado dr. Villaboim procurou o sabio bibliothecario, e pediu-lhe uma indicação de artigos sobre o elemento servil e emancipação de escravos.

Era pedir agua á fonte mais abundante. A lista lhe-foi preparada sem demora.

O sñr. conselheiro Affonso Celso, quando ministro da marinha, precisou de exemplos de recrutamento de escravos entre os povos antigos e modernos, para responder de prompto e victoriosamente ás criticas da opposição parlamentar. Fallar-se n'isto ao illustrado João B. Calogeras, pedir este ao seu dilecto amigo fr. Camillo, e vir a resposta cabal e rica de informações eruditas, foi tudo obra de algumas horas.

Os homens mais competentes acatavam-n'o como a uma auctoridade e a um mestre.

José Feliciano de Castilho, que todos conhecemos no Rio de Janeiro, ao passar-lhe em 1858 os dous primeiros tomos da sua excellente *Paraphrase des Amores de Ovidio*, solicitou as suas correções. Quando em 1865 travou polemica pelos jornaes em defesa do seu systema orthographico, publicando sob o pseudonymo *Zero* umas chartas eruditissimas, que lhe fazem a maior honra, teve occasião de confessar quanto lhe merecia o saber de fr. Camillo de Monserrate. Na nona charta, estampada no *Jornal do Commercio* de 29 de Março d'esse anno, disse o illustre Castilho:

« Existe nesta Côrte um polymatho, cuja profundidade de
 « erudição pede meças á multiplicidade dos conhecimentos;
 « cavalheiro que reúne os dotes do verdadeiro sabio: firmeza
 « na consulta, delicadeza no trato, modestia no sentimento.

« Qualquer que seja o assumpto litterario ou scientifico
 « sobre que o interroguem, a solução vem prompta, urbana, sin-
 « gela, segura. Não é dos que insultam, mas dos que nos
 « ensinam a nós, os ignorantes. Terei occasião de o-citar outra
 « vez; mas aqui devo transcrever, por virem *ad rem* algumas
 « palavras que me dirigiu:

« L' á etymologia que devemos recorreer para decidir as
 « questões orthographicas. Devemos porém proceder com circum-
 « speção, segundo julgo, e adoptando um methodo e processos,
 « que possam desviar o perigo de uma geral transformação
 « do idioma, sob pretexto de reforma e melhoramento ortho-
 « graphico.

« A este risco talvez se expuzesse quem professasse para
 « com a lingua mãe um respeito idolatra, a ponto de lhe sacri-
 « ficar o que o uso (ou o que, demasiado severa e inexacta-
 « mente, se denomina abuso e corrupção) tem ido fazendo pro-
 « gressivamente prevalecer na contextura das palavras.

« Quanto a mim, não são os vocabulos materia inerte,
 « senão quasi entes vivos, que, em seu transitto atravez das
 « edades, vão passando por evoluções regulares, e transforma-
 « ções, não casuaes, nem nascidas da vontade individual dos
 « que as-empregam e transmittem. Nos idiomas neo-latinos
 « verificam-se estas transformações, em cada paiz, sob o influxo
 « de condições analogas, devendo portanto offerecer analogias
 « que dão o fio para descobrir as leis geraes que as regem.
 « Estão por outro lado sujeitas a especiaes condições de loca-
 « lidades, climas, usos, &c., que explicam as suas dissimilhaças
 « nos varios povos. Por isso um termo latino, transportado ás
 « Gallias, á Iberia, a certas regiões da Germania, conservado
 « em algumas provincias da Italia, se modificou em cada parte
 « diversamente.

« Ora se, com o pretexto de regressar á forma primitiva
 « do termo, ou de se lhe acercar o mais possível, os varios
 « povos que fallam estas linguas renunciasssem á actual physio-
 « nomia do seu dizer, acabariam por compor um novo idioma,
 « que a todos ficaria commun. Talvez que isto não fôsse
 « grande mal, não; mas o que só pretendo aqui é exaggerar as
 « consequências, para mostrar o escrupulo, que deve guiar os
 « puristas em suas aspirações de reconstituir as linguas moder-
 « nas sobre o molde das antigas.

« Para investigar a origem da actual forma dos vocabulos
 « derivados do latim e grego, não basta ter conhecimento, pro-
 « fundo que seja, dessas duas linguas. E' mister seguir passo
 « a passo a degeneração do termo, por toda a idade media,
 « pelos seculos modernos, pelos autores da baixa latinidade,
 « pelas cartas e diplomas, pelas primeiras tentativas dos escri-
 « ptores, poetas, jurisconsultos, historiadores, que o emprega-
 « ram e no lo foram legando.

« Acaso as colonias de veteranos, que transportaram a
 « Portugal o uso vulgar da lingua latina, originarias das varias
 « provincias e não raro das mais remotas do Imperio, fallavam
 « correctissimo latim? Acaso os soldados da Thracia, Cappa-
 « docia, Mauritania, Syria, Macedonia, Numidia, pronunciavam,
 « accentuavam como os oradores do seculo de Augusto, e
 « davam ás palavras o sentido e a forma que nos grandes
 « escriptores romanos lhes conhecemos? Certamente não. O que,
 « em taes circumstancias, maravilha, é ver o espantoso paren-
 « tesco da lingua portugueza com a boa latinidade; antes de
 « torna-la alvo de censuras por se afastar do latim de um modo
 « barbaro, admira quanto a elle se chega! Grande honra
 « d'aqui resulta aos sabios latinistas, fundadores e classicos do
 « portuguez.

« Ao narrar a historia de uma palavra, ao remontar o
 « mais longe possível, até o momento em que nos entra em
 « circulação, descobre-se nella, se o uso diz lo, certa trama, pela
 « qual uma invisivel lançadeira vai, por entre os fios do antigo

« ordume, introduzindo um cambiante novo. D'est'arte se des-
 « cubre no vocabulio um elemento, a que successivamente se
 « aggregaram accessorios, e o mais das vezes alguns traços se
 « supprimiram, combinaram ou deslocaram. Após tantas ope-
 « rações, mais não resta ás vezes, para rememorar o primitivo,
 « o radical da palavra, que uma só letra, uma consoante em
 « torno á qual, como representante da sua origem e para
 « ostentar a importancia d'ella, se colloca o accento tonico.
 « A syllaba accentuada é pois o nucleo, no qual se foi enove-
 « lando a palavra nova: esse, diz M. Diez, nunca se esvai; o
 « que o precede modifica-se de conformidade com o novo orgão;
 « o que se lhe segue é quasi sempre sacrificado. »

« Grato seria ao leitor admirar, no seu todo, esta distincta
memoria, em que a elegancia da phrase corre a-la-par da
 profundidade do conceito; mas transcripção mais ampla po-
 deria ser tomada por divagação. »

Si os padres de S. Bento ou nossas auctoridades ecclésiás-
 ticas careciam redigir algum documento em latim sem mácula,
 era á sua penna adextrada e ciceroniana que vinham pedir
 auxilio.

Neste genero escreveu uma manifestação dos capitulares
 ao S. Padre Pio IX, diversas petições á Sancta Sé, e uma res-
 posta á charta do cardinal prefeito da Congregação dos Ritos
 em 1867.

Realizando-se no Mosteiro de S. Bento a 14 de Setembro
 de 1860 uma prova publica do methodo do ensino Castilho,
 com a assistencia de S. M. o Imperador, foi preciso fazer um
 discurso adequado á cerimonia.

Pediram-n'o a fr. Camillo, e este o compoz.

Um francez Lemasson d'Esclainvilliers, querendo offerrecer
 ao senador Candido José de Araujo Vianna, depois Marquez
 de Sapucahy, um trabalho que escrevêra sobre a escravidão,
 pediu a Camillo uma dedicatória em latim, que elle fez de
 prompto.

Nem era só nestes assumptos que as consultas affluíam ao modesto gabinete do sabio. Em 1863 o Marquez de Abrantes, ministro da Fazenda, enviando-lhe os documentos relativos ao projecto de substituição da antiga moeda de cobre em circulação no Imperio por uma nova moeda de troco, auctorizou-o a expôr as reflexões, que lhe-suggerísse a leitura d'esses papeis.

Resumia-se o problema em obter a melhor moeda de troco com a menor despesa indispensavel, e varias propostas se-tinham offerecido para esse fim. Mr. Camillo não se-recusou ao convite, analysou as propostas, distinguindo entre ellas como melhores a da casa J.^o Watt & C. de Londres, e a de G. Eugé Plum por parte da Casa da Moeda de Bordéas. Refutou algumas objecções feitas pelo preveador da Casa da Moeda do Rio de Janeiro á proposta e ás observações de Plum, acabando por dar a este a preferencia.

Neste parecer concluia por lembrar ao Govêrno a conveniencia de adoptar um padrão, que fôsse nas mãos do povo uma norma de verificação rapida e ao mesmo tempo um meio de auxiliar a propagação do systema métrico: era fazer de cada moeda uma fracção do metro, do kilogramma e até do litro, elevando se a moeda de 20 rs. ao pézo de 10 grammas e ao diametro exacto de 30 millimetros, assim como a de 10 rs. ao pézo de 5 gr. e ao diametro de 15.^{mm}.

Esta questão veio a ser resolvida mais tarde, em 1867, sob a administração do conselheiro Zacharias de Góes e Vasconcellos, decidindo-se que a propria Casa da Moeda do Rio de Janeiro fôsse incumbida da cunhagem segundo as normas do decreto n.^o 4019 de 20 de Novembro do mesmo anno. Reconhecendo-se depois que o estabelecimento não estava habilitado para desempenhar-se de semelhante trabalho com a necessaria celeridade, resolveu o Govêrno mandar fabricar na Europa 200.000 kilogr. de chapinhas, deixando á nossa Casa da Moeda o simples trabalho da cunhagem. Finalmente a experiencia desenganou de todo os nossos administradores, e, attenta a morosidade do serviço, acabam-se por contractar

na Europa todo o fabrico da moeda para satisfazer de prompto ás urgentes necessidades da circulação. Pois bem, fez-se para isso contracto com a casa de James Watt & C. de Inglaterra, — isto é um dos dous estabelecimentos, cujas propostas Fr. Camillo de Monserrate preferira a todas as outras.

No Brazil soffremos do achaque proprio dos paizes novos, em que o pessoal illustrado é pequeno, e a perfeita differença dos órgãos ainda se não realizou. Os homens de algum prestimo são sobrecarregados de funções ás vezes as mais disparatadas, que elles, si têm grande talento, desempenham mediocrementes, e si o não têm, sophismam como podem.

Ha nomes quasi obrigados para tudo quanto occorre, e não é raro vêr-se um estadista presidindo ao mesmo tempo uma alta associação litteraria e um instituto agricola, dirigindo exposições industriaes, fiscalizando estabelecimentos de instrucção, fazendo parte de associações ás mais diversas, discursando no Senado e redigindo pareceres no Conselho d'Estado.

Como esperar grande resultado d'esta disseminação de forças, por maior que seja o talento natural e o esforço de similhantes cidadãos?

Pelo mesmo motivo acodem de ordinario a um homem estudioso consultas singulares. Fr. Camillo, cuja illustração era geralmente conhecida, foi uma d'essas victimas, e, como não recusava trabalho, desde que se sentia com forças de o-fazer, a consequencia era que não tinha mãos a medir com a importunação dos admiradores. Em 1867 foi por exemplo encarregado pelo ministro da justiça de examinar uma pedra meteorica, que o dr. Rath offerecera a S. Magestade, e que se-desejava saber si podia ser tida por authentica para ser dada ao Imperador. A pedra vinha acompanhada da nota seguinte: « meteorites cahida na Ponta Grossa, provincia do Paraná, no terreiro do sr. Ferreira no mez de Abril de 1846 de noite. Peso 1 lb $\frac{1}{2}$. Sicnito. »

Ora comprehendendo-se que submettessem á critica do eximio bibliothecario um incunabulo, um velho papyro ou um palim-

peço veneravel; mas uma pedra meteorica?! Porque não remettê-la ao director do Museu ou aos professores distinctos da Eschola Central?

Todavía fr. Camillo, como já vimos, fizera em Paris estudos de mineralogia, e por isso decidiu o ponto assegurando que a amostra era de factó um meteorites, mas que se não compunha de sienites, como dizia a nota.

Fôra alongar desnecessariamente este trabalho multiplicar os exemplos de similhante natureza, e apontar as innumeradas vezes, em que com promptidão serviu a amigos e ao Govêrno ministrando informações preciosas. Baste uma vez por todas dizer que o illustrado benedictino era neste ponto como em outros auxiliar emerito e inexcedível.

Procurado por vezes para compôr inscripções destinadas a monumentos publicos, medallas, sepulturas & — nunca se recusou a este trabalho, que era da sua affeição, e para o qual tinha conhecimentos especiaes. O que fez neste assumpto encontrar-se-ha na II parte da *Biographia*, quando tractarmos de dar noticia e analyse de suas obras.

X.

Paleographo do Archivo Publico, Examinador, Membro do Conselho Director da Instrução Publica. Distinções honorificas.

*«põe tal's tuos inscriptions
(Plu. Archiva.)*

O grande saber de fr. Camillo de Monserrate não foi só aproveitado na Bibliotheca Nacional.

Recebeo o Archivo Publico da Côrte em 1854 quarenta e dois documentos originaes vindos da Sancta Sé, que se achavam na Secretaria da Justiça, e ponderando em officio o director Cyro Candido Martins de Brito que não havia no Archivo pessoa que soubesse decifra-los convenientemente, referiu que fizera diligencia por encontrar tôra do estabelecimento, e que

de facto achára um monge beneditino « de bastante illustração e dotado de conhecimentos especiaes para este trabalho », que se-poderia encarregar da missão, caso isso approvesse ao Governo Imperial.

Rematava este officio propondo a nomeação de paleographo do Archivo Publico do Imperio para o dicto monge, que não era outro sião o nosso fr. Camillo, e apresentando ao ministro a decifração já feita da bulla do papa Leão XII — como prova da sua aptidão para o cargo.

Não se fez esperar a decisão, tanto mais facil quanto não importava acrescimo de despeza. Por decreto de 5 de Julho de 1854 foi pois nomeado fr. Camillo de Monserrate — paleographo honorario do Archivo Publico.

Nesta qualidade prestou tocos os bons serviços, que lhe foram reclamados. Decifrou 41 bullas, fazendo o transumpto de 36 d'ellas, e traduziu para portuguez 38 chartas pontificias, — segundo se-depreheende da correspondencia official do mesmo Archivo examinada pelo dignissimo archivista actual o sñr. dr. Machado Portella, a quem devemos esta obsequiosa informação.

Em 1865, por iniciativa (1) do director do mesmo Archivo, tractou se do gratificar estes serviços, e propoz o dr. Antonio Pereira Pinto que se-desse ao eminente paleographo a quantia de 120,000 rs. como remuneração dos trabalhos executados.

Não consta porém officialmente que tal pagamento se-fizesse, e até propendemos a acreditar que elle se não realizou, apesar da proposta do digno archivista exarada em officio de 8 de Outubro de 1866.

É vêzo antigo dos nossos administradores tentar similhantes economias, e o sabio e modesto fr. Camillo, por mais que carecesse de auxilio para subsistir com independencia, não tinha o desembaraço necessario para arcar com as difficuldades inherentes a um negocio de tal natureza. Quasi temos por certo

(1) Temos visto muitas vezes por um rascunho de officio, que dirigia ao director do Archivo, onde se lê: « a seguinte despesa expoz... » por a iniciativa procede effectivamente da justa solicitude de V. E. A., cuja nobreza e generosidade suavezmente se lê: « me inspira gratidão. »

que nada recebem: nem dinheiro, nem ao menos o agradecimento official de praxe. Verdade é que nem foi a primeira nem a última vítima da ingratiidão dos governos, por via de regra tão promptos em exaltar serviços de mediocres apauiguados, e tão ridiculamente escrupulosos em premiar a dedicação e o patriotismo dos que não pedem nem se fazem lembrados na ante-câmara das Secretarias de Estado.

Dirão os utopistas e philosophos que o sábio tinha na satisfação da propria consciencia o grande premio do seu serviço. É uma bella theoria para a republica ideal de Platão, ou para o mundo sobrenatural dos Anjos: mas aqui, nesta sociedade contingente de mortaes, por mais nobre que seja o desinteresse, e por mais verdadeira que seja a moral do dever, não é menos certo que o premio anima os trabalhadores, e que a ingratiidão acaba por amortecer o enthusiasmo dos poucos que têm a flamma sagrada.

Não somos dos que advogam a causa do interesse, nem jámais attomaremos a desidia do funcionario publico: quem tomou aos hombros esta cruz, carregue-a.

O cidadão deve ao seu paiz a maxima dedicação e toda a somma de esforços, que o bem publico reclama.

Mas cãli a justificar-se o exprecimento dos benemeritos vac um abyssmo. Aos poderes geraes compete a rigorosa obrigação de louvar e premiar os bons: si falta a este dever commette um crime, nivelando mercedimentos deseguaes, deixando sem arrimo o cidadão prestante, faltando com o estimulo aos que d'elle carecem, e recusando as provas de apreço que consolam, animam e vivificam os grandes servidores do paiz. Tudo o mais que não fôr isto será sempre contrario á natureza humana, injusto, condemnavel e avesso ás boas regras de administração e de governo.

Em 1856 e 1857 foi nomeado tambem fr. Camillo examinador de Historia e Geographia nos exames geraes de preparatorios, — tarefa ingrata, de que deu conta cabal. Posto que pudesse recusar a incumbencia, não n'o-fez convencido de que

na qualidade de cidadão brasileiro corria-lhe o dever de prestar á alta administração todos os serviços compatíveis com as suas habilitações.

No mesmo anno de 1857 pediu-lhe o inspector geral da Instrução Publica o seu parecer sobre o « *Manual de Historia geral contemporanea* » dos sñrs barão de Tauphœus e bacharel Gonçalves da Silva publicado no Rio de Janeiro havia pouco.

Correspondendo ao honroso convite, redigiu o digno bibliothecario um parecer luminoso, cheio de conceitos os mais elevados sobre os fins e a importancia do ensino historico feito á mocidade dos Lyceus. E' o que occorre sob n.º 16 dos *Doc.*

Depois de louvar a concisão, o methodo e a escrupulosa imparcialidade dos auctores do *Manual*, desenvolve ali t.º Camillo a razão de suas duvidas sobre a proficuidade d'este ensino em relação á historia contemporanea, e deixa transparecer claramente o seu recio de que os tristes quadros da historia do nosso seculo, offercidos ao espirito impressionavel dos moços, antes revertam em prejuizo d'elles do que em instrucção sadia.

Não concordamos com este parecer. Bem verdade é que o estudo da historia antiga fornece regras para a apreciação dos factos hodiernos, porque ella personifica ideas politicas e moraes, e demonstra a lotta das paixões humanas, que em substancia não mudaram de objecto, nem de intensidade nem de meios; mas será isso razão bastante para truncar-se o ensino d'esta grave disciplina, deixando a mocidade em ignorancia completa da historia contemporanea?

Quem pode prover as fontes, a que irão beber os moços avidos de saber e estimulados pela curiosidade, si o Lyceu se não incumba de dar-lhes a agua pura e crystallina?

Por isso mesmo que as paginas da historia contemporanea offerecem algum perigo, é que aos doctinadores compete acudir com o remedio, preparando livros e compendios, que satisfaçam a natural curiosidade da juventude, dando-lhe ao mesmo tempo a grande lição moral que dos acontecimentos decorre.

Riscar este ensino, porque elle pode ser ministrado sob a inspiração de doutrinas falsas, é a nosso vêr um expediente illusorio, e ainda mais perigoso do que a exposição fiel das convulsões mais ou menos violentas, por que tem passado a sociedade humana neste seculo.

Que disciplina então mais susceptivel da inculcação do erro do que a philosophia? E ha-se de condemnar a mocidade ás aridas demonstrações da Logica pura e simples, porque o mais dá enxaenças á discussão e ao desvario das opiniões?

Não o cremos. Deve haver esmero e não pequeno na composição e na escolha dos manuaes, por onde os moços se instruaem; mas cumpre que elles não sejam omissos, e que o professor tão boa lição deduza dos acontecimentos contemporaneos como dos da antiguidade. Que melhor occasião do que essa de proporcionar ao espirito docil e malleavel da juventude a noção clara, desapaixoadada e fiel dos grandes successos, que prepararam a sociedade em que vivemos?

O meio em que agimos é um producto de factores sociologicos, e como nada se achá isolado na vida moral dos povos assim como na vida physica, omittir a narração de qualquer d'elles é cortar a cadeia, que nos liga ao passado, e impossibilitar a comprehensão justa do mundo que nos-cerca. Será por ventura justificavel semelhante processo-do ensino?

Repitamo-lo pois: não estamos de accôrdo nem com os terrores nem com a doutrina de fr. Camillo neste particular, mas isso não obsta a que façamos justiça ao merecimento do seu parecer inspirado no amor sincero e na solicitude paternal, com que tractava a mocidade.

Entre os cargos publicos desempenhados por fr. Camillo falta mencionar o de membro do Conselho Director da Instrução Publica do município da Côrte, para o qual foi nomeado por decreto de 27 de FEVEREIRO de 1868. e em que se-conservou até morrer.

As funções inherentes a esta posição eram e são mais que

modestas, visto não ter o Conselho sinão voto consultivo nas questões mais importantes atinentes ao ramo da instrução publica; o círculo estreito das suas attribuições, bem raras oppoortunidades pudéra pois offerrecer ao nosso illustre benedictino para revelação de seus talentos, e é talvez por isso que não achamos entre seus papeis outro trabalho seu a tal respeito além de um projecto de instrucções dadas pelo Govêrno ao dr. Pedro de Alcantara Lisboa, quando este se-propôz a ser encarregado de uma missão na Europa e nos Estados Unidos, com o fim de observar e estudar as condições do ensino primario e secundario em diversos paizes cultos do velho e novo mundo.

Tendo sido ouvido o Conselho Director a este proposito, resolveu-se em sessão de 17 de Outubro de 1868 considerar as propostas do dr. A. Lisboa como de incontestavel utilidade, contando que o Govêrno lhe dêsse previamente instrucções positivas e uma serie de quesitos, a que houvesse de responder.

Parce que se-decidiu então commetter a fr. Camillo a redacção d'estes quesitos, para propô-los ao Ministerio do Imperio; neste intuito escreveu elle as instrucções, a que alludimos.

Diversas corporações litterarias procuraram a collaboração do illustrado Camillo, ou se-apressaram á vista de seu merito em enviar-lhe diplomas honrosos.

Temos noticia dos seguintes, que encontramos em seu espolio:

Foi membro honorario da Sociedade Amante da Philosophia, inaugurada a 13 de Novembro de 1845 no Rio de Janeiro, por proposta do p. José Spiridiao de Sancta Rita;

socio effectivo da Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, desde 18 de Novembro de 1846;

socio honorario do Atheneu Paulistano, desde 20 de Maio de 1853, mediante proposta do 1.º secretario Eduardo de Andrade Pinto;

membro effectivo da Sociedade Statistica do Brazil desde 5 de Maio de 1855;

membro honorario da Imperial Academia das Bellas Artes, datando esta escolha de 4 de Junho de 1855, e a approvação do Governo de 30 de Agosto do mesmo anno;

membro da Sociedade Real dos Antiquarios do Norte de Copenhague.—associação illustre, a que pertenceram o Imperador, Francisco de Almeida e Albuquerque, José de Araujo Ribeiro, o marquez de Olinda, o visconde de Montezuma e D. Romualdo —arcebispo da Bahia.

Nunca fez parte do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, mas certamente por não haver querido satisfazer a clausula da lei, que exige a apresentação de um trabalho como condição de entrada.

O nosso Governo, que as mais das vezes prima pelo esquecimento em que deixa sepultado o verdadeiro merito, e que muy raramente terá subido as escadas de um sabio e modesto brasileiro para levar-lhe honras e dignidades não pedidas — premio visivel do trabalho e demonstração de apreço consoladora; o nosso Governo, que verdadeiro parasita sabe sugar os homens de talento, mas raro sabe agradecer-lhes quando farto e servido; que louva o reconhece benemerencias em serventurarios incógnitos e quiçá pouco zelosos, ao passo que olyida homens da estatura scientifica de Alves Serrão, Joaquim Caetano, Sancta Maria e tantos outros, pura e simplesmente porque elles se não insinuaram na confiança de amigos poderosos, ou não serviram de instrumento ás especulações torpes de saltimbancos politicos, — o nosso Governo enfim só se lembrou de fr. Canillo de Monserrate para recusar-lhe os meios de bem servir á patria adoptiva; não lhe deu jamais um signal de apreço.

Governos estrangeiros, estes sim, reconheceram o alto merecimento do sabio: o de Portugal mandou-lhe o titulo de cavalleiro da Real Ordem Militar Portugueza de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa (decr. de 8 de Agosto de

1855, assignado por D. Fernando *Rey Regente*), e o da Suécia e Noruega o de cavalleiro da honrosíssima e estimada Ordem dos Seraphins, que não conta mais de 31 membros, dos quaes apenas 8 estrangeiros (decr. de 1 de Novembro de 1864).

E' certo que taes insignias não podiam assenlar-se sobre a estampanha de monge benedictino; mal iria o fitão azul sobre o habito negro do Patriarcha, nem a regra austera de S. Bento o-permittira. Mas o effeito moral produziu-se e ficou.

XI.

O verdadeiro amigo. Solidão. Morte.

... penicillibus: nunc lacrymis confusis
 es, et novissim in luce desiderare aliquid vult
 ut x

(*Tr. Agric. n.º*, X(V).)

Si é verdade que vinham todos batter à porta de Camillo quando careciam de auxilio litterario, não é menos certo que poucos, mui poucos frequentavam assiduamente o gabinete do cenobita, para minorar-lhe as máguas do isolamento. O artista P. Rosière enquanto viveu, o chanceller Th. Taunay e o dr. Glazion eram da colonia franceza os que mais de perto com elle tractavam. O credito barão de Tautphoeus apparecia tambem com alguma frequencia; mas um unico amigo, podemos assegurar, um unico foi em todo o tempo constante e dedicadissimo. Referimo-nos a João Baptista Calogeras, cuja relação datava de 1844, — o respeitavel humanista que o-precedêra na cadeira de Geographia antiga do Collegio de Pedro II, — o cavalleiro perfeito e de notórias virtudes civicas e particulares, a quem fr. Camillo estrengia, e por quem era amado como irmão. Durante longos annos quasi não houve semana, em que se não abraçassem estes dois homens, em que não estivessem juntos pelo menos alguns minutos, em que não trocasssem alguma idéa ou confidencia intima.

Fôra da Bibliotheca muy raramente era visto o seu director.

A respeitavel familia Calogeras era a unica no Rio de Janeiro com quem entretinha relação amistosa e particular; tinha-a como sua, e alli, no seio d'aquella intimidade patriarchal, hauria uma vez ou outra os gozos de uma afeição, que os accidentes do berço e os transees da vida lhe-haviam recusado. Tambem no meio d'esses quasi irmãos fr. Camillo era outro homem: não já o exilado merencorio, nem o monge austero, nem o grave archeologo... era o espirito jovial e sempre moço do parisiense de fino tracto, era o amigo extremoso e cacan-tador, era o coração meigo e cheio de affectos do antigo Camillo Cléau.

Quando por ventura se-enchia de festa e de sanctas alegrias intimas a casa do velho Calogeras, poderiam faltar outros amigos, não faltava o amigo certo — *le petit Camille* —.

Era de vêr-se a ternura com que saudava o anniversario natalicio de Pandiá ou Mignel Calogeras, os dons filhos da casa, em versos cheios de carinho e de affecto, que o proprio coração lhe-dictava. Tinha para este genero de composições summa graça, e um sainete todo gaulez.

Nas chartas innumeradas, que escreveu aos varios membros d'esta familia, não ha uma que não testemunhe a dedicação mais fraternal e os sentimentos mais delicados.

« Nous nous sommes réservé au jour du quinquagème, disait elle en une
« d'estas missivas a M.^{re} Calogeras ausente do Brazil —, pour nous trouver
« en tête à tête, à table; nous y buvons à votre santé, cela va sans dire, et
« nous nous quittons toujours mollement amis. *C'est pour moi la seule occasion*
« *de bien rire*: car je ne vois et ne veux voir personne, sinon *ce bon ami, dont*
« *je suis sûr d'être aimé et que je suis sûr d'aimer moi-même...* »

« Je ne vous écris que deux mots, é o crecho de outra charta ao seu caro
« *Jean Baptiste*: mais quels mots! court et breu. Je vous les ai consacrés
« depuis bientôt 14 ans. Je ne vous les offre donc pas, puisqu'ils vous appar-
« tiennent... »

E são todas assim: o espelho fiel da mais solida amizade que possa unir dous corações nobres e bem formados.

Quem leu os *Essays* de Montaigne ha de lembrar-se do interessante capitulo dedicado á amizade, e sobretudo do ingenuo enthusiasmo, com o que philosopho pineta a affeição profunda, que o ligou por muitos annos a Estevão de la Boétie, affeição « si entiere et si parfaite, que certainement il ne s'en lit gueres de pareilles, et entre nos hommes il ne s'en veoid aucune trace en usage. Il fault tant de rencontres à la basoir, que c'est beaucoup si la fortune y arrive une fois en trois siècles. »

Elles se-procuravam antes de se-conhecerem, e amaram-se desde o primeiro dia, em que a Providencia os-apresentou um ao outro. Como Caio Celsio tinha convicção inabalavel das vontades de Tiberio Graccho, Montaigne tinha plena certeza das intenções e do criterio de seu amigo. « Nos ames, diz elle, « ont charité si uniment ensemble; elles se sont considerees « d'une si ardente affection, et de pareille affection decouvertes « jusques au fin fond des entrailles l'une de l'autre, que non « seulement ie cognoissoy la sienne comme la mienne, mais ie « me fusse certainement plus volontiers lié à luy de moy, qu'à « moy. »

Como Eudamidas de Corinto fiava tanto da dedicação de seus dous ricos amigos Charixeno e Arcteu, que em testamento lhes-deixou por singularissimo legado a obrigação de sustentarem a pobre mãe e de dotarem lhe a filha, quando esta viesse a desposar-se, — assim Montaigne entendia que nas relações com um verdadeiro amigo o favor é feito por quem acceita o beneficio, não por quem o-faz: « car cherchant l'un et « l'autre, plus que toute autre chose, de s'entrebienfaire, celuy « qui en presto la matiere et l'occasion est celuy là qui faict « le liberal, donnant ce contentement à son amy, d'effectuer « en son endroict ce qu'il desire le plus. »

Era inspirado nestes mesmos sentimentos que o assizado Diogenes não pedia aos seus amigos dinheiro, *exigia que lhe o restituíssem.*

Que taes amizades sejam raras, como escreve o grande

Que horas deliciosas se não passavam então para o sábio e bom Camillo, que tanto amava o mundo parecendo fugir d'elle, que tanto carcoia de expansão e de affectos, havendo sacrificado tudo isso nas umbras do claustro sombrio e tristonho.

Ocasões d'essas porém não se-reproduziam com frequencia, e o mais do tempo vivia só o digno bibliothecario, entregue á paixão do estudo e áquella actividade intellectual indefessa, que se-havia constituido necessidade de sua existencia.

Para Jeremias Bentham foi maxima constante que a menor perda de tempo é uma calamidade; o famoso poeta Gray dizia que « estar occupado é ser feliz, » e de Mozart se-conhece aquella phrase celebre « o trabalho é o meu maior prazer. » Fr. Camillo era d'esta escola: trabalhava por amor, por instincto quasi se-pode dizer.

Apenas á tarde, e isso invariavelmente, vinha á janella da Bibliotheca aspirar por alguns minutos a suave brisa do mar, e alli passava algum tempo de pé, enlevado em reflexões, acompanhando machinalmente o vôo rapido da fumaça do seu charuto. É necessario dizer que fumava muito, e do melhor fumo.

Este homem tinha algumas singularidades, e seria quasi extraordinario que não n'as-tivesse. Amava os cães com predilecção, e chegou a ter d'elles uma verdadeira matilha no jardim da Bibliotheca. Eis uma lista de nomes que achei entre seus papeis:

« Tartare, Gascogne, Bretagne, Imboé, Carnaval, Zodiaque, Titan, Peribolo, Sappho, Cottonade, Terror, Ramazzan, Cosaque, Huracan, Pharaon, Molosse, Sandwich. » Nada menos de 17 cães, que faziam as suas delicias de amador.

Outra paixão sua era a da caça. Quando se-sentia mais debilitado, ou em convalescença de algum ataque mais forte da asthma, tinha por costume passar alguns dias na granja da ilha do Governadór pertencente aos Padres de S. Bento. Ali tomava roupas seculares, um chapéu de palha desabado, e so

bragando a espingarda corria pelo campo ou internava-se nas montas á procura de caça. Succedendo-lhe por vezes ser infeliz na excursão, e não achar por consólo sinão pacíficas aves de terreiro de algum pobre morador da vizinhança. Pois atirava sobre ellas em desespero de causa, e apressava-se logo em pagar o preço das victimas ao legítimo dono.

Amava a luz, e não podia viver sem ella. Contam os seus companheiros do convento que a pequena cella de fr. Camillo estava sempre á noite illuminada *a giorno*.

Comia pouquissimo, e tinha verdadeiras excentricidades neste particular.

De natural bom e compassivo, era sobretudo extremoso para com os homems de baixa condição, e condota-se profundamente da sorte dos escravos. O africano liberto Faustino, servente da Bibliotheca, foi-lhe nos ultimos annos da vida o companheiro fiel da Thebaida — *fidelis servus et prudens* —; affeiquou-se-lhe como a um amigo, com elle coavermava ás vezes, e nelle depositava maxima confiança, que devemos dizer, nunca foi desmentida.

Viveu pois em quasi completo isolamento, sobretudo nos ultimos annos de sua existencia, e esta falta de commercio com os homems lamentava-a elle profundamente. Mais de uma vez teve o pensamento de congregar alguns litteratos para uma palestra periodica, e eis o que a este respeito escreveu *et abundantia cordis*.

É uma nota intima datada de 27 de Março de 1863:

« Qu'il est douloureux pour celui qui met tout son plaisir à l'exercice de son intelligence de ne rencontrer qu'à des rares intervalles des gens ayant les mêmes goûts, s'intéressant aux mêmes objets et aux quels on puisse non seulement communiquer ce que l'on pense, ce que l'on croit découvrir, mais demander leur avis pour corriger ce que peuvent avoir de trop absolu les vues souvent dans la solitude et sans contradiction.

« Sans doute il est assez difficile partout de trouver des hommes occupés exactement des mêmes recherches, mais on est heureux d'échanger ses idées, de proposer ses doutes, de solliciter des conseils, de sentir enfin ses propres pensées avec ceux qui, par la variété de leurs connaissances, par la tendance

« philosophique de leur esprit et par la préparation d'une instruction générale
 « solide sont initiés aux procédés d'investigation communs à toutes les sciences,
 « comprennent au delà de ce qu'on exprime, sentent et apprécient les liens
 « cachés qui enchaînent les points de vue, opposent des objections fondées sur
 « l'intelligence exacte du sujet controversé et, de cette manière, soulèvent et
 « découvrent, dans l'esprit de celui qu'ils combattent, de nouveaux aperçus,
 « enfin excitent en lui la fibre mentale et le disposent ainsi et l'encouragent
 « dans de nouvelles recherches.

« Au contraire, abandonné à lui même, constamment en présence de ses
 « propres conceptions, hésitant quelquefois sur leur valeur, d'autres fois au
 « contraire les adoptant avec trop de complaisance, il arrive un moment où
 « son esprit s'affaïsse, sa propre pénétration lui révèle les lacunes ou les lui
 « fait soupçonner sans les indiquer clairement, il se décourage, et mettant de
 « côté pendant un certain temps le fonds qu'il a cessé d'exercer, se trouve avoir
 « rétrogradé s'il lui arrive de retourner par un caprice subit aux travaux qu'il
 « avait suspendus.

« Comment pourrait-on remédier à cet état de choses? en formant une
 « petite association d'amateurs: mais où en trouver ici qui ne soient pas tentés
 « de faire dégénérer les réunions en combats de vanité et d'amour-propre, en
 « orgies d'idées et de déclamations.

« Les uns trop légers ou trop peu pourvus de principes solides pour entrer
 « eux mêmes ou pour accompagner leurs collègues dans le fond des sujets.
 « D'autres d'une instruction générale non appuyée sur des connaissances
 « spéciales généralisées, mais au contraire croyant pouvoir résoudre toutes les
 « questions par des aperçus qu'ils croient philosophiques et qui se réduisent
 « enfin de compte à des formules sonores, élégantes, mais trop superficielles
 « pour pénétrer l'essence du sujet.

« Ces réflexions me sont suggérées par un entretien que j'ai eu pendant
 « quatre heures avec le B.^{re} de Tautpœus sur des sujets très variés. En tou-
 « chant à des questions dont je m'étais personnellement occupé et sur les quelles
 « j'étais préparé, je remarquais que le Baron pénétrait admirablement, même
 « dans les particularités nouvelles pour lui dont mes recherches me permettaient
 « de lui faire part. Les principes de linguistique générale, d'anthropologie,
 « d'ethnographie, de critique biblique et historique, les appréciations sur les
 « hommes (il partage mon avis sur V. Hugo, Lamartine, Chateaubriand — et
 « dans un autre sens sur Guizot), les événemens, etc.

« Aussi comme le temps s'enfuit rapidement, malgré la fatigue que me
 « causent, n'y étant pas assez accoutumé, de longues séances de conversation....

« Je lui faisais part du plaisir que l'on éprouverait dans une réunion
 « d'hommes où des sujets de cette espèce ou d'autres seraient modestement et
 « sérieusement traités, où la politesse, la confiance, la bonne foi, la patience
 « et la bienveillance constitueraient le fond du règlement.

« Il était de mon avis, mais il déplorait avec moi l'impossibilité de réunir, « non pas une douzaine, mais quatre ou cinq personnes disposées pour une « véritable association et auxquelles leurs occupations, leurs goûts, leur édu- « cation et leurs lumières permettraient de consacrer périodiquement quelques « heures, et voulant se soumettre aux conditions que je viens d'indiquer dans « les rapports des membres entre eux..... »

Camillo tinha e não tinha razão. Si por uma parte é verdade que o homem estudioso carece de communicar-se e de trocar idéas com seus pares, e si é certo que não seria muito facil congregar no Rio de Janeiro de então um grande numero de sabios modestos, da ordem dos que elle imaginava, por outra parte é indubitavel que exaggerava, acreditando esta empreza de todo o ponto impossivel.

Imaginemos que se reunissem na Bibliotheca o illustre bibliothecario, o barão de Tauphous, Calogeras, o erudito dr. Joaquim Caetano da Silva, o venerando padre mestre fr. José de Sancta Maria Amaral, o sabio Alves Serrão, o conselheiro Freire Allenção, Candido Baptista de Oliveira, José Feliciano de Castilho, e mais alguns, — a palestra estaria constituida, e indubitavelmente as suas discussões não resvalariam para o terreno da rhetorica pretenciosa, que com razão tanto amedrontava a fr. Camillo.

Mas tal reunião se não tentou jamais, e o estudioso anachoreta continuou a viver entregue ás suas reflexões, vindo a padecer do mal, que elle proprio reconheçera e assignalára: muitas das suas investigações ficaram em meio por falta de estímulo, outras resentiram-se da phantasia não cobibida de seu auctor; a maior parte d'ellas mal pode hoje dar idea da variadissima illustração e da enorme sagacidade critica, que distinguia este talento de primeira água.

De facto o meio em que se vive tem a mais decidida influencia sobre os trabalhos do homem, e a ausencia de academias e institutos sabios constitue um dos mais graves embaraços ao desenvolvimento da nossa mentalidade.

Os estudos, a que se dedicava o enterito Bibliothecario, não

tinham representantes no nosso paiz, que é por enquanto um infante a ensaiar os primeiros passos. A ninguém podia consultar com real proveito; faltava-lhe a contestação, e portanto a luz que dimana d'estes pleitos scientificos; si pensava acaso em publicar o fructo de suas investigações não tinha revistas de erudição, aonde fôsse pedir agasalho. Como progredir em semelhante ermo, baldio de estímulo, de animação e de critica?

Cada anno, em epochas certas, recolhia-se fr. Camillo ao seu convento por espaço de alguns dias. Na Semana Sancta, pelo Natal, no dia do Sancto Patriarcha, e em outras solemnidades, — alli comparecia o religioso, não esquecido de seus votos, e fiel ao cumprimento d'este dever, a que não costumavam nem costumam faltar os membros da Ordem.

Já lá vão 24 annos que o-vi pela primeira vez n'aquelle posto. Grave e modesto tomava parte em todos os exercicios e nas ceremonias, sempre tão edificantes, da Semana Sancta n'aquelle templo. Era então a comunidade numerosa, e o sabio fr. Camillo contentava-se com o papel humilde de capelão, ou sustentava o baculo abbaical nos pontificaes sollemnes.

Durante muitos annos, enquanto outras obrigações não impediram, fui assiduo a estes actos religiosos no mosteiro de S. Bento, e nunca deixei de vêr o illustre Camillo, a desempenhar constantemente as mesmas funções modestas. Verdade é que, tendo elle desde muito deixado de celebrar o sancto sacrificio da missa, não poderia tomar outra parte mais importante nas ceremonias.

Já então, em 1862, suas relações no convento haviam tomado nova feição. Por um lado tinham fallecido, ou se-haviam ausentado, varios dos padres, com quem se-indispuzera outrora; por outro o seu mesmo afastamento tinha contribuido talvez para amortecer e apagar a lembrança do desavenças e desconfianças, que tanto o-haviam amargurado.

O que posso assegurar é que d'essa data em diante vi-o sempre rodeado da estima de seus irmãos, e nunca ouvi dos labios

dos actuaes religiosos sinão palavras de louvor e demonstrações de apreço ao seu grande saber. No capitulo reunido em Maio de 1869 obteve os privilegios e exempções de padre-mestre jubilado.

Assim, respeitado e tranquillo, passou fr. Camillo os ultimos annos de sua existencia, até que os estragos da asthma acabaram por minar-lhe de todo as forças.

Sentindo-se excepcionalmente enfraquecido, e na realidade muito enfermo, — retirou-se no dia 11 de Novembro de 1870 para a Ilha do Governador, onde tantas vezes encontrára lenitivo aos seus padecimentos.

D'esta vez ás dores physicas juntava-se uma immensa angustia moral. Era o tempo em que chegavam ao Rio de Janeiro as tristissimas notícias do desbarato da França na lucta imprudente, que travára com o colosso allemão, e fr. Camillo sentia no fundo d'alma as terribes da patria, como si a elle proprio lhe lacerassem o peito. « As derrotas da França me matam » dizia elle a um religioso amigo com a voz entrecortada de soluços a custo comprimidlos. E sem duvida esta grande dor contribuiu não pouco para aggravar a afflictiva molestia. Foram illusorias d'esta vez todas as esperanças; no dia 19 de Novembro acordou mais do que nunca asphyxico; a 1 hora da tarde mandou parar a pendula que tinha no quarto, e poucos minutos depois expirou, dando a Deus aquella grande alma que tão poucos conheceram.

Seu corpo, trazido para a Côrte sem demora, foi dado á sepultura no claustro do Convento, onde, do lado do N., se vêem ainda gravadas sobre uma lousa singela as palavras

S. do R. Pe. Me. Jo. Br.

Camillo do Mont-
serrate Cleon (*sic*)

R. n 19 de Nbro
1870.

Do illustre morto bem poucos se lembraram. João Baptista Calogeras, seu grande e fiel amigo, publicou 5 dias depois, no

Jornal do Commercio de 24 de Novembro, um pequeno artigo (v. n.º 29 dos *Doc.*) — fecho da profunda mágoa que lhe-causára esta separação, e mandou mais tarde esculpir pelo artista Roquet o busto em bronze de Camillo, que offereceu á Bibliotheca Nacional, e alli se-encontra no tampo do salão de leitura. O auctor d'estas linhas, que teve a honra de succeder-lhe no posto de bibliothecario, fez o seu elogio historico e leu-o na Sessão Magna do Instituto dos Bachareis em letras celebrada em 2 de Julho de 1873. E nada mais: nenhuma outra homenagem se-prestou até hoje aos talentos do sabio benedictino.

Foi um homem bom e infeliz. Dotado de agudeza de engenho excepcional, e de uma illustração rara, — amigo do trabalho e da virtude, prestou serviços reaes, mas não produziu fructos correspondentes a tão auspicioso conjuncto de predicados, pela simples razão de que não conhecia aquella grande maxima, com que ainda ha pouco um sabio eminente explicou á Academia Franceza o segredo dos seus triumphos: « A tenacidade foi a minha força.»

A vida de fr. Camillo de Monserrate dá-nos este grande ensinamento.



SEGUNDA PARTE

NOTICIA E ANALYSE DOS SEUS ESCRIPTOS

« Perne ego quod cepisti, et fortasse produces
aut ad eumque, sed eis, quod audivimus, in idem
esse solum intelligis. »

(Senec. *Epist.* XX.)

« Nupquam est, qui aliquid est. »

(Id. *Id.* II.)

Na primeira parte d'este escripto damos já noticia dos seguintes trabalhos de fr. Camillo, compostos uns em França e outros depois de vir para o Brazil:

1. Une statue d'Héraclite. 1832.
2. *Ænigmatis, græce scripti, nova interpretatio.*
3. Um verso de Eschylo.
4. Clitodème (Biographie).
5. Notice biographique sur Duris, historien et tyran de Samos. 1837.
6. Le port Otago. 1840.
7. Vocabulaire néo-zélandais. 1843.
- * Les baleiniers. (?)
- * Médailles de Parthie et Bactriane. 1841.
8. Vase Pourtalès (lettre à Raoul-Rochette?).
9. Notice sur un vase représentant Typhon.
10. Prologo do *Catalogus librorum Bibliotheca Monasterii Sui. Benedicti Ilmmensis.* 1849.
11. De S. Sebera dissertatio.
12. Discurso em acção de graças pela entrada do S. Padre Pio IX em Roma. 1850.
13. Lições de Geographia antiga.
14. Correção do texto de Ptolomeu (*Geogr.* 4. 2. *sub fin.*).
15. Parecer sobre o *Manual de historia geral contemporanea* do barão de Tautphoeus e Gonçalves da Silva.
16. Memoria sobre a cambagem da moeda de trêco.

Nesta II Parte d'scurremos agora sobre o mais que compôz,—fructo quasi tudo do seu estudioso retiro na Bibliotheca Nacional.

Recolhido ao silêncio do gabinete, o sabio benedictino levou os 17 annos, que decorreram de 1853 a 1870, entregue

(?) Indicações com o signal * de memorias, de que não poderemos obter mais fragmentos.

aos livros e á composição de uma serie enorme de trabalhos, de generos os mais diversos, uns — pequenas memorias, outros — escriptos de longo folego, mas quasi todos infelizmente detidos em meio ou reduzidos a esboços, ou interrompidos pela morte.

Era destino d'este homem aliás tão eminente saltitar de assumpto em assumpto, de projecto em projecto, como si um turbilhão de pensamentos a ferver no cerebro o perturbasse de continuo. Não havia questão de vulto discutida na politica do paiz, que o não interessasse; acontecimento scientifico que o não movesse a investigar os pontos obscuros, nem problema arduo e intrincado que não despertasse a sua sagacidade natural.

Esta actividade intellectual porém, que eu chamaria quasi docencia, foi a propria causa do pouco que relativamente produziu: a discussão de um sem numero de questões prejudicou o acabamento de quasi todas ellas. Quão melhor teria sido que, constante no trabalho, levasse por diante uma só das grandes memorias esboçadas, para deixar-nos em vez de porticos truncados um edificio completo e perenne, capaz de afrontar as iras do tempo!

De que nos servem hoje esses milhares de notas, que amontou com uma erudição rara, si as mais das vezes faltoe o fio conductor da composição, que só elle tinha no pensamento, e que com elle desapareceu nas sombras do tumulo?

Os trabalhos de fr. Camillo aqui publicados revelarão em todo o caso as linhas geraes das obras que intentou deixar-nos, e que figuram o consolo e a occupação de seus dias no isolamento da Thebaida, a que se-condemnou. Homens de tal estatura imprimem em tudo quanto fazem o sello do seu talento, e não é labor escusado perscrutar-lhes as intenções, por pouco que a realidade corresponda ao muito que poderiam legar.

Depois de 1853 foram estes os assumptos de que se occu-

pou, conservada mais ou menos a ordem chronologica da composiçao:

A BIBLIA DE MEGUNIA DE 1462.

É sabido que a Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro possui d'este preciosissimo incunabulo dous exemplares em pergaminho, dos quaes um offerece de notavel, collado a umas das folhas do 2.º vol., o recibo mss. do agente Hermann, que vendêra o livro em Paris ao conego Guilherme Tourneville pela quantia de 40 escudos em 5 de Abril de 1470.

O titulo de *institutor* que ali se-arroga o referido Hermann, a variedade dos colophões que figuram nos exemplares conhecidos d'esta obra; a celebre presumpção da fraude que se-suppoz haver na sua venda; o preço da compra; a interpretação dos escudos com letras gregas no fim do volume, e a possibilidade de sua imposição posteriormente á impressão do livro; finalmente a origem d'este exemplar precioso e o modo porque veio elle a figurar na collecção dos reis de Portugal, d'onde passou para o Brazil em 1808; eis as questões importantes, que suscitaram a curiosidade do nosso bibliothecario, e deram motivo a uma charta que escreveu, ou quiz escrever, ao redactor da *Encyclopédie moderne*. (V. o n.º 17 dos *Doc.*)

Ha neste pequeno e incompleto trabalho algumas observações muito judiciosas; todavia não estamos de accordo com o seu auctor sobre a famosa presumpção da fraude, que elle parece aceitar.

A nosso vêr, e n'isto abraçamos *totis viribus* a argumentação do sãr. Fernandes de Oliveira (1), o exemplar da Biblia de que se-trata não foi nem pudera ser vendido pelo preço das obras manuscritas. Si dúbidas havia a similhante respeito, é o proprio recibo de Hermann que no-las dissipa, e n'isto reside quanto a mim um dos seus maiores merecimentos.

De facto o referido auctor da memoria inserida nos *Annuaire*

(1) V. *Annuaire de Bibl. Nat. de Rio de Janeiro*, p. 315-243. - *Catalogo da Bibliotheca particular de Simões de Brito*, Ann. 1885, p. 39 e segt.

batte com bons argumentos semelhante supposição, e si me-fosse licito corroborar com outras provas o seu esclarecido juízo, eu acrescentaria:

É facto averiguado que entre 1463 e 1464 o gravador francez Nicolau Jenson foi mandado por Luiz XI a Allemanha para instruir-se nos segredos da miraculosa *ars imprimendi* (V. *Encyclop. mod.*, tom. XXVI. v. *Typographie*.)

É também inconcusso que em 1470 o prior da Sorbonna, o allemão a Lapide, e o dr. Guilherme Fichet amigo do cardinal Bessarion convidaram a Ulrich Gering de Constança, Miguel Friburger de Colmar, e Martin Grantz para virem estabelecer uma imprensa na própria Sorbonna, e isso devêra ser pelos princípios do anno, pois que logo, em 1470, deram essas typographos uma obra de Bessarion e a edição princeps de Sallustio ⁽¹⁾, talvez no mesmo anno ou em começo de 1471 o Lucio Floro ⁽²⁾, e certamente em 1471 as Epistolas de Fichet. ⁽³⁾

Como pensar-se pois que fôsse em Paris ignorada a fantosa arte de Guttemberg? E quando isto não tivesse procedencia, seria por ventura a Bíblia de 1462 o primeiro livro mandado por Fust e Schœffer para se-vender em França? Não ha razão alguma para crê-lo.

Finalmente, quanto ao preço da venda, é para notar a informação de Walckius ⁽⁴⁾, o qual nos-diz que um exemplar manuscripto da Bíblia em pergaminho se-obtinha por 400 ou 500 corôas (isto é, em moeda actual cêrca de 2860 francos), ao passo que Fust os-vendia por 60 corôas.

Como acreditar-se portanto que o preço de 40 escudos fôsse exaggerado para a epocha de Luiz XI?

Tambem nos-parece que houve duplo equívoco da parte de fr. Camillo, quando suppoz que o dicto exemplar da *Biblia*

(1) V. De Bure, *Bibliogr. par.* n.º 4862. Dibdin, *Biblioth. Spencer.* n.º 410.

(2) V. De Bure, op. cit. n.º 4823. Dibdin, op. cit. n.º 237.

(3) V. De Bure, op. cit. n.º 4126.

(4) Decad. Valm. genre. ann. Strasbourg, 1699. 4.º vol. LX, pp. 181.

tivesse sido trazido para Portugal por Vasco Fernandes de Lucena.

Em primeiro lugar, cremos hoje averiguado (1) que este notavel jurisconsulto, guarda-mór da Torre do Tombo e chanceler da Casa do Civel em Lisboa, natural de Andaluzia, é personagen mui diverso de outro, que com elle por largo tempo se confundiu; quero fallar de Vasco de Lucena, quasi seu homonymo e contemporaneo, porém portuguez de nascimento, escudeiro do duque de Borgonha Carlos o Temerario e da duquesa Margarida, sabio traductor da *Cyropedia* de Xenophonte e da *Vida de Alexandre Magno* de Quinto-Curcio. A ser um dos dous, só a este se poderia attribuir a acquisição do precioso incunabulo.

Em segundo lugar, temos por certo que nem ao chanceler do Civel nem ao escudeiro dos duques de Borgonha se-deve semelhante acquisição, e a nossa prova é a seguinte:

O referido exemplar com o seu celebre documento de venda era conhecido em Europa desde o seculo passado. Moorman, citado por P. Lambinet (2), disse em suas *Origines typographiques* que Coustard, conselheiro do parlamento de Paris, o possuía, e para soiver toda a dvida transcreve até o recibo de Hernanu (3). Ora, sendo certo que o singularissimo exemplar é o mesmo que hoje temos na Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro, segue-se, sem receio de contestação, que elle não poderia ter vindo para Portugal com Vasco de Lucena, que é muito anterior a Coustard. De facto a familia d'este magistrado só figurou em França depois do seculo XVI (4).

Na obra já citada de Lambinet, tractando o auctor de indicar o destino conhecido dos exemplares d'esta *Biblia*, dá-nos ainda a seguinte informação: « En Portugal, la Bibliothèque royale en conservoit deux à Lisbonne: l'un avoit passé par

(1) P. Innocencio da Silva, *Rev. Bibl. port.*, VII, pgs. 401 e 402.

(2) *Origines de l'imprimerie d'après les titres authentiques*, P. Paris, II. Nivelle, MDCCLX, X. in-8º, pgs. 207-208.

(3) Esta mesma transcrição foi feita depois por Van Praet, e pode ver-se no 321. *Catal. des inc. impr. par ordre de la Bibliothèque du Roi*, VI, pg. 4, nº 15.

(4) V. D'Antiquaire, *Annuaire de la noblesse*, Xº année (1857), pp. 196.

« Gaignat, de Boze, de Cotte; l'autre avoit appartenu au cardinal de Cunha. » É um pouco mais abaixo: « On ignore les noms des possesseurs actuels de 8 à 10 autres exemplaires sur vélin, magnifiquement décorés, qui appartenoient au maréchal d'Estrées, au président de Verthamont, à Gaignat (?), aux chartreux de Buxheim, près de Meningen, à de Harlay, à Coustard conseiller au parlement de Paris, etc. »

D'esta noticia o que parece mais natural deduzir-se é pois o seguinte:

O exemplar, de que tractamos, pertenceu em França certamente ao conego Guilherme de Tourneville e ao conselheiro Coustard; passou depois ás mãos de um bibliophilo, cujo *ex-libris* (?) occorre colado na face interna da capa, e mais tarde foi trazido para Portugal, onde teve por possuidores: D. Nuno da Cunha e Arhaide (geralmente conhecido por cardeal da Cunha), e por ultimo a Real Bibliotheca. D'ahi veio ter ao Rio de Janeiro.

O outro exemplar, que pertenceu a de Boze, passou ao presidente de Cotte em 1754; por morte d'elle a Gaignat, e quando se desfez a collecção d'este bibliophilo em 1769, foi vendido por 2500 francos, levado para Lisboa, e em 1808 veio para o Brazil com os demais livros da Bibliotheca da Ajuda: é o segundo exemplar que a nossa Bibliotheca Nacional possui, o onde se encontra a variante explicita do colophão: *p̄is hoc opusculū artificiosa adinventionē impriendi seu caracterizandi absq̃ calamit. exarrectū.*

Eis quanto é licito assegurar sobre este ponto. Reconheço que a deducção ainda padece lacunas, mas penso haver demonstrado que a *Biblia* de 1462 não foi trazida a Portugal por Vasco de Lucena.

(?) Nãoouse extrahera d'onde novamente Gaignat; este bibliophilo possuia 4 exemplares da *Biblia*: um que passou a de Boze, outro ao duque de la Vallière, e o 3.º detentorem cujo destino se ignora. V. Van Praet, *Cat. des livres de la bibl.*, t. 1, n.º 17 e 18.

(?) Entendido que occorria de marcar, o escriptor avia para fazer as notas, ver os erros, e compoz, á guisa de collação, comparando por a parte de cada uma das duas; mas como da obra se quizesse tirar a C. D. C. Não me foi possível averiguar a qual pertencem similhante *ex-libris*.

Um derradeiro topico da charta de fr. Camillo me parece tambem digno de reparo. Diz elle:

« Les dessous ornés de lettres grecques pourrøient aussi distinguer les
« exemplaires transportés, vendus et ornés de la subscription, de France: tous,
« en effet, ne le portent pas. Cet ornement ou ce signe apparut, pour la
« première fois, sur les ouvrages imprimés par Fust, en 1466, époque où cet
« imprimeur résidait à Paris, où, il mourut, on les voit d'abord sur le Cicéron
« de 1466. Or, Louis XI régnait alors en France: les deux lettres L et X
« avec le signe transversal — ne désigneraient elles pas le monogramme de Ludo-
« vicus XI: la vente de ces ouvrages ne pouvant avoir lieu, suivant les
« réglemens de la librairie, que par l'intermédiaire d'un libraire juré, il n'est
« pas impossible qu'on les revêtît d'un sceau qui indiquât l'autorization royale
« et la situation légale du vendeur. »

Nota aqui, duas cousas: 1.^o que não é exacto haverem apparecido os escudos de Fust e Schoeffer pela primeira vez no Cicero de 1466. De facto já Panzer (?) affirmára no seculo passado que alguns exemplares do *Psalterium* ou *Psalterium Codex* de 1457 traziam a empreza dos illustres typographos, e Lambinet (?) mais modernamente o-confirma, alludindo ao bellissimo exemplar da Bibliotheca Imperial de Vienna — descrito por Lambecius em 1665, e proveniente da collecção de Mathias Corvino, rei da Hungria.

Ora, nem Fust cõhe que vêr com Luiz XI em 1457, nem ainda subira ao throno de França o filho de Carlos VII, que, como se-sabe, foi sagrado em Reims a 18 de Agosto de 1461. Este argumento me parece da maior força.

2.^o A idéa de vêr nos escudos de Fust e Schoeffer um *lambda* grego, e o monogramma de Luiz XI pela combinação d'aquella letra com o X do primeiro escudo e a haste transversal que os-sustenta, afigura-se-me uma phantasia sem o menor fundamento, e que só a hypothese igualmente aerea de Fabricius (?) apadrinha. Consultemos os historiadores da arte typographica:

(1) *Annales typographiques*, Monologie, 1794, in-4^o, II, pg. 111.

(2) *Op. cit.*, I, pg. 166.

(3) *Biblioth. lat. med. et ul. vetust.* II, 276, cit. por Marchand. Concom a duas hastas em 1461 por Ciro de Sancto André, e a certa por um *lambda* grego.

Prosper Marchand (*) descreve assim os escudos, a que alludimos: « deux écus, suspendus à un Tronçon d'Arbre posé
 « en travers, échantonné en dedans, arrondis par le Bas, & ren-
 « fermant ainsi les Pièces suivantes. Pour Fast, deux Batons
 « passez en Sautoir, finissant en Crochets par chaque Bout,
 « & alaisés; pour Schoeffer, un Chevron, finissant en Crochets
 « par les deux Bouts & alaisé, & accompagné de trois Etoiles,
 « deux en Chet, & une en Pointe; & des Batons, ce Chevron,
 « & ces Etoiles, sont d'Argent en Champ de Gueules. »

Posto isto em vulgar e nos termos de arméria portugueza, equivale ao seguinte:

Podem de um ramo de arvore dous escudos chanfrados: no 1.º (de Fast) em goles, uma aspa de prata com as 4 extre-
 midades em gancho; no 2.º (de Schoeffer) em goles, uma aspa
 de prata com as 2 extremidades tambem em gancho, entre
 3 estrelas em ruquete.

Ora, estas armas foram não só usadas no *Psalmorum Codex*
 de 1457, como no *De veritate vitae cognitiōis libellus* de Sancto
 Agostinho de 1460 (*), no *Cicero* de 1465 (*), na *Secunda se-
 cundae* de Sancto Thomaz de 1467 (*), nas *Institutiones* de Jus-
 tiniano de 1468 (*), no *Manuale tractus* de J. Marchesino de
 1470 (*), no *Liber scriptis Ducetatorum* de Bonifacio VIII do
 mesmo anno (*), nas *Constitutiones* de Clemente V de 1471 (*),
 nos *Sermones* de S. Bernardo de 1475 (*), no *Psalmorum Codex*
 de 1490 (*), e até na *Wronche van Keyseren* de Chr. Bothi de
 1492 (**), além de outros volumes de menor monta.

Si assim é, o que poderia ter induzido á conservação de

(*) Histoire de Paris et des pays qui ont fait partie de l'ancien royaume. 7^e Ed., 1740, to. 4.^o,
 122-45, p. 245.

(*) Paris II, 173, 60. — La Sema 2042. — Hain 2542. — Holroy II, 5.

(*) Berlin, 1771, 8^{vo}, no. 125.

(*) Paris II, 117, 11. — La Sema 110. — Hain 1235. — Holroy II, 5.

(*) Van Praet, II, 54.

(*) Paris II, 174, 22. — La Sema 903. — Hain 1031. — Holroy II, 7.

(*) Van Praet, II, 10.

(*) Van Praet, II, 24.

(*) Paris II, 176, 37. — La Sema 243. — Hain 2544. — Holroy II, 12.

(*) V. P. Marchand, Op. cit. 4^o, 26.

(**) Kort, 283. — Hain 4920. — Holroy, II, 13.

semelhante empreza, caso ella tivesse alguma relação com Luiz XI? Não está a razão dizendo que Schoeffer a-considerava como distinctivo de sua casa?

É o que nos parece objecto fora de dúvida. Effectivamente ficou como brasão de familia; nas obras de João Schoeffer, filho do precedente, apparece o mesmo escudo com pequenas variantes: uma rosa em lugar da 3.^a estrella, e mais um pastor com rebanhos e as duas iniciais de seu nome (armas parlantes).

Um descendente, talvez filho d'este, por nome João Lúnes Schoeffer veio estabelecer-se depois em Bois-le-Duc no Brabant, e allí se conservou a sua typographia na rua de la Grande Eglise, onde em 1740 viaja Pedro Schoeffer conhecido por P. Marchand, que nos ministra estas informações.

Ora, este Pedro Schoeffer usava ainda um anel com sinete de familia, e as armas do sinete eram exactamente as do velho archi-typographo, substituida apenas uma das estrellas pela rosa.

Logo o escudo, que ocorre na *Biblia de Moguncia* e em tantos outros incunabulos da mesma officina, não continha sino um brasão particular dos typographos, sem a minima relação com Luiz XI, rei de França.

LINGUISTICA AMERICANA.

Reimprimira João Joaquim da Silva Guimarães em 1851-52 na Bahia a Arte de grammatica da lingua brasileira do p. Luiz Figuiera. Sobre a oportunidade e meritos d'este trabalho escreveu fr. Camillo, e publicou no *Diario do Rio de Janeiro* de 27 de Setembro de 1853, um artigo — verdadeiramente digno de critica tão habil quanto celizosa. (V. n.º 18 dos *Doc.*)

Tendo sido escripto em francez e enviado á redacção da gazetta, parece que por má sorte caiu em mãos de traductor aprendiz e illiterato, que o deturpou de modo barbaro. Preferimos por isso dar ao leitor o original incólito, annotando somente as passagens principaes, em que elle discrepa da traducção

portugueza, e que naturalmente foram modificadas ou accrescentadas pelo auctor na cópia que remetteu ao *Diário*.

Ver-se-hão ali com interesse as observações criteriosas feitas sobre a grammatica e os importantissimos conselhos dados pelo critico a Silva Guimarães para a composição do Dicionario da lingua geral, que este annunciara, e que de facto veio a publicar-se em 1854.

O que é sobretudo notavel nesta pequena dissertação é a concepção profunda da importancia do assumpto em um homem, que nunca se occupára de questões de linguistica americana, e n'um tempo em que se não dava aqui no Brazil o menor apreço a similhantes trabalhos.

A necessidade imprescindivel, antes de tudo, de uma relação bibliographica dos livros e manuscriptos conhecidos relativos á lingua geral: a critica d'estes estudos tanto no Brazil como fora d'elle, e os meios de adianta-los; a circumscripção e extensão geographica do tupi, e suas affinidades com outras linguas americanas; as anomalias dos dialectos ou das linguas extranhas encravadas nos dominios da lingua geral, — eis indicações de summo valor e problemas importantes, que elle propõe a Silva Guimarães, animando-o a não contentar-se com a reimpressão de um livro, embora bom e muito prezavel.

Quanto á composição do dicionario, aconselha igualmente que se não limite á reproducção d'um livro conhecido, que apresente todas as varias lições dos lexicos ou vocabularios até hoje publicados ou ineditos, colligindo tudo quanto occorre neste particular nas obras dos viajantes, nos catecismos dos missionarios, e em manuscriptos d'esta especie, que são ricos de elementos lexicologicos e de notas aproveitaveis.

Hoje que dedicamos mais attenção á linguistica americana, e que temos por modelos obras recommendaveis, feitas por sabios glottologos nacionaes e europeus, não diriamos melhor.

Silva Guimarães entretanto, força é dizê-lo, não aproveitou convenientemente estas sabias indicações, e dous annos depois reimprimiu o *Diccionario portuguez e brazilião*, fazendo-o accom-

panhar simplesmente de alguns vocabulários de pouco valor, e tudo isso sem critica e sem discernimento.

O artigo de fr. Camillo, que saíra anonymo no *Diário* foi reimpresso na *Reforma* n.º 201 de 3 de Setembro de 1873, e no *Globo* de 9 de Novembro de 1875 em appenso a uma publicação do illustrado sr. Alfredo do Valle Cabral.

Como accrescimo ao referido artigo damos tambem um fragmento, que provavelmente lhe-era destinado, mas que fr. Camillo supprimiu afinal, talvez por não alongar demasiadamente a notícia. Tudo quanto ali se lê é egualmente de grande pèzo, e não seria ainda hoje extemporaneo, porque até agora se não deu no nosso paiz a importancia, que taes assumptos merecem. O sabio via longe.

THEORIAS COSMÓGENICAS.

Versa sobre este assumpto e em particular sobre a constituição da terra um acervo immenso de notas e rascunhos, que se encontra entre os papéis de fr. Camillo de Monserrate. De todos elles dedizro que intentou redigir uma memoria de longo folego e dirigil-a ao eminente auctor do *Cosmos*, a quem era escripta a charta seguinte:

(Charta ao Barão de Humboldt.)

« Si j'ai pu concevoir le hardi dessein de vous offrir quelques pages où se trouvent résumées des conjectures ou des rêveries, dont l'objet vous paraîtra avec justice bien trop élevé pour qu'elles puissent être raisonnables, je compte seulement que c'est peu être à vous même, Monsieur le Baron, que je dois attribuer le premier motif de ma témérité.

« J'ai eu l'honneur, en 1835 de me trouver plusieurs fois près de vous, à Paris, dans le sein des séances de la Société Géologique de France, et chez M. Lezoune, qui m'honorait de sa bienveillance. Les souvenirs que j'ai conservés de cette époque, où j'étais à peine 17 ans, me confirment dans l'opinion que le savoir est chez vous la source de l'indulgence et que si mon audace vous étonne, vous ne la châtiez que par un sourire, après l'avoir pardonnée.

« C'est environ deux ans après cette époque, en 1837, que par différents motifs, mais surtout pour satisfaire ma curiosité juvenile, je m'embarquai pour accomplir autour du monde un voyage qui se termina en 1840 par mon

« retour en France, à Paris, où je suis né. Durant ce voyage, je pus, sans
 « m'éloigner beaucoup des côtes, visiter quelques points alors peu explorés dans
 « l'hémisphère austral, et je séjournai 9 mois dans quelques unes des baies
 « orientales de la Nouvelle Zélande, depuis le S. de l'île Tavaï-Poenamou
 « jusqu'à l'extrémité septentrionale de l'île Ikanamahui.

« J'y recueillis quelques notes, quelques dessins, deux vocabulaires, quelques
 « objets d'histoire naturelle, des échantillons de bois utiles et un petit nombre
 « de meubles, ustensiles et bijoux, œuvres industrielles des habitants indigènes de
 « ce pays. Tous ces objets ont été dispersés, perdus ou anéantis. Ce que je regrette
 « aujourd'hui c'est d'avoir négligé certaines observations que j'eusse peut-être
 « pu faire, mais surtout d'avoir été incapable de mettre à profit toutes les
 « occasions qui m'étaient offertes, dans ce pays et ailleurs, de recueillir des
 « données utiles, au service des sciences naturelles et de l'éthnographie.

« Cependant je mesurai approximativement et comparai entre elles les in-
 « clinaisons des diverses roches stratifiées, sur plusieurs points de la côte orien-
 « tale, et je ne fus pas peu surpris en remarquant leur inclinaison constante,
 « sous un même angle et dans une même orientation. Frappé, dès cette époque,
 « de ces coïncidences qui semblent résulter de l'action commune d'une même
 « force, mais empêché par mon insuffisance, d'en déterminer la cause; détourné
 « d'ailleurs de ces souvenirs par des études d'un genre tout différent, dont des
 « circonstances singulières m'ont encore distrait, comme s'il était dans ma des-
 « tinée de tout abandonner, même ma patrie, pour ne garder que des regrets,
 « je me suis senti bien souvent ramené, comme dans un rêve d'exile, à ces
 « premières impressions de ma jeunesse.

« Mais elles se sont métamorphosées: elles ont pris des proportions nou-
 « velles, et la fantaisie y a ajouté des couleurs que sans doute la saine raison
 « ne saurait reconnaître.

« C'est un homme de l'autre monde, moins nostalgique, qui ose vous
 « offrir une rêverie géologique, une théorie cosmogonique, en un mot *ægri
 « somnia*. Fixé à Rio de Janeiro, où esperant m'y procurer de studieux loisirs,
 « j'ai pris l'habit des religieux bénédictins, je suis condamné à ne revoir jamais
 « l'Europe et je me vois ainsi avec douleur privé de l'honneur d'aller baiser
 « vos mains.

« Il suffira à ma tranquillité que, souriant à mes illusions, vous pardonniez
 « à ma témérité, et que vous daigniez agréer, M. le Baron, l'humble mais sin-
 « cère hommage d'admiration et de respect. »

Que sentimento o-levou a tractar d'estas questões appa-
 rentemente tão alheias ao cyclo natural de seus estudos? Elle
 proprio o-diz em outro rascunho da charta dirigida ao sabio
 barão de Humboldt:

« J'avouerai donc, Monsieur le Baron, que dès longtemps, sans me rendre
 « compte exactement des difficultés que ces différentes hypothèses me semblaient
 « plutôt dissimuler que résoudre, sans prétendre à plus forte raison leur substi-
 « tuer mes rêves personnels, elles ont souvent occupé mon imagination ; et,
 « sans doute à cause de la grandeur et des attraits qu'offre à l'esprit un pareil
 « sujet, malgré la direction bien différente que le hasard avait donné à mes
 « études, enfin, en raison même de la difficulté qu'y opposait mon ignorance, je
 « me suis abandonné trop témérairement aux jouissances que procurent l'examen
 « d'un problème difficile et l'espoir d'en pénétrer les mystères. »

E em outro logar :

« Vous caractérisez avec une bienveillance compatissante cette multitude
 « curieuse qui, en conservant le sentiment de son ignorance, ne renonce pas à
 « contempler les merveilles de la création, à saisir l'ensemble du monde exté-
 « rieur et même à en interpréter les phénomènes. Je suis placé dans cette
 « multitude curieuse. »

Desenvolvendo o seu pensamento, escreveu fr. Camillo :

« Quando o sñr. Elias de Beaumont, fundou, sobre observações pessoais
 « perseverantes e conscienciosas, assim como sobre as que a sciencia considerava
 « positivas e dignas de confiança, sua bella theoria da sublevação das monta-
 « nhas, notou entretanto que os factos por elle laboriosamente reunidos e veri-
 « ficados, apezar de concordarem com a disposição e distribuição das rochas
 « na superficie do globo terrestre, não explicavam sufficientemente a concór-
 « dancia, o parallelismo das linhas de sublevação a distancias consideraveis, e
 « não revelavam as causas d'este phenomeno, d'estes deslocamentos prodigiosos
 « posto que regulares, nem a razão das inundações successivas, em níveis diffe-
 « rentes, de grandes espaços da crosta solida da terra em varias epochas
 « geologicas.

« Ficava pois por descobrir-se a lei geral, que determinara estes phenome-
 « nos uniformes, e eu acredito que ella não foi ainda reconhecida ou pelo
 « menos formulada.

« Ousarei pois, tomando como ponto de partida uma hypothese, tentar
 « deduzir d'ella a explicação dos factos observados, não só em sua generalidade
 « sinão em seus pormenores ; e, tomando ao proprio sñr. E. de Beaumont
 « todas as consequencias que elle tirou de sua theoria, esforçar-me-hei em
 « reunir argumentos não para contradizê-la, mas para a confirmar. Eu exponho
 « assim a hypothese, que serve de fundamento a minhas deducções :

« 1.ª A terra não é formada de um só nucleo espherico, incandescente,
 « mas de duas ou muitas massas mineraes de forma irregular, quasi ellipsoides,
 « de dimensões diversas, de composição quasi identica, grupadas em torno de

« seu eixo commum de gravidade, mergulhadas em um liquido, cujas camadas
 « são concentricas ao centro do todo, e formando assim um corpo espheroidé
 « dotado de movimento de rotação em torno do eixo composto da massa total.
 « Este movimento de rotação determina em sua posição relativa mudanças
 « lentas e progressivas, mas a massa conserva nestas mudanças uma relação de
 « equilibrio, — causa e consequencia a um tempo da estabilidade de seu eixo
 « commum.

« 2.º Estas massas mineraes, que eu characterizo como asteroides, abraçam-
 « do-se estreitamente desde sua união primitiva, obedeceram ás diversas forças
 « desenvolvidas pelo movimento do espheroidé, que ellas haviam contribuido a
 « formar, e assim progressivamente abandonaram seus pontos de contacto para
 « se-elevarem á superficie das aguas, que as-cobriam de todo primeiramente.

« 3.º As superficies respectivas d'estes asteroides associados, não correspon-
 « dendo ás curvas da superficie do espheroidé de que faziam parte, e sollicita-
 « das para seu centro de gravidade commum, á medida que a força centrífuga
 « as afastava d'elle lentamente, deveram, nas differentes alturas a que estas
 « massas successivamente se elevaram, experimentar resistencias eguaes á resul-
 « tante das duas forças que se-attrahiam em sentido inverso, e, cedendo á in-
 « fluencia d'ellas, quebraram-se para conformar pouco a pouco suas faces supe-
 « riores com as curvas do espheroidé, de cuja superficie se-approximavam
 « lentamente.

« 4.º Esses deslocamentos seguiram, em sua intensidade, uma progressão
 « proporcional á distancia que estas massas mineraes haviam percorrido, do
 « centro para a circumferencia, e em sua direcção a configuração das partes
 « desajustadas de suas superficies respectivas; — assim, a pouco e pouco, e
 « parallelamente a seus bordos, se repercutiram até o centro de figura de sua
 « superficie horizontal.

« 5.º Os despedaçamentos que produziram na crosta primitiva d'estes conti-
 « nentes submersos profundas falhas, que ainda hoje se observam, abriram ás
 « aguas que os-cobriam um caminho para as regiões subterraneas, onde deveram
 « então produzir-se combinações e reacções chímicas de grande intensidade, —ao
 « mesmo tempo que as bordas d'estes continentes, abaixando-se aos poucos, com-
 « primiam as materias situadas debaixo de sua superficie e as projectavam em
 « ondas atravez das fendas, que lhes davam saída.

« 6.º D'est'arte se formaram em nossos continentes as cadeias de monta-
 « nhas sublevaradas das agnas, nas differentes epochas correspondentes ao levan-
 « tamento successivo de sua superficie, resfriadas e solidificadas em virtude de
 « sua passagem atravez das aguas, diversamente inclinadas segundo a direcção
 « das forças que as-impelliam para fóra, formando nodulos ou amontoamentos
 « nos pontos de coincidência das falhas, e desenhando em seus eixos com-
 « muns linhas grosseiramente parallelas aos contornos das superficies arqueadas.

« Estas falhas são, portanto, não consequencia de forças elasticas actuando
 « de dentro para fóra dos continentes, não effeito, mas causa ou occasião
 « puramente mechanica da projecção das cadeias de montanhas.

« 7.º Estes deslocamentos, segundo sua intensidade relativa, formaram não
 « só as fracturas estreitas, pelas quaes surgiram as montanhas, mas também
 « largas e profundas cavidades, onde se mantiveram as aguas, e que constituem
 « ainda as bacias dos mares interiores e os grandes golphos, que apresentam as
 « mesmas relações de parallelismo ou de continuidade que as cadeias das
 « montanhas.

« 8.º Independentemente do movimento de ascensão vertical que as appro-
 « ximavam da superficie das aguas, estas massas continentaes parecem ter obe-
 « decido, no sentido de seus diversos eixos, a oscillações, que fizeram variar os
 « planos, sobre os quaes as aguas transportaram e depuzeram os differentes terre-
 « nos sedimentares, — oscillações muito lentas sem duvida, cujos effeitos ainda
 « hoje se observam, e que elevaram acima das aguas partes da crosta terrestre,
 « que foram novamente submergidas com os seres organizados então existen-
 « tes em sua superficie, para emergirem outra vez, trazendo-nos os restos das
 « gerações extinctas de animaes e plantas, que ahí encontramos soterrados debaixo
 « das rochas sedimentares das epochas correspondentes.

« 9.º Não foram catastrophes subitas, erupções gigantescas, nem prodigiosas
 « convulsões que produziram na superficie do globo as mudanças que chama-
 « mos revoluções, — operações violentas, que pareceriam estar em contradicção
 « com o desenvolvimento calmo das obras da natureza.

« Estes mesmos phenomenos que attribuímos a destruições filhas do capricho
 « do Creador, se realizam ainda sob nossos olhos, sem participação nossa, deter-
 « minados por uma acção insensivel mas continua, cujos effeitos nem muitos
 « seculos bastam para verificar. Foi esta força lenta e occulta que, após longos
 « periodos cuja duração mal podemos imaginar, produziu e deve sem duvida
 « produzir ainda as metamorphoses do globo terrestre, e que, por novas com-
 « binações de elementos, procede cada dia a creações novas. »

Eis a idea original, sinão singularíssima de fr. Camillo.
 Como a pretendia elle desenvolver, sabemos por uma especie
 de programma, que achamos interessante transcrever, e que
 figura entre os seus manuscriptos relativos a este assumpto:
 « Introducção.

« Estado actual e certeza da Geologia;

« do methodo seguido e a seguir;

das theorias successivamente admittidas e regeitadas;

do grandioso nas theorias geologicas;

do papel da analyse mathematica applicada às theorias cosmogonicas.

- * Cap. I. Dos phenomenos geologicos da epocha actual.
 - 1. Dos aerolithos
 - 2. Dos terremotos
 - 3. Dos voicões
 - 4. Da sublevação e do abaixamento dos continentes.
- * Cap. II. Dos phenomenos geologicos do periodo diluviano.
 - 1. Do Diluvium
 - 2. Do terreno de alluvião
 - 3. Das rochas erraticas
 - 4. Da temperatura terrestre
 - 5. Das geleiras
- * Cap. III. Dos phenomenos geologicos anteriores ao Diluvium.
 - 1. Dos sedimentos terciarios
 - 2. Das sublevações das cadeias de montanhas
 - 3. Dos despedaçamentos da crosta terrestre
 - 4. Do deslocamento dos mares
 - 5. Da emersão e da immersão successivas dos continentes.
- * Cap. IV. Dos phenomenos da epocha geologica anterior ao apparecimento dos seres organizados.
 - 1. Da immersão geral da terra
 - 2. Do calor central e do calor solar na superficie do globo.
 - 3. Da emersão progressiva dos continentes.
- * Cap. V. Das hypotheses cosmogonicas e nova theoria.
 - 1. Asteroides
 - 2. Relações dos differentes planetas do nosso systema.
 - 3. Do sol.
 - 4. De nosso systema solar e de suas relações com o resto do universo.
 - 5. Do universo; da vida cosmica. * *

Sobre cada um d'estes objectos accumulou elle uma innumera quantidade de notas e observações, que hoje seria temerario sinão impossivel coordenar e redigir definitivamente para dar á memoria a feição, que seu autor tinha em mente.

O estado incompleto d'este trabalho, como o de tantos outros do sábio benedictino, tira-lhe indubitavelmente grande parte de seu valor, mas nem por isso é menos certo que a analyse dos materiaes accumulados revela o grande predomínio d'este homem estudioso, — seu amor pelos magnos problemas da natureza, sua attracção irresistível para o descobrimento da verdade.

É indubitavel que a Geologia não era o assumpto habitual das investigações de fr. Canillo, e isso o-confessou elle na sua charta ao barão de Humboldt quando a medo, e quasi como curioso, lhe-offerece o fructo de seus estudos neste particular, á maneira do discípulo modesto, que submette ao juizo esclarecido do mestre uma tentativa scientifica. Mas é exactamente isso que mais concorre para fazer admirar o seu engenho e o seu vasto saber.

A theoria cosmogonica da fusão dos asteroides pode ser e é talvez um sonho scientifico, fructo d'aquella phantasia que era um pouco a feição do character moral de fr. Canillo; mas os argumentos preparados para defendê-la pertencem ao dominio dos factos, e o valor d'esses não ha nega-lo. A nova conjectura valerá pouco como interpretação geral, e estou certo que os especialistas oppôr lhe-hiam objecções formidaveis; mas a discussão das outras theorias e a demonstração da insufficiencia d'ellas para explicar os phenomenos geologicos de modo satisfactorio não deixa de ter notavel merecimento.

Ainda hoje subsiste na sciencia, pelo menos na sua parte mais geral, a maravilhosa concepção de Laplace, que explica a formação da Terra pela condensação gradual de uma nebulosa primitiva, e que portanto attribue ao nosso globo uma origem ignea até certo ponto demonstrada pelos factos evidentes da sua esphericidade e do seu achatamento nos pólos.

Mas quantas dúvidas já se-elevaram da parte de homens eminentes a esta theoria tão admiravel pela sua grandeza como pela sua seductora simplicidade? Quantas interrogações subsistem de pé? A Terra não pudera tomar a forma

espheroïdal sem ter estado em estado de fusão ou de amolecimento? Por ventura a singular configuração e o recorte caprichoso dos continentes auctoriza similhante theoria cosmogonica? Explica esta hypothese todos os phenomenos geologicos e astronomicos? Não haverá meio de substitui-la por uma nova theoria, que concorde ao mesmo tempo com a figura da Terra, com a dos continentes, e com as condições geologicas da crosta terrestre em suas differentes edades, explicando os phenomenos que se manifestam na superficie e no interior do globo: as correntes magneticas, o calor central, a sublevação das montanhas, a disposição das camadas, os diluvios e desseccamentos alternativos, as variações de temperatura nas diversas epochas geologicas, a inclinação do eixo da Terra sobre sua orbita e o seu movimento de rotação em torno do mesmo eixo?

Em primeiro logar, quanto ao nucleo da Terra, dizem as theorias mechanicas que todo o globo submettido a um movimento de rotação, e cuja materia pode ceder ás forças que sobre ella actuam, cessa de ser uma esphera perfeita e se achata nos pólos de rotação. Mas, nota muito bem o sár. Houzeau, o valor d'este achatamento não é o mesmo, qualquer que seja a distribuição da materia no interior do globo que gyra; elle será muito maior para um espheroïde homogeneo do que para outro espheroïde, cuja materia estiver principalmente accumulada para o centro.

Ora, o achatamento da Terra, sabemos todos pelo que nos dizem as operações geodesicas, é proxíamente de um 300.^{mo} do raio do equador, isto é, muito menor do que a homogeneidade da massa exigiria. Logo a materia do nosso globo resistiu ao esforço produzido pela rotação mais energicamente do que o teria feito uma materia homogenea (V. *Cosmos-Les Mondes*, n.º de 9 de Agosto de 1884); é consequencia que parece incontestavel, e que conduz a esta outra conclusão: o nucleo terrestre em vez de fluido, como até pouco tempo se acreditou, encerra camadas mais densas.

As observações feitas nas minas sobre o pêzo concorrem a demonstrar o mesmo asserto.

São hoje d'este parecer auctoridades muito competentes e entre ellas o sñr. Liáis (*L'espace céleste &c. Paris. Garnier frères*, in-8.^o gr., com est.), quando diz « o achatamento da terra não é prova de sua fluidez primitiva »; e em outro lugar « a theoria da fluidez interior do nosso planeta em consequencia de sua elevada temperatura oppõe-se directamente áquella, cuja realidade os phenomenos astronomicos demonstram de modo irrecusavel. »

W. Hopkins, o sabio geometra inglez, mediante uma analyse mathematica elegante demonstrou que, « si o globo terrestre cessasse de ser solido a uma profundidade menor do que o $\frac{1}{4}$ de seu raio, isto é, si sua crosta solida tivesse menos de 1600 kilometros de espessura, os phenomenos de precessão e de nutação seriam bem differentes dos que se-observam. » Portanto, diz elle, é mathematicamente demonstrado que o globo terrestre é solido pelo menos nesta espessura, e consequentemente não se-podem attribuir os phenomenos volcanicos aos restos d'um calor primitivo.

As marés por sua parte trazem novo argumento em favor de similhante doutrina: o calculo indica que, para se ellas effectuarem no gráu em que as-observamos, é forçoso que a solidez ou rigidez interna do globo seja muito maior do, que a dos materiaes, que compõem a crosta superficial cuja resistencia conhecemos, — e similhante rigidez, segundo os calculos de W. Thomson, « deve ser consideravelmente superior á do ferro. »

Neste mesmo particular eis as proprias palavras do sñr. Archibald Geikie (*Text-book of Geology. London, 1882, in-8.^o, pg. 50*): « os argumentos contra a fluidez interior da terra são baseados sobre considerações physicas e astronomicas da maior importancia. »

Eis pois a sciencia moderna confirmando até certo ponto algumas inducções de fr. Camillo de Monserrate, quando ao tractar d'estes assumptos (cujas notas datam de 1854), dizia:

« Muitas vezes me-afano de vêr com que facilidade se-adoptou a theoria
 « que representa a terra nas primeiras epochas de sua formação como ãa massa
 « mineral em ignão, cuja superficie se-tenha solidificado depois de resfriamentos
 « progressivos, procedendo da circumferencia para o centro, mas cujo tnelon
 « ainda hoje está em condições de temperatura superiores a tudo o que a expo-
 « riencia humana permite imaginar, e composto de materias incandescentes
 « dotadas de uma força prodigiosa de expansão, que se manifesta nos trassos
 « raras velozes.

« Ha talvez muita desproporção entre causas tão poderosas e effeitos tão
 « limitados para justificar o meu exemplo. »

Não é que o illustre benedictino, arrebatado pelas suas phantasias ou confiado em seu saber, tivesse em menos preço o immenso talento de Laplace, pois que elle accrescenta logo depois :

« Si esta theoria, ligada a uma hypothese cosmogonica de pasmosa magni-
 « ficencia, se-tivesse fundado sobre factos bem averiguados, bem temerario ôra
 « eu me-ler a meur duvêr sobre seu valor, e o nome illustre do marquez de
 « Laplace, seu author, bastaria para vencer toda a hesitação e para fazer adopar
 « as suas consequencias sem mais exam. »

É que fr. Camillo, habituado a analysar com olhos de sabio as questões de que se-occupava, presentia já então a deficiencia d'esta grandiosa hypothese para explicar todos os phenomenos conhecidos.

De facto, si é certo que a idéa de Laplace na sua parte mais geral, ainda persiste na sciencia, não é menos verdade que rudos golpes lhe-tem desfechado a astronomia moderna em pontos essenciaes, e assim se-justificam as palavras de critica que transcrevemos.

O eminente auctor da *Théorie des probabilités* começou partindo de um engano capital, confundindo duas ordens de factos absolutamente differentes, isto é, a direcção dos movimentos planetarios em torno do sol e a dos movimentos dos satellites em torno de suas planetas (V. H. Poye, *Sur l'origine du monde*, Paris, Gauthier-Villars, 1884, in-8.º, est.).

Ainda mais: arrastado pela seducção de sua theoria cosmogonica, e sem que tivesse tido tempo de averiguar a direcção

do movimento dos satellites de Urano, que acabavam de ser então descobertos, adiantou-se o arrisco a affirmação de que esses satellites eram *directos*. Vieram os annos e as observações feitas com os instrumentos aperfeiçoados dos nossos dias, e não só ellas determinaram que os 4 satellites de Urano são *retrogrados*, como nos revelaram a existencia do satellite de Neptuno ainda mais evidentemente *retrogrado*.

Logo, é forçoso concluir com H. Faye, ha no mundo solar « duas regiões distinctas em relação ás rotações dos planetas e aos movimentos dos seus satellites: a região interior em que os planetas e os seus conhecidos gyram sobre si mesmos com seus satellites no sentido directo, e a região exterior muito mais vasta em que os satellites circulam á roda de seus planetas no sentido retrogrado. »

Por conseguinte tambem, a hypothese cosmogonica de Laplace é inaccionavel, visto basear-se num erro de theoria evidentemente demonstrado pelos factos.

E não pára aqui a sua deficiência.

Como explicar que, desde o Sol até Saturno, todos os planetas gyram sobre si mesmos no sentido da circulação geral e porque razão seus satellites circulam em torno dos planetas, no mesmo sentido, da direita para a esquerda? Nos anneis nebulosos cada particula obedece ás leis de Kepler, isto é, sua velocidade de circulação diminue do bordo interno para o bordo externo do anel; portanto, ao se condensarem em torno d'um centro de attracção, essas particulas formariam um globo animado de rotação retrograda, segundo o affirma a mechanica celeste.

Como fugir d'esta grave difficuldade?

Laplace, que a percebeu claramente, invocou duas causas para inverter a ordem das velocidades: o attrito debaixo da pressão e o resfriamento do anel. Mas o que é incontestavel é que, na circulação planetaria de um anel nebuloso, essa pressão não existe, pela razão obvia de que o peso das camadas é exactamente contrabalançado pela força centrífuga:

e 2.º, o simples resfriamento d'um anel nebuloso não traz a sua contracção, porque, circulando as partículas segundo as mesmas leis de Kepler, e portanto sem pressão reciproca, o unico effeito do resfriamento será a retracção d'ellas e não do anel. Ora, não se-retrahindo o anel, as partículas situadas no bordo interno d'elle não se-afastariam do sol, nem as situadas no bordo externo se approximariam do mesmo astro, e portanto não se-realizaria o duplo effeito, a que Laplace attribua a inversão das velocidades primitivas.

Esta argumentação d'um sabio astrónomo nos-parece concludente.

Segundo cremos, a theoria que tem hoje visos de maior probabilidade é a do já citado H. L'aye, concebida mais ou menos nos seguintes termos:

« Existiu uma enorme nebulosa primitiva quasi homogenea e espherica, animada não de rotação (o que seria pouco provavel) mas de fracos turbilhões internos em um certo e determinado sentido,

Sob a influencia da gravidade interna *Ar* estes lentos turbilhões se-regularizaram em anneis quasi situados no mesmo plano, os quaes deram nascimento successivamente a planetas, começando pelos menores (os mais proximos do centro), muito antes do apparecimento d'um sol central; nestas condições as rotações dos planetas e as circulações de seus satellites deveram ser todas directas, como de facto são.

Depois produziu-se uma condensação central, primeiro pouco assignalada e de processo lento, mais tarde muito mais rapida. Quando o sol absorveu toda a nebulosa menos os planetas e os anneis subsistentes (os mais afastados), a gravidade passou a ter por expressão $\frac{1}{r^2}$, isto é, a razão inversa do quadrado da distancia ao centro. Nestas condições os anneis exteriores, os de Urano e Neptuno, foram forçados a tomar a circulação exigida por esta lei; d'ahi a rotação retrograda do systema d'estes dois planetas. »

Por consequente, segundo esta theoria cosmogonica, a Terra

se-formou antes do Sol; quando este surgiu com uma radiação, primeiro fraca e depois mais poderosa, a crosta terrestre já solidificada se-achava prompta para receber os raios do sol nascente e soffrer as modificações, que elles tinham de produzir em sua superficie. D'esta sorte se-permite á Geologia e ás Sciencias Naturaes utilizar todo o calor solar para explicar a vida dos animaes e das plantas, quando pela hypothese de Laplace fôra preciso supprimir todo o calor perdido durante a formação dos planetas exteriores á Terra.

Esta theoria pois corresponde a um maior numero de factos averiguados, e nem vemos por enquanto argumentos poderosos que a-infirmem, visto que as proprias objecções de Flammarion (*L'Astronomie*. Juin 1884) não têm a força, que seu auctor lhes-attribue.

De toda esta digressão, a que nos-obrigou a duvida bem fundada de fr. Camillo de Monserrate sobre a hypothese de Laplace, — o que se-conclue bem positivamente é que o nosso illustre pensador, posto que não fôsse profissional, sabia ver longe nas questões a que dedicava seu talento.

A sua conjectura da formação da Terra pela aggregação de asteroides, formulada ha 30 annos passados, não deixa de ter argumentos em seu favor, e segundo creio já teve tambem adeptos depois. De uma parte, o facto conhecido de não serem eguaes o peso e os movimentos do pendulo debaixo da mesma latitude e em uma mesma altimide sobre o nivel do mar; de outra parte, a possibilidade por alguns aceita de se admitir ou mais de um centro de atracção no nosso espheroide, ou um centro susceptivel de variações e deslocamentos limitados; de outra parte, as oscillações periodicas ou progressivas de certas regiões dos continentes, que de facto parecem obedecer a movimentos alternados de sublevação e abaixamento em suas duas extremidades, como si um movimento de balanço se-pro-duzisse nesta parte da superficie; o relevo caprichoso e a configuração singularissima da crosta terrestre; tudo isso, alliado á doutrina hoje corrente da solidez do centro do nosso planeta,

e fortalecido pela conjectura muito provável de que a sua rotação se fez com um núcleo já composto de materias mais densas e compactas; tudo isso, repito, milita de alguma forma em defeza da theoria a que nos referimos, e, si não é prova de sua verdade, constitue pelo menos documento valioso do talento investigador do sábio bibliothecario.

Ligando quanto possível algumas paginas esparsas d'esta memoria, vejamos com mais algum pormenor todo o pensamento do auctor:

« Supponhamos, diz elle, que deus ou mais asteroides de volumes differentes se encontraram, approximaram-se e uniram-se; elles deveram confundir « suas atmospheras gazosa e liquida e executar, girando-se em torno d'um « eixo commum, uma revolução que determinou, após oscillações de duração « limitada, a disposição das partes liquidas em camadas concentricas ao centro « de figura do novo planeta, e a da atmosphera gazosa em camadas concentricas « nas parallelas á superficie do mesmo planeta.

« Seja a Terra este planeta. Tões asteroides constituem os continentes: « o Antigo Continente, o Novo e a Nova-Hollanda com seus annexos.

« Foi pois em consequencia da distribuição regular das aguas na superficie « da Terra que ella pdeu, qualquer que fosse a configuração, de suas partes « solidas, tomar a forma de um espheróide.

« Mas o volume das aguas era muito superior, como ainda hoje parece, ao « da massa mineral. E' pois provável que o mar cobrisse toda a sua superficie, « e com profundidades desiguas, correspondendo ás saliências e depressões dos « continentes e d'interstícios.

« Uma vez fixo o agrupamento dos asteroides, tendo ficado permanente « o eixo commun, e constituida que foi a figura do planeta, todas as mudanças « que sobrevieram foram devidas ás sollicitações do centro de gravidade e do « eixo correspondente, sem perturbar a ordem invariavel de suas relações.

« Parece que estes asteroides se-uniram de modo bastante irregular; um « d'elles, o Antigo Continente, achou-se inclinado sobre o outro de modo « tal, que seus grandes eixos se-cortavam em um angulo de perto de « 90 grãos.

« Dando lugar o seu contacto desde o principio a um consideravel desenvolvimento de calor e mesmo, sob a influencia das aguas salinas, a um desenvolvimento de electricidade, puderam realizar-se em suas superficies phenomenos de oxydação, que determinaram a formação das primitivas camadas « rochosas, ao passo que a precipitação dos sais magmaticos e calcareos « reunidos nas aguas depoz os primeiros sedimentos, que hoje se-acham a « grande profundidade na crosta mineral do globo.

« Pela acção combinada da força centrífuga (posta em exercicio pelo movimento da Terra sobre seu eixo); das correntes electricas e dos phenomenos calorificos, estes continentes se-sublevaram a pouco e pouco para as regiões exteriores do espheroido, de modo a exporem successivamente á luz e ao ar atmosphérico as partes correspondentes de sua superficie, sem contudo abandonarem o seu contacto pela base commum, e este ponto de contacto parece corresponder ás visinhanças do pólo arctico.

« Tal sublevação de massas enormes não se-poude effectuar sem que algumas de suas partes se-desaprumassem de grandes alturas sobre diversos pontos da superficie do Oceano, e sem que o seu peso, suspenso fora dos limites do espheroido, fôsse sollicitado para o centro do planeta. D'est'arte se-effectuaram desmoronamentos, que nos limites exteriores dos continentes deram ás costas esse aspecto recortado, e nas partes contraes produziram profundas depressões hoje occupadas por mares ou por desertos, que foram outrora cobertos pelas aguas.

« Nem é impossivel acompanhar na superficie da Terra os vestigios d'esses despedaçamentos, e reconhecer lhes a um tempo a direcção e a causa.

« Mas, em consequencia d'estes deslocamentos, deveram tambem produzir-se numerosas falhas nas mesmas direcções que os contornos geraes dos continentes, independentemente das que foram invadidas pelo mar. Foi por ellas que se-elevaram as rochas plutonicas, as quaes, segundo a epocha e o logar de seu apparecimento, encontrando camadas sedimentares mais ou menos poderosas, se-sublevaram com maior ou menor energia a alturas diversas e vieram constituir as cadeias de montanhas. »

Outra pagina :

« Existem nos espaços celestes correntes de materia solidificada, que circulam a fracas distancias da órbita terrestre, que até se approximam d'ella algumas vezes bastante para obedecer á attracção do nosso planeta, e se precipitam sobre a sua superficie depois de haverem produzido na atmosphera um rasto luminoso ; são as chamadas estrellas cadentes. Os corpos de pequena dimensão, que dão logar por sua queda a este phenomeno, puderam ser observados, analysados, medidos, e revelaram geralmente uma estrutura e uma composição quasi identicas, si bem que apresentassem dimensões variadas e uma fôrma irregular.

« O que se-passa perto da orbita da Terra pôde tambem reproduzir-se em torno das orbitas dos outros planetas do systema solar e dar origem a phenomenos similhantes.

« Ora, qual será o papel reservado a estes acrolithos nas operações da natureza sinão produzir, por sua aggregação mutua, novos asteroides cuja juxtaposição formará planetas novos? Não é assim que ella procede debaixo

« de nossos olhos á creação incessante dos seres inorganicos e organizados espalhados sobre a Terra? E si taes movimentos, taes metamorphoses continuam a dar-se, acreditamos por ventura que no céo a obra da natureza está definitivamente acabada?

« Os planetas que, sós ou acompanhados de satellites, descrevem em roda do sol orbitas mais ou menos extensas e diversamente inclinadas, posto que dentro de certos limites, acham-se collocados uns a respeito dos outros e relativamente ao astro central em condições, que não seguem uma progressão exacta. Estas irregularidades parecem demonstrar que a natureza marcha para um fim, que ainda não attingia.

« Passando em revista o nosso mundo planetario, notam-se astros cujo volume, densidade e elementos, sem conexão com o lugar que occupam na serie, parecem indicar que elles ainda não estão completos. Tal se nos afigura Marte, posto no limite d'esta região paradoxal, em que se agitam asteroides, que esperam as ordens da natureza para desempenhar o papel, a que parecem destinados.

« Este grupo de asteroides, que occupam a zona intermediaria entre Marte e Jupiter, longe de serem ruínas de grandes astros quebrados por algum choque mutuo, não representam antes um resto d'esta materia a principio infinitamente dividida, e depois aggregada em proporções varias, que deu nascimento aos planetas? »

E mais adiante:

« A Terra, cuja orbita se acha proxima das dos differentes planetas de pequenas dimensões, que occupam a região intermediaria do nosso systema, fazia talvez parte, no principio, d'este grupo de asteroides que, para servir-me de uma expressão pittoresca muitas vezes empregada pelo illustre auctor do Cosmos, circulando em torno de suas orbitas enlaçadas, puderam approximar-se, unir-se e confundir seus movimentos em torno d'um eixo commum. Não me parece impossivel até admittir que..... esses asteroides sejam destinados a constituir pela sua reunião novos astros de dimensões quasi eguaes ás dos planetas que, como Marte e Jupiter, occupam e determinam os limites extremos de semelhante zona.

« Este phenomeno, com o qual pode ter alguma analogia a queda dos aerolithos, não obstante a desproporção dos elementos que concorrem para esta aggregação, explicaria talvez as anomalias apparentes, que já foram notadas na distribuição dos planetas, sem relações determinadas entre suas distancias do sol, sua densidade, seus movimentos, sua excentricidade, suas formas e volumes respectivos.

« Enfim, os agrupamentos d'esses asteroides, devidos a um encontro accidental, puderam dar-se em proporções variadas de numero, forma e volume,

« e produzir por conseguinte compostos diversos, sem que tualavia abandonassem
« a região do céu, em que se exercitavam seus movimentos antes de tal
« associação.

« Eu ousaria dizer que sufficiente conjectura não se oppõe nem ao que a
« razão e a experiencia deixam suspeitar sobre o trabalho actual das forças da
« natureza, cuja illuz. não está acobarda, nem ás analogias que representam os
« corpos terrestres em seu modo de aggregação, nem ás que se podem encontrar
« nos espheres celestes situados fóra do região solar. Esta conjectura em summa
« parece satisfizer mais ao espirito do que a theoria que suppõe deslocamentos
« de grandes astros, cujos fragmentos esbotharam orbitas de inclinações diversas
« que percorrem na mesma direcção.

« Como quer que seja, arrisco-me a deduzir d'esta hypothese as con-
« sequencias relativamente á Terra, e a explicar pelos phenomenos, a que deu
« logar a associação de dois ou muitos asteroides, as condições, em que esteve
« collocado e ainda hoje se acha o nosso globo. » (1)

Era pois d'esta hypothese que partia o auctor para sustentar, que os despedaçamentos da crosta terrestre se-prodiziram immediatamente antes da erupção das materias que formaram as montanhas, — e que elles, sem ser a causa de tal sublevação, foram entretanto a occasião do phenomeno, abrindo uma passagem atravez das camadas horizontaes depositas pelas aguas, em differentes epochas anteriores, sobre a superficie solida da Terra.

Fôra pouco prudente pretender restabelecer toda a argumentação de fr. Canullo para defender esta these; as notas se acham insufficientemente redigidas, e correriamos o risco de substituir as nossas phantasias á verdadeira doutrina do auctor. Ahí fica quanto basta para dar idéa do seu pensamento.

O ENSINO DA HISTORIA DO BRAZIL.

V. n.º 19 dos *Dec.* — Bem curta é esta nota, mas o leitor achará nella esboçada uma idea de grande alcance: as vantagens e a necessidade de alargar o quadro do ensino da Historia do Brazil com o da historia dos outros povos americanos.

(1) Todas as notas e esboços d'esta memoria, estão escriptos em francez.

No tempo em que fr. Camillo fez estas observações, não só na cadeira de Historia patria do Collegio de Pedro II (o nosso estabelecimento modelo de instrucção secundaria) se não dizia uma palavra sobre os successos relativos ao resto da America, como nem na de Historia moderna de tal se fallava. Ha d'isto bons, 30 annos.

Actualmente ainda não estamos muito melhor, e os votos do sabio benedictino se não realizaram por enquanto.

No programma de ensino da historia moderna no anno de 1836 tracta-se de Turtos e Scandinavos, de Mahomet II e Gustavo Wasa, da guerra das duas rosas, da dos trinta annos e das campanhas de Frederico o Grande, tracta-se enfim de tudo que agitou a Europa desde 1453 até 1857; mas de pontos americanos não ha sinão a Independencia dos Estados Unidos e a Guerra do Mexico, como si os filhos de um grande paiz da America devessem combater as questiuencias dynasticas e as rivalidades politicas de estados longinquos, a que nos não prende laço algum, de preferencia á historia de nossos irmãos e vizinhos, filhos da mesma raça e companheiros de nossos destinos. É incrível, mas é verdade. Os moços brasileiros aprendem ainda hoje pelos moldes europeus, e continúa a ser guia da nossa educação historica um Manual do Bacharelado em letras feito em França, para França e segundo as vistas de França. Como a ella lhe não importava á America, também a nós se-autodita officialmente que pouco nos-vae com o seu destino.

Possam estas linhas acordar do lethargo os nossos professores, incutir-lhes a coragem precisa para redigir um compendio de historia adequado ás nossas necessidades de povo americano! O que fr. Camillo lamentava ha 30 annos pode ainda agora remedio, e é tempo de da-lo por honra do nome brasileiro.

ESTATISTICA DA POPULAÇÃO DO IMPÉRIO

V. n.º 20 dos *Doc.* — Tracta d'este assumpto uma longa charta, que pretendeu dirigir ao marquez de Abrantes, recla-

mando não só medidas do Governo para a realização de tão importante melhoramento, como providencias especiaes quanto ao modo de o-executar no Brazil, attenta a excepcional mixtura das raças que entre nós se-verifica.

Observador atilado, fr. Camillo não se-limita porém a considerações banaes, e aventa o problema da esterilidade dos mestiços, e da receptividade morbida d'esta raça cruzada. — questões que tanto interessam ás sciencias sociaes como á anthropologia. São de alto valor todas as ponderações que faz, e mereceriam ainda hoje a attenção dos nossos homens de sciencia, si quizessem olhar com mais solicitude e amor para estes problemas de interesse pouco lucrativo.

Indubitavelmente si ha paiz onde se-offereça vasto campo ao estudo d'esta questão anthropologica, da esterilidade relativa dos mestiços, é o Brazil, onde não só se-effectuou desde os primeiros annos da colonização portugueza, e em larga escala, a mescla do sangue branco com o indigena, como, depois da introdução da escravidão africana no seculo XVII, a mixtura do mesmo sangue europeu com o da raça negra. O mameluco e o mulato, que provém d'este primeiro cruzamento das trez raças, são por ventura indefinidamente eugenosicos, mostram-se capazes de perpetuar uma variedade inalteravel, offerecem typos hygidos e perfeitamente constituídos, si continuam a reproduzir-se entre si sem a menor mescla de sangue paterno ou materno?

Este problema é mais importante do que parece á primeira vista, e apresenta serias difficuldades, que não deixamos de reconhecer. Em primeiro lugar, segundo a doutrina de alguns naturalistas, envolve-se n'elle a famosa questão da *especie* humana, e portanto um argumento contra ou a favor do *monogenismo* — este ponto capital e sempre debatido da moderna anthropologia. Em segundo lugar, faz-se necessaria uma observação tão rigorosa e um criterio scientifico tão escriptuloso para tirar conclusões dos factos; cumpre analysar tão cuidadosamente as circumstancias do cruzamento, afim de que se-verifique a

condição primordial da experiencia, isto é, a não intervenção de uma das raças puras na descendência do mestiço, que não é sem muito trabalho e sem muita excepção de espirito que se-pode resolver o ponto.

Fr. Camillo não tinha de certo preocupações theologicas, nem era tão pouco partidario declarado do polygenismo; olhava o assumpto como philosopho, sem pretender concluir coisa alguma contra ou a favor da unidade da especie humana. Visava mórmente a indagação de um phenomeno, que podia ter consequências sociaes da maior valia, e que de facto era no seu tempo e ainda hoje se-pode dizer — litigioso dentro de certos limites.

O que nos dizem as melhores autoridades? Offerecem ellas algum apoio á duvida do sabio benedictino?

A. de Gobineau, em um livro celebre (1), levou á ultima exaggeração a doutrina dos inconvenientes do cruzamento das raças, chegando a attribuir a este factor a decadencia do imperio romano, — asserto que mal se-pode explicar em espirito tão levantado e tão rico de saber.

Posto que menos excessivos, e até defendendo conclusões muito differentes, sustentaram tambem a insubsistencia de uma raça mesliça Roberto Knox (2), Jorge Pouchet (3), Jacquinet — o zoologo da expedição do *Astrolabe* (4), e varios outros.

Na obra valiosa e interessante de Nott e Gliddon (5) encontram-se as seguinte conclusões relativas a este ponto:

1. That *mulattoes* are the shortest-lived of any class of the human race;
2.
3. That they are less capable of undergoing fatigue and hardship than either the blacks or whites.

(1) Essai sur l'Inégalité des races humaines. Paris, Didier frères, 1853-1855, 4 vols. in-8.

(2) The Races of Men. London, 1850, in 12°, pp. 136 (cit. por Bruce).

(3) De la pluralité des races humaines. Paris, 1853, in-8°, pp. 140.

(4) Voyage au pôle sud, et dans l'Océanie sur l'*Astrolabe* et le *Zélee* (1837-40). Zoologie. Paris, 1846, in-8°, II, pp. 91-93.

(5) Types of Mankind. Philadelphia, 1854, in-8° esp. 2^a, p. 373.

4. That the *mulatto-women* are peculiarly delicate, and subject to a variety of chronic diseases. That they are bad breeders, bad nurses, liable to abortions, and that their children generally die young.
5. That, when *mulattoes* intermarry, they are less prolific than when crossed on the parent stocks.
6.
7.

E Nott acrescenta:

« Almost fifty years of residence among the white and black races, spread in early equal proportions through South Carolina and Alabama, and twenty-five year's incessant professional intercourse with both, have satisfied me of the absolute truth of the preceding deductions. »

De facto suas observações feitas na Carolina do Sul o levaram a reconhecer que os mestiços não são perfeitamente eugenesicos, e si é verdade que nas cidades do Sul dos Estados- Unidos, como New-Orleans, Pensacola, &, notou o contrario, vê-se que attribue o facto á diversidade de origem da raça branca que colonizou esta região, povoada, como se sabe não pelos anglo-saxónicos, mas por francezes e hispanhóes.

Eduardo Long (?) fizera muito antes observações da mesma natureza na Jamaica, concluindo no sentido da opinião de Nott; e aqui (note-se bem) não só o cruzamento se-fez com sangue anglo-saxonio, como até a latitude e o clima (parallelo 18.º) correspondem ás condições das localidades d'Africa, onde prospera a raça negra. Não ha pois appellar para o enfraquecimento d'esta raça em um meio pouco adequado á sua plena expansão. E estes factos são tão notorios, que o proprio Lewis, pretendendo combater as opiniões de Long, não ponde furtar-se á confissão de que « os productos da união de brancos com negros tinham alli bem pouca vitalidade. »

Em outros pontos da terra não falhou quem sustentasse identico parecer.

Boudin (*), alludindo ao Indostão escreveu:

« Les métis de Pondichéry, connus sous le nom de *Topus*, fournissent une mortalité beaucoup plus considérable non seulement que les Indiens, mais encore que les Européens, quoique ces derniers meurent incomparablement plus dans l'Inde qu'en Europe. »

O mesmo auctor em outro livro (**), a proposito dos *Sipplapps* de Java, filhos de holandezes com mulheres malaias, dissera já que estes mestiços se não reproduziam além da terceira geração, e até Quatrefages pretendeu achar na influencia dos meios a explicativa d'este facto.

Na Australia, assim como na Tasmânia e na Nova-Zelandia, é assaz conhecida a raridade dos mestiços, e Broca, depois de demonstrar que isto não é devido á falta de relações entre a raça branca e a indigena, diz em um tom formal e positivo:

« On peut donc accepter comme une chose *parfaitement avérée* que les métis des Européens et des femmes indigènes sont assez rares en Australie. »

Quatrefages (†) — o illustre corypheu do monogenismo em França —, posto que defendia com toda a força de seu saber a fecundidade indefinida dos mestiços — uma das pedras angulares de sua doutrina —, não deixa de convir em que no cruzamento do branco com o negro se-offereçam alguns factos comprovativos do contrario, e se-exprime nos seguintes termos: « Je ne nie pas pour cela les faits avancés par Etwick, Long, Nott, Yvan, Simonot. Je les accepte sans même les discuter. Que prouvent-ils en présence des autres faits si nombreux, si concluants? Tout au plus que le développement de la race mulâtre peut être favorisé, retardé ou empêché par des circonstances locales. »

C. Vogt (†) diz em sua obra bastante conhecida:

« Dans les Indes Occidentales on croit que les métis purs

(*) Bulletin de la Société d'Anthropologie. Procès-verbal de la Séance du 1.^{er} Mars 1860.

(**) Géographie médicale. Paris, 1857, in-8.^o 1. pp. XXSLX.

(†) L'espèce humaine, Paris, Goussier-Routledge, 1877, in-8.^o p. 198.

(†) Leçons de Phonétique. Paris, 1878, in-8.^o

deviennent stériles à la troisième génération »; e em outro lugar (p. 594): « chez certaines races la production des métis est limitée au point qu'aucune race mixte n'en peut résulter. »

Broca (*), que não pode ser lido por autoridade suspeita, e que discute este assumpto com lucidez e criterio, esmerilhando os factos, pozando as razões e decidindo com imparcial moderação, escreve:

« ... Dans le genre Humain, comme dans les autres genres de mammifères, il y a, suivant les races ou les espèces, des degrés très divers d'homogénéité; que les métis de certaines races sont parfaitement engénésiques, que d'autres occupent une situation moins élevée dans la série de l'hybridité, qu'enfin, il y a dans le genre humain des races dont l'homogénéité paraît tellement obscure, que les résultats même du premier croisement sont encore à l'état de doute. »

Finalmente Topinard (†), si bem propenda para a demonstração da eugenesia dos mestiços, confessá o seguinte:

« La règle dans l'humanité est l'eugénésie, mais certaines races sont moins fécondes entre elles par leurs métis de premier sang que par leurs collatéraux. »

Mui de proposito accumulamos estas citações para não haver dúvida sobre a procedencia da questão proposta por fr. Camillo, — problema que nestes ultimos tempos ha excitado tão grande controversia, e para o qual não ha argumento theorico que valha uma boa estatística, conscientemente averiguada. Era isto que o sabio investigador desejava se-estudassê e fizesse no nosso paiz, tão propicio á clucidção do assumpto.

Ponhamos de parte a preocupação systematica, e concedamos que a fecundidade absoluta da raça mixta é um facto real em these. Não poderá ser elle modificado por circumstancias locais ou accidentaes? Tacs circumstancias se-realizam acaso no Brazil? o que fazer para impedir seus males?

(*) Mémoires d'Anthropologie. Paris, C. Reinwald & Co., 1871-1877, 3 vols. in-8.º III. p. 493-507. Des phénomènes d'hybridité dans le genre humain.

(†) L'Anthropologie, Paris, C. Reinwald, 1879, in-12.º, p. 359.

Penso não andar longe do pensamento do auctor, pondo em seus labios estas interrogações, que bem mereciam a attenção dos estudiosos, e ás quaes todavia ainda até hoje se não responderam.

A RAÇA AFRICANA

V. n.º 21 dos *Doc.* Curta e igualmente não acabada é esta nota, mas nem por isso menos digna de apreço. Fr. Camillo pretendia com ella despertar a attenção do nosso Governo para um trabalho scientifico de grande monta, qual o de colher e compendiar informações ethnographicas e linguisticas sobre a raça negra tão bem representada nos milhares de africanos de typos e nações diversas, que existiam e ainda existem entre nós.

O que elle tinha em mente era a publicação de uma vasta galeria de typos africanos (representados pela photographia para maior fidelidade), acompanhada de um texto, em que se achassem os vocabularios das differentes nações, notas relativas ás suas religiões, seus usos, sua origem e suas tradições.

De facto sabemos que se occupou d'este assumpto com certa assiduidade durante algum tempo, e ainda não ha muito nos referiu o sr. barão de Tauphous que, convidado pelo sabio benedictino a collaborar nesta obra, fez ensaios repetidos com elle para a colheita de vocabularios diversos. Mas o trabalho exigia recursos pecuniarios, que o pobre monge não tinha á sua disposição, e por isso não passou de projecto ou dos primeiros lineamentos de execução. Todavia a semente ficou ali lançada, e quem conhece o que modernamente se ha feito no immenso campo das explorações africanas roteado por Livingstone, Stanley, Schweinfurt, Cameron, Serpa Pinto, Capello, Ivens e tantos outros, não recusará ao nosso douto pensador o merito de haver tentado a resolução de um importantissimo problema.

CARTAS ESCRITAS DE BUTAFOGO

V. n.º 22 dos *Doc.* Sob este titulo saíram da penna de fr. Camillo 12 chartas, das quaes as duas primeiras foram pu-

blicadas em português no vol. I. da *Revista Popular* (1859) a pgs. 176 e 243, e as dez últimas em francês no *Écho du Brésil* de 1860, com a assignatura *Carlota Frederica*.

Destinadas a um grupo especial de leitores, estas composições desdizem do tom ordinario dos escriptos do sabio religioso, o qual, como em toda esta biographia se vê, consumia seu tempo e applicava seu talento em assumptos graves e de summa importancia social, scientifica ou litteraria. Por isso mesmo, talvez, não deixa de ser curioso vê-lo abandonar as alpestres serranias das investigações eruditas e descer ao campo florido da litteratura amena, depôr o estylete do critico philologo, e travar da penna do folhetinista, sem pretensões a S.^{te} Beuve nem a Clarctie, mas sempre elegante e concetnoso, por vezes imaginoso e facetto.

Não era este de certo o genero mais adequado ao talento de fr. Camillo, e as 12 chartas pouco ajuntarão á sua gloria litteraria; mas reproduzi-las é em todo o caso mostrar o homem por outra face, e tanto mais convem fazê-lo quanto nas ultimas se urde uma especie de romance, cujo protagonista é a men ver o retrato do proprio auctor, e cujo assumpto bem pode ser a reprodução de alguma aventura dos seus tempos de mocidade. Ellas tem portanto interesse biographico.

A 1.^a charta, datada de 26 de Janeiro de 1859, apresenta-nos Carlota no meio da sociedade de litteratos, e politicos, que frequentavam a casa de seu pae em Botafogo, e dando-nos noticia das conversações interessantes que alli se-travavam sobre as questões mais palpitantes do tempo. Ahi occorrem de passagem algumas linhas sobre o casamento civil, assumpto que ainda então andava na baila, e sobre o jornalismo da epocha cujas máculas o auctor deplora.

Na 2.^a versam as palestras sobre varias obras litterarias, que tinham então apparecido: o *Diccionario* de Eduardo de Faria e o *Brazil Pittoresco* de Ch. de Ribeyrolles.

O espirito fino e afiado do critico transparece nestas linhas repassadas de ironia sobre o primeiro d'esses trabalhos:

« Verdade é que neste livro se encontra, em compensação do que lhe falta, uma multidão de cousas, que d'ingem especia, mas que por isso mesmo maior prazer nos dão. Com quanta admiração e jubilo não deparei eu com um chouriço de lindas pulvinas, lascas, cellas, scythicas, hebraicas, etc., etc. comas de alchimia, necromancia, e c. e nomes das mais célebres personagens das epochas e dos paizes mais ignotaes. Quantas cousas, de que nem meu pai, nem meus primos, nem os meus amigos nunca jamais haviam ouvido falar. »

Bein verdade é que a *indigesta moles* de Faria podia ser julgada com mais severidade ainda; mas *non erat his locus*, e todo o que tivesse vislumbres de profunda critica soaria mal nos lábios da ingenua e amavel Carlota.

Sobre a obra de Ribeyrolles, a opinião dos litteratos do Botafogo é o echo do parecer justissimo do proprio Camillo, e não ha que acrescentar-lhe uma virgula.

Diz o auctor:

« Quanto a mim, confesso que na obra d'este escriptor prefiro os raros e capitulos, em que elle abandona o tom da epopeia para descer a um tom meo e menos olympico.

« Carga-se o espirito a adimir no decurso de um grande volume de 153 pag. os esforços por demais vãos que o auctor emprega, para fazer brilhar sobre um torço, que nada tem de novo nem de original, as mais garridas cores da poesia oriental. *Beste e n'importe* (punctypunct), essa mesura por *atrophies arredondadas*, rebecadas por estribillos em casaca, essas locuções bizarras, que chegam até á crancice, e que sómente se dissipam em parte na traducção; finalmente, todo esse enthusiasmo effluante, que faz lembrar o *chateaubriand* democratico dos jornaes destinados ao consumo da classe operaria, tudo isso impaciente e desanima o leitor menos apaixonado.

« Para ser decantado em prosa, não precisa o que é grande e bello de tal aparelho sublime, nem de tal acompanhamento lyrico. Deixemos aos oradores emphaticos, ás epochas de decadencia, e aos rapazes de escola essas amplificações pueris. Se quizermos dar com o verdadeiro tom historico, recalcamos e procuramos imitar na sua nobre sobriedade os grandes modelos, Tacito e Bossuet. »

A 3.^a charta, publicada já em francez no *Écho du Brésil*, continúa a dar-nos as impressões colhidas por Carlota nos salões elegantes de seu pae. « C'est donc au milieu des discrets bavardages d'une société polie, que je m'efforce de ré-

colter le bagage que je vous envoie. » Tem por assumpto o cometa descoberto havia pouco pelo sr. Lm. Liais em Pernambuco, e a questão incandescente da Italia « où se trouvent peut-être en germe un monde inconnu, une société nouvelle, ou le signal d'un bouleversement universel ». Vê-se que a segunda hypothese do pensar se-realizou; a *Italia* *nova* nasceu da guerra de 1859.

Na 4.^a depois de tractar ainda Carlota dos acontecimentos italianos, passa ao capitulo das modas femininas, e ali com sal parisiense discute a abolição da *crinoline* e sua substituição « par ces étroits et longs fourreaux de velours, ces gaines de cachemire aux plis flottants, sous lesquels la tendre Joséphine, l'altière Marie-Louise, la séduisante Recamier, la savante baronne de Stael, la fougueuse Tallien exerçaient sur leur contemporains une fascination dont l'histoire anecdotique permet de calculer l'intensité, quelque doute que puissent susciter à nos yeux les portraits d'Isabey et de David. » Todo este trecho é scintillante de graça.

A charta feita por umas tiradas humorísticas sobre o celibato masculino.

A 5.^a é toda relativa ao modo, por que alguns viajantes frívolos se-aprazem em mentir sobre os usos e costumes do Brazil, tendo o viato pela rama e analysando-o sem observação nem critério.

Na 6.^a refere-nos Carlota que estivera alguns dias ausente, e pinta-nos o quadro risonho da vida campestre, as festas e folguedos dos escravos, que saídam com expansões de nativa e ingenua alegria a vinda do bom senhor e de toda a familia à fazenda.

Devo aqui notar que fr. Camillo não perdia enxaença de advogar a causa d'estes infelizes captivos, pelos quaes experimentava sympathia sincera e compassiva seu coração naturalmente propenso a tudo quanto era generoso e bom.

Estas palavras, que elle põe nos lábios de Carlota, são o reflexo fiel do seu sentir:

« Le peu de jours que je passe à la campagne me donnent occasion d'observer un monde différent de celui au milieu duquel je passe le reste de l'année, et si j'y rencontre des traits propres à l'homme de toutes les conditions, si la vie des noirs sur notre habitation m'y découvre le jeu des mêmes passions, j'aime à me persuader, et j'y réussis par ignorance sans doute, que ces pauvres noirs sont meilleurs qu'on ne les représente généralement.

« Aussi me paraît-il que l'on se montre moins généreux qu'equitable en les traitant avec indulgence et avec douceur, en les considérant moins comme des êtres dégradés, que comme des âmes susceptibles d'amélioration; en les contenant sous une tutelle que l'infériorité de leur intelligence rend nécessaire, mais qui doit s'exercer plutôt par une protection bienfaisante que par la compression inutile. »

7.^a charta. Aqui principia o entrecho do pequeno romance, a que é dedicado todo o resto da correspondência.

Diz-nos Carlota que chegára-lhe um sobrinho, o menino Guilherme, para fazer sua educação sob as vistas e direcção do avô e da tia. Feitas muy judiciosas reflexões sobre esta nova classe de deveres, a que la satisfazer, começa por observar quanta difficuldade tivera seu pai em achar um preceptor idoneo. Encontrou-se afinal a perola desejada, e a respeito do cavalheiro Mauricio (assim se elle chamava) diz Carlota:

« Je n'ai pas le temps de vous signaler tous les traits qui ont recommandé à l'attention et à l'estime de mon père ce jeune professeur, qui a tous les airs d'un homme du meilleur monde, la simplicité extérieure d'un homme de goût, les connaissances variées d'un homme savant et studieux, qu'il ne semble montrer d'ailleurs qu'à regret et avec une réserve qui révèle son jugement et son savoir-vivre. »

Ao leitor perspicaz não escaparão os primeiros traços de similitude entre o typo do proprio C. Cléau e o d'este joven professor modesto, estudioso e grave.

Na 8.^a charta entra em scena um novo personagem. Leopoldo de Böhme, estrangeiro excentrico e singular, que já havia um anno apparecêra nos salões de Carlota, e que agora voltava a fazer as delicias de seu pai e dos muitos amigos que o-visitavam. Convidado a jantar ali, quando Mauricio ao ser-lhe

apresentado balbuciava o cumprimento do estylo « Je me félicite, Monsieur, de faire votre connaissance », de Böhme responde-lhe a-sorrir: « Je le crois bien, Monsieur ». Esta insolita resposta, quasi offensiva ou pelo menos enigmatica, em todos produziu desagradavel impressão, e a primeira parte do jantar foi fria e silenciosa. Reanimada a conversação, começa de Böhme a sempre curiosa narrativa de algumas de suas longinquas viagens, e, escolhendo nesse dia, a descripção dos costumes dos selvagens da Nova-Zelandia; invoca por vezes o testemunho de Mauricio, e acaba por narrar com pormenores extranhos uma scena horrivel, de que dizia ter tido noticia naquellas paragens. Neste ponto apodera-se do joven preceptor uma agitação nervosa indescriptivel, empallidece, e significa pela emoção que havia na sua vida um segredo ligado talvez áquella narrativa singular.

Nas chartas 9.^a até 12.^a prosegue a acção. Mauricio, confuso e perturbado, vae para seus aposentos, e os convivas passam ao salão, onde o resto da noite se-passa entre os encantos de conversação alegre e animada.

Quando todos se retiraram, de Böhme pede licença para ficar mais alguns momentos, e, dispondo-se a dar explicação da scena extraordinaria do jantar, conta o seguinte:

Havia pouco mais de 20 annos vira Mauricio pela primeira vez, e desde então á custa de inauditos esforços corria o mundo em procura d'elle, depois de-haver obtido informações exactas sobre sua familia, sua fortuna e seus antecedentes. Como o-conhecêra? Estava de Böhme em 1839 na bahia de Akaroa na Nova-Zelandia, passageiro da fragata *la Syrene*, e entre os poucos navios estrangeiros, que alli estacionavam, contava-se o baleeiro americano *Jenny Dow*, de New-York, a cujo bordo viajava Mauricio, moço instruido, amavel, amador de caçadas e activo colleccionador de objectos curiosos, com quem entretanto não tivera occasião de travar relações intimas.

Indo a terra com intuito de realizar uma exploração, e acompanhado só de um grumete, aconteceu que foi na floresta

salteado violentamente por um maori possante, que quasi o matou a pancadas com o seu *pukú-pukú*. Como se salvou de transe tão grave, quão inesperado? Soube-o só depois. O grumete, que disparára a fugir no começo da lucta, encontrára Mauricio alguns passos mais adiante ao sair da floresta: pedir-lhe soccorro, precipitar-se o moço generoso ao lugar da scena medonha, e descarregar um golpe tremendo no assassino foi obra de alguns instantos. Mas a mulher do maori abi estava, e forçoso foi empenhar nova lucta com a moçera vingativa, que por fim caiu prostrada e sem vida a seus pés.

Levado de Bôhne sem sentidos para bordo, levantou ancora o navio pouco depois, e impossivel lhe-fôra por isso agradecer a Mauricio o immenso serviço, que este lhe-prestára.

Voltando a Europa não esqueceu o bemfeitor, e com infatigavel perseverança indagou, e conseguiu inteirar-se de todos os incidentes da sua vida, alentando sempre a esperanza de encontra-lo um dia e testemunhar-lhe a sua gratidão.

Quem era Mauricio? Terceiro filho dos condes de Oppenheim nascêra no velho castello da familia ás margens do lago de Constança. Ahí passou sua mocidade, esquecido pelo pae leviano e prodigo, e tendo por consolo unico a companhia de um velho e sabio preceptor. Chamado por vezes á presença do pae não recebêra d'elle sinão exprobrações injustas, aggravadas ainda pelos caprichos e sarcasmos de uma cruel madrasta. O menino não pôde mais supportar o tormento, e aos 16 annos, morrendo o seu preceptor, fugiu do castello e se-passou para França, onde no meio de mil tribulações de toda a especie logrou encontrar um velho magistrado, bom amigo e excellentes coração, que, compadecido de seus infortunios, o protegeu, fornecendo-lhe meios de transportar-se e estabelecer-se nos Estados Unidos, onde embarcára na *Fenny Deno* para esta viagem á Nova-Zelandia.

Fis a largos traços a curiosa historia de Mauricio. O que fizera de Bôhne para significar-lhe o seu profundo reconhecimento? Informado da situação precaria da familia de seu

salvador, comprára o castello arruinado de Oppenheim, restaurára-o convenientemente, e corrêra em busca do seu legitimo dono para o-reintegrar em seu patrimonio. Aceitaria o moço attivo este beneficio das mãos de um extranho? Era toda a sua duvida, e para o-ajudar nesta melindrosa tarefa solicitava agora o apoio e a intervenção da familia de Carlota.

Neste entrecho de romance reflectem-se ao vivo muitos dos incidentes da propria vida de Camillo, não ha nega-lo. Aqui reside o principal interesse das ultimas *Chartas escriptas de Botafogo*.

A QUESTÃO BANCARIA

V. n.º 23 dos *Doc.* — De litteratura e cosmogonia a finanças ha um abysmo: mas que importa isso, si de facto se-debattiam todos estes problemas a um tempo no espirito do sabio, não meos apaixonado pelas seductoras questões de philologia classica do que pelos graves assumptos sociaes e politicos discutidos em sua pátria adoptiva?

A nota que hoje publicamos é ainda um fragmento, mas não será excusado da-la á estampa para ver-se quanto fr. Camillo meditava em taes assumptos. Devêra ser escripta em 1860, visto que só em 30 de Abril d'esse anno foi apresentado o *Relatorio* da commissão nomeada pelo Govêrno em 1859 para proceder a um inquerito sobre as causas da baixa do cambio e effeitos da emissão bancaria.

O APOLOGO GNOMICO

A origem do apologo gnomico despertou a sua curiosidade, e particularmente o personagem assaz conhecido pelo nome de Bispo foi objecto de investigações suas, que devia fr. Camillo compendiar em uma dissertação, para a qual reuniu notas copiosas, mas que infelizmente como tantas outras ficou incompleta. Eis como elle mesmo estabelece a questão:

« Em uma curta dissertação publicada na *Revue Archéologique* de Paris « (1861. t. III. pg. 354-369.), o sr. J. Zundel se esforça, a proposito do des- « colimento de novas fabulas syriacas, por decidir a questão seguinte: Bispo « era judeu ou egypcio? »

« Pareceria, pelo modo por que está formulado o problema, que não poderia ser acceita sinão uma ou outra d'estas soluções, e o objecto que o auctor se-propõe é demonstrar que as fabulas de Esopo são de origem egypciaca.

« Esta opinião bastante nova poderia ser considerada como paradoxal, e contraria á tradição admittida por antigos e modernos, os quaes sem personificar o auctor dos apologos, os attribuem geralmente á Asia Oriental ou pelo menos á Persia ou á Arabia. Mas o sr. Zündel declara positivamente que as diversas conjecturas emittidas sobre a patria de Esopo, excepto as que o-fazem egypcio ou judeu, não supportam exame.

« Todavia, independentemente do nome do auctor das fabulas, fôra talvez necessário perguntar primeiro, si as que se-attribuem a Esopo não são copia ou paraphrase de todas as fabulas, que tiveram curso outrora sob nomes de auctores diversos, e a que nação poderia ser attribuido o uso habitual sinão a invenção do apologo gnomico.

« Ao que parece, a questão não é saber si se-deve attribuir semelhante honra a Bidpai, a Lokmann, a Syntipas, a Salomão, a Esopo, mas si estes diferentes nomes não designam os propagadores d'estes apologos em varios paizes e em varias epochas, que, para populariza-los pela tradição em diferentes linguas, os-tomaram quer a uma collecção mais antiga, quer uns a outros.

« Como quer que se-fizesse a translação do apologo para a Grecia, ou vindo da India ou vindo do Egypto, é inconcusso que o seu uso remonta á alta antiguidade, já sob a forma de uma curta narração, em que figuram como actores animaes postos em scena com os diversos instinctos que os-characterizam, já sob a forma de parabolos, — mas sempre com a intenção de resumir sob forma attractiva um ensinamento, uma sentença moral.

« O nome de Esopo, como auctor ou propagador de uma collecção de fabulas, não apparece sinão muito tarde na historia litteraria da Grecia. E' por outro lado notavel que essas fabulas sejam escriptas em prosa, como si tivessem sido traduzidas quasi litteralmente. Só muito depois foram redigidas em versos scazões por Babrio (v. *Biogr. Gén.* t. 4. art. Egger), que se acredita haver vivido no II séc. de J. C. »

Em outro lugar, e sobre o mesmo assumpto, diz ainda fr. Camillo:

« O uso do apologo gnomico parece originario da India. E' a este paiz que se-attribuem as fabulas muito antigamente conhecidas sob o nome de seu pretendido auctor, Bidpai, ou sob o de Kalila e Dimna, — collecção traduzida em quasi todas as linguas do Oriente, e donde se-suppõe que foram

« tirados e imitados os apólogos de Esopo, &c. e os de nossos fabulistas modernos.

« Já se suspeitou (segundo uma velha biographia de Esopo) que no nome de *Αἰώπος* devia ver-se um epitheto equivalente a *Αἰθίοψ* — o Ethiope —.

« A tradição põe na Phrygia a lenda de Esopo, que alli foi escravo.

« Eu acho muita semelhança entre Esopo e o phrygio Sileno, philosopho, que me parece por sua vez pertencer ás tradições da Ethiopia Oriental, isto é, da India; e acho também muitas analogias entre este Sileno e o personagem legendario da India primitiva Kacyapa.

« Os nomes de Esopo, Bidpai e Kacyapa podem aliás filiar-se á palavra *Αἰθίοψ*.

Finalmente, começando o desenvolvimento especial do assumpto, eis como se-exprime:

« Parece que houve entre os antigos um ramo de litteratura, mais ou menos aperfeiçoada ao passar para as linguas cultas do Occidente, e que se-compunha de contos, romances, ficções, accompanhados, segundo o uso ainda hoje seguido no Oriente, de sentenças moraes e de uma applicação mais ou menos apropriada ao assumpto.

« Talvez, em virtude de sua origem e de sua importação na Grecia desde epocha remota, este genero de composições recebesse a designação commum de fabulas ou contos ethiopicos, d'onde mais tarde nasceu a de contos Esopicos; d'aqui se-poude quicá deduzir a existencia de um auctor chamado Esopo, de quem se imaginou a historia e se forjou uma biographia, conforme o uso grego de remontar sempre a um nome proprio de homem ou de heroe, para explicar as lendas locais e para dar a etymologia dos nomes de cidades e paizes.

« Entre taes composições poderiam talvez figurar algumas das que sob o titulo de dramas satyricos eram recitadas no theatro nas solemnidades do culto de Baccho..., e que, destinadas a popularizar lendas de Deuses sob forma attractiva, muitas vezes obscena e até impia, apresentavam a caricatura, a parodia das narrativas epicas e dos ritos sagrados.

« Nestas especies de dramas os Satyros formavam o choro, e recitavam de accordo com o seu papel a moralidade, que resultava da fabula representada, — moralidade que, sem ser sempre um preceito de moral, encerrava um conselho de applicação e pratica.

« Ora, estes Satyros de pelle negra e....., nariz chato e pernas de bode deviam ser considerados como seres pertencentes a uma raça longinqua bem diversa da dos espectadores, nestas assembléas populares de Athenas ou das outras cidades da Grecia.

« Si accrescentarmos que o chefe d'estes Satyros era um personagem grotesco,

« Sileno, cuja mascara offerece notavel semelhança com os traços que a tradição
 « attribua a Esopo, —Sileno que a lenda bacchica dava como general ou preceptor
 « de Baccho, e que o-havia acompanhado á India,—Sileno que era aliás consi-
 « derado como um philosopho, que habitára a Phrygia, e revelára mysterios a
 « Midas..., reconhecer-se-lha que tacs contos Ethiopicos ou Esopicos não são
 « em realidade sinão os contos ou fabulas representadas e cantadas no theatro,
 « que encerravam lendas de sentido religioso, politico ou pratico conforme a
 « occasião, e nas quaes figuravam animaes destinados a dar á representação o
 « aspecto variado, grotesco que agradava ao povo e o-fazia rir. »

Infelizmente os trechos mais ou menos redigidos são poucos, e quasi não passam do que ahí fica transcripto; mas as notas accumuladas são abundantes, e dão claramente a perceber que desenvolvimento devêra ter a curiosa dissertação, si o auctor houvesse concluido o seu trabalho.

No meio d'ellas ha uma todavia, que não posso passar em silencio, porque julgo encerrar interpretação nova e curiosa sobre a propagação das ideas religiosas do Oriente nos paizes occidentaes. Este assumpto veio intercurrentemente enlaçar-se ao precedente, e parece que em virtude de sua importancia fr. Camillo concebêra o plano de uma memoria á parte sob o titulo seguinte:

A questão do Oriente na antiguidade.

« A Asia-Menor, diz elle, durante a epocha heroica da historia da Grecia,
 « e no seculo em que começa a historia propriamente dicta, parece ser ao
 « mesmo tempo o ponto de contacto e de communicação entre a Asia Aryana
 « e a Europa, e o logar em que se-declara e continúa a lucta entre as tribus
 « rivaes da raça Aryana do Oriente e do Occidente.

« Foi d'alli que se derramaram antigas emigrações sobre a Grecia e o
 « Archipelago; foi contra antigos estabelecimentos formados nas costas da
 « Asia anterior que se-dirigiram as primeiras expedições dos Gregos; foi
 « enfim naquella região, ponto de encontro de elementos de origem varia,
 « que parece se-desenvolveram os primeiros ensaios da poesia e da philosophia,
 « e que mythos e mysterios, transportados sem duvida das extremas do
 « Oriente, tomaram a nova forma com que foram adoptados pelos Gregos.

« A invasão dos Pelopidas, a expedição dos Argonautas, a guerra de
 « Troia são factos tão unanimemente accitos pelos historiadores, que os
 « demos por certos em sua significação geral, qualquer que seja a obscuri-
 « dade subsistente sobre as causas e circumstancias de tacs acontecimentos.

« Acredito poder dar uma interpretação historica, differente da geral-
« mente acccita, de alguns d'esses grandes factos, que se-referem á ligação
« da Asia Anterior e da Grecia em epochas lendarias.

« Sob o titulo de « Questão do Oriente » eu supponho que satrapias, fun-
« dadas nas costas da Asia Menor e da Propontide por monarchas assyrios,
« interceptavam as relações entre a Grecia e o Oriente, e que a expedição
« dos Argonautas e a de Troia foram comprehendidas para romper esta
« barreira. »

D'onde veio porém este pensamento, ou para melhor dizer, esta necessidade de romper a barreira opposta pelos satrapas do Oriente? Como explicar que esta luta da Grecia se não realizasse para os lados do Occidente, direcção natural de uma civilização que tendia a expandir-se?

• Estamos em pleno campo de conjecturas; mas a de fr. Camillo é nova, como se-vai vêr:

« As religiões da Grecia antiga, continúa o sabio, não se-formaram de
« um facto. Desde as primeiras migrações das tribus Hellenicas, que sem
« dúvida trouxeram consigo suas crenças e tradições, taes como eram no
« momento de sua partida, as idéas religiosas e o culto dos Deuses deveram
« soffrer muitas transformações. De facto se-reconhecem, segundo a diversidade
« dos tempos e das regiões, differenças consideraveis não só no modo de con-
« ceber e honrar os mesmos Deuses, sinão no numero e no character d'estes,
« em consequencia da adopção de deuses estrangeiros tomados de povos, com
« os quacs os Gregos se-acharam successivamente em contacto e em relação.

« Assim é que a theogonia Hellenica, tal como a-apresentam os poemas
« de Homero, de Hesíodo, os dos hymnographos como Orpheu, as composições
« lyricas ou tragicas de Pindaro e de Eschylo, para não citar sinão aquelles
« em que a tradição religiosa parece mais fortemente assignalada, apresenta
« characteres bem diversos nas differentes epochas, a que pertencem estes escri-
« ptos.

« Todavia se-pode reconhecer que, não obstante as modificações e acresc-
« centamentos que soffreu, a religião grega permaneceu sempre identica na
« substancia; e até parece que tomando elementos novos fê-lo na propria fonte
« d'onde dimanára. Seria um estudo assaz interessante e util poder seguir até
« seu poncto de partida as fabulas, que progressivamente enriqueceram o fundo
« das crenças religiosas dos Gregos, e que introduziram no seu Olympo Deuses
« desconhecidos de Homero e dos seus contemporaneos.

« Começo por fazer a mim mesmo esta pergunta: os Hellenos, em suas
« migrações para Europa, vinham acompanhados de seus sacerdotes, deposi-

« tarios da fé e dos livros ou das tradições sagradas de sua patria, e encarregados de celebrar e manter o seu culto, o ritual e a liturgia? »

« Ainda que a affirmação seja favoravel, heito é suppon, si é verdade que a emigração da raça teve por causa ou pretexto uma revolta nascida das usurpações commettidas pelos chefes militares no domínio dos privilegios e das prerogativas da classe sacerdotal, — heito é suppon que os chefes auctores do schisma, ao separarem-se do resto da nação, não puderam levar consigo os sacerdotes que elles haviam offendido. »

« Estes chefes, que haviam pretendido arruinar-se o direito de celebrar o culto, contentaram-se talvez com o pouco, que tinham podido conhecer e praticar do sacerdotio patrilial devido à autoridade politica durante a algum tempo. »

« Isto explicaria ate certo ponto o porque a religião grega, tal como ella é em Homero, revela tão pouco o character sacerdotal, e tambem o porque parece o Olympo constituido segundo o modelo de uma monarchia absoluta. »

« Mas, muito tempo depois do estabelecimento das cidades, quando as populações e os seus proprios chefes sentiram a necessidade de reconstituir o culto, de renovar a tradição e de confirmar a sua authenticidade, — então e talvez os Gregos, torcejaram para reestabelecer as relações interrompidas com os tribos da primitiva patria, afim de obterem os antigos documentos de sua crença, da liturgia e do ritual, e bem assim os sacerdotes communmente instituidos para celebrar os sacrificios. »

« Foi então, ao que parece, que se desenvolveu uma corrente de ideas e de relações entre a Grecia e o Oriente. »

Lêis aqui formulada a hypothese de fr. Camillo. Teria elle razão? Não é este o logar de discutir o ponto, mas o que é certo é que d'estarte se-explicariam com visos de verisimilhança as duas famosas expedições dos Gregos ao Bosphoro: a primeira que levou os Argonautas à extremidade do Ponto Euxino, na Colchida, e durante a qual tiveram de batter-se com os povos marítimos da Propontide, que pretendiam embaraçar-lhes a passagem, e que os forçaram a seguir na volta um novo caminho; a segunda, que, cerca de meio seculo depois, foi dirigida sob o commando de Agamemnon contra Troia, cidade que parece ter sido o baluarte dos povos orientaes opposto ás communicações politicas e commerciaes dos Hellenos com a Asia.

É certo que o mytho de Promethou parece offerecer a

noção de uma tribo internada nas gargantas do Caucaso pelo Zeus assyrio-médá indignado pela revolta e emigração de seus vassallos. A perigosa tentativa dos Argonautas seria talvez um esforço por abrir a passagem do Ponto-Euxino aos libertadores dos infelizes exilados, e as consequências d'esta expedição suscitariam da parte do monarcha Zeus medidas rigorosas, que vieram a provocar a campanha de Troia.

Como quer que fôsse porém, digna de consideração é sempre a conjectura do illustre sabio, cujas horas de lazer se-empenhavam em assumpto de tanta monta e de tão notoria difficuldade.

Outro maço de papeis, quasi totalmente composto de notas, diz respeito a estes tres famosos personagens da mythologia antiga: Baccho, Hercules e Perceu, e refere se á ethnologia da Asia antiga, com particularidade aos Phenícios e Cephenns. Eis um trecho mais ou menos esboçado, em que o auctor deixa transparecer o seu pensamento nesta questão:

« Reconhecendo que os elementos do culto e das lendas do Vishnu e de
« Çiva não se encontram nos Vedas, posto que seus nomes alli figurem com
« uma accepção diversa, os indianistas não hesitam em declarar que ignoram
« quando, como e porque entraram as ideias religiosas relativas a estas duas divi-
« dades se-desenvolveram na India Brahmanica, e se-introduziram e conlau-
« diram no culto desde epocha muito remota. »

« Ora, os Gregos conservaram tradições relativas a duas divindades, Baccho
« e Hercules, cuja origem elles attribuem á India, a quem consideram como
« tendo conquistado este paiz, e que aos proprios offizos de certos indianistas
« offerecem grande similitude com Vishnu e Çiva. »

« Parece provavel que o Dionysos da India, cujas conquistas se-estenderam
« sobre o Cabul e para o topo do alto Indus, viera da Media ou da Assyria;
« elle tordou nestes paizes uma dynastia, que se-diz subsistiria muitos seculos.
« Este Dionysos parece ter sido objecto d'um culto muito generalizado entre
« os montanhezes do Himalaya, e haver dado lugar a uma multidão de lendas
« que penetraram no brahmanismo. »

« O mesmo acontece com Heracles, que veio mais tarde e fundou igual-
« mente uma dynastia. »

« Baccho parece pertencer á raza Arya Média, Hercules parece personi-
« ficar a influencia phenicia. »

« Ha ainda outro personagem heroico, que talvez pertence ao mesmo cyclo
 « de tradições, que é apresentado como um conquistador asiatico, e que,
 « depois de uma alliança com povos da Asia Meridional, os Cephenos, cujo
 « rei dera-lhe a filha que elle salvára, fundou em uma região vizinha da India
 « uma dynastia destinada a dominar mais tarde sobre toda a Asia, desde o
 « Tigre, até o Indo. Este heroe é Persen, do qual provem o tronco dos
 « Achemenidas, e cujo nome incorporado para a Grecia alli personifica como
 « o de Hercules uma benção da humanidade, destruidor de monstros, que
 « assim como Hercules pertence á raça dominadora em Argos. »

D'aqui mais ou menos se-depreheende o pensamento de
 fr. Camillo quanto á interpretação d'estes mythos em sua
 opinião ligados ao estabelecimento dos Aryas na India. Tal
 seria pois o objecto de outra memoria curiosissima, si o sabio
 archeologo houvesse coordenado e aproveitado o grande nu-
 mero de apontamentos, que deixou reunidos.

CRYPTOGRAPHIA

Com o intuito de proporcionar á administração uma chave
 cryptographica inaccessivel á decifração, porém ao mesmo tempo
 simples e maneira, ideou fr. Camillo um methodo novo, e es-
 creveu sobre isto a seguinte charta ao Góvêrno francez :

« À Sua Excellencia Monsieur le Comte de Persigny, Ministre d'État du
 « Département de l'Intérieur.

« Rio de Janeiro, 10 Mai. 1862.

« Monsieur le Ministre.

« J'ai l'honneur de placer sous les yeux de Votre Excellence un spécimen
 « d'une nouvelle méthode cryptographique, fondée sur des combinaisons fort
 « simples en elles-mêmes, et qui ayant l'avantage d'être indéfinies, semblent
 « pouvoir échapper à tous les procédés usés de déchiffrement de la part de
 « quiconque n'est pas pourvu d'une clef conventionnelle.

« Après avoir poursuivi, durant quelques années, aux Écoles Impériales
 « de Chartes et des Langues Orientales vivantes, sous la direction de feu
 « M. Guérard et de M. Ilasc, membres de l'Institut de France, des études de
 « paléographie grecque et latine et de diplomatique, j'ai eu la curiosité d'y
 « ajouter, comme complément à ces disciplines, l'examen des différens systèmes
 « de cryptographie. Il m'a paru alors que, fondées sur des combinaisons de
 « séries plus ou moins compliquées, mais régulières, ces méthodes n'offraient
 « pas de problèmes réellement insolubles de déchiffrement, puisqu'il ne s'agissait,

« pour résoudre les plus difficiles et pour en découvrir le mécanisme, que de consacrer à leur analyse un temps plus ou moins long, c'est à dire une large patience et quelque sagacité.

« Inventer une méthode plus compliquée, c'est été, me semble il, vouloir à la difficulté, mais ne la rendre infranchissable. Je suivis donc la méthode exposée, et la trouvai dès lors un système d'un usage rapide, et facilement intelligible sans calcul. J'hésitai néanmoins, durant de longues années à en proposer l'adoption par les Chanceries d'Etat où, disait-on, l'usage des écritures secrètes étoit devenu fort rare; mais pour éprouver, dans un but de satisfaction personnelle, la valeur de cette nouvelle méthode, je proposai le déchiffrement de pièces conçues et tracées suivant ce système à quelques habiles cryptographes, en leur laissant tout le temps qu'ils jugeraient nécessaire pour le résoudre. Leurs essais et leurs calculs demeurèrent sans résultat.

« S'il m'est donc permis d'affirmer que le procédé dont il s'agit répond réellement au but que se propose quiconque fait usage d'une écriture secrète, la quelle doit rester impénétrable à tout autre qu'à ses correspondans, il me suffira de signaler quelques avantages de ce nouveau système et d'indiquer sommairement quelques unes des applications qu'il peut recevoir.

« Les élémens ou signes de cette écriture sont les chiffres des arabes, en double série; les pauses du discours ou de la ponctuation sont indiquées par des traits arbitrairement choisis, destinés à remplacer les points et les virgules.

« Mais, malgré la simplicité de ces premiers élémens, l'interprétation de leurs groupes dépend de la connaissance d'une clef qui, choisie par les correspondans parmi un nombre infini d'autres clefs, ne sauroit en aucun cas être découverte par le calcul.

« Telle est la variété de ces clefs que le système pourroit être vulgarisé et son mécanisme divulgué sans que les textes rédigés suivant cette méthode courussent le risque d'être interprétés par des personnes aux quelles ils ne seroient pas adressés, si familières qu'elles fussent d'ailleurs avec les procédés de ce système.

« Il en résulte que, loin d'être exclusivement réservée à l'usage d'une chancellerie, cette méthode pourroit être adoptée pour servir aux communications de l'Administration centrale avec ses délégués, dans la rédaction, soit des circulaires secrètes qui seroient sans danger publiées dans les journaux, soit des dépêches confidentielles et personnelles (renseignements de police, notes sur les passeports, bulletins électoraux, &c.); la clef de ces dernières pourroit être changée suivant les modifications du personnel des bureaux, et dans toutes les occasions où la nécessité, le doute ou même le caprice le rendraient désirable.

« Enfin ce mode de transcription deviendrait d'un grand secours pour le

« relations publiques ou privées par la voie des télégraphes, qui transmettraient
« ainsi les nouvelles les plus délicates en offrant aux correspondans une parfaite
« sécurité contre toute révélation indiscrete.

« J'ose prier Votre Excellence, Monsieur le Ministre, afin de pouvoir
« apprécier l'utilité de la nouvelle méthode cryptographique dont j'ai eu l'hon-
« neur de Lui exposer les principaux caractères, de soumettre à l'expérience
« de celui des employés du Ministère des Affaires Etrangères chargé du dé-
« chiffrement des écritures secrètes, le *spécimen* ci-joint, qui est accompagné
« de sa traduction. J'ai lieu de croire que, n'ayant pas sous les yeux cette
« traduction, il lui sera impossible de procéder à la transcription alphabétique ;
« et je ne crains pas de déclarer à l'avance que, même après avoir comparé
« le texte cryptographique et la traduction, il ne parviendra pas encore à pé-
« nétrer le secret du système et à en déterminer le jeu.

« Je serais heureux et honoré, Monsieur le Ministre, si, après cette épreuve,
« dans le cas où elle paraîtrait suffisante et décisive, Votre Excellence daignait
« m'ordonner de Lui révéler le mécanisme de ce système, qui d'ailleurs est
« trop simple pour que je m'attribue le mérite d'une découverte ou d'une in-
« vention, et qui ne me paraît digne de l'attention de Votre Excellence que
« dans le cas où il pourrait servir aux besoins de l'administration publique ou
« aux relations privées.

« J'ai l'honneur d'être &c. &c. »

A chave d'este systema cryptographico encontramo-la em uma folha solta, e pode ser revelada sem indiscrição, fôsse ou não remettido ao seu destino o officio acima transcripto, — o que de facto não sabemos. Eis a nota :

« O que permite decompor os alphabetos cryptographicos é que, sendo
« limitadas em numero as combinações, basta representar em transcrições
« multiphas os valores conjecturales dos characteres ou signaes isolados, até se
« obter um sentido.

« Depois de haver exgotado todos os modos de transcrição, não pôde
« acontecer que duas d'ellas façam sentido continuo e bem definido.

« Mas, si em vez de adoptar-se um alphabeto, mesmo com signaes diffi-
« rontes para cada letra, se tomar por base uma combinação já realizada,
« dando ás letras um numero correspondente ao seu lugar, não ha calculo
« algum que possa determinar o seu valor positivo, a menos que se tenha de-
« luído dos olhos a pagina, em que a combinação se achá já realizada.

« Seja por exemplo a pagina 73 da edição in 8.ª 1825, de *Thilor frères*,
« do Disc. de Bossuet a l'hist. universelle, ou qualquer outra obra.

« Teremos em toda esta pagina os elementos d'um alphabeto; mas, como
« estes elementos ou letras são muitas vezes repetidos em ordem arbitraria, os

o algarismos que eu adoptar para os representar não offerecerão mudança alguma ao calculo.

« Eu escreveria pois assim estas palavras: *le val est mort*; 3,15. 16,7. 6,14. 16,2. 10,5. 1,2. 2,1. 2,10. 25,18. 1,19. 4,5. 5,4. 13,42.

« Tomei as letras correspondentes em diferentes logares da pagina, indicando a linha e o logar, que a letra allí occupa. Assim 3,15 (linha 3.^a, a letra 15.^a) = L — 13,42 (linha 13.^a, signal 42.^o) ;

« É impossivel decifrar e conhecer o valor d'estes numeros, si se não sabe ou se não tem á vista a pagina que serviu á transcripção.»

NEVOEIRAS SECAS

V. n.^o 24 dos *Doc.* Investigando a origem d'este phenomeno, que se-realiza quasi todos os annos no Rio de Janeiro durante os mezes de Agosto e Setembro, fr. Camillo accumulou algumas notas curiosas, já sobre as observações meteorologicas aqui feitas desde 1784 por Garcia d'Orta até nossos dias, já sobre a reproducção do phenomeno, que parece haver sido notado em outros pontos da terra, já finalmente sobre as multiphas interpretações scientificas, a que tem dado assumpto.

Não accetando a explicação do dr. Francisco Freire Allemão exarada em artigos publicados pela *Societade Vellosiana* em 1851 e pelo *Archivo Municipal* em 1859, nem tão pouco disposto a conformar-se com a reserva prudente do brigadeiro Burlamaqui, que se-limitára a demonstrar a insufficiencia da theoria das *queimadas* defendida por seu collega, aventurou-se o nosso illustre bibliothecario a explicar o phenomeno, attribuindo-o á presença de gaz nitroso na atmosphera, gaz produzido pela acção de violentas descargas electricas accompanhadas de copiosas chuvas, e gerado talvez mediante um processo providencial da natureza, com o fim de restituir á terra o azoto absorvido pelas plantas, e que ellas transmitem á nutricao dos animaes.

D'esta sorte se-realizaria com este gaz, no seu parecer, a mesma circulação mineral, que vemos demonstrada para o oxygenio, para o carbono, para a agua.

Ainda que o engenho não falte a esta concepção até certo

puncto vazada nos moldes generalizadores e unitarios da sciencia moderna, força é confessar que sérias duvidas nos-suscita semelhante theoria, e quasi estamos a dizer que, aparte o lado historico e as estatisticas meteorologicas que elle reunio, ésta memoria é pelo lado scientifico uma das mais fracas do seu espelho litterario.

Tres graves defeitos encontro em toda ella, alem do mais: o primeiro é a ausencia capital das analyses clinicas do nevoeiro, — ézalo, que aliás me pareceo devêra ser o verdadeiro puncto de partida de toda a discussão; como aventurar semelhante hypothese sem ter averiguado primeiro, e de modo inconcusso, que o gaz nitroso se-encontra em excesso no ar atmosphérico por occasião do curioso phenomeno?

A segunda lacuna diz respeito á explanação d'esta dúvida: si o nevoeiro sêcco representa uma applicação d'esse processo de circulação do azoto na natureza, porque razão é elle tão peculiar a certas regiões e a certas epochas do anno, tão raro em algumas paragens, e quasi desconhecido em outras tantas?

Não vemos que o auctor houvesse procurado satisfazer a estes dois punctos essencialissimos, ou, si por ventura cogitou nelles, não deixou traços d'isso entre seus papeis.

Finalmente, si é verdade que fr. Camillo víra com olhos de sabio realizar-se para o azoto ésta circulação geral da materia (coisa que no seu tempo ainda carecia de provas), é todavia incontestavel tambem, á vista das recentes investigações de Dehérain (*) e das experiencias definitivas de Berthelot (**), que o processo de restituição do azoto ás terras lavradas não se-realiza em epochas especiaes, nem por meio de nevoeiros sêccos; ella se-faz em todo o tempo e por toda a parte, porque está averiguado que as materias ulmicas fixam directamente o azoto, e é d'alí que provém o constante enriquecimento dos terrenos e a providencial compensação das perdas, que lhes acarreta a formação dos principios aluminoides das plantas.

(*) V. o artigo *Origine de l'azote des végétaux* na *Revue Scientifique* III^e série, tom. I, pag. 98 e 169.

(**) V. *Recherches sur le cycle de l'azote atmosphérique libre par l'action des sels azotés*, por M. Berthelot. *Nouv. Compt. rend. des séances de l'Acad. des sc. Paris*. CI (1885), pg. 775-784.

CRISE COMMERCIAL DE 1864

As questões graves de economia politica suscitadas pela crise, que acompanhou e se seguiu em Setembro de 1864 á fallencia da casa bancaria de Souto & C.^a, acharam eco no espirito do pensador. Temos d'isso documento nas duas paginas que escrevem sob este titulo, reflexo de suas cogitações patrioticas e prova inconcussa da flexibilidade de seu talento. O leitor acha-las-ha sob n.º 25 dos *Doc.*

LES SAVANS

V. n.º 26 dos *Doc.* Sob este titulo encontrará o leitor algumas simples reflexões escriptas pelo auctor, *corrente calania*, despretenciosas, isoladas e sem maior importancia apparente. Mas ha folhas de papel que valem livros. Tudo quanto ahi se acha dicto é tão verdadeiro, e importa tão proximoamente a um dos vícios da nossa instrucção superior, que não achei inutil transcrever o apontamento.

É sabido que não existe no Brazil esta classe de estudiosos, que em França têm o nome de *savans*. Pullulam os homens de talento, e quiçá verdadeiros genios temos tido; emeritos professores, medicos eminentes, jurisconsultos profundos, mathematicos, estadistas, oradores, humanistas nos não tem faltado, e fulguram ainda hoje como estrellas de primeira grandezza no nosso firmamento litterario, scientifico e politico. Mas *sabios* no rigor do termo francez, d'isso carecemos; e porque?

Porque não temos investigações originacs.

E qual é a origem d'esta grave lacuna na vida de um povo, que pretende hobrear com os mais civilizados, ao qual não faltam os dores intellectuaes felizmente communs na nossa raça, e que habita um paiz grande, rico, auspicioso e admiravel?

Fr. Camillo parece attribuil-la exclusivamente a um vicio de organização da instrucção superior. Convenho nelle, e acredito que o seu parecer exprime a realidade por uma das faces da questão; mas entendo que ha outras causas concomitantes, tambem poderosas, filhas do meio em que vivemos.

De facto nas Academias do Imperio formam-se e graduam-se todos os annos centenas de moços, que beberam instrução nas melhores fontes e ouviram eruditos mestres. Mas ha um vicio capital neste ensino, e é que elle se-resume na synthese dos corpos de doutrina sem a aprendizagem dos methodos de analyse, que os proprios mestres não praticaram, e por isso não podem transmittir á geração nova.

Quando chegam ao termo de sua carreira escolar, o que é que estes moços offerecem como documento de sua aptidão? Uma these, por via de regra sobre assumptos vagos, já estudados, conhecidos e discutidos. Ora, a consequencia fatal de taes disposições é que similhantes trabalhos se-reduzem quasi sempre a uma compilação banal, e que a corôa dos laureados compete em nítida analyse ao que compila mais habilitmente. Pode isto significar alguma coisa mais do que uma certa pericia de rellação?

Lembra-me ter ouvido por varias vezes a um professor, aliás homem de certo talento, que as theses dos doctorandos em medicina eram provas litterarias. Pois bem, não devêram nem devem ser isso, e si o são é porque a lei organica das Faculdades ainda não comprehendeu a inconveniencia de formular pontos geraes, complexos e syntheticos.

Não ha duvida que o ensino da cadeira deve ser ministrado sob esta forma; mas ao passo que o professor expõe o todo da doutrina, devêra iniciar os neophytos nos processos da investigação singular, que dilata o campo da sciencia, e abre novos horizontes á actividade e á sagacidade de cada um. Com seu exemplo benefico devêra estimular o amor proprio dos discipulos, realizando em sua presença investigações originiaes, propondo lhes questões novas e isoladas, ao alcance de suas forças e de sua parca experiencia, insinuando lhes enfim esta paixão sagrada dos descobridôres, que não se-contentam com o que outros acharam.

A consequencia natural d'este ensino pratico seria a apresentação de pontos da mesma natureza para assumpto de

theses, — pontos que reclamassem dos candidatos, não a compilação de livros, mas a meditação ou a experimentação original.

D'aqui decorreriam dous immensos benefícios: o fructo das pesquisas, que muitas vezes pudera ser consideravel e de grande valor para a sciencia, — e mais que tudo a iniciação da mocidade em uma prática salutar que, continuada e aperfeiçoada com o tempo, daria ao paiz uma coorte de trabalhadores entusiastas; — e digo *entusiastas*, porque nesta vereda quem começou a ser impellido pela força magica dos descobrimentos é raro que possa conter a velocidade adquirida. O homem tem innato o impulso que o aproxima de Deus. Crear, ainda que nos dominios estreitos de sua contingencia, é a mais brilhante auréola da humanidade. Quem uma vez descobriu uma verdade sonha novas conquistas.

Eis desenvolvido o pensamento de fr. Camillo, que accitamos *toto corde*.

Si me-fôra licito em um trabalho d'esta natureza discutir amplamente o assumpto, eu accrescentaria a esta causa assignalada pelo illustre bibliothecario mais duas outras, a que não ligo menor importancia.

Consubstanciando a minha opinião, direi apenas:

Não temos *szeeos*: 1.º porque a nossa instrucção superior não prepara investigadores; 2.º porque a nossa instrucção secundaria ainda carece da sua cupola natural — um curso superior de lettras; 3.º porque nos não aquece o fogo sagrado do patriotismo, — este grande movel de todos os grandes committimentos, que por ahi anda abafado sob o pèzo de um utilitarismo fatal e deletereo.

PERIODO GLACIAL

Em Maio de 1865 chegou ao R'io de Janeiro o professor Agassiz chefe de uma commissão scientifica mandada ao Brazil. A pedido de S. M. o Imperador, é geralmente sabido, resolveu-se este notavel naturalista a fazer algumas conferencias no

Collegio do Pedro II sobre assumptos de sua predilecção, e ainda nos lembramos todos do enthusiasmo, com que foi ouvida a palavra do eminente sabio.

No meio do selecto auditorio estava fr. Camillo de Monserrate — sempre sedento de saber e sempre admirador do talento. Elle proprio nos descreve em uma nota particular as impressões que alli recebeu, desde a physionomia franca, benevola e sympathica do professor, até a clareza e extrema lucidez dos argumentos, com que foi desenvolvida a sua celebre theoria das geleiras.

Nesta narração intima e entusiasta d'aquella primeira conferencia, fr. Camillo não esquece nem o desagradavel incidente d'um professor, que, em termos pouco cortazes sinão impertinentes, se-levantou no fim, dizendo-se campeão da sciencia brasileira, prompto a discutir as opiniões do professor, e pois que neste seculo não bastava afirmar, cumpria provar ». Como era de prever-se, este rasgo de presumpção ridicula, e de absurda vaidade causou-lhe, assim como a todos os homens sensatos, a maior indignação, e fr. Camillo confessa que esteve a ponto de manda-lo calar-se.

Agassiz fez então 4 conferencias nos dias 9, 13, 15 e 17 de Junho de 1865, e mais tarde, quando voltou do Amazonas, fez outras prolecções a 13, 20, 26 e 30 de Maio e 7 de Junho de 1866. De todas ellas se-podem ver resumos e noticias feitas pelos snrs. Vogeli e dr. José de Saldanha da Gama nos *Jornaes do Commercio* de 13, 15, 17, 18, 20, 23 e 25 de Junho de 1865, 12, 18, 26, 30 de Maio e 9 de Junho de 1866, nos *Mercantils* de 16, 17, 20 de Junho de 1865, 23 e 31 de Maio e 3 de Junho de 1866.

Sabese, quanto á theoria glacial, qual o pensamento summario do illustre geologo: existiu em epocha remota sobre o globo um systema de enormes geleiras, cujos vestigios se manifestam ainda hoje nos penedos erraticos e nas rochas estriadas, e que occupavam espaços immensos não só na superficie da Europa, mas tambem na Asia (Caucaso, Uraes), na America

do Norte e ainda na America do Sul, no Brazil. Da universalidade d'estes phenomenos conclue que a terra passou sem duvida por um periodo glacial, em que o frio era superior ao de hoje, e de que nos dá idéa o clima dos pólos; houve uma epocha em que, tendo sido a terra invadida por influencias que lhe modificaram profundamente o clima, se-effectuou uma invasão de frio intensissimo em latitudes correspondentes ás zonas temperadas de hoje e ainda ás zonas tropicaes.

Não ha mister voltar aqui á reproducção dos argumentos poderosos, — uns theoreticos, outros de observação —, com que Agassiz desenvolve brillantemente a sua doutrina. Sr. Camillo de Monserrate de tudo tomou nota, estudou tambem por si o assumpto, segundo deprehendo de seus copiosos apontamentos, e o que é mais, não satisfeito com a exposição dos factos, pretendeu investigar-lhes a causa. É sobre este particular que versa um esboço de memoria dirigida ao professor Agassiz, e de que nos parece conveniente dar um transumpto. Vejamo lo:

« Resta indagar, diz elle, e determinar quaes as causas, que dêão lugar
« successivamente a desvios de temperatura tão excessivos nta mesmas locali-
« dades, isto é, d'um lado, em latitudes variadas de 35°, a um frio capaz de
« produzir os effeitos observados hoje nas mais altas regiões dos pólos, e
« de outro lado, sob o circulo polar, a uma temperatura egual á de que
« actualmente gozam as regiões situadas entre os Tropicos.

« Declarando em vossa segunda hypothese, que pareceis dever attribuir essas
« phenomenes a uma causa meteorologica, isto é, a vastos nevões conder-
« cidos pelo frio, os quaes formam a origem a funções de neve, que acen-
« tuando-se e modificandose, como acontece nas altas vertentes dos Alpes,
« formaram poderosas massas de gelo nos vales e sobre as planicies, — parece
« que recusais a difficuldade, sem resolvê-la.

« Faltia ainda explicar a causa do frio, que nessa epocha produzia tão
« abundantes nevões, a que pertenceu a transformação dos nevões em
« neve, e quando se descobria tal causa do frio, qual a razão do estado inverso
« ou da alta temperatura das regiões tropicaes.

« Sobre este ponto posso apresentar-vos uma hypothese, que, attribuida
« a uma causa cosmica e interpretação d'esses phenomenes, parece servir ao
« mesmo tempo para explicar outros, que a elles se referem mais ou menos
« directamente.

« A inclinação do eixo de rotação da terra sobre o plano de sua órbita, fixada hoje em $23^{\circ} 28'$ sofre annualmente uma diminuição avaliada por « segundo mil... Sabese mais, pelo exemplo de outros planetas, que essa « inclinação pode ser ou muito menor ou muito mais elevada;

« Admitamos pois por um instante que, antes de entrar em seu periodo « de diminuição, a inclinação do eixo terrestre teve seu periodo de augmento, « e que o limite entre uma e outra attinja uma amplitude (1) de 35° entre 10° « e 45° de cada lado do Equador.

« Restar-nos-hiam a percorrer ainda cerca de 15° no periodo actual de « diminuição até ao ponto de parada, em que começaria o periodo de « augmento, o qual teria de percorrer 35° para chegar ao seu limite maximo.

« Não se conhece, para epochas muito remotas, qual foi a diminuição secular « da inclinação do eixo; achamo-nos então em uma condição intermedia « entre uma progressão mais rapida nos tempos passados e uma progressão mais « lenta nos seculos por vir: quero dizer que ignoramos, si no ponto de re- « trogradação (que se fixa por hypothese em 35° de lat.) a diminuição não « começou mais rapida (talvez $5'$ por seculo?) passando a uma velocidade de « $4'$, $3'$, $2'$, $1'$, $30''$, — aproximando-se do ponto em que está hoje ($23^{\circ} 28'$), « para decrescer ainda ($15''$, $8''$, $4''$ por seculo) até tornar-se nulla, para retro- « ceder de 0° a $5'$ voltando a 35° lat.

« Admittamos por momentos que este ponto de partida foi 35° lat., o « qual se tornava o ponto dos solstícios; a diferença de $12^{\circ} 28'$ da incli- « nação actual fazia reuuir as condições climatologicas, tanto do verão como « do inverno, na mesma proporção: d'essa sorte, durante o verão, as regiões « situadas sob 35° gozavam da temperatura das regiões actualmente situadas « sob o 23° . Chypre tinha o clima do alto Egypto, e durante o inverno « supportava a mesma temperatura dos valles do baixo Duieque ou das boccas « do Dan. Ginebra (46° lat.) tinha um inverno igual ao do norte da Escocia « e do sul da Noruega (58° lat.).

« Mas, si em vez de fixar os solstícios em 35° , os elevarmos a 45° , sendo « de $23^{\circ} 28'$ a diferença para $23^{\circ} 28'$, achar-se-ha o clima de Ginebra (46° « lat.) equiparado durante o inverno ao clima de $58^{\circ} 28'$, isto é, visinho do « clima polar.

« Para avaliar a temperatura das regiões expostas ao inverno, segundo esta « hypothese, será preciso ainda levar em conta a intensidade crescente d'um « frio entretido por si mesmo em vastas regiões cobertas de neve, visitadas por « nevaceiros formados no hemisphero opposto por um verão quentissimo e por

(1) Talvez accrescava que a obl. (paula da obliquidade) chegaria nunca a 0° , e que sua amplitude não devia exceder de 5° . (N. do autor).

« ventos violentos, que a tendência ao equilíbrio entre os 2 hemisphérios precipita em correntes continuas de um para outro.

« Mas os géos assim formados no hemisphério, que passa pela estação do inverno, são demasiado estereos e poderosos para cederem aos efeitos do verão; devem portanto manter-se durante esta estação, que suspende a formação dos géos, mas não pode sião ligeiramente atacá-los: todavia a fusão parcial das geleiras deve dar lugar a phenomenos violentos, ao approximar-se o verão e durante elle; enchiladas e curvas d'agua devastam os valles, bancos de gelo, destacando-se dos rochedos, arremettendo consigo grandes pedregallos que se depõem sobre as geleiras moveis dos valles. Estas estações extremadas têm não obstante uma duração curta, á qual succede um clima mais temperado durante 6 mezes, cuja temperatura passa por todas as phases das nossas actuaes estações.

« Si esta hypothese, sem levá-la a suas consequências extremas e sem elevar a 45° a linha dos solstícios, pode dar uma explicação admissivel da formação e da existencia de grandes geleiras, — parece por outro lado concordar com os factos contemporaneos da existencia d'ellas:

« Com effeito, a alternativa de estações muito quentes e muito frias nas regiões hoje temperadas explica a existencia de animais muito inferiores em latitudes muito elevadas; e para explicar a tolerancia dos animais dos trepicos a uma fria immensissima durante o inverno, bastará admittir que, guiados pelo instinto como certas especies actuaes, elles emigravam no fim do verão para as regiões mais proximas do Equador, ou que alguns d'elles dotados de facilidade de hibernar em grutas na estação fria (como os ursos e outros) se ficaram nas mesmas localidades ou em paragens vizinhas.

« Ponde acutecer, como ainda hoje succede, que a temperatura de um verão ou de um inverno atingisse excepcionalmente um máximo, — que o abaixamento ou a elevação da temperatura precedesse a epocha ordinaria; — neste caso, os animais que alli foram apanhados de surpresa succumbiram ás mudanças bruscas que não podiam evitar, e alli ficaram sepultados nas Neves ou afogados nas cavernas, e nos rios por vastas torrentes.

« O que ainda contribuiria para influir a realidade d'estas emigrações periodicas e espontaneas é a presença das mesmas especies em latitudes diversas.

« Finalmente, as especies que viverem no epocha glacial desde o começo, á medida que se foram modificando o estado e a successão das estações, deveram ficar impossibilitadas de viver nas condições novas.

« Quando por exemplo os circuitos solsticiaes baixavam de 45° a 30°, forçosamente se produziram no estado e nas condições das localidades, por ellas habitadas, mudanças meteorologicas taes, que vieram a tornar incompativel a sua organização com o novo estado de cousas: os herbívoros não achavam

« mais as plantas que lhes serviam de alimento, nem as condições de humidade que convinham ao seu organismo, nem as mesmas condições de luz &c.) « ammobiliam, e outros vieram substituí-los... A excepção talvez dos que, como « o boi e o cavallo, por uma especie de cosmopolitismo privilegiado, resistiram « a tais variações. Com effeito esses animais, que se encontram em estado « fossil, não differem sensivelmente das especies que actualmente vivem. »

Esta hypothese de fr. Cunillo é na verdade seductora, e parece que tem sido invocada por outros pensadores afim de explicar o mesmo phenomeno. Entretanto não será descabido ponderar que surgem difficuldades de facto ao encontro de similhante concepção.

Por exemplo, dizem os astrónomos fundados no calculo que, para deslocar o eixo dos pólos de uma fracção de grão, fóra preciso darê-m-se no relêvo do globo modificações muito maiores do que as que puderam acompanhar a formação das mais altas cadeias de montanhas; 1.^a objecção. Por outro lado diz a Botanica fossil que, tanto no mioceno como no periodo oolithico, as zonas de vegetação já esboçadas parecem concentricas ao pólo actual, como si a posição d'este punca variara de modo sensível.

Os geólogos divergem profundamente quanto a esta explicação, e causas multiplas têm sido invocadas: a precessão dos equinoxios, a maior ou menor excentricidade da ellipse terrestre, um desvio provavel da grande corrente do Gulf-Stream, os ventos humidos provenientes do Sahara (então vasto mar interior d'Africa); todas ellas mais ou menos verisiméis, mas todas igualmente insufficientes ao que parece.

O sñr. Julio Girard (*) em uma obra recente exprime-se nestes termos:

« Parmi les hypothèses émises pour expliquer les phénomènes glaciaires, le déplacement de l'axe paraît le plus « admissible », e em outro logar (†):

« Malgré certaines contradictions apparentes entre les diffé-

(*) Recherches sur l'instabilité des équinoxes et du niveau des mers; par, Jules Girard. Paris, E. Leroux, 1889, 8.^e p. 201.

(†) Op. cit. pg. 105.

« rentes hypothèses, il existe cependant des indices en faveur
« du déplacement de l'axe de rotation. »

Modernamente vejo que a theoria mais accêta para a explicação d'este phenomeno é a de Blandet, que tem por fundamento a concentração do sol; todavia, não estão solvidas todas as difficuldades, como se-deprehende das proprias palavras do sñr. Lapparent, que aliás a-adopta:

« N'este interim a condensação do sol prosegue, e com
« ella o resfriamento das extremidades polares. Então, quando
« a sublovação das grandes cadeias acaba de levantar nas altas
« regiões poderosos instrumentos condensadores (as montanhas),
« *um todo de circumstancias ainda não explicadas* Imprimo, nas
« latitudes temperadas, uma actividade extraordinaria ás precipi-
« tações atmosfericas. E' a epocha das geleiras e dos
« grandes cursos d'agua. »

OS POEMAS HOMERICOS.

Recebeu fr. Camillo o vol. III da *Histoire de la Grèce* de Grote, e, vendo ali discutida a questão dos poemas homericos, escreveu uma nota summaria, em que apparece sua opinião a tal respeito, opinião filha de antigos estudos e lavrada com a singeleza de um programma para ser desenvolvido mais tarde.

Traz a data de 26 de Agosto de 1867. V. n.º 27 dos *Doc.*

INSCRIPÇÕES

Um dos trabalhos, que mais frequentemente vinham pedir a fr. Camillo, era a composição de inscripções, e neste particular ninguém no Rio de Janeiro pudera ser consultado com mais direito do que elle. A epigraphia era uma sciencia de sua predilecção, e o sabio archeologo tinha razões para a-amar. Quem pôde hoje contestar-lhe a altissima importancia? A historia antiga, a verdadeira historia antiga escoimada da fabula é filha das inscripções que os povos orientaes, os gregos, os romanos e os scandinavos insculpiram no granito, no marmore, no metal das moedas e das medallas, nas mezas de madeira e

de bronze, no collo das amphoras, nos proprios tijolos e nas telhas destinadas á construcção, nas tabulas de argila cocta —*terracotta*—, nas lampulas, até nos canos de chumbo empregados para a canalização das aguas, e que mais direi? — inscripções que elles gravaram por toda a parte, desde o solemne frontão dos edificios monumentaes até os mais humildes materiaes das casas e das muralhas, ou os mais comosinhos utensilios da vida domestica.

O que nos legaram os celebres escriptores da antiguidade sobre o Egypto, sabe-se bem, não passava de alguns capitulos do *Genese* e do *Exodo*, das narrativas de Herodoto e Diodoro, e das informações aliás valiosas de Strabão; o que era isso comparado com a historia do Egypto que hoje conhecemos, depois que, descoberta a interpretação dos hieroglyphos por Champollion (?), se pôde devassar o campo vastissimo das inscripções, no qual trabalharam com gloria Rougé e Mariette e onde agora fulgura o talento de Maspéro?

Os hypogeus e os sarcophagos, os obeliscos, os pylones e as muralhas não são mais objectos de simples curiosidade: d'elles arrancaram os egyptologos modernos a historia de um povo. A *tabua dos reis* do templo de Abydos, a meza do Saqqarah e as stelas dos tumulos dos Apis esclarecem a incerta chronologia das dynastias; o poema de Pentaúr gravado nas muralhas do grande templo de Karnak conta as proezas de Ramses II, e as inscripções de Luxor e do Ramesseum celebram egualmente a derrota dos Khetas; cinco stelas de Gebel Barkal illuminam o periodo dos reis ethyopicos; uma quantidade enorme de sarcophagos revela a biographia dos homens mais notaveis; as ruínas de Deir-el-Bahari representam a viagem de exploração das costas da Arabia realizada na regencia de Hatasá; todas aquellas pedras emfim que eram mudas fallam hoje, e nos reconstituem um passado inteiro, que morrera nos labios da tradição de seculos.

(?) Ninguém ignora que este mesmo evento pertence da inscripção de Rosetta, e que a sua decifração foi dada pelo decripto de Champollion em 1822 por Lepsius, de Berlim.

— A Assyria era toda ella uma ruina collossal e sombria, Babilonia era quasi um mytho, e a historia de ambas um capitulo obscuro da antiguidade.

Pois bem: descobertos os palacios de Khorsabad, Nimrod, Koyundjick e Nebi-Yunus; explorado o solo por Botta, Layard, J. Oppert e Rassam; desveilada a famosa incognita dos cuneiformes; decifradas as inscrições innumeras de Ninive, a luz se fez. Uma « bibliotheca inteira escripta sobre tijolo » é hoje o grande manancial, onde bebem os sabios modernos o conhecimento de linguas e povos outrora desconhecidos.

Leiam-se os livros recentes de Maspéro e Lenormant: confrontem-se com os fragmentos de Berosio conservados pelo judeu Josepho, e ver-se-ha quanto devemos á epigraphia. Abram-se as modernissimas publicações de Sayce (*), o sabio professor de Oxford, e admire-se a luz derramada pelas inscrições de Sargon sobre os cap. X e XI das Propheticas de Isaia, sobre a real tomada de Jerusalem pelo pae de Sennacherib, e em summa sobre toda aquella série de invasões assyrias desde Shalmaneser II (858 a. Chr.) até Assur-bani-pal (*Sardanapalo* dos Gregos) — o derradeiro dos grandes chefes da celebre monarchia, que depois de tantos annos de esplendor devia soffrer o golpe tremendo annunciado pelo propheta: « dia virá em que o desolador será desolado ».

A historia dos estados mesopotamicos é pois um capitulo novo, sobre cujas paginas paira é verdade ainda muita nuvem, porque começamos hontem á escrevê-las, mas cheio de informações exactas, particularmente sobre a Assyria, cujos documentos de argila cozida ao fogo resistiram á influencia destruidora do tempo.

Que curiosa feição a d'esses dous povos: um, talvez o mais duro e bellicoso de toda a velha Asia, com suas guerras implacaveis, suas vingancas inflexiveis, suas caçadas famosas e destemidas, e por outro lado amador da grande arte, perito no

(*) *Fresh light from the ancient monuments. By A. H. Sayce & Third. ed. (London), 1885. in-8°, etc.*

trabalho dos metaes, auctor de uma escultura máscula e de uma architectura original e assombrosa: — outro, o babilonio, ainda valoroso nos combates, mas dedicado sobretudo á industria e ao commercio, mais celebre pelas grandezas do luxo do que pelo brilho das armas, mais rico de perfumes, estofos e faianças do que de louros conquistados na guerra!

— O Velho Testamento fallara do grande imperio dos Hittitas, mas a critica falha de documentos punha-o em duvida, e acrescentava este argumento a tantos outros, com que contesta a veracidade dos livros sagrados. Baldado intento, as pedras clamam — *« stones crying out. »* Certas inscripções hieroglyphicas, annunciadas pelo viajante Burckhardt em Hamah, já haviam desde algum tempo feito nascer a conjectura de que ellas representavam a velha escripta dos Hittitas; isto foi confirmado pelo descobrimento de inscripções similhars em Jerahius ou Carchemish, pelos estudos de Sayce (!) sobre a figura esculpida no Passo de Karabel, perto de Sardes, e mais recentemente por novos documentos descobertos no monte Sipylus, em Boghaz Keui e Eynk na Cappadocia, assim como perto de Ivris na Lycaonia. Tudo isto revela-nos hoje a pristina e real existencia de um grande imperio na Asia Occidental, imperio vasto e poderoso, que levou suas armas e sua civilização ás praias do Mar Aegeu, exercendo talvez tão consideravel influencia sobre os povos vizinhos da Asia Menor, e por intermedio d'elles sobre os paes dos Gregos, como de outra parte exercera sobre os habitantes da Syria. Eis uma nova conquista d'esta portentosa sciencia.

— A historia dos Medas e dos Persas occupa muitos capitulos de Herodoto, Diodoro Siciliano e Xenofonte; e Ctesias,

(!) Op. cit. cap. V, p. 92-99. O mesmo autor, neste precioso Syllabus, menc. de outras revelações devidas á epigraphia, que aqui não cabem mais rapido apontado. Sirva de exemplo: o esclarecimento do Exodo dos Hebreus pelas inscripções de Tel el Maskhuta; a noticia certa da lingua dos Moabitos e de culto monoteista d'este povo — proveniente da inscripção de Mesa; ou pedra moabita descoberta pelo dr. Klein entre as ruínas de Diblón e copada por Clunusel-Gannan; — a antiga topographia de Jerusalém esclarecida pela descoberta de Silbana, contemporanea pelo menos de Isaias, e descoberta em 1880 por Schick.

Sobre a geographia do Exodo vide tambem: o art. excellent do dr. Louis Delgour no *Revue des questions historiques* do 20 de Janeiro de 1886.

—o medico de Artaxerxes, escreveu até uma historia especial da Persia, da qual deu um resumo substancial Photius auctor do *Myrobiblion*; mas nem aquelles foram completos, nem Ctesias mereceu jamais inteiro credito, á vista das fabulas e narrativas maravilhosas, de que saía maculado o seu livro. Foi a epigraphia quem clareou os horizontes, e a interpretação dos cuneiformes pode dizer-se o ponto inicial de todos os descobrimentos modernos relativos á própria historia, á lingua e á religião d'aquelle povo.

É curiosa esta pagina da linguística (*). Em 1798 ainda se limitava tudo a saber que o prego, ou cunha em diagonal, servia de separar as palavras: achado de Tychsen de Rostok. Em 1802 Münter reconheceu o *a* e o *á*, enganando-se quanto aos outros dez characteres, cuja interpretação propuzera. Em Setembro do mesmo anno o sabio dinamarquez Jorge Frederico Grotefend, não por processos philologicos, mas com o auxilio da archeologia e da historia, chegou a formular a primeira tradução de uma phrase, e interpretou correctamente alguns characteres do alphabeto. Em 1826 Rask, mediante processo inteiramente diverso, — a observação das formas grammaticas —, descobriu mais duas letras. Finalmente em 1836 vieram Lassen, Burnouf e Rawlinson, e, sem terem entre si a mais ligeira communicação esses 3 sabios illustres, cada qual de seu paiz, completaram a decifração do grande enigma; estava descoberta a chave preciosa dos thesouros achemenides, e tudo partira da famosa inscripção trilingue de Behistún, que abriu campo vasto ao estudo das linguas erantas.

Graças ao conhecimento dos novos textos epigraphicos a historia da Persia (†) vaç ganhando luz todos os dias; a tão fallada conquista de Babylonia por Cyro muda de aspecto; a libertação dos judeus torna a feição de um acto politico extensivo a todos os povos vencidos, que desde o tempo de

(*) V. sobre este assumpto o Livro: *Les langues peulées de la Perse & de l'Assyrie* Persse. Par M. Joachim Meissner. Paris, A. Lezere, 1885, in 78°.

(†) É prova ávida a importante obra moderna do conde de Gobineau: *Histoire des Perses*. Paris, 1873, 8°.

Nabuchodonosor viviam captivos em Babilónia; a usurpação do falso Smerdis e a elevação do Dario se-explicam mais naturalmente do que pela narrativa aliás sincera de Herodoto, e factos innumeros se-enriquecem de pormenores que não tínhamos. Em summa as ruínas gigantescas de Persepolis não são mais uma *sphynx*, e hoje se-dilata o circulo da sciencia com a leitura d'aquellas mesmas inscripções, ante as quaes passaram extasiados, mas confundidos, fr. Antonio de Gouvea no principio do seculo XVII, D. Garcias da Sylva y Figueroa em 1618, e pouco depois Pietro della Valle e Chardin.

— A Grecia foi sempre mais conhecida, já porque desde o século V antes da nossa era teve uma pleiade immortal de escriptores, que todo o homem de boas leituras manuseia, já porque o estudo de suas antiguidades despertou desde muito cedo a curiosidade dos sabios do Occidente. Fôra um não acabar, e tarcia realmente desnecessaria, citar a extensa e gloriosa serie d'aquelles — os escriptores que illuminaram todos os ramos da litteratura antiga, desde o ingenuo Herodoto até o insigne Plutarcho; fôra tambem repetir o que todos sabem — enumerar a copiosa cohorte de investigadores, que desde Vossio, Gronovio e Mortfaucon até Larcher e Gail se-mostraram apaixonados pela archieologia d'aquelle precioso e mais que todos illustre canto da terra. Sim, a Grecia teve, tem e terá o condão magico de apaixonar os homems de espirito culto, as almas sensiveis a tudo quanto é bello e grande; mas ainda assim, que de subsidios novos addicionou e addiciona a epigraphia ao que nos-legaram os antigos; que de lacunas preenchidas no conhecimento de mil pormenores de varia natureza; que de aspectos novos e interessantes nos quadros intimos da sociedade hellenica! Tambem a messe all é farta, e a actividade dos trabalhadores indefessa. Realizada neste seculo a libertação do sólo grego, foi dado o signal á mais completa expansão dos estudos historicos; a Allemanha, a França e a Inglaterra competiram em ardor e constancia, enviando exploradores sem conta, que têm tudo visto, tudo revolido e examinado.

Não ha canto da gloriosa peninsula, não ha ilha por pequena e inculta no Archipelago, não ha praias da Asia Menor, onde o alvião do archeólogo e o lapis do epigraphista não tenham trabalhado. A Eschola Franceza de Athenas, fundada em 1846 e dirigida por sabios da ordem de Emilio Burnouf e Alberto Dumont, não obstante a pouca abundancia de recursos, operou e opera prodigios; enfim, para significar até onde ha chegado a paixão pela patria de Thucydides, baste dizer que ha pouco se instituiu em Athenas a *Eschola Americana de estudos classicos* sustentada pelos 13 grandes Collegios dos Estados-Unidos, e já viu a luz da publicidade o primeiro numero de seus « *Papers of the Amer. Sch. of class. stud.* » com interessantes trabalhos epigraphicos, sobre Assos e Tralles.

É o Novo Mundo por sua vez a render o culto secular, é este mancebo vigoroso que, já não contente das conquistas utilitarias da industria, visando mais alto no conceito dos povos, corre ás plantas do ancião veneravel, «vae pedir-lhe os segredos de sua civilização prodigiosa, quer aprender nas linhas magestosas do Parthenon de Ichno, do bellissimo templo de Neptuno de Paestum, ou nos Propyleos de Mnesicles a grande e severa belleza dos monumentos architectonicos; no celebre grupo de Phidias, no frontão do templo de Egina ou no de Olympia esculpido por Alcamenes, a mascula attitude dos herões; estudar na propria *ágora* os fulminadores trechos do implacavel auctor das Philippicas, ou nos proprios jardins de Academia as graves e idêicas theorias do divino Placão. É finalmente o herculico mancebo americano rendendo preito ás ruínas da Acropole, disputando um lugar no *symposium* dos cultores da Hellade e a gloria de levar algumas pedras ao immortelouro monumento erguido em sua honra pelos sabios mais illustres de todas as edades.

A Grecia foi sempre mais conhecida e admirada; mas a epigraphia achou por isso menos campo para as suaz investigações eruditas? Que importa que desde 1600 o conde de Arundel mandasse colligir os marmores e as inscripções, que

ainda hoje se-admiram na Universidade de Oxford, justamente orgulhoza da sua *Chronica de Perros?*; que na senda trilhada pelo opulento inglez caminhassem depois Chandler — o sagaz explorador das antiguidades jonicas, lord Elgin — o fundador da preciosa collecção de que se desvaneece o Museu Britannico, Nointel que enriqueceu o Museu do Louvre, o conde Choiseul-Gouffier — discipulo d'aquelle sympathico e douto padre Barthélemy que encantou os dias de nossa mocidade com as paginas de sua *Voyage du jeune Anacharsis*, — livro em que eu aprendi a amar a Grecia, e que ainda venero e estimo não obstante seu atrazo? A scára era abundantissima, os thesouros epigraphicos inexhaustiveis, e a critica moderna sedenta, insaciavel, pedia e pede sempre documentos.

Neste seculo proseguiu portanto a incruenta batalha; Augusto Boeckh, Otfried Müller, Clinton, Letronne, Raoul-Rochette, Philippe Le Bas, Creuzer, Emilio Burnouf, Richter, Fred. Hermann, Darenberg e Saglio, Curtius, Kirchoff, Egger, L. Renier e Lenormant são nomes de outros tantos sabios de hontem, a quem a sciencia historica deve os mais assignalados serviços; um levanta o *Corpus inscriptionum graecarum*, outro delinea com mão de mestre a historia litteraria; este assenta nos *Fasti hellenici* a chronologia; aquelles illuminam o capitulo da influencia grega no Egypto dos Ptolomeus, ou a historia das colonias; aqui se-enriquece a *Anthologia* de curiosissimos epigrammas, ou a historia da arte dramatica se-esclarece nos 28 decretos do theatro de lasos; alli se-descobre nos textos de Delphos o uso ignorado da emancipação dos escravos, ou se-completa a historia da amphictionia; qual esquadrinha pormenores do direito e da economia politica, qual reconstitue os dialectos litterarios e examina as transformações do alphabeto caduço; uns reformam a mythologia, outros compõem a numismatica; — todos á uma pesquisam com a febre do enthusiasmo, esmerilham com amor os mínimos accidentes da vida social e inibna d'esse grande povo, que foi o mestre de nós todos. E a epigraphia é o grande instrumento de tão colossaes trabalhos.

Na hora em que escrevemos estas linhas a lucta ainda não cessou, nem acabará tão cedo. Ainda em 1883 W. Dittenberger publicou a sua *Sylloge inscriptionum graecarum*, e W. Larfeld a importantissima collectanea de inscripções da Boécia; em 1884 Halbherr e Fabricius descobriram a celebre inscripção *bustrophedon* de Gortyna, mais conhecida por Código das leis de Creta, com suas memoráveis 650 linhas que encheram de prazer os eruditos; em 1885 B. Latychev as *Inscriptiones antiquae ora septentrionalis Ponti Euaxini* de valor inestimavel para a historia d'esse nucleo de colonias gregas do Mar Negro. « sentinellas perdidas da civilização hellenica nas brumas da Scythia », como diz Th. Reinach; entim, neste mesmo momento trabalham Cavvadias na Acropole, Phillos no templo de Demeter em Eleusis, Dimitriadis e Purgold em Olympia, Phinticlis no sanctuario de Amphiarans em Oropo, Cousin e Durrbach em Lemnos, Demosthenes Baltazzi na Lydia, os allemães no templo de Sunium, os francezes em Elatée, e C. T. Newton edita a preciosa *Collection of ancient greek inscriptions in the British Museum*.

— Na Italia não foi menor o serviço do *quadratararius*, que nos deixou por toda a parte em caracteres indeleveis a historia do povo romano. Perderam-se monumentos, escriptos inapreciaveis: muitos livros de Tito-Livio, Quinto-Curcio, Ammiano Marcellino, e Tacito, e obras inteiras de Cornelio, Sallustio, Trago-Pompeio e Suetonio: mas as inscripções ficaram, e com ellas se refaz o perdido, se restaura e se aprimora a tela preciosa do passado incompletamente esboçada pelos historiadores.

Já prestaram grande serviço neste trabalho as inscripções colligidas por Grevio, Orelli e Muratori no século XVIII; mas a pujante expansão da critica historica data de poucos annos, e é por isso que nestes ultimos lustros a epigraphia latina, qual a grega, ha sido objecto de tão entusiastica actividade da parte de homens eminentes como Léon Renier, Ernest Desjardins, Edmundo Le Blant, o grande Mommsen, o erudito

Henzen, e mais que todos o incomparavel Rossi, que ainda neste momento espanta o mundo com as suas obras e o seu vigor de novo Briarou.

Quem pode comparar o horizonte estreito das obras classicas com o que se-vae abrindo todos os dias deante dos nossos olhos, cada vez mais absorptos na admiração d'esse povo excepcional e d'esse Estado soberano, que estendeu o dominio de suas aguias das bocas do Rheno aos desertos d'Africa, do Euphrates ao Oceano Atlantico?

A historia de um povo é antes o quadro de seus costumes e de suas instituições do que a narração das suas guerras, por mais hernicas e extraordinarias que ellas sejam; é por isso que a historia romana está tanto nas 120,000 inscrições latinas conhecidas como nos elegantes capitulos de Tito Livio. Uns e outros são documentos preciosos, não ha duvidar; elles se-auxiliam, se-esclarecem e se-completam.

A inscrição da *Columna de Drulio* transmittiu-nos a lembrança da primeira victoria naval alcançada pelos romanos contra as frotas de Carthago; os *Pactos consulares* encontrados no *Forum* conservaram-nos até o reinado de Tiberio a serie dos consules, dictadores, tribunos militares, censores e triumphadores; o celebre *Testamento de Augusto* é considerado pelos juizes competentes como uma das fontes mais preciosas da historia d'este Imperador; da *Lex Julia municipalis* não fallaram os historiadores de Cesar, e todavia a-conhecemos hoje; a *Lex regia* gravada na meza de bronze, que se descobriu em Roma no pontificado de Clemente VI, fez-nos saber com exacção a natureza e extensão do poder imperial; as inscrições de Stratonicea revelaram-nos o preço dos viveres no tempo de Diocleciano; a organização da Gallia no tempo dos imperadores Severo Alexandre e Gordiano III ganhou immensa luz com o descobrimento do *Consilium Gallia* demonstrado pelos marmores de Thorigny, — noção que dos classicos se não pudera beber; o ponto que se-sabe do osco, do umbrio, e do etrusco — esta sphynge da linguistica —, aos documentos epigraphicos

se deve: as inscrições de Roma christian estudadas pelo illustre Rossi aclaram e documentam a historia dos primeiros seculos da Egreja; as copiosissimas noticias da epigraphia doliar ⁽¹⁾ ou ceramica, assumpto em que trabalhou com amor o paciente e modesto Marini, cujo manuscripto acaba de ser publicado no *Studi e documenti di storia e diritto*, e que fazem egualmente objecto da obra de Ch. Descemet — *Inscriptions doliaires latines* —, são subsidios do mais alto valor; a celebre *mesa alimentaria de Veleia*, que está no Museu Farnese de Parma, é a outra analogia descoberta em 1832 perto de Benevento, interpretadas ambas por R. Borgnesi e Henzen, ensinaram-nos o que jamais nunca se-suspeitára; que Nerva e Trajano, para auxiliar a pequena propriedade e alliviar a miseria publica, emprestavam aos possuidores de terras sommas consideraveis a juro modico, permitindo d'est'arte aos pequenos proprietarios melhorar seus estabelecimentos, aperfeiçoar suas culturas, fazer plantações novas, construir edificios, &c. — e o que é mais, exigindo simplesmente que o capital emprestado fosse garantido pela hypotheca das terras, applicavam o juro á alimentação e sustento das crianças pobres de todas as cidades da Italia, — em uma palavra, sob a garantia do regimen hypothecario, a combinação feliz do credito territorial e dos soccorros publicos, uma das mais bellas e philanthropicas instituições, que hajam sido praticadas em estado civilizado, como diz o sabio Desjardins.

As inscrições latinas da Tunisia desvendaram egualmente esta luminosa pagina da influencia romana em Africa, dando-nos conhecimento mais exacto e particular da administração de Carthago, e iniciando um capitulo de historia, para o qual serão sempre reclamados os estudos de Renier, Joh. Schmidt hodie-

(1) Os antigos Romanos chamavam *opus doliare de fistula*, *opus doliare aginum* todo o que era fabricado com argila cozida no sol ou no fogo; de *dolium*, cuja traducção primitiva é — o tonel —, e que passou a significar — o pote ou vaso de barro —. Todos esses productos communis chamam inscrições, e é ao conjunto d'elles que chamamos — *epigraphia dolia*. —, movidos da necessidade de nacionalizar o vocabulo.

O monte Testaccio em Roma, situado entre a pyramide de Cestius, a porta de S. Paulo e o Tibre, ha sido a mina abundante d'estas gémmas preciosas.

namente seguidos por Cagnat, Salomão Reinach e Ernesto Babelon.

E, como para a Grécia, continúa com fervor a grande obra em todos os recantos do Império; prosegue brilhantemente o *Corpus inscriptionum latinarum* de Henzen e Rossi; Le Blant interpreta os cippos do templo das Vestaes, Poinssot excava o *praetorium* de Lambese, Maraisi descobre os tumulos da família de Licínio Crasso, e um sem numero de obreiros indefessos por toda a parte desenterra, lê, desenha, photographa, commenta e critica as preciosas reliquias do passado.

— Eis a largos traços o que fez e o que merece dos sabios a sciencia epigraphica; eis porque sr. Camillo desde sua mocidade, quando convivera com Letronne, se apaixonára por ella. Aqui no Brazil, paiz novo e de hontem, não pudiéra por certo encontrar materiaes de similhante natureza para assumpto de investigação, e por isso não deixou trabalho, que o-recomendasse á posteridade; mas envi-lo dissertar sobre estas materias era uma delicia, e ninguém havia que lhe-recusasse decidida competencia em taes assumptos.

Tudo o que fez em epigraphia foram algumas inscripções para monumentos nacionaes ou para lapídes sepulcraes de amigos. D'ellas conhecemos as seguintes, enumeradas pela sua ordem chronologica:

I. Durante a viagem de SS. MM. ás provincias do Sul em 1845-46, o barão de Arcoz precisou de um disticho em grego, que pretendia mandar inscrever nas paredes do gabinete do Imperador, ao lado de outros distichos em varias linguas. Dando o pensamento a Camillo Cléau, este compôz os dous versos seguintes:

*Φίλοι, ἄψαν τῶν ἀνθρώπων, ἐγὼ μὲν εἶμι παύσας,
Εἰ καὶ παύσεται φίλος. ὁ αἰὼν δὲ ἔστω τῶν φίλων.*

II. O dr. Joaquim Caetano da Silva, reitor do Collegio de Pedro II, mandou-lhe dous projectos da inscripção destinada a gravar-se no pedestal da estatua do Imperador, que tinha de

ser erigida no peristyllo do Hospício de Pedro II, e pediu-lhe a sua opinião. Fr. Camillo fez varias observações, e propoz uma nova formula:

Eis os dous modelos do dr. J. Caetano:

N.º 1.

Divvs. Petrvs. secvndvs.
 imperator. maxims. beneficentissims.
 humanitatis. deus. et. praesidiu.
 svi. nominis. manicomium.
 a. fundamentis. erexit.
 pro. tanto. humanitatis. solatio.
 vivam. augustissimi. fundatoris. effigiem.
 sacrae. misericordiae. sodalium. pivm.
 gratitudinis. mvns.
 ad. posterorvm. memoriam.
 sistit. et. consecrat.

N.º 2.

Beneficentissims. petrvs. secvndvs.
 brasiliae. deus. et. praesidiu.
 svi. nominis. nosocomium.
 amentibus. exstrevit.
 pro. tanto. pietatis. dono.
 augustissimi. conditoris. imaginem.
 statvit. et. consecrat.
 misericordiae. sodalium.

Lêis a inscripção proposta por fr. Camillo :

Petro . imp . avg . II .
 pio . liberali . optimo . maximo .
 brasilicae . gentis . eximio . favtori .
 qvi . avgvsta . manv . a . base . sagratvm .
 nosocomivm .
 amentiae . syblevandae . dicatvm .
 favsta . nominis . svi . tytela . mvnivit .
 in . fvtvri . aevi . memoriam .
 grati . animi . mvnvs .
 s . misericordiae . sodalitii . consortes .
 posvère .
 anno . dñi . MDCCCL .

Havendo recebido este parecer, o illustrado brasileiro escreveu a seguinte charta a fr. Camillo :

« Monsieur,

« Je viens vous remercier du précieux envoi que vous
 « avez eu la bonté de me faire en réponse à ma prière au
 « sujet des deux projets d'inscription.

« Sans compter les détails, vous avez fourni deux indica-
 « tions capitales : en 1.^{er} lieu, la nécessité de faire des deux
 « parties un tout ; et ensuite, la superfluité de déclarer que
 « c'est une statue.

« Quant aux détails, j'oserais vous demander la permission
 « de vous soumettre quelques petites doutes :

« À l'appui de *pro* des deux premiers projets, je trouve
 « un grand nombre d'exemples de Cicéron, et entr'autres ce-
 « lui-ci : « Tibi pro tuis summis beneficiis gratias ago. » Epist.
 « ad Att. lib. 16. 20.

« À l'appui de *ad* du premier projet, je trouve dans le
 « même Cicéron, pro Sest. 13 : « Vestigia integritatis illius non
 « pressa leviter, ad exigui praedicationem temporis, sed fixa ad

« *memoriam omnium sempiternam.* » Et bien d'autres exemples
« encore.

« Il est incontestable que *gratitudo* est, tout au plus, de
« la basse latinité; mais, au lieu de *grati animi munus*, ne
« trouveriez-vous pas plus euphonique : *grati animi testimonium* ?

« Si vous le permettez, nous parlerons plus au long dans
« notre première entrevue. Pour le moment, je me borne à
« vous répéter que vous m'avez rendu un véritable service
« d'ami, et que je vous suis extrêmement reconnaissant.

«

« Votre ami dévoué

« *Dr. Joaquim Custoso da Silva.*

« Rio de Janeiro, le 4 août 1849. »

III. « Epitaphio para o tumulo da bemfeitora D. Luiza Rosa Avendano Pereira, exposta da S.^{ta} Casa da cidade do Porto, que deixou á S.^{ta} Casa d'esta cidade do Rio de Janeiro, onde casara e vivera, quasi toda a sua fortuna de mais de 500 contos.

Para perpetuar a sua memoria a Irmandade da mesma Santa Casa do Rio de Janeiro levantou-lhe este mausoléu.

Nasceu no Porto a 6 de Janeiro de 1779, e falleceu no Rio de Janeiro aos 8 de Maio de 1850. »

Taes foram as notas que lhe forneceram, e segundo as quaes compoz a seguinte inscriçao lapidar :

Aloysiae Rosae Alimlanae Pereyrae
anno MDCCCLXXIX mensis Januarii VI
anonyma stirpe apud Lusitanos natae
in Misericordiae Calceportus civitatis orphanotrophio
sicut dilecta filia
recollectae et morum doctrina instructae
Sacri Misericordiae Collegii Sebastianopolitani sodales
venerandam ejus memoriam in perpetuum
grate celebrantes

benemerenti
 Fil. et DD.
 quae
 pio erga matrem, grato erga matricem
 Misericordiam
 animo ducta,
 opes suas, ultra nonaginta milia aureor. sold. (*)
 Sacro Misericordiae Collegio Sebastianopolitano
 testamentis constituit
 et die Maji mensis VIII, anno MDCCCL
 obiit.

IV. Tendo de fazer-se uma inscripção, que, impressa em pergaminho, devia ser depositada debaixo da pedra fundamental do Recolhimento de meninas desvalidas de S.^a Thereza, foi incumbido fr. Camillo d'este trabalho pelo então visconde de Abrantes — provedor da Santa Casa da Misericordia.

Eis o texto portuguez que lhe deram :

« Debaixo da protecção da Divina Providencia, e debaixo do patrocínio de Santa Thereza, o Senhor D. Pedro 2.^o, Imperador do Brasil, poz a primeira pedra do Recolhimento das meninas desvalidas, com o nome de S.^a Thereza, instituido pelo mesmo Senhor e por sua esposa Imperatriz do Brasil, D. Thereza Christina, princeza das Duas-Sicilias. A 15 de Março de 1853. »

« Com o Presidente do mesmo Recolhimento, visconde de Abrantes, e membros d'elle o Dr. Jos. Thom. Pinto de Cerqueira, João Pedro da Veiga, Dr. Manuel Maria de Moraes e Valle, Antonio José Gomes Guimarães. »

Cingindo-se escrupulosamente a esta letra, compoz elle a principio uma inscripção, que veio a reformar e substituir pela

(*) *Per quanto se tem recebido de doações e outras mil. aureas talentos, e, e mais esta quantia*

solid. aur. post Constantin. 15.200.

90 = 1350.

9000 = 1350.000.

ou cambio de 360 = 516.400.000 réis.

seguinte, depois de uma curiosa correspondencia trocada com o visconde de Abrantes:

Deo . opt . max . ⁽¹⁾
 Petrus . avg . II .
 brasiliarium . imperator .
 primarium . maiorum . ⁽²⁾ ritv . lapidem .
 erigendi .
 svb . nuncupatione . et . praesidio . divae . Theresiae .
 pvellularum .
 tutela . egentium ⁽³⁾ .
 asyli .
 svo . et . grati . pauperibus . nominis .
 coniugis .
 Brasiliarium . imperatricis .
 Theresiae . Christinae . avg .
 e . regia . Borbonum ⁽⁴⁾ . in vtraque . Sicilia . regnantium . stirpe .
 pio . et . liberali . consilio .
 conditi .

(1) Tinha-se proposto — Deo favente —; mas fr. Camillo objectou que esta expressão, immediatamente anterior ás palavras — Petrus aug. II —, parecia fazer corpo com ellas e recordava o protocollo dos reis de França: *Dei gratia, Henricus V, rex Francorum*; e demais, não só o ablativo suspenso não era monumental, como também *favente* era de latinidade pouco usual.

Lembrando então D. O. M., respondeu-se-lhe que apesar de « muito classica, esta formula tinha algum cheiro de gentildade que cumpria arredar ».

Parece porem que fr. Camillo defendeu esta redacção com bons argumentos, que a fizeram accetitar, e tanto que ficou, apenas modificada em — Deo . opt . max . —, por se ter lembrado o proprio auctor que ella poderia prestar-se á errônea interpretação — Dom Petrus —.

(2) Teve fr. Camillo a idéa de substituir esta expressão por — solenni ritu —, mas o visconde de Abrantes respondeu-lhe que julgava excessivo o seu escrúpulo: « Se a palavra *Ritu* pudesse referir-se aqui á Política, razão haveria para regê-la, com attenção á nova ordem creada apenas no subcedente Reinado; mas, referindo-se á *Religião* não nos he lícito invocar ou alludir á outra, que não seja a dos nossos Paes, os Portuguezes. »

(3) O texto primitivo era — puellarum tutela destitutarum —. Elle proprio o modificou, como está, e a esse respeito diz o visconde de Abrantes em uma de suas chartas: « já uma Alta Personagem havia indicado a necessidade d'essa substituição, e V. R.^{ma} pode lisongear-se de haver-lhe adivinhado o pensamento. »

O diminutivo — puellularum —, posto que pareça á primeira vista pouco proprio de uma inscripção monumental, é todavia o que corresponde exactamente a — metinas —.

(4) O primeiro projecto fora: « *regia, in utraque Sicilia, stirpe* »; depois se accrescentou como está. Tendo o visconde de Abrantes, ao que parece por inadvertencia, escripto *Borbonum* em uma cópia que mandou a fr. Camillo, observou-lhe este o seguinte:

« Adoptando a orthographia de *Borbonum*, com *u*, parece que V. Ex.^a se refere a uma etymologia tirada do latim da meia idade, a de origem germanica *Burjus*. Porém a cidade de Bourbon l'Archambault, da qual a casa real de França tira seu nome, tem nos documentos antigos e recentes o appellido latim de *Aque Borbonia*; ora a casa real de Napoles, descendente do mesmo tronco, pelo rei de Espanha Philippe V neto de Luiz XIV, tem a mesma origem. Portanto, si V. Ex.^a se digna acolher esta razão, talvez consinta em admitir a forma *Borbonum* ou *Borbonidum*. E assim ficou.

Augusta . manv.
 IV . kalendas . aprilis.
 anno . dni . M. DCCC. LIII.
 posvit.
 adstantibus . eivsdem . asyli . praeside.
 vice . comite . Abrantiensi.
 et . sodalibus.

Josepho . Thoma . Pinto . a . Serqueira . lei (°) . d.
 Ioanne . Petro . a . Veiga.
 Emmanuele . Maria . Moraes . a . Valle . m . d.
 Josepho . Antonio . Gomes . Gvimaraens.

Foi encarregado da impressão d'esta inscripção o conhecido typographo Francisco de Paula Brito, que teve de mandar fundir lettras especiaes, e a quem fr. Camillo, sempre zeloso pela perfeição dos seus trabalhos, fez as seguintes recommendações: imprimir em characteres maiusculos da dimensão das lettras do seu manuscripto, excepto as palavras « Petrus . aug . II. » e « Theresiae . Christina . aug . », que deviam ser figuradas em lettras um pouco maiores;

pôr os pontos não ao pé, mas na meia altura da lettra;

guardar exactamente a forma das linhas;

não pôr pontos nos ii;

figurar os diptongos AE divididos em suas componentes AF, os U como V, e os J como I;

empregar typo cheio, como mais monumental; e deixar uma linha de intervallo entre a 1.ª e a 2.ª linha da inscripção, assim como entre a linha *posvit* e a seguinte *adstantibus*.

Todas estas indicações foram fielmente seguidas por Paula Brito, segundo se vê da prova que existe na Bibliotheca Nacional da Corte.

V. Inscripção para um Asylo de Invalidos, feita em Agosto de 1853:

(2) Primeiramente propuzera i . n . d. , mas depois, lembrando que estas lettras tinham aquellouça com o monogramma de N. S. Jesus Christo, julgou melhor escrever lei . d. , e foi accerto.

Petrus . avg . II .
 brasiliarvm . imperator .
 qvos . mórbo . senio . qve . graves .
 svís . erga . patriam .
 meritis . nobiles .
 cives .
 pio . conspexerat . oculo .
 ple . alendos .
 fide . spe . qve . ducibus .
 caesarea . liberalitate . tvetvr .
 charitatis . balsamo . fovét .
 eorvndém . qve . causa .
 pvblicae . felicitatis .
 domesticae . virtutis .
 propriae . maiestatis .
 memor .
 aedem . hospitalem . erigi . iussit .
 civis . cardinalem .
 sacro . ritu . lustratvm .
 lapidem .
 angusta . manu .
 posvit .

VI. Inscricção depositada no acto de lançar-se a primeira
 pedra da Praça do Mercado de Nictheroy:

Deo . opt . max .
 petrus . avg . II .
 pivs . iustvs . clemens .
 brasiliarvm . imperator .
 porticus .
 in . vsvm . mercatorvm .
 apvd . nictheroyenses .
 aedificandi .
 cardinalem .
 solenni . christianorvm .
 ritu .

svb. praesidio. d. johannis. baptistae.
 civitatis. tutoris. eponymii.
 vicarii. parochialis.
 r. p. thomae. aquinatis.
 ministerio. sacratvm.
 lapidem.
 publicae. utilitatis. memor.
 et. factor.
 theresia. christina. avg.
 brasiliarym. imperatoris.
 conjvge.
 pii voti. partitipe.
 avgvsta. manv.
 johanne. barone. a. rio. bonito.
 provinciam. administrante.
 aedilivm. votis. annvento.
 VI. kalendas. jvlias.
 anno. dñi. M.D.CCC.LIV.
 regni. svi. felicit. XXIV.
 civivm. plavsv. gratvltantivm.
 posvit. (1)

(1) Não deixa de ser curioso vêr-se a inscripção, proposta não sabemos por quem, à consideração de Sr. Cavillo, e que este respondeu *de humilis*.

Senatus
 Imperialis Civitatis Nictheroyensis
 Jussu,
 Deco Optime Maximo Favente,
 Et
 Sub Divi Joannis Baptista,
 Majoris Parochiae Patroni,
 Presidio,
 Hic Primus Lapis,
 (Rite et Reverendissimo Patri Thoma De Aquinate,
 Majoris Ecclesiae Vicario. Benefactore.)
 Et
 A Sacra Altesina Ac Potentissima Imperiali
 Majestate Domini D. Petri Secundi, Brasiliae
 Imperatoris Constitutionis Ac Leopoldi Bellicosissimi,
 Fecutus,
 Sub Provincia Praesensida Barone de Rio Bonito,
 Ad Forum Reclam Venturum,
 Die Vigesima Sexta Mensis Junii (Sexto Calendas Julii)
 Anno Domini MDCCCIV,
 Pectus Ed
 Ad Perpetuam Rei Memoriam.

Ante este curioso epigraphico latino estão « vêr o sorriso de Sr. Cavillo, e a borbulhar-lhe nos lábios a famosa apostrophe do artista: *me inter alia optatiss*, ou a célebre anectota não menos celebre de Voltaire: *o Maitre André, jadis des parvages*. »

VII. Para o tumulo do conselheiro José de Sousa Correia, reitor do Collegio de Pedro II, fallecido em 1855, compoz o seguinte epitaphio:

Vetustre . honestatis .
 amoris . erga . liberos .
 longæv . virtutis .
 exemplari .
 benemerenti . et . dilectissimæ .
 parenti . et .
 avo .

§ § §

piæ . memoriæ .
 monumentum .
 filia . nepotesque .
 posvere .

§ § §

Sursum . Corda :

§ § §

VIII. Inscripção feita a pedido do visconde do Rio Bonito para a inauguração do Asylo de Sancta Leopoldina em Nictheroy:

Deo . opt . max .
 petrus . avg . II .
 iustus . liberalis . clemens .
 brasiliæ . imperator .
 orphanotrophus .
 quod . umine . faveto .
 sub præsidio . d . leopoldinæ . virg .
 virisque . sexus . puerulis .

edvzandis .
 ex . decret . senatus . provincialis .
 apud . Nietheroyenses .
 aedificandi .
 cardinalem .
 solenni . christianorum . ritu .
 vicarii . parochialis .
 r . p . thomae . aquinatis .
 ministerio . illustratum .
 lapidem .
 thelesia . christina . avg .
 brasiliarium . imperatoris .
 conjugo .
 pii . consilii . particeps .
 augusta . manu .
 josepho . ricardo . a . sa . rego .
 provinciam . administrante .
 commone . votum . adimplente .
 sodalium .
 collegio . salvatori . d . vincentii . a . paula .
 adscriptorum .
 johannis . vice . comitis . a . rio . bonito . provisoris .
 josephi . ricardi . a . sa . rego . provisoris .
 angeli . thomae . ab . amaral . cancellarii .
 ferdinandi . sebastiani . dias . a . motta .
 johannis . rabello . a . vasconcellos . et . soysa .
 josephi . edvardi . galvam . junioris .
 johannis . antonii . ferdinandi . pinheiro .
 francisci . xaverii . baptistae .
 bernardini . martini . ferdinandi . a . faria .

IX . virorum .

v . idus . septembris .

anno . dñi . M . D . CCC . LV .

regni . svi . felicitis . XXV .

posuit .

IX. Inscrição para o tumulo do dr. Sigaud:

Generosi . animi . viri .

I . F . V . Sigaud,

ordd . crvciatorvm . brasiliens,

franco — gallicae . legionis .

eqviri .

petri . avg . II . brasiliarvm . imperatoris .

archiatro .

nonnvlar . academiav . illvstri . diligentique . socio .

pveris . caecis . institvendis . dicati . gymnasii .

vna . cvm . i . a . azevedo .

conditori . et . praesidi .

virtute . tandem . et . pietate . domestica .

ingenii . vrbanitate . et . amacnitate .

morvm . dignitate .

scientiarvm . assidva . cvltvra .

claro .

qvi . massiliae . phocaeensivm . II . decembris . MDCCXCVI .

natvs .

sebastianopoli . in . Brasilia . X . octobris . MDCCCLVI .

obit .

vxor . vidva . filii . nepotesqve .

conivgi . benemerito .

patri . avo . dilecto .

grati . animi . amorisqve .

monvmentem .

posvere .

X. Para o tumulo do grego Pericles Damalá fallecido de febre amarella no Rio de Janeiro, e sepultado no Cemitério do Cajá a 24 de Junho de 1857:

Περικλῆς Δαμαλά

Γαλατίας Δαμαλά,

Ἐρμυσταλῆς,

σεμνῶς καὶ καλῶς ἐτῆ κβ' ζήσαντι

+

δοτις, (1) ἐν τῇ Βρασιλικῇ πρόξενος ἀντροπολει,
 φρικτῶν ὑποκρίσεϊς λοιμῶ,
 ἀποπρόσθεν τῆς πάτραδος ἐτελέσθησε
 ὑπὸ τῆς Κυριακῆς ἀναστάσεως ἐστὶ ΧΩΝΥ
 φθίνοντος μηνὸς Ἰαννουαρίου ἐβδόμῃ.

+

κλαίοντα μήτηρ, φίλοι τε πιστοί,
 γλυκώτερον υἱόν
 φίλτατον φίλον
 τιμήσαντες,
 τὴν στήλην ἀνέστησαν
 μνήμης χάριν.

+

XI. Para o túmulo de D. Maria Calogeras, filha primogênita de João Baptista Calogeras, seu mais estremecido amigo:

+

Marito

Joannis Baptistæ Calogeræ
 Corcyrani
 primogenitæ filia dilectissimæ
 mater, paterque
 piè, silenciosè, humiliter
 Decreta Dei,
 lugentes
 perpetui mœroris monumentum
 posuere,
 quæ

die Augusti XXV, anno salutis MDCCCLVII
 ætatis XVIII annum vix ingressa,

(1) Dos custodios, que encontrei, deprehendo que a principio sr. Camillo inserira aqui mais estas palavras: "τὸ Ἑλλητικὸν παραλείπων ὀπίσθην Ἑσπερίου διαπλεύσας πέλαγος", que depois supprimia.

venustate ingenii, morum et indolis suavitate,
 virtutis suae nescia
 corde simplici
 parentes, fratresque, aetate minores,
 consolabatur,
 egentium, charitate, dolores
 moderabatur,
 virgineus inter choros, immatura morte, coelum advecta,
 Deum optimum maximamque
 aeterno amore nunc amplectitur,
 pioque hymno deprecatur.
 Sursùm corda!

XII. Compôz ainda a inscripção gravada na estatua da
 Caridade, levantada em memoria de José Clemente Pereira no
 Hospital da S.^{ta} Casa da Misericordia. É concebida nos seguintes
 termos:

Josepho . clementi . pereyrae .
 pio . erga . infirmos . ardente . qve . zelo .
 aequi . ac . boni . indefesso . studio .
 clarissimo . inter . cives .
 viro .
 charitatis . sygnvm .
 ipsivs . animi . vitæ . qve . symbolvm .
 sacri . misericordiae . collegii . sodales .
 praeuvnto . michaelis . marchione . abrantensi .
 evcharisticon . votvm .
 anno . dñi . M . DCCC . LVIII .
 mensis . avgvsti . XXII . die .
 posvere .

qui . quidem . vario . et . multiplici . onnere . fvnctvs .
 magna . prosecvts . majora . praestitit .
 officia .
 et . postqvam . vtrivsque . nosodochii . hospitales . aedes .

novis . curis . extruxerat .

LXVII . annos . natus .

die . mensis . martii . X . anno . MDCCCLIV .

sebastianopoli .

obit .

+

ad laus 1. « factus est fortitudo pauperis ! »

(Isaias XXV.)

ad laus 2. « quando miseretur pauperi filium, misertus est ! »

(Psalm. CIII. 27.)

XIII. Pretendeu-se em 1858 gravar uma medalha commemorativa da fundação da Casa da Moeda da Corte, e como do estylo se foi pedir ao nosso emerito archeologo a inscripção respectiva. Do projecto d'esta medalha achamos entre seus papeis varios rascunhos, dos quaes os mais acabados são os seguintes :

A/. Busto do imperador á esquerda, com a legenda em torno : PETRVS . AVG . II . BRASILIARVM . IMPERATOR . PIVS . OPTIMVS . MDCCCLVIII .

R/. MONETAE . LEGITIMAE . / CVTENDAE . / STATERAE . MERCATORIAE . / AEQVA . / LANCE . SIGNANDAE . / OFFICINAE . AEDESQVE . / PETRI . II . IMP . BRAS . / IVSSV . EXTRVCTAE . / SEBASTIANOPOLI . / ANNO . M . DCCC . LVIII . // É em torno esta legenda : PROVIDET . FIRMATQVE . FELICITER . BONO . PVBLICO . //

E mais est'outro, que se approxima da formula definitivamente adoptada :

A/. Busto do Imperador á esquerda, + PETRVS . AVG . II . BRASILIARVM . IMPERATOR . PIVS . CLEMENS .

R/. AEDIS . MONETARIAE . / NUMMORVM . PVBLICI . VSVS . / OFFICINAE . EXTRVENDAE . / INITIALEM . AVGVSTA . MANV . LAPIDEM . / PETRVS . II . IMP . / POSVIT . / SEBASTIANOPOLI . A . M . DCCC . LVIII . / MENSE . DECEMBER . // Em torno : AEQVA . LANCE . PROVIDET . ET . FIRMAT . E . BONO . PVBLICO . // No alto uma balança, e embaixo um caduceu alado terminado em tridente.

Juncto a este ultimo esboço, desenhado pelo proprio fr. Camillo, encontramos a seguinte nota do auctor: « On pourrait « ajouter, au revers, une indication abrégée du rapport actuel « de l'or à l'argent, et de ces métaux à la valeur du blé: AVR: « ARG:: XV: I (P) »

Tendo sido elle apresentado a S. M. o Imperador, escreveu este a lapis no alto: « Não sou eu que hei de collocar a « 1.ª pedra. Deve dizer-se que esta construcção é-feita sob « os meus auspícios. A inscripção do verso da medalha deve « ser a usada. Convenho na indicação da relação entre o ouro, « a prata e o trigo, ainda que o trigo não deva servir inteira- « mente de padrão. »

Por outro lado o visconde de Sapucahy diz, em charta datada de 15 de Novembro, que S. M. o Imperador desejava que na inscripção se consignasse a idea de que foi collocada a primeira pedra da Casa da Moeda no dia 2 de Dezembro.

Estas observações deram logar á redacção definitiva, excepto na relação dos metaes com o trigo, que se-supprimiu inteiramente. A medalha foi gravada com a inscripção seguinte:

A/. PETRVS, II, D, G, CONST, IMP, ET, PERPETVVS, BRASILIÆ, DEFENSOR. Busto do imperador á esquerda, tendo por baixo o nome do gravador — Chr. Luster. F. —

R/. AEQUA, LANCE, PROVIDET, ET, FIRMAT. No centro: AEDEM, MONETARIAM, NUMERUM, PUBLICI, VSVS, OFFICINAM, PETRVS, II, IMP, AVG, SEBASTIANOPOLI, AEDIFICARI, EIVSQVE, ANGVLAREM, PETRAM, DIE, FAVSTI, OMINIS, DECEMERIS, II, ORTVS, SVL, EPONYMA, ANNO, AVTEM, M, DCCC, LVIII, REGNI, XXVIII, APPONI, JVEET. Por cima uma balança; por baixo um tridente com duas serpentes enroscadas. *Æ. 60^{mm}.*

Existe d'ella um exemplar na Bibliotheca Nacional, e é o n.º 16585 do *Catálogo da Exposição de Histeria*.

XIV. Para a lapide sepulchral do dr. João Dabney de Avellar Brotero:

+

Ioanni
 dabney de avellar
 brotero
 ivris naturae et gentium
 in alma
 divi pavli universitate
 insigni lectori
 grati animi votum
 venerabunda
 cohors academica
 anno dñi M DCCC LX
 posuit.

+

XV. O provedor da Casa da Mocda do Rio de Janeiro pediu-lhe, a 6 de Outubro de 1865, que compuzesse a inscripção da medallia commemorativa da rendição de Uruguayana; no dia 9 fr. Camillo lh'a-levou, e a 21 de Novembro apromptou-se a primeira prova em gesso:

No anv. o busto do Imperador, e no rev. o seguinte:

Captis.
 ad. urugvayanam.
 et. ad. deditionem. coactis.
 die. septembris. XVIII. anno. M. DCCC. LXV.
 vi. so. paraquariensibus.
 arce. qve.
 communi. et. firmo.
 foederati. exercitus.
 conatu.
 generoso. impetu.
 oppugnata. et. recepta.

copiarvm . dñci . magnanimo .

Petro . II .

Brasiliarvm . imperatori .

perpetvo . defensori .

gratvlatoria . vota .

solvit .

patria .

adstabant . socero . principes . } Estas 3 linhas foram
 Lvdoovicvs . comes . avgionsis . } depois supprimidas em
 Lvdoovicvs . dvx . Saxoniae . } outro projecto.

Esta medalha porém se não gravou definitivamente.

XVI. Inscrição para a lapide tumular de D. Anna Joaquina Fernandes Torres, esposa do conselheiro José Joaquim Fernandes Torres, composta em Março de 1867:

Antoniae . Joachinae .

Josephi . Joachimi . Fernandes . Torres .

uxori . dilectissimae .

anno . M . DCCC . XXV . in . provincia .

Minarvm . Brasiliae .

natae .

Sebastianopoli . aeterni .

anno . M . DCCC . L .

die . mensis . maii . XI .

obevnti .

piae . memoriae .

grati . animi .

conjvx . et . filii .

monvmentvm .

P . P . P .

XVII. Achamos tambem entre os papéis de fr. Camillo o seguinte epitaphio composto para a lapide de fr. Marcellino do Coração de Jesus, ex abbade de S. Bento; é certo todavia que

elle não se gravou sobre o tumulo d'aquelle respeitavel varão ⁽¹⁾, a quem o religioso dedicára um testemunho positivo de sua respeitosa estima nas linhas, que aqui vão transcriptas:

QVEM SI NOVERIS, DILEXERIS
 PRECARE SEPULTO
 FR. MARCELLINO A CORDE IESV,
 SEBASTIANOPOLITANI
 ORDINIS BENEDICTINORVM MONASTERII
 EIGHISSIMO ABBATI,
 QVI PER ANNOS NOVE COMMVNITATEM
 REXIT ET AVXIT
 FRATRVM OMNIVM SIBI AMOREM DEMERUIT
 SINGVLARI ERGA OMNES COMITATE ET
 BENEVOLENTIA IMPERIVM
 COMPLANAVIT
 NEMINEM VNQVAM VERBO VEL OPERIBVS
 OFFENDIT
 EXIMIA CHARITATE HVMANAS MISERIAS
 MODERATVS EST
 VNIVERSAM DENIQVE FORAS ET INTRA
 EXISTIMATIONEM PROSECVTVS
 VIRTVTIS PREMIO APVD DEVM
 NVNC FRVITVR.

XVIII. Figura finalmente entre as joias d'este espolio litterario a seguinte saudação, em forma epigraphica, feita para ser entregue aos Augustos Imperantes por occasião da restauração da Bibliotheca Imperial e Publica em 1858, quando ella se franqueou de novo ao publico estudioso, no edificio do Largo da Lapa:

(1) Achase o tumulo no cimento do Mosteiro de S. Bento da Corte, com a seguinte inscricção regular:

S. de R.^{ma} P.^{re} Ex. ALD.^o P.^{re}
 G.^o e Ex. G.^o P.^{re} Mares
 Irmão de Cor.^{ma} P.^{re} Je.
 aus. F. A. 35. E. M.^o 1854.

que, desobtidas as abreviações, quer dizer: a Sepultura do Reverendissimo Padre Ex-Abade Provisão Geral e Ex-Geral Frei Marcelino do Convento de Jesus. Falleceu a 25 de M.^o de 1854.

Petro . avg . II .
 brasiliarvm . imperatori .
 liberalivm . studiorvm .
 iavori .
 Theresiaeqve . Christinae .
 avgvsti . nominis .
 coniugi .
 brasiliarvm . imperatrici .
 proli . etiam . imperiali .
 exultantes . mvsa .
 grati . cives .
 hymiles . atqve . venerabvndi . Bibliothecae . imp . et . publ .
 sebastianopoli . novis . cvris . instavrtae .
 praefectvs . et . cystodes .
 Deo . omnipotenti . vota .
 supplices . exiit .
 mvitos . felicesqve . dies .
 avspicantvr .

anno . dni v . kalendas . ivnii .

Deve notar-se todavia que, não tendo havido cerimonia alguma por occasião da referida reabertura, deixou de ter significação o voto congratulatorio, e por isso o não receberam SS. MM.

ANTIGUIDADES MEXICANAS

Foi este o problema, que mais seriamente occupou a attenção do estudioso beneditino durante os ultimos annos da sua vida, e basta enunciarlo para vêr-se que escolhera um dos assumptos mais interessantes e mais difficeis, que neste seculo se-tém discutido.

Ninguém ignora que Fernão Cortez, ao conquistar o Mexico em 1521, encontrou alli uma civilização adiantada e curiosissima : não tribus simples e rudes como as das Antilhas, mas nações que tinham exercitos organizados, uma administração

regular, tribunaes de justiça, cidades populosas, agricultura e artes mechanicas, religiões e cultos singulares, edificios monumentaes, uma esculptura assaz notavel para encher de espanto os Europêos, e finalmente um calendario que era uma maravilha.

Tambem é geralmente sabido o que alli praticou a ferocidade dos conquistadores allada aos barbaros preconceitos religiosos da epocha. Não deixaram quasi pedra sobre pedra; o homem devastador fez no Mexico o que havia practicado no Oriente, no magestoso imperio dos Pharaós, na Grécia encantadora e em Roma altiva. Das pyramides enormes do lago Morris (maravilha da XII dynastia) que, segundo a narrativa de Herodoto (1), eram ornadas de estatuas colossaes, mal sobraram vestigios; da monumental Acropole de Athenas fez a barbara grei dos invasores um montão de ruinas; as pyramides de Persenna, cuja descripção parece até fabulosa, e 4 das quaes tinham, segundo Varrão, mais de 80 metros de altura, egualmente desapareceram da Etruria (2). No Mexico fizeram o mesmo aos *teosallis* dos Aztecas, e estimulado por zelo ignaro, mandou o bispo Zumaraga destruir tudo o que dizia respeito ao culto, á historia e ás antiguidades dos povos indigenas da America.

O que resta de tanta grandeza e de tantos prodigios, cuja falta a sciencia historica lamenta hoje com dôr sincera? Restam assombrosas ruinas e alguns codices felizmente salvos do cataclysmo.

Estes fragmentos preciosos de grandes monumentos, sobre a maior parte dos quaes cresceu com o tempo uma vegetação basta e luxuosa, e que eu chamarei quasi providencial, porque escondeu os thesouros ao olhar feroz dos iconoclastas, não deixaram contudo de merecer desde os tempos mais remotos a attenção de sabios investigadores.

(1) Hist. lib. II. CXLIX.

(2) Plin. Hist. Natur., XXXVI, 29.

De Paw (¹), o p. Raynal (²) e Robertson (³) dedicaram-lhes algumas paginas, que, si valem pouco pela critica, significam todavia um apreço que os-honra.

Estas vozes não echoaram na Europa, e a realidade da civilização americana foi ainda objecto de dúvidas por largo tempo, não obstante os documentos revelados por Boturini, a obra de Ulloa (⁴), o livro judicioso de Clavigero (⁵) e os elegantes escriptos do conde Carli (⁶).

A mesma Hispanha, que havia sido a implacavel e brutal devastadora, por uma retractação tardia é certo, mas em todo o caso louvavel, mandou enfim no reinado de Carlos IV proceder a explorações minuciosas, e pretendeu lavar a nódoa, que lhe-haviam imprimido na fronte as scenas luctuosas do seculo XVI.

Mas não era vindo o tempo de similhante resurreição: mal chegava no começo d'este seculo a curiosidade dos sabios para acudir ás maravilhas do Egypto, que apontava no horizonte como um foco de luz e uma fonte de inauditas surpresas.

A celebre obra de Alex. Humboldt—*Vues des Cordillères*—, publicada em 1816, foi o primeiro trabalho de vulto composto sobre o assumpto, e d'ella proveio, se-pode dizer, a serie enorme de investigações, que até hoje se-tem feito naquelle sólo juncado de thesouros.

Em 1822 o Relatorio de Antonio del Rio sobre as ruínas de Palenque; em 1830 a esplendida e incomparavel publicação de lord Kingsborough; em 1834 os relatorios de Dupaix, com annotações de Lenoir e Warden; em 1838 a obra de Waldeck, e alguns annos mais tarde as de Catherwood, W. Prescott, J.

(¹) Recherches philosophiques sur les Américains... par M. de PAW. Londres, 1780, 3 vols. in-12". Ainda aparece ao 2.º vol. a interessante — *Dissertation sur l'Asie et les Américains* —, na qual Dom Pernety relata valentemente as opiniões pessimistas de de Paw.

(²) G. T. Raynal. — Histoire philosophique et politique des états-blancs et du commerce des Européens dans les deux Indes. Geneve, Paris, 1780. 5 vols. in-4."

(³) W. Robertson. — The History of America. London, 1777, 2 vols. in 4."

(⁴) Noticias Americanas. Madrid, *et de México*, 1779, in-4.º Foi traduzida para francees sob o titulo: *Memories géographiques, historiques, ... concernant le découvert de l'Amérique*.

(⁵) Historia antigua de México de Clavigero, R. Acheroniana, 1825, 2 vols. 8.º, etc. e etc.

(⁶) Lettres américaines... avec des Observations & Additions du Traducteur. Götting, 1788, 2 vols. in 8.º pag.

1. Stephens, e A. Galatin — foram contribuições de valor para o estudo das antiguidades americanas.

A estes livros succederam-se os trabalhos consideraveis do p. Brasseur de Bourbourg, que, não obstante todos os seus erros e suas conjecturas phantasiosas, eu considero um benemerito pesquisador e talvez o homem a quem mais devem estes estudos na ultima metade d'este seculo. Que importa que systemas varios o-houvesssem transviado na interpretação dos enigmas archeologicos, e que hoje tenhamos de abandonar quasi todas as hypotheses que elle formulou? Não é menos verdade que com amor singular e com verdadeira paixão scientifica Brasseur despertou a attenção dos sabios, provocou discussões luminosas, deu á estampa documentos de altissimo valor, abriu o caminho á critica mais profunda dos nossos dias, e sobretudo clamou pela urgente necessidade de se instituir exame rigoroso, miúdo e completo sobre todos esses restos venerandos de uma civilização, cujo estudo envolve os mais intrincados problemas historicos, philosophicos e anthropologicos do nosso tempo.

Tal era o estado da questão das antiguidades americanas, quando fr. Camillo de Monserrate, seduzido pela incognita e pela grandeza do assumpto, pretendu devassar-lhe os segredos.

Onde provinha esta civilização assombrosa, encravada no meio de povos barbaros que cobriam o resto da America? Era por ventura autochthone, ou achava sua explicativa na importação de raças extranhas provenientes do velho mundo? Si o exame dos monumentos, das tradições e crenças dos mexicanos, si a analyse das linguas e das religiões revelavam pontos singulares de filiação ou parentesco com os outros povos, quaes eram elles? Veio o germen da civilização do Egypto, restaurada a velha crença da Atlantide? Veio dos Escandinavos, que haviam tido commercio e relações extensas com outros pontos do Novo-Continente, segundo modernamente provaram os sabios trabalhos de Rafn? Foram Phenicios, Carthaginezes,

Israelitas os civilizadores do Anahuac? Ou será licito procurar na Asia Oriental o foco de tamanha luz, demonstrando-se não só a possibilidade sinão a real existencia de antigas immigrações pelas aguas do Pacifico?

Ainda nesta derradeira hypothese, onde procurar a raça, o povo especial que, vencendo tão grandes distancias e atravez de tantos perigos aggravados pela imperfecção dos meios de navegar, veio trazer ao sólo barbaro os germens de seu adiantamento moral e intellectual? Foram os Chins, os Japonezes, os Indos, os Thibetanos? E que revoluções extraordinarias, que moveis poderosos os atiraram tão longe do seu berço, a correr os azares de uma destruição quasi certa? Si ficar provado que de facto aquella civilização proveio da Asia, em que ponto da America assentou o seu primeiro marco: no Mexico, na America Central, no Perú?

Qual d'estes trez centros reclama os títulos de maior antiguidade, que gráo de parentesco offerecem os restos de taes civilizações, qual foi o processo evolutivo d'ellas?

Deante d'este turbilhão de hypotheses e de problemas varios, qual mais arduo e erigado de dúvidas esmagadoras, forçoso era ter o fôgo sagrado para tentar a decifração do enigma, e n'uma epocha em que os elementos indispensaveis á synthese careciam ainda de toda a luz.

Mas o sábio archeólogo não esmoreceu ante os embaraços do caminho, e, mettendo hombros ao commettimento herculéo, accumulou por espaço de largos annos um acervo de notas que dariam para muitos volumes, si a morte e talvez o recio natural de publicar conclusões prematuras lhe não houvessem embargado o passo.

Foi este o seu trabalho mais consideravel, não ha duvida, e é por isso mesmo que mais se-deve lamentar o estado de imperfecção em que ficaram todos os esboços de memorias por elle projectadas.

Como dar ao público idea exacta de tudo quanto fr. Camillo colligiu para a sua grande obra? Não sendo possível

nem útil a publicação de simples apontamentos, muitas vezes desconnexos, resumiremos a nossa tarefa de biographo, entregando á estampa algumas paginas que achamos redigidas, e aproveitando particularmente os trechos, em que seu pensamento parece mais explicitamente exarado sobre os varios pontos da questão.

O leitor encontra-los-ha no n.º 28 dos *Doc.*

D'estes specimens claramente se-deduzem duas cousas:

1.º que o auctor pretendeu a principio compôr um certo numero de memorias sobre pontos especiaes, julgando este processo mais adequado á elucidação do problema americano, visto que «ninguém se pode lisongear em pesquisas tão vastas, de abraçar com um lancear d'olhos todo o conjuncto e todos os pormenores, sem se deixar arrastar pelas preoccupações do momento a apreciações temerarias e a comparações sem base». Neste intuito delineou as — *Tradições, lendas e monumentos relativos á Historia do Mexico* —, onde tencionava analysar as tradições dos indigenas sobre sua origem estrangeira, o mytho de Votan, a communhão de origem de algumas tribus americanas, os seus livros sagrados, a tradição do diluvio, os pretendidos vestigios do christianismo na America, e por ultimo a phonetica e hieroglyphica mexicana.

2.º que fr. Camillo, após longos estudos e exame cuidadoso de todas as faces da questão, se-aventurou a conclusões mais amplas, e formulou parecer definitivo sobre a origem d'esta civilização. Neste presupposto pretendem provar: que da lingua fallada pelas tribus estrangeiras, que emigraram para o Mexico, provieram nomes de divindades e palavras consagradas na liturgia, simplesmente alteradas em virtude de circumstancias peculiares ao povo americano: que se-pode estabelecer comparação entre os dous quadros das edades cosmogonicas do mss. do Vaticano e das relações de Ixtlilxochitl, sendo licito encontrar nestas ultimas os vestigios da estrada, que seguiram as populações em sua passagem da Asia para a America; que os Toltecas e Aztecas parecem descender de povos turanicos misturados de longa data com povos de origem aryanas, e que os

traços do buddhismo encontrados nas instituições do Mexico pertencem ao buddhismo do Norte, corrompido e mesclado de elementos varios; que o centro, d'onde provavelmente se irradiaram as populações civilizadoras da America, deve ser procurado nas regiões do Alto-Indo, na Sogdiana, na Cachemira & regiões onde reinou o culto da serpente e povoadas de tribus *Nâgas*; que os velhos livros sagrados dos Toltecas foram compostos, em seus elementos principaes, de fragmentos e tradições orais trazidas da Asia; e finalmente que o *Popol Vuh* parece não ser mais do que um Purâna, como já pensara o grande Humboldt.

Claro está pois o pensamento do illustre bibliothecario para elle a civilização americana não era autóchthone, e o seu berço fôra uma região da velha Asia.

Como o-provaria, é o que bem difficil me-parece reproduzir mindamente, á vista das suas notas, copiosissimas é verdade, mas incompletas e quasi truncadas depois de 16 annos de-corridos.

Quanto a nós, *adhuc sub iudice lis est*. Nestes ultimos tempos a critica historica ganhou muito em relação á archeologia americana, trabalhos (*) sem conta se-tem realizado, já em exploração do solo e dos monumentos, já sobre a ethnographia e mythologia, já e particularmente sobre a linguistica e hieroglyphica mexicanas; todavia o nosso verdadeiro Champollion ainda não appareceu, que o-saibamos, e o parecer dos sabios continúa a divergir. Não temos pela nossa parte a pretensão de haver estudado esta difficillima questão de modo a emittir opinião scientíficamente fundada; é problema para uma vida inteira, e não para alguns mezes de investigação desajudada dos melhores documentos. Não diremos pois abertamente que fr. Camillo em tudo acertasse, assim como não temos ainda por verdadeiro o parecer dos que defendem a autóchthonia da civilização americana; todavia não nos-queremos furtar ao de-

(*) De mala memória dentre elles são, segundo cremo, os do sr. Orcoz y Barra, que todavia não podemos consultar em esta otegia.

sejo de externar o que pensamos, sem vaidades balôfas de critico, nem pretensões a originalidade. As tendencias do nosso espirito, e nada mais.

Somos pela immigração asiatica, em uma palavra. D'este pensar ainda nos não demoveram os argumentos de Kiaprotz, nem os estudos incompletos da anthropologia moderna, nem as engenhosas combinações mythographicas de Reville.

Neste intuito adduzirei algumas notas colhidas de bons livros e inspiradas pelas paginas de fr. Camillo de Monserrate, a cujo merito superior presto assim homenagem sincera.

A idéa da origem asiatica da civilização americana não é nova, — e isto se demonstra pelo que escreveu Pedro de Castañeda (*) na primeira metade do seculo XVI, tractando da provincia de Cibola: « Esta circumstancia, os costumes e a forma de governo d'estas nações inteiramente diversas de todas as que até aqui se acharam, provam que ellas vieram do lado da Grande India, cujas costas tocam as d'este paiz pelo occidente. »

Énimerar quantos e quaes auctores esposaram depois esta mesma convicção seria tarefa pouco productiva e mais para alardear crudição do que para demonstrar o facto. Limitemo-nos a alguns dos mais salientes:

Hoi de Guignes (†) quem levantou ha muitos annos a idéa de que os chins conheceraam a America, basrando-se para isso na relação de um antiquissimo historiador chinês Li-yen (ou Li-yen-tcheou segundo outros) do começo do VII sec., que falla do paiz chamado Fu-Sang situado a 40.000 *li* ao oriente da China. Dizia Li-yen que para lá ir partia-se das costas da provincia de Leao-Tong, tomava-se para o N. até o paiz de Ven Chin a 7.000 *li* de distancia; d'aí para L. até o paiz de Tahan a

(*) Relation de voyage de Cibola entrepris en 1540... par Pedro de Castañeda de Nájera: publ. na collection. — Voyages, relations et mémoires originaux pour servir à l'histoire de la découverte de l'Amérique par H. Tertous-Compans. Paris, Armand Berand, 1838, in-8° IX, pg. 183.

(†) V. Recherches sur les navigations des chins du 6^e et 7^e de l'Asie et sur quelques peuples situés à l'extrémité orientale de l'Asie. (Hist. et Géog. de l'Asie des Indes, t. II, 1761) t. 26, p. 503-505.

5.000 *lis*, e finalmente chegava-se ao de Fu-Sang que estava a 20.000 *lis* de Tahan.

Que fundamento dára este historiador para semelhantes informações? A descrição do Fu-Sang feita por um bonzo (ou um sacerdote buddhista chamado Hosi Chin), que veio á China no anno 499 de J. C. sob o reinado de Fi-ti da dynastia dos Tey, — descrição que por muitos pormenores lembra o Novo Continente, e que no seu todo se não pode referir a nenhum dos paizes então conhecidos.

Klaproth (*), muitos annos depois da publicação d'esta memoria, voltou ao assumpto, e pretendeu interpretar diversamente os dados da narrativa de Li-yan-tcheou, identificando o Tahan não ao Kamschatka (como queria de Guignes), mas á ilha de Tarai-kai. Partindo d'este asserto, é verdade que o Fu-Sang cairia em pleno Oceano Pacifico, porque a 20.000 *lis* de distancia da ilha (segundo a sua propria avaliação do *li* a 850 ao gráu) não ha terra alguma situada a L. Mas Klaproth, ante este grave embaraço, pretendeu desfazer a objecção assegurando *inexacto* o rumo de L. dado por Li-yan-tcheou, e acreditando que, depois de chegar á ponta NE. da ilha de Yezo, os navegantes voltaram para o S., e chegaram a algum ponto da *costa SE. do Japão, onde estava o Fu-Sang*, diz elle.

Ora, por mais respeitáveis que sejam os credits de Klaproth, este processo de critica não é admissivel.

Por outro lado parece certo que o Fu-Sang não era o Japão: 1.º porque entre os japonezes não houve jamais memoria de semelhante paiz; 2.º porque os pormenores referidos pelo historiador não convem ao Japão; 3.º porque o mesmo Li-yan-tcheou falta egualmente de outro paiz — o reino das mulheres —, situado ainda a 1.000 *lis* do Fu-Sang. Ora, a 1.000 *lis* do Japão não ha sinão pleno oceano.

Logo é mais admissivel á letra e mais natural a interpretação de de Guignes: o Tahan devia ser o Kamschatka, e o

(*) Recherches sur le pays de Fou-Sang &c. V. *Annuaire Asiatique des Voyages*, 1831, 2.^{me} série, t. 2.^o.

Li-Sang a L. é provavel que fôsse a America. Si de Guignes caiu em erros geographicos, elles não influem sobre os dados geraes da hypothese, nem é para extranhar que os-comunettesse naquella epocha, em que taes paragens eram tão mal conhecidas.

Accrescem varias outras circumstancias em apoio d'esta these. Na relação do historiador chinéz falla-se de bois indigenas, — da criação de veados e do fabrico de queijos com o leite das corças (?), falla-se da vinha, — da ausencia do ferro, — do largo emprego do cobre &c.; ora no N. da America habitava o bufalo, ordenhavam-se as corças, não se-conhecia o ferro e usava-se do cobre em grande escala, &c.

De todas as objecções oppositas por Klaproth a unica, que de facto tem algum pèzo, é a de não haver cavallos na America, quando Li-yan-tcheou allude positivamente ao uso d'estes animais no Fu-Sang para tracção de carretas. Mas ainda se-lhe-pode responder: 1.^o que o viajante chinéz talvez se-houvesse enganado por apparencias, chamando cavallos aos guanacos e lhamas tão communs na provincia de Cibola e noutras; 2.^o que si realmente de cavallos fallasse, não era natural que lhes dêsse por unico prestimo o puxar carretas.

Gustavo d'Eichthal (?) em uma serie de excellentes artigos publicados na *Revue Archéologique*, ha cerca de 20 annos, contrategou-se de pleitear a causa de de Guignes, refutando o seu contradictor e accumulando novos argumentos sobre a origem asiatica da civilização americana. Em seguimento ao que fica exposto, faremos um resumo succincto do que em taes artigos se-encontra de mais valioso.

* No VI seculo antes de J. C., no norte da India, votou-se

(?) Na estampa dada pelo Pien-y-tien e pela *Encyclopedie chinoise*, relativa aos habitantes do Fu-Sang, vem um indigena a ordenhar uma corça de malhas brancas. Ora, em Humboldt lê-se que o *Cervus mexicanus* de Linneu é melindro, e que taes animaes se encontravam no Mexico em grandes manadas.

Este recordo também os Indos do Himalaya a fazerem leite da corça branca, segundo do Fluctado, Vida de Apollonio de Tyane. l. III. cap. 5: *ἐξήκουσ' ἃς ἀπὸ βοσκολοῦντος ἱερῆος, ὑπὸ ποσὶ τοῦ τοῦτο καὶ οὐκ ἀποφύγειν ἑνὸς αὐτὸν τὸ δὲ μὲν πρῶτον.*

(?) Des origines asiatico-brasiliques de la civilisation américaine, par G. d'Eichthal. V. *Rev. Arch. nouv. sér.* X (1864), p. 187 e seq. XI (1865).

« A vida ascética e inaugurou o buddhismo Çakia-mouni cogno-
 « minado Buddha — o esclarecido —; recommendava a penitência,
 « instituiu a confissão e proscovia os sacrificios sangrentos. No
 « fim do IV sen. a. C., graças á protecção de Açoka, o bud-
 « dhismo se propagou e floresceu. Mais tarde veio soffrer por sua
 « vez a influencia dos cultos populares da propria Índia, esta-
 « belecendo uma alliança estreita principalmente com o culto de
 « Çiva, apesar de nada haver em substancia mais opposto ao
 « çivaismo do que a genuína doutrina de Buddha. Esta alliança
 « tanto se manifestou na Índia Occidental como em Java, em
 « Ceylão, no Japão.

« Consequencia de sua força de expansão, e do sentimento
 « profundo de caridade universal, que era o seu característico,
 « o buddhismo tendia a propagar-se. Foi no reinado de Açoka
 « que se iniciou esse notavel movimento de propaganda; missio-
 « narios partiram em todas as direcções, o proselytismo invadiu
 « a China, e ali a pregação da religião nova foi tão activa,
 « que em 65 d. C. o imperador Meng-ti a reconheceu official-
 « mente como 3.^a religião do Estado. Passou depois á Coréa,
 « ao Kao-li em 372, ao P'et si em 384, ao Sín-ra em 528, ao
 « Japão em 552.

« Nesta propaganda o buddhismo levava não só um dogma,
 « mas um culto, e as artes e sciencias que serviam ao desen-
 « volvimento do culto e da civilização; seus missionarios não
 « eram só theologos, eram artistas, mathematicos, astrónomos.

« Comprehende-se pois quanto ha de verídico nessa
 « narrativa do historiador chinês, « que no anno 458 de nossa
 « era 5 *pi-khiou* ou religiosos de Ki-pin (Samarkanda) foram
 « ao Fu-Sang e propagaram a lei de Buddha, levando consigo
 « livros, as imagens sanctas e o ritual, e instituindo hábitos
 « monasticos — o que tudo fez com que se mudassem os cos-
 « tumes dos habitantes.»

« Acresce que o caminho devia ser esse. A propaganda
 « buddhica, partindo do N. da Índia, passava por Samarkanda
 « para chegar, pelo Turkestão e pelo deserto de Gobi, ás fron-

« teiras do N. da China. D'aquí era voltarem-se os missionarios
 « para o N., e o itinerario terrestre a seguir era o que nos
 « dá de Guigues, pelo lago Baikal e rio Amour até o Ta-han.
 « Os monumentos buddhicos encontrados perto da foz do Amour
 « não fazem sino apoiar esta conjectura. — De Ta han pas-
 « saram ao Fu-Sang, isto é á America.

« Por pouco que se reflecta sobre a epocha das primeiras
 « migrações toltecas, sobre as instituições monasticas, os sym-
 « bolos do culto, o calendario e a forma dos monumentos de
 « Cholula, de Sagomozo e de Cuzco, concebe-se que não foi
 « do norte da Europa que Quetzalcoatl, Bochica e Manco
 « Capac tiraram seus codigos de leis. Tudo parece conduzir-nos
 « para a Asia Oriental, para os povos que estiveram em con-
 « tacto com os Thibetanos, os Tartaros schamanistas e os
 « Ainus barbudos das illhas de jesso e de Sachalin (Sanghatien,
 « ou Tarrakz).

« Humboldt cita a lenda do diluvio, as ceremonias de
 « ablusão das crianças, os idolos feitos de farinha de milho e
 « distribuidos em parcelas ao povo, a confissão e outras cir-
 « cunstancias, que a alguns fizeram pensar na prégação do
 « christianismo no Novo Continente. Para elle, porém, todas
 « essas analogias se explicam sem recorrer á Asia Occidental,
 « porque tradições identicas se acham entre os sectarios de
 « Brahma, e entre os Chamanas do planalto oriental da Tartaria.

« Humboldt enumera muitas d'essas analogias: ora a figura
 « de um sacrificador, que recorda o *Ganesa* indico; ora a figura do
 « sol, esculpida no calendario mexicano, que se filia á figura do
 « deus *Cala*; ora os *Tocallis* mexicanos, que se parecem com
 « o templo de Bel; ora a propria forma dos velhos mss. do
 « Mexico *teobellu plantitibis*, tambem usada pelos Siamozes
 « e pelos buddhistas da China.

« O mesmo sábio detem-se muito e com razão no calen-
 « dario, cuja construcção, engenhosa e complicada, é toda iden-
 « tica á do calendario usado pelos Thibetanos, Hindous, Chins
 « e Japonezes.

« Ora a historia nos-mostra estes methodos chronologiques
 « entre os povos civilizados de America, logo que elles se
 « constituiram, e diz-nos que foram trazidos pelos Toltecas em
 « sua migração. Antes mesmo de deixarem a sua patria pri-
 « mitiva, o mysterioso Huehuelapallan, os seus sabios se-reuniram
 « para regular o calendario (Xtlixoxitl, Hist. des Chichimèques,
 « Ed. Ternaux. I. p. 10, n. 1.) Isto é de muito valor.

« A opinião de Humboldt não ganhou terreno por 2 mo-
 « tivos: 1.º porque o livro carece de ordem e não se-destinava
 « á demonstração d'esta idéa; 2.º porque em sua epocha tanto
 « America como Asia eram pouco conhecidas, e o buddhismo
 « muito menos; não tinham apparecido os innumeros e impor-
 « tantes trabalhos, que hoje possuímos sobre este assumpto. »

Prosegue d'Eichthal assignalando os vestigios do bud-
 dhismo entre os indígenas da America do Norte. Compara
 a curiosa e barbara cerimonia religiosa do *pock-hong*, entre
 os Mandans na America, com a prova da suspensão na *festa*
guedil em honra do Mariatalé na India Oriental, de que se
 -pode fazer idéa pela estampa de Sonnerat (*Voyage aux Indes*
Orientales et à la Chine, fait depuis 1774 jusqu'en 1781. Paris,
1782, I. p. 244); cita mais a analogia do asceta *sionx*,
 a ficar o sol durante um dia inteiro, com a practica identica
 dos penitentes indianos, de que dão noticia Colman e o padre
 Dubois; a lenda da cessação do diluvio ligada ao culto da
 tartaruga; por outro lado os characteristics physicos assi-
 gnalados por Catlin a esta raça dos Mandans, sua singular
 brandura de costumes, seu progresso industrial.

Discute ainda as crenças religiosas d'esta raça, e em
 particular a do Inferno e Paraíso, onde se-encontram os mais
 evidentes traços de parentesco com a crença dos buddhistas
 sobre as penas e recompensas, e sobre as vicissitudes do
 homem na vida futura.

Passa depois á America Central, e accentua principal-
 mente o mytho do diluvio no Mexico, em Guatemala, entre
 os Maysas da Colombia, e no Perú, repousando sempre sobre

o mesmo dado principal: um missionario, talvez de raça branca, a premunir o povo contra a repetição do castigo divino, e a dar-lhe instituições civis e religiosas.

De tudo isto conclue d'Eichthal pela idéa de uma propaganda buddhica, como origem da civilização americana.»

É forçoso confessar que as analogias são innumeras, e que taes argumentos têm o maior pêzo. Mas ha talvez ainda mais fortes, tirados da comparação dos monumentos esculpidos, segundo já disse Léon Feer ⁽¹⁾ em sua analyse á obra de G. d'Eichthal.

Em Palenque leões agachados e unidos pelo dorso, que servem de assento a uma divindade, como ao Buddha em certa escultura japoneza, e que recordam notavelmente alguns pormenores da arte persopolitana e minivita; — figuras que quasi reproduzem o disco alado egypcio; — uma meza que tem similhaça com altares buddhicos siampenses; — um baxo-relevo de divindade, á qual se-offerecem flores (offerenda essencialmente buddhica), e cujo assumpto reproduz exactamente o de uma escultura de Java; — a figura do Deus mexicano ⁽²⁾ com sua posição calma, as pernas cruzadas, o braço direito apoiado na côxa, attitude propria do Buddha e que os *Tibetanos* chamam até a posição de *Çakiamouni*; — o baxo-relevo magnifico do templo de Lorillard, que representa um sacerdote fazendo sacrificios a Cuiculan; outro achado recentemente em Tikal, e que está agora no Museu Ethnographico de Basileia ⁽³⁾, onde apparece uma figura vestida de rica e longa casula, que lembra immediatamente o vestuario religioso buddhico; finalmente um sem numero de esculturas, cuja reprodução se-encontra em todos os livros especiaes, offerece analogias taes e tão eloquentes, que recusa-las fora negar a evidencia.

⁽¹⁾ Rev. critique d'Histoire et de Littérature. Paris, 1866, p. 17-19.

⁽²⁾ Na effigie Lorillard, ha pouco descoberta por Charnay, achamos ainda um novo idolo curiosissimo, na mesma attitude oriental do Buddha, V. Les anciennes villes de Nouveau Monde. Voyages d'exploration au Mexique et dans l'Amérique Centrale par Désiré Charnay. 1857-1882. Paris, Hachette, 1885, in-4.º, gr., vol. p. 354.

⁽³⁾ Está reproduzido por plomo gravado na obra de Léon Rosny: Les documents écrits de l'antiquité américaine. Paris, Armand-Goin, 1882, in-4.º

Si das obras esculpidas (1) passarmos nos monumentos architectonicos, o estreito parentesco se-nos-afigura igualmente palpavel.

Viollet-le-Duc (2), cuja auctoridade é digna de respeito, escreveu a este proposito algumas paginas interessantes, que mais ou menos se-resumem no seguinte:

Os homens no berço de sua civilização não empregam os mesmos methodos, quando podem produzir obras filhas de seu cerebro. Certos methodos pertencem a certas raças; umas nunca empregaram o barro em suas construcções, outras fizeram uso d'elle desde a epocha mais remota; estas fizeram derivar sua architectura da arte de construir com madeira, aquellas da construcção de terra, de taipa ou de tijolo. As raças amarellas têm uma aptidão especial para trabalhar os metaes; pelo contrario as brancas não podem sujeitar-se aos labores, que este trabalho exige. Partindo pois do conhecido para o desconhecido, pode-se dizer: tal monumento pertence a tal raça, porque os methodos empregados para eleva-lo não foram praticados sinão por ella em todas as partes do globo. Verdade é que a mixtura das raças modifica notavelmente as consequencias d'este principio, mas não a ponto de se não poderem descobrir nos proprios monumentos as origens diversas, que se-confundiram para os-erigir.

No Yucatan e no Mexico não vemos construcções de

(1) Fol Parvey talvez o primeiro, que reconheceu a identidade das liguras de Buddha e de Giva com as do Yucatan, que vem desenhadas na obra de Waldeck, V. *Ann. d'épigraphie chrétienne*, 2.^o ser. t. III, p. 179; XI, p. 87; XLI, p. 274, 435; XII, p. 42, 440; XV, p. 447; 3.^o ser. t. IX, p. 101, 116; XV, p. 439; XIX, p. 394; 4.^o série, t. XI, p. 278.

Nesta serie de bons artigos ha muito que aproveitar para esta discussão. Além de outras preciosas informações cita as seguintes:

No templo S. da vasta palanca de Uxmal ha cinco nichos de deus americanos, em que elle está assentado tal qual o Buddha do templo de Borom em Java, com a fronte ornada de raiz. A semelhança é tão visivel que Burmef, vendo os desenhos feitos por Paravey, acreditou de origem puramente indiana e siamesa.

Na fachada occidental do mesmo monumento estão igualmente esculpidas em grande e de figura entyricas, que recordam positivamente as manuscricas idolatrias da India.

O autor assigna, nos costumes dos Americanos, o mesmo tipo de parentesco, por exemplo: a arte de tingir de purpura com o murice, a arte de fazer pedras brancas encontrada em Guatama e Charabim e da macharilha de papel K.

(2) Citas os ruinos americanas Méla, Palenque, Ixmiquil, Chichen Itza. *Unes recueillies et photographiées par Désiré Charnay avec un texte par M. Viollet le Duc. Paris, Gize, 1863, in 8.^o com att. in fol.*

pedras seccas; por toda a parte o barro, os emboços são empregados; ora, quando o barro apparece em uma construção, pode-se assegurar que os constructores tiveram sangue turanico ou finico em suas veias.

Só os Aryas e Semitas puros edificam com pedra secca. Si é dado aos Aryas semitizados ou só aos Semitas reunir pedras sem barro, é aos Aryas puros que se-devem attribuir as construcções de madeira, e por toda a parte onde vemos apparecer uma tradição indicando combinação de madeiras reunidas, podemos estar certos de que a influencia da raça aryana se-faz sentir; é o que succede com os monumentos mais antigos da India, com os assyrios, os egypcios e até os jonicos.

Si os monumentos do Mexico não são construidos de madeira, impossivel é todavia desconhecer em sua disposição geral, e em alguns de seus membros architectonicos, a tradição de taes construcções. Ora, si por outro lado verificamos ahí a presença de typos de figuras humanas pertencentes a raças brancas, forçoso é admittir que estes singulares monumentos foram erigidos por povos formados de uma mixtura de raças brancas vindas de Nordeste (?) e de raças amarellas aborigenes ou vindas de Noroeste, estas estabelecidas no solo do Mexico antes da chegada das primeiras, submettidas e prestando seus braços á edificação d'essas vastas construcções sob o mando de seus novos senhores.

Nas ruínas de Izamal (Yucatan) o barro foi não só empregado como meio de agglutinação de materiaes, mas ainda para modelar.

Em Chichen-itza a mesma coisa; as argamassas são feitas com cal hydraulica quasi pura e fortemente adhesiva.

Em Uxmal são dignos de nota: o palacio das monjas, a casa do anão, ou antes um templo no cume de um toccali; o chamado palacio do governador, mas que parece ter sido um templo; a casa das tartarugas; a dos pombos; varias pyramides. Na fachada interior do palacio do governador é visivel a

tradição de uma estrutura de madeira, com lumieiras interpostas, o que indica mixtura das raças branca e amarella em seus constructores. Na fachada norte interior do palacio das monjas, o armoamento vertical de ornatos recorda certas decorações dos monumentos da India Septentrional, taes como, por exemplo, as do pagoda Negro em Kanarun. Por outro lado, este mesmo edificio demonstra que os seus architectos soffriam a influencia de tradições muito diversas.

Em Milla o grande palacio não tem eguaes, em belleza, sinão os monumentos da Grecia e Roma; seu genero de construcção tem muita analogia com certos monumentos do norte da India e do Japão.

Em todos elles, tanto no Mexico como no Yucatan, é impossivel desconhecer a influencia de uma arte hieratica; ora, as artes hieraticas só se desenvolvem em certos meios sociais, da mesma forma que as instituições theocraticas só se estabelecem onde apparece uma raça superior no meio de outra inferior; a theocracia não existe sinão com o principio das castas, e estas só as vemos nos paizes, em que uma invasão aryana foi bastante poderosa para submeter pela força populações áuricas, turanicas, &c. Mas os Aryanos não têm apêlido para as artes plasticas sinão em estado latente; para que ella se-desenvolva, cumpre que se-liga a mixtura com o sangue amarello ou negro. Si a mixtura se-faz com o negro, apparecem as construcções monolithicas, sem cimento nem barro, onde só se-admittem as leis mais simples da statica; exemplo: a architectura egypcia. Mas si se-acham vestigios de cimento, de pedra miada, de pedras agglutinadas, pode-se ter certeza que o sangue turanico ou finico se-mesclou com o aryano. O que succede é que o aryano, deixando á raça avassallada os seus methodos especiaes, não deixa de guardar como uma recordação e como um signal da superioridade de casta — a estrutura de madeira.

É por isso que na India, na Asia-Menor, como no Yucatan se-encontra por toda a parte na architectura de pedra esta tradição da estrutura de madeira.

Em resumo, attentas as diversidades de construcção, que um exame por menor descobre nos monumentos americanos, Viollet-le-Duc emitta a seguinte opinião synthetica:

A America Central, o Mexico e o Yucatan foram occupados outr'ora por uma raça ou mixtura de raças, participando sobretudo das raças amarellas, e que chegaram a um certo grau de civilização material. No meio d'ellas vieram depois implantar-se tribus de uma raça branca vinda do Nordeste (?), e que, possuindo em grau muito mais elevado a aptidão civilizadora, dominaram n'as, instituiram um regimen theocratico, fundaram cidades, estabeleceram no paiz uma especie de governo feudal ou de castas superiores, e elevaram esses gigantescos monumentos que nos sorprehendem.

Assim os edificios de Palenque parecem ter sido construidos pelos indigenas antes da submissão de Xiballa; os de Yucatan logo depois do dominio dos Quichuas, da raça conquistadora; e os de Milla, entre os derivados da influencia quichua, posteriormente á separação das tribus reunidas em Tula.

« À nos yeux, dit-elle, l'architecture antique du Mexique « se rapproche, sur bien des points, de celle de l'Inde septentrionale; mais comment ces rapports se sont-ils établis? « Est-ce par le Nord-est? Est-ce par le Nord-ouest? C'est une « question réservée jusqu'au moment où la connaissance de « ces monuments indo-septentrionaux sera complète. »

Como se-vê, o illustre sabio francez encontra em principios até então não invocados a demonstração da origem asiatica da civilização americana. Não podemos convir com elle na immigração pelo N.E. da America, nem vemos por que motivo se apoiou a esta hypothese; mas a conclusão geral é a mesma, e isso basta ao nosso proposito.

O sr. Charnay, indefesso investigador, a quem tivemos a fortuna de conhecer no Rio de Janeiro em 1875, publicou ha pouco o novo trabalho consideravel, que já atraz citamos — *Les anciennes villes du Nouveau monde* —. Seu intuito capital

nesta obra não foi discutir o problema das origens, sinão comparar os monumentos e estabelecer entre elles uma filiação, uma chronologia relativa. Para o illustre viajante foram os Toltecas os iniciadores da civilização do Novo Mundo, e d'isso arbou provas no exame dos *teocallis*, — dos palacios, — das construcções destinadas ao *tlacalli* (*) que os antigos exploradores haviam inadvertidamente tomado por fortalezas, — dos cemeterios, — dos altares &c. D'estarte a civilização tolteca desceu de Comacalco a Palenque, a Ocosingo, e depois galgando os altos valles dos rios, a Lorillard e a Tikal. Seguindo este caminho derramou-se por um lado no Yucatan, e por outro foi encontrar na direcção do Sul uma corrente d'esta mesma civilização, que a havia procedido no Norte da Guatemala.

Pois bem; em toda a longa serie de monumentos descobertos e estudados até hoje, e no largo espaço que vai do alto Mexico até a America Central, Charnay encontrou igualmente testemunhos claros da filiação artistica a que alludimos, e para mais evidente prova estampou em sua obra, ao lado do templo do sol em Palenque, a gravura de um pequeno templo japonês, que com elle offerece as maiores analogias. Insiste tambem sobre o emprego da falsa abobada nas construcções americanas, desde as *Casas Grandes* de Tula até Tabasco, Chiapas e Yucatan, e recorda que é este um pormenor característico da architectura asiatica; finalmente allude á similhaça de muitos usos do Oriente com os revelados pelos monumentos do Novo Mundo, e conclue fazendo derivar d'alli esta pasmosa civilização.

O sr. de Thiersant, consul geral de França na America Central, tambem não ha muito enriqueceu esta pagina da archeologia com um livro (†) estimavel, fructo de longos annos de estudo e da observação pessoal das proprias ruinas. Esta

(*) Espécie de jogo de péla, jogo racional dos Mexicanos, de que fellaram os autores hispanicos; e entre elles particularmente Torquemada. Encontram-se estas construcções cónicas desde Teotihuacan até Tabasco e Yucatan, e subsistem restas em varios outros pontos, principalmente em Ake, Chichen-Itza e Uxmal. V. Charnay, *Les anc. villes du Mex.*, in-4^o p. 276, 344.

(†) *Un Forgeron des Indiens du Nouveau Monde et de l'Europe*, par P. Thiersant de Thiersant & Paris, *Ernest Leroux*, 1883, in 8.^o gr.

obra é toda ella uma demonstração positiva da origem asiatica da civilização americana, e as provas são tiradas do confronto das artes, da religião, da linguística, dos costumes, das instituições e das leis.

Quanto á architectura assignala como predominantes na America: a construcção em terraços, a declividade do telhado, a forma quadrada na base e pyramidal na elevação, os tetos chatos (que igualmente caracterizam os monumentos de Persopolis descriptos por Heeren), o emprêgo dos mesmos materiaes para fins similhantes, o mesmo modo de reunir enormes blocos de pedra sem cal nem argamassa, que se encontram nas construcções da Persia, de Babilônia e Egypto.

Em sculptura cita o busto de mulher encontrado em Orizaba pelo capitão Dupaix, a figura de granito descoberta nas excavações de Tuxtla (Vera Cruz) em 1862, os ídolos da ilha de Zapatero, afeta de outros, e, não obstante concordar na inferioridade dos americanos quanto á modelação das cabeças humanas, assignala as coincidencias de attitude, aspecto, e roupagem d'estas estatuas com as do Egypto, da Persia e da India.

Na arte ceramica não é menos notavel o vestigio da imitação; por muito diversos que pareçam á primeira vista os productos provenientes da Florida, do Mexico, de Nova Granada e do Perú, ha em todos elles traços de physionomia commum, e recordação dos estylos egypcio, etrusco e pelasgico.

Passando ás provas tiradas da religião dos Aztecas, o sr. de Thiersant demonstra como a concepção do ser supremo em trez pessoas ou attributos, do *Papal Uak*, se encontra nas mythologias do velho mundo, e de que modo o parentesco se revela em infinitos outros pormenores como: o culto dos astros e da pedra, as creanças da immortalidade d'alma, do juizo final e da recompensa futura, as ceremonias funebres, as offerendas, os sacrificios humanos, a confissão auricular e a especie de eucharistia, o jejum, os votos, as mortificações e o ascetismo, a arte da magia e as superstições. Este capitulo é dos mais interessantes.

Em linguística comparada, depois de procurar a filiação das línguas americanas, que elle deriva de dous ramos da família agro-tartara, depois de accentuar o seu character agglutinativo e de estudar as affinidades de vocabulário, examina a historia das artes graphicas no Novo Mundo com seus dous períodos bem distinctos: as inscrições primitivas, o conhecimento e uso dos *quipos* de origem chineza, e mais tarde a escripta figurativa e ideographica dos preciosos manuscritos, que hoje conhecemos ou por simples tradição ou por exame textual.

Seguem-se os dous capitulos assaz curiosos da comparação dos usos e das instituições e leis, — este elemento significativo e importantissimo para o estudo das origens de qualquer povo. Aquí analisa o auctor: as ceremonias por occasião do nascimento, o uso da circuncisão, o sacrificio de um dos embaços gêmeos, a preferencia pelos filhos varões, o casamento e o adulterio, as uniões consanguíneas, a educação dos meninos, os costumes mortuarios e a origem dos *tumuli*, o embalsamamento, a cremação, a tatuagem, a epilação, a pintura do corpo, as relações respeitadas com os superiores, o emprego da tortura como meio de prova em justiça, as ceremonias da celebração de pactos e tractados, os jogos, os vestuários, o calendario, &c. Emfim na parte relativa ás instituições enumera: a especie de regimen feudal e federal das tribus americanas mais antigas, o governo monarchico unido á influencia theocratica que se accentuou tão fortemente nos ultimos tempos em Anahuac e no Perú, a organização do clero e a liturgia, as peregrinações religiosas, o predomínio da nobreza, as leis da successão ao throno, a magnificencia dos soberanos, o prestigio da casta militar e as regalias da nobreza hereditaria, as leis da guerra, as profissões e officios regulamentados, os impostos de que viviam opprimidas as classes inferiores, a condição dos servos, a propriedade territorial limitada ás castas privilegiadas, as obrigações dos povos vassallos, a administração das provincias, a distribuição da justiça confiada a tribunaes e juizes

os direitos de appellação para o tribunal supremo, as leis repressivas da ociosidade, da embriaguez, do adulterio, da pedrasia, do roubo e do furto, da prevaricação e outras.

Ora, deante d'este quadro, que o leitor poderá completar com a leitura da obra tambem moderna de Biart (*), onde se acha uma compilação exacta dos mellores escriptores especialistas; deante d'este quadro pergunta Thiersant si é possivel duvidar da origem arya da antiga civilização da America.

A nosso vêr, inumeras afinidades são palpaveis e quasi dispensam discussão.

Mas ainda as modernas contribuições da sciencia não pararam ali, e agora seja-me licito dizer com algum desvanecimento que um illustre brasileiro tambem entra na phalange dos interpretadores d'este famoso enigma historico e anthropologico. Refiro-me ao sâr. dr. Ladislaw Netto, zelosissimo director do Museu Nacional do Rio de Janeiro, e á sua recente memoria — *Investigações sobre a archeologia brasileira*. (**)

A quem leu este curiósissimo trabalho não terá passado despercebido que o auctor, em lucta com as proprias opiniões e forcejando aliás por manter o seu papel simplesmente descriptivo, e portanto de juiz neutro na debatida questão das origens, publicou todavia uma serie de noticias do mais alto valor attinentes á archeologia brasileira, mas que se prendem immediatamente ao problema que nos occupa.

Os thesouros de ceramica pre-historica descobertos no Paçoal e analysados pelo illustrado archeologo constituem, em meu humilde parecer, uma das mais insignes revelações, que nestes ultimos tempos se-hão feito neste ramo de estudos.

Era crença geral dos sabios, e está escripto em todos os livros mais acreditados, que os primitivos habitantes do Brazil nenhum resquicio apresentavam d'aquella civilização, que tao famosos monumentos deixou do outro lado dos Andes, e nessa

(*) Les Antiques, Histoire ancienne, continues par Lade Biart. Paris, G. Monneyer 1885, in 8º de. v. col.

(**) V. Archivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro. VI. Rio de Janeiro, 1885, in-4., 2ª. ed., pp. 263 a 555.

nesga de terra que vai de Panamá ao alto Mexico; os documentos realmente eram nulos, e tudo fazia pensar que a mais bruta selvageria dominára em todas as tribus derramadas pelo vasto sólo, que vai do Amazonas ao Prata.

Mas o *mound* de Pacoval foi um pharol de luz inesperada: diante dos artefactos ceramicos alli encontrados não ha recusar a evidencia. Os constructores da collina sagrada (que provavelmente não é a unica do seu genero), os povoadores permanentes ou temporarios de Marajó, — esses Carabas finalmente foram tribus emigradas de um centro mais adiantado no dominio das artes, e esse centro não foi outro sinão o mesmo, que deu logar por circumstancias especiaes á expansão e ao florescimento progressivo da civilização azteca, maya e quichua.

As *affinidades* dos artefactos do Pacoval com os dos *mounds* reconhecidos e estudados nos Estados do Sul da União Americana; a pasmosa configuração das cabeças de idolos e adornos representados a granel na citada *Memoria* (pg. 273 a 311); a belleza e o admiravel modelado dos vasos cobertos de primores de esculptura e gravura; as singulares urnas anthropomorphas ou anthropocephalas; as provas da phallogatria, e sobretudo a curiosissima comparação dos characteres symbolicos gravados na louça amazonense com os characteres similares das escripturas mexicana, chinesa, egypcia e indica (pg. 454-463) constituem um todo de argumentos contra a autochthonia da civilização dos *mound-builders* de Marajó, que julgo realmente preciosos e dignos da attenção de todos os archeologos do Novo Mundo.

Ora, parecendo-nos incontestavel que estas tribus desceram de um centro mais adiantado, talvez dos confins do Mexico com os Estados meridionaes da União Americana, pergunto: onde foi buscar semelhante raça os modelos positivamente orientaes, que aquellas cabeças reproduzem, que aquelles characteres symbolicos recordam com a mais esmagadora evidencia? Onde, sinão nas reminiscencias de uma origem commun,

sinão na patria longinqua dos primeiros emigrados, sinão nos planaltos da Asia?

Como defender-se ainda a autochthonia de uma civilização, a certos respeitoz admiravel, pela mera preoccupação scientifica de um polygenismo babilio por enquanto de argumentos solidos, e isto quando pullulam as similidades de toda a ordem entre os monumentos, as tradições e os artefactos dos povos americanos com os do Velho-Mundo?

Qual foi até hoje o povo que, isolado do resto da terra e entregue aos instinctos da pura animalidade, ascendeu a semelhante gráu de adiantamento moral, social e artistico?

Pela minha parte confesso que, enquanto documentos novos e irrecusaveis se não offerecerem em apoio d'esta doutrina, tê-la hei por contrária á historia e á razão.

Sei bem que nos dominios da mythologia comparada — objecto de tão profundo estudo nos nossos tempos —, se-têm erguido opiniões discordantes, e que ainda recentemente o sr. Réville defendeu em um curioso livro (*) a independencia dos mythos americanos, valendo-se d'esta idéa, que elle qualifica de « *bien simple* », que em virtude da unidade do espirito humano podem singulares analogias provir de tendencias e crenças semelhantes, nascidas parallelamente e independentemente em varios pontos do nosso planeta, sem que para explica-las se faça mister recorrer a transmissões ou empréstimos inverisimeis.

Mas, dado de barato que todo o exaggerado symbolismo d'este longo trabalho se-pudesse accitar sem réplica, e que nada houvessemos a oppor á theoria mythologica *naturista* do auctor, faltaria ainda provar a these principal: — a possibilidade d'estas concepções abstractas e complicadas em um povo barbaro entregue aos seus proprios recursos, a limitação singular d'estes mythos a uma só região do vasto Continente, a *simplicidade* do principio em uma palavra.

Onde os argumentos que a-demonstrem? Não está a

(*) Les religions du Mexique, de l'Amérique Centrale et du Pérou par A. Réville. Paris, Fischbacher. 1882, in 8°

historia do Velho-Mundo accumulando provas, todos os dias, da filiação dos povos e de suas crenças? Porque fazer da America uma excepção neste concerto unanime, e applicar-lhe theorias que mal se-sustentam no resto da humanidade?

É tempo de concluir, porque o desenvolvimento das theses enunciadas exigiria um livro sobre antiguidades americanas, que não temos agora o intuito de escrever. Fui summa; somos partidarios da origem asiatica da civilização americana, e parece-nos que fr. Camillo de Monserrate defendia a boa causa rompendo lanças por ella. Oxalá não o-houvessemos perdidó tão cedo, e teriamos hoje uma obra de grande valor sobre o celebre problema, que tanto o-apaixonou.

Para finalizar esta enumeração dos escriptos do laborioso bibliothecario, faz-se mister não esquecer paginas soltas, e composições de menor folego, que dispensam individuação particular. Podemos indica-las sob os titulos seguintes:

34. — Jérémie et poésie hébraïque (Notas).

35. — Sermão de N. S. do Rosario. Tinha por thema *Itenuim*, e d'elle só existe o exordio. Composto provavelmente para algum amigo.

36. — Panegyrico de S. Bento. (Só o plano da oração).

37. — Poesias em estylo faceto, e traducções de versos de Junqueira Freire para francez. (Algumas d'ellas se-acham entre os seus papéis no Mosteiro, e outras pertencem á familia Calogeras).

38. — Um apologo — *Les partis* — (Satyra á composição dos nossos dous partidos constitucionaes).

39. — *Rapport à Monsieur le Ministre de l'Intérieur sur l'enseignement de l'histoire dans le Collège Impérial et les modifications qu'il serait utile d'y introduire. 24 Juillet 1853.* (Incompleto. Condenna a medida projectada de se-mandar ensinar a historia moderna antes da historia antiga).

40. — Oração fúnebre de D. Maria II. (Fragmentos). Escripta em principios de 1854 e provavelmente para algum

amigo; mas não cremos que houvesse sido aproveitada, pelo menos no Rio de Janeiro, porque nas exéquias, aqui então celebradas, prégarão oradores de fama e capazes de exhibir trabalho proprio.

41. — Casamento civil. (Notas e esboço de artigos feitos a proposito da questão suscitada em 1857 pelo casamento de Margarida Kerth).

42. — Biographia de Alexandre Humboldt. (Notas). Era destinada á *Revista Brasileira* de 1859 para acompanhar o retrato do illustre auctor do *Cosmos*, que alli appareceu.

43. — Memoria sobre a creação de um ministerio da instrucção publica (Incompl.).

44. — Les Amazonas. (Notas).

45. — Estacio de Sá. — (Figura o titulo d'esta memoria em uma relação, aliás incompleta, feita pelo proprio fr. Camillo, de seus escriptos. Não encontramos todavia nem notas siquer de similhante trabalho, e apenas se-pode conjecturar que o-compuzesse por occasião de serem exhumados em 1862 no Rio de Janeiro os restos venerandos do heróe do Urugu-mirim).

46. — *Le crédit multiplie-t-il les capitaux?* É o resumo e um comêço de analyse dos artigos publicados no *Diario Official* de Maio de 1863 por um anonymo, que fr. Camillo acreditava ser o conselheiro Sousa Franco. (Incompl.).

47. — *Colonisation*. — Grande collecção de apontamentos tornados para uma memoria, em que o auctor condemnava o systema de intervenção directa seguido então pelo nosso Governo nesta questão. Previa elle os escassos resultados, que se-havia de obter de tão grandes sacrificios pecuniarios, e propunha os meios indirectos como mais efficazes. Neste sentido appareceahi o esboço de organização de uma — *Grande compagnie de chemin de fer et de navigation de l'Amazonas* —, destinada a attrahir colonos europeus, não só pela offerta de trabalho remunerativo como pelas vantagens de concessão de terras ao longo da immensa via de communicação interior, do rio Parahyba do Sul ao rio Negro no Amazonas. Esta empreza não receberia

subvenção alguma do Governo, e privilegiada por 100 annos seria um factor consideravel do povoamento dos serões e do desenvolvimento da agriculturaz do paiz.

48. -- *Ouverture du Rio Amazonas*. Collecção dos artigos publicados em 1864 sobre este magno assumpto, e fragmentos de analyse.

49. -- *La prédication catholique*. (Incompl.).

50. — De l'éducation du clergé et du pouvoir temporel du S. Siège. (Incompl.).

51. — Memoria sobre orthographia portugueza. Deve existir em poder dos herdeiros do conselheiro José Feliciano de Castilho, e só conhecemos d'ella o fragmento transcripto na 1.ª Parte d'esta *Biographia*.

52. -- *Liberté d'enseignement*. (Fragmento escripto a proposito de um artigo do sr. Joaquim Nabuco publicado no *Diario do Rio* de 7 de Maio de 1867. Incompl.).

53. — Instrucções dadas ao dr. Pedro de Alcantara Lisboa para o desempenho de sua commissão na Europa. (Referimo-nos a ellas na 1.ª parte d'este trabalho).

54. — Relatorios sobre o estado da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro prestados ao Ministério do Imperio, de 1854 a 1870. (Acham-se todos archivados no *Registo* da repartição).

DR. BENJAMIN FRANKLIN RAMIZ GALVÃO.

Rio, 24 de Setembro de 1885.

TERCEIRA PARTE

DOCUMENTOS, MEMORIAS E NOTAS

UNE STATUE D'HÉRACLITE

I

« Je vous demande pardon M.^r de vous occuper de moi... D'après le désir
 « que vous m'avez inspiré, et que tous vos auditeurs ont dû partager de con-
 « noître le personnage que représente cette petite statue, en tout semblable,
 « comme vous avez eu le bon soin de l'observer, à celle d'Euripide qui est au
 « musée du Louvre, et dont le souvenir m'est arrivé au premier aspect de ce
 « plâtre, — d'après ce désir, le soir même de la séance je me suis occupé de
 « chercher quel était l'individu auquel pouvaient s'appliquer les caractères que
 « porte l'image sculptée.

« L'artiste a représenté ce personnage occupé de toute autre chose que de
 « ce qui se passe autour de lui; la tête un peu inclinée, les yeux presque
 « fermés et couverts de sourcils épais, la poitrine et le reste du corps couvert
 « d'une large draperie qui couvre même les jambes. Une autre circonstance à
 « la quelle vous vous êtes principalement arrêté, la position de ses mains, la
 « pression que l'une, la droite paraît exercer sur l'autre, doit au premier abord
 « faire tourner le regard vers Hippocrate qui paraîtrait interroger les mouve-
 « ments de son pouls, mais ce n'est qu'une bagatelle de supposition, car Hippo-
 « crate est représenté le front chauve, la bandelette aussi retenant les cheveux,
 « mais l'aspect de la figure est tout autre; Hippocrate semble tranquille au dehors
 « et au dedans, la science ou l'art qu'il pratique ne permet pas de le repré-
 « senter songeant avec lui même, c'est l'expérience sur la nature hors de soi
 « que demande l'étude de la médecine: d'ailleurs, malgré... des premières im-
 « pressions on est forcé de passer sous une nouvelle revue les caractères prin-
 « cipaux et de laisser de côté Homère attristé par le souvenir de ses malheurs,
 « de la mauvaise destinée de ses amours (Hernusianus ap. Athenæum XIII.
 « 597. e. ed. Casauboni, quos exscribere.); Ulysse homère, que M.^r Letronne
 « a si violemment fouetté dans le J.^m des savans, non, car ce n'est pas l'expression
 « de la figure d'un poète triste; ce doit être un homme assombri par des
 « pensées graves, sévères, un magistrat, un philosophe, un législateur.

« Ce n'est pas Solon, il était jeune.

« Ce n'est plus Euripide; un tragique porterait avec lui quelque allégorie,
 « quelque attribut (L'Euripide du Louvre). Celui-ci porte avec lui tout ce qu'il

« possède, serait-ce donc Simonide? Est-ce un pphe.-(philosophe) peut-être, « le quel?

« Un pphe grec Ephésien (Clem. Alex. Strom. l. II. p. 366. Diog. Laert. « l. IX. etc.), dont nous ne connoissons la doctrine que par quelques fragments « d'un grand ouvrage (Clem. Alex. l. V. p. 571.), en grande réputation chez « les anciens, dont la doctrine elle même était peu connue, dont la philosophie « basée sur le système de l'univers n'admettait pas l'expérience, qui ne donnait « aux sens aucune mesure de vérité, Heraclite fils de Blyson, ou d'Heration, « de Blosson, de Bleuton ou d'Horacius... »

II

« Je vous prie de m'excuser de paraître tellement amoureux de mon opinion ; « je crois que plus j'examine les témoignages, plus je me trouve convaincu de « la ressemblance des caractères de cette statue avec ce que nous avons appris « d'Héraclite.

« Certainement Epiménide méritait, surtout de la part des Athéniens, des « honneurs, des statues ; mais en jugeant d'abord par les dehors de cette image « sans considérer son expression morale, nous nous trouvons éloignés d'Epi- « ménide. En effet Phlégon dans son ouvrage (ap. Diog. Laët. l. I. in Epi- « ménide) sur les hommes qui ont vécu longtemps, lui accorde une vie d'un « siècle et demi passé, cent cinquante sept ans. (Id. Theopompus ap. Plinium VII. « hist. c. 48.). Les Crétois (ibid.) prétendaient qu'il avait vécu deux cents « quatre vingt dix neuf ans. Xenophanes de Colophon plus modéré (ibid.) se « contente de cent cinquante quatre ans. Suidas (v. *Επιμενίδης*) *αὐτὸς ἔζησεν πρὶν ἔτη*. « Or en supposant que cette statue ait été sculptée après la mort d'Epiménide, « l'artiste n'aurait pas manqué de représenter par quelque trait particulier, soit « que le corps de ce pphe n'en portât aucune empreinte, soit au contraire « qu'il en eût conservé quelque trace, la longueur de sa vieillesse. Héraclite « (ap. Diog. Laët. l. IX. 4). vécut soixante ans — *ἑρεχέτω βίβης ἑτη ἑ* —, « et la statue ne paraît pas porter un âge plus avancé.

« Cette statue a été trouvée en même (temps?) que celle d'Euripide, mais « Euripide (vita Eurip. Sangenovefana) vécut soixante treize ans, il mourut en « l'Olympiade quatre vingt treizième (Suidas v. *Ευριπίδης*) — *ἀπέθανε δὲ ἐπὶ τῆς σγ' « Ὀλυμπιάδης* —. Or en supposant qu'il fut mort la 1.^{re} année de la 93.^e olym- « piade, il naquit la 1.^{re} de la X.^e Nous savons d'ailleurs qu'il naquit le même « jour qu'Hellanicus, le jour où les grecs gagnèrent la bataille de Salamine « (Suidas, v. *Ευριπίδης*) — *καὶ ἐτεχθη καὶ τὴν ἡμερὰν Ἕλληνας ἐπρέσαντο τοὺς Πέρσας* —. « (Biogr. Euripid. Sangenovef.) — *γεννηθῆναι δὲ τῇ αὐτῇ ἡμέρᾳ καὶ Ἑλλανικόν,* « *ὃν ἡ ἑλίων τὴν περὶ Σαλαμίνα ναυμαχίαν οἱ Ἕλληνες* —. Or il est plus pro- « bable de rencontrer Héraclite enfoui vers la même époque qu'Euripide, puis « qu'ils ne sont éloignés que de vingt huit ans, tandis qu'entre Epiménide et « Euripide il existe une distance de cent soixante douze ans.

« On connoit l'enthousiasme et la legereté des Athéniens ; un pphe célèbre
 « pouvait être remplacé dans l'estime des Athéniens cinquante ans après sa
 « mort par un pphe moins remarquable. Athènes ennemie du roi de Perse, ou
 « du moins jalouse, vit avec plaisir sans doute le refus qu'Héraclite fit à Darius
 « d'aller près de lui porter la science des grecs ; quoique Héraclite n'ait
 « jamais visité Athènes, sa réputation était assez grande pour que son
 « ouvrage fût parvenu en Perse ; comment Athènes, que le Biographe
 « d'Euripide de S.^{te} Geneviève appelle la Grèce de la Grèce, qui s'intéressait
 « à tous les ouvrages qui paraissaient dans toute l'étendue du pays, qui accueil-
 « lait même des ouvrages peu importants, n'aurait-elle pas élevé une statue à ce
 « pauvre Héraclite comme à tant d'autres ?

« Il n'existe pas un grand nombre de témoignages sur Épiménide ; toute
 « la terre a retenti du nom d'Héraclite.

« Les auteurs Romains, les philosophes chrétiens ou profanes ont connu,
 « loué, lu et copié l'ouvrage d'Héraclite (Aristote, Stobée, Polybe, Cicéron,
 « Athenagoras, Macrobe, Plutarque, Jamblique, Porphyrius, Ammonius, Plotin,
 « Alexandr. Aphrodisis., Diog. Laërt., Philostrate, Olympiodore, Platon, Proclus,
 « Sextus Empiricus, Maxime de Tyr, Marc Aurèle, Antonin., Lucien de Samos,
 « Appien d'Alexandrie, Philon le Juif, Clément d'Alexandrie, Tatianus, Eustath.
 « sur Homère, Aule Gelle, Hermias, Heraclide de Pont, S.^{te} Augustin, S.^{te} Jé-
 « rôme, S.^{te} Grégoire N., S.^{te} Jean Chrysost., Sidonius Apollinarius, Joan.
 « Tzetzes, Scholiast. venetus ad Homerum, Hermogenes *περί ἑρμηνείας*, Julius
 « Pollerx, Etymolog. magnum, Apostol. etc.).

« Diog. Laërt. l. I. nous fait d'Epiménide un poète, il cite un grand
 « nombre de ses ouvrages en indiquant le nombre de vers que chacun con-
 « tenait. Si Epiménide n'avait pas été représenté avec un aspect de vieillesse,
 « il aurait eu au moins une lyre, ou quelqu'autre attribut poétique. Il nous est
 « présenté comme un poète grave, il est vrai, mais pas comme un poète
 « sombre. L'image est plus que grave, le personnage qu'elle porte est plus que
 « grave, il porte l'empreinte de la mélancolie, du dégoût, du découragement,
 « il ne paraît pas inspiré des Dieux, il ne semble pas y croire ; son calme le
 « rapproche de la matière, aucun de ses sens ne paraît mouvoir ; Héraclite est
 « fier et méprise tous les hommes, (Diog. Laërt. XI. 1.) ; misanthrope, il aime
 « la solitude (ibid. 5.), il sait tout (Diog. Laërt. IX. 13.), il sait tout et les
 « autres ignorent (Origenes ἐν ταῖς φιλοσοφικαῖς, περὶ Ἡρακλείτου..... τὰ πάντα
 « ἔλασεν, ἀγνοῖαν τῶν πάντων βίαν καταγινώσκων καὶ πάντων ἀνθρώπων..... Id. ibid. Ἐλεῶν
 « δὲ τῶν τῶν θεῶν βίαν αὐτὸν μὲν γὰρ ἐφύλαξε τὰ πάντα εἰδέναι, τοῦς δ' ἄλλους
 « ἀποθνήσκουσιν οὐδὲν Proclus 3. in Timœum... ἀλλ' Ἡράκλειτος μὲν ζωντὸν πάντα
 « εἰδέναι λέγων, πάντας τοὺς ἄλλους ἀπεπιστήμονας ποιεῖ.....). Sa tristesse et sa mé-
 « lancholic sont visibles dans son ouvrage : (Theophrastus ap. Diog. Laërt. IX. 7.
 « Θεόφραστος φησιν ὑπὸ μελαγχολίας τὰ μὲν, ἡμετέλλῃ, τὰ δ' ἄλλοις ἄλλως ἔχοντα
 « γράφει.....). Il méprisait la science (Athenæus XIII... ἀλλὰ καὶ Ἡράκλειτος ὁ

« θείος φησὶ, πολυμυθὴ νόον ἔχειν, οὐ διδάσκειν..... Diog. Laërt. IX. Πολυμυθὴς « νόον οὐ διδάσκει. » Il pleurait la misère de l'homme et son ignorance (Theophrastus loco citato), il les méprisa tellement, qu'il ne voulut pas les gouverner (Antisthenes ap. Laërtium IX. 7. σημείων ὃ αὐτοῦ τῆς μεγαλοφροσύνης « Ἀντισθένης φησὶν ἐν διαδοχαῖς· ἐξωρῆσαι γὰρ τ' ἀδελφοὶ τῆς βασιλείας.....). Il cite « ce trait comme un exemple de grandeur d'âme, et avec lui Diog. Laërt IX... « Ἡράκλειτος ὁ μεγαλοφρων..... ὑπερόπτης.»

N.º 2

PHILOLOGIA

ÆNIGMATIS, GRÆCE SCRIPTI, NOVA INTERPRETATIO.

« Λέγ' μὲν, μάλιστα καὶ νῦν εὐκαιροῦ
εἰπεῖν Ματαιότης ματαιότητων..... »

D. Joan. Chrysostom. in Eutrop.
T. III, P. 381, Ed. Montf.

Ambitiosius ænigmati nomen jactitare videntur istæ vocum ludicræ ambiguitates, quæ ingenii acumen, nec in auctore, nec in interprete significant.

Maximus tamen, inter recentiores, harum nugarum honos quondam fuit, quas gallicè *Calambours* appellatas, nunc venditant indocti.

Ænigma autem gloriam æquo jure semper obtinuit, quum apologi, cujus nomen retinet, αἶνος (!), ablata sententiâ, præbeat materiam.

Ænigmati, apud veteres, multiplex, gravis (²) et sacer (³) fuit usus: oraculorum enim obscura dictio varias ænigmati formas induit, periphrasin et metaphoram indefinitè, sed eleganter, adhibens; pro voce θάλασσα vocem εὐρυτάτων (⁴); rem epitheto, non nomine, significans, sed, ut Artemidorus ait, plerumque prudenter et moderatè... α...δται αἰνίσσονται πάνι σαφῶς αἰνίσσονται. (⁵).

(¹) Apostolius, *prefat. in proverb.* p. 2. Phavorinus v. αἶνος. Ammonius, *de diff. verb.* v. αἶνος. Eustath. *ad. Il. t. II*, p. 585, 4. t. III, 1768, 61. cf. Fiebel *ad Archiloch. fragm.* LXVII, p. 166, sq.

(²) Doctrinam plerumque ænigmatibus, non perspicuo sermone, proposuisse veteres Græciæ sapientes docet Pausan. *Arcadic.* VIII, 3. cf. Porphy. *Vit. Pythagor.* p. 199, ed. Cantabrig. Procl. *in Tim. Platonis*, l. I, p. 10.—Id. ap. Plutarch. *Conviv.* p. 146, 149, 152, 153, ad eos refertur quos, in genere, *septem sapientes* veteres appellarunt; cf. Diog. Laërt., in *Thalet.* I, 91.—de Arabibb. vid. I, Reg. X, 1.—de Phœnicib. Menand. *ap. Joseph. archaeol.* VIII, 5, 3.—de Salomone, I, Reg. X, 1. Menandr. l. c. *Proverb.* I, 5.

(³) De usu ænigmatum in rebus sacris Clem. Alex. *Stromat.* V, 566. Maximus Tyr. *Diss.* XXIX, 350. Quem usum præcipuè Ægyptios usurpasse tradunt Plutarch. *de Iside et Osir.* p. 354. Clem. Alex. *Strom.* V, 561. Jamblich. *Vit. Pythag.* XXIII, p. 86, ed. Kusteri. cf. Lucian. *Deor. Concil. opp.* t. II, p. 936. Origen. *adv. Cels.* l. p. 11.

(⁴) Euseb. *præp.* Ev. V, 20. ex Eusebio, cf. omnino Lobeck, *Aglaoph.* I, II, p. 851, sq. qui multa præbet exempla. cf. Heraclit. *ap. Stob. serm.* V, p. 69.

(⁵) Artemidor. *Onirocrit.* IV, 22.

Exinde ad poëtas, unde ad medicos ⁽¹⁾, mox ad vulgus subrepsit.

Illud autem humile genus sermonis ambigui, quod *γρίφον* nomine dicemus, et cujus exemplum præbet distichon de quo nunc agitur, ab aurium facultate unice pendet; illepidum certè et molestum epigramma quod, nisi græcum esset, non exhibuissem. Sed res, pro antiquitate, magna facta est. Quam, cum maxime nominis eruditi tentavcrint, ipse rursus in lucem proferre non dubitavi, nec novâ interpretatione abstinui, nullam litteris gloriam, nullum damnum futurum indè, ratus.

Sic denique se fert epigramma quod, post Bruncium ⁽²⁾, jamdudum, in Anthologiâ suâ, integrum, doctissimus edidit Fr. Jacobs ⁽³⁾:

« Μὴ λέγε καὶ λέξεις ἐμὸν ὄνομα· δεῖ δὲ σε λέξαι,
« ὅδ' ἔτι πάλιν μέγα θαῦμα λέγων ἐμὸν ὄνομα λέξεις. »

Prior autè omnes illud ænigma solvendum tentavit Buttmannus ⁽⁴⁾, inter philologos celeberrimus; ita tamen ut ejus interpretatio, quam ipse præclaram et dubii expertem audaciùs dictitabat, nullam fidem obtinuerit. Novâ enim inductâ lectione, quam equidem tuetur Codex Spalættianus, *ὅδ' ἔτι* in *ἄδ' ε*, incunte posteriori versu, commutabat, et vocem *ΜΗ-ΛΕΙ-Α*, in tres partes divisam, hoc in ænigmate latere censebat. Attamen si lector dicit *ΜΗ*, non profert nomen integrum, sed unam ex nomine avulsam syllabam; quod pugnat cum his verbis: *ΜΗ λέγε καὶ λέξεις ἐμὸν ὄνομα*. Cùm præterea de *Medeâ* nihil hic agatur, Buttmanni sententiam omnes abjecerunt.

Codicis Spalættiani variâ lectione usus Fr. Jacobs, quam in *ὅδ' ε* vel *οὐδ' ε* permutari facillimè censet, etsi nullum *αδ' ε* ferat accentum, locum sic emendavit ⁽⁵⁾:

« Μὴ λέγε καὶ λέξεις ἐμὸν ὄνομα· δεῖ δ' ἐμὲ λέξαι;
« ὅδ' ἔτι πάλιν μέγα θαῦμα, λέγων, ἐμὸν ὄνομα λέξεις. »

Ubi negationem substantivè positam intelligit; proximus Fr. Welckeri ⁽⁶⁾ sententiæ qui vocem *silentium* ænigmatis objectum cogitavit, ut ipse etiam Langius. Sed in verbis *δεῖ δ' ἐμὲ λέξαι* vel *δεῖ δὲ σε λέξαι*, particula *δὲ* vis inest adversativa, quæ lectorem monet nomen, quod est quærendum, jam non fuisse pronunciatum. Frigida porro et stulta videtur prosopopea in quâ *negatio*, si Jacobsium, *silentium*, si Welckerum, *Nihil*, si Langium sequamur, vicissim adducuntur lectorem interpellantia, cum, si rationes metaphysicas cum grammaticis conferre licet, ipsam unitatem Plato et Theopompus propriè exstare negent et eam *entis duplicis* dimidiam esse partem dicant: « *Ἐ γὰρ ἐστὶν ὁδ' ε* τὴ

⁽¹⁾ Ejusmodi circumlocutiones ap. Galen, *de Medicor. s. loc.* XXIV, 7, 333 reperies.

⁽²⁾ *Analect.* t. III, *ænigm.* 28, p. 235.

⁽³⁾ *Anthology. Palatin.* XIV, 22.

⁽⁴⁾ Ap. Thiersch, *Act. philolog. Monacens.* t. III, fascicul. I. p. 53.

⁽⁵⁾ *Animadversiones ad Anthol.* p. 797.

⁽⁶⁾ *Reinische Museum.* I, 2, p. 218.

ὅς δὲ μοῖς ἐσ, ὡς φησὶ Πλάτων. » (1) Nunquā tandem particulæ οὐκ vel μή, *formule negantis*, absolutē pro ipsā *negatione* abstractā sumuntur (2). Suam ipsius et cæterorum omnium sententiam deseruit Fr. Jacobs qui, in litteris ad me scriptis, anno 1837, Eichstadium, Gothanæ universitatis oratorem, hoc in ænigmate solvendo versatum esse me monuit, cuius sententiam in ejusdem universitatis programme editam, his verbis exposuit:

« Tuendam arbitror vulgatam lectionem οὐδέ, et lusum qui ex ἀρφιβουλία
« nascitur, non tantum in duplici significatione dictionis μή λέγε, verum
« etiam in duplici et ambigua verborum interpunctione quærendum. Scilicet
« hoc ænigmate non una significatur *particula* μή, sed negatio in genere, sive
« ea per μή, sive per οὐδέ exprimitur. Vult scriptor, ut ænigmati sensus constet,
« voculam οὐδέ ad priora referri, ὅστι δέ σε λέξαι, sed eam itā posuit, ut,
« mutatā interpunctione, possit etiam posterioribus adjungi: undē ambiguus
« sensus oritur, ænigmati naturæ conveniens. Illud itaque sic legam et metricē
« vertam:

« Μὴ λέγε, καὶ λέξεις ἐμὸν ὄνομα· ὅστι δέ σε λέξαι
« Οὐδέ πάλιν, μέγα θαῦμα, λέγων ἐμὸν ὄνομα λέξεις.
« Ne dicas, et me dices: sin dicere oportet
« Nec rursus, res mira, meum prælabere nomen. »

Non longē distat hæc interpretatio ab eā quam dederat Langius; emendatior tamen, iudice Jacobsio, vitis verò iisdem laborans, quæ apud Langium, Welckerum et Jacobium reprehenduntur.

Quidam tandem, in *Diario cruditorum Parisiensi* (3), Gallofrancus, illud epigramma, post cæteros omnes, quos diximus, viros doctos, denuō nec felicius, ut videtur, tentavit, legens:

« Μὴ λέγε καὶ λέξεις ἐμὸν ὄνομα· ὅστι δέ σε λέξαι;
« Οὐδέ, πάλιν, μέγα θαῦμα! λέγων, ἐμὸν ὄνομα λέξεις. »

Hoc est: « vocem *nihil* profer et dices meum nomen; sed tibi dicendum
« est: rursus dic vocem *nihil* et, res mira, nomen meum dices. »

Eadem patitur vices hæc Gallofranci interpretatio quas Fr. Welckeri; cum verba: « *sed tibi dicendum est.* » negationem in præcedentibus positam fuisse moneant. Difficultas eadem superest, quæ constat in ridiculā *non-entis*, ut aiunt metaphysici, allocutione. Illud porro μέγα θαῦμα frigide videtur adhibitum, si eadem in posteriore versu, quæ jam in inferiore, exprimitur sententia.

Visum est igitur hoc ænigma novum laborem flagitare: liceat ergo, lector benevole, vili de re, aliquot rursus verba dicere.

(1) Ap. Diog. Laert. in Platone. L. III, 16.

(2) V. Barnes ad Euripid. Heraclid. vs. 162.

(3) Rossignol, *Journal des savans*, septembre 1834, p. 563.

Sermonis symposiaci exemplum præbet istud epigramma; non igitur summo ingenio scriptum dicimus.

Ilos enim jocos græcè γρίβους et σπείσματα appellatos, exercitium stultis et ignaris, post cænam, permittit Plutarchus, ⁽¹⁾ « τοὺς φαρτίτοις καὶ ἀπειρολόγοις μετὰ τὸ δεῖπνον. » Hæc quoque duplex genus, dicente Clearcho ⁽²⁾ qui, hæc de re, scripsit ex professo: scilicet λογικὸς γρίβος, quod convertitur in ænigma: ⁽³⁾ alterum, γρίβος absolutè, quod constat homonymiâ ⁽⁴⁾, et de quo his verbis disserit Diomedes Scholasticus: ⁽⁵⁾ γρίβου τινὲς λέξεις ἅπασι ἢ δις εἰρημεύει, ὡς ὁ πάσι ἀνάγκη εἶδέναι.... Id genus propriè Gellius ⁽⁶⁾ vocat *Captiones dialecticas* in quibus separatim promittenda sunt verba confusa, vel conjungenda verba separatim scripta. Multum in epigrammate nostro solvendo confert exemplum, quod in eodem Diomede, Dionysii Thracis scholiaste ⁽⁷⁾, reperitur. Is enim, inter γρίβους, vocem πατήριον recenset, quæ cum *proculum* omninò significet, apud γριφολόγους sic exponitur: πατήριον, τὸ ἐξ ἑρῶν ὀνόμα, ὅτι πατὴρ ἑρῶν ἔν h. e. πατήριον (πατὴρ ἑρῶν) *vestis lanea*, quod olim lana fuerit. Sic apud atticos lepidè dictum, ἀπὸ τοῦ καταπεσεῖν, *insanire*, est ἀπ' ὄνου καταπεσεῖν *ab asino decidere*.

Hisce igitur exemplis ductus; cum aliquam negativam particulam, in priore prioris versûs parte abesse sentierim, quæ adversativo δέ, in δεῖ δέ σε λέξαι, responderet; cum quædam inter priorem et posteriorem versum oppositio videatur inesse; istas difficultates ita repellere conatus sum:

« Μὴ λέγῃς, καὶ λέξεις ἑρῶν οὐδ' (ὅ) νομα· δεῖ δέ σε λέξαι;

« ὅθεν· πάλιν μοι θάψου! λέγων ἑρῶν ὀνόμα λέξεις. »

« Ne dicas, nec dices meum nomen: sed dicturus es?

« res tursus non mira! dicens meum nomen, dices.

Ubi, lector, vides vocem ὀνόμα bis repetitam, ut vult in griphis fieri Diomedes Scholasticus, et vario sensu adhibitam, ita ut, in priore, negatio contineatur. Quod certè ad lusum vocis πατήριον proxime accedit; non pendet nunc sententia in δεῖ δέ σε λέξαι; in voce πάλιν junguntur epigrammatis ambo membra: et, cum scriptor exclamat: οὐ μέγα θάψου! ⁽⁸⁾ rem inventu facilem modeste notat. Particula μή ad usum negationis relative revocatur.

⁽¹⁾ Plutarch. *Sympos.* V, p. 673, A. Schol. Aristoph. in *Vesp.* 21. Pollux *Onomast.* VI, 107.

⁽²⁾ Clearch. περὶ γρίβων, ap. Athen. X, p. 453, B. 548, 559. Wytttenbach ad *Plutarch. Sympos.* sup. p. 912, t. VII, part. 2, animadv. Lucian. I, 554. *Notices des mss.* t. X, part. II, p. 277.

⁽³⁾ Vid. Tryphon. de tropis in *Mus. critic.* Cantabrig. t. I, p. 47. cf. Huschik. *Analekt.* p. 301. Fr. Jacobs, *ed. anthol.* 66, VII, 349.

⁽⁴⁾ Clearch. l. l. ταῦτα δ' ἐστὶν ὁμωνυμία.

⁽⁵⁾ Ap. Villosion, *Anecd. Diatrib.* p. 172, not. 2. è codice marciano 489.

⁽⁶⁾ A. Gell. *Noct. attic.* I, 2.

⁽⁷⁾ Ap. Villosion, *Anecd.* l. l.

⁽⁸⁾ Hæc formula exclamantis occurrit in antiquo ap. Pausan. epigrammate, v. *Attic.* I,

Nihil præterea inusitatum præ se fert correctio: nam vocalis, in voce *ἄνακα*, à diphthongo præcedenti absorpta, multis exemplis confirmatur, ut in *ἀνέκεν* pro *ἀνέκεν*. (1).

Si quidem de particula *ὅτι* post verbum usu dubites, exempla varia, istà de re, apud Vigerum (2) invenies, atque graviorum auctorum locos ubi nomen substantivum negatio, antecedit. (3) Quam tamen si intervensionem audaciorem putes, recordare, quæso, probatissimorum scriptorum, in quibus *anacolutha* et *σολοιζισμῶν* deprehensa (4), humiliorem nostrum epigrammatis auctorem excusant, cui tali idiotismo, ut *γρίφον* conderet, opus erat.

« Fer ergo iudex sententiam et pronuntia, quis tibi verisimillimum videatur « dicere, non quis verum dicat... id enim supra nos est. (5) »

Scribebat in urbe Januariensi, 8. octobris MDCCCXLIV.

(Assignado) *Camillus Cléau*,
olim Parisiensis, mox Brasiliensis.

(Extr. da — *Minerva Brasiliense*, n.º 1. de 15 de Novembro de 1844 —).

N.º 3

UM VERSO DE ESCHYLO

« M. Raoul Rochette, Monum. Inéd. part. I., Orestéide, p. 144, note 4, voit un « autel placé au centre de l'habitation », dans l'*ἔστυα μεσόμεγας* indiquée dans ces vers d'Æschyle, Agamemn. 1056.

.....τὰ μὲν γὰρ ἔστις μεσόμεγας
ἔστηκεν ἤδη μᾶλα πρὸς σφαγὰς πυρὸς,
ὥς οἷον ἐλπίσαι τήνδ' ἔξει χάριν.

Sans oser prononcer immédiatement sur cette interprétation, j'observe avec un savant antiquaire que le mot *μεσόμεγας* étant une modification du mot *ἔστυα*, la signification de ce dernier étant connue, il faut chercher dans l'autre une idée qui puisse en rendre l'explication raisonnable; or ce savant dont l'opinion se trouve en opposition avec celle de M. Raoul Rochette y

(1) Hailinger. *animado*. in *Plutarch*. ap. Tiersch. *Act. philolog. monacens.* t. III, fascic. III, p. 319. cf. *intpp.* ad *Aristoph. nuc.* 393, 394, Brunck. Schæfer, in *Gregor. Corinth.* de *dialect. et Metemata Critic.* I, p. 66. Devarius, de *particulis*, p. 102, ed. Reusn.

(2) De *idiotism.* ed. Hermann. et Zeun. 1802, p. 151.

(3) Viger. *ibid.* p. 460, not. 38.

(4) Cf. Gataker, ad *Al. Antonin.* p. 92, col. I, l. 6. p. 176, l. 4. Hermann. de *anacoluthis*, ad calcem Vigeri. p. 894, 900. sq.

(5) Senec. *Epist.* LXV.

trouve avec raison l'indication d'une prééminence, *ὄμφαλος*, au milieu de l'*ἔστια*; voy. Panoika, *Annal. de l'Inst. archéol.* t. II. 1830, pag. 142. Vérité incontestable, mais inexplicable, comme le remarque M. Raoul Rochette, *Mon. Inéd.* ibid. additions, p. 419. col. 2, puisque «un autel avec un ombilic au milieu n'aurait pu servir à l'usage de l'hestia, c'est-à-dire du foyer, pour lequel il fallait nécessairement une cavité au lieu d'un ombilic». Maintenant donc que nous avons placé en regard ces deux interprétations différentes, qui toutes deux ont un argument puissant à s'opposer, osons les déclarer insuffisantes. M. Raoul Rochette avait suivi le sens que donnait Blomfield à ce passage sans saisir parfaitement la pensée du philologue anglais, qui ne l'avait expliquée qu'implicitement; car, en comparant l'expression de Virgile, *Æneid.* II. 512, «*œdibus in mediis*» il indiquait bien précisément le sens, qui doit être en effet donné à ces expressions. La difficulté soulevée par les deux critiques récentes subsisterait-encore, si l'on continuait à chercher dans le mot *μεσόμφαλος* une nouvelle signification. La seule chose qu'il fallait observer, c'est le sens du mot *ἔστια* qui, comme on va s'en convaincre par un passage d'Hésychius, t. I, pag. 1469. *Ἐστία βουμός ἢ οἶκος*. cf. intpp. not. 5, où il désigne aussi bien un autel qu'une habitation; et à l'appui de cette interprétation les critiques, qui ont commenté le lexicographe, citent un lexique ms. in Sirach xxxvii, 11., où *ἀφ'ἑστίας* est rendu par *ἀπὸ τῆς οἰκίας* (1). En donnant donc à *ὄμφαλος* un sens qu'il comporte parfaitement, en le regardant comme équivalent de *βουμός*, la traduction de Blomfield se trouve très-correcte et la pensée de M. Raoul Rochette confirmée d'une manière positive, *οἶκος μεσόβουμος*.

N.° 4

CLITODÈME

CLITODÈME ou CLIDÈME, historien, est considéré généralement comme Athénien (voy. Siebelis, *Pref. ad Phanodem, et alior. fragm.*, Lipsick, 1812, in-8.°, p. XIII). Son âge n'est pas fixé par des témoignages précis et directs, quoiqu'il puisse être regardé comme très-reculé; car Pausanias lui donne l'épithète de *ἀρχαιότατος*. La variante de son nom *Κλιστόδημος* est préférable, quoiqu'un grand nombre d'auteurs anciens aient conservé la forme *Κλισίδημος*.

(1) Les mots *ἔστια μεσόμφαλος* designent également une habitation, mais avec un sens différent donné à l'épithète *μεσόμφαλος*, dans Euripide, *Ion*, 461.

*Φαιβήτας ἔνθα γὰρ
μεσόμφαλος ἔστια.*

Ici le mot *ἔστια* équivant à *δῶμος Φαίβου* de l'*Ion*, 233. et aux *μεσόμφαλα γὰρ μαντεῖα* de Sophocle, *Ad. Tyr.* 488. cf. J. Barnes ad Euripid. *Ion*, 223; t. II. p. 217.

(Athénée. XIV, 23., page 660). Son nom a souvent été confondu aussi avec le mot *Κλῆρος*, que Ruhnkens (*ad Timæum, Lex. Platon.*, p. 223) et d'autres regardent comme une abréviation de *Κλειδοκλος* pour *Κλειτοδόκλος*. Enfin on trouve encore ce nom transformé en *Κλειτοδόκλος* dans un grand nombre de passages de Plutarque. Ces variantes, que l'on attribue à l'ignorance des copistes, ne doivent faire concevoir aucun doute sur l'identité de ces différents noms, puisqu'ils se trouvent accompagnés du titre d'un même ouvrage, de fragments déjà cités ailleurs, et attribués au même auteur. Cet historien (c'est ainsi que le nomme Plutarque, de *Glor. Athen.*, page 345, édit. de Francf.), malgré l'époque éloignée à laquelle Pausanias le renvoie, doit avoir été contemporain d'Hellanicus, de Thucydide et d'Hérodote, c'est-à-dire, doit avoir vécu entre la soixante-dixième et la quatre-vingt-douzième olympiade. (*Voy. Sturz, Comment. de Hellanico*, Leipsick, 1826, in 8°, § 2°, page 6).

On a conservé un assez grand nombre de fragments importants des ouvrages de ce Clitodème, dans lesquels on trouve des détails regardés comme précieux et exacts par les anciens eux-mêmes. C'est par suite de cette exactitude, et de la précision avec laquelle cet auteur décrit ou raconte ce qui concerne l'Attique, que M. Siebelis a été porté à conclure que cette contrée était sa patrie.

On compte parmi les ouvrages dont on possède quelques traces :

I. *Atthis*, *Ἰσθῆς*, *Recherches sur l'Attique*, composé au moins de douze livres (Hésychius, tome I, page 31, en cite le XII°).

II. Un livre intitulé *Ἱστορίαι*, où l'on s'accorde à reconnaître l'histoire des premiers siècles, quoique le peu d'étendue et d'importance des fragments soit loin de le faire soupçonner. On le regarde aussi comme une partie de son principal ouvrage désigné sous le n.° I^{er}.

III. Une espèce de lexique ou de liste de mots et de faits, accompagnés d'explications, et réunis sur le titre bien vague de *Ἐξηγητικόν*. (*Voy. Casaubon, ad Athen.*, IX, 18, page 410).

Le quatrième ouvrage, intitulé *Ἰθάκη*, c'est à dire *Voyages*, se composait de plusieurs livres, et formait un traité séparé et volumineux. Athénée, qui seul en fait mention, cite le huitième livre.

Enfin Meursius, dans sa Bibliothèque grecque, (dans son *Lexicon ad Script. med. et infim. graecit.*) à l'article Clitodème, sur la foi d'un passage d'Hésychius qu'il corrige, lui attribue un ouvrage sur les peuples de l'Attique. M. Siebelis désapprouve cette conjecture, qui n'a, d'ailleurs, rien de positif : et même la citation d'Hésychius ne peut-elle pas se rapporter à une partie de l'*Attide* de ce même Clitodème, ou de son *Exegétique* ?

Z. (anonymo)

(Extr. da Biographie universelle ancienne et moderne... Supplément. Tome soixante-neuvième. Paris, L. G. Michaud, 1837, 8°.)

NOTICE BIOGRAPHIQUE

SUR

DURIS HISTORIEN ET TYRAN DE SAMOS.

(par Camille)

Duris de Samos, historien au sujet duquel le jugement des anciens paraît avoir varié selon les différens points de vue sous lesquels ils le considéraient ; et sur la vie et les travaux duquel peu de détails nous sont parvenus, malgré la double célébrité qui le fit connoître à ses contemporains ; il ne nous est donc donné d'apprécier justement ni les reproches, ni les éloges qu'on lui accorda dans l'antiquité. Nous ne pourrions dire si Samos qu'il gouverna fut sa patrie ; quoique tous les anciens s'accordent à lui donner l'épithète de Samien, il nous est permis de croire, par des motifs dont nous allons rendre compte, que Samos ne fut pour lui qu'une patrie d'adoption, et que cette qualification de Samien ne lui fut donnée dans l'histoire que par suite de son long séjour dans cette île et des fonctions importantes qu'il y avait occupées. Nous savons d'abord par Plutarque qui repousse, il est vrai, ses prétentions, que Duris se disait issu d'Alcibiade (*) ; ce qui n'aurait eu aucune vraisemblance s'il n'eût atténué par quelque point généalogique à la cité d'Athènes. Plutarque avait peut-être été conduit à en douter à cause de l'opiniâtreté, avec laquelle Duris se montre opposé aux Athéniens ses compatriotes, contre lesquels il répandit selon Plutarque des calomnies (**), selon d'autres des accusations fondées (**); c'est probablement sur cette contradiction dans les dispositions et les sentimens de Duris que Plutarque avait appuyé son doute.

Duris dans tous les cas avait habité Athènes, où il avait entendu les leçons de Théophraste avec son père Lynceus (†), quoique ce dernier seul soit nommé par Fabricius, dans le Catalogue des Péripatéticiens (‡). Etienne de Byzance cite (†) un Duris d'Elæa en Æolie (§), ville d'origine athénienne (¶), comme auteur d'une épigramme sur l'inondation d'Ephèse qui eut lieu sous le règne et par la volonté de Lysimaque (||), écrivain qui, de l'avis même d'un célèbre critique (j), est celui précisément dont nous nous occupons. Nous pouvons

(*) Plutarch. in Alcibiade. §. t. I, p. 209. B.

(**) Plutarch. in Pericle. §. 28 — t. I, p. 167. B. C. voy. Schweigh. ad Athen. XII, 40. t. VI. p. 482.

(†) Elian. var. hist. II. 9. cf. Suidas v. Σαρ. Ὀψινος.

(‡) Athen. IV. p. 128. A.

(§) Fabricius. Bibl. gr.

(¶) Steph. Byz. v. Ἐλεως. p. 366. ed. Berkel 1658.

(||) Id. v. Ἐλεως.

(j) Strab. XIII, 3, 5. p. 622. B. t. II. p. 498. Corat.

(k) Strab. XIV, 640. voy. le comment. joint à la trad.

(l) Franc. t. IV. p. 130. Analecta. t. II, p. 59.

même encore avec toute vraisemblance restituer à ce même Duris un fragment commun à un Diodore d'Elæa, inconnu d'ailleurs, et à Phylarque (*), autorisés par la variante très naturelle qui aurait altéré ce nom propre et par conséquent ces deux historiens contemporains, dont les travaux étaient de même nature, se trouvent presque constamment cités ensemble dans les écrivains qui nous ont conservé leurs fragmens (†). Il semble donc assez vrai que ce Duris était, soit athénien, soit de famille athénienne.

Il serait plus facile de composer le catalogue de ses ouvrages, que de rappeler en détail les faits qui constitueraient sa biographie; nous pouvons cependant remarquer d'abord que tout jeune, *παῖς*, il remporta le prix du pugilat parmi les enfans à Olympie; sa statue, ouvrage d'Hippias, se voyait dans le stade près de celle de Chionis également vainqueur. Pausanias nous donne tous ces détails (‡), et nous n'insisterions pas autant à rappeler le passage de cet écrivain, s'il n'avait été la cause d'une méprise singulière de la part de tous les éditeurs et traducteurs. La qualification de tyran qu'il donne à notre Duris qui s'était emparé à Samos de l'autorité (nous ne savons de quelle manière, mais lorsque le peuple rentrait dans l'île (§)), faute de rapprocher de ce passage les notions qui se rapportaient à l'historien qui nous occupe, fut regardé comme un nom propre désignant un athlète Tyrannus; ce qui a fait penser que le reste de la phrase incomplète dans tous les manuscrits avait dû contenir des faits relatifs à ce personnage imaginaire.

Il est évident que cette désignation *παρὰ τὸν τύραννον* ne peut se rapporter qu'à Duris *τυραννίσαντι τῆς Σαμοῦς*, selon les expressions de Suidas (¶) et d'Athénée (¶). C'est donc à tort que Facius (¶), Clavier (¶) et M. Siebelis lui-même (¶), ont admis sur la foi de ce seul passage mal interprété l'existence de cet athlète, auquel rien ne se rapporte ailleurs dans l'antiquité. On doit citer parmi les erreurs, auxquelles a donné lieu cette phrase de Pausanias, celle de M. Sillig (¶) qui, pour n'avoir pas reconnu l'identité de ce Duris l'olympique avec l'historien dont l'âge est fixé positivement, a placé vers 990 ans avant J. C. cette expulsion des Samiens mentionnée par Pausanias, en reconnoissant toutefois que vers ce temps l'existence de statues athlétiques était impossible. Le commentaire de Clavier est également en défaut en ce qui regarde l'époque à laquelle on doit rapporter cet événement, quand il rapproche

Fred. Jacobs, Catal. poet. epigrammatic. Anthol. t. III, part. III, p. 389.

(*) Parthenii Erotica, 15. Voy. Phylarchi fragm. ed. Lucht. p. 86.

(†) Athen. VI, 55. p. 249. C. Plutarch. de Alex. M. virt. et fort. or. II. 11. Dionys. Halicarn. de compos. verb. p. 5, 16. ed. Sylb. etc. etc.

(‡) Pausan. Eliac. II, lib. VI, 13, 3.

(§) Pausan. Ibid. ἔπειτα ὁ Σαυλον δῆμος ἐπὶ τὰ νῆκτα...

(¶) Suidas, v. *Αὐρυζεύς*. t. II, p. 49. Kuster. p. 2351. Gaisf.

(¶) Athen. IV, 128. A.

(¶) Indic. in Pausan. v. Tyrannus.

(¶) notes sur Pausanias. t. VI, p. 206.

(¶) animadv. in Pausan. VI, 23, 4. t. III, p. 49.

(¶) Catalog. artific. v. Hippias. p. 231. n. 1.

de ce passage celui d'Héraclide de Pont ^(*) qui fait mention, non pas seul, mais avec Thucydide ^(*), Diodore de Sicile ^(*) et Plutarque d'une invasion de Samos d'une époque bien antérieure au règne de Duris, puisqu'elle se rapporte à la 84^e olympiade. Or il faudrait, pour être d'accord avec Clavier, supposer que Duris, âgé de moins de vingt ans en la 84^e olympiade, eût vécu 156 ans, pour avoir connu Ptolémée Philadelphie et pour avoir pu écrire, comme nous le verrons plus bas, l'histoire d'Agathocle qui mourut l'an 4^e de la 122^e olympiade ^(*).

Une inscription contenant un décret de Lysimaque adressé au peuple et au Sénat de Samos ^(*), fait aussi mention d'une contestation entre les habitans de Priène et les Samiens, à la suite de laquelle ceux-ci auraient été obligés de céder le territoire pour lequel ils combattaient, contestation déjà précédée de plusieurs autres, dans lesquelles les Athéniens avaient été obligés d'intervenir. Quoique M. Boeckh paraisse avoir reculé beaucoup l'âge de cette inscription, en préjugant par le nom de Lygdamis qui s'y trouve, que ce décret était contemporain de Polycrate, il nous semble qu'il doit être rapporté au temps de Duris, c'est à dire, vers la fin du règne de Lysimaque qui mourut l'an 2 de la 124^e olympiade ^(*), à l'époque précisément où Ptolémée Philadelphie succède à son père ^(*). Les guerres occasionnées par ces querelles purent forcer les Samiens soumis, comme nous le voyons ici même, à Lysimaque, à abandonner leur île, ainsi que le dit Pausanias; et, à la suite de cette guerre, Duris vint peut être à la tête des habitans de Samos reconquérir et gouverner leur patrie.

Cette opinion qui a toute la légèreté d'une conjecture et toute la valeur d'une probabilité, s'accorde avec toutes les données chronologiques qui nous restent sur Duris, et en même temps avec le peu de faits, que l'histoire nous a transmis sur les révolutions de Samos. Ce ne serait peut être pas aller trop loin que de proposer la restitution suivante de la phrase de Pausanias : «...Δυδρίς ὁ Σάμιος κρατήσας πυγμῇ παίδας... τὸ δὲ ἐπιγράμμα δηλοῖ τὸ ἐπ' αὐτῷ νικῆσαι Δυδρίν ((les edd. avant Facius *Χίον*), *ἦν δὲ Σαμίων δῆμος ἔφευγε ἐκ τῆς νήσου. [Καθ'ἣν] δὲ καιρὸς ἐπὶ τὸ οἰεῖν τὸν δῆμον [ἀνῆγαγε, καὶ αὐτὸς εἰς τὴν τυράννιδά καταστάτω].*»

Duris donc fut non seulement contemporain de cette guerre entre les habitans de Samos et de Priène, comme le dit M. Panofka ^(*), qui place l'avènement de Duris à l'an 2 de la CXVIII^e olympiade, ce qui nous

(*) Hæraclid. Pont. Polit. X, 12.

(*) Thucyd. I, 115-117.

(*) Diod. Sic. XII, p. 301. D. 302.

(*) Diod. Sic. Eclog. XXI, 12. Justin. XXIII, 1, 2.

(*) Böckh, Corp. inscr. t. II, p. 215. n.º 2254. cf. Chandler. inscr. I, p. 15. XXXVIII, 2. Marm. oxon. II, 25. Plutarch. quest. grec. XX. Ælian. var. hist. III, 27.

(*) Justin. XVII, 1, 2. Lucian. Macrob. p. 832.

(*) Joseph. Antiq. Jud. XII, 2, 1. Pausan. I, 6, 3. Justin. XVI, 2. Excerpt. Scallig. p. 59.

(*) Panofka, Res Samior. p. 97. §. 4.

semble un peu trop reculé, mais cette circonstance peut encore, selon nous, avoir été le prétexte ou la cause de l'usurpation de ce Tyran de Samos.

Enfin selon une notion, que nous n'avons trouvée consignée que dans un moderne et qui pour cela ne nous paraît pas très authentique, Duris aurait suivi dans son expédition d'Asie l'empereur Alexandre ⁽⁴⁴⁾, fait qui ne serait pas parfaitement en rapport avec l'âge de Duris, car quand on regarde celui-ci comme contemporain de Ptolémée Philadelphie, on ne prétend pas indiquer par là qu'il mourut à l'avènement du roi d'Egypte, ce qui aurait eu lieu si Duris avait été en âge de servir Alexandre dans la 111^e olympiade, époque à laquelle fut entreprise l'expédition ⁽⁴⁵⁾.

Tout ce que nous venons de réunir sur l'âge de Duris paraîtrait complètement démenti par un témoignage que nous omettions à dessein, si nous accordions quelque valeur à la citation d'un grammairien vulgaire, d'après lequel notre historien aurait fourni des matériaux aux travaux d'Aristote ⁽⁴⁶⁾, sous le successeur duquel il vécut comme nous l'avons vu précédemment. Duris fut, dit M. de S.^{te} Croix ⁽⁴⁷⁾, plus antiquaire qu'historien; nous ne saurions confirmer cette assertion dans l'état des fragmens qui nous restent de cet écrivain; toutefois il vécut dans un temps, où les recherches savantes furent facilitées par la réunion d'ouvrages nombreux dans les bibliothèques, dont le roi d'Egypte avait donné le goût ⁽⁴⁸⁾ et dont Polycrate le prédécesseur de Duris avait gratifié Samos ⁽⁴⁹⁾.

Quelles qu'aient été les circonstances qui purent favoriser ses travaux, nous savons positivement qu'ils furent nombreux, mais peut-être s'est-on quelque fois mépris en considérant comme ouvrages spéciaux, des chapitres, des divisions d'un même traité qui portaient des titres distinctifs. C'est ce qui arrive souvent dans la classification des débris des historiens anciens, comme nous avons déjà eu l'occasion de le remarquer plus haut relativement aux ouvrages de Clitodème ⁽⁵⁰⁾. Il y a donc une assez grande inexactitude dans ce que l'on a réuni sur Duris qui méritait cependant une mention détaillée; on aurait pu s'attendre à la trouver plus complète dans la Bibliothèque Grecque de Fabricius, le plus parfait répertoire d'histoire littéraire de notre temps, qui cependant ne lui a consacré qu'un article fort court ⁽⁵¹⁾. L'Onomasticon de Saxius ne l'a pas même nommé, ce qui étonne d'autant plus que des ouvrages compendiaires ont connu Duris ⁽⁵²⁾.

⁽⁴⁴⁾ Harles, in Fabric. Biblioth. grec. II, 19. t. II, p. 297.

⁽⁴⁵⁾ S.^{te} Croix, Examen critique des hist. d'Alex. le grand. p. 611.

⁽⁴⁶⁾ Bekker, Anecd. grec. t. I, p. 452. cf. Meier Marx de Ephori scriptis, c. 3. p. 40.

⁽⁴⁷⁾ S.^{te} Croix, l. c. p. 418.

⁽⁴⁸⁾ Athen. I, 3. B. V, 203. E. Heyne Comment. acad. t. I, p. 126. Bayle, Dict. Historique, v. Tyrannion. note AA, iii.

⁽⁴⁹⁾ Voy. Matter, Essai sur l'école d'Alexandrie t. I, p. 62. Petit Radet, Recherch. sur les Biblioth. p. 11. §. 1. Paris, 1809, 8^o.

⁽⁵⁰⁾ Voy. Biographie Universelle, t. LXI, supplém. p. 142.

⁽⁵¹⁾ Fabricius, Biblioth. Gr. II, 19. t. II, p. 297. Harles, III, 2. t. III, p. 41.

⁽⁵²⁾ Schœll, Hist. abrégée de la litt. grecque t. II, p. 112. — Grutroek, Initia hist. graecor. literar. t. II, p. 51. §. 129.

Il nous reste à réunir les jugemens généraux que les anciens portèrent sur son style et sur sa bonne foi, avant d'entrer dans le détail de ses différens écrits. On pourrait conclure de la contradiction fréquente de ses récits avec ceux des historiens qui lui sont comparés, qu'il avait inventé ou altéré des faits qu'il rapportait seul ou qui combattaient le témoignage de la majorité des écrivains. Puisque Cicéron voulut le défendre contre ses détracteurs ^(^m), Duris avait donc acquis peu de crédit à cette époque? Si Plutarque n'avait pas accordé d'éloges à Duris ^(ⁿ), il avait néanmoins fait un grand usage de ses écrits ^(^o), qu'il mit toujours audessous de ceux des historiens dont il emprunte l'opinion ^(^p); il l'accuse de partialité contre les Athéniens ^(^q) et paraît même douter de l'authenticité des sources, auxquelles il puisait ses narrations ^(^r). Diodore de Sicile s'est également servi des renseignemens fournis par Duris dans ce qui regardait la Macédoine ^(^s), et probablement aussi dans les détails qu'il a donnés sur la Scythie ^(^t), la Lybie ^(^u) la Sicile ^(^v), quoique Heyne ne pense pas que Diodore lui ait emprunté ce qu'il raconte de ces différentes contrées. Ce que Heyne insinue lui même sur l'historien qu'il présume avoir aidé Diodore dans son livre qui regarde les Amazones, quand il le désigne comme écrivain léger ^(^x), peut s'appliquer parfaitement à Duris, selon ce qu'en ont dit Photius ^(^y), Plutarque ^(^z) et d'après les citations importantes qui attribuent à notre écrivain des passages concernant les Hyperboréens ^(^{aa}). Diodore y avait également cherché des notions sur l'histoire d'Agathocle, que Duris avait traitée fort au long ^(^{bb}).

Le style de Duris était, à ce qu'il paraît, négligé, comme pouvait l'être celui d'un écrivain peu soucieux de l'effet oratoire, mais comptant sur l'intérêt que portaient avec eux les faits qu'il racontait; c'est ce qui nous fait comprendre Denys d'Halicarnasse ^(^{cc}), qui cependant le place entre Phylarque et Polybe, mais dont Photius complète la pensée en le considérant comme

(^m) Cic. VI, ad Attic. I.

(ⁿ) Plutarch. in Pericle. §. 28.

(^o) Hieron. Comment. Götting. de fontibb. Plutarchi. t. III, p. 64. 71. 84. 85. Voy. Plutarch. in Phocion. I, 743. D. 749. E. in Alexandro. I, 672. A. 691. A. Alcibiade. 209. B. Lysandr. I, 443. B.

(^p) Plutarque, aux endroits cités ci-dessus. Clem. Alex. Stromat. I, p. 403, 9. Potter. t. 1; Heyne, Comm. Götting. de fontibb. Diodori. VII, 112.

(^q) Id. in Pericle. §. 27. t. I, p. 167. B. Cf. Meier Marx in Euphori fragm. I. XII, §. 117. p. 225.

(^r) in Demosthene. I, 854. F.

(^s) Heyne, Comment. Götting. de fontibb. Diodori. t. VII, 112.

(^t) Diod. Sic. II, 43-44. Heyne, Ibid. p. 81.

(^u) Diod. Sic. III, 49-55. Heyne Ibid. p. 93. cf. Suidas v. *Aquila*.

(^v) Excerpt. Vales. XXI, p. 560. Weiss. XX, 59. Heyne, Ibid. p. 117.

(^x) Heyne, Ibid. p. 81.

(^y) Photius, Bibliothec. cod. CLXXXVI, p. 205. Meier Marx, de Euphori scriptis. §. 3. p. 40.

(^z) in Pericle. §. 28.

(^{aa}) Schol. Apollon. Rhod. II, 1249.

Strabon. I, p. 41, 53. ed. Casaub. Atrebat.

(^{bb}) Voy. plus haut.

(^{cc}) Dionys. Halicarn. de Struct. orationis. §. IV, p. 38. ed. Upton. Londin. 1702. 8^o.

inférieur à Ephore⁽⁴⁴⁴⁾ et à Théopompe⁽⁴⁴⁵⁾. C'était à ce dernier que Duris avait emprunté le plan de son travail, selon le même Photius⁽⁴⁴⁶⁾; on l'accuse donc de plagiat; mais lors même qu'il aurait poussé plus loin ses emprunts, il n'en aurait pas acquis plus de réputation, car ce que nous dit modestement Philostrate de l'historien Théopompe, nous fait seulement savoir qu'il ne méritait ni le mépris, ni l'admiration⁽⁴⁴⁷⁾. Il résulte donc de ceci que le jugement des écrivains anciens est peu favorable à Duris, quoique quelques uns lui aient accordé de faibles éloges qu'il pouvait mériter par son exactitude⁽⁴⁴⁸⁾.

Nous allons toujours dresser le catalogue des ouvrages qu'on lui attribue, parmi lesquels nous citerons d'abord :

— I. ses *Histoires*, désignation générale d'un grand travail qui se divisait au moins en vingt deux livres et comprenait probablement tous les chapitres mentionnés sous des titres particuliers (n.^{os} II à VII.), savoir: ses Macédoniques, ses Lacédémoniques, ses Sicéliques, travaux réunis aussi sous le titre plus spécial d'Helléniques; puis ses ouvrages intitulés *Lybica*, *Samiorum-fines* ou *Annales* selon les interprétations différentes que nous réunirons en leur place.

— II. ses *Helléniques*, que Diodore de Sicile consulta au sujet de faits appartenant à l'histoire de Macédoine⁽⁴⁴⁹⁾; ce qui nous fait supposer, contre l'avis de Vossius⁽⁴⁵⁰⁾ et de Wesseling⁽⁴⁵¹⁾, que les Helléniques et les Macédoniques ne formaient qu'un seul ouvrage, paragraphe important de ses œuvres historiques. Il s'y était probablement permis quelque discussion chronologique, car c'est à cet écrit que se rapporte la citation de Clément d'Alexandrie⁽⁴⁵²⁾, qui prouve encore le peu d'harmonie qui existait entre les opinions de Duris et celle des historiens de son temps.

— III. Les *Macédoniques* qui fournirent des détails à quelques écrivains, qui l'indiquent positivement ou le laissent supposer⁽⁴⁵³⁾, et dont nous venons de fixer la place dans la totalité des travaux de Duris qui appartiennent à l'histoire, travail qui comprenait au moins 7 divisions.

— IV. Les *Lacédémoniques*, dont le titre, selon quelques critiques, devrait être regardé comme dérivé du mot *Μακεδονικα* mal lu; nous ne voyons pas jusqu'à quel point une pareille opinion doit être admise; il est vrai que le Scholiaste d'Euripide en cite seul le livre 16^e⁽⁴⁵⁴⁾, mais ce n'est pas une cause

(444) Photius, Biblioth. cod. CLXXVI. p. 205. Voy. Meier Marx de Ephoro. §. 3. p. 40.

(445) Eys. Wichers, de Theopompi scriptis. p. 43. Lugd. Bat. 1829. 8^o.

(446) Photius, loid.

(447) Philostrat. Vit. sophist. 8. αὐτῶν διαβήματα, αὐτῶν διαρρήματα.

(448) Cic. VI. ad Attic. 1. « Duris Samius, homo in historia diligens. »

(449) Diod. Sic. I. XV, 61. Heyne, Comm. Götting. t. VII, p. 112, note m.

(450) Vossius, de Hist. græcis. I, 3. 2.

(451) ad Diodor. Sicul. l. I.

(452) Clem. Alex. Stromat. I, p. 403. 9. ed. Potter. t. I.

(453) Athen. VI, 249. C. IV, 167. C. Diod. Sic. I. c. l'Intareph. Aleib. I, 209. B. in Alex. I, 672. A. in Phoc. I, 743. D. 749. E. Lysandro. I, 443. B.

(454) Schol. Euripid. Alcest. 254.

suffisante pour autoriser cette défiance. Pourquoi d'ailleurs refuserait-on de croire que Duris, contemporain des guerres et des révolutions, ne put spécialement consacrer un livre aux affaires de Sparte? Il paraîtrait même que cette portion de son grand ouvrage fut considérable, puisque le seul passage qui en fasse mention dans l'antiquité en désigne le livre XVI^e.

— V. *Mémoires sur Agathocle*, travail important que Diodore ne cite qu'une fois⁽⁶⁰⁰⁾, mais qu'il avait probablement consulté souvent⁽⁶⁰¹⁾, et qui sans doute ne s'arrêtait pas aux seuls détails de la vie de ce prince, mais devait s'étendre à l'histoire générale de la Sicile.

— VI. *Recherches sur la Libye, Arioné*, qui ne sont nommées qu'en un seul endroit⁽⁶⁰²⁾, mais auxquelles doivent se rapporter quelques citations incertaines qui concernent cette contrée. Nous supposons bien gratuitement que ce fut après un voyage en Afrique qu'il composa ce livre; Samos avait conservé de nombreux rapports avec le roi d'Egypte, et Duris dont le frère Lyncée avait écrit un ouvrage sur ce pays⁽⁶⁰³⁾, avait peut-être lui-même visité avec ce dernier le pays, auquel tous deux avaient consacré des travaux spéciaux. Ce livre contenait sans doute plutôt des notions géographiques qu'une histoire régulière des peuples de la Libye; c'est du reste ce que confirment les fragmens qui nous en sont parvenus. Diodore avait profité probablement des notions recueillies par Duris, dans la partie de sa Bibliothèque historique qui concerne la Libye⁽⁶⁰⁴⁾. Ce qui nous reste des Libyques de Duris paraît avoir été disposé comme les livres de Diodore et Théopompe auquel, comme nous l'avons déjà dit, Duris avait emprunté le plan, *τὴν ἀνατολὴν* ⁽⁶⁰⁵⁾. Nous aurons à nous occuper plus bas d'un ouvrage de Duris touchant les Pyramides d'Egypte, que Pline cite avec un grand nombre d'autres travaux concernant le même sujet⁽⁶⁰⁶⁾. L'un des auteurs cités dans ce passage de Plin, Aristagoras, contemporain de Duris⁽⁶⁰⁷⁾ avait écrit spécialement sur l'Egypte⁽⁶⁰⁸⁾; et le chapitre, que Plin indique de cet écrivain, faisait sans doute partie de ses *Aegyptiaca*. Nous pourrions également supposer que le livre de Duris de *pyramidibus Aegypti* constituait une division de ses Libyques.

— VII. L'ouvrage qui dut le plus intéresser Duris en ce qu'il y racontait sa propre histoire, est intitulé *Σαμίω ἐπος*, *Samiensium fines*, ou *Σαμίω Ἔπος*,

(600) Excerpt. Vales. XXI, 560. Wesscl. Diod. XX, 89. Ecl. XXI, 12. Heyne, Comm. Götting. VII, 117. Id. ad font. Diodori Bipontin. t. I, p. LXXXIII. Voy. Ebert. Sicel. p. 78. et Diss. Sicul. t. p. 142.

(601) Ebert. l. l.

(602) Suidas, v. *Δαμιά*, t. II, p. 412. ed. Kuster. p. 2262. D. Gaisford.

(603) Athen. IV, 150. B.

(604) Diod. Sic. III, 49, 50, 51.

(605) Wickers, de Theopompi scriptis. Lugd. Bat. 1829. 8.^o p. 43.

(606) Plin., Hist. nat. XXXVI, 17, 3.

(607) Steph. Byz. in *Ταζάρχως*, Harduin, Indic. Script. in Plinio. v. Aristagoras, t. X, p. 276, ed. Franz. Lips. 1741. 8.^o

(608) Voy. Plin. l. c.

Annales selon les différentes leçons adoptées par différens critiques ^(xxx). M. Creuzer avait déjà fait prévaloir la première interprétation au sujet des ouvrages de même nature de Charon de Lampsaque et d'autres ^(xxv); et ce qui pourra confirmer cette opinion relativement à Duris, c'est que Strabon nous apprend que de tous temps Samos avait été l'objet de la convoitise des peuples voisins ^(xxx); Créophile de Samos dans un travail *περὶ τῶν ἑσπερίων ἔργων* avait également discuté les droits de sa patrie contre Ephèse ^(xxxv), ville avec laquelle des arrangements eurent lieu ^(xxxv). Mais ce qui nous sert particulièrement ici, c'est ce que nous connoissons des querelles des Samiens et des Priéniens, dont nous avons déjà parlé. C'était naturellement à Duris qu'il appartenait de défendre les possessions de Samos sur le continent, ce fut donc peut être l'objet de cet écrit sur les limites du territoire des Samiens. On a regardé comme du même ouvrage, dont le titre aurait été mal lu, un traité des choses sacrées, *περὶ τῶν ἱερῶν*, indiqué par Diogène Laërce ^(xxxv) et celui dont nous nous occupons ici ^(xxxv); on l'a rendu à sa prétendue genuinité, compromise par une prétendue erreur paléographique.

— VIII. Un traité *περὶ ἀγῶνων*, cité par Suidas ^(xxxv) et le scholiaste de Platon ^(xxxv), contenait sans doute des faits relatifs à l'histoire héroïque. C'est ce que paraissent prouver les fragmens rapportés par les deux auteurs que nous avons nommés. C'est peut être à l'occasion de sa propre victoire à Olympie, et pour la publier, qu'il avait écrit ce petit ouvrage qui ne paraît pas avoir été considérable.

— IX. L'objet du travail de Duris *sur les Pyramides d'Egypte* cité par Plin l'ancien ^(xxxv) ne nous est pas parfaitement connu. La variété de connoissances de Duris ne nous permet pas de préciser le point de vue, sous lequel avait été conçu le travail. Duris est cité parmi beaucoup d'autres auteurs, qui avaient écrit sur le même sujet; mais il est fâcheux qu'aucun d'eux ne nous soit parvenu assez complet pour mettre d'accord les historiens, qui nous ont transmis quelques détails sur ces monumens. Le texte d'Hérodote, sur lequel s'appuie la critique ^(xxxv), a été traité de bien des manières qui paroissent encore insuffisantes, puisqu'en dernier lieu M. Miot ^(xxxv), tout en introduisant une nouvelle leçon, n'a pas encore réussi à écarter les difficultés

(xxx) Schwaighäuser, *Animadv. in Athen.* IV, 77, t. II, p. 645-648. Panofka, *Res Samior.* c. I. §. I. p. I.

(xxv) Creuzer, *Historico. antiquissim. fragm.* p. 116-127.

(xxx) Strab. XIV, I. §. 20. p. 639.

(xxxv) Athen. VIII, 361, C. Casaubon. nott. brev. ad calc. ed. suæ. p. 758. note 6.

(xxxv) Strabon loc. supra laud.

(xxxv) Diog. Laërt. I, 118. ubi intpp.

(xxxv) Jonsius, *Scriptt. hist. pphice.* I, 3, 2. intpp. ad Laert. I. I.

(xxxv) Suidas, v. *Σελῶν ἀγῶνας*. t. III. p. 297. ed. Kuster.

(xxxv) p. II. ed. Ruhnken.

(xxxv) Plin, *Hist. nat.* XXXVI, 17, 3.

(xxxv) Herodot. II, 124.

(xxxv) Traduct. de Diod. Sic. I, 63. t. I. p. 126.

qui s'élèvent dans les textes comparés de Diodore et de Strabon. M. Letronne⁽¹⁰⁰⁾ rejetant l'opinion de M. Miot n'a pas expliqué la difficulté. Strabon donne quatre plèthres pour la mesure de chaque côté de l'angle, *πλευρά*. La somme de la hauteur et de la largeur à la base, selon Strabon, donne huit plèthres comme le calcul d'Hérodote. Mais il est certain que dans ce dernier la leçon vulgaire est corrompue; en sorte qu'au lieu de *καὶ ὅπως ἴσων*, ou de celle proposée par M. Miot *καὶ ὅπως ἰσότην*, à laquelle s'oppose M. Letronne, en rétablissant *καὶ τὸ ὅπως ἰσότην* nous aurons la mesure précise qui donnait quatre plèthres à la base et quatre plèthres à la hauteur de chaque côté de la pyramide, c'est à dire huit en tout, somme dans laquelle est comprise la hauteur; et les expressions, par lesquelles chacun de ces deux écrivains désigne le pan de la pyramide, indiquent en partie l'identité de leur calcul; l'expression *μέτωπον* d'Hérodote qui ajoute le mot *πρωταῖ*, dans tous les sens, signifie mieux que *πλευρά*, la somme du triangle mesuré de sa base au sommet et de l'un à l'autre des angles de la base.

—X. Duris avait aussi écrit en général sur la tragédie et en particulier sur *Euripide* et sur *Sophocle*⁽¹⁰¹⁾. C'était peut être un commentaire sur leurs tragédies, de la nature de celui de Lyncée, frère de Duris, sur Ménandre son rival et son condisciple⁽¹⁰²⁾. A cet ouvrage de Duris pouvait se rapporter un fragment concernant Eupolis le Comique, que notre historien, cité par Cicéron⁽¹⁰³⁾, prétendait avoir été jeté dans la mer par ordre d'Alcibiade; circonstance qu'Ovide raconte d'un Comique, qu'il ne désigne pas précisément⁽¹⁰⁴⁾, et que l'on a hésité à attribuer à Eupolis ou Ménandre, qui tous deux avaient péri de la même manière⁽¹⁰⁵⁾.

—XI et XII. On trouve encore attribué à un Duris deux ouvrages ou plutôt un seul dont le sujet était l'art, et qui, cité par Pline⁽¹⁰⁶⁾ et Diogène Laërce⁽¹⁰⁷⁾, a pris un double titre selon ce que ces auteurs y puisaient. Un traité sur la peinture, cité par ce dernier, *περὶ ζωγραφίας*, où Duris faisait mention d'un peintre nommé Thalès, était l'œuvre d'un écrivain portant ce même nom de Duris, différent selon quelques critiques⁽¹⁰⁸⁾ de l'historien qui nous occupe, doute que l'on serait sans doute bien embarrassé d'appuyer sur des motifs suffisants. C'est encore à un écrivain du même nom que Pline rapporte un traité sur la sculpture, *de Toreutice*, que l'on ne donne ni ne refuse à notre Duris

(100) Journal des Sav. avril, 1836. p. 241.

(101) Athen. IV, 184. D.

(102) Athen. VIII, 337. D. Pamphila ap. Diog. Laert. V, 36. Meineke, de Menandri vita et scriptis. p. XXXIII. Eudocia, Violar. p. 283. Suidas. v. *Αγορεύς*. t. II. p. 465. ed. Kuster.

(103) Cic. VI ad Attic. 1.

(104) Ovid. Ibis. 593. Voy. Runkelius de Eupolidis vita et fabulis. p. 81. Lips. 1829. 8.º

(105) Intpp. ad Ovid. l. c.

(106) Plin., II. nat. XXXIV, 19. 6.

(107) Diog. Laert. I, 38.

(108) Panofka, de reb. Samior. p. 93. Jousius, de script. hist. pphicæ. I. 3, 2. Vossius, de hist. græc. I, 2, 9.

de Samos, mais qui probablement lui doit être attribué, car une autre citation du même Pline^(xxx) contient d'après Duris une notion qui ne pouvait avoir été puisée que dans ce dernier ouvrage, puisqu'il concerne un sculpteur contemporain, Lysippe.

— XIII. Nous plaçons en dernier lieu l'*Épigramme sur Ephèse*, rapportée par Etienne de Byzance^(xxx), et dont nous avons déjà plus haut revendiqué la propriété pour Duris, d'après l'autorité de M. Frédéric Jacobs.

— XIV. Athénée ne cite pas d'une manière spéciale l'ouvrage que Duris paraîtrait avoir écrit *sur le luxe de Samos*, *περὶ τῆς Σαμῶν τροφῆς*^(xxx); il est probable que cette dissertation faisait partie du recueil désigné sous le n.^o VII.

— XV. Des fragmens sans désignation de l'ouvrage auquel ils devaient être rapportés, mais tous relatifs à l'*histoire de la philosophie*, et qui pour cela avaient été consultés par Diogène Laërce^(xxx), nous faisaient supposer que Duris avait pu traiter particulièrement cette matière. Nous ne pouvons cependant l'admettre positivement sur des renseignemens aussi restreints.

Nous sommes donc arrivés à la fin de ce long catalogue, dans lequel nous avons été obligés de réunir en faisceau et sans extension les différentes pensées, que l'ensemble des fragmens nous avaient suggérées. On juge par l'importance des écrits et du personnage lui-même qu'une réunion des différens morceaux, que l'antiquité nous a laissés parvenir des ouvrages de cet écrivain, auraient aux yeux des savans un véritable intérêt, et nous croyons qu'après les fragmens de Phylarque, que vient de publier M. J. Fréd. Lucht^(xxx), une édition des fragmens de Duris aurait autant de succès qu'elle aurait nécessité de recherches utiles et curieuses.

Lundi 14 Mars 1837.

N.^o 6.

LE PORT OTAGO.

Le port Otago, ouvert au N. NE. sur la côte orientale de l'île *Tāwai-Pōnnamou*, présente sur les cartes anglaises, les plus complètes en ce qui concerne cette partie de la Nouvelle-Zélande, une configuration absolument différente de celle que nous avons eu l'occasion d'observer sur les lieux en mai 1839.

L'entrée du port semble ne pas s'étendre au delà d'une demi-mille, quoiqu'elle offre sur les plans une ouverture de près de cinq milles. Après avoir

(xxx) Plin., Hist. nat. XXXIV, 19, 6.

(xxx) Steph. Byz. v. *Ἐφῆσος*.

(xxx) Athen. XII, 30. p. 525 E.

(xxx) Diog. Laert. I, 74. II, 19. I, 89. 82. Suidas v. *Ἰωάννης*. t. III, p. 22.

(xxx) Phylarchi Historiarum fragmenta collegit J. Fréd. Lucht. Lipsiæ, 1836. 8.^o 152 et XII.

suivi la direction du N-N.O. au S.S.E., depuis la hauteur de la presqu'île de Banks, la côte se détourne subitement et forme, par la saillie considérable qui ferme le port à l'Ouest, un golfe profond dont les rivages, couverts d'épaisses forêts, présentent l'aspect d'un vaste amphithéâtre circulaire. Les hautes montagnes qui s'élèvent au fond de ce golfe défendraient assez-bien, contre la rigueur des vents de S-S.O. et S.O. un navire, qui viendrait y chercher momentanément un abri, et la côte est assez saine en cet endroit pour permettre de s'en approcher avec quelque sécurité à une distance peu considérable. Il est assez important d'indiquer ces ressources, parceque les navigateurs qui chercheraient, aux approches de la nuit, l'entrée du port Otago, pourraient, sur la foi des plans anglais, s'enfoncer dans ce golfe qui n'y est pas indiqué, poursuivre leur marche avec confiance jusqu'au rivage, et après avoir perdu dans des recherches inutiles le temps favorable pour en sortir de jour, craindre d'y moniller jusqu'au lendemain. Les pêcheurs de baleines, les seuls navigateurs, qui aient pu acquérir des notions exactes sur le port Otago et ses environs, le regardent comme un abri peu sûr contre les vents d'Ouest et de Sud, qui soufflent violemment dans ces parages. La récolte d'huile n'y est pas, dit-on, plus abondante que sur les côtes plus septentrionales de l'île : dans le golfe de Pégase, par exemple, dont les rivages sont découpés par de nombreuses et d'excellentes baies, telles que Wanga-Oraï, Tokolabo, etc., presque toutes désertes, ou peuplées d'un petit nombre de naturels d'ailleurs bien disposés à l'égard des étrangers.

Le navire français le *Faune*, que nous y trouvâmes à Otago, quoique seul occupé à exploiter les ressources que ce port offre aux balciniers, a cependant opéré avec grande difficulté son chargement, commencé avec succès dans les baies de la Nouvelle-Hollande occidentale. Il est probable que le capitaine de ce navire n'aura pas dissimulé les obstacles qu'il a rencontrés à Otago, et que les pêcheurs expédiés depuis son séjour dans ce port, auront cherché, sur son avis, un autre lieu de relâche à la fois plus sûr, plus commode, et plus abondant en baleines. Il serait nécessaire, dans tous les cas, de dresser un plan exact de la baie d'Otago, et de publier un rapport détaillé sur les avantages et les dangers qu'elle présente ; car la manière, dont elle est indiquée sur les seules cartes que les marins français aient à leur disposition, pourrait donner lieu à de funestes erreurs. Si, depuis que les Anglais ont notifié la prise de possession de la Nouvelle-Zélande, il est encore permis aux Français de fréquenter ses ports, le grand nombre de pêcheurs, qui se réuniront dans ces parages, forcera les derniers arrivés à relâcher, pendant la saison de pêche, au mouillage dans les baies du Sud, peu connues et dangereuses à la fois par la présence des indigènes, qui n'ont pas encore, ou du moins rarement, reçu les Européens, et par la situation même plus voisine des lieux, où les vents soufflent avec le plus de violence, et où la mer est le plus constamment mauvaise.

Guido Malatesta.

(*Nouvelles Ann. des Voyages*, 1840, tom. IV pg. 373-375.)

VOCABULAIRE

NÉO-ZÉLANDAIS

L'investigation des origines de la nation mahouï, dans l'état où nous la voyons actuellement, semble n'être servie par aucun des documents sur lesquels se fonde l'archéologie américaine, science nouvelle qui n'a pas encore néanmoins fourni aux hommes distingués, qui s'en sont occupés, l'occasion de conclure d'une manière positive à l'égard des nations qui ont peuplé le nouveau continent.

La Nouvelle-Zélande n'offre pas de traces d'une civilisation ancienne ou récente, florissante ou anéantie, qui puisse procurer des points de comparaison avec les coutûmes de l'ancien monde; point d'annales écrites, d'arts développés, d'industrie traditionnelle. Les forêts étalent leur magnifique végétation sur un sol que l'homme ne leur a pas encore disputé, et le sauvage, peu soucieux de sa propre histoire, n'y élève aucun monument qui atteste un jour son passage.

Quelques mythes, une langue imparfaite, un petit nombre d'usages héréditaires, la représentation, suivant un type qui paraît emprunté, des idoles de leur culte; telles sont les seules données, qui puissent diriger dans les recherches sur les migrations de la race qui a peuplé la Nouvelle-Zélande.

Les Mahouïs qui habitent cette contrée appartiennent, dit-on, par leurs caractères naturels, à une famille de peuples originaires de l'Asie méridionale. Les tribus de cette même famille, en se dispersant dans des directions différentes, ont occupé diverses îles de l'Océan Pacifique séparées par de grandes distances. On comprend difficilement comment elles ont pu, à l'aide d'instruments imparfaits de navigation, traverser une étendue de mers aussi considérable. Ne se sont-elles donc pas répandues de proche en proche, en échelonnant leurs établissements, de sorte que quelques-uns d'entre eux devinssent le point de départ de nouvelles migrations? Enfin, les habitants de la Nouvelle-Zélande sont-ils venus directement de la métropole commune, ou bien se sont-ils fixés successivement dans différentes contrées?

La Nouvelle-Zélande d'un côté, les îles Haouaï, Madagascar, Formose, dans d'autres directions, figurent les extrémités des deux lignes qui s'étendent, du S.-O. au N.-E. et du N. au S.-E., sur des peuples qui conservent, à divers degrés d'évidence, dans les mœurs ou la langue de leurs habitants indigènes, les indices d'une origine commune. Ces deux lignes, en se croisant à la hauteur de l'Archipel indien, y fixent le point de départ central de toutes ces colonies. Il est probable qu'une grande révolution, dont l'histoire a du reste consacré le souvenir, a forcé les habitants de ces contrées à abandonner leur

patrie ; il ne serait même pas sans intérêt de constater, en observant la route que suivent les fugitifs, que la nation conquérante était descendue du N.-O. Les traditions des Mahouïs prouvent toutefois qu'ils se considèrent eux-mêmes comme issus d'un peuple dont ils placent le séjour au N.-E. de leur pays et chez lequel, disent-ils, les âmes des chefs se transportent après leur mort. La contrée, à laquelle ils font allusion, porte dans leur langue deux noms différents : l'un géographique, l'autre mythologique. Le nom mythologique est celui sous lequel ils désignent le ciel lui-même *Ta Reinga reinga* : l'autre qu'ils prononcent *Hianatst*, et que la relation du troisième voyage de Cook présente sous la forme *Heavenise*, rappelle assez bien le nom de Java, île qui fut, comme Sumatra, le siège d'une civilisation puisée à une source indienne, et en même temps le centre de cette révolution à la suite de laquelle ses habitants se répandirent sur les îles voisines et dans la presqu'île de Malacca.

Or, quelques traces des cosmogonies et des idées religieuses de l'Inde ancienne se rencontrent également dans la mythologie des Mahouïs ; cette influence de la civilisation des Hindous, établie à l'égard de Java, pour une époque très-reculée, se manifeste chez les Mahouïs, particulièrement dans la configuration monstrueuse d'une de leurs divinités, *Tipoko*, sculptée d'une manière invariable à la proue de leurs pirogues, et dont le caractère le plus saillant est le bizarre emblème de la langue tirée hors de la bouche, *Poutou*. Ce caractère, emprunté sans doute aux représentations de la déesse *Kali*, reparait chez les divinités infernales de différents autres peuples, telles que le Tonatiuh des Mexicains, le Typhon des Égyptiens et des Grecs, la Gorgone des peuples scythiques, le Charon des Étrusques, et doit être regardé, à l'égard de ces nations, comme le développement d'un même type, puisé à une source unique, et transporté à la Nouvelle-Zélande où il a survécu à d'autres éléments de civilisation. On concevra que ces petites idoles aient résisté aux différentes causes de destruction qui ont fait successivement disparaître les autres vestiges des arts apportés de la métropole, si l'on considère que, destinées à orner les pirogues sur lesquelles les Mahouïs s'étaient transportés sur les rivages qu'ils occupent aujourd'hui, ces figures d'une divinité qui préside à la guerre ont dû subsister aussi longtemps que ces mêmes pirogues, meuble trop nécessaire pour que l'usage en fût abandonné.

Ce que nous avons dit en quelques mots sur l'origine javanaise des Néo-Zélandais, semble confirmé par l'analogie que comporte le nom d'un de leurs héros fabuleux, *Toiaki*, frère du chef de leur race, *Mahoui*, avec le nom d'une peuplade qu'on rencontre à l'état sauvage dans quelques-unes des îles de l'archipel indien, les *Dayaks*, dont les coutumes barbares offrent de nombreux rapports avec celles des Mahouïs.

La conjecture, que nous formulons ici sans fondement positif, n'aurait quelque importance que si elle se trouvait d'accord avec les données que peut fournir la comparaison des langues et des traditions des Javanais et des Néo-

Zélandais ; mais ce parallèle qui exigerait des connaissances profondes et variées, est réservé à une main plus exercée. Toutefois, la ressemblance observée dès longtemps entre l'idiome malais et la langue des Mahouïs, entre les caractères physiques des races de l'Asie méridionale et des îles de l'Océanie, autorisait un rapprochement qu'il ne nous était pas donné de pousser plus loin.

Le petit nombre de mots, que nous donnons ici, a été recueilli en 1838-1839 chez les différentes tribus de Tokolabo, Akaroa, Pireka, Taoneroa et de la Baie des îles. Nous les avons transcrits avec la plus grande exactitude, en retranchant ceux qui, déjà connus par d'autres vocabulaires, n'offraient aucune variante dans la prononciation.

Un.	Ca ta.
Deux.	Ca roua.
Trois.	Ca toutou.
Quatre.	Ca ra.
Cinq.	Ca rima.
Six.	Ca ona.
Sept.	Ca vitou.
Huit.	Ca vadou.
Neuf.	Ca iva.
Dix.	Ca iagourou.
Onze.	Te kene.
Douze.	Te tatao.
Vingt.	Thou eraa.

Le préfixe *Ca*, que nous n'avons vu reproduit dans aucun des vocabulaires de cette langue, se retrouve ajouté aux noms de nombre javanais, dont il détermine le rôle ordinal.

Abside.	Te taou.
Albatros (plumes d').	To tooia.
Adieu (formule d').	Tapé.
Affixe qui implique signification passive.	Erou.
Aller.	Arre.
Ame.	Vaidoua ; cf. formosan, Vati. Papouah. Wat, <i>Dieu</i> . malai, diwata, <i>Dieu</i> .
Ami.	Téyo ou tayo.
Anneau.	Tahouti ?
Aus.	Te coumo.
Après-demain.	Rouapopo.
Arêtes de poisson.	Teve-ika.
Attacher.	Icata.

Aujourd'hui.	Araï.
Bague. V. Anneau.	
Baie.	Roä.
Baiser.	Hoi.
— Salutation en se frottant le nez mutuellement.	Houma.
Baleine.	Teke-oua.
— (Os de baleine façonné).	Te patou teve-hoa.
Bandelette pour ceindre la tête.	Copole te kaone; cf. malai, Kapala, tête.
Barbe.	Te paa.
Bataille.	Te atari.
Battements du cœur.	Te tapa.
Battre (se).	Emoto.
Beau.	Maï.
Beaucoup.	Nouï nouï.
Bec.	Te modou.
Blanc.	Teo teo.
Boire.	Finahou.
Bois en général.	Te ragoor; cf. malai, Kajoë; cingalais, Gauha, bois, cf. acajou. —
Bois de construction pour les pirogues.	Koudi.
Bon.	Pahi ou capahi.
Bonjour.	Teneragogho.
Bouche.	Te ouhaha (Akaroa). Te mangaï (Baie des îles).
Boucles d'oreilles.	Touriki.
Bouteille.	Te patara.
Bras.	Tao tao.
Bonaparte, homophonie.	Panapati.
Cachalot (os de — travaillé).	Te pagher te palaoua.
Casse-tête.	Te mere te patou patou.
Cendre.	Te poukalaou ou poukereou.
Chauve.	Paokini.
Chanter, chanson.	Eaka.
Chant funèbre.	Te pihé.
Chef de tribu.	Arikî.
— en général.	Rangatida, cf. javanais, Rangka, præfectus; et malai, Tita, mandatum.
Cheveux.	Te oulou oulou.
— (nœud de) sur le sommet de la tête.	Te gogo.

- Choux sauvage.
 — (racine des).
 — graine des).
 Ciel (mythologique; Paradis).
 — (astronomique).
 Cimetière.
 Cils.
 Coffre ou siège.
 Coût.
 Collier.
 Consacrer.
 Consacrée (poudre).
 Contrée fabuleuse d'où les Mahouïs
 sont venus.
 Cooper (le port).
 Coquillage.
 Corps.
 Côtes de balaine.
 Cou.
 Couchant (V. Soleil couch.).
 Coudes.
 Couleur (*in genere*).
 Cuisses.
 Cuivre.
 Cyprès (espèce de).
 Dangereux (V. Difficile).
 Danser.
 De, préposition.
 Déchirer (se — en lamentations).
 Défendu.
 Demain.
 Dents.
 Dieu en général.
 Dieu suprême.
 — du ciel.
 — des éléments et du tonnerre.
 — de la mort.
 — du jour.
 — des larmes.
 — tutélaire.
 — de la mer ou de l'eau.
 Difficile, dangereux.
 Te capiti (Akaroa). Te pola (Tokolabo).
 Te poulo.
 Te kakano.
 Raenga ou Rangui.
 Te gateraki.
 Tabou.
 Te gamou.
 Te papa. cf. fesses.
 Tokai.
 Te taïnako.
 Tapou.
 Poramamaï.
 Hiavatsi.
 Tokolabo.
 Te aoua.
 Te houma.
 Te paëka.
 Te kaki.
 Toukaringa.
 Ferou?
 Te hio.
 Te capa?
 Kaikatea.
 Eredo.
 No.
 Rapiher, cf. Pihe, chant funèbre.
 Tapou.
 Apopo.
 Te niho ou niéckh.
 Etoua, eatua.
 Maaoua.
 Mahouï rangui.
 Tovacki.
 Tipockô (Rockiola, Jules de Blosseville)
 Koukoula.
 Ekotoro.
 Rokou etoua.
 Taneva.
 Kato, cf. malai, Kata, forteresse, ville
 fortifiée; et Koëto, malédiction.

Doigts.
Dormir.
Dos.
Duel, combat singulier.
Eau en général.

Écraser la fougère.
Enfer.

Épingle.
Estomac.
Étoffe en général.
Étoiles.
Étoile (une — au nord).
— au sud.
— au sud, très-brillante.
Étrangers.
Être (soyez).
Fâché, mécontent, colère.
Femme.
Femme mariée.
Fenêtre.
Fer.
Fesses.
Fou (lumière).
Feu (chaleur).
Fille (petite).
Flamme.
Flûte.
Fort, forteresse.

Fougère (racines de).
Foyer.
Français (les), par onomatopée.
— par omophonie.
Front.
Funèbre (chant), *V.* Chant.
Fusil.
Fusil à deux coups.
Garde-manger ou hangar.
Génie tutélaire. *V.* Dieu.

Tao tao.
Moë moë.
Touala.
Outou.
Te va ou vai, cf. formosan, Vaaung,
mer; cinghalais, Weijsa.
Te pate, cf. Patou patou, casse-tête.
Ponoui. Po, ténèbres, Noui, beaucoup;
ou Pokino. Kino, méchant, (Hes
des amis.)

Ica, cf. Ica, arêtes, et Ica, attacher.
Te poukou.
Cahou ferou.
Te vatou ou fatou.
Aoutai.
Te patari.
Tagouroua.
Kaorai, cf. Kaoré, mauvais.
Kia.

Roa.
Te vainé. formosan, ina.
Terré tané.
Te malao.
Te ouaho?
Te papa, siège.
V. Flamme.
Te ai, cf. malai, Api; formosan, Apoçi.
Maïdé.
Te moulé.
Pangou.
Kava; cf. malai, Kawasa, puissance;
Kata, citadelle.
Te arouka.
Te cole ou cola; cf. cinghalais, Wala.
Te oui oui.
Te printé.
Te tahé.

Te pou.
Pou roua tangata.
Te oueta.

Genoux.	Te oua oua.
Gorge.	Kouma.
Graine de choux sauvages. <i>V.</i> Choux.	
Grand en étendue, en hauteur.	Taodematon.
Grand en puissance.	Rai.
Gros.	Oua.
Guerre.	Te gagari ; cf. malai, Kalahi.
Guerrier.	Ton.
Hameçon.	Ica mataou.
Hangar. <i>V.</i> Garde-manger.	
Homme.	Taata.
Homme (quant au sexe).	Tane.
Ile.	Motou.
Jambe.	Te tavaou.
Jade vert.	Pounamou.
Joues.	Te papariga.
Jour.	Te ra.
Lamentations. <i>V.</i> Chant funèbre, se déchirer.	
Langue.	Te aredo.
Langue tirée, emblème religieux.	Outou.
Levant (soleil —) <i>V.</i> Soleil.	
Lèvres.	Tekoutou (Tokolabo). Te goote (Akaroa).
Lit, siège.	Te moëgha te raga.
Lune.	Malama. cf. Javanais, wulan. —
Mains.	Te riga riga.
Maison.	Te fara.
Malade, souffrir.	Touka.
Mamelles.	Te ou.
Manger.	Kai kai.
Manteau.	Te cacaou. <i>V.</i> Étoffe.
Mari. <i>V.</i> Homme.	
Marta bay.	Pireka.
Mauvais (c'est —).	Cahoré.
Mécontent. <i>V.</i> Fâché.	
Menton.	Te kaoua. Te gou oua.
Mer.	Tai. Coréen, Ta hai.
Mère.	Medua.
Métal. <i>V.</i> Or.	
Mois civil.	Tau.
Mois astronomique.	Malama.

- Mollet.
 Montagne.
 Mort naturelle.
 Mort violente.
 Mur.
 Nacre de perle.
 Navire.
 Neige.
 Néo-Zélandais.
 Neptune. *V.* Dieu de la mer.
 Nestor (perroquet). *V.* Perroquet.
 Nez.
 Nœud de cheveux. *V.* Cheveux.
 Nombres. *V.* la liste en tête du voca-
 bulaire.
 Nombril.
 Nouvelle-Zélande; prononciation des
 Mahouïs.
 Nuit.
 Occiput.
 Œil.

 Oiseaux.
 Ongles.
 Oreilles.
 Oscille de mer. *V.* Ormeau.
 Organes de la génération.
 Organe mâle.
 Organe femelle.
 Ormeau. *V.* Coquillage.
 Ornement de plumes d'albatros. *V.*
 Albatros.
 Os de cachalot sculpté. *V.* Cachalot.
 Pagaie.
 Panier.
 Papier.
 Parler.
 Palates douces.
 Père.
 Perroquet nestor.
 Petit.
 Petite fille. *V.* Fille.

 Te ate ate.
 Te tari; cf. malai, Karang.
 Maté moë.
 Maté maté.
 Te tola.
 Pava pava.
 Caïpouke.
 Te ripitao ou vataona.
 Mahouï, mahouri (Akaroa).

 Te hioq.

 Fito?
 Nouï-Trenai.
 Te po. — Te cato (fokolabo).
 Te emi emi.
 Mata; cf. malai, Matahari, épithète du
 soleil: *oculus diæi*.
 Pekinini.
 Madigougou; cf. malai, Koko.
 Te varika. Dayak te talinga.

 Te oure.
 Te palaki; cf. malai, laki, homme.
 Te canati.

 Ehoë.
 Te kete.
 Iaouamo.
 Colcro.
 Koumara.
 Metua.
 Te kaka.
 Pekinini ou iti.

Petit garçon.	Te tomaili.
Peu de chose (formule des mendiants).	Poë poë.
Phormium tenax.	Te redeke.
— préparé.	Te oui tao.
Pieds.	Te papa nouï, te capou (Akaroo); papa, hase. Cf. fesses, siège, coffre.
Pierres.	Poatou.
Pigeon's bay.	Vanga oraï.
Pirogue.	Te ouaka.
Plaine.	Te paghi.
Pleurer.	Etaki.
Plomb de chasse.	Te vatou.
Pluie.	Te vâ; cinghalais, Vahunnay.
Plumes.	Te calalou.
Pois. V. Chévenx.	
Poisson.	Ika.
Poitrine.	Te Houma. V. Gorge.
Pommes de terre.	Te oreia.
Porte.	Te rolo.
Poudre consacrée.	Poramai.
Poules, gros oiseaux.	Te cacatoua.
Poussière, peu.	Te oné oné; cf. Coréen, Onaï.
Presqu'île du fond de la baie d'Akaroo.	Ona vai; cf. sable.
Prier.	Calakir.
Racine de choux sauvages. V. Choux.	
Racine de fougère. V. Fougère.	
Rouge.	Vero, ou ferou ferou.
Sable, cf. poussière.	
Sacré.	Tapou.
Sculptures de l'avant des pirogues.	Uighi.
Se battre.	Emoto.
Soleil.	Te râ; cinghalais, Ira.
— levant.	Tera caïpa.
— haut.	Tera calou.
— couchant.	Tera cataou.
Sortilèges.	Te tarakia; cf. malai, Tarka <i>divinare</i> .
Sourcils.	Toualamata; cf. dos et œil.
Tableaux.	Te kera.
Talon.	Te regariko.
Tatouage.	Te moko; cf. malai, Moëka, visage.
Terre.	Venuha. Waïgoo, Hennoua; Formosan, n'aï.

Tête.	Oupoko ; aliter : te malinga, ou te kadou.
Toit.	Te kiri.
Tonnerre.	Te tiri.
Tribu.	T'anga.
Tuer.	Matté.
Vent. souffler.	Te aoo.
Ventre.	Te copou ou te ope, te pëo (Akaroa) ; cf. Coréen, te pahi.
Village.	Te pâ.
Voiles.	Te ra.
Yeux.	Te gonohi, te gono (Akaroa) ; V. œil, Mata.

GUIDO MALATESTA.

(Ext. dos — *Nouv. Annales des Voyages*, tom. I de 1842, pags. 192 — 204.)

N.º 8

FRAGMENTO DE CHARTA

(A... RAOUL-ROCHETTE?)

SOBRE O VASO DA COLLECÇÃO POURTALES

Monsieur.

J'ai examiné plus attentivement la peinture du vase dont j'avais eu l'honneur de vous parler dans ma dernière lettre ; le temps m'avait manqué pour recueillir et rapprocher dans une seule soirée quelques uns des monumens qui pouvaient éclaircir, confirmer ou autoriser ma conjecture. Le peu de livres que je possède était loin de me suffire ; aussi, dès le lendemain je consultai dans les bibliothèques publiques les recueils de médailles, parmi lesquelles j'en trouvai quelques unes de celles de Cumès, dont le type se rapportait exactement et admirablement avec les détails de la peinture du vase. Ainsi, dans la description des méd. etc. de M. Mionnet (*Supplém. t. I. p. 238. n.º 271.*), une médaille d'argent présente au revers, avec la légende « *KYMAIZON* » un canard debout sur une coquille et tourné à droite (cf. p. 239. n.º 276, *Ibid.* où le même type se retrouve sans légende). Ce canard correspond exactement avec l'oie de la composition Etrusque, mais il n'aurait aucune importance s'il ne se trouvait remplacé alternativement sur les médailles de la même ville par une figure humaine terminée en poisson, portant des ailes à ses épaules (Mionnet,

descr. de méd. t. I. p. 111. cf. Rasche lexic. rei num. t. II. p. 299.). Ces deux types réunis nous offrent une analogie frappante avec le sujet représenté sur le vase de M. le Comte Pourtalès. Quant à la signification de l'oie sur ce vase, je n'avais pas osé m'y arrêter longtemps n'y trouvant rien de bien satisfaisant, surtout à cause de l'union de Némésis divinité Grecque avec Typhon, dont l'histoire se rapporte aux premières traditions Egyptiennes. Mais j'ai vu depuis, que cet animal consacré particulièrement à Isis (Pausan. X. 32. 9. t. III. p. 271. Paccius: *δίσκος*: [sc. τῇ Ἱσίδι]... καὶ χήνας καὶ ἕρπιδας τὰς μελεαγρίδας. cf. Picture d'Ercolano t. II. tav. XVI.) pouvait facilement avoir été transporté à Typhon, et remplacer Isis, témoin du châtimement de ce (génie?)......

N.° 9

NOTICE

SUR UN VASE REPRÉSENTANT TYPHON

Un beau lécythus dont la peinture, de style archaïque, le range dans la classe des vases de fabrique Tyrrhéno-Phéicienne, désignation qui, pour le dire en passant, a été substituée sans être plus satisfaisante, à la dénomination de vases de manière Egyptienne que M. Ed. Gerhard a maintenue, — ce vase, conservé dans la collection de M. le Comte Pourtalès Gorgier, à Paris, a été diversement expliqué par deux savans antiquaires, M. Panofka et M. Raoul-Rochette.

Le premier qui pouvait, dans l'ouvrage consacré à l'examen des monumens du même musée, donner quelque développement à son interprétation, s'est contenté d'exposer en peu de mots deux opinions contradictoires entre elles, sur le sujet de la peinture. (*)

M. Raoul-Rochette, en rendant compte, dans le Journal des Savans, (b) du travail de M. Panofka, a émis une nouvelle idée, sans s'y arrêter plus longtemps qu'il ne lui était permis de le faire dans un article de Journal.

Cette peinture qu'on connoit déjà par la belle plaque, qui a été publiée dans le volume de description du Cabinet Pourtalès, représente un personnage anguipède, sans nageoires caudales ou latérales, muni d'ailes recoquillées qui sortent, au nombre de quatre, des épaules du monstre: ce génie est dans une attitude qui paraît montrer qu'il fuit à gauche, il est pourvu d'une longue

(*) Panofka, Description des antiquités du Cabinet de M. le C^{te} Pourtalès Gorgier. Paris 1832. in f^o parvo. pl. XV, p. 67. sq.

(b) Journal des Savans, Avril 1835. p.

barbe et d'une chevelure épaisse : près de lui, dans le champ, on voit une oie, un dauphin et quelques fleurs répandues çà et là.

M. Panofka, en reconnaissant ici Nérée ou Cadmus changé en anguille, avouait que sa conjecture ne le satisfaisait pas ; Monsieur Raoul-Rochette, sans donner son opinion comme péremptoire, a rapproché de cette peinture la description que donne Bérose des images d'une divinité chaldéenne, d'Oannès, (*) qui existaient encore du temps de l'historien. (**) Mais il n'existe de ressemblance entre la représentation du vase et le dieu Oannès que sous un seul rapport : la forme de poisson conviendrait en effet au génie Chaldéen, mais il ne porterait pas d'ailes ; il ne serait pas anguipède seulement et porterait, en manière d'appendices, des pieds humains sous sa queue de poisson ; sa tête, également de poisson, serait surmontée d'une tête d'homme ; enfin les attributs qui servent à caractériser notre personnage seraient superflus sur une image d'Oannès. Il est encore difficile de croire que l'artiste ait introduit de telles modifications dans ce sujet, et qu'il l'ait traité de manière à ce qu'on pût confondre Oannès avec des génies de la mythologie grecque, qui n'ont avec ce Dieu aucun rapport d'origine. Les artistes d'ailleurs n'empruntaient pas au poètes les fables que ceux-ci avaient revêtues de leurs ornemens pittoresques, que pour les placer sous des yeux, auxquels elles fussent déjà connues ; or le mythe d'Oannès paraît être resté, chez les Grecs, étranger à la poésie comme à la peinture.

Le nom de Typhon semble pouvoir s'appliquer au personnage, que représente le vase qui nous occupe. Les motifs sur lesquels nous prétendons fonder cette explication vont être développés dans la suite de ce travail ; et il suffira de citer dès à présent un vers des Astronomiques de Manilius (*), pour mettre sous les yeux du lecteur un commentaire abrégé qui résume les principaux traits de la peinture de notre vase :

« Anguipedem atatis humeris Typhona furentem. »

Cette détermination du sujet semble être à la fois en rapport direct avec les idées populaires des Grecs sur la Gigantomachie, avec les traditions propres à la contrée où la peinture fut exécutée, la Campanie, dernier séjour du Géant, puis enfin avec la destination probablement funéraire du monument.

Le vase est en effet de la forme de ceux qu'on déposait dans les tombeaux (†), et dont les peintures manifestaient, d'une manière plus ou moins

(*) C'est aussi de cette manière que M. de Witte a expliqué une peinture à peu près semblable d'un vase de la collection de feu M. Durand. Voy. Description, etc. p. 130. n. 173. additions.

(*) Beros. fragm. p. 48. ed. Richer. cf. Photius. Biblioth. Cod. CCLXXIX. p. 1593. ed. Hoeschel. «... Τὸ μὲν εἶδος αἰῶμα ἔχον ἰχθύος, ὑπὸ δὲ τῆν κεφαλῆν παρακίεσθαι δύο ἄλλην κεφαλῆν ὑποκίετω τῆς τοῦ ἰχθύος κεφαλῆς, καὶ πόδας ὁμοίας ἀνθρώπου, παραπεφυκότες δὲ ἐκ τῆς σφύρας τοῦ ἰχθύος.... τῆν δὲ εἰκόνα αὐτοῦ εἶπε καὶ νῦν διαφυλάσσεινται.»

(*) Manilius, Astronomic. l. III. vs. 583.

(†) Aristoph. *Ἐκκλησιάζουσαι*. 997. Id. ibid. 1030. Ibid. 1117. Strab. VIII, 5, 23. p. 381. Cas. t. II. p. 137. Coraf. 585. B. Ahmel. Schol. Platon. Ruliken. p. 136. Schol. ad Pseudo-Diogen. ephr.

détournée, une intention funéraire (*). La figure propre à ce genre de vases n'avait peut-être pas été choisie sans motif: ces lécythus primitivement façonnés en bulle avec un col étroit et long, avaient une grande ressemblance avec les phallus de différentes matières que, chez les Egyptiens, on plaçait dans les sépultures. (**) On peut admettre qu'en offrant ces lécythus aux mânes des personnages ensevelis, on n'avait pas d'abord pour but de leur consacrer de simples vases à parfums, mais des objets dont la forme emblématique, allusive à la reproduction, révélât une croyance à la palingénésie. (†) J'ajouterai que l'un des noms de ce genre de vases chez les Grecs, le mot *Rhœa* ou *Bisaa* (‡), est lui-même d'origine Egyptienne (*), et rappelle le nom d'une divinité également Egyptienne, le dieu Besa (†), dont le culte mystérieux était propre à la localité d'Abydos dans la Thébaine (**), lieu de la sépulture d'Osiris (**) et des personnages Egyptiens distingués par leur fortune ou leurs fonctions. Ce nom Egyptien Besa transporté en Afrique, probablement par Cécrops, y désignait une peuplade ou une localité de la tribu Antiochide; cette circonstance confirme ce que nous essaierons d'établir plus loin relativement à l'origine Egyptienne du fondateur d'Athènes. Enfin, l'industrie des vases de terre cuite avait été apportée en Grèce par Minerve, et les lécythus, à l'aide desquels on répandait de l'huile sur les tombeaux, en rappelant les mystères du dieu Besa, nous rappellent aussi que Minerve avait introduit à Athènes la culture de l'olivier, propre, en Egypte, aux environs d'Abydos.

Avant de déterminer les rapports qui existaient entre la fable de Typhon et la Campanie, et sans rechercher les voies par lesquelles elle dut arriver en Egypte, je crois pouvoir admettre, sur la foi des monumens et par des combinaisons de renseignemens puisés chez les historiens et les poètes, que la fable de Typhon avait été transportée des bouches du Nil à Athènes, qui l'avait communiquée à ses colonies.

On n'admet pas généralement toutefois que le Typhon Egyptien et le même génie chez les Grecs aient une origine commune et puissent être assimilés l'un à l'autre. Je ne crois pas parfaitement juste la distinction établie

1. à Cod. Reg. Paria. 398. Voy. Notices des mss. de la Bibl. R. t. X, part. II, p. 226. not. 4. cf. Photii lexie. v. *Διζυθος*. Bekker, anecdot. p. 794, 20. t. II. Facius, excerpt. à Plutarch, c. 3. p. 23.

(*) Aristoph. l. c. vs. 997. *ὅδε (γρῆφες) τοῖς νεκροῖσι ζωγραφεῖ τὰς ληκύθους.*

(†) Plutarch. de Is. et Os. p. 365. Diod. Sic. l. 23. Creuzer, comment. Herodot. I, 55. 58.

(‡) Voy. Creuzer. l. I, 58. sq.

(§) Hesych. v. *Διζυθος*, *Bisaa* ἑλάνου. cf. eund. v. *Εὐατρολόχουθεν* κῆρυ καὶ *βίσσα*. Meursius, glossar. graeco-barbar. v. *Rhœa*. Opp. t. VI, p. 249, ed. Lamé.

(*) Letronne, Rech. s. les noms des vases. p. Ce mot se compose peut être de deux autres: «tombe — et — fête, ornement —. J. Rossi, Etymol. *Æg.* p. 35. traduit ce mot par *fragmens de cadavre*.

(†) Euseb. Hist. Eccles. VI, 41. Jablonsk. Panth. *Æg.* V, 7, t. III, p. 200.

(**) Amm. Marcell. XIX, 12. Cf. Creuzer, comment. Herodot. p. 101, nt. 74.

(*) Plin. II. N. V, 9, 11. Sur les mystères d'Abydos, voy. Porphy. ep. ad Anb. *Æg.* p. 6. ed. Gal. Jamblich. de myst. *Ægg.* sect. VI, 5. p. 117. et. Cap. 7. p. 149.

d'une façon exclusive par Jablonski à ce sujet; les différences qu'il signale, quoique considérables, à son avis, «*toto caelo distant*» (*), ne pèsent que sur quelques détails de forme, que l'imagination des Grecs, les circonstances de l'introduction du mythe dans leur théologie, ont dû faire varier, comme il arrive à l'égard de quelques autres religions étrangères. On sait que, jaloux de la gloire d'avoir seuls inventé ce qu'ils devaient à leurs rapports avec les autres nations, ils altérèrent les fables empruntées, tout en en conservant le fond; c'est ce que remarque Jamblique au sujet de leur mythologie: *πάντα κατὰ τὴν ἑαυτῶν εὐφροσύνην μεταπλάττειν*. (†). L'art et la poésie eurent la mission d'en voiler l'origine.

Cependant je me réserve de montrer plus loin que, sauf la forme de serpent donnée le plus souvent par les Grecs, au géant, modification dont j'essaierai de découvrir les causes, tout est conforme entre le Typhon représenté sur les monumens Grecs et sur ceux de l'Egypte.

Les différences qu'on remarque dans la généalogie de Typhon chez les Egyptiens et chez les Grecs, et qui seraient, ce semble, le plus grand obstacle à l'assimilation des deux fables, peuvent disparaître absolument, si nous empruntons à Jablonski lui-même les observations qu'il avait réunies relativement à un autre objet. Comment se fait-il que ce savant se soit plu à reproduire des argumens si faibles au fond, pour distinguer le Typhon des deux mythologies, quand il avait ailleurs donné des preuves positives en faveur de la confusion des deux inventions? Si les Grecs, en effet, regardent Junon (‡) ou la Terre (§) comme mère du géant, les Egyptiens le font naître de Rhéa (¶); or, de l'aveu de Jablonski, cette double généalogie se réduit à donner pour mère à Typhon l'Athor des Egyptiens; une seule divinité connue des Grecs sous le double nom de Rhéa et de Junon (¶). La manière dont cette déesse le conçut, suivant les Grecs, sans la participation d'un Dieu (¶), coïncide également avec l'explication que donne Plutarque de la puissance de Rhéa qui, seule, engendra cinq Dieux, Osiris (¶), Isis, Typhon, Orus et Nephthys, c'est à dire, les cinq élémens: «*καὶ τὴν Πέραν Αἰγύπτου μυθολογοῦσι πέντε θεοὺς «*τερεῖν, ἀνιπτόμενοι τὴν ἙΚ ΜΙΑΣ ὙΛΗΣ τῶν πέντε κόσμων γένεσιν.*» Si, suivant une autre légende, le Tartare (¶) chez les Grecs, Saturne (¶) chez les Egyptiens*

(*) Pauth. *Æg.* I. V. c. 2. § 2. t. II, 41. Francof. 1750.

(†) Jamblich. de myster. § VII. c. 5. p. 115. ed. Kiessl.

(‡) Hymn. in Apoll. 307, sq. Stesichor. ap. Etym. M. in *Τυφίαν*... «*Ἦρως μήνη*». Eudoc. Violar. p. 406. Villos. cf. Heyn. ad Apollod. I, 6, 3. p. 78. Eustath. ad H. B. p. 345.

(§) Apollod. cum Hesiod. theog. 821. Cf. *Æschyl.*... Apoll. Rhod. II, 38, 39. Antonin. Liberal. Metamorph. fab. XXVIII.

(¶) Plutarch. de orac. def. p. 429, fin. — Id. de Is. et Osir. 355, F, 356, A. Diode. Sic. I, 13, t. I, p. 17. Wesseling.

(¶) *Jano inferius coeli hemisphærium sorte accepit*, Hierapoll. Hierogl. I, 11. quod ad Athor refert Jablonski, I, 1, 14. t. I. p. 23. Cf. eund. t. I, p. 142. t. II. c. 1, § 9.

(¶) Cf. not. (¶).

(¶) Typhon Osiris frater, opp. var. ad Calc. Justini Martyr. p. 23B, ed. 1615.

(¶) *Terrâ solâ ant terrâ et tartaro*. Schol. ad H. B. 782. Hesiod. theog. 821. Etym. M. 772, 50, 700. Virg. Georg. I, 278. Apollod. I, 6, 3. Hygin. fab. 152. Apoll. Rh. II, 38, 39.

(¶) Plutarch. de Is. et Os. 355.

prennent part à la naissance de Typhon, considérons que les Grecs, en nous transmettant les opinions des Egyptiens sur l'origine de Typhon, disposèrent des noms usités dans leur propre langue pour désigner les divinités étrangères, et donnèrent le nom de Saturne à Phtha, Sérapis et Anubis, dont le rôle, dans la mythologie Egyptienne, se confond avec celui des Dieux des enfers chez les Grecs. Ainsi Saturne et le Tartare qui nous sont donnés dans l'une et l'autre théologie comme pères de Typhon, représentent une même idée; Typhon fils de Rhéa et de Saturne ne devra donc pas être distingué de celui que les Grecs font naître de Junon et du Tartare.

Je trouve également peu fondés les doutes exprimés par Jablonski à l'égard de l'identité des noms de Typhon dans la langue des deux nations. Il me semble impossible qu'on trouve en aucune autre occasion des rapports plus évidens entre deux noms; quelles difficultés ne devrait on pas élever dans ce cas au sujet du nom Grec de Minerve, reconnu comme Egyptien par les anciens eux mêmes^(*), apporté en Europe par la colonie de Cécrops, et formé bien évidemment des élémens anagrammatizés du nom de Neith ou Neitha. Si cette transformation, usitée à l'égard de quelques autres noms de divinités étrangères, ainsi que j'aurai lieu de le faire remarquer plusieurs fois dans ce travail, n'empêcha pas cependant d'admettre leur identité, nous ne pourrions considérer que comme accidentelle et comme nuance dialectique la différence observée dans la terminaison des noms *Typhon* et *Typhoeus*, et nous regarderons comme caractéristique de leur commune dérivation la conformité des radicaux, qui ne pourrait être rapportée au hasard sans soulever des nouvelles difficultés et peut être sans contrarier la raison.

Après avoir reconnu l'identité des deux légendes de Typhon, nous essaierons de suivre les traces de l'importation du mythe Egyptien en Grèce, en ayant égard, autant qu'il est possible de le faire, aux rapports des temps et des localités. Cette fable peut être en effet considérée sous un point de vue plutôt historique que religieux, et, ce sont les événemens qui donnèrent, lieu à son invention, les contrées qui ont été le théâtre de ces mêmes événemens, qui nous permettront d'envisager, suivant l'esprit des nations qui l'adoptent, les modifications et les développemens, que subit successivement l'idée qu'elle consacre. Ce que remarque Diodore de Sicile (IV, 45.) à l'égard de l'ancienne mythologie qui, suivant lui, n'est pas une invention pure et simple, mais une suite de traits empruntés à l'histoire et présentés d'une manière détournée, cette appréciation, dis-je, confirme singulièrement l'interprétation, que nous allons donner du mythe de Typhon et de plusieurs monumens, qui en représentent quelques circonstances. Ce que racontent les légendes Grecques des changemens de séjour du Géant, se trouve, il faut l'avouer, peu d'accord à la

(*) Cf. Pausan. IX, 12, 2. qui donne le nom de *Σαῖς* à la Minerve d'Egypte, et le nom d'*Ὀρξα* à la Minerve Phénicienne. Cf. Steph. Byz.

première vue, avec les récits des prêtres Egyptiens relativement au Typhon de leur mythologie. Pour ceux-ci, Typhon quitte l'Egypte sans que le lieu de sa retraite soit déterminé. Vaincu par les Dieux, il est chassé d'Egypte et plonge dans le lac Sirbonis ou dans la Méditerranée. Suivant les Grecs, la Cilicie, la Thrace, la Lycie, la Campanie, deviennent le théâtre de la lutte qu'il entreprend contre les Dieux et de la défaite qui la termine.

Si l'on considère que les Egyptiens, trouvant dans leur territoire, dans leur commerce intérieur, dans leur constitution politique des garanties suffisantes de prospérité, s'inquiétaient peu du sort des nations étrangères et, si l'on admet que la présence des Pasteurs dans la basse Egypte leur avait fourni les élémens de la fable historique de Typhon, on concevra facilement qu'après l'expulsion de ceux-ci, la mer Méditerranée et le lac Sirbonis, limite orientale du Delta, qu'ils traversèrent dans leur fuite, soient devenus pour les Egyptiens le dernier asile du génie malfaisant, sous les traits duquel les Phéniciens étaient figurés dans la tradition.

Le rôle abstrait de Typhon représentant une lutte d'élémens propres à toutes les contrées, à toutes les sociétés, ce personnage allégorique se manifesta aux Grecs, possesseurs du mythe emprunté, dans toutes les localités où ils rencontrèrent les traces d'un fléau quelconque et la résistance d'un ennemi. Aussi multiplièrent ils sous mille formes et sous autant de noms que de formes, le type que leur avait fourni l'Egypte, et dans lequel la plume des poètes puisa les traits d'une immense prosopopée.

Pour confirmer les assertions précédentes, je vais entrer dans quelques détails relativement à l'emploi que je viens de signaler, de la légende de Typhon, comme une allégorie destinée à rappeler la domination des Pasteurs. J'examinerai ensuite les circonstances qui donnèrent lieu, en Grèce, à l'usage de cette même fable, pour exprimer un ordre de faits à peu près analogues.

Après la fuite de Moïse, la partie de la basse Egypte qui avait été habitée par les Phéniciens, rappelant de detestables souvenirs, les villes qu'ils y avaient construites⁽⁸⁶⁾, telles qu'Alaris⁽⁸⁷⁾, furent désignées dans le langage mystique des prêtres, κατὰ τὴν θεολογίαν, comme les anciennes demeures de Typhon, πόλεις Ἰωφὴν Τυφῶνος, ainsi que s'exprime Manéthon.⁽⁸⁸⁾ Suivant quelques théologiens qui veulent évidemment, dit Plutarque, faire intervenir les affaires des Juifs dans le mythe de Typhon, τὰ Ἰουδαϊκὰ παρῆλκοντες εἰς τὸν μύθον, deux chefs du peuple Juif, Hierosolymus et Judæus, avaient pour père Typhon qui les avait mis au monde après s'être soustrait aux poursuites d'Isis...

⁽⁸⁶⁾ Synall. p. 61. A. Cf. Exod. I, 8.

⁽⁸⁷⁾ Assimilée à Péluse (Cheremon. ap. Jos. pr. Ev. I. p. 1057. Marsham, Chronic. Canon. Eg. sac. VIII, p. 107. Cf. Banier, Acad. Inscr. Mém. III, 125.), à Sethron (de Pauw, Œuvr. philos. t. V, p. 226.), à Python.

⁽⁸⁸⁾ Manéthon. ap. Jos. c. Apion. l. I, p. 1040. Cf. Ptol. Mendes. ap. Euseb. pr. Ev. X, 12. p. 497. A.

λέγοντες σωθέντα τὸν Τυφῶνα γεννησάι παῖδας Ἱεροσόλουμον καὶ Ἰουδαῖον. S'il s'agit ici, comme cela est probable, de la retraite des Hébreux sous la conduite de Moïse, ce patriarche, qu'il soit ou ne soit pas réellement le père de ces deux chefs du peuple Juif, dont le nom ne se rencontre pas dans l'Écriture, paraît avoir été comparé à Typhon dans les traditions de l'Égypte, et avait sans doute reçu à cette occasion le nom d'Osarsiph⁽⁴⁴⁾, que Jablonski décompose en Ousir-Tseph, destructeur d'Osiris, et que d'autres ont traduit par πυρσῶνος⁽⁴⁵⁾, de couleur de feu, épithète attribué également à Typhon. Je crois non seulement que les Phéniciens et leurs chefs avaient été désignés sous des noms propres à exprimer l'horreur que leur mémoire inspirait, mais que le nom de Typhon était celui même de quelques uns des chefs de familles Juives établies en Égypte, tels que Tsibbon⁽⁴⁶⁾, Sepho⁽⁴⁷⁾, Tsiphon et Tzéphon⁽⁴⁸⁾, qui passa avec cette signification dans la langue des Égyptiens, de même que dans les traditions de notre occident, les souvenirs de l'irruption des barbares du Nord, le nom d'Attila qui les rappelle s'est perpétué dans nos proverbes; de même encore que le nom seul des Cosaques, des Bédouins est devenu dans le langage populaire l'expression de la haine et l'équivalent des plus fortes injures. Le génie du mal doit donc n'avoir été connu chez ceux-ci, sous cette dénomination que dans les temps postérieurs à l'expulsion des Pasteurs; il faut sans doute aussi rapporter à cette origine le nom de Seth⁽⁴⁹⁾, qui s'appliquait encore au même personnage mythologique.

Enfin, une tradition rapportée en termes très obscures dans une phrase vicieuse de Plutarque, représentait Typhon comme fils de l'Hercule fils d'Isaac: οὗ γὰρ ἄξιον προσέχειν τοῖς Φρυγίοις (?) γράμμασιν, ἐν οἷς λέγεται Χαρυπίως, τοῦς μὲν τοῦ Ἡρακλέους γενέσθαι θυγάτηρ, Ἰσαακοῦ δὲ τοῦ Ἡρακλέους ὁ Τυφῶν. Quoique Plutarque regarde cette tradition comme indigne de confiance, parceque peut être les prêtres Égyptiens avaient refusé de lui en expliquer le sens, elle me paraît de quelque importance pour l'argument que je traite ici. J'ai cru pouvoir corriger la phrase de cette manière:... τοῖς Φρυγίοις γράμμασιν, ἐν οἷς λέγεται Ἰακωβοῦ, τοῦ καὶ Ἡρακλέους, τοῦ Ἰσαακοῦ, γενέσθαι ὁ Τυφῶν. C'est à dire: « ce que racontent les livres Phrygiens⁽⁵⁰⁾ ne mérite pas de nous arrêter: on y trouve un Typhon fils de Jacob, l'Hercule [Israélite], fils lui-même d'Isaac. » Cette généalogie désignerait sous le nom de Typhon l'un des descendants de Jacob, surnommé Israël et fils d'Isaac.

(44) Manethon. ap. Joseph. I. c. Apion. §. 26.

(45) Gaulmin. de vita Moysis, nott. c. III, n.º 196. p. 108. ed. Hamburg. 1714. 8º.

(46) Genes. 36, 2. 20. 24.

(47) Ou Tsepho. Ib. 36, II. 20. 23.

(48) Genes. XXXVI, II. Ibid. 2, 20. XLVI, 16. XXXVI, 20. 23. Num. XXVI, 15.

(49) Plutarch. de Is. et Os. p. 357. D. Il dit que ce nom était usité dans le Nord de l'Égypte, et que de là le nom de Sethron.

(50) Cic. de N. D. III, 16. dit que l'Hercule Égyptien avait écrit des traditions Phrygiennes — Phrygius litteras conscripsit. — Jablonski interprète Phryg. litt. par Φρυγ. λόγῳ. Opp. t. III. p. 62. note C. ed. Te Water.

La qualification d'Hercule que la phrase de Plutarque, ainsi restituée, attribuerait à Jacob, est également, comme je vais le prouver, une conjecture très raisonnable et fournit une notion précieuse.

L'analogie seule des noms d'Hercule et d'Israël peut passer pour un argument en faveur de leur confusion; ce que nous raconte la Genèse de la force athlétique de Jacob pourrait encore, à défaut d'autres preuves, faire admettre que l'Hercule Grec, célébré dans les chants populaires comme un prodige de force et de valeur, pouvait avoir été comparé, sous ce rapport, par les descendants Phéniciens de Cadmus, au petit-fils d'Abraham: l'Hercule Thébain, dit Diodore de Sicile⁽¹⁾, n'était qu'un imitateur de l'ancien Hercule, c'est à dire, de l'Hercule Phénicien. Mais outre cela les noms d'Hercule et d'Israël ont la même signification dans la langue des Hébreux et dans celle des Grecs. Israël, dont le nom s'explique dans la Genèse⁽²⁾ par le mot prince ou roi, correspond au nom de l'Hercule Phénicien⁽³⁾ Melkarth, que l'on traduit par *princeps urbis*⁽⁴⁾. Ce nom répond encore par sa signification au mot Copte Dsom Ennuti, *uirfus Deorum*⁽⁵⁾, car c'est par les mots «rectura Dei» que S.^r Jérôme⁽⁶⁾ interprète le nom d'Israël, et que Macrobe⁽⁷⁾ traduit le nom d'Hercule. Enfin, les localités qu'avaient occupées les Israélites en Egypte étaient consacrées à Hercule et avaient reçu une dénomination dérivée du nom de cette divinité: la terre de Gosen portait en effet le nom de tribu Héracléotique⁽⁸⁾, qui équivaldrait, dans cette hypothèse, à la désignation de nom Israélitique, et le nom de *Ἡρακλεοβουκόλοι*, qu'Etienne de Byzance⁽⁹⁾ explique par *Ἀγρονομική συνουσία*, indique évidemment les Israélites Pasteurs, transportés en Egypte, *Ἀγρονομίᾳ συνουζόμενοι*.⁽¹⁰⁾

Pour arriver au but que je me propose accessoirement dans ce mémoire, de prouver que ce fut sous l'influence d'une colonie Egyptienne que le mythe de Typhon se développa en Grèce, je ferai remarquer que la ville d'Athènes fut le centre, d'où il se répandit dans les autres parties de la Grèce, et que

(1) Diod. Sic. I, 24. Cf. III, 73. Herodot. II, 43.

(2) Genes. XXXII, 29.

(3) Phil. Byz. ap. Euseb. pr. Ev. I, 10. Euseb. de laudib. Constantini, p. 532. ed. Vales.

(4) Cf. Selden. de Diis Syris. Synt. I, et 6. p. 183. 185. ed. Reger.

(5) Bochart. Geogr. sacr. part. II, lib. 2. c. 2.

(6) Jablonski, Panth. Aegypt. I, II, c. 3. 5. 4. Cf. Gerhard. et Calovius (ad Genes. 22, 29). Klouz. (de angelol. p. 246.). Holtinger (Thes. philol. p. 5. et Hist. Orient. p. 36. et Smeg. or. p. 348.). Sixt. Amama (antib. Bibl. p. 269.). Rehaer (de republ. Rbr. ab initio). Fessel. (adversar. I, IV, c. 3. p. 319).

(7) in les. 44. et Mal. c. I. Cf. Selden. de Synedr. I, II, p. 41. Fessellii adversaria, I, IV, c. 3. p. 319.

(8) Macrobi. Sat. I, I, c. 20.

(9) Jablonski, de terrâ Gosen, diss. III, §. 3. t. II. p. 111. et diss. VI, §. 1. p. 167. §. 3. p. 169. §. 4. p. 171, 172. Opp. ed. te Water.

(10) Stéph. Byz. v. *Ἡρακλεοβουκόλοι*.

(11) Ne peut-on pas encore comparer Israël, nourri dans le désert par la manne du Seigneur, à l'Hercule, qui dans les mêmes circonstances reçoit de Cérès la nourriture nécessaire à son voyage, *alimen*? Porphy. de abst. c. XXIV. Lobeck, Agl. 897. Cfert Plutarch. quæst. Rom. c. 28.

par cette cause même les localités, dans lesquelles cette métropole fonda des établissemens et dans lesquelles elle eut à combattre les hommes ou les élémens qui faisaient obstacle à la possession et l'exploitation du territoire, ces localités, dis-je, devinrent dans le langage des poètes le théâtre des luttes et de la défaite de Typhon.

Mais comme il n'est pas admis dans les nouvelles doctrines historiques que le fondateur d'Athènes fut Egyptien, je vais exposer en quelques lignes les motifs, qui me font accueillir de préférence l'ancienne opinion, quelque surannée qu'elle paraisse. En me voyant suivre le sentiment de Fréret, on ne sera pas tenté de regarder le mien comme une conjecture gratuite; s'il est vrai, d'ailleurs, qu'on doive se garder de ressusciter les idées et les systèmes vieillies, lorsque les erreurs sur lesquelles ils étaient fondés ont été démontrées par des monumens nouveaux ou par des procédés de critique jusque là négligés, on devra remarquer qu'il n'en est pas ainsi dans ce cas, et que la question relative à l'origine de Cécrops, Phénicien selon quelques uns, n'est servie de nos jours que par les mêmes textes et les mêmes documens, qui avaient conduit d'autres critiques à considérer Cécrops comme Egyptien. Les argumens invoqués en faveur de la nouvelle opinion ont été réunis ainsi par M. Raoul-Rochette, qui la partageait et la défendait à l'époque où il publia son histoire de l'établissement des Colonies Grecques.

1. Cécrops apporta en Grèce le culte de Neptune qui répugnait à l'Egypte.
2. Parmi les Athéniens se trouvaient des familles d'origine Phénicienne, qui ne pouvaient être de la suite de Cadmus, qui donc, faisaient partie de la colonie de Cécrops.
3. Des descendans de Cécrops s'établissent en Syrie.
4. Cécrops vient de Saïs, la plus ancienne résidence des Pasteurs.
5. L'époque de la colonie de Cécrops concourt avec celle de l'expulsion des Pasteurs.
6. On rencontre en Chypre des sacrifices humains institués en l'honneur de la fille de Cécrops, Agraule, genre de sacrifices propre aux Phéniciens.
7. Les habitans de Saïs, ville occupée par les Phéniciens, conservèrent toujours des relations amicales avec les Athéniens à cause de leur affinité.

Ces sept propositions, si toutefois les faits qu'elles allèguent sont d'une autorité incontestable, peuvent se réduire aux questions suivantes, qui ne mettent en doute que les conséquences qu'on en a tirées.

Le culte de Neptune répugne-t-il à l'Egypte? — Si les Egyptiens avaient la mer en horreur, comme on l'a affirmé sur le témoignage de Plutarque, il faut en premier lieu rejeter comme des fables ce que l'histoire nous a transmis au sujet de leurs émigrations sous la conduite d'Inachus, de Lelex, de Danaüs, il faut élever des doutes à l'égard de leur commerce sur le Golfe Arabe, à l'égard aussi des expéditions de Sesostri. Un historien contemporain et disciple

du poète Callimaque, Ister, avait écrit un ouvrage spécial sur les colonies des Egyptiens, *Αἰγυπτιῶν ἀποικίας*. Or, à moins de supposer que ces nombreuses colonies, dont Diodore de Sicile ⁽¹⁰⁾ a fait aussi mention, ont été fondées en Afrique ou en Syrie seulement, il faut nécessairement admettre que les Egyptiens avaient, dans quelques circonstances, mis de côté leurs préventions à l'égard des communications par mer. La circumnavigation de l'Afrique par les ordres de Néchao roi d'Egypte, les tentatives faites par un autre monarque de cette contrée pour réunir les deux mers, sont des faits qui démentent ce qu'on a avancé, d'une manière trop générale, relativement à l'antipathie des Egyptiens pour la mer. Le traité de Plutarque où l'on a trouvé cette notion, consacré à l'examen des mythes d'Isis et d'Osiris, renferme des traditions qui, par suite des rapports qu'elles conservent avec la religion, doivent être interprétées comme des allégories. Cet auteur n'avait d'ailleurs pas dit que l'eau de la mer fût odieuse aux Egyptiens dans tous les lieux et dans tous les temps; bien au contraire, il ne désigne à ce sujet que la mer qui baigne les côtes du Delta, la partie dans laquelle se jette le Nil, *εἰς ἣν ὁ Νεῖλος ἐκπίπτει*, regardée comme la demeure du génie malfaisant. Ainsi restreinte à une seule localité et considérée comme une opinion religieuse, cette antipathie des Egyptiens s'adresse, comme je l'ai dit plus haut, aux Phéniciens qui, établis sur les côtes de la basse Egypte, y exerçaient le brigandage et la piraterie, et exploitaient seuls le commerce de la Méditerranée, au préjudice et au regret des Egyptiens.

C'est pour cette raison qu'après l'expulsion des Phéniciens, ceux-ci transportèrent le nom de Typhon à la partie de la Méditerranée, sur laquelle s'ouvraient les ports de la Phénicie, et le nom de Nephthys, sœur de Typhon, à la portion du territoire de l'Egypte qui confinait à cette même contrée. Ces modifications suivirent également la raison des temps; ainsi, à une époque postérieure à l'expulsion des Phéniciens, les idées changèrent à l'égard de la navigation de la mer Méditerranée qui n'était plus regardée comme l'asyle de Typhon, si ce n'est dans les souvenirs, *θάλαττα, πλοῦς ἈΝΘΩΕΝ Τοφωας*, comme Manéthon s'exprimait au sujet des habitations terrestres des Pasteurs en Egypte. L'eau de la mer au temps d'Euripide était devenue, chez les prêtres Egyptiens, un remède à tous les maux ⁽¹¹⁾; car le poète Athénien, qui en avait éprouvé les vertus bienfaisantes, en avait proclamé les mérites dans ces vers :

Θάλασσα κλύει πάντα τ' ἀνθρώπων κακὰ. —

Enfin, si le culte de Neptune répugnait à l'Egypte à l'époque où Cécrops entreprit son voyage, ce même Dieu paraît n'avoir pas été beaucoup plus en honneur à Athènes, ainsi qu'il résulte de sa dispute avec Minerve, dans laquelle

⁽¹⁰⁾ Diod. de Sic. I, 29. cite positivement Athènes au nombre des colonies dont les Egyptiens s'attribuaient la fondation.

⁽¹¹⁾ Isis salus *nautica* *agrolis* bona, quæ *medicamina* repererat. Diod. Sic. I, 25. Tibull. I, ælog. 3. vs. 27.

il succomba : dispute dans laquelle on peut voir, si l'on veut, car je ne m'arrête pas à cette explication ^(xx), l'embarras de Cécrops qui, favorisé dans sa traversée par un Dieu qu'il n'honorait pas dans son pays, lui laisse le soin de conquérir sur le culte de la protectrice de la Colonie, les actions de grâces qui lui sont dues. Il n'est pas d'ailleurs prouvé que Cécrops ait introduit en Attique le culte de Neptune ; Clavier, qui l'avait conclu du récit d'Apollodore au sujet de cette même dispute, avoue que les anciens n'ont rien dit à cet égard d'une manière positive, et M. Raoul-Rochette, qui apporte cet argument en preuve de l'origine Phénicienne des Athéniens, avoue plus loin (p. 126. t. I.) que « le culte de Neptune, originairement apporté en Grèce par Ogygès avait été remplacé par celui de Minerve, lors de l'établissement de Cécrops : ce fut Erechthée successeur immédiat de ce prince (M. Rochette pouvait ajouter et usurpateur) qui rétablit le culte de Neptune négligé sous Cécrops. » L'une de ces deux opinions contredit évidemment l'autre.

Comment se fait-il encore que M. R. Rochette ait voulu nier que Cécrops fut Egyptien, en attribuant à ce prince l'introduction du culte de Neptune en Attique, quand il donne à Erechthée, qu'il considère comme le restaurateur de ce culte négligé sous Cécrops, une origine Egyptienne, que les anciens eux mêmes n'ont pas admise, ainsi que le fait remarquer Clavier. Si Erechthée Egyptien s'est montré favorable au culte de Neptune, il n'était donc pas nécessaire que Cécrops fut Phénicien pour l'adopter, ^(xxi)

La présence à Athènes de quelques familles Phéniciennes a donné lieu de supposer qu'elles devaient leur origine à la Colonie de Cécrops, et que ce chef de colonie devait être Phénicien. C'est, je crois, un argument plus contradictoire que favorable à cette conséquence. Puisque ces Phéniciens, parmi les quels Harmodius et Aristogiton par exemple descendaient des compagnons de Cadmus (Herod. V, 55.), faisaient exception parmi les Athéniens, les colons amenés en Grèce par Cécrops, et qui devaient composer en grande partie la population d'Athènes, revendiquaient donc une origine différente : le nom de Géphyréens commun aux Phéniciens établis à Athènes ^(xx) et aux Tanagréens de Béotie ^(xxi), prouve encore que les uns et les autres avaient conservé, même après leur séparation, les indices d'une origine semblable, et qu'ils se mêlèrent, sans se confondre, avec les Athéniens, accueillis par ceux-ci comme réfugiés ^(xxii) ou en toute autre qualité, après la fuite de Cadmus. Si l'on remarque en effet que le meurtre de Penthée, l'un des Spartes tué par les Bacchantes au nombre des

^(xx) Apollod. Biblioth. III, 14, 2. Constantin. Geopon. IX, 1. Plutarch. Sympos. IX, § VI. Augustin. de civ. Dei. XVIII, 9. Menander. Rhetor. I, 16. Clavier in Apollod. l. l. p. 489.

^(xxi) Il admet (t. I. p. 73. sq.) qu'Inachus est Egyptien, et il lui attribue l'introduction du culte de Neptune.

^(xxii) Hesych. v. *Φυγάς*. Dinarch. ex Dionys. Halicarn. ap. Bochart. Chanaan. t. I. p. 21.

^(xxiii) Strabo, IX, 404.

^(xxiv) Pausanias, VIII, 1. Strabo, IX, 602. Thucydide, I, 2. Herodote, V, 57. montrent que les Athéniens recevaient tous les étrangers émigrés. Cf. note ^(xxx)

quelles se trouvait Agave, fille de Cadmus, donna lieu à l'expulsion de ce prince, et que c'est dans la ville de Tanagra que les mystères de Bacchus furent (pour la première fois?) célébrés par des femmes, on verra que cette ville de Béotie put être le siège des désordres, qui firent passer le pouvoir des mains de Cadmus et de ses descendants entre celles de Nyctæus à Thèbes et d'Orion à Tanagra, et que les Phéniciens établis dans cette ville durent l'abandonner lorsqu'elle tomba au pouvoir de princes ennemis de leur race. Ceux qui se réfugièrent à Athènes conservèrent avec le titre de Phéniciens, propre aux Béotiens de Cadmus, le nom particulier de Géphyréens qui rappelait les désastres de Tanagra, les quels avaient été la cause de leur émigration. Les mêmes craintes se répandirent parmi les Phéniciens de Thèbes qui, à l'époque de l'usurpation de Nyctæus, trop nombreux pour demander tous l'hospitalité à Athènes, prirent la fuite dans différentes directions: Cadmus chercha un asile chez les Eucéléens, d'autres Phéniciens furent accueillis à Athènes^(11b) où le nom de *θηβαγενεῖς* conservé dans quelques familles^(11c) les distinguait du reste des Athéniens, *ἰθαγενεῖς*^(11d) ou authentiques descendants des Cécropides ou premiers colons.

Que si l'on demande pourquoi les Athéniens ont reçu des Phéniciens, s'ils n'avaient avec eux aucune affinité, je répondrai que, suivant le témoignage unanime des anciens, ils se montrèrent toujours très disposés à accorder le droit de cité aux étrangers^(11e); qu'ils n'accueillirent pas seulement des Phéniciens, mais des Joniens, des Pélasges, exploitant leurs forces et leur industrie aussi longtemps que leurs intérêts politiques les y engageaient; les expédiant dans des colonies lointaines, quand leur nombre ou leurs dispositions donnaient quelqu'inquiétude. Cadmus lui même avait admis à Thèbes les Aones, avec lesquels les Phéniciens n'avaient eu jusque là rien de commun; il avait accepté pour gendre l'un des Spartes, Echion, d'abord son ennemi, et lui même avait épousé la fille d'un Pélasge. On ne saurait donc conclure de l'établissement de quelques Phéniciens à Athènes, que ceux-ci y avaient été conduits par Cécrops; encore moins que Cécrops lui même était Phénicien.

M. Raoul-Rochette ajoute au nombre de ses preuves que la postérité de Cécrops s'établit en Syrie. Céphale fils de Mercure et d'Hersé, suivant Apol-

(11b) Autonoe, fille de Cadmus, se transporta en Mégaride dans le bourg Erenia, où l'on voyait son tombeau au temps de Pausanias. I, 44. 8.

(11c) Ephor. ap. Ammon. de diff. verbor. p. 70. Valcken. §. 26. p. 122. fragm. ed. Meier « Μακρ. ἠθηβαγενεῖς... τοὺς τοὺς Ἀθηναίους ὁμόνομος προσηγορεύοντες ἰδίᾳ προσηγόροντο » « πολλοὺς ἔπειτα ὕστερον δὲ οἱ σήμερον ἦσαν πολλοὶ ἄλλοι. Ἐνέμωτο δὲ τὴν ἐπὶ « τὴν Κεφαῖονα κορυφῇ, καὶ τὴν ἀποικιστὴν (λεζαν καὶ τὴν ἀποικιστὴν) τὴν Εὐβοίας. » « Ἐκαλοῦντο δὲ ἠθηβαγενεῖς ὅτι προσηγόροντο τοὺς ἄλλους ἠνωτοῖς διὰ ἠθηβαίων. » M. Meier Marx ajoute que l'histoire ne fait pas mention de cette émigration: ipsa historia luce caret.

(11d) Hesych. I, 137. *Ἀιγαυοτόμιον ἰθαγενεῖς τοὺς Ἀθηναίους* (an ἀιγαυοτόμιον — quasi ex pagis atticis collecti).

(11e) Vöy. note (11a). Adde: Jacobs ad Anthol. t. IV. p. 132. S.¹⁶ Croix, sur les metèques, Acad. inser. Mém. t. 48. cit. par Lobeck. Agl. 19. note. Pausan. VII, 1. Strab. IX, 602. Thucyd. I, 2. Herod. V, 57.

Iodore, fut enlevé par l'Aurore⁽¹⁰⁷⁾ et transporté en Syrie; il est clair que cette fable ne signifie rien autre chose si ce n'est que Céphale, par amour pour une princesse d'Orient, se détermina à quitter sa patrie, mais avec quelque difficulté, puisque sa fuite fut considérée comme un enlèvement. Antonin le libéral⁽¹⁰⁸⁾ et Ovide ont confondu ce Céphale fils d'Hersé avec un personnage du même nom et contemporain du premier Céphale fils de Deïon. Je n'oserais pas affirmer qu'ils ont eu de bonnes raisons pour en agir ainsi; on remarquera cependant que l'un et l'autre est petit-fils de Cécrops; qu'ils abandonnent tous deux Athènes d'une manière violente; le fils de Deïonée va former un établissement en Orient pour échapper à la fureur de Cécrops ou d'Erechthée, dont il a tué involontairement la fille⁽¹⁰⁹⁾; le fils d'Hersé n'obéit à sa passion qu'avec une hésitation qui donne lieu de croire qu'il est enlevé par l'aurore; l'île de Céphalénie, dans laquelle se transporte le premier, est située sur une côte que les anciens connurent sous la dénomination générale de Syrie ou Phénicie. Il y aurait donc quelque raison de confondre en un seul ces deux personnages; dans tous les cas, l'établissement de chacun d'eux en Syrie n'ayant lieu que par suite de circonstances fortuites, on ne peut en conclure que Cécrops ait eu rien de commun par son origine avec les Phéniciens.

S'il était vrai que Cécrops eût institué des sacrifices humains en l'honneur de sa fille Agraulé, on pourrait se servir de cet argument pour prouver que le fondateur d'Athènes était étranger à l'Egypte, où ces usages⁽¹¹⁰⁾ étaient en horreur. Eusèbe⁽¹¹¹⁾ et Porphyre⁽¹¹²⁾, qui nous fournissent ce renseignement, sont-ils bien dignes de foi? Si Cécrops avait établi en Chypre le sacrifice d'une victime humaine en l'honneur de sa fille, pourquoi n'aurait-il pas conservé les mêmes usages à Athènes et à Rhodes, où il avait, à son passage dans cette île, fondé un temple de Minerve⁽¹¹³⁾. Nous voyons au contraire qu'il donne à sa colonie des lois sages et humaines⁽¹¹⁴⁾, et, loin de consacrer des usages barbares, il interdit tout sacrifice sanglant⁽¹¹⁵⁾ et substitue aux victimes ordinaires une espèce de gâteaux, *ἀγάρθου*, désignés dans le langage mystique sous le nom de *πύλαρος*.⁽¹¹⁶⁾

(107) Cf. Orion aimé de l'Aurore, et que Pherecyde dit être f. de Nept. et d'Euryale et d'autres auteurs de la terre (Apollod. I, p. 15), voulut faire violence à Opis et fut *παλαιόμενος* par Diane. Lascher, ad Herodot. IV, 35. t. III. 440. sq.

(108) Antonin. liberalis. Narr. XII. Ovid. Metam. VII, 672. Cf. Clavier ad Apollod. III, 14. t. II. p. 467. note 4.

(109) Procris est en effet la fille de Cécrops suivant le scholiaste d'Apollonius de Rhodes. I, 212.

(110) Raoul-Rochette, Hist. de l'établiss. des colonies grecques, t. I. p. 171.

(111) Euseb. Chronic. proœm. p. 55. G. Synell. Chronogr. p. 153. Isidor. Orig. VIII, 11.

(112) Porphy. de abstinentia. II, §. 54. Vossius, de Idolol. I, 21. Opp. t. I, p. 160.

(113) Diod. Sicul. V. 56.

(114) Diod. Sic. I, 16. Cicero, de legg. II, extrem. Philochor. ap. Strab. IX, 397. fragm. p. 16. ed. Siebelis. Larcher, Acad. des Inscri. Mém. t. XLVII, p. 22. Creuzer, Symbolik. Introd. t. I. part. I. p. 87. trad. Franc.

(115) Pausan. VIII, 2. cf. Aristoph. Pac. 1020. Alian. Var. hist. VIII, 3. Plato, de legg. VI, p. 782. Porphy. de abst. II, §. 29. sq.

(116) Pausan. VIII. 2. cf. Sannyrion ἐν Ἑλλάδι, ap. Harpocraton, v. *πύλαρος*.

πύλαρος καλοῦμεν ἑμῆς οἱ θεοὶ

"Α καλεῖται σεμνῶς ἀγάρθ' ὕμῃς αἱ βροταί.

Clavier avait également élevé des doutes sur ce point, prétendant que Cécrops n'avait pu faire rendre lui-même les honneurs divins à sa fille^(ppp). Mais une circonstance plus favorable à la réfutation de ce fait, et que Clavier avait négligée, c'est que, suivant Apollodore^(qqq), la fille de Cécrops, à la quelle aurait été sacrifiée en Chypre une victime humaine, était née longtemps après le séjour de Cécrops dans cette île, puisque la mère d'Agraulé qui portait également ce nom était fille d'Actœus et n'avait dû épouser Cécrops qu'après l'arrivée de ce prince en Attique.

Enfin, dit-on, les relations amicales que les habitans de Saïs conservèrent avec les Athéniens^(rrr), prouvent que la colonie conduite par Cécrops de Saïs en Attique, se composait de Phéniciens expulsés d'Égypte à l'époque même de son départ^(ss). Cette circonstance me paraît établir au contraire que ces colons étaient Égyptiens.^(uu) Si les indigènes de Saïs chassèrent les Phéniciens qui occupaient leur ville, il ne dut évidemment y rester que des Égyptiens; les habitans de Saïs n'eussent donc conservé pour les Athéniens qu'un souvenir d'horreur, s'il était vrai que ceux-ci eussent fait partie des hordes de pasteurs expulsés de Saïs à cette époque. On ne peut croire en effet que les raisons, pour lesquelles les Égyptiens avaient pris les Phéniciens en aversion, aient pu déterminer entre eux des rapports d'amitié. Pourquoi d'ailleurs les Égyptiens ne manifestèrent-ils pas à l'égard des Colonies fondées par les Pasteurs les mêmes dispositions que les habitans de Saïs à l'égard des Athéniens? Cette ville ne fut cependant pas la seule de toute l'Égypte qui repoussa les Phéniciens, et ceux-ci fondèrent sans doute plus d'un établissement après avoir abandonné l'Égypte. Il est plus naturel de croire que, si l'époque de l'expulsion des Pasteurs correspond à l'arrivée de Cécrops en Acté^(vvv), les Égyptiens jusque là privés du libre développement de leur marine trouvèrent dans cette circonstance une occasion favorable à l'essor de leur navigation; devenus maîtres des navires que les Phéniciens, dans leur fuite, avaient abandonnés, ils traversèrent facilement une mer devenue libre et dans laquelle Typhon n'exerçait plus ses brigandages.

On me pardonnera cette digression que je n'ai prolongée, au delà peut-

(ppp) Clavier. hist. des prem. temps, etc., t. I. p. 146. note.

(qqq) Apollod. III, 14, 2.

(rrr) Plato. Tim. p. 21, F.

(ss) Raoul Rochette, Hist. de l'établ. des colon. grecques, t. 1, p. 116.

(uu) Diod. Sic. l. p. 24. « *Ἦθος Ἀθηναίων ἀντιπαιὸς εἶναι Σαΐτων, τῶν δὲ Ἀγρόπριον.* »

Il en donne pour preuve la conformité des usages des Saïtes et des Athéniens de son temps: cf. Theopomp. ap. Proclum in Tim. Plat. p. 30 ed. Brasil. vel in fragm. CLXXII. p. 95. ed. Weichers. et p. 223. ubi not. ampl.

(vvv) À plus forte raison si elle est antérieure, comme donnerait lieu de le croire le témoignage d'un grand nombre d'écrivains anciens. Polemon ex Africano ap. Buseb. præp. Ev. X, 9, Syncell. Chronogr. p. 121, ap. Justin. Martyr. cohort. ad Græcos p. 10. A. ap. Cyrill. I. adv. Julian. p. 13. ed. Spengheim. Plolom. Mendes, Hellanicus, Philochorus, Castor et alii ap. Justin. et Cyrill. II. dd. Origen. contra Cels. IV. p. 167. Italian. or. contra Græcos. p. 172. Cf. Sturz, ad Hellanic. p. 114. Les éditeurs des *Attides* Lenz et Siebelis ont omis les fragmens de Philochore et de Castor, que je viens de citer.

être des limites permises, que parce qu'il importait beaucoup à mon sujet de prouver que Cécrops était Egyptien. J'ai d'ailleurs d'autant plus de raison d'être surpris qu'on ait voulu lui donner une autre patrie que l'Egypte, que tous les anciens sont d'accord sur ce point ou que, du moins, ils ne lui donnent jamais une origine Phénicienne.

La légende de Typhon devait être familière aux habitans de Saïs, dont le temple consacré à Minerve, principale divinité de cette ville, était regardé comme le lieu de la sépulture d'Osiris^(vii). Cécrops donc, après s'être transporté en Grèce, y avait pu introduire cette fable propre à sa patrie. Il faut d'ailleurs, je crois, regarder ce chef de colonie comme le propagateur de la religion Egyptienne en Grèce. Les noms des Dieux avaient été presque tous apportés d'Egypte, suivant le témoignage exprès d'Hérodote, qui avait recueilli à cet égard des informations concluantes : *σχεδὸν δὲ πάντα τὰ θεῶματα τῶν θεῶν ἐξ Αἰγύπτου ἐλήλυθε ἐς τὴν Ἑλλάδα*. Il ne détermine, il est vrai, aucune époque et ne désigne pas celui auquel il en attribuait l'introduction en Grèce. Mais en faisant dériver de cette source, suivant ce qu'il avait appris des prêtres Egyptiens, les dénominations des Dieux de la Grèce, exceptés Neptune et les Dioscures, Vesta, Thémis, les Grâces et les Néréides, il sousentend les noms de Saturne, de Rhéa, de Jupiter et de Minerve, qui sont précisément les Dieux que l'on regardait comme introduits en Grèce par Cécrops.

Il est donc vraisemblable que les mythes relatifs à la Gigantomachie, dans laquelle Minerve et Jupiter jouent le principal rôle, arrivèrent en Grèce par cette même voie et dans le même temps que ces divinités. Mais cette fable, qui résumait primitivement la lutte d'un seul génie contre les Dieux, subit bientôt des modifications de forme et partagea l'action entre plusieurs géants, à mesure que les influences funestes qu'ils représentaient se multiplièrent et se montrèrent sous des aspects différens.

A son arrivée en Acté, contrée qui embrassait alors toute l'Attique et la Bœotie, Cécrops eut à résister aux Pélasges, qui s'opposaient à son établissement. Cette première rencontre fut considérée par les colons Egyptiens comme une manifestation du mauvais génie, de même que l'invasion des Pasteurs en Egypte avait été regardée comme une apparition de Typhon. La désignation d'autochtones, fils de la terre qu'ils habitaient, que se donnaient eux mêmes les Pélasges, devint donc l'équivalent de géants, ennemis farouches et cruels. Aussi voyons nous dans Etienne de Byzance^(viii) les mots Pélasges et géants employés comme synonymes. Hésychius^(ix) explique *Ἠλιάγανες* par *γίγαντες, παλαιὸι, γήγενεῖς*,

(vii) Hérodote. II, 170. inculte. Creuzer. Comm. Her. c. II, § 12. p. 135, 136.

(viii) Steph. Byz. v. *Ἀρκίς* p. 166. sq. ed. Berkel.

(ix) Hesych. h. v. t. II. p. 955. Il faudrait peut être lire: *γίγαντες, οἱ παλαιὸι καὶ γήγενεῖς*.

suivant la correction de Stanley qui s'appuie sur un passage de Callimaque ⁽¹²²⁾. Enfin ces indigènes ne connaissant l'usage ni des sacrifices ni des idoles ⁽¹²³⁾ durent passer aux yeux des colons pour une nation sans culte et sans croyance; ce qui explique la qualification d'impies et d'athées donnée par les Grecs aux Géants.

Toutefois Cécrops, après s'être emparé du pays, épousa la fille d'Actœus, le roi des Pélasges qu'il avait détrôné. Cette circonstance paraît avoir été remarquée chez les anciens, qui considèrent Cécrops comme l'instituteur du mariage. C'est de là, disaient ils, que ce législateur avait tiré l'épithète de *δῖπος*, qui cependant équivalait suivant ces mêmes auteurs à la qualification de *δρακοντάης*, doué de la double nature d'homme et de serpent. Il est difficile de donner une explication raisonnable de cette double épithète, qui paraît avoir beaucoup embarrassé les critiques. Pourquoi Cécrops avait-il été revêtu dans les traditions attiques de ce caractère propre aux Géants si, loin d'avoir montré des mœurs féroces, ce fondateur d'Athènes avait au contraire introduit en Grèce des coutumes douces et humaines? Si l'on se rappelle que la forme de serpent distinguait les Spartes et leurs descendants, ainsi que le prouvaient les sculpteurs du tombeau d'Epaminondas, et que ces Spartes n'étaient que des Pélasges, on pourra supposer que Cécrops, marié à la fille d'un Pélasge, peut être caractérisé dans la tradition et la poésie comme pourvu de la double forme d'homme et de dragon, allusion dont le sens avait pu se perdre dans la suite des temps, de manière à donner lieu à une foule d'interprétations plus ou moins intelligibles. Erichthonius né de ce mariage ou, selon d'autres, de Vulcain qui, ayant voulu faire violence à Minerve, doit être considéré comme étranger à la cité d'Athènes, avait également reçu la qualification de *δρακοντάης*, peut être pour la même raison; c'est ce que ne veut pas dire Pausanias.

Enfin l'établissement de Cadmus dut encore, en apportant des nouveaux troubles en Grèce, produire sur les compagnons de Cécrops un effet analogue à la résistance des Pélasges, et fut sans doute caractérisé de la même manière dans les fables athéniennes. Conon du moins paraît regarder l'arrivée de Cadmus comme ayant donné lieu à l'invention du mythe des Géants, qu'il considère comme les Phéniciens qui colonisèrent la Béotie. Cadmus, dans tous les cas, fut, selon la tradition, transformé en serpent; ce qui indique, dit Eustathe, qu'il adopta la manière de vivre des barbares; Harmonius avait subi la même métamorphose.

(122) Stanl. in *Æsch. Prometh.* 351. In apparatu Sam. Butleri. p. 49. ed. Hal. Sax. 1832, 8.^o
Callimach. H. in *Jov.* V. 53.

Cf. les troupeaux de Pélagon que Cadmus rencontre en Béotie. *Apollod.* III, 4. *Paus.* IX, 12

(CHARTA A UM DISCIPULO DE FONTENAY-AUX-ROSES)

Ménars-le-Château. 19 Décembre 1843.

Votre charmante lettre, cher ami, m'a fait grand bien ; si vous ne m'eussiez pas écrit j'aurais pensé que vous n'en aviez pas le temps, j'aurais supposé tout ce qui pouvait excuser votre silence, car je vous connaissais trop bien pour admettre que vous aviez entièrement oublié une personne, à laquelle vous êtes aussi cher, qui avait essayé de vous le témoigner, et à laquelle aussi vous aviez bien voulu montrer quelque attachement, pendant votre séjour en France. Votre cousin, M. Machado, sait et vous a peut-être dit combien j'ai été touché de votre départ. J'espérais tant de joie en vous voyant venir à Ménars ! Mais vous êtes heureux d'être dans votre pays ; je me console donc et je jouirai de votre bonheur, si vous voulez bien m'en informer par lettres. Vous allez, dites vous, partir bientôt pour Coïmbre « pour finir vos études, afin de pouvoir être quelque chose dans le monde. » Je vous souhaite toutes sortes de succès ; mais, cher ami, permettez-moi de vous parler librement, comme si nous avions le même âge, et ne croyez pas en me voyant raisonner un peu sérieusement que j'aie l'intention de continuer à votre égard le rôle que j'avais à Fontenay. Coïmbre, que je ne connais que par les traités de géographie, a, comme université, une bonne et une mauvaise réputation ; peut-être a-t-on exagéré en disant que les étudiants y font des cure-dents, ce qui signifierait qu'ils y mènent, pour la plupart, une vie oisive. Cela ne peut être vrai pour la totalité des étudiants ; mais peut-être pour le plus grand nombre.

Je connais votre caractère ; il est vif et passionné ; vous avez un excellent cœur, une intelligence très heureuse ; mais vous vous laissez facilement subjugué par l'attrait du plaisir, lorsque vous avez sous les yeux des exemples nombreux ; de même aussi que des relations heureuses peuvent vous être très favorables ; vous avez votre bon cœur pour vous bien diriger, et des passions pour vous laisser entraîner. Choisissez des amis sages et laborieux ; tâchez, dès le commencement de votre séjour à Coïmbre, d'éviter les occasions de dissipation ; habitez-vous à une vie paisible et régulière ; travaillez beaucoup, surtout dans les premiers temps ; vous contracterez l'habitude du travail et dès lors il vous deviendra facile et fécond. Ce qui a lieu à Paris, parmi les étudiants, doit avoir lieu aussi à Coïmbre ; il y arrive, de tous les points de la France, des jeunes gens bien élevés, pourvus des meilleures dispositions, des intentions les plus généreuses ; une mauvaise liaison suffit pour les engager dans une voie funeste ; car, si ceux qui donnent de bons conseils font usage des argumens, ceux qui en donnent de mauvais se servent des mêmes instrumens de

conviction; et, comme c'est l'avenir seul qui donne raison aux uns, tort aux autres, et qu'il ne nous est pas donné de voir clair dans l'avenir, on subit le charme des argumens qui plaisent, on néglige les raisonnemens utiles. Puis les jeunes gens placent mal leur amour propre; un jeune homme dissipé, oisif, voluptueux, passe pour avoir des mœurs élégantes; celui qui travaille reste presque inconnu; mais celui qui a été laborieux à l'Université devient, quand il en sort, un homme distingué; les éloges et les succès qu'il obtient plus tard sont des reproches pour ceux qui n'ont pas suivi son exemple; ils regrettent lorsqu'il n'en est plus temps, d'avoir compromis tout leur avenir dans des plaisirs qui n'ont duré que deux ans.

Pardonnez-moi, cher ami, de vous dire toutes ces choses, quoique je n'en aie aucun droit; je n'ai pas la prétention de vous donner des conseils qu'on ne vous ait pas déjà donnés; mais je vous parle comme je ferais à un frère que j'aimerais tendrement; vous pouvez donc excuser ma franchise. Soyez donc bien circonspect dans vos liaisons, ne vous pressez pas trop dans le choix de vos amis; ceux qui seront les meilleurs ne s'offriront à vous que les derniers, parcequ'ils auront eux-mêmes cette prudence que je vous recommande d'avoir. Vous verrez plus tard, quand vous retrouverez cette lettre dans vos vieux papiers, si vous me faites l'honneur de la conserver, que votre vieil ami de Fontenay vous aimait sincèrement.

Notre collège de Ménars est en voie de prospérité; Monsieur Tavares le dirige avec une activité extraordinaire et obtient, dès aujourd'hui, les meilleurs résultats; il a rétabli la discipline qu'un désordre de plusieurs années avait cruellement compromise; les études ont été jusqu'ici très faibles, mais avec le soin qu'apporte Monsieur Tavares dans leur direction, je ne doute pas que le Collège ne devienne florissant sous ce rapport, comme sous tous les autres.

Ma santé est toujours chancelante; elle ne me permet pas de continuer le service auquel je m'étais engagé. Monsieur Tavares me l'a fait observer ces joursci; comme je craignais que ce fût un prétexte pour m'engager à opérer une retraite volontaire, je lui ai demandé s'il avait quelque secret motif de mécontentement à mon sujet, je l'ai prié de me dire s'il voulait ainsi me remercier de mes services; il m'a répondu de la façon la plus claire, avec une extrême bienveillance, qu'il n'avait jamais eu de reproches à me faire, que ma manière d'être lui avait toujours paru honorable, qu'il me portait un grand intérêt et qu'il ne négligerait aucun des moyens que je lui indiquerais de m'être utile ou agréable. Je comprends qu'il est fâcheux, dans un établissement, où le personnel est déjà trop considérable, d'avoir des professeurs dont la santé ne leur permet de s'acquitter que d'une partie de leurs fonctions; j'ai donc donné ma démission, me réservant, quoique Monsieur Tavares m'ait engagé à rester aussi longtemps que je voudrais, de me retirer le plus tôt qu'il me sera possible de le faire.

J'avais depuis longtemps songé à quitter la France où, depuis quelques années, des peines de famille m'ont isolé et profondément blessé. Lorsque nous étions encore à Fontenay, M. Jordão m'avait proposé d'aller au Brésil; ce projet m'avait plu; mais comme j'aurais dû partir avec lui, je n'ai jamais essayé de presser son départ, qui devait être préjudiciable aux intérêts de Monsieur Tavares. Plus tard, M. Farrobo m'a proposé, sans que je l'eusse sollicité à cet égard, d'écrire à son père, à mon intention, pour le prier de m'accorder un emploi, qui pût être à la fois honorable et facile, et qui s'accordât avec les exigences de ma mauvaise santé. J'ai accepté cette offre avec empressement; il a écrit, et nous attendons depuis longtemps une réponse qui tarde bien à venir. Il engageait son père à demander à Monsieur Tavares des renseignemens sur moi, lorsqu'il aurait trouvé quelque occupation qu'il pût me confier; mais cette restriction était peu raisonnable, parce que Monsieur le Comte Farrobo devait désirer être éclairé sur ma personne, avant de m'informer de ses intentions.

J'avais prié son fils de l'engager à ne tenter ces informations qu'après sa détermination, parceque je craignais que Monsieur Tavares, sachant que j'avais fait des démarches qui aboutissaient à quitter sa maison, ne fût mécontent et ne me témoignât son mécontentement en me remerciant, quelque dût être le résultat de ma demande adressée à Monsieur le Comte Farrobo.

Je crains donc que cela ne soit arrivé ainsi; qu'il n'ait reçu une lettre dans laquelle on lui demande des renseignemens et que, prévoyant mon départ, il n'ait voulu aller au devant de mes ouvertures. Je voudrais bien que vous sussiez quelque chose de positif sur ce sujet, et que vous m'apprissiez ce que vous aurez pu connaître; je n'ai pas besoin de vous prier de vous procurer ces renseignemens avec prudence. Je serais bien heureux de vous-revoir dans votre pays, après vous avoir connu et aimé dans le mien.

J'ai reçu dernièrement une lettre de Monsieur Carlos Sá; quoique je lui aie adressé une réponse directe, je vous prie de lui faire part de mon attachement et de l'engager à me donner de ses nouvelles en détail.

Veillez aussi témoigner à son frère le regret que j'éprouve, en me rappelant qu'il semble avoir méconnu, dans les derniers temps de sa présence à Fontenay, l'amitié désintéressée que je lui avais vouée; dites lui, je vous prie, qu'il me ferait grand plaisir en m'adressant quelques mots.

J'ai écrit à Monsieur Lobo; je n'ai pas encore reçu de ses nouvelles; veuillez lui faire savoir que son silence me fait craindre ou qu'il m'ait oublié, ou qu'il soit malade; veuillez aussi lui faire parvenir les assurances de mon dévouement absolu et de mon attachement sincère.

Je ne m'arrêterais pas, cher ami, si je me laissais aller au plaisir de vous parler, à quelques centaines de lieues d'intervalle. Je crois, en vous écrivant, que vous êtes près de moi, que je vous parle réellement; je me rappelle assez

vos traits pour vous voir en imagination ; j'ai un souvenir de vous : un dessin lavé que je montre à tous ceux qui m'entendent parler de vous ; je le trouve magnifique, quoique vous n'en fussiez pas content.

Vous me trouvez bien ridicule de vous écrire si longuement, puisque vous, qui ne m'écrivez que deux petites pages, vous craignez de m'occuper trop longtemps. Cette réserve me fâche ; écrivez moi donc toutes sortes de choses ; toutes vos idées, si bizarres qu'elles puissent être, me charmeront toujours ; racontez moi votre vie présente ; vous savez bien que je ne suis pas farouche et que, si je suis vieux d'âge, j'ai le cœur assez jeune pour vous entendre. Dites moi surtout ce qui vous rend heureux pour me consoler de ce qui m'afflige moi même.

Je vous embrasse étroitement.

Vous savez si je vous aime ; croyez au dévouement de votre

Camille Clau d. F. S.

II

(2.^a CHARTA AO MESMO DISCIPULO DE FONTENAY)

(Paris, Março de 1844)

Combien vos lettres me rendent heureux, cher ami ! que vous êtes bon ! que votre cœur a de mémoire ! Je ne sais que vous dire, pour vous remercier ; ce n'est pas assez pour moi de vous aimer comme un ami, de vouloir vous servir comme le plus dévoué, de penser toujours à vous, malgré toutes les peines et préoccupations qui m'obsèdent ; je voudrais vous voir, vous embrasser les mains et le visage.

Mon cœur n'appartient pas à tout le monde. Privé des joies de la famille, j'ai l'âme triste et le cœur altéré. Dieu m'éprouve... L'amitié que j'ai pour vous me tiendrait lieu de tout, si nous n'étions pas séparés. Vous, tout jeune, pourvu de toutes les qualités qui font aimer, d'une âme généreuse, ignorant l'hyperbole et le mensonge, vous qui me donnez de si touchantes preuves d'un attachement sincère, comment ne pourriez vous pas suppléer à l'absence de ma mère, à l'amour de mon père, de mes frères ? Je n'exagère pas : je vous aime sans comparaison. Je ne veux vous troubler en vous faisant de tristes aveux ; mais je dois vous dire que les dehors de la plupart des gens que j'ai connus dans le monde, durant ces dix dernières années, m'ont cruellement trompé. Mais votre amitié si désintéressée, si ingénue me fait oublier toutes mes déceptions ; aimez moi toujours, vous me rendrez meilleur que je ne suis ; je veux être toujours digne de votre attachement.

J'ai quitté Ménars, le 1.^{er} Février. Je suis allé passer un mois à Cosne chez ma sœur ; mais je n'y étais pas content. Je suis venu à Paris ; je ne puis

et ne veux pas rester sans emploi ; mais mes relations anciennes m'obligent à fuir Paris ; je ne veux pas que les amis de ma famille me voient dans une position inférieure à celle qui m'était réservée ; non pas que j'aie lieu de rougir en me montrant tel que les circonstances m'ont fait être ; mais s'il fallait publier les événemens qui ont conduit à l'état de nullité sociale où je suis, le deshonneur tomberait sur celui à qui je dois, à défaut de tendresse, au moins quelque respect. J'ai donc voulu quitter Paris ; on m'a adressé à Beauvais, à une personne qui dirige une maison d'éducation. Mais l'établissement m'a paru être et est réellement dans un affreux désordre ; le chef, bon homme au fond, s'enivre avec sa femme ; il voulait que je dirigeasse absolument et sans contrôle toute sa maison, que plus tard je l'achetasse. La responsabilité d'un tel emploi m'a effrayé ; je l'ai abandonné, je suis encore à Paris.

Le Prytanée était dans une position assez florissante quand je vous écrivais ma dernière lettre. M. Tavares y était encore et dépensait toute son énergie, toutes ses forces à le ressusciter. Tout le monde espérait le voir se relever entre ses mains. Mais, trompé par ses collaborateurs ; déçu des espérances qu'on lui avait fait concevoir, lorsqu'il était entré en société avec M. M. Blanchon et Mavré, tourmenté par des créanciers, à l'égard desquels sa trop grande générosité, les abus de l'administration de Fontenay, lui avaient fait contracter des dettes, qu'il ne pouvait acquitter sans être aidé, M. Tavares a été forcé par suite de tout cela à gagner l'Angleterre, où, à ce qu'il paraît, il vit bien misérablement. Vous ne sauriez imaginer, cher ami, quelle douleur me cause la situation de M. Tavares. La plupart des personnes qui lui paraissaient dévoués à Fontenay l'ont abandonné, ou même ont pris parti contre lui et l'ont calomnié. C'est indigne ! Oh ! je vous en prie, ne croyez pas aux bruits qui peuvent venir jusqu'à vous ; dites à ceux qui seraient sur le point d'ajouter quelque foi aux calomnies, que l'honneur de M. Tavares est sans tâche et sans soupçon ; si quelqu'un est rebelle à vos insinuations, dites de suspendre tout jugement, jusqu'à plus précise information. En un mot, ne souffrez pas que M. Tavares, victime, absent, malheureux, reste sans défenseur. Prenez ce rôle, cher ami, il convient à votre cœur généreux, charitable, juste et sensible.

Instruit par les lettres que je recevais à Cosne, de tout ce qui se passait à Ménars, je connus promptement les premiers symptômes de la catastrophe, qui est aujourd'hui consommée. On m'informait aussi des propos injurieux qui circulaient dans la maison sur le compte de M. Tavares. Je voulus avant de retourner à Paris, m'arrêter quelques jours à Ménars pour y voir mes anciens amis et pour les prier de ne pas accueillir légèrement et sans preuves les insinuations malveillantes que, dans leur mauvaise humeur, les deux chefs de l'établissement propageaient parmi les élèves Portugais et Brésiliens, dévoués jusque là à M. Tavares. J'écrivis à M. Valença (Caetano) une longue lettre, dans laquelle je résumais les différens malheurs qu'avait soufferts M. Tavares à l'occasion de sa maison de Fontenay, fondée par dévouement, soutenue par

des sacrifices et, en dernier lieu dissoute par défaut de ressources pécuniaires, que lui avaient successivement enlevées ses générosités, la mauvaise gestion de ses économes, et la disproportion qui existait entre les dépenses et les recettes.

Je rappelais à M. Valença tous les titres de M. Tavares à l'estime, à l'amour, au dévouement, à la reconnaissance de ses élèves. Enfin, le priant de communiquer cette lettre aux anciens élèves de Fontenay, qui seraient en état de la comprendre, je les conjurais tous de ne tenir aucun compte des calomnies, et de considérer comme des calomnies toutes les paroles qui ne peindraient pas M. Tavares comme l'homme le plus honorable, le plus généreux, le plus estimable de toutes les personnes qu'ils avaient pu connaître en France.

Le bruit se répandit dans le Prytanée que j'avais lancé une circulaire pour semer l'esprit de révolte parmi les élèves; on m'interdit l'entrée de la maison; on envoya contre moi deux gendarmes pour m'arrêter comme coupable de détournement de mineurs. Je vais chez le maire qui m'approuve; tout le monde est dans l'indignation et, après avoir pris un passeport, j'arrive à Paris fort content d'être débarrassé de tout cela. Il paraît qu'il m'ont cru envoyé par M. Tavares pour engager les élèves à quitter le Prytanée. Voici le raisonnement que j'oppose à leur soupçon: si M. Tavares eût été capable de faire agir secrètement, il ne se fût pas adressé à moi, parce qu'il m'estimait assez pour prévoir mon refus; mais cette mesure peu honorable répugne trop au caractère de M. Tavares pour qu'il ait voulu proposer cette mission à qui que ce soit, et pour que qui ce soit, tant soit peu estimable, ait voulu s'en charger.

Je suis heureux d'avoir eu l'occasion de me porter serviteur dévoué de M. Tavares; car, vous le savez, je l'aime beaucoup. Tâchez, je vous en prie, de faire taire les mauvaises langues, s'il y en a où vous êtes, ou bien là où sont vos amis.

Vous me trouverez bien ridicule, cher ami, d'avoir espéré d'être appelé en Portugal. M. J. F. Farrobo n'a reçu aucune lettre depuis qu'il a adressé à son père une demande en ma faveur. Serait-ce donc que cette sollicitation aurait blessé M. le Comte Farrobo? Il n'y a rien pourtant que d'honorable dans la démarche de son fils. Dans tous les cas, j'ai cru devoir renoncer à ces espérances, je n'aurai donc pas, comme j'avais d'abord osé le croire, le bonheur de me rapprocher de vous. Vous savez que je veux, à toute force, quitter la France: Eh bien! j'ai résolu de passer au Brésil...

Je ne connais pas encore le résultat des démarches que j'ai faites. Du reste, aucun de vos camarades de Fontenay ne se trouve mêlé à cette affaire. Je dois même vous dire à ce sujet que quelques uns de ceux que j'aimais bien, soit que leur caractère léger les y ait portés, soit qu'ils m'aient oublié après m'avoir exprimé tant de fois leur attachement, quelques uns, disje, MM. Jordão, Ramos, Pinto Basto, ne me sont pas venus voir depuis qu'ils sont à Paris, quoiqu'ils sussent mon adresse, et que je fusse allé moi-même les trouver

chez eux, sans les y rencontrer. Mais j'ai le plaisir d'en compter quelques autres qui, soit par des lettres, soit par des démarches personnelles, m'ont montré que leur amitié n'est pas aussi légère que la parole : MM. Machado, Farrobo, Coutinho, Valença (Caetano), Gaioso (Raimundo), Mosquera (José Maria et Annibal), les Barbosa, Vianna, Sardenberg, etc. sans parler de vous et même de M. Sá, qui êtes tous deux en dehors de toute catégorie. Tous mes souvenirs de Fontenay se résument en vous : ceux de Ménars en MM. Machado et Farrobo. Je garde vos lettres avec un soin qui vous étonnerait ; et j'ai le cœur content quand je les vois. J'ai conservé aussi la petite lettre de réconciliation que je vous ai écrite à Fontenay, quand nous étions un peu fâchés : elle me prouve que j'ai su toujours apprécier votre bon cœur et que je me réjouis de vous avoir toujours aimé.

Vous me parlez dans votre dernière lettre de notre escapade à onze heures de la nuit. Ne conservez pas le souvenir de cette folie. Vous savez d'ailleurs que je ne l'ai pas faite avec consentement : M. Berthelot nous a entraînés : j'aimerais mieux que vous l'oubliassiez entièrement : je me le reproche, comme une sottise qui était excusable chez vous, mais que je ne me pardonne pas.

Ce que vous me dites des *circonflexités* de quelques étudiants de Coimbre m'engage à vous parler sérieusement sur ce sujet. Pardonnez à mon amitié une petite humilité, qui convient à mon âge, et qui n'a d'ailleurs pour but que de vous épargner des peines et de vous préserver de quelques dangers.

Vous avez grand tort, cher et bon ami, de considérer légèrement les folies amoureuses, dont quelques jeunes gens vous donnent l'exemple. On est malheureusement disposé dans le monde à excuser avec trop d'abandon et d'indulgence ces sortes de fautes, qui entraînent d'autres désordres que le monde n'excuse pas. Vous êtes bien jeune, cher ami ; les plaisirs, à votre âge, compromettent le travail, la santé et affaiblissent l'intelligence ; puis on n'est pas toujours libre, quand on les a connus, de s'affranchir de leur joug tyrannique ; plus on les a goûtés, plus on veut s'y livrer ; souvent les meilleures résolutions échouent devant les attraites imaginaires des jouissances physiques. Le moyen de se mettre à l'abri de leur influence, c'est de s'abstenir des prémisses.

Conservez votre innocence aussi longtemps que vous le pourrez faire. Vous aurez plus tard plus de valeur à vos propres yeux et plus d'énergie morale.

Je vais vous donner un conseil, et je serais très heureux de savoir que vous l'avez suivi. Vous paraissiez souhaiter d'être libre et de vivre hors du séminaire : quand vous ne serez plus sous la direction de personne, quand vous serez livré à vous même, êtes vous bien sûr, cher ami, d'être sage et modéré ? Si, faisant part à votre famille des dangers, qui vous entourent et que vous redoutez, vous priez vos parens de vous mettre entre les mains d'un père de famille qui fût sage sans austérité, sensé quoique sans affectation, expérimenté sans mysanthropie, vous feriez preuve d'un haut jugement, et votre avenir serait

certainement plus heureux qu'il ne le serait autrement, parceque, libre d'agir sans contrôle, sans sauvegarde contre les mauvais conseils, vous ne pourrez avoir assez de force et une volonté assez soutenue pour échapper à tous les dangers, que je ne puis pas vous indiquer.

Je suis convaincu que dans cinq ou six ans vous serez heureux d'avoir écouté ce conseil, que j'ose vous donner parceque je vous aime. Et d'ailleurs, qu'est-ce que cinq ans de sagesse et de contrainte, quand vous aurez ensuite toute la vie pour jouir des fruits de votre bonne conduite? Pardonnez moi le ton un peu absolu et sacerdotal, que je prends avec vous : je vous le dis encore, je vous parle comme si vous étiez ce que je puis chérir le plus au monde ; je suis donc excusable : blâmez-moi si vous voulez, mais suivez mes conseils ; « frappe, mais écoute. »

Ne vous exagérez pas, non plus, vos obligations de travail ; vous vous couchez fort tard et vous levez tôt : je crois qu'en distribuant comme il faut vos heures d'occupation et en employant la journée, sauf quelque temps de repos, à un travail fixé à l'avance, suivant un programme particulier à vous même, vous pourriez vous abstenir de travailler la nuit, et votre santé, votre instruction elle même ne ferait qu'y gagner. Ainsi, par exemple, arrangez vous pour que vos travaux de chaque jour soient achevés à 8 h. du soir : puis, durant l'heure qui suivra, résumez vos occupations de la journée, et indiquez sur une carte les matières, que vous devrez étudier le lendemain, en les classant suivant les différentes heures qui leur conviennent.

Remarquez que cette méthode est celle qu'ont suivie, dans tous les temps et tous les pays, non seulement les étudiants raisonnables, mais aussi les plus savans écrivains. Si je voulais faire avec vous de l'érudition, je vous citerais des noms très célèbres ; mais je pense que vous me croirez sur parole et sans témoins.

Vous me demandez l'adresse de M. Berthelot ; la voici : rue Caumartin, 23 à Paris. Mais je ne puis vous affirmer qu'il habitera longtemps cette même maison. M. Barrier va bien : il vous remercie de votre souvenir et vous fait des complimens. M. Bastié *existe encore*, et ne paraît pas vouloir cesser d'exister avant de longues années. Je fais vos commissions et celles de vos amis près de quelques uns des anciens habitans de Fontenay. Je n'ai pas leur réponse, je ne puis vous en rien dire.

Tachez de ne pas oublier la langue Française avant que je sache le Portugais. Je ne veux pas être privé de correspondre avec vous, puisque vos lettres me font tant de bien et que j'ai tant de plaisir à vous écrire.

Je vous remercie du jugement favorable que vous faites vous mêmes et vos amis de mes lettres, qui n'ont d'autre mérite que de vous dire sincèrement que je vous suis dévoué.

Je remercie comme vous la providence, qui vous a préservé des dangers

que vous avez courus ; je voudrais être plus digne de lui adresser des vœux pour vous ; mais Dieu ne juge pas les hommes comme ils se jugent entre eux ; il a dit qu'il serait beaucoup pardonné à ceux qui auraient beaucoup aimé : j'ai droit, sous ce rapport, à toute son indulgence et je lui demande toutes sortes de biens pour vous et pour ceux qui vous touchent.

Je suis très reconnaissant du souvenir de M. Alarcão ; je vous prie de lui transmettre mes complimens affectueux.

Voici, relativement aux renseignemens, que vous me dites de recueillir chez les libraires, le résultat de mes démarches :

(¹)

Ne soyez pas trop étonné de ne pas recevoir plus souvent de mes lettres. Aujourd'hui que je suis séparé de M. Machado, il m'est plus difficile de le prier de vous envoyer mes papiers. Mais soyez convaincu que je chercherai toujours à lever toutes les difficultés qui empêcheraient nos communications, et que, comme je vous aimerai toujours, je serai toujours aussi dévoué à votre service, et le plus fidèle de vos amis sinon le plus digne de vous aimer.

Recevez l'assurance des sentimens choisis

de votre

Camille.

III

(CHARTA A CARLOS SÁ, DISCIPULO DE FONTENAY)

(Rio de Janeiro, 1849?)

Quoi ! le jour de votre anniversaire, un jour où d'ordinaire on se rejouit, vous consacrez quelques instans à m'écrire, à moi, vieil ermite, qui ne suis digne de votre souvenir que par l'amitié, que j'ai pour vous. Mais quel est le chiffre de vos années ? vous devez compter à peu près vingt-trois ans : que bel âge ! Combien vous devez être avancé dans vos études, et, avec les aptitudes que je vous connais, si vous avez bien employé votre temps, à l'université, et si vous continuez encore quelques années, quel homme vous ferez un jour ! Donnez-moi, je vous en prie, quelques détails sur vos études : cela m'intéressera au plus haut point ; non pas que je veuille faire le pédagogue et apprécier seulement l'étendue de vos connaissances : non ; mais je voudrais prévoir, en suivant la direction actuelle de vos idées, dans quel sens et de quelle manière vous êtes destiné à vous distinguer dans l'avenir. En suivant les cours de votre université, célèbre à juste titre, ne vous contentez pas d'écouter les leçons de vos professeurs, et d'analyser les ouvrages qui sont en usage dans la faculté. Choisissez parmi les questions qui y sont traitées, quelques unes des plus intéressantes, des plus importantes, complexes et difficiles : Développez à loisir le thème que vous vous serez ainsi proposé : écrivez tous les déve-

(¹) Falta este trecho no rascunho, que transcrevemos.

loppemens que vos propres connaissances, que des études particulières dans les bibliothèques publiques, vous auront permis de faire : ne négligez aucun détail ; et vous reconnaîtrez qu'une question toute spéciale vous aura fourni mille points de vue sur l'ensemble de la matière à laquelle elle se rattache : vous vous sentirez entraîné vers l'étude par un attrait nouveau, car cette méthode vous permettra de faire de véritables découvertes : et tout en parcourant à la hâte, dans les cours publics, le manuel qu'on y étudie, vous aurez, dans des excursions pleines d'attraits, pénétré profondément dans les secrets de la science. Mais ne vous engagez pas au hasard dans cette étude : adoptez une méthode, et, pour vous guider, suivez un modèle : serait-ce un traité d'histoire naturelle, c'est égal : mais observez en bien le plan et conformez-y le vôtre. Étudiez la bibliographie de la question, et, après avoir fait un choix des meilleurs auteurs, qui se sont occupés du sujet qui vous intéresse, lisez assiduellement celui qui paraît offrir les caractères de gravité, sobriété et clarté, afin de bien saisir votre esprit des points de vue généraux : puis classez vos idées : plus vous établirez des chapitres et de paragraphes, plus votre dissertation vous deviendra facile : alors vous pouvez commencer les recherches d'érudition, consulter les auteurs, remonter aux sources, discuter les opinions.

Mais, je m'aperçois, excellent ami, que je fais moi-même un long mémoire et que je suis sur le point de vous ennuyer. D'ailleurs, ce que vous me révélez de vos projets me semble peu compatible avec le calme que demande l'étude. Vous voulez prendre les armes, bon Carlos : prendre part à une insurrection. Je serai beaucoup plus modeste et réservé dans ce que j'ai à vous dire à ce sujet, que dans mes conseils relativement à vos études.

Cependant j'oserais vous dire, comme je le dirais à mon frère, à mon fils, à un ami bien cher : Si vous voulez prendre parti dans une guerre civile, adoptez le parti de l'ordre de choses qui existe, ou croisez-vous les bras : agir ainsi, quoi qu'en disent quelques fanatiques, c'est servir son pays et non par la reine : participer à la révolte, c'est sacrifier à un goût, à une affection personnelle, quelquefois à un préjugé chevaleresque, à un principe abstrait, la prospérité, la paix actuelle et l'avenir de son pays. Vous connoissez certainement les nouvelles de la révolution de France : et vous savez combien je dois être affligé d'y voir installée la république, quoique cette révolution ait renversé le trône de Louis-Philippe, pour lequel, héritier des traditions de ma famille, je ne devais sentir aucune affection : Eh bien ! j'avais adopté, par nécessité, cette monarchie de 17 ans : loin de désirer une révolution, je ne souhaitais même plus le retour de Henri V. Car, par le fait de son retour, la guerre civile eût éclaté en France et entraîné à sa suite toutes sortes de désastres.

(Termina aqui o rascunho).

N.º II

PROLOGO DO CATALOGO

DA

BIBLIOTHECA DO MOSTEIRO DE S. BENTO

LECTURIS S.

Vobis, Carissimi Fratres, justè dicatur conficiendi hujusce catalogi studium: ex eâ quoque potissimum causâ, si quid in ipso occurrerit utilitatis, laus et honor petendi. Illa quidem operæ navandæ summa voluntas, nisi ab ipsâ institutici monastici obligatione fluxerit, aliquantulâ fortè laude videretur digna: quod tamen foret inane consilium, nisi mens quoque mihi firma fuisset, Carissimi Fratres, maximum vosmetipsos pretium et honorem his tribuere thesauris quos iste catalogus evolvit; nisi tandem ex eo, quem nunc humilis offero, labore, emulationis et in litterarum studium ardoris fontem erupturum opinarer.

Jam cultûs communione, participatione itidem rei familiaris, sicut et fraterni amoris mutueque charitatis vinculo juncti, utinam strictius etiam intellectûs conjuncti famus conatibus, quibus in communem scopum variæ cupidines instinctusque diversi cogantur, nexusque mystici inter animas confirmari valeant! Tot denique illustrium virorum digni fratres et successores, qui sub S. Patriarchæ Nostri S. Benedicti loricâ militârunt, qui Europæ dimidiam partem doctrinâ et sacrâ luce illustrârunt, et humaniores ab incunabilis Americanæ societatis mores condiderunt, utinam felicem et platam successuris viam, per imminens barbarici temporâ, præparemus!

N.º 12

(DE S. SEBERA DISSERTATIO)

S. Severæ, Maximo et Secundâ parentibus natæ, reperta sunt, in D. Agnetis cœmeterio, viâ Nomentanâ, cadaveris vestigia, tumulo, quem lapis inscriptus operiebat, condita. Cujus nomen, hoc ipso lapide incisum; SEBERA, gladii comitabatur effigies.

Quæ fuerit ipsa, quo tempore vixerit, quâ ratione et quam ob causam capite truncato (sic enim mutilatum corpus ejus fuit repertum) interierit, inquirendum proposuit Reverendiss. Domn. Abbas Monasterii Benedictinorum nostri Fluminensis.

Nonnullæ occurrunt ejusdem nominis, ejusdemque circiter temporis, Christianæ mulieres, quarum mentio tûm in antiquis inscriptionibus, cum in Sanctorum Actis, passim invenietur.

Id igitur in primis scrutemur, nūm inter eas quædam Romæ vixerit, nūm violentâ morte occiderit, nūm denique, temporis et loci ratione adhibitâ, ejusdem corpus in D. Agnetis cœmeterio, viâ Nomentanâ sepeliri potuerit.

Urbs ab Oriente, Septentrionem versûs, ad fines usque Sabinorum, patebat viâ Nomentana: in cujus margine, sicut et Viæ Salaris, utrâque idem spatium scindente, innumera Christianorum sepulcra occurrebant. Id testantur, præter antiquorum scripta, multæ inscriptiones his in locis effossæ, quæ dialecto aliquantulum barbarâ exarata, consulum nominibus interdum signatæ, proximis Diocletiani temporibus occisos martyres his in locis depositos esse satis monstrant. Absconditum enim magis et tutum asylum præbuit, ut videtur, loci asperitas et Tiberis amnis proximitas, quem noctu mercatorum scaphæ, averso flumine, conscendebant, pretiosis junctim sanctorum reliquiis et sale venali onustæ; quas reliquias pio zelo receptas Christianorum familiares cryptarum silentio commendabant; sal autem, viâ Salarîâ, sic ab usu appellatâ, et Nomentanâ apertè apud Sabinos die ferebatur.

Sic enim, grassante Diocletianâ persecutione, clam subrepta, Marcellini, Claudii et Sirini martyrum corpora, Marcelli P. M. studio, viâ Salarîâ condita et sepulta sunt.

Sic etiam ejusdem Marcelli Papæ et Silvestri eadem viâ, in Priscillæ cœmeterio depositæ jacuerunt reliquiæ.

Sic denique, Maximi et sociorum militum, prope Fidenas in Arenario flammis, jussu Maximiani, consumptorum, cineres Marcellinus Papa et Joannes presbyter eadem viâ Salarîâ, secundo ab Urbe lapide, condiderunt.

Ex his quæ hactenus exposuimus varia surgunt in rem nostram argumenta. Constat enim non ipso quo interierant loco martyrum corpora fuisse deposita, sed à quocunque Urbis aut suburbiorum situ in cœmeterio Nomentanæ aut Salaris viarum translata: hunc etiam usum, Diocletiani Imperatoris et Marcellini Papæ temporibus admodum viguisse perhibetur, qui Christianorum sepulcris certos et fixos locos destinaverat, propter eorundem erga paganos repugnantiam, quorum etiam post mortem proximitatem aversabantur.

Si autem, propter fidei communionem et suppliciorum participationem, variæ à diversis locis Christianorum reliquiæ in eundem coetum congregabantur, id maxime factum fuisse fatebimur cum, ratione consanguinitatis, congruentiâ temporum, translationis facilitate ducti, filiorum cum parentibus corpora consociare possent religiosissimi illi, ætatis hujus aureæ, pastores.

Illius ergo nostræ Severæ, martyrium cum fratribus, post patrem Maximum et matrem Secundam, consecutæ, sequamur, ut fieri potest, vestigia.

Maximus, militibus mille profectus, Christianæ fidei fortiter addictus et religionis propagandæ ardore incensus, milites CXX, ex his quibus imperabat, exemplo, adhortationibus, Christo vindicavit, quos conversos ad fidem Pontifici Marcellino baptizandos tradidit. Post varios casus, cum ipsis, militibus, servili

et molesto extrahendæ arenæ propè Fidenas labore gravatus, tandem gladio et flammis vitam, pro fide, solvit.

Maximi uxor, nomine Secunda, ad tribunum delata, morte præmaturâ, prænam repulit. Cujus filii Calendius et Marcus, filia autem Severa, judice Flaviano supplicium repugnante, Centumcellas à Româ missi sunt.

Inde quidem obiter notandum videtur, Maximi filios atque ipsam Severam ejus filiam, in Urbe cum matre, patre jam mortuo, commoratos esse, forsitan autem, patre superstite, Fidenis, patris ipsius causâ, permansisse, undè Romam, mox Centumcellas missi fuerunt.

Eorum ergo jam ubique inter Christianos fama, firmitatis et infelicitatis causâ, creverat: nec sine fideliùm angore Centumcellas in exilium ducti.

Quid igitur! Ducis cum militibus, conjugis cum uxore, patris cum filiis horrenda clades innotescit. Filiorum cum patre coacervationem utrorumque cineres efflagitant. Quas à Fidenis Maximi et militum reliquias abstulerunt, eas Calendii, Marci et Seberæ Centumcellis subreptas, peregrinatione maritimâ, Tiberino tandem itinere, pius Marcellinus et Johannes allatas in sacris cryptis æternâ societate jungunt.

Sic, ut videtur, B. Seberæ corpus obtruncatum, tumulo, gladii effigie insignito, conditum, viâ Nomentanâ, in cœmeterio B. Agnetis, repertum.

« Ostendit XPs, reddit qui præmia vitæ,

« Pastoris meritum; numerum gregis ipse tuetur. »

(Epigr. Christian. in inscr. ap. Gruter. p. MCLXXII. 13.)

N.º 13

(DISCURSO EM ACÇÃO DE GRAÇAS PELO ENTRADA DO S. P. PIO IX EM ROMA.)

Monseigneur.

Assise sur les degrés du Temple, la Religion en habits de deuil gémissait sur les malheurs de la nouvelle Jérusalem. Le sanctuaire était voilé; et le parvis sacré où, durant de longs siècles avait fleuri l'olivier de paix, semblait planté de lugubres cyprès et de palmes destinées à de nouveaux martyrs.

Les vierges de Sion avaient cessé d'apporter aux pieds des autels des fleurs désormais sans parfums, et la vigne sacrée ne distillait plus elle-même qu'un suc amer et empoisonné.

Les campagnes flétries attendaient un nouveau soleil, les moissons avaient suspendu leur floraison, et les oiseaux du ciel cherchaient sur un sol étranger des branches pour construire encore leurs nids aux flancs des sept collines.

La nature souriait encore de toutes parts. L'homme seul, dans son orgueil avait oublié Dieu lui-même et son Eglise : l'impie préparait les flèches de son carquois, et les puissans de la terre s'étaient réunis pour poursuivre l'élu du Seigneur, « *Principes convenerunt in unum adversus Dominum et adversus Christum ejus* (Ps. II, 10.) »

Le Pontife avait fui la Ville éternelle : et, sur son passage, les restes sacrés des martyrs de la Foi, la cendre même des héros de la Rome païenne avait fremi de regret et d'effroi.

Cependant le Pontife, précédé de l'ange au glaive enflammé, s'éloignait calme et serein : la Foi, l'Espérance et la Charité marchaient à ses côtés, et les parfums de l'encens, les trompettes des armées célestes semblaient annoncer la marche d'un triomphe.

Console-toi, Chaste épouse du Christ : Dieu protège la Cité Sainte ; c'est en vain que l'ennemi veille au dedans des murs, car le Seigneur n'est pas avec lui : « *Nisi Dominus custodierit civitatem, frustra vigilat qui custodit eam* (Ps. CXXVI, 1.) »

Tes fils vont revenir forts et glorieux : le Dieu des armées a brisé le glaive des méchans : il a déchiré le voile qui dérobaient le Sanctuaire, et déjà les rayons de sa gloire l'inondent de lumière. Regarde ; le Pontife est aux pieds de l'autel, Rome entière retentit d'actions de grâces et des chœurs invisibles repètent l'hymne sacrée : .

« *Benedictus Dominus Deus Israël quia visitavit, et fecit redemptionem plebis suæ* (Luc. I, 68). » *Hosanna in excelsis !*

Monseigneur.

Les grands événemens qui émeuvent les nations retentissent rarement au delà des limites des pays qu'elles occupent. La mort d'un roi, l'invasion ennemie, la guerre civile, les terribles fléaux qui ravagent un peuple sont des maux dignes de pitié ; ils sont souvent l'œuvre de ceux qui les souffrent, et qui, par leurs propres efforts, peuvent les fuir ou les repousser. Mais les maux qui pèsent sur le monde entier, qui affligent le pauvre et le riche, qui attaquent les principes les plus sacrés et nos plus chères espérances, Dieu seul en connaît les causes et en peut éloigner les effets. C'est à lui seul, dans ces temps de détresse que le fidèle doit demander du secours, c'est lui seul qui peut venger l'opprimé et glorifier le juste. « *Deus noster refugium et virtus adjutor in tribulationibus.* » (Ps. XLV.)

Après l'avoir prié dans nos angoisses, célébrons aujourd'hui, par des actions de grâces, le triomphe qu'il accorde à son église, en lui rendant son premier pasteur, le Père bien-aimé des Chrétiens. Après avoir exercé, dans l'adversité, les vertus des Saints et le courage des martyrs, Notre Saint-Père, conduit par la Providence, revient s'asseoir sur le trône de Saint-Pierre.

L'Eglise, dans sa joie, semble oublier aujourd'hui les pleurs qu'elle a versés, et s'assemble pour remercier Dieu qui a exaucé ses prières : « *Exaudivit Dominus vocem fletus mei.* » Ps. VI.

Les fidèles entonnent des chants d'amour et d'allégresse, et le temple va retentir des louanges du Dieu de miséricorde, qui a éprouvé son serviteur et le rappelle puissant et glorieux, après avoir confondu ses ennemis. « *Mirificavit Dominus Sanctum Suum.* » (Ps. IV.)

Dieu avait choisi Notre Saint-Père le Pape Pie IX, pour donner aux hommes l'exemple des plus sublimes vertus, dans les circonstances les plus difficiles et les plus tristes.

Successeur du Prince des Apôtres, et comme lui persécuté, il n'a montré ni moins de constance, ni moins d'humilité, de courage et de pieuse résignation que son saint modèle. Dieu l'avait armé de sa propre cuirasse, pour affronter les périls, et de la science des Saints pour triompher des revers, « *honestavit illum in laboribus... et dedit illi scientiam sanctorum.* » Il conduisait son élu à travers les dangers pour manifester sa gloire et sa puissance, pour donner au monde le spectacle touchant du Juste, faible et victorieux, et pour montrer aux nations l'Eglise éternelle inébranlable sur son antique base... Enseignement magnifique, Monseigneur, que la Providence réservait à notre siècle, où l'impiété ravage le troupeau du Christ ! Admirez sa clémence, ennemis insensés du Dieu tout-puissant, qui, de son souffle, pouvait vous anéantir comme la poussière ! C'est celui même qu'il a élevé au-dessus de tous les trônes de la terre, dont les épreuves vont servir à votre confusion ; il l'abaisse et le relève comme l'enfant soulève un roseau ; c'est de son propre sanctuaire, qu'il tire son Pontife, pour l'offrir à vos regards, entouré de puissans ennemis, trompé, persécuté, pour vous le montrer aujourd'hui environné de gloire, assis sur un trône que dix-huit siècles n'ont pu ébranler. « *Scitote quoniam mirificavit Dominus Sanctum Suum.* » (Ps. IV.)

Regardez autour de vous : les Empires ont changé de noms et de limites, les Rois ont passé comme l'ouragan du désert, et le Chef de l'Eglise du Christ, dans sa magnifique immobilité, témoin de tant de désastres, a salué leurs funérailles et béni leur poussière. « *Et nunc Reges intelligite : erudimini qui judicatis terram.* » (Ps. II.)

Notre Saint-Père, plein de confiance dans la miséricorde de Dieu, sûr des promesses faites par le Seigneur à son Eglise, restait ferme dans son espérance. Il déplorait en silence les malheurs de Rome et bénissait, dans sa clémence, les fils ingrats qui l'abandonnaient. Comme Saint-Ambroise, il priait Dieu qu'il n'y eût point de sang répandu dans la cause de l'Eglise, et que sa propre infortune servit à la sauver des dangers qui la menaçaient : « *Bonus Pastor moritur pro ovibus suis.* » Dévouement sublime qui rappelle l'imagination vers les premiers siècles de l'Eglise, et qui de nos jours encore a compté d'illustres victimes ! « *Bonus Pastor moritur pro ovibus suis.* »

Les fidèles, dans leur douleur, ne cessaient d'adresser au Ciel leurs ferventes prières, comme au temps où le Prince des Apôtres, captif entre les mains des tyrans, semblait porter avec lui les destinées de l'Eglise naissante. « *Oratio autem fiebat sine intermissione ab Ecclesiâ ad Deum pro eo.* » Act. XII, 5. Pie IX, impuissant à repousser par ses propres forces les fureurs insensées de ses impies persécuteurs, Pontife armé du glaive spirituel, *Sacerdos gladium tenet mentis, non martis,* et dans la conviction que Dieu protège ses élus, qu'il ne permet pas au peuple de leur nuire et qu'il châtie les Rois qui les offensent, « *Non reliquit hominem nocere eis : et corripuit pro eis reges.* » Ps. CIV, 14. il abandonna, comme le roi David, le théâtre sanglant de la guerre civile, en attendant les nouvelles de ceux qu'il avait laissés pour observer les mouvemens du peuple : *Egressus rex ab urbe, dixit ad Sadoch : Ecce ego abscondam in campestribus deserti, donec veniat sermo indicans mihi.* » II. Reg. V. 16, 17, 28.

S'exilant lui-même, le Saint Pontife consacra sa retraite à l'exercice des vertus apostoliques, précieux bagage que le méchant ne peut ravir au chrétien et qui peut se passer de l'éclat de la tiare pontificale. Il attendait avec résignation que Dieu lui ouvrit de nouveau les portes du temple où il célébrait ses louanges et qu'il rendit la paix à son Eglise. « *Si invenero gratiam in oculis Domini, reducet me et ostendet mihi urbem et tabernaculum Suum.* » II, Reg. V, 25. Il régnait dans la solitude, jouissant de cette félicité que S. Augustin représente comme le partage des rois justes et grands. Le Seigneur n'avait pas permis que son Pontife assistât aux scènes de tumulte et de carnage qui désolaient la cité sacrée. « *Non licuit Sanctum Suum videre corruptionem.* » Ps. XV, 10.

Mais Dieu venge-t-il l'opprimé sans délais : sa colère éclate-t-elle au moment même où l'impie se rend coupable ? Dieu est juste et fort, mais patient : sa justice, pour être lente, n'en est que plus redoutable. Qu'est-ce qu'un siècle, une année pour celui dont la main soutient les espaces semés de soleils qui nous servent à mesurer les heures ? « *Deus judex justus, fortis et patiens : numquid irascitur per singulos dies ?* » Ps. VII.

Rome, Cité Sainte, ouvre tes portes éternelles : sonnez trompettes sacrées : levez-vous ombres des martyrs de la Foi ! le Dieu de paix s'avance, et son Pontife, le front ceint de la triple tiare, va se prosterner devant le tabernacle. « *Elevamini portæ aternales et introibit Rex gloriæ.* » Ps. 23.

Viens, peuple régénéré, le Roi des Rois ouvre les trésors de sa miséricorde : chantons sa gloire et sa clémence : campagnes battues par l'aiglon, couvrez-vous de verdure : générations glorieuses de l'antique Reine du monde, levez-vous !

Montons au Capitole !

Monseigneur.

Dans cette marche solennelle, où les vœux de tous les Chrétiens accompagnent leur auguste et Saint Pontife, si les antiques monarchies de l'Europe

qui ont, durant de longs siècles, concouru au développement de la puissance de l'Eglise, peuvent réciter leurs glorieuses annales; le Brésil, pieux héritier de la Foi des chevaliers croisés, offre, comme les mages de l'Orient, des parfums et des fleurs. Sur le sol de notre patrie, la Foi catholique a cru en même temps que nos premières moissons, et Dieu y avait des temples, avant que nos pères y eussent établi leurs tentes. Les Papes ont, dès les premiers jours de notre histoire, béni tous nos travaux; et les pieux monarques, de concer avec les vertueux évêques de notre patrie, pour consommer l'unité mystique de l'Eglise, semblaient rapprocher les deux rivages de l'Atlantique. Dans cette perpétuelle union, le Saint-Siège voyait croître et fleurir une famille nouvelle: et ces enfans, nés dans sa vieillesse, devaient être, comme Joseph, les fils dévoués et chéris de l'Eglise. Aussi, la désolation de la Rome Pontificale avait rempli nos cœurs d'amertume: nous nous souvenions d'elle avec amour, et ses cris de douleur retentissaient dans nos sanglots.

Chantons aujourd'hui des hymnes d'allégresse! Rome triomphe, et notre Saint Père, du haut de la chaire de Saint Pierre, répand d'abondantes bénédictions. « *Lætare mons Sion: exultent filia Jude.* » Ps. 47.

Puissions-nous, Monseigneur, par notre amour pour l'Eglise Romaine, consoler cette mère pleine de tendresse, dont le sein découvert se livre aux embrassemens de ses fils, comme aux coups de ses adversaires! Puissions-nous, réunis aux pieds de cette chaire, où siège avec un nouvel éclat le vénérable Pasteur des Chrétiens, renouveler ces temps heureux où des vertus, connues sous des noms aujourd'hui vulgaires, florissaient à l'ombre de la paix, de l'ordre et de la justice « *in pulchritudine pacis, in tabernaculis fidei.* » Isaias, 32, 18). Puissions-nous, enfin, représenter cette race nouvelle dont le Roi Prophète annonçait la venue, peuple nouveau, dit-il, que le ciel a formé pour chanter ses louanges, pour publier ses grandeurs et sa justice.

Et Vous, Seigneur, qui faites asseoir à votre droite le Pontife de la succession de Melchisedech, jetez un regard de compassion sur les fidèles réunis autour de son trône: faites briller le flambeau de l'antique foi au milieu des ténèbres qui nous environnent. Que nos accens vous touchent, grand Dieu, que nos hymnes s'élèvent vers vous avec l'encens des sacrifices. (Ps. 140, 1.)

Ouvrez-vous, Cieux étoilés, laissez monter jusqu'aux pieds du Père des mondes, des Anges et des Rois nos cantiques d'actions de grâces:

« *Te Deum laudamus, te Dominum confitemur...* »

N.º 14

LICÇÕES DE GEOGRAPHIA ANTIGA

- I. Do estudo da Geographia antiga: fontes, documentos; classificação dos conhecimentos geographicos.

Ainda que pareça, á primeira vista, sinão arido e fastidioso, pelo menos pouco necessario e pouco proprio para desenvolver o juizo e o gosto, — o estudo da geographia antiga, companheira indispensavel ou irman da historia, como a

Chronologia, é a sua moldura natural e fornece-lhe as perspectivas: elle deve agradar e interessar pela variedade de conhecimentos que reune: é necessario, porque completa os estudos classicos: forma o juizo pelas difficuldades que offerece: desenvolve o gosto commentando e explicando as obras-primas da litteratura antiga, cuja graça e nobreza vos são demonstradas por sabios professores, incumbidos de revelar-vos o espirito d'ellas e de ensinar-vos a imitar as suas bellezas.

Menos penoso que o da Chronologia, este estudo é talvez de utilidade mais geral para a apreciação dos factos de que se occupa a historia.

Com effeito, os grandes acontecimentos que abalaram as nações, que as-elevaram acima de outras ou fizeram-n'as desaparecer, podem ser methodicamente classificados segundo as epochas sem que suas causas e suas circumstancias possam ser apreciadas; — a geographia, descrevendo o theatro em que os homens estabeleceram suas relações mutuas, mostra-nos ao mesmo tempo os obstaculos que elles tiveram de vencer e os meios naturaes que os-favoreceram.

Ella indica o caminho que atravez dos seculos seguiu a civilização, de que somos herdeiros: conduz-nos ao meio das ruinas de cidades opulentas fundadas e habitadas outr'ora por poderosos monarchas, que contavam com a gloria immortal, e cujos nomes todavia a história não se-dignou de conservar: finalmente, mostrando a cada passo o dedo da Providencia e a fraqueza humana, ella offerece um attractivo philosophico, que outras sciencias historicas não têm.

Foi em virtude de sua utilidade, do interesse e das difficuldades que este estudo apresenta, que os Estatutos d'este Collegio sabiamente collocaram no ultimo anno do tirocinio escholar o ensino da geographia antiga.

Estes mesmos caracteristicos, que a-recommendam á vossa attenção, exigem de mim cuidados o trabalho, e devem duplicar aos vossos olhos o encanto do seu estudo: em verdade, esta disciplina, que apresenta alguns problemas a resolver, e que por outro lado verifica os erros dos antigos e os progressos da sciencia moderna, desenvolverá em vós o senso critico, isto é, esse espirito de legitima duvida e de discussão séria, cujos preceitos e usos se applicam egualmente a todas as sciencias e a todas as situações da vida, e que não permite admittir ou rejeitar uma opinião sinão depois de uma analyse profunda de todos os dados que a-constituem.

Como sabeis, quasi todas as sciencias são tributarias da geographia: a geographia antiga deve por sua vez aproveitar-se frequentemente de todas ellas. Ella admittre as mesmas divisões que a geographia moderna: em *geographia astronomica e mathematica*, segundo considera a terra em suas relações cosmographicas, ou quanto ás medidas que determinam a sua forma, extensão, circumferência, superficie e volume; em *geographia physica*, quanto á sua configuração exterior, producções, habitantes e divisões naturaes; enfim em *geographia politica e historica*, segundo se-occupa da distribuição dos grupos e das socie-

dades humanas, de sua origem, de suas linguas, religiões, governos, colonias, commercio, cultura intellectual, usos, relações e vicissitudes. Tractando de todas estas questões em relação ao mundo antigo, ella tambem serve de guia á sciencia moderna para explicar e verificar certos phenomenos periodicos, intermittentes, progressivos, ou cuja existencia não pode ser reconhecida sinão pelas observações de muitos seculos.

É assim que se deve á geographia antiga a determinação do movimento retrogrado da ecliptica: é ainda ella que fornece os dados, sobre os quaes assenta a theoria do abaixamento ou da elevação progressiva do nível dos mares e das costas, da formação dos deltas, da sécca dos caspios, da mudança de curso dos rios, da periodicidade das erupções volcanicas, dos terremotos, das inundações. A historia natural pede-lhe pormenores sobre as emigrações dos animaes e das plantas, sobre as jazidas e as explorações mineralogicas, sobre as paragens maritimas ricas de productos procurados: o commercio e a navegação se aproveitam das indicações que ella fornece sobre as antigas estradas continentaes, ou sobre os ventos e as marés periodicas de certos mares. Ella descreve os sitios em que se-desenvolveram as bellas artes e que guardam eternamente o cunho e o reflexo d'ellas: segue e demonstra as relações de filiação das raças, das nações e de suas linguas, o movimento das idéas, a marcha das religiões, as formas variadas e progressivas das instituições politicas, das leis e dos costumes: acompanha os conquistadores em suas expedições: percorre as ruínas, e vê nellas inscriptas, sinão as causas, pelo menos as provas das revoluções antigas: regiões despovoadas, cidades sepultadas nas areias, lhe revelam a passagem destruidora de grandes epidemias, de immensas catastrophes naturaes: ella pode finalmente supprir o silencio da historia e descobrir as causas naturaes dos grandes acontecimentos, as influencias exercidas pelos meios sobre os notaveis commettimentos e os grandes homens; pode adivinhar os costumes dos povos extinctos, á vista das regiões que elles habitaram, assim como as relações habituaes, as hostilidades ou as alianças que dividiram ou approximaram as nações. Em uma palavra, a geographia antiga, traçando o quadro do mundo, abraça o espaço e o tempo, desdobra aos nossos olhos a extensão de nosso imperio, a duração do nosso dominio, e, mostrando-nos quanto é fraca nossa participação pessoal no movimento da humanidade, dá-nos o grande ensinamento de que o merito individual não reside sinão na practica da virtude.

Dest'arte, como vêdes, o estudo da geographia antiga, alem de sua importancia scientifica, encerra um certo attractivo philosophico.

A estes predicados poder-se-ha ainda accrescentar o merito de ser provavelmente anterior á maior parte das outras sciencias, e até anterior á historia, da qual entretanto a geographia é considerada como simples accessorio. De facto, o homem, antes de escrever e de transmittir as suas recordações, lançou primeiro os olhos em torno de si e mediu o espaço que percorrêra.

Certo é todavia que estas noções vagas de espaço e de territorio não constituem a sciencia geographica: ella só começa a tomar, não direi forma systematica, mas existencia positiva, quando povos conquistadores ou navegadores, atravessando os mares ou os limites de seu proprio territorio, e lançando-se a correr o mundo, observaram os logares visitados, colheram e transmittiram aos seus contemporaneos as noções adquiridas. Então começam a apparecer alguns conhecimentos geographicos, que a principio tradicionaes, passam confusamente ao dominio da poesia, depois ao da historia, e tornam-se enfim os elementos dos trabalhos espeziaes dos Eratosthenes, dos Strabões e dos Ptolomeus.

Esta divisão das noções geographicas em tradicionaes, poeticas, historicas e systematicas, assignala sufficientemente o methodo de ensino que pudemos seguir, si as circumstancias e o tempo que teremos para consagrar ao estudo da geographia antiga nos não forçassem a restringir o circulo das nossas investigações.

Com effeito, indicando successivamente os progressos da geographia e a opinião dos antigos sobre a forma, extensão e divisão do mundo, desde o seculo de Moisés até o de Constantino ou de Theodosio, passariamos revista a todos os logares assignalados pelos acontecimentos dos periodos:

mythologico
heroico
historico,

e poderiamos classificar as noções geographicas dos antigos, segundo suas fontes, em

tradiciconaes,
biblicas,
poeticas,
historicas, e
systematicas,

ou enfim, segundo o grão de certeza ou de authenticidade d'estas noções, dividi-las-hiamos ainda em

paradoxaes
duvidosas
certas
accordes.

As noções tradicionaes, por exemplo, seriam as que, anteriores a monumentos escriptos, nos foram transmittidas por escriptores dignos de fé que as houvessem recebido da tradição: topographia do Eden, logares em que parou a arca, dispersão dos povos descendentes de Noé, etc.

A geographia mythologica comprehenderia as localidades em que as lendas poeticas e religiosas collocam a scena de acontecimentos, que são do dominio

da fabula, e que entretanto encerram a menção obscura de circumstancias historicas dignas de exame, envolvida nos véos da allegoria: mytho de Prometheu, expedições de Hercules e de Baccho, conquistas de Perseu e Bellerophonte, lenda de Typhonte, etc.

A geographia heroica comprehenderia: acontecimentos referidos pelos poetas epicos ou nas narrativas mescladas de maravilhoso, mas de fundo certo, dos antigos historiadores: expedições de Sesostris; Amazonas; Argonautas; Pelasgos; Troia; Odyssea e Eneida; Salomão.

A geographia paradoxal incluiria: relações mais que duvidosas das Ilhas Afortunadas, da Atlantide, das circumnavegações da Africa &c.

As noções duvidosas podem elevar-se á categoria de noções certas, com o auxilio da critica, mediante felizes combinações de textos, com o concurso de monumentos figurados, pela attenta observação dos logares. Accresce que a duvida, a respeito d'estas noções geographicas, não se applica ás vezes sinão a uma das faces da questão: ella pode referir-se á situação, ao nome, á importancia, á origem, aos monumentos, á historia local, ou aos documentos que fornecem os dados.

Este methodo que, repito, não poderia convir-nos, offerece como vâdes perspectivas do mais elevado interesse, mas, si somos obrigados a pô-lo de parte, poderemos todavia em occasião opportuna fazer a sua applicação a algumas das questões de que houvermos de tractar.

Eis mais ou menos o nosso programma; elle tractará dos mesmos objectos do anno passado, salvas ligeiras excepções; e si o tempo no-lo permittir, poderemos no correr do anno emprender um commentario geographico de certas obras, como o Prometheu de Eschylo e a Germania de Tacito.

A geographia antiga descreve a terra tal como era nos tempos antigos, ou tal como a-conheciam os antigos, ou como a-suppunham, ou como os modernos supõem que os antigos a-conheciam.

Ella deve pois occupar-se dos mesmos objectos que a geographia moderna; define-os do mesmo modo, mas dá-lhes nomes differentes, tirados das linguas em que foram escriptas as obras geographicas antigas, isto é, do grego e do latim.

Convem conhece-los, explicar-lhes o sentido, as relações de synonymia e as etymologias.

A terra γῆ faz parte do systema do Universo σύστημα τοῦ κόσμου; sua forma é a de um globo σφαῖρα, dotado de circumferencia περιφέρεια, superficie ἐπιφάνεια, e volume στερεότης.

Para medir as suas dimensões e posições imaginaram-se circulos κύκλοι, que a-dividem de differentes modos; a linha tirada de um polo ao outro ἐκ τοῦ πόλου ἀπεναντίας πρὸς τὸν ἀνταρκτικόν, é o eixo ἄξων; o circulo que a-divide em duas ametades egualmente distantes de cada um dos polos, ἡμισφαίριον ἀνίσταται,

ἢ κάτω, é o equador κύκλος ἡσημερινός, æquinoctialis, cujo plano ἐπίπεδον é perpendicular ao eixo πρὸς τὸν ἄξονα ὀρθὸν ἰστάμενον, como o dos círculos paralelos de latitude πλάτος.

Dous d'estes círculos são os tropicos

τροπικὸς θερινός canceri

— χειμερινός capricorni

o círculo meridiano μεσημβρινός; longitude, μήκος.

zodiaco ζωδιακός. δωδεκατημόρια.

aries. taurus. gemini. cancer. leo. virgo. libra. scorpio. sagittarius.

κρῖς. ταύρος. αἱ διδύμοι. καρκίνος. λέων. ἡ παρθένος. σταθμός. σκορπίος. τοξότης.

capricornus. aquarius. pisces.

αἰγόκερος. ὑδροχόος. τὸ ἰχθύς.

L. ἀνατολή

O. δύσις

N. ἄρκτος

S. μεσημβρία.

Quanto ás medidas itinerarias dos antigos, faremos d'ellas objecto de um artigo especial, quando tratarmos do mundo conhecido dos antigos.

A superfície do globo ainda se divide em climas κλίματα, determinados pelas

zona glacial ζώνη ψυχρά, περίσκιος

— torrida — διακεκαυμένη, ἀμφίσκιος

— temperada — εὐκρατάτα, ἑτερόσκιος.

Uma charta geographica, πῶς γεωγραφικὸς, dá as relações de todos os círculos que são, como sabeis, imaginarios ὑποθετικοί.

Ella apresenta alem d'isso a configuração physica da terra, que se divide em terra firme γῆ, e mares θάλασσα, πέλαγος, ἄλς.

o mar exterior ou Oceano ὠκεανός

mediterraneo ἡ ἐντὸς θάλασσα, ἡ μεσόγειος.

propontis . προποντις

pontus . πόντος

palus ἔλος

caspium κασπία θ.

forma golphos, sinus, κόλπος

estreitos, fretum, κυρθίδες, βόσπορος.

portos, λιμῆν.

As aguas espalhadas na superfície da terra são:

lagos λίμνη

rios ποταμός

fontes πηγῆ.

A terra firme, o continente, *μεσόγεια, ἡ ἤπειρος*, e ilhas *ἤσσοι*;
forma as penínsulas, chersonesos, *χερσόνησος*

isthmus *ἰσθμὸς*

promontórios, *ἀκρωτέριον, χέρας, μέτωπον*.

divide-se em regiões, *χωραί*

principaes — *κορυφαίαι*

ciudades — *πόλεις*.

segundo a altura de sua superficie

montanhas *ὄρη*

terras montuosas *τραχεῖα γῆ*

desfiladeiros *πόλαι*

florestas *βλαί*

planícies *πέδιον*

prais *παράλια*.

A terra é habitada *οἰκουμένη*; seus habitantes, homens, *οἰκῶντες*, são

ἄσχοι . exumbres

ἑτερόσχοι . alterumbres.

ἀμφίσχοι . biumbres

ἀντίποδες .

Elles formam sociedades *πολιτεῖαι* circumscriptas em limites *ὅροι* e occupam
paizes *χωραί* . *μετροπόλεις*

ἀποικίαι . colonias.

As fontes da geographia antiga se-repartem em
fontes antigas.

auctores : hist. poet. Moïs. Hom. Herod. Thuc. Pausan. Liv. Ces.

geogr. Dicaearch. Eratosth. Strab. Pompon. M. Plin.
Solin. Ptol. Agath. Stph. B. Æthic. Vib. Seq.
Cosmos.

itinerar. Scylax. Hannon. Marcian. Arrian. Dionys. Itin.
Ant. Pii.

tabulis. Theodosiana.

Agathodæmonis

fontes modernas. Auctores . idade-media
moderna.

viajantes.

monumentos.

Archit. templ. theatr. amphit. hippodr. arcos,
therm. pyramid. obelisc. sepulcr. statuas. baixos-
relevos. pedras gravadas. pinturas. mosaicos.
vasos. medalhas. inscrições.

Os antigos, ainda os mais illustrados, commetteram muitos erros geogra-
phicos. Não só não tinham sido determinadas as posições por observações

astronomicas antes de Marino de Tyro, Eratosthenes e Ptolomeu, como a geographia puramente descriptiva apresentava ainda grandes lacunas no tempo de Strabão, o mais completo escriptor d'esta especialidade.

Debalde pois se-esperaria achar reunidas em systema, num mesmo auctor, todas as noções colhidas antes d'elle ou em seu tempo.

Entretanto antes de Strabão, um escriptor que mereceu o duplo titulo de pae da historia e da geographia, Herodoto, havia reunido pormenores frequentemente exactos, alguma vez fabulosos, sempre interessantes, sobre diferentes nações, entre as quaes viajára. Outros, quer antes (Hippys de Rhegium, Hecateu de Mileto, Thales, Solon, Epimenides, Lycurgo, Pythagoras), quer em seu tempo (Hellanico de Lesbos), quer depois de Herodoto (Theopompo de Chio, Ephoro de Cumas, Eudoxio de Cnido, Philisto de Syracusa, Duris de Samos) haviam tambem viajado e publicado suas narrativas, que não chegaram até nós; outros finalmente se-tinham aproveitado das observações colhidas anteriormente e procurado representar em chartas a configuração da terra habitada e a posição dos logares conhecidos: como Thales, Anaximandro, Aristagoras de Mileto, Democrito, Theophrasto — discipulo de Aristoteles — reunira uma grande collecção d'estas chartas sem duvida bem defeituosas.

Mais tarde, estas representações figuradas, para cuja projecção Hipparcho (II sec. a. J. Chr.) inventara um methodo, adquirem um certo grau de exacção: taes deveram ser as chartas levantadas por ordem do Senado Romano, no tempo de J. Cesar, por 3 engenheiros Xenodoto, Theodoro e Polycletes; e sob a administração de M. Vipsan. Agrippa por outros engenheiros, cujos trabalhos serviram a Strabão. É talvez uma d'essas chartas, cujo uso se-tornara bastante geral no tempo de Floro, a que nos chegou mutilada e que, conhecida sob o nome de tabua de Peutinger, se-conserva no museo de Vienna. (*)

Entre as obras puramente geographicas que possuímos dos antigos, ou completas ou em fragmentos de certa extensão, as mais importantes na ordem chronologica são os periplos ou navegações de Hannon, de Scylax, de Nearchos; fragmentos preciosos de Eratosthenes, de Hipparcho, de Eudoxio; resumos de Scymno de Chio e Dionysio de Alexandria; itinerarios e nomenclaturas, como os de Isidoro de Charax, de Antonino, de Arriano, de Estevão de Byzancio; tractados completos como os de Strabão, Pausannias, Ptolomeu; enfim obras historicas que encerram abundantes noções geographicas, como as de Herodoto, Xenophonte, Polybio, Cesar, Plinio, Tacito, &c.

Posto que as informações sobre a geographia antiga nos-tenham vindo por intermedio dos gregos, é certo que outras nações concorreram para enriquecer

(*) Este ultimo periodo está riscado no mss. original, d'onde parece licito suppôr-se que o auctor não tinha plena certeza da opinião aqui exarada.

esta sciencia por meio de viagens executadas em epochas muito remotas nas mais longinquoas paragens do mundo.

Os Phenicios, cujo commercio e navegação eram já florescentes antes que a Grecia houvesse recebido os germens de sua civilização, tinham emprehendido diversas viagens de exploração ao longo das costas da Africa Septentrional, do Mediterraneo e até no Oceano Atlantico.

As expedições do rei do Egypto — Sesostris — haviam feito conhecer os povos da Asia occidental, e até chartas levantadas por sua ordem representavam os paizes percorridos.

Os livros sagrados dos Hebreus, narrando a sua saída do Egypto e sua chegada á terra de Chanaan, esclarecem ainda hoje a topographia das localidades por onde elles passaram; e as tradições colhidas por Moises sobre as origens do mundo lançam tambem alguma luz sobre o estado da Asia Central em epocha mui remota. Mais tarde os Gregos, e ainda os Phenicios, uns pelo interesse da sciencia e outros pelo do commercio, augmentaram, graças ás suas viagens, o campo de observações geographicas e reuniram novas noções ás já adquiridas ou confirmaram indicações incompletas.

(Seguem-se apontamentos muito summarios sobre as noções transmittidas pelos auctores gregos já citados, — notas que o professor provavelmente pretendia desenvolver em sua lição).

Occorrem por ultimo — novos apontamentos tambem resumidos, mas extremamente minuciosos sobre a vida de Strabão e sobre os 17 livros de sua obra monumental).

XII. Asia Central. Imperio Persa; parte oriental.

Todas as regiões da Asia que até aqui percorremos fizeram parte, salvas poucas excepções, do vasto imperio fundado por Cyro, pelo meiado do seculo VI antes J. C. Estas regiões formavam a parte occidental d'elle, e a mais extensa; mas ellas haviam sido reunidas pela conquista, e os povos subjugados esforçaram-se mais de uma vez por sacudir o jugo dos monarchas Persas: afastadas do centro do imperio e governadas por satrapas ou prefeitos, que procuravam separa-las em reinos independentes, estas provincias constituíam para os reis da Persia um rico dominio, mas cuja posse era incerta e difficil.

Os paizes que vamos agora descrever, e que formavam a parte oriental do imperio de Cyro dividida pelo curso do Tigre, eram mais immediatamente submettidas á vigilancia da Corte da Persia, e, como os reis faziam alli a sua residencia em algumas cidades, conforme as estações, estas provincias podem ser consideradas como o centro politico do imperio.

Esta parte oriental, limitada ao N. pelo laxartes e mar Caspio, a L. pelo Indo, ao S. pelo mar das Indias e Golpho Persico, era separada a O. do resto do Imperio pelo Tigre, como já dissemos.

Cyros havia dividido seu imperio em 120 satrapias, reduzidas depois por Dario I a 20.

A Assyria e a Babylonia formavam a nona satrapia: já nos occupamos d'ella.

Resta-nos tractar das seguintes:

Persida	Parthia
Susiana 8.	Bactriana 12.
Média 10.	Sogdiana
Aria 16. (com a Sogdiana, Parthia e Chorasmia)	Caramania } com a Drangiana 14.
Hyrcania.	Gedrosia }

A Persia se-achava primitivamente dividida de um modo vago entre diferentes populações, cuja situação geographica pôde ser approximadamente estabelecida d'esta maneira:

os Persas ao S.
os Arios a L.
os Medos no centro
os Hyrcanios }
os Parthos } ao N.
os Cadusios }

Emfim na mythologia do Oriente, a Asia intermediaria formava duas grandes divisões:

- o Touran (Tartaria. Boukharia)
- o Iran (Persia Oriental; Ariana, do Tigre á India).

Esta parte da Asia se-achou successivamente submettida aos grandes imperios da Asia:

Assyrios, sob Semiramis e Nino; elles não possuíam entretanto toda a Persia.
Medos, que subjugaram os Persas.
Persas, sob Cyros (538) e seus successores.
Alexandre.
Macedonios successores de Alexandre: Seleucidias.
Parthos Arsacidas (256 antes J. C. — 220. dep. J. C.).
Persas Sassanidas...

Média (Irak Adjemi).

(Xenoph. — Exped. Cyr. II, 4. — dá o nome de Média a todo o paiz situado alem do Tigre).

Esta provincia, cujos habitantes são na Biblia denominados Madai, era limitada

- ao N. pelo mar Caspio
- ao S. pela Persia e Susiana (desertos da Paretacenia)
- a O. pela Assyria
- a L. pela Aria e Hyrcania.

Cercado de montanhas, este paiz communicava-se ao S. com a Persia pelo desfiladeiro Climax Megale, a O. com a Parthyenia pelas Caspiæ pylæ.

Estas montanhas tinham os seguintes nomes:

- a O. o Zagros (añagha-Tag) e Niphates, habitados pelos Carduchos, Cordyccos (Kourdistan).
- no Centro o M. Orontes
- o L. o Parachoatras (el Ahves), que formava as pylæ Caspiæ. montanhas de fogo.

Independentemente do Choaspes ou Eulæus, que saía da Media para atravessar a Susiana, e do Gyndes que servia de limite a estes dous paizes, a Media era banhada no centro por um grande numero de pequenos rios, que não se-excoavam para o exterior e se-perdiam nos lagos.

O N. da Media era occupado por muitas nações ou tribus, taes como os Tapyros (Tabaristan), os Mardos ou Amardos, os Caspios, os Cadusios e Gelas (Ghilan).

Dividia-se esta provincia em:

— *Media Occidental, Pequena Media ou Media-Atropatenia* (Aderbaidjan), vizinha da Armenia, entre o Tauro e o Mar Caspio: habitada pelos Mardos e Cadusios. Paiz montanhoso e frio, do qual alguns logares eram comtudo bastante ferteis, e abundante de rébanhos. A parte meridional, perto do lago salgado Spautá (lago d'Ourmiah), tinha o nome de Matiana derivado do nome de seus habitantes — Matienos —. A Media-Atropatenia, que formou um reino independente sob os successores de Alexandre, devia sua denominação ao satrapa Atropeto, que resistiu a Alexandre e provavelmente não foi inquietado por ser sogro de Perdicas.

— *Grande Media* (Irak-Adjemi) ou Media propriamente dicta. Região plana cercada de montanhas, fertil e rica de gado cavallar e muar. Um districto se-chamava Cambadenia (Isidoro).

— *Media Rageiana* a L., que tirava seu nome da cidade de Rages, perto das Pylas Caspias; ao S.E. havia um deserto.

As cidades principaes da Media eram:

na Atropatenia — Gaza ou Gazaca (Tauris) denominada Phraata em Plutarcho, e Prauspa em Dion Cass.; — Morunda (Marend) a 12 l. ao N. de Gaza; — Vera, cidade fortificada.

na Media propriamente dicta:

Ecbatana (Hamadan) no districto de Cambadenia, juncto ao M.^{te} Oronte.

Não sendo a princípio sinão uma fortaleza (*) construída por Dejoces, ella foi augmentada e aformoseada pelos reis Medos e tornou-se a residencia de verão dos reis Persas e Parthos. Era a capital da Media. Templo de Anaïtes.

D'ella não subsistem hoje sinão ruínas.

Ao S.O. de Hamadan, a antiga Ecbatana, encontra-se uma montanha esculpida chamada throno de Rustem; é tambem nos seus arredores que se acha o M.^{re} Risuntin, cheio de baxos relevos e de inscrições cuneiformes. Vê-se em Hamadan um monumento chamado no paiz tumulo de Esther e de Mardocheu; é da epocha do islamismo, mas succedeu a um monumento mais antigo. Os Judeus ainda o visitam em peregrinação. Falla-se em Strabão (XI, 19, 7) d'um templo situado perto de Ecbatana, e cujo nome deu lugar a duvidas, que os criticos ainda não resolveram. Eis o texto (pg. 531, Cas.) relativo a esse templo de Baris ou Abaris, que tanto embarçou os commentadores:

« ὁ ἄσος ἑγρὺς ἐστὶ τῆς ὁδοῦ τῆς εἰς Ἐκβάταναν περὶ τὸν τῆς Ἀβάριδος νεῶν. »

Os mss. dão ora τὸν τῆς Βάριδος, ora τὸν τῆς Ἀβάριδος. O critico Toup (emendd. in Suid. part. IV, t. II, p. 624-625.) preferiu, sem dizer porque, a licção τῆς Ἀβάριδος; de sorte que d'aqui resulta a noção de uma divindade chamada Abaris, que não é conhecida por outro qualquer testemunho. É provavel que o que levou Toup a escolher esta licção, na necessidade em que se-via de admitir a existencia de uma divindade feminina chamada Baris ou Abaris, foi a analogia deste ultimo nome com o do hyperboreu Abaris: achando um templo consagrado a uma divindade d'este nome em uma região pouco afastada do Caucaso, sem duvida pensou que, entre estas variantes, a ultima se-approximava mais do idiomã do paiz, onde se-achava estabelecido o culto d'esta divindade.

O traductor francez de Strabão (t. IV. p. 334. da trad. franc. in 4.^o por Laporte, DuTheil, Letronne, etc.) declara ignorar que divindade era essa, e conserva a licção de Toup. O sr. Coraï fez o mesmo em sua edição grega de Strabão (t. II. p. 361.), e supprimiu o artigo τῆς, postoque reconheça nas notas (t. IV. p. 250.) que todos os mss. o-conservam: publicou portanto « τὸν Ἀβάριδος νεῶν. » O sñr. Siebelis nada alterou neste texto. Portanto é sempre a mesma a difficuldade.

Eu creio poder resolver a duvida e adoptar a licção τῆς Βάριδος, de preferencia a qualquer outra, sem alterar cousa alguma na licção dos mss. Eis os meus argumentos:

O nome de Baris não se-applica aqui a uma divindade, mas designa a forma do templo. De facto, a palavra Βάρις designa uma torre: Hesych.

(*) Parece que o nome Ecbatana significa — fortaleza —. Vide Persia, Ecbatana dos Magos; outra Ecbatana, juncto ao M.^{re} Carmelo na Syria, onde morreu Cambyses ao voltar do Egypto (Herodot. III, 62. 65.), habitada por Judeus Babylonicos (Jos. de vitã suã, § II.).

Báris—*πλοῖον ἢ τεῖχος, ἢ στυαί, ἢ πύργος*—, nome que até se applicava aos picos agudos das montanhas que apresentavam aspecto de torre. Existia na Armenia uma montanha dependente do Ararat, que devia seu nome a esta circumstancia. Finalmente encontra-se a mesma palavra empregada neste sentido, não só na Armenia (Nicol. Damasc.), na Palestina (Flav. Jos. Ant. Jud. XV, 11, 4.), sinão na propria Media e em Ecbatana.

O historiador Josepho (Ant. Jud. X, 11. 7. t. I. p. 542, 543. ed. Havercamp.) designa com este nome uma torre, situada em Ecbatana da Media, perfeitamente conservada em seu tempo, que havia sido construida por Daniel, e onde se depunham os restos mortaes dos reis dos Medas e dos Persas. Um sacerdote judeu era encarregado de guardar este precioso deposito: «... Διονύσιος... ὑποβόρησεν ἐν Ἐκβατάνοις τοῖς Μηδικαῖς Βάριν, ἐκπροσέστατον τι κατισκεύασμα, ... ἡ μέχρι δεῦρου μὲν ἔστι καὶ σώζεται.... θάπτονται δ' ἐν τῇ Βάρει τοὺς τε Μήδιων βασιλεῖς, καὶ Περσῶν, καὶ Πάρθων, ἄχρι τοῦ δεῦρου. Καὶ ὁ ταύτην πεπιστευμένος Ἰουδαῖος ἔστιν ἱερεὺς.»

Assim, esta torre — *βάρις* — d'Ecbatana da Media, consagrada á sepultura dos reis e confiada á guarda de um sacerdote judeu, podia mui justamente passar por um templo; tanto mais que ahi se podia achar uma capella, como succedia com o tumulo de Cyro, na planicie de Susa, onde Magos entretinham o fogo sagrado (Strab. XV, 370.).

A palavra *Báris* parece até designar, em Strabão, a propria fortaleza de Ecbatana, cidade que effectivamente não era no principio mais do que um palacio fortificado encerrando archivos e os tumulos dos reis.

Flavio Josepho (XI. 4. 6.) designa ainda com este nome *Báris* a propria Ecbatana, onde se conservava o decreto de Cyro em favor dos Judeus: «καὶ εὐρέθη ἐν Ἐκβατάνοις, τῇ Βάρει τῇ ἐν Μηδίᾳ, βιβλίον, ἐν ᾧ τάδε ἦν ἀναγεγραμμένα....»

E o propheta Esdras, fallando do mesmo decreto de Cyro (I, 6, 2.) diz: καὶ εὐρέθη ἐν τῇ πόλει, ἐν τῇ Βάρει, κεφαλὴς πλᾶ.... o que a Vulgata traduz: et inventum est Ecbatanis, quod est *Castrum* in Medenam provinciam....

Ora o texto hebraico dá a Ecbatana o nome de Achmeta, que significa — caixa, archivos —, e o syriaco Ahmatham, que é exactamente o nome moderno de Ecbatana; de sorte que a traducção de Ecbatana pode ser esta: torre ou fortaleza dos archivos.

Parece-me resultar do que precede que a passagem alludida de Strabão, onde se falla do templo de Baris, pode explicar-se d'esta maneira: o Monte Abus está perto da estrada que conduz a Ecbatana, do lado do templo ou da capella da fortaleza.

Ao S. d'esta Ecbatana achava-se o Campus Nisæus, afamado pelos seus cavallos reservados para os reis: era um hara real.

Choana (Koum) a S.E. d'Ecbatana.

Aspadana (Ispahan) ao S. de Choana, na fronteira da Persia, entre os Paretacenos.

Na Media Rhagiana:

Rhagæ (Rei), também chamada Europus (Macedonicos), Arsacia (Parth.) a 20 leguas das pylas caspias, celebre pela historia de Tobias que alli foi buscar 6 talentos devidos por Gabello a seu pai. Era a residencia de primavera dos Arsacidas. Esta cidade era situada em um districto chamado Apavarticenia; parece ser a mesma Asaak, onde Arsace declarou-se rei (Isid.); guardava-se ali o fogo sagrado.

Dara, ou Dareium — fortaleza situada no Monte Zapaortenon, na Apavarticenia, á entrada das pylas. Residiam alli os Tapyri.

Susiana (Khozistan).

Esta provincia, considerada ás vezes como uma subdivisão da Persida, era limitada

ao N. pela Media

ao S. pelo Golpho Persico

a O. pelo Tigre e pela Babylonia

a L. pela Persida.

A parte septentrional da Susiana se-chamava Elymaida (Elam); a meridional, visinha da Babylonia, tomou mais tarde o nome de Characenia.

Os Cossai, cujo nome se-torna a achar na denominação moderna d'esta região, Khozistan, e que pelos seus usos parecem pertencer á familia Aramea, occupavam a parte visinha da Persia, para o lado do N.

Paiz fertil e dotado de bello clima, era banhado por muitos rios, dos quaes citarei como principaes:

o Eulæus ou Choaspes, que descia da Media e se-lançava, como o seguinte, no golpho Persico. Suas aguas limpidas eram as unicas de que bebiam os reis da Persia.

o Oroates ou Pasitigris (Tab.).

Um desfiladeiro chamado — Pila Persica ou Susida — (desfiladeiro de Zindjéran), que Alexandre atravessou, estabelecia a communicação da Persia com a Susiana.

Na Susiana propriamente dicta (Souzistan), achava-se a cidade de

Susa (Chouster), capital do paiz; residencia de inverno dos reis da Persia e afamada pelos palacios, que elles haviam feito construir e que, segundo se-diz, encerravam grandes thesouros. Tumulo de Daniel. Peregrinação dos Judeus.

Hoje ruínas: inscrições cuneiformes.

A Elymaida ou Elymaïtis, a Elam dos Hebreus (Elam) (*), situada entre o Euleo e o Orontes, desde a Media até o Golpho Persico, dividia-se em:

(*) *Αἰλμα ἢ τῆς Βαβυλωνος, ἢ καὶ πάσης τῆς χώρας ἧς ἡρξε Κύρος.* Olympiodor.

Messabalenia, dos Mesobatas.

Gabenia

e Carbiana (Kourmabad).

Era habitada pelos

Uxii ou Oxii (Honzistan), Mizoci, Parthusi, Mardi, Saître, Ilyi, Coastei, Parostaceni, Messabatæ.

Suas cidades principais eram:

Elymaïs, capital (ruínas, arredores de Dizfoul). Celebre por um templo de Diana muito venerado no Oriente e muito rico, que foi saqueado por Antiocho Epiphanio e depois por um rei Partho.

Badaca, sobre o Eulcens.

Sasirata, perto do m.^{te} Casyrus

Soloece, depois Seleucia, grande cidade (Strab.) sobre o Hedypos.

Na Characenia:

Alexandria, depois Antiochia, depois *Charax*, que deu seu nome ao districto. Fundada por Alexandre foi aformoseada por Antiocho V. Spasinus, rei arabe, filho de Sogdonaenus apoderou-se d'ella, garantiu-a dos transbordamentos do Tigre por meio de um molhe, — o que valeu á cidade a denominação de Charax Spasini, molhe de Spasino. Ahi fundou elle um reino independente. Restam-nos medalhas de seus reis. Charax é patria de Dyonisio o periegeta e de Isidoro, ambos geographos.

Hyrkania (Mazenderan).

Esta provincia limitada ao N. pelo Mar Caspio,

ao S. pela Parthyenia

a O. pela Media

a L. pela Margiana e pela Aria

occupava uma parte das costas do Mar Caspio, ao qual deu seu nome — mare Hyrcanum —.

Eram ferozes os povos que a-habitavam; attribue-se-lhes o costume de entregar os cadaveres ao pasto dos cães. Entre elles se-achavam:

os Astabeni ao N. na costa or. do M. Caspio;

os Dahæ aspasiacæ (Dahistan) ao S. dos precedentes;

os Chrindi ou Syringi ao S.

os Tapyri ao N.O. nos limites da Media.

O cantão visinho das pylas Caspias se-denominava Choarenia, e era fertil. No angulo S.E. do Mar Caspio estava situada a Comisenia.

Podemos reunir á Hyrcania a Chorasmia (Khowaresm, embocadura do Oxus), situada na costa oriental do M. Caspio, entre elle e o lago Aral, que apparece designada com o nome de Chorasmia paludes, e onde se-lançava o Iaxartes que separava este paiz da Scythia asiatica.

O Oxus (Djihoun) atravessava o paiz dos Chorasnios para ir lançar suas aguas no M. Caspio. Junctar-lhe-hemos ainda a Margiana situada a L. do paiz do Dahne, entre este paiz e a Sogdiana a L., e que confinava ao S. com a Asia. Tirava seu nome do r. Margus (Morg ab) affluente do Oxus, que a atravessava de S. a N.

As principaes cidades da Hyrcania, comprehendidas a Chorasmia e a Margiana, eram:

Zadracarta, a cidade mais consideravel d'esta provincia (Arriano), no paiz dos Tapyri, ao S. do mar Caspio.

Adrapsa.

Syringis ou Hyrcania, nos confins da Margiana.

Na Chorasmia — nenhuma cidade.

Na Margiana:

Antiochia ad Margum, sobre o Margo.

Persia ou Persida, Persia propriamente dicta.

Sede principal do poder do Imperio. Provincia limitada ao N. pelos Montes Paretacenos ou Cosseus, que a separavam da Media,

ao S. pelo Golpho Persico

a O. pela Susiana e Montes Uxios.

a L. pela Carmania.

Ella communicava-se com a Media por uma passagem ou desfiladeiro chamado em virtude de sua forma — Climax megale — *κλιμαξ μεγάλη*.

Dois rios regavam a sua parte septentrional e se-perdiam nos lagos, a saber: o Cyrus ou Agradatus, e o Araxes (Bendemir) que se-lança no lago Bakhtegan.

Os Montes Paretacenos e Cosseos, que limitavam ao N. a Persida, eram habitados assim como a região vizinha por povos do mesmo nome: esta parte tinha o nome de Paretacenia. Esteril, montanhosa.

Os Uxios, montanhosos salteadores, e os Memacenos que detiveram a marcha de Alexandre, occupavam a sua parte S. occidental.

Os Persas propriamente dictos e os Parsagadae (Paras, eques) habitavam o centro; paiz fertil, rico de rebanhos, e que na epocha da prosperidade da Persia era regada por canaes artificiaes.

A parte meridional, Mesembria, (Laristan), o calor e as sêccas haviam-n'a tornado esteril.

As cidades principaes eram:

Persepolis (Istakhar), capital, queimada em parte por Alexandre (Q. Curt.), posto que o não creia Langlès. Esta cidade, que encerrava monumentos magnificos, está hoje em ruinas. Achem-se ali inscripções cuneiformes. Ao N. de Persepolis encontra-se o rochedo de Nackhi Rustem, ornado de baixos-relevos esculpidos e de inscripções. Residencia de outomno dos reis da Persia.

Pasargadæ ou Parsagadæ (Fesa ou Darabgherd) a L. da Persida. Seu nome diz-se que significava campo dos Persas. Alguns auctores confundem esta cidade e a de Persepolis; mas Plínio e Strabão as distinguem. Era a antiga capital. Ao N. da cidade estava o tumulo de Cyro, mausoléo quadrado feito de marmore branco, que no paiz se-chama tumulo da mãe de Salomão, e que era guardado por Magos incumbidos de alimentar o fogo sagrado. Estes Magos possuíam a fortaleza de Parsagadæ; Dario fê-los mudarem-se para uma cidade chamada Ecbatana dos Magos, na extremidade septentrional da Persia (Plin. VI, 29.).

Obroatis de Ptol. (Kommchah).

Cyropolis (Firouz-Abad, a principio chamada Djour). Ruínas; monumento esculpido a 7 leguas na direcção do sul.

Gabes e Oca, residencias reaes. Não existe vestigio d'ellas.

Muitas ilhas do Golpho Persico dependiam da Persia, taes como: Tabiana, Sophia, e Insula Alexandri ou Aracia.

Parthia ou Parthyenia (Khorazan persan).

Limitada ao N. pela Hyrcania, da qual se-separa pelo M.^{te} Coronus.

ao S. pela Carmania deserta e pela Persida

a O. pela Media

a L. pela Aria.

Pretenderam derivar o nome dos Parthos do de Rethrusim, f. de Misraim. Estes povos, de origem scythica, cavalleiros nomades, faziam vir o nome Parthos de uma palavra de sua lingua, que significa fugitivos ou transfugas, ou por causa do costume de fugirem combattendo a cavallo, ou porque houvessem abandonado sua primeira habitação, quando vieram fixar-se neste paiz.

Elles figuram tarde na historia, mas tornam-se poderosos sob os Arsacidas, que tiveram a posse do throno persa até a epocha de Justiniano.

Não tinham sinão poucas cidades, e até se não cita mais do que

Hecatompylos, que ora collocam na Media, ora na Hyrcania.

Aria.

Limitada ao N. pela Margiana e Hyrcania

ao S. pela Carmania e Gedrosia

a O. pela Hyrcania e Parthyenia

a L. pela Bactriana e pelos Paropamisos.

Ella tirou seu nome do rio Arius, que nasce no Paropamiso e vae lançar-se no Aria palus (lago Zerreh) situado entre a Aria e a Drangiana.

O rio Margo saía do centro da Aria e corria para o N. a junctar-se ao Oxus.

A Aria corresponde ao Iran dos antigos historiadores orientaes. Era habitada

ao N. pelos Nisæi e Staveni, a O. pelos Mazorani, e comprehendendo nella a Drangiana, ao S. pelos Zarangui ou Drangæ.

Suas cidades principaes eram:

Aria ou Artacoana (Herat), capital, sobre o Arius.

Susia (Zeuzan) ao N. da Aria

Bitaxa (Badaghiz) a L. da precedente

Sariga (Scharakhs) a N.E.;

na Drangiana:

Prophthasia

Ariaspe.

Um districto situado a N.O., e visinho da Carmania, tinha o nome de Tabienia.

Uma parte da Aria se-chamava — regio scorpiofera—.

Carmania (Kerman).

Limitada ao N. pela Parthyenia e Aria

ao S. pelo golpho Persico

a O. pela Persida

a L. pela Gedrosia, da qual se-separa pela cadcia dos montes de Semiramis.

Esta provincia (que se não deve confundir com Caramania) dividia-se em: Carmania deserta ao N., que encerra um deserto rico de sal, e Carmania propriamente dicta (Moghistan) ao S. sobre a costa do golpho Persico, na altura do estreito.

Regavam-n'a os rios: Daras (Deriai), Bagradas (Darabin), Anamis (Nehr Ibrahim) e Salsas (Chourevoud). Fertil em sua parte meridional e rica de varios productos como trigo, vinhos, bellos jumentos, ouro e cinabrio, era ella pouco conhecida dos antigos.

Suppõe-se que os Germanii de Herodoto e de Megasthenio (ap. Strab.), os Sarmanos de Clem. de Alex. são os Carmanios, ou talvez os Bramines ou Shamans da India.

As cidades eram:

Carmania, capital, no interior (Am. Marcell.).

Harmapolis ou Harmonia, sobre o estreito; dava o seu nome a um cantão (hoje Minas) habitado por um povo muito commerciante. Seus habitantes, expulsos pelos Tartaros no XII sec. povoaram a ilha de Ogyris, á qual deram seu nome que ficou no de Ormuz.

Canthrapis, cidade sobre o golpho Paragon.

Cophanta, que parece pertencer á Gedrosia,

Alabagium portus.

A Carmania era habitada do N. ao S. pelos seguintes povos, cuja posição é todavia difficil precizar:

Camelobasci, provavelmente as caravanas do deserto.

Soxotæ, talvez Toxotæ.

districtos Rhudiana e Agdimitis

Acræ e Charadnæ

districtos Cabedenia e Acanthonitis

Pasagardæ e Chelonophagi, na costa.

Muitas ilhas dependiam d'esta provincia, umas no golpho:

Sagdiana ou Mittus.

Oaracta (Kichmich).

Oriana ou Ogyris (Ormuz).;

outras no Oceano Indico:

Polla

Carminna

Liba.

Sogdiana (Grande Boukharia. Turkestan Oriental).

Situada entre o Oxus (Amoudaria) e a Bactriana ao S., e o Taxartes (Syrdaria) ao N.; limitada a O. pelo paiz dos Chorasmios, a L. pelos Scythas nomades, Sacæ.

Este paiz, atravessado de O. a L. pelos montes Sogdianos habitados pelos Oxydracos, contava ainda outros povos, como:

os Pascæ a L., perto dos montes Oxii, ramo do Imaus.

Iaxarti, Tachosi, para o N.

Augasi ao S. dos precedentes.

As cidades principaes eram:

Maracanda (Samarkand) no proprio centro da Sogdiana; muitas estradas concorriam para alli.

Memaceniorum urbs, ao N. de Maracanda.

Cyropolis ou Cyreschata, ao N. de Memacen. urbs, perto do Iaxartes.

Alexandria ou Alexanduschata, sobre o Iaxartes, a N.E. de Maracanda, quasi na extremidade da Sogdiana.

Alexandri Aræ. Baccii, Herculis, Semiramidis, Cyri, etc. Limite extremo das conquistas de monarchas occidentaes, a L. de Alexandria, nas nascentes do Iaxartes.

Sisimathræ petra, ou Sogdiana Petra, ou Oxiana petra. Fortaleza cercada por Alexandre, e onde elle celebrou seu casamento com Roxana; a S.E. de Maracanda.

Drepsa, nas nascentes do Oxus, a L. de Sisimathræ petra, nas fronteiras orientaes da Sogdiana.

O paiz entre o Oxus e o Imaus se-denominava Vandabanda.

Bactriana (Khorazan).

Limitada ao N. pelo Oxus e pela Sogdiana

ao S. pelo Paropamisus (gaur).

a O. pela Margiana e Aria.

a L. pelos Scytas asiaticos e Massagetas.

Grande provincia, fertilissima, muito populosa e outrora florescente pelo commercio, tinha grande numero de cidades.

Ella occupa uma parte da bacia do Oxus, que recebe a O. o Dargidus ou Dargomanes, no qual se-lança o Bactrus ou Zariaspus. O Oxus tem ainda um grande numero de affluentes, que, nascendo no Paropamisus e dirigindo-se de S. para N., vão lançar-se na sua margem esquerda ou meridional. Habitada por numerosas nações, taes como os:

Salataræ } ao N.
Zariaspæ }

Chomari }
Comi } ao S.
Acinacæ }
Tambyzi }

Tochari (Tokhâristan), nascentes do Oxus, a L.

Marycæi

Scordæ

Orsippi

Amarispîi.

Os habitantes da Bactriana eram bons soldados, cavalleiros e archeiros. Elles apparecem na historia desde o tempo de Nino e Semiramis, que fizeram tributario o seu rei Oxyastes. A Bactriana passou depois para o domínio dos Persas, e mais tarde para o dos Macedonios: um satrapa dos Seleucidas, Theodoto, se-declarou independente e fez do paiz um reino, que Seleuco Callinico não ponde submeter; este reino passou aos successores de Theodoto até Eucratides, após cuja morte os reis Indo-Scythas se-apoderaram d'elle.

A Bactriana era a estrada e o entreposto das preciosas mercadorias da India: paravam as caravanas em Bactres, d'onde muitas estradas (*h. ex Bactrân Ispâdos...*) conduzião: uma para O. até o mar Caspio e o Ponto Euxino; outra para o N. até Maracandâ (Samarkand), onde vinham ter em caravanas os productos dos confins da Asia; outra finalmente a S.E., que levava para as ricas regiões da India e da Sérica.

A Bactriana tambem era celebre na mythologia ou na historia heroica e religiosa da alta Asia. É ahi que se-diz ter nascido Zoroastro, cuja religião se-expandiu por toda a Asia central; é ainda esse talvez o centro principal, d'onde irradiou a religião de Chakia Mouni ou Bouddha. Assim tambem Balkh, a antiga Bactra, era considerada a mãe das cidades e a mamma da terra.

Por suas conquistas os reis de Bactriana, successores de Theodoto, haviam dilatado consideravelmente os limites do reino: diz-se que naquella epocha contavam-se alli cerca de mil cidades. De facto se-acharam medalhas d'estes reis no Caboul e em Boukhara, e graças a estas medalhas se-conseguiu reconstituir a historia d'este paiz.

As principaes cidades eram:

Bactra (Balkh), primeiro chamada Zariaspa (posto que alguns façam d'ellas duas cidades); situada sobre o rio Bactrus, juncto ao Paropamisus, segundo Q. Curcio, e no interior — longe d'estas montanhas — segundo Ptolomeu; denominada Bactra regia.

Alexandria Oxiana, a N.E., fundada sobre o Oxus por Alexandre.

Daraspá, Adraspa ou Drapsaca, ao S.

Eucratidia.

Cariata, destruida por Alexandre.

Gedrosia (Mekran) e Arachosia (Arokhadj, Caboulistan).

O rio Candriaces atravessava-a de N. a S., e recebia em sua margem direita ou occidental o Samydaces. O Arabius formava o limite oriental.

Os habitantes da Gedrosia se-chamavam:

Arabitæ ou Arbies, na fronteira da India, interiormente.

Horitæ, perto da India e juncto à costa.

Ichthyophagi, em toda a costa.

Cidades:

entre os Ichthyophagos, de O. a L.:

Træsus

Samydacis

Tiza

Barna

Pasira.

entre os Horitæ, no interior:

Chodda, a O.

Rhambazia, a L.

entre os Arabitæ:

Arbis, sobre o Arabius.

na Arachosia:

Arachotus, perto de um pequeno lago do mesmo nome:

Alexandria, a N.E. de Arachotus.

Ortospanna, nos Paropamisades, ao N. da Arachosia e ao S. da Bactriana.

CORRECÇÃO DE UM TEXTO DE PTOLOMEU

O snr. Letronne (*Journal des Savans*, Agosto de 1840, pg. 494-95.) discute o sentido e a licção da seguinte passagem de Ptolomeu (*Geogr. c. 2. sub fin.*), a proposito da nova edição publicada pelos snrs. Fr. Guill. Wilberg e C. H. F. Grashof (*Essendiae*, 1838-40, 8.º).

Diz o texto :

«...ὥστε τῶν [o Snr. Wilberg supprime τῶν baseado na auctoridade de dous mss.]
 « διὰ τοῦ κέντρου ἐκβαλλομένων ἐπιπέδων ἕκαστον τὰς κοινὰς τομὰς αὐτοῦ [esta
 « ultima palavra não faz sentido, segundo o snr. Letronne que propõe αὐτῆς,
 « scilicet: σφαίρας τῶν ἀδρανίων. — O snr. Grashof lê τούτης, scilicet: τῆς γῆς
 « ἐπιφανείας] καὶ τῶν εἰρημένων ἐπιφανείων ποιεῖν μεγίστους ἐν αὐταῖς κύκλους, καὶ
 « τὰς συνισταμένας ἐν αὐτῇ πρὸς τῇ κέντρῳ γωνίας ὁμοίας ἀπολαμβάνειν τῶν κύκλων
 « περιφερείας.»

O snr. Letronne traduz: « ... de sorte que cada um dos planos tirados do centro, formando secções communes (?) d'esta esphera e das dictas superficies (terrestres), traça nella (?) grandes circulos, e os angulos, cujo vertice está no centro commun, interceptam os arcos eguaes d'estes circulos. »

Esta traducção, que a meu vêr nada explica, parece demais pouco exacta. O defeito está primeiro na pontuação do texto, depois na apreciação das ideas de Ptolomeu.

Tracta-se neste logar da esphericidade da terra: Ptolomeu pretende dar os meios de medi-la. Julgo melhor punctuar assim:

«...ὥστε, τῶν διὰ τοῦ κέντρου ἐκβαλλομένων ἐπιπέδων, ἕκαστον τὰς κοινὰς τομὰς αὐτοῦ καὶ τῶν εἰρημένων ἐπιφανείων ποιεῖν, μεγίστους ἐν αὐταῖς κύκλους, καὶ τὰς συνισταμένας ἐν αὐτῇ πρὸς τῇ κέντρῳ γωνίας ὁμοίας ἀπολαμβάνειν τῶν κύκλων περιφερείας.»

— τῶν διὰ τοῦ κέντρου ἐκβάλλ. ἐπιπ. é genitivo absoluto.

— αὐτοῦ καὶ τῶν εἰρ. ἐπιφ. depende de κοινὰς.

— αὐτοῦ refere-se a ἕκαστου τῶν ἐπιπέδων.

— μεγίστους ἐν αὐταῖς [sc. ἐπιφανείαις] κύκλους é a explicação de τὰς κοινὰς τομὰς.

D'esta maneira, sem ser necessario alterar a ordem ou a forma das palavras, apenas se-restabelece a genuína pontuação. Eu traduziria pois:

« ... de sorte que, tendo sido tirados planos do centro [da terra], cada um d'elles [planos] estabelece secções communes a este centro [isto é, ao centro de cada um d'estes planos] e ás referidas superficies [terrestres], a saber — grandes circulos traçados sobre estas ultimas [ἐν αὐταῖς, sc. τῆς γῆς ἐπιφανείαις]; e de sorte que os angulos que, sobre [cada um d'] estes [planos] (ἐν αὐτῇ, sc. ἕκαστῳ

των ἐπιπέδων), têm seu vertice no centro [d'estes planos], interceptam arcos de círculos eguaes [entre si]. »

O geographo quer assim dizer :

1.º que, dividindo a esphera por meio de planos parallelos, o eixo e a superficie serão atravessados segundo um plano commun ;

2.º que d'isso resultarão círculos traçados na superficie da terra, e cujo centro particular dividirá o eixo da terra ;

3.º que os angulos eguaes, traçados do centro á circumferencia de cada um dos planos parallelos, sustentarão arcos eguaes, mas não representarão superficies eguaes ;

4.º enfim, que se-poderá medir o arco do meridiano e sua inclinação, considerando ao mesmo tempo a altura do eixo e os diâmetros de cada plano.

(Segue-se um desenho demonstrativo.)

N.º 16

(PARECER SOBRE O MANUAL DE HISTORIA GERAL CONTEMPORANEA)

A Son Excellence Monsieur le Conseiller Inspecteur général de l'Instruction Publique.

Monsieur le Conseiller.

Chargé, en vertu d'un dépêche du 6 Mai dernier, de rendre compte du « Manuel d'histoire générale contemporaine de MM. le Baron de Tautphœus et Gonçalves da Silva, Rio de Janeiro, J. Soares de Pinho, 1856, 108 pp. in 12.º — j'ai du hésiter, en raison des sentimens que je professe pour les auteurs de cet ouvrage et du respect que m'inspire leur savoir, avant d'accepter la tâche délicate de formuler les éloges, que me semble mériter leur travail ou les critiques auxquelles il ne me paraît pas d'ailleurs donner lieu.

Ce motif, indépendamment de mes occupations, m'a privé de l'honneur de vous remettre cette note aussi promptement que je l'eusse désiré. J'ose espérer que vous voudrez bien excuser ce retard et la liberté que j'ai prise de le rédiger en français, ne pouvant que très difficilement vous en offrir une traduction, même imparfaite.

L'idée et l'intention qui ont dicté au Conseil Supérieur de l'Instruction publique la résolution de mettre sous les yeux des jeunes citoyens le tableau des événemens de l'histoire contemporaine sont généreuses et libérales : c'est par un sentiment de patriotisme bien évident que cette savante assemblée a

voulu que les jeunes Brésiliens, appelés à prendre part un jour aux affaires publiques, ne fussent pas étrangers aux circonstances, qui ont immédiatement précédé l'époque de leur entrée dans la carrière active. C'est donc pour atteindre à ce but que le Conseil Général a confié à MM. Tautphoeus et Gonçalves da Silva le soin de rédiger ce résumé historique, destiné à compléter le Manuel français du Baccalauréat, dans lequel l'enseignement de l'histoire ne s'étend pas au-delà de 1815.

Les auteurs de ce résumé ont accepté cette tâche, quoique très difficile à remplir; et il était impossible de la réaliser d'une manière plus convenable et mieux appropriée à l'enseignement élémentaire. La méthode qu'ils ont suivie dans la division des matières, la sobriété des détails, la prudence avec laquelle ils se sont interdit les appréciations délicates ou prématurées, sans rien omettre de ce qui pouvait rendre complet le tableau de l'époque qu'ils retraçaient; ces différents mérites rendent dignes d'éloges cet ouvrage, pour la composition duquel les auteurs n'avaient aucun modèle à suivre.

La préface qu'ils ont placée à la tête de leur livre caractérise d'une manière trop modeste, sans doute, un travail sans prétention littéraire, entrepris pour répondre aux besoins de leur propre enseignement et d'ailleurs exécuté rapidement. Mais on remarquerait peut-être que la partie de ce Manuel consacrée à l'histoire du Brésil et de l'Amérique du Sud est trop abrégée; si l'on ne devait attribuer à la prudence des auteurs leur silence presque absolu sur cet objet. Ce scrupule est, à mes yeux, un nouveau motif de louange; j'oserais presque ajouter que, s'ils n'eussent pas été contraints de se conformer à un programme, peut-être eussent-ils retranché de leur ouvrage ce qui concerne l'histoire nationale.

On ne saurait, en effet, dans un exposé des événements d'une période historique, s'abstenir de caractériser les faits et les hommes, qui les ont provoqués, conduits, qui en ont été les héros ou les victimes, ou qui en ont profité; si, même sans les nommer, l'historien blâme ou exalte un fait et les conséquences qui l'ont suivi; n'est aux hommes publics qui y ont pris part qu'il en attribue implicitement la gloire ou la honte.

Or, le résumé de MM. Tautphoeus et Gonçalves embrassant un intervalle de quarante ans, jusqu'à l'année 1856, devait passer en revue les événements qui ont préparé l'état de choses, où nous sommes aujourd'hui, apprécier la conduite de la plupart des hommes d'état encore vivants, signaler les résultats de leurs efforts ou le mauvais succès de leurs espérances. Pénétrés de la difficulté de leur tâche, qui n'entraîne pas seulement leur responsabilité comme gens de lettres, mais qui sollicite leur conscience comme professeurs, en raison des effets que leur enseignement peut produire sur de jeunes intelligences, ils ont cru devoir mettre de côté ce qui pouvait servir de prétexte ou d'occasion à un commentaire dangereux.

Il ne s'agit pas seulement ici d'un ouvrage destiné à être lu et appris par cœur littéralement, mais d'un résumé préparé pour servir à l'enseignement public, pour offrir un texte aux développemens du professeur et un sujet de méditation aux élèves. Il ne suffira pas au professeur d'être impartial ou modéré dans ses appréciations, de renoncer à ses propres sympathies, à ses préjugés, à ses principes; la seule mention d'un fait contemporain, dans lequel se trouvent intéressées des personnes encore vivantes, prendra, entouré de tous les détails qu'il comporte, le caractère d'une attaque ou d'une apologie indirectes, en rappelant ceux qui y ont participé ou qui ont résisté à ses conséquences. Si, à la lecture des historiens de Rome ou d'Athènes, nous nous passionnons pour ou contre César, Aratus, Périclès, Aristide, Brutus, Pompée ou Cicéron, comment le professeur et ses élèves resteraient-ils indifférens au récit des événemens où leurs familles, leurs amis, sont signalés comme ayant protégé ou compromis la prospérité publique? Quelles susceptibilités ne réveillera pas l'enseignement public de l'histoire contemporaine du Brésil, donné à la jeunesse au nom du Gouvernement? La décision du Conseil général, en prescrivant cet enseignement, n'a pas sans doute prétendu le réserver exclusivement au Lycée Impérial de Pedro II: il sera, sinon exigé, au moins autorisé dans toutes les autres maisons d'éducation. Or, si l'Inspecteur général peut circonscrire et diriger les tendances des professeurs des établissemens publics, lui sera-t-il également possible d'étendre sa surveillance sur l'enseignement historique donné dans les collèges particuliers? Les restrictions, qu'il croirait devoir imposer, ne donneraient-elles pas lieu à de pénibles interprétations, et les moyens de reprimer le mal, que feraient des doctrines malsaines, ne lui manqueraient-ils pas? Je supposerai le cas où, même sans intention politique, mais par spéculation, un chef d'établissement déclarât que les élèves recevront, dans les limites du programme officiel, un enseignement historique conforme à telle ou telle opinion, qu'on y fera prévaloir telle doctrine, que la chaire d'histoire contemporaine sera confiée à tel professeur, connu par des opinions politiques favorables à tel parti, hostiles au gouvernement, quel recours aura le Conseil général à opposer à une propagande dangereuse, dont il aurait fourni le premier prétexte? Cette chaire deviendrait une tribune, le collège un séminaire de factions, la jeunesse l'instrument aveugle de passions funestes, et formerait les élémens de phalanges séditeuses appelées un jour à s'armer pour la guerre civile.

Dira-t-on que l'enseignement de l'histoire doit se limiter à la simple énumération de faits, à la lecture d'un index chronologique, et que cet enseignement ainsi conçu ne saurait inspirer aucune crainte? Mieux vaudrait retrancher absolument l'enseignement même élémentaire de l'histoire que de le restreindre ainsi. Je me trompe, sans doute, mais je crois que l'histoire est une doctrine et non une nomenclature; que l'étude de l'histoire est une préparation à la connaissance et à la pratique des devoirs sociaux, et non un simple exercice de mémoire; que l'enseignement de l'histoire est, pour la jeunesse, une initiation à la vie

publique et non la représentation frivole d'un drame intéressant; en un mot, que l'histoire n'est pas un arsenal de bons mots, un musée d'anecdotes, un vain répertoire de traits brillans pour l'usage de la conversation, comme peuvent le penser ceux qui supposent aussi qu'on fait traduire aux jeunes gens Eschyle ou Thucydide, Horace et Tite-Live pour qu'ils apprennent à parler grec et latin. Si l'on attribue, dans tous les pays, une si grande importance à l'enseignement de l'histoire, c'est que celle même des temps éloignés fournit des règles pour l'appréciation des faits, qui se passent sous nos yeux: parceque, sous la forme d'un apologue, elle personifie des idées politiques et morales, elle démontre la lutte des passions des hommes, passions qui n'ont changé ni d'objet, ni d'intensité, ni de moyens pour se satisfaire. L'histoire des anciens est si souvent encore, en changeant les noms propres, le tableau exact des événemens des temps modernes, que la prudence des gouvernemens leur fait un devoir de surveiller les chaires, où on l'enseigne, pour prévenir la propagation de doctrines funestes, ou pour faire prévaloir des influences qui leur sont favorables. Pour former des hommes aptes aux affaires, il n'est pas nécessaire de faire passer sous leurs yeux les événemens de l'histoire contemporaine: toute la science abstraite d'un homme d'état se trouve dans une page de Tacite ou de Salluste, consciencieusement commentée.

Aussi ne me contenterai-je pas d'appliquer les réflexions, qui précèdent, à l'histoire contemporaine du Brésil; j'ajouterai que le tableau de l'histoire générale que présente le résumé de MM. Tauphœus et Gonçalves me semble devoir produire sur l'esprit des jeunes gens une impression funeste. L'histoire des nations de l'Europe, dans ces dernières quarante années, offre un spectacle bien saisissant, mais aussi bien triste et bien décourageant. Quels sont les hommes, parvenus à la maturité, qui ne se sentiront pas troublés en considérant les événemens qui signalent cette courte période et proclament, comme une condition fatale des sociétés contemporaines, l'instabilité de leurs institutions politiques, la fureur des partis, le triomphe du désordre, l'affaiblissement des plus généreuses, des plus nobles passions qui ont cédé à des intérêts mesquins, à l'ambition personnelle sans dignité et sans frein; l'oubli ou la profanation des traditions, que de longues générations avaient entourées de respect et de protection; qui ne distinguent avec effroi, à travers ce nouveau langage, où des mots, représentant des idées respectables, sont devenus des élémens de guerres civiles, des cris de ralliement pour les factions, des appâts offerts aux passions pour obtenir la popularité, des signes inventés par les ambitieux pour provoquer la haine et l'envie contre les principes ou les hommes qui les gênent: qui ne voit, dans ce langage, la trace et la cause de cette démoralisation progressive qui, après avoir été le trait caractéristique d'une faible partie de la société, capable d'en combattre les effets, envahit aujourd'hui les régions où dominant, non le jugement, mais les passions, non une instruction saine et proportionnée, mais des prétentions sans limites, non pas enfin la modération,

la calme, la croyance au bien, le respect de la grandeur morale, la compassion pour les grandes infortunes, mais la fureur, le doute, l'envie, la crainte servile devant la force matérielle, l'admiration pour le triomphe insolent, le coup de pied à la grandeur déchue, le *vas victis*! des barbares.

Jetez les yeux, Monsieur le Conseiller, sur les sommaires des différens chapitres de l'ouvrage de MM. Tautph. et G.; il en est à peine quelques uns où ne figure pas le mot révolution. Est-il à propos, dans un pays comme le nôtre, où il importe avant tout que les générations qui s'élèvent reçoivent des leçons et des exemples de probité politique, de justice, de calme et de modération, d'émouvoir prématurément la jeunesse, en lui offrant le spectacle des désordres qui ont ébranlé, depuis le commencement de ce siècle, les sociétés d'outre-mer?

Lorsque l'Empereur Napoléon III ordonna que l'enseignement historique dans les lycées, embrassât, au-delà de la période où se trouvait antérieurement renfermée l'histoire moderne, c'est à dire jusqu'à 1789, les quinze premières années du XIX.^e siècle, il n'ignorait pas sans doute que l'étude de l'histoire n'est, pour les jeunes gens, qu'un moyen de développer leur jugement, et que les événemens, à quelque peuple et à quelque époque qu'ils se rapportent, fournissent également matière à d'utiles réflexions. Mais, en proclamant cette réforme de l'enseignement historique, il réservait un but politique. Il pouvait, en effet, regarder comme utile à sa propre grandeur, de populariser la gloire du chef de la dynastie, dont il a affecté de se donner comme héritier et continuateur: il lui importait que la jeunesse le regardât comme successeur légitime de celui qui a présidé aux destinées de la France, jusqu'en 1815, et dont le nom, vénéré en France, a été le principal appui de celui qui en a recueilli le bénéfice en 1848. Il n'a donc ajouté au programme que le règne de Napoléon I^{er}, afin d'expliquer et de légitimer le sien.

Afin de terminer cette note déjà trop longue, où j'ai pris la liberté, Monsieur le Conseiller, de vous faire part de mon opinion avec trop de laisser aller peut-être, je me hâte de déclarer que si le Conseil général regarde comme nécessaire et sans danger l'enseignement de l'histoire générale et nationale contemporaine, l'ouvrage de MM. le B^{re} de Tautphoeus et J. A. Gonçalves da Silva est certainement très propre à répondre à ses vues; et que, sans considérer le style, que je ne saurais juger, il serait difficile de composer un manuel plus concis, plus complet et plus méthodique.

J'ai l'honneur d'être, avec respect,

Monsieur le Conseiller Inspect.^r g.^r

de Votre Excellence
le très humble serviteur

A BIBLIA DE MOGUNCIA DE 1462

(CHARTA AO REDACTOR DA ENCYCLOPÉDIE MODERNE)

• Monsieur.

J'ai l'honneur de vous informer de l'existence, à Rio de Janeiro, d'un document inédit, relatif à l'histoire de l'imprimerie; document qui, sans valeur entre mes mains, pourra acquérir dans les vôtres un intérêt scientifique, et servira peut-être à résoudre quelques unes des questions, que vous avez soulevées dans votre savante notice sur les origines de la typographie.

Nommé depuis peu de temps bibliothécaire de la Bibliothèque Impériale et Nationale de Rio de Janeiro, je n'ai pas pu encore connaître toutes les richesses, qui n'ont pas encore été examinées avec l'attention qu'elles méritent peut être. Vous savez sans doute, Monsieur, que cette Bibliothèque se compose en grande partie des livres imprimés et mss., qui furent apportés de Portugal, lorsque D. Juan VI passa au Brésil. À l'époque de la révolution qui sépara cette colonie de sa métropole, quelques uns des ouvrages précieux que cette bibliothèque renfermait furent de nouveau enlevés: mais il en est encore resté quelques uns.

De ce nombre sont deux exemplaires différens de la Bible latine, imprimée à Mayence en 1462, par J. Fust et P. Schœffer, en 2 vol. in f.º

Ces deux exemplaires, imprimés sur vélin, sont absolument semblables, quant au texte: ils ne diffèrent que par les subscriptions, les enluminures et encadremens.

Quoique le document, dont je desire avoir l'honneur de vous entretenir, soit indépendant de cette Bible et ne s'y rattache qu'accidentellement, je vais transcrire les subscriptions de ces deux exemplaires, où vous pourriez découvrir quelque particularité que m'aurait échappé.

Ex. N.º 1. t. 2, fol. ult. verso, col. 2.

« pñs hoc opusculum finitū ac completū. et ad eusebiam dei industrie in
« ciuitate Maguntū per Johannē fust civē. et Petrū Schoiffer de Gerusheym
« clericum dioces⁹ ejusdem est consūmatū. anno incarnacōis dñice m. cccc. lxxj.
« In vigilia assumptōis glōse virginis Marię. »

avec le double cousson et les deux lettres



Ex. N.^o 2. t. 2. fol. ult. verso, col. 2.

« pñs hoc opusculũ artificiosa adinventionẽ impiendi seu caracterizandi.
« absqz calami exaracõn. in ciuitate Moguntã sic effigiãtũ. z ad eusebiã dei
« industrie per Johẽm fust ciuẽ et Petrũ Schoiffher de Gernsheym clericum
« diotes eiusdem est, consũmatum. Anno dñi m. cccc. lxi. In vigilia assum-
« ptõis virg' marie. »

Ces deux subscriptions donnent indubitablement la forme de Gernsheym au nome de Pierre Schneffer.

le double écusson porte également les deux lettres



Mais la particularité curieuse qu'offre l'exemplaire N.^o 1, est le contrat de vente collé sur le dernier des feuillets de garde, de vélin, du t. 2.

Ce contrat, ou plutôt cette quittance du vendeur, tracée en caractères cursifs, sur papier de chiffon, est ainsi conçu :

« Ego hermannus de Almania institutor honesti ac distincti viri Johãnis
« Guymier alme universitatis parisiẽn librarii publici ac iurati fateor vendidisse
« preclaro ac scientifico viro magistro guillelmo Tourneville, archipresbitero et
« canonico andegavensi dignissimo dominoque meo sui gratia ac preceptor
« colendissimo unã bibliam Magistrie impressam in pergameno in duobus volu-
« minibus et hoc pretio et sumtu quadraginta scutorũ a me manualiter ac
« realiter receptorũ. cuius quidem biblie venditiõnẽ profiteor per pñtes ratã et
« gratã habere nec contravenire ac dominũ meũ colendissimũ dicte biblie
« emptorem indempnem contra omnes relevare et de evictione eiusdem biblie
« me teneri et antedictũ dñum meũ defendere polliceor teste signo meo ma-
« nuali hic apposito hac die quĩta mensis aprilis anno domini m^o cccc^o lxx^o.
herman »

Voici à peu près le fac-simile de la signature et du mot de la 1.^{re} ligne que j'ai lu « institutor ».

institutor

La notion renfermée dans le mot *institutor* ou *instructor* m'a paru tellement singulière que j'ai cherché tous les moyens d'interpréter ces caractères d'une autre manière: j'ai voulu lire *institutione*, c. a. d. par procuration, mandat... mais je crois que la 1.^{ère} leçon est la plus exacte. On ne peut pas, ce me semble, lire *in statione*...

Je prends la liberté, Monsieur, en vous offrant ce document transcrit, de vous exposer les conjectures qu'il m'a suggérées; afin que vous veuillez bien, si elles sont fausses, me désabuser: et, si vous ne les désapprouvez pas entièrement, ne voir dans mon empressement à vous les transmettre qu'un témoignage de la reconnaissance et de l'admiration, qui vous sont dues par tous ceux qui aiment et cultivent les lettres.

Il me semble d'abord que cet allemand Hermann, *hermannus de Almania*, doit être cet Hermann de Stathoen, chargé par Pierre Schäffer de Gernsheim de vendre en France les livres imprimés par celui-ci à Mayence, et nommé en cette qualité dans l'ordonnance de Louis XI du 21 Avril 1475. Il résulte encore de cette ordonnance que cet Hermann était mort à Paris, antérieurement à cette date, laissant une succession vacante: les livres appartenant à P. Schaeffer et faisant partie de cette succession furent vendus; et Louis XI, renonçant à ses droits, consentit à restituer à P. Schaeffer et Conrad Henlis ou Hannequis, sur leurs réclamations, les sommes provenant de la vente de ces livres.

Cette vente après le décès d'Hermann eut donc lieu entre les années 1470, date de notre document inédit, et 1475, dans laquelle parut l'ordonnance qui s'y rapporte.

Fust était mort aussi, et probablement à Paris, quelques années auparavant, en 1466, durant la peste ou le choléra qui, venu de la Thuringe, désola cette ville et y fit périr un grand nombre d'habitans.

Il n'est pas possible de savoir exactement si Hermann était déjà dès lors à Paris, s'il y avait accompagné Fust, et s'il y exerçait la vente des livres comme mandataire de celui-ci.

Quoiqu'il en soit, nous le trouvons à Paris en Avril 1470 lié avec un libraire juré de l'Université, et vendant sous les auspices de celui-ci, pour le prix considérable de 80 (1) écus d'or, un exemplaire de la Bible de 1462.

Avait-il révélé à ce libraire, Jean Guymier, les secrets de l'art typographique? l'expression *institutor*, si c'est ainsi qu'on doit lire, comporterait ce sens.

C'est en effet à cette époque que l'usage des caractères d'imprimerie fut introduit à Paris: ces procédés d'abord inconnus, cette invention merveilleuse commencent à perdre une partie de leur prestige: on réclame contre le prix excessif des livres imprimés qu'on avait achetés comme manuscrits.

(1) Ha aquí visível engano de fr. Camillo, pois que o ms., como elle proprio diz, reza claramente *quadraginta scutorum*.

Or il est remarquable que, parmi ces exemplaires de la Bible de 1462, les uns portent une subscription explicite, d'autres une subscription, dont la concision autorisait la fraude dont, à ce qu'il paraît, les libraires allemands furent alors accusés.

L'exemplaire de notre Bibliothèque, vendu par Hermann à l'archiprêtre d'Angers, Guill. Tourneville, est dans ce dernier cas: et Hermann en obtient en effet un prix très élevé, quoique cette vente eût lieu en présence (probablement) et de l'aveu d'un libraire juré de l'Université. Cette fraude pouvait donc encore avoir lieu, en 1470, à Paris.

Je serais tenté de croire que les subscriptions n'avaient pas été imprimées avec le texte, et qu'elles y furent ajoutées postérieurement: peut-être à Paris, par les mandataires de Fust et Schaeffer, par Fust lui-même, durant son séjour dans cette ville, enfin par Hermann de Statboen. Cela expliquerait les différences que présentent entre elles toutes ces subscriptions, qui semblent avoir été imprimées à l'aide de caractères fondus, mais à la main, sans le secours d'une presse.

Si cette fraude eut lieu à Paris en 1470, c'est postérieurement à cette date que dut être adoptée cette formule explicite: «*artificiosâ adinventione imprimendi... absque calami exaratione...*» qui enlevait aux libraires et imprimeurs le moyen de faire passer leurs éditions pour des manuscrits.

Cependant l'acte de vente qualifie la Bible vendue à Tourneville de livre imprimé, *impressam in pergamento*; mais peut-être ne connaissait-on pas bien encore la valeur de cette expression technique.

Les différents exemplaires de la Bible de 1462 peuvent donc être classés, suivant leurs subscriptions, sous trois époques différentes.

Ceux qui portent seulement le nom de Pierre Schaeffer ont été revêtus de la subscription postérieurement à la mort de Fust, ou à l'année 1466.

Ceux qui portent la subscription explicite se rapportent à une date postérieure à l'an 1470.

Mais ces distinctions n'ont probablement pas eu lieu à la même époque dans tous les lieux, où ces Bibles furent transportées et vendues. La fraude put être découverte à Paris avant ou après qu'elle l'eût été ailleurs. Et ce même Hermann ne retrancha pas, dans l'exemplaire qu'il vendit à Tourneville, le nom de Fust, son patron; tandis que Pierre Schäffer, lorsqu'il fut associé à Conrad Haunkeis, après la mort de Fust, se nomma seul, dans les subscriptions des Bibles qu'il vendit ou fit vendre.

Les écussons ornés de lettres grecques pourraient aussi distinguer les exemplaires transportés, vendus et ornés de la subscription, en France: tous, en effet, ne les portent pas. Cet ornement ou ce signe apparaît, pour la première fois, sur les ouvrages imprimés par Fust, en 1466, époque où cet imprimeur résidait à Paris, où il mourut: on les voit d'abord sur le Cicéron

de 1466. Or, Louis XI régnait alors en France : les deux lettres A et X avec le signe transversal — ne désigneraient elles pas le monogramme de Ludovicus XI ; la vente de ces ouvrages ne pouvant avoir lieu, suivant les réglemens de la librairie, que par l'intermédiaire d'un libraire juré, il n'est pas impossible qu'on les revêtît d'un sceau, qui indiquât l'autorisation royale et la situation légale du vendeur (1).

Comment cet exemplaire de la Bible de 1462, vendu à Paris en 1470 par Hermann, fut-il transporté, avec le second exemplaire de la Bibliothèque de Rio de Janeiro, dans le royaume de Portugal ?

L'ordonnance de Louis XI, du 21 avril 1475, fait restituer à Pierre Schaeffer la somme provenant de la vente des livres saisis après le décès de Hermann. Cette vente dut avoir lieu entre les années 1470 et 1475 : et si l'on considère que ce fut sur les réclamations de Pierre Schaeffer et Hannequis et par la protection de l'archevêque de Mayence, que Louis XI consentit à cette restitution au commencement de l'année 1475, on pourra admettre que cette procédure, ayant dû occasionner beaucoup de délais, la mort d'Hermann et la vente de ces livres devaient avoir lieu vers 1472.

Or les relations entre le Portugal et la cour des ducs de Bourgogne étaient alors assez suivies, par suite du mariage récent de la Duchesse de Bourgogne. C'est aussi l'époque à laquelle le roi de Portugal D. Affonso V fondait dans son royaume la première Bibliothèque : enfin, c'est peu de temps après cette même année 1472 qu'un savant Portugais (2), après avoir voyagé en France et séjourné à la cour de Charles le Téméraire, pour lequel il traduisit la *Cypripédie* et *Quinte Curce*, Vasco Fernandes de Lucena retournait à Lisbonne, pour y succéder, comme garde des Archives de la Torre do Tombo, à Gomes de Azurara, jusqu'à l'année 1497.

C'est à cette origine que je serais tenté d'attribuer la présence, dans l'ancienne Bibliothèque des rois de Portugal, dont une partie est restée à Rio de Janeiro, de quelques mss., tels que des livres d'heures avec des prières en flamand et en français : des éditions du XV^e siècle avec notes mss. en français.

Enfin je ne serais pas étonné que des peintures sur bois, fort remarquables, qui existent délaissées dans l'ancienne église des Jésuites à Rio de Janeiro, et d'un style qui rappelle l'école de Bruges, n'eussent été transportées en Por-

(1) No rascunho d'esta charta encontro mais a observação seguinte; que não me parece para desprezar se :

« Ces écussons, en effet, sont trop grossièrement gravés pour sortir des ateliers de Mayence ou des mains des graveurs qui ont exécuté les lettres du texte, et semblent même avoir été de simples sceaux de bois : enfin l'intervention des lettres X A au lieu de A X, si en effet elles se rapportent au nom du monarque régnant, montre que le graveur n'avait pas tenu compte du renversement des lettres produit par l'impression, et signale son défaut d'habitude ».

(2) S. M. dir qu'il était Espagnol. Il fut échanson de Marguerite d'Anjou, reine d'Angleterre, probablement durant son séjour en France après la déroute de Towton, 1461, peut être jusqu'à la bataille de Tewkesbury, 1471, époque de la captivité.

tugal à la même époque, ou envoyées comme offrande, durant les 20 années précédentes par la princesse de Portugal, D. Isabelle, mariée à Philippe le bon: à moins que ces tableaux n'eussent été exécutés à Lisbonne même par Jean van Eyck de Bruges, qui y alla avec l'ambassadeur du duc de Bourgogne chargé d'y chercher la princesse.

Elles méritent dans tous les cas une grande attention: aussi saisis-je l'occasion de les signaler au goût éclairé de S. M. l'Empereur D. Pedro, le seul protecteur des arts et des lettres au Brésil, et qui par ses connaissances...

(Para aqui o mss., que traz a data de 4 de Setembro de 1853).

N.º 18

LINGUISTICA AMERICANA

GRAMMATICA DA LINGUA GERAL DOS INDIOS DO BRASIL

REIMPRESSA ETC. E OFFERECIDA Á S. M. IMPERIAL POR JOÃO JOAQUIM DA SILVA GUIMARÃES.

Bahia, typ. de M.^{re} Feliciano Sepulveda, 1851, in-8.º VIII, VI, 105 et 12.

Un ouvrage, digne à tous égards d'attirer l'attention, vient d'être réimprimé à Bahia, aux frais et par les soins de M. J. Joaq. da Silva Guimaraens, et sous les auspices de S. M. l'Empereur. Nous voulons parler de la grammaire de la langue générale des indigènes du Brésil, par le P. Figueira, ouvrage qui, sans être rare, n'était pas cependant à la portée de tous ceux qui l'auraient voulu consulter, et surtout de ceux entre les mains desquels il serait à désirer qu'il se trouvât (1). Il suffit d'ailleurs de déclarer que S. M. l'Empereur avait manifesté le désir de voir paraître une nouvelle édition de cette grammaire et du vocabulaire qui l'accompagne ordinairement, pour que l'on soit convaincu de l'à propos de cette publication: le monarque du Brésil étant, sans contredit, parmi les Brésiliens, non seulement celui qui s'intéresse le plus vivement à l'histoire et à la géographie nationales, mais aussi celui qui sait le mieux apprécier, choisir et diriger les travaux et recherches qui s'y rapportent.

Cette nouvelle édition, absolument conforme à celle qui fut imprimée à Lisbonne, (Officina patriarchal, 1795, in-8.º) n'est pas, comme semblerait l'indiquer le titre adopté par M. Guimaraens, la 2.^e, mais la 5.^e réimpression: ce qui ne lui enlève pas son mérite et peut au contraire servir à le confirmer (2). Il est en effet assez généralement admis aujourd'hui que la gram-

(1) Na versão portugueza publicada pelo *Diário* accresce: «a saber: os sacerdotes das aldeas e todos os empregados do governo nas partes do Brasil ainda povoadas de nações indigenas».

(2) Na v. port. accresce: «mostrando a importancia e a utilidade da obra, que o sr. Guimaraens acaba de popularizar, e refutando assim o descredito em que ella tinha incorrido».

maire du P. Luis Figueira n'est pas la plus estimable ; or, il serait assez singulier que la Compagnie de Jesus, au sein de laquelle se trouvaient un grand nombre de missionnaires, versés dans la connaissance des langues indigènes du Brésil, l'eût choisi pour la faire réimprimer jusqu'à quatre fois successivement, s'ils ne l'avaient jugée ou plus complète, ou plus exacte, supérieure en un mot à celles qu'avaient composés d'autres Pères de la même Compagnie. Il en est donc probablement, à l'égard de ce jugement peu favorable, porté d'une manière si absolue, sur cet ouvrage, comme de ces opinions formulées une fois par un homme en crédit, souvent sans fondement, et reproduites sans examen par des gens, qui n'ont ni les connaissances nécessaires pour prononcer, ni même la prétention de prononcer en dernier ressort.

Le P. Luis Figueira, dans son prologue, signale avec modestie et bonne foi les conseils, les encouragemens et les éloges que lui ont accordés, à l'époque de la première publication de sa grammaire, ceux de ses contemporains, qui étaient le mieux à portée d'apprécier son travail : il indique enfin les moyens, auxquels il a eu recours pour le rendre aussi complet et exact que possible, et déclare que s'il est imparfait il peut être néanmoins utile. Il termine d'ailleurs ce préambule par ces mots : « *facile est inventis addere* », maxime qu'aurait pu suivre le nouvel éditeur, mais dont il n'a pas jugé à propos de se préoccuper.

M. J. Joaquim da Silva Guimaraens n'a fait en effet que reproduire le texte de la grammaire du P. L. Figueira, tâche modeste, il est vrai ; mais il a rendu ainsi un véritable service à tous ceux qui manquaient d'un guide pour l'étude de la langue générale des Indiens du Brésil, étude qui, par l'attrait et l'utilité qu'elle présente, ne laissera pas d'intéresser quelques jeunes Brésiliens, appelés à se rendre ainsi utiles à leur pays et à la science.

Il est néanmoins à regretter que M. Guimaraens n'ait pas cherché à donner à sa publication un caractère plus critique, en mettant à profit les travaux publiés depuis le commencement de ce siècle sur la structure grammaticale des langues de l'Amérique Méridionale, ou même en rapprochant de son original les passages analogues de la grammaire du P. Anchieta, en reproduisant les textes et dialogues en langue guarani avec la traduction, tirés des catéchismes des missionnaires, enfin en utilisant les nombreux manuscrits que possèdent les bibliothèques publiques et particulières. Ce travail, difficile et pénible sans doute, eût offert l'avantage de réunir les principaux élémens d'une entreprise, dont la nécessité ne tardera pas à se faire sentir, c'est à dire de la refonte générale de tous les travaux du même genre réalisés jusqu'à ce jour et de tous les documens inédits qui se rapportent au même objet.

Nous oserons donc dire, tout en louant le zèle de M. Guimaraens, que sa publication, loin d'être suffisante, exige impérieusement que lui même ou toute autre personne, animée d'aussi généreuses intentions, se mette au plus vite en

mesure de satisfaire au désir du public, singulièrement excité par ce premier effort. Mais aussi cette simple reproduction de la grammaire du P. Figueira, en la répandant dans toutes les mains, donnera à un grand nombre la faculté d'entreprendre cette tâche, et nous espérons que de l'émulation commune qui en résultera, et des efforts isolés des champions dans cette lutte patriotique, surgira quelque beau travail, digne de celui qui en a été le premier promoteur, du pays dont il éclairera l'histoire, et du siècle éclairé qui l'aura produit.

L'essai préliminaire, auquel nous regrettons que M. Guimarães ne se soit pas livré à l'égard de la grammaire de la langue générale, pourrait être immédiatement entrepris par lui même, plus facilement encore et à l'aide de documents beaucoup plus multipliés, à l'égard du Dictionnaire de la même langue, dont il annonce la publication, et qui n'a pas encore paru, que nous sachions.

Nous ne saurions dire exactement quelles sont les vues de M. Guimarães relativement à ce Dictionnaire; si c'est un ouvrage original, si c'est un travail ⁽¹⁾ inédit, ou s'il se contentera de la réimpression d'un Dictionnaire déjà publié. Il nous paraît possible, en raison de ce qui a eu lieu à l'égard de la grammaire, qu'il ne s'agisse encore que d'une reproduction identique: peut-être même ne serions nous pas dans l'erreur en lui supposant l'intention de publier une nouvelle édition du vocabulaire des PP. Jésuites (Lisboa, Officina Patriarchal, 1795, in-8.^o), publié en même temps que la 4.^e édition de la grammaire de Figueira et qui l'accompagne ordinairement.

S'il en est ainsi, et si cette nouvelle édition n'est pas encore sous presse, nous prendrons la liberté d'adresser à M. Guimarães quelques réflexions à l'occasion du nouveau service qu'il veut rendre aux lettres, dans l'intention de secondar ses vues libérales et de lui signaler les besoins et les désirs du public: et nous sommes d'avance convaincus que tout ce qu'il fera, d'une manière plus ou moins complète, pour le progrès des lettres et le service du pays, méritera tous les éloges des gens éclairés.

Il serait sans doute à propos, par exemple, de rédiger le tableau bibliographique des Dictionnaires et vocabulaires de la langue générale et de ses dialectes ⁽²⁾; de donner, dans une courte introduction, un aperçu de l'état où se trouve aujourd'hui l'étude de cette langue, au Brésil et ailleurs; des ressources dont disposent ou pourraient disposer ceux qui s'y livrent; des moyens qui leur manquent; des différens problèmes de linguistique américaine, qu'ils doivent se proposer d'éclaircir; de la circonscription et de l'étendue géographique de cette langue; de ses affinités apparentes ou cachées avec les autres langues du nouveau continent, qui n'ont avec elle aucun lien historique appré-

(1) A v. port. diz: « um trabalho alheio porém inédito ».

(2) Na mesma v. accrease: « tanto dos impressos como dos manuscritos, existentes no Brasil ou nas collecções dos paizes estrangeiros ».

ciable; des anomalies remarquables que présentent certains idiômes parlés par des nations indigènes enclavées au milieu de populations qui parlent la langue générale; toutes questions d'un haut intérêt, qu'on ne peut se flatter de résoudre immédiatement, mais qui doivent être signalées à la tête de l'ouvrage, pour rester présentes à l'esprit de quiconque voudra l'étudier, afin qu'il y découvre les élémens nécessaires à la solution de ces problèmes. En un mot, il est nécessaire que le lecteur studieux et attentif ait entre les mains un guide analogue à celui que de Saussure avait rédigé pour l'usage de ceux qui, s'aventurant au milieu des Alpes, voudraient s'y livrer à des observations utiles aux progrès des sciences naturelles.

Quant au travail lexicographique lui même, il serait à désirer qu'il fût aussi complet que possible; que, tout en se bornant à la langue générale, il reproduisit toutes les variantes des Dictionnaires et vocabulaires publiés jusqu'à ce jour ou restés inédits; travail long et pénible, mais qui ne saurait être véritablement utile que de cette manière. Les documens qui serviraient à cette compilation sont infiniment et peut être trop abondans. En effet, indépendamment des Dictionnaires publiés séparément, on devrait encore reproduire les nombreux vocabulaires insérés par les voyageurs, dans leurs relations: on tirerait encore des renseignemens importans des liturgies et des catéchismes traduits par les missionnaires. Enfin, les manuscrits offraient une moisson abondante de notions, dont on ne saurait assez tôt tirer parti, car les différentes causes de destruction, auxquelles ils sont exposés, ne tarderont pas à les soustraire aux investigations des studieux.

La Bibliothèque Nationale de Rio de Janeiro, quoique peu riche en manuscrits de ce genre, en possède néanmoins deux, qu'il ne faudrait pas négliger de consulter; l'un, contenant toute la série alphabétique, et parfaitement lisible, quoique taché en un grand nombre d'endroits; l'autre formé d'une réunion de divers cahiers, couverts d'écritures différentes, et qui renferment évidemment des notes, des ébauches de différens missionnaires ou voyageurs du siècle dernier: les élémens lexicologiques épars dans ces cahiers appartiennent généralement aux premières lettres de l'alphabet, mais les notes qu'ils renferment sont d'un grand intérêt.

La tâche qu'il s'agirait d'entreprendre est d'ailleurs plus effrayante à première vue que d'une exécution difficile: il s'agirait seulement, après avoir réuni tous les élémens du travail, de dépouiller ces documens en inscrivant chacun des mots sur une feuille séparée, avec sa traduction portugaise et latine, et un signe convenu pour rappeler le document qui l'aurait fourni: la classification se ferait en suite aisément.

Ce dictionnaire pour la plus grande commodité du public devrait aussi se composer de trois séries, chacune d'elles représentant l'ordre alphabétique de l'une des trois langues adoptées pour la traduction: il offrirait ainsi un diction-

naire guarani-latin-portugais; latin-guarani-portugais; et portugais-latin-guarani; et pourrait être également consulté par les nationaux et les étrangers ⁽¹⁾.

Ce travail exigerait sans doute une application assidue, et le sacrifice d'un assez long temps; mais il mériterait sans contredit les applaudissemens de tous ceux qui, dans le nouveau comme dans l'ancien monde, s'intéressent et s'appliquent aux études de linguistique et d'ethnographie: ce serait enfin un monument élevé par un Brésilien à l'histoire et la gloire de sa patrie.

Fragmento destinado ao artigo precedente, mas que não foi nelle inserido.

L'intérêt que présente en elle-même l'étude des langues indigènes s'accroît singulièrement si l'on considère qu'elle deviendra chaque jour plus difficile, par l'extinction progressive des tribus et même des races, et par le mélange accidentel ou provoqué des idiômes Européens et Africains avec ceux des habitans autochthones du Brésil.

Les grammaires et vocabulaires qui ont été jusqu'ici publiés ne sauraient être que des guides fort incertains pour les personnes qui désireraient acquérir une connaissance positive de ces idiômes: et d'ailleurs ces ouvrages composés en grande partie dans un but spécial d'utilité pratique ne s'appliquent pas à tous les idiômes parlés dans toute l'étendue de l'empire par les Indiens.

L'objet que se proposerait aujourd'hui celui qui entreprendrait une étude approfondie de ces langues ne serait plus seulement de se procurer un moyen de communication avec les indigènes: il chercherait surtout à établir entre les différens dialectes d'une même langue, entre les différens rameaux, ou même entre les différens idiômes, des rapprochemens propres à manifester les analogies qu'ils comportent entre eux, et à faire surgir de ces comparaisons la solution de problèmes ethnographiques du plus haut intérêt.

Mais quelles sont les ressources, dont pourrait disposer pour arriver à ce résultat celui qui se sentirait le courage d'entreprendre les études nécessaires?

Depuis l'exil des PP. de la Compagnie de Jésus, presque aucun des habitans de ce pays ne semble attacher aucun intérêt à la connaissance des langues des Indiens. Dans les grandes villes, centres d'activité intellectuelle, on rencontre à peine quelques uns de ces Indiens, qui aient conservé le souvenir de sa langue maternelle; en supposant même qu'on en pût rencontrer quelques uns, ils sont déjà corrompus par le contact des gens civilisés, et leurs assertions ne mériteraient pas, de la part de celui qui les interrogerait, une confiance absolue.

Loin des villes, dans les campagnes encore parcourues par les tribus indigènes, il serait difficile de rencontrer parmi les habitans civilisés quelqu'homme assez patient, assez sagace, assez curieux pour recueillir les élémens d'un travail exicologique, qui pussent mériter quelque crédit: il y aurait lieu de craindre,

(1) Este ultimo periodo não apparece na versão portugueza.

sinon la mauvaise foi avec laquelle les ignorans traitent assez généralement les personnes studieuses, dont elles ne partagent et ne comprennent pas le zèle, mais l'incertitude de notions recueillies sans une intention déterminée, et avec l'insouciance propre aux hommes d'une culture bornée.

Cependant, de quel intérêt ne serait-il pas pour la science d'entreprendre dès à présent un travail, qui bientôt ne sera plus possible : de former des jeunes interprètes qui, en commençant par une étude pratique de ces langues indigènes, pussent dans la suite appliquer l'analyse aux connaissances qu'ils auraient acquises, les transmettre par l'enseignement, et fournir aux générations futures les données nécessaires pour résoudre une foule de problèmes historiques, géographiques, ou expliquer des faits et phénomènes du domaine des sciences naturelles, que l'analyse des noms indigènes pourrait révéler.

L'administration publique dispose de moyens faciles à employer pour réunir dans un centre commun de documents propres à faciliter l'étude des langues indigènes. Sous le prétexte de propager les lois nationales et la religion chrétienne parmi les Indiens, il serait possible d'exiger des délégués du pouvoir public dans les localités où se trouvent ces Indiens, qu'ils fissent exécuter dans l'idiôme de la tribu, près de laquelle ils vivent, la traduction de certaines lois, proclamations, dont ils seraient tenus d'envoyer une copie littérale et interlinéaire aux présidens des provinces, qui les transmettraient à l'autorité centrale. Les vicaires ou desservans de paroisses dans les mêmes localités pourraient être astreints aux mêmes obligations, relativement aux principaux articles de la doctrine. Les uns et les autres pourraient aussi recueillir les noms patronymiques, géographiques des familles et localités...

N.º 19

O ENSINO DA HISTORIA DO BRAZIL.

En faisant de l'histoire et de la Géographie du Brésil l'objet d'un enseignement spécial, il serait nécessaire d'en élargir un peu les limites et de n'en pas séparer ce qui concerne le reste de l'Amérique.

Cette généralisation préparerait le chemin aux tendances qui ne tarderont pas à se manifester et qui seront déjà manifestées isolément relativement à l'individualisation (je ne dis pas la séparation exclusive) du nouveau monde, aujourd'hui encore suspendu aux destinées de l'Europe comme l'enfant à la mamelle de sa nourrice.

Il est des questions d'histoire, surtout dans celle de l'avenir de l'Amérique, qui ne peuvent être traitées et résolues d'une manière plus ou moins définitive, qu'en embrassant d'un seul coup d'oeil les destinées du continent Américain : tous les problèmes ethnographiques, les premiers essais d'établissement des

Européens, les guerres et invasions dont ces établissemens ont été l'occasion ou l'objet, les succès ou la déroute des tentatives de colonisation, les secousses simultanées des colonies qui ont enfin produit leur affranchissement, leur marche progressive dans les voies de la civilisation, tous ces phénomènes se sont manifestés dans le nouveau monde avec un caractère d'ensemble et de solidarité qu'on ne saurait perdre de vue. Mais, si cette unité de mouvement est déjà remarquable dans les périodes accomplies, elle se manifestera indubitablement d'une manière bien plus régulière dans les destinées futures de l'Amérique. Le rôle de l'Europe à l'égard de notre continent se réduira, à mesure que nos forces et nos richesses augmenteront, à des relations, non plus d'influence, mais de commune activité; et notre civilisation qui, bien que née sur le sol de l'ancien monde prend déjà un caractère singulier d'originalité, sera pour l'Europe, non plus une matière à sa critique, mais un spectacle et un champ d'observations utiles à son instruction.

Déjà, dans les sujets qui préoccupent les gouvernemens de l'Amérique, on peut voir dès à présent se dessiner le réseau des relations qui doivent un jour les unir. Les trois grands bassins de l'Amérique méridionale, qui appartiennent comme limitrophes ou enclavés dans son territoire, au vaste empire du Brésil, sont l'objet de l'étude attentive des gouvernemens Européens, qui veulent appliquer les principes de leur droit (public) à l'exploitation des cours d'eau du continent Américain. N'y a-t-il pas dans cette question de la libre navigation du Paraná, de l'Amazonas et de l'Orénoque toute l'histoire des destinées du Brésil et des Républiques Américaines: ces états peuvent-ils séparer leurs intérêts, et l'histoire de leurs succès dans la solution des questions qui se rattachent à ces intérêts, ne sera-t-elle pas l'histoire commune et l'histoire particulière de tous et de chacun de ces états américains?

Mais ces considérations, qui ne semblent s'appliquer qu'à l'Amérique méridionale, embrassent cependant tout le nouveau continent. La mer des Antilles est, comme la Méditerranée des Européens, un lac américain. Riverains de cette mer, par l'Orénoque, les états de l'Amérique équatoriale et extra tropicale, la Colombie, le Brésil, la Bolivie, la Confédération circumplatiné, se trouvent en contact avec les états du Nord: le percement de l'isthme et les lignes centrales des chemins de fer font participer à ce concert les nations des côtes occidentales du nouveau monde, et bientôt isolées et honteuses au sein de cette famille américaine, les trois Guyanes s'y associeront ou s'effaceront de la liste des colonies Européennes.

L'Europe semble prévoir cette dernière éventualité, lorsqu'elle donne à ces trois colonies si peu de développement, malgré les ressources qu'elle offre à son commerce et à son industrie ce riche et inculte territoire. Elle jette un regard avide sur les centres également sauvages, que parcourt l'Amazone, pour y implanter d'une manière durable l'influence Européenne: elle prépare la route

du grand océan, par l'isthme de Tehuantepec, afin que ses vaisseaux peuplent et gardent le golfe du Mexique. En un mot, elle redoute et éloigne le moment où l'Amérique ne sera pour elle qu'un grenier et un comptoir, mais non plus un grand fief.

Ainsi, plus nous avancerons dans le temps, plus tendra à se constituer l'unité Américaine, signe évident de développement social, dont l'Europe présente un exemple concluant : car son histoire, après le traité de Westphalie, proclame le progrès de S...

Si l'histoire politique du Brésil, aux époques écoulées, actuellement, et dans son avenir, doit être étudiée et enseignée parallèlement à celle des autres nations américaines, la géographie historique et politique doit être renfermée dans le même cadre.

À plus forte raison la géographie physique et les divisions qui en dépendent.

En effet les jeunes Brésiliens, à quelque carrière qu'ils prétendent se vouer, trouveront une foule d'occasions d'appliquer les connaissances générales de géographie qu'ils auront recueillies durant le cours de leurs études classiques. Je ne veux pas parler seulement de ces notions indispensables à tout citoyen d'un pays civilisé, mais de celles qui concernent les grands traits de la configuration physique de notre continent. Ceux de nos compatriotes qui sont promus aux emplois publics et chargés de l'administration des provinces, ne sont pas toujours en état d'apporter dans l'exercice de leurs fonctions autant de lumières que de zèle : ceux qui se consacrent à l'exploitation agricole ne tirent pas du sol qu'ils cultivent tous les produits, dont ils sont susceptibles : ils ne songent pas à introduire dans leurs terres les plantes ou les animaux utiles des localités éloignées de leur résidence, et qui y seraient facilement acclimatées : les phénomènes météorologiques, qui exercent sur les cultures une si grande influence, ne sont ni assez étudiés dans leurs effets, ni dans les circonstances qui les produisent.

En effet l'histoire des nations du nouveau-monde offre dans ses traits généraux des caractères communs et doit suivre dans ses développemens une marche semblable. Ces peuples de même race professant le christianisme, parlant presque tous une langue d'origine Romane, transportés à la même époque dans un pays qu'ils ont découvert et conquis, soumis pendant le même espace de temps au même régime, affranchis presque simultanément, animés des mêmes instincts, entretenant les mêmes relations, et participant aux mêmes intérêts, doivent étudier leurs destinées dans une mutuelle contemplation. Leurs progrès, leur décadence, les dangers auxquels ils sont exposés, auxquels ils échappent ou succombent, sont pour chacun d'eux des avertissemens précieux, et leur signalent des exemples à suivre ou des écueils à éviter.

L'enseignement de l'histoire nationale ne saurait donc être complet sans ce parallèle avec celle des autres nations américaines.

Le nouveau monde, encore suspendu aux destinées de l'Europe, tend d'une manière énergique à s'individualiser: l'unité américaine se constitue spontanément, (sans prendre un caractère hostile contre l'Europe), mais ce phénomène encore latent n'atteindra à son développement complet qu'autant que les générations destinées à le contempler, y auront été dès à présent préparées, en embrassant d'un seul coup d'œil les destinées accomplies ou futures du continent Américain.

La plupart des problèmes de l'histoire du Brésil ne sauraient être traités et résolus d'une manière plus ou moins définitive sans le concours des données fournies par l'histoire des autres états du nouveau monde.

Les origines des races indigènes, leurs migrations, seront peut être révélées, leurs traditions expliquées, à l'aide de documens puisés dans les annales du Mexique ou du Pérou. Les premiers essais d'établissement, la conquête, la découverte du Brésil par les Portugais, leurs explorations et navigations du XVI.^e siècle, se rattachent aux expéditions analogues des Espagnols et reçoivent une vive lumière des relations de ceux-ci. Les tentatives de colonisation, leurs succès ou leur déroute, présentent les mêmes phases sur tous les points de l'Amérique, où les colons poursuivaient le même but, et où les missionnaires employaient les mêmes efforts et les mêmes moyens. Les questions relatives à la circonscription territoriale, à la statistique, aux lois et réglemens coloniaux sont encore l'objet de doutes et de contestations, dont la solution dépend peut être de la connaissance exacte des monumens historiques de l'Amérique Espagnole, non seulement sous le règne de Philippe II, alors roi de toute l'Amérique méridionale, mais aussi dans les temps postérieurs à son règne.

N.º 20

ESTATISTICA DA POPULAÇÃO DO IMPERIO

(CHARTA)

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Marquez.

Mais de uma vez, nestes ultimos annos, pessoas estudiosas, nacionaes ou estrangeiras, pedirão na Bibliotheca Nacional, communicação de documentos officiaes sobre a população do Imperio, no tempo corrente e nos annos anteriores, não sei com que intuito, senão talvez de constatar as oscillações numericas d'ella e verificar a exactidão das cifras, expostas em livros de uso commum, tractados elementares de geographia, annuarios historicos, almanacks, etc. etc. sem declaração, pelos auctores, da procedencia das suas informações. Consultado directamente para indigitar fontes sobre o assumpto, não podia

indicar senão os Relatorios dos Ministerios: poram tendo verificado, em proprias indagações, para epochas distantes de alguns annos, faltarem n'estes dados estatísticos completos, declarei-me incompetente para dar taes esclarecimentos.

Pareceu-me, contudo, possível, para acudir á exposta deficiência, colher retrospectivas informações nos archivos Provinciaes, de maneira a combinar, em hum quadro geral, e por ordem chronologica, as variações que se manifestarão nos quadros successivos da população geral.

Hum mappa estatístico d'esta natureza, cujos dados não podem ser alcançados senão com intervenção official ou officiosa do Governo Imperial, a não se tornar util ás applicações actuaes da Administração, não deixaria de ter hum interesse historico importante.

Porém, si se deve lamentar a falta de documentos authenticos d'esta ordem, relativos ao tempo preterito, e no caso mesmo de não se poder sanal-a, seria talvez possível introduzir, para o futuro, nos quadros estatísticos parciaes, destinados a suppeditarem á Administração central os esclarecimentos que lhe prestão auxilio, para, na sua sollicitude, attender ás necessidades publicas, algumas modificações ou acrescimos uteis.

Os dados estatísticos, quando conscienciosamente colligidos e methodicamente coordenados, servem de norma para providenciar sobre os mais altos interesses da sociedade.

Por isso, nações cultas têm estabelecido, junto ao seu Governo central, repartições especiaes, com o nome de officinas estatísticas, aonde, reunidos nellas os documentos, vão haurir a mãos largas, tanto a administração como a sciencia. Os mappas, formulados de modo uniforme, são dirigidos em multiplices exemplares, em branco, da repartição central, para os chefes de districtos provinciaes, que os distribuem, para serem enchidos dos respectivos algarismos, debaixo da inspecção das auctoridades locais, reverterem depois, annualmente, nas mãos dos mesmos chefes e presidentes, e authenticatedos com sua firma, e serem finalmente fiscalizados na Repartição central.

De taes mappas, os relativos á população, nestes paizes como no Brazil, são formulados pelo mesmo modelo, bem que as circumstancias d'aquelles, sejam, a certos respeito, muito diversas das nossas. Por isso, animo-me a dizer que os mappas de população, no Imperio do Brasil, carecem talvez de alguma modificação, para corresponderem ao seu fim, apresentando, se for possível, as proporções dos elementos da população em sua diversidade, não somente de idades, sexos, condições, etc. como tambem de côres, chegando talvez assim a revelarem as causas do movimento ascendente ou declinante, sporadico, parcial ou geral, da população.

As observações que tenho a honra de offerecer á benevola attenção de Vossa Excellência, com alguma hesitação e com receio de ser accusado de

temeridade e presumpção, ligão-se, na minha mente, a um problema que me propuz, desde alguns annos, elucidar, não tendo conseguido colligir sufficiente numero de factos decisivos para, não direi resolvê-lo, porem formula-lo, e promover assim a solução d'elle, pelos homens competentes.

Os elementos de que é composta a população do Brasil são de essencia, caracter e origem muito diversos: as tres principaes raças humanas tem aqui seus representantes em numero relativamente avultado, os quacs, em razão de sua diuturna convivencia, derão origem a ramos mixtos que coexistem ao lado dos typos puros.

Apresenta pois a população, no Brazil, mais que em qualquer outro paiz, hum vasto campo de estudos anthropologicos, o qual, em razão talvez da difficuldade e do isolamento dos sabios a quem competia pisa-lo, não foi ainda explorado.

Dos connubios entre individuos pertencentes a raças diversas, mais frequentes ainda nas povoações apartadas dos centros principaes, nascem mestiços, cuja constituição apparentemente robusta e elegante está contudo exposta a molestias peculiares, sinão na primeira, ao menos nas successivas gerações.

As estatisticas mortuarias dos hospitaes, como tambem as de nascimentos e casamentos, não apresentandò distincção de côres, mas sómente da condição civil e nacionalidade, não offerecem os meios de constatar a influencia que exerce a origem, manifestada pela côr da pelle, sobre a frequencia, intensidade das molestias, nem sobre o degraão de viabilidade e poder de reproducção.

Entretanto, em casos deploraveis de epidemias, notou-se a aptidão de certas raças a resistirem ás causas de infecção: a febre amarella, por exemplo, poupoa a população de côr, a qual, pelo contrario, foi decimada pelo cholera. Deste duplo exemplo concluir-se-ha que, na constituição intima de ambas a raças mencionadas, existe huma differença essencial; differença que nos individuos nascidos do conjugio d'ellas, pode se manifestar de modo differente, mas igualmente sinistro, seja pela frequencia de molestias determinadas, seja mesmo por limites na faculdade de reproducção.

Seja, para confirmar tal hypothese, apontado o facto notavel e certo que na superficie do globo, não existe huma população de mestiços procedentes do commercio directo das raças branca e negra, bem que semelhante combinação, se fosse normal, tivesse desde seculos remotos occasião de verificar-se.

Não parece entretanto se dar igual incompatibilidade entre as raças branca, amarella ou vermelha, mutuamente associadas.

Das poucas e incompletas informações que me foi dado colher, a respeito dos mestiços, julguei poder conjecturar que, da alliança do typo negro com o branco, nascem filhos que, em circumstancias hygienicas favoraveis, vivem normalmente, porem cuja faculdade de reproducção fica, na primeira geração, alterada, e na segunda geração, mais ou menos absolutamente extincta: salvo

o caso de reconducção para um ou outro dos typos puros, chegando a predominar, na posteridade d'elles, e por approximações progressivas, o elemento branco ou negro.

Nesta resumida e tosca exposição da minha hypothese, Vossa Excellencia, no caso que não a julgue totalmente impropria, poderá observar qual seria a utilidade de indagações dirigidas em vista de confirmar ou regeita-la: pois se de semelhante informação pudesse colher o Governo Imperial, não direi a certeza, mas a probabilidade da improductividade da união dos mestiços, ficar-lhe-hia reservado tomar as providencias necessarias para obstar á mistura de individuos, condemnados por lei physiologica a uma esterilidade insanavel: assim como, se a sciencia, seguindo esta primeira inducção, chegasse a reconhecer, na mesma causa, a origem das molestias endemicas, taes como escrofulas, tuberculos e phthisica pulmonares, poder-se-hia esperar e esforçar-se de combatê-la.

Alem do interesse que provocão estas questões, em sua applicação a assumptos sociais, a solução d'ellas tão imperfeita que seja, suppeditaria á sciencia um poderoso argumento para decidir o problema anthropologico, tão agitado, da distancia que separa na escala anthropologica, a raça branca da raça negra, e a sua independencia mutua no acto da creação.

Pelos motivos expostos, tenho a honra de lembrar a Vossa Excellencia a utilidade de uma medida em virtude da qual, nos estabelecimentos aonde convergem noticias authenticas sobre os nascimentos, casamentos e obitos dos cidadãos, na cõrte e nas provincias, nas capitães como nas villas e aldeãs, se consignassem por cifras authenticas, em mappas de modelo uniforme, construidos debaixo da vista do Governo Central, não sómente os dados numericos relativos a nacionalidades, idades, condição social e profissão como a indicação das proporções de sangue de raças diversas, que se pudessem constatar nos individuos e nos seus ascendentes: sendo próprio, para estabelecer a escala, adoptar as denominações, ou outras equivalentes, usadas no Mexico e nas antigas colonias hespanholas, aonde outr'ora co-existiam populações de raças diversas.

Não querendo abusar da condescendencia de Vossa Excellencia, pretermittirei o exame de outras questões, que de mais ou menos longe dependem do problema indicado; contudo peço licença para lembrar ainda a Vossa Excellencia a conveniencia e talvez a necessidade de aproveitar-se da condição excepcional, em que se acha hoje o Brazil, tendo ainda reunidos em seu territorio, mas com previsão do seu proximo desaparecimento, individuos de nações africanas diversas, animando o estudo de tudo que lhes diz respeito, já em relação á linguistica comparada, ás suas crenças e lendas, aos caracteres ethnologicos que as distinguem entre si, como ás condições physiologicas que lhes são proprias: o exame microscopico dos seus parasitas, analyse chimica das suas

secreções, as propriedades peculiares dos tecidos ou da epiderme d'elles para absorpção de certos gases etc. etc. — investigações que se tornam mais facéis aqui mesmo que na Africa, achando-se reunidos individuos de nações diversas, cuja comparação pode revelar as causas de suas mutuas diversidades ou analogias. Poupar-se-ha assim aos vindouros sabios algum desgosto, por não ter sido utilizada, em tempo opportuno, a occasião de colher factos em contribuição ao adiantamento da sciencia.

N.º 21

A RAÇA AFRICANA.

Les mesures libérales prises par les gouvernements de France et d'Angleterre pour la répression et l'extinction du trafic des noirs sur les côtes orientale et occidentale d'Afrique, mesures libéralement appuyées par le gouvernement Imp.^l du Brésil, malgré les intérêts privés qui se trouvaient engagés dans ce commerce immoral, et surtout malgré l'opinion dominante dans un pays où l'agriculture, l'industrie, les services domestiques et publics ont recours au travail des esclaves, ces mesures vont prochainement faire disparaître de l'Amérique du S. une race d'hommes, qui s'y trouve encore aujourd'hui représentée dans presque toutes ses variétés; il ne restera bientôt plus au Brésil que des noirs créoles, qui n'offrent pour l'ethnographie qu'un intérêt tout à fait secondaire, surtout en ce qu'il est impossible de constater la part qui revient, dans ce mélange de sang, aux diverses nationalités. Au contraire, à l'égard des noirs Africains, on peut encore, à Rio de Janeiro surtout, en distinguer et étudier les types divers, constater authentiquement leur origine, interroger les individus sur leurs croyances, leurs langues, les mœurs et usages de leur patrie, et recueillir ainsi, de la bouche de ces noirs, d'autant plus aisément qu'ils parlent le langage commun, des renseignements que les voyageurs ne se procurent en Afrique qu'avec la plus grande difficulté, en courant de grands dangers, dans des expéditions très coûteuses et au risque de commettre des graves erreurs. Il existe même, parmi les esclaves transportés de la côte d'Afrique, des noirs appartenant à des nations de l'intérieur de ce continent, chez lesquelles aucun voyageur n'a jusqu'ici pénétré et qui ne sont mentionnées dans aucune relation publiée: en effet les noirs, exposés sur les marchés de la côte d'Afrique, ne sont pas indigènes du lieu où ils sont livrés aux trafiquans: ils y ont été amenés par des chefs Africains, qui s'en sont rendus maîtres à la suite d'expéditions lointaines, ou leur ont été vendus par des peuplades de l'intérieur, qui les avaient elles mêmes faits prisonniers à des distances considérables de la côte.

Le nombre de ces noirs Africains, exposés à des chances multipliées de destruction, par suite des travaux pénibles et des excès, auxquels ils se livrent, décimés par le suicide, les maladies, sans parler des épidémies telles que la fièvre jaune et le choléra, diminue chaque jour considérablement.

Il serait donc à propos, avant l'extinction complète de la race Africaine au Brésil, et surtout avant que les variétés les plus intéressantes et les moins vulgairement connues aient disparu, de recueillir sur les individus qui les représentent des renseignemens, qu'il deviendra bientôt impossible ou bien difficile d'obtenir. La ville et la province de Rio de Janeiro, en raison du chiffre élevé de sa population et du passage continuel des esclaves des autres provinces, qu'on y transporte pour y être avantageusement vendus, offre à l'observation la réunion la plus complète d'Africains de types et de nationalités diverses: un grand nombre d'entre eux, récemment importés par le trafic clandestin, et probablement achetés par les négriers, sur les points de la côte d'Afrique les moins fréquentés jusqu'ici, où ils espéraient échapper à la surveillance des croiseurs, ont été capturés à l'époque de leur débarquement au Brésil par les officiers du gouvernement et recueillis dans un dépôt, où ils sont entretenus aux frais de l'Etat et considérés comme libres, quoique soumis à une surveillance et à un travail, qui ont pour objet et pour effet de les soustraire au rapt et à une oisiveté dangereuse.

Il serait donc à la fois facile et fort utile de faire exécuter, avec l'aide de la photographie, qui compte plusieurs ateliers dans cette ville, une collection de portraits de ces Africains, en choisissant, dans chacune des variétés, les types les plus saillans, et de joindre à la représentation de chacun des individus de ces variétés un vocabulaire de la langue qu'il parle, les notions géographiques qu'il sera possible d'obtenir d'eux sur le pays d'où ils sont venus, et les notions qu'ils auront pu fournir sur leur religion, leurs coutumes, leurs traditions, leur origine &c.

La photographie rendra sous ce rapport un service d'autant plus précieux qu'il est général: difficile de garantir l'exactitude des dessins obtenus par d'autres procédés: lors même qu'ils ont été exécutés par d'habiles dessinateurs, il suffit pour s'en convaincre de comparer les planches gravées ou lithographiées, publiées dans les relations de voyages, avec les objets vivans qui y sont représentés; il manque toujours quelque chose dans les plus exactes, pour répondre complètement aux exigences de la science. Les épreuves photographiques au contraire, quelque soit le talent de l'artiste, reproduisent, pour ainsi dire malgré lui, les traits de l'original avec tous les détails qu'il importe à la science de signaler, et de plus peuvent être obtenues en nombre presque illimité.

Cette dernière circonstance favorisera l'entreprise, en me permettant d'y faire participer différentes académies et sociétés savantes, de sorte que la valeur primitive du produit, encore aujourd'hui assez élevée dans ce pays, divisée par

le nombre des personnes ou des associations, qui en désireront des exemplaires, sera réduite pour chacun de ceux-ci à un prix assez réduit. Je me propose, en effet, d'adresser, aux établissemens scientifiques de différens pays, par l'intermédiaire des ministres et agens diplomatiques étrangers, résidant à Rio de Janeiro, la proposition que j'ai l'honneur de vous adresser. Je considère comme inutile d'ajouter que mon concours dans ce travail demeurera complètement désintéressé; il me suffira d'avoir pris part à une entreprise, qui honorera à la fois les personnes qui l'auront favorisée et celles qui auront concouru à son exécution.

N.º 22

CARTAS ESCRIPTAS DE BOTAFOGO

PRIMEIRA CARTA

Caro Redactor.

Quanto me pareceu comprida esta quinzena! quinze dias, e que dias, meu Deus! que mais parecião noites ou, pelo menos, os tristes crepusculos das ilhas Shetland! tantas erão as chuvas e os temporaes, que cheguei a crer que ia acabar-se o Mundo!

Confesso com risco de passar por louca aos olhos dos afoutos, que não esperei chegar ao vigesimo dia de janeiro, mez que comtudo prefiro a todos os outros, por ser o das ferias de meus primos. E, quem tal diria, foi justamente um delles que, a pretexto de que estuda astronomia na Escola Central, me disse com a maior seriedade que o comêta de Donati devia varrer o nosso hemispherio com a sua medonha e immensa cauda! Tive a simplicidade de dar peso ás suas palavras; mas, pôde bem ser, que elle proprio acreditasse no que dizia, porquanto esses senhores sabios, a quem reputamos prudentes, quando calados, ou bem informados porque fallão de tudo, são tambem tributarios da superstição e da loucura.

Um outro meu primo (e devo aqui dizer-lhe que tenho cinco), que é o meu predilecto, e chama-se Frederico, lindo nome! ajudou-me a redigir o meu testamento. O meu maior desejo era deixar-lhe tudo quanto possuo, visto não poder legar-lhe o meu coração; porém elle não quiz accetar, para lembrar-se de mim, caso me sobrevivesse, sahindo são e salvo do cataclisma (visto nadar perfeitamente) se não uma cousa, que só elle tinha visto e que não me affouto a dizer... Pobre Frederico! seu modesto e terno desejo deu-me a conhecer seu bom coração... Queria elle possuir o que eu desejara occultar a todas as

vistas, um nada material e fragil, que toda mulher guarda o mais que pôde no mais recordito escaninho, em que pensa a todos os instantes de sua existencia, que lhe causa vivissimas emoções, e que se deixa arrancar com um prazer misturado de desgosto... um cabello branco! E devo aqui declarar que nunca tive se não esse, nascido, sem duvida, sob a influencia do terror, que me inspirava o tremendo comêta!

Emfim, não obstante as ameaças do astro ou meteorito maldoso, a época do perigo parece pertencer já ao passado; fiz pazes com o primo Victor, e estimo cada vez mais o meu Frederico.

Escusado é dizer-lhe, meu caro redactor, que com tão máo tempo a nossa vida insular tem sido por demais monotona. Sem bailes; sem theatros; vivemos de recordações, sendo a principal dellas o attractivo da scena lyrica, a sympathica La Grange, que foi asyilar-se n'um ellina menos inundado. Entretanto, se não podemos ir em busca das distrações, vierão algumas ter conosco. Para isso concorrerão efficazmente os meus cinco primos, que apaixonados pelas aneddotas, sabem inventa-las, quando se faz mister, preferindo as que entendem com os namoros das moças: contão-nas addicionando-lhes alguns episodios e observações, mas facilmente alcanção perdão por uma ou outra mentirinha, em attenção á pureza de suas intenções e ao prazer, que proporcionão a quem ouve as suas indiscrições. Demais, acredite-o, meus primos são excellentes moços... principalmente Frederico.

Já vê que matavamos o tempo a conversar ou antes a tagarellar, todas as vezes que nos reuníamos: quando porem, nos dispersavamos... sonhavamos:

« Car que faire en un gré, à moins que l'on y songe; »

como disse o velho La Fontaine.

Recebemos tambem algumas visitas, sisudas e graves: magistrados, estadistas de differentes idades. Tive occasião de observar que os nossos magistrados são geralmente mui novos; contam-se entre elles alguns de sympathica physiognomia. Devo igualmente confessar que notei com satisfação que esses mesmos homens, que figurão impassiveis nos tribunacs, que ferem os culpados com a espada da justiça, como dizem os poetas, e que tem por missão velar pela sociedade e proteger a familia, tem na maxima parte corações ternos, sem que a abrasadora atmosphera das paixões desordenadas, no meio das quaes passam uma boa parte da vida, lhes haja calcinado as fibras do sentimento. Algumas vezes tornão-se galanteadores, não sem tal ou qual fatuidade.

Ouçõ com uma curiosidade misturada de terror, como se assistisse á representação de uma peça de Shakspeare, os episodios atrozes que elles nos contão da vida dos grandes criminosos. Um delles, ao que parece, bem informado: referio-nos um assassinato commettido por um escravo, na pessoa de seu senhor, n'uma casa da rua das Violas. Penso que injustamente attribuem o crime ao misero escravo; quem sabe se o verdadeiro assassino, para escapar á acção da

justiça, enforcou o preto depois de matar o senhor deste, afim de julgar-se o suicídio do escravo como consequencia de remorsos? Verificou-se, porventura, se o estrangulamento por suspensão não fôra procedido d'outro genero de estrangulamento ou de suffocação? Pesquisou-se convenientemente se nas paredes ou no soalho não ficarão vestígios das mãos ou pés ensanguentados dos assassinos? Pertencia ao escravo atenuado o instrumento do crime? Onde estavam as chaves da casa, em que foi representada tão horrivel scena? não haveria alguma saída secreta ou passagem de facil accesso? Dizem que o escravo foi levado a commetter o crime por achar-se embriagado; mas seus ultimos actos, seu estado physiologico fornecem probabilidades de que isso assim fosse? e não poderia, provada que fosse a embriaguez, ter sido ella provocada pelos assassinos, para mais a salvo executarem seus horribéis designios? Bem pôde ser que o mysterio do drama se explique pelas disposições testamentarias do infeliz Rodriguez, em favor de pessoa extranha a sua família.

É, sem duvida, temeridade da minha parte formar ácerca de semelhante crime uma opinião certa; mas não posso deixar de ver em todo esse acontecimento um duplo assassinato. Assim penso, não por effeito de um raciocinio rigorosamente logico, mas por uma especie de intuição. Horrifica-me menos a idéa de que uma horrivel accusação pesa sobre a memoria de um mesquinho escravo innocente, hoje livre de todo e qualquer castigo terrestre, do que o insolente triumpho dos verdadeiros réos. Sem o querer, vem-me á lembrança os dramas judiciarios, em que pobres creaturas sem defesa possivel, porque não podem fazer mais do que protestar, sem fornecerem provas certas de sua innocencia, tem soffrido a infamia, a tortura e a morte, para depois de ser o mal irremediavel alcançarem uma tardia rehabilitação posthuma. Representa-se me a horrivel historia phantastica de Edgar Poë; em que o assassinato de tres mulheres horribilmente estranguladas em sua propria casa, esteve para arrastar ao supplicio tantas pessoas extranhas ao crime (*). Recordo-me finalmente, com dôr d'alma, do pobre preto cego, a quem malvados assassinos ensoparão no sangue da victima, que haviam feito, e que foi, por esse unico indício, accusado e condemnado aqui mesmo na cidade do Rio de Janeiro, onde, annos depois, um pardo quasi imberbe expiou na forca, no largo de S. Domingos, um crime que não cometera.

Oh! Frederico, visto que deves um dia occupar um lugar na magistratura, lembra-te que aos olhos de Deos, o juiz que não aprofunda as trevas do crime, que não procura seguir as pisadas dos verdadeiros culpados, é responsavel pelo mal que faz ao innocente, por sua falta de penetração, e á sociedade protegendo com sua indifferença a segurança do criminoso.

Tenho soffreguidão de abandonar este triste assumpto, que enlutou-me os

(*) Em um dos proximos numeros da Revista publicaremos esta novella.

sonhos por algumas noites, para dizer-lhe também alguma coisa dos graves políticos, cuja visita mencionei n'outro lugar.

Quanto a estes, occupão-se de cousas mais humanas, mais ao meu alcance, e por vezes até mais do meu gosto; protegem as bellas artes, projectão soberbos edificios, expedem ordens para que o nosso lindo Botafogo se torne transitavel, etc. Mas tambem lhes não faltão desgostos; nem sempre se lhes leva em conta os esforços, que empregão para vencer os obstaculos oppostos pela má vontade, pela ignorancia, pelo má gosto e por toda a casta de paixões mesquinhas, disfarçadas sob a capa do zelo pelo bem publico

Custava-me a crer que fosse possivel ser homem de estado, e ter ao mesmo tempo um genio jovial e maneiras elegantes e delicadas. Mas o que vejo reconcilia-me com a politica, e chego a ponto de ter pena de não poder vir a ser um dia ministra de estado.

Oh! se eu fosse governo, como não havia de fazer a felicidade de todo o mundo! Em primeiro lugar... casaria com Frederico; acabaria com a escravidão; converteria em jardins os largos publicos; daria aos estudantes nove mezes de ferias por anno, nem esses pobres rapazes terião mais de passar por interminaveis exames, que os fazem emmagrecer! Se eu fosse governo, daria bailes a bordo das fragatas do estado, e concertos nos salões do senado e da camara dos deputados; mandaria edificar um magnifico theatro, onde uma companhia de artistas numerosos e escolhidos havia de representar de dia e de noite, etc. etc. etc. N'uma palavra, todos havião de ficar contentes; teríamos empregados publicos generosamente pagos; os generos alimenticios quasi de graça, e festas que o fossem inteiramente. Se apozar disto ainda houvesse mal intencionados, que me fizessem opposição por demais acintosa, inventaria eu commissões scientificas para me livrar delles.

Mas parece que nem todos os estadistas pensão como eu; não fallão, quando estão serios, senão em vias ferreas, estradas, canaes, pontes, bancos, colonisação, tratados, concordatas, progressos industriaes, doutrinas economicas, etc., etc., cousas estas que devo confessa-lo, me parecem mui pouco divertidas, e que, segundo creio, só forão inventadas para gastar, sob pretexto de interesse publico, sommas enormes, que eu e Frederico saberíamos empregar de fórma bem mais util e natural.

Apezar de tudo pude apanhar n'uma conversa muito animada entre certos homens de estado e meu pai, algumas palavras, que me derão que pensar. Tratava-se de casamentos; olhei para Frederico, afim de ver se elle entendia o que se dizia a este respeito, e se descobria nisto algum perigo para nós; mas elle não fez mais do que sorrir, sem me tranquillisar completamente. Compreendi que elle me explicaria tudo isto a sós, e resignei-me. Contudo alguma coisa devia haver, que se entendesse comigo, pois que papai me mandou ir dar as ordens para o chá. Vi-me pois obrigada a retirar-me, e não pude pescar

senão estas palavras: casamento mixto, casamento civil, que por tal arte me transtornarão as idéas, que fiz toda a sorte de disparates na sala de jantar.

Mas Frederico explicou-me esta manhã o enigma, que me preocupara hontem toda a noite. Devo confessar que eu me havia figurado as cousas mais extravagantes e assustadoras. Com effeito, as expressões, casamento mixto, casamento civil, me haviam feito desconfiar de que se tratava de instituir casamentos civis e militares ao mesmo tempo, e por consequência mixtos. Bem pôde fazer idéa do meo terror; apesar de que entre os meus cinco primos ha tres que pertencem ao exercito.

Deixemos porem as minhas vãs apprehensões. Assim que Frederico me explicou de que se tratava, achei a cousa extremamente razoavel: Frederico pensava como eu, e eu penso como Frederico. Em resumo, não sei se me entendo, ainda que Frederico fosse buddhista ou mahometano, havia de ser meu marido: logo nada ha que não seja justo, honesto e natural nos casamentos mixtos.

Quanto ao que elles chamão casamento civil, entende Frederico que os homens tem razão instituindo-o pois, diz elle, se a lei civil intervem em transacções por algumas vezes quasi indifferentes, para lhes confirmar a authenticidade e assegurar a execução, como poderá deixar de ser admittida a consolidar e sancionar as convenções, que compromettem a felicidade e o futuro de dous entes, de ordinario muito amaveis, e sempre extremamente uteis á sociedade e á patria, visto deverem-na perpetuar... accrescentou Frederico, encarando-me: penetrei-lhe a intenção, corei um pouco, e na verdade havia de que. Mas estou firmemente resollvida a apoiar o casamento civil, fazer a felicidade de Frederico, e tornar-me util á patria...

Não sei porque destas questões de casamentos civis se havia de fazer texto de polemica religiosa, bem como da dos casamentos mixtos. Parece que a união dos protestantes com os catholicos, longe de roubar á igreja os seus filhos, deveria pelo contrario dar-lh'os novos; de facto, se o casamento pôde tornar-se um meio de propaganda, não o pôde ser, senão a favor da melhor d'entre as duas religiões, e esta, quanto a mim, é a catholica. Não é por este lado, entendo eu, que a nossa religião corre o maior perigo.

Por fim de contas, meu bom Redactor, se quizer inteirar-se da questão, lêa um opusculo ultimamente publicado aqui no Rio de Janeiro por um estrangeiro muito instruido, o Sr. Kornis de Totvarad, pessoa e obra, que nestes ultimos tempos tenho ouvido elogiar muitas vezes por homens competentes, entre outros por um jurisconsulto de grandes esperanças que Vm. conhece de nome... por Frederico.

Com effeito, ia esquecendo-me inteiramente dos nossos homens de estado, para lhe fallar de casamentos; desculpe esta digressão a uma rapariga, para quem tal questão é um negocio de estado. Volto á vacca fria, da politica,

para lhe contar uma aventura, de que foi theatro o nosso salão, que fez rir a todos, e cujo heróe triumphante foi Frederico, com outra pessoa muito estimavel. Um ministro, que estava na nossa casa uma das noites da semana passada, recebeu da minha mão uma chicara de chá, e depois de a ter saboreado, conversando em cousas muito alheias á politica e com o ar mais bonachão, pediu a meu primo um charuto: meu pai fuma, meus primos fumão, e portanto nada ha nisto que não seja simples e natural. Mas eu vi Frederico dirigir-se para o ministro d'um modo tão formal e solemne, tomando uma attitudo tão tragica, que sem poder explicar-me a mim mesma o motivo, cheguei por um momento a persuadir-me de que se tratava de uma provocação.

« Senhor, exclamou Frederico com voz grave, quando um ministro de
« estado pede um charuto a um simples mortal, abusa do seu poder e da sua
« posição; pratica um acto de odiosa coacção; eu nunca jamais cederei á au-
« toridade, quando ella pretender invadir a minha consciencia e dirigir os
« meus sentimentos. Sou formado á escola ultra-liberal de Platão (de Repu-
« blica), de Rousseau (Contrat Social), e não me humilho ante a força. Tomai
« a minha cabeça... mas os meus charutos não. Só á força das baionetas me
« poderá arrancar (Mirabeau, séance du jeu de paume). »

Por tal fôrma arregalava eu os olhos e abria a bocca, ouvindo esta apostrophe, digna de lord Chatam, mas terrível, que o meu primo Victor me fez engolir um biscoito, sem que eu desse por tal. Não recobrei inteiramente os espiritos, senão quando vi Frederico nos braços do indulgente ministro, e ouvi retumbar os bravos e as gargalhadas da assembléa; mas esta passagem repentina do terror á segurança tanto me baralhou as idéas, que abracei o meu primo Frederico diante de todo o mundo... Ainda sinto corar as faces.

Agora não se vá persuadir, amigo Redactor, que o meu Frederico seja algum anthropophago politico; diga o pobre rapaz o que quizer, jamais pertencerá elle a essas categorias, que a moda de hoje chama ultra ou citra liberaes: é um estudante da academia de S. Paulo, applicado, intelligente, instruido, delicado, modesto, bonito, etc. Não duvido que seja um pouco liberal, como todo o bom cidadão deve ser n'um paiz de liberdade constitucional, mas seus principios são todos ordeiros. Para melhor expender a sua opinião cita elle a seguinte phrase de um tal Sr. Horacio, que deve ser algum professor de S. Paulo:

..... Sunt certi denique fines

Quos ultra citraque

esquece-me o resto. O que sei é que Frederico não gosta dos fanaticos exclusivistas e intolerantes, nem acredita na sua sinceridade. Bem se sabe, diz elle a respeito desta gente, o valor que tem essa grandeza de alma e esse stoicismo feroz: Cerbero, que devorava carregamentos de colonos, não engeitaria um pão de ló de José Thomaz, nem um bolo sovado do Raunier; estes Minotau-

ros das publicações a pedido são ás vezes vistos em trajes menores, animaes muito domesticados.

O jornalismo da capital, accitando as confidencias destes Brutus, nenhum peccado commette; em primeiro lugar conforma-se com os usos e costumes da imprensa entre nós, e depois não dá o povo grande peso a estas declamações de praça publica. Desejaria contudo que na nossa capital se publicasse um jornal genuino e sincero, onde todos pudessem encontrar uma apreciação justa e imparcial dos acontecimentos mais importantes, e d'onde fossem banidas essas personalidades, essas injurias e esse tom dogmatico e pedantesco, que sem esclarecer as questões duvidosas, affligem a gente honesta e bem criada. Dever-se-lha esperar que o Rio de Janeiro dêse nesta parte o exemplo ás Províncias, mas parece que succede o contrario. Recebemos de S. Paulo o programma de uma nova folha que, a julgar pelas suas promessas, satisfaz pouco mais ou menos o meu ideal. Tantos elogios lhe ouço tecer, que tive vontade de ler esse jornal, que se chama Imprensa Paulista.

Não me desagrada este titulo, que sem ser pretencioso, não é absolutamente banal. O estylo do primeiro numero parece-me claro, elegante e repassado de um sentimento de benevolencia, justiça e probidade, que me inspirou viva sympathia. Vou assigna-lo para que Frederico m'o leia. Este jornal nada tem de rabugento nem de hostil contra o actual estado de cousas, que elle considera como consequencia necessaria e providencial dos acontecimentos anteriores. O que encontra de bem, deseja que o conservem; se observa alguma cousa viciosa ou incompleta, espera que emendem ou completem: finalmente olha como inherentes ás cousas humanas as imperfeições que nota, e que o tempo com os esforços combinados do povo e do governo bastarão para fazer desaparecer. Não é isto optimismo, mas verdadeiro bom senso. N'uma palavra a Imprensa Paulista agrada-me pela sua doutrina; os seus principios politicos tem, de mais a mais, singular analogia com os meus proprios sentimentos; este jornal ama a sua patria como eu amo Frederico.

Nenhum de nós ambos desconhece que o objecto do nosso amor não deixa de ter os seus defeitinhos; mas alguns bons conselhos, dados com bem entendida moderação, em linguagem elegante e delicada, alguns elogios ou reprehensões bem merecidas quando o caso pedir, mas sempre fundadas, medidas com sobriedade, manifestadas sem azevuche nem hyperboles, tudo isto fará da Imprensa Paulista um jornal excellente e do meu Frederico um optimo marido.

D'aqui mesmo estou o vendo rir, caro Doutor (pois Vm. deve ser Doutor já que todo o mundo o é nestes nossos tempos) rir de me ouvir pronunciar a torto e a direito juizos criticos sobre livros e jornaes. Teria Vm. alguma razão para isso, se eu não confesasse que as minhas apreciações são como o echo das conversações do nosso salão. Demais é facil de ver, que n'uma familia

tão numerosa como a nossa, não podem os gostos deixar de repartir-se por toda a especie das occupações liberaes, que neste valle de lagrimas nos offerecem algum lenitivo contra a intemperie das estações, e as vicissitudes da politica, e que fazem esquecer as suas decepções aos ambiciosos, o desacoroçoamento aos humildes e os arrufos aos namorados. Respirando pois esta atmosphera de actividade intellectual, recolho algumas migalhas, que germinão no meu pouco miolo, mas que não me inspirão o menor orgulho. Deus me livre de vir jámais a ser uma dessas litteratas besuntadas de tabaco, destas has-blen impertinentes e rabugentas, que são a vergonha do nosso sexo, desespero dos maridos e o flagello da vida domestica! . . .

Além dos meus primos, que devorão com uma especie de gula as novidades scientificas e litterarias, reunimos todas as noites alguns amigos, entre os quaes contão homens de letras, artistas, funcionarios publicos, e até sabios e philosophos. Estes senhores fallão de tudo deante de mim, dignando se até algumas vezes perguntar-me minha opinião, para me ouvirem dizer alguma parávice (parvoice) gorda, que os faça rir:

Moi, je m'en ris,
Tant je suis bonne fille !

N'uma palavra passamos alegremente o nosso tempo, sem falar nas vidas alheias, sem que nos dê muito cuidado o que fazem os vizinhos, sem rearmos os olhares ou dictos indiscretos, enfim muito contentes commosco e com os outros. Quanta gente, que passa a vida insípida e aborrecidamente, poderia fazer o que nós fazemos !

Muito tinha ainda que lhe contar, mas vejo-me obrigada a guarda-lo para outro dia. Basta já de maçada.

Não vá agora dizer a Frederico que lhe escrevo cartas tão compridas, era elle capaz de ter ciúmes.

Botafogo, 26 de Janeiro de 1839.

CARLOTA a FREDERICO.

SEGUNDA CARTA

Caro Redactor.

Por entremedio dos meus amáveis primos, peja a civilisação todos os dias a meza do nosso salão com magros folhetos, grossos livros, revistas, e periodicos mais ou menos illustrados, para uso e recreio dos nossos amigos e visitantes. É o nosso luxo, e Vm. concordará que elle nada tem, que não seja honesto e generoso.

Estas riquezas literarias não me são indifferentes; servem ellas de causa e pretexto a Frederico, para passar commigo as suas manhãs. Sentados um ao pé

do outro, folheamos juntos todos estes thezouros, trocando mutuamente nossas reflexões, e dando livre curso á nossa imaginação, e assim mais do que uma vez nos succede esquecer, arrastados pela nossa phantasia, a obra que temos diante dos olhos, para compormos de sociedade um romancesinho, de que somos ao mesmo tempo heroeis, auctores, e admiradores. Nada mais instructivo e agradável do que este estudo a meias; o espirito e o coração se dão as mãos, para cantarem o hymno delicioso do amor, fugindo-nos tão veloz o tempo neste exercicio, que julgamos ser ainda de madrugada, quando vemos trazer luzes para a sala.

Propozera-me eu communicar-lhe as minhas proprias impressões, e as opiniões de Frederico e dos nossos amigos sobre as numerosas obras primas de litteratura e sciencias, que nos tem cahido nas mãos. Pode porém ser que a disposição benevola, em que me achou ao emprehender esta ardua tarefa, prejudique os meus juizos. Frederico é indulgentissimo para com os livros, cujas paginas percorremos juntos, e quanto a mim, sinto irresistivel sympathia por quanto elle parece approvar. Muito receio pois que Vm. ache a minha critica por demais branda, em despeito de quantos esforços vou fazer para torna-la severa e exigente.

Independentemente disto ha algumas obras, á respeito das quaes a opinião do meu primo não exerceu sobre mim a sua influencia. São as lucubrações dos sabios, como por exemplo o livro do Sr. Emilio Adet sobre as raças e criação dos cavallos, a Chorographia do Sr. Mello Moraes, os bellos artigos publicados na Revista Brasileira, etc. Quanto a estes trabalhos não posso senão veneral-os e admiral-os com a boa fé do simples e do iguorante, e para convencer-me de seu merito real, basta-me ver que o publico os acolhe com frieza, que na praça do commercio se não falla nelles, e que os nossos peralvilhos nem o nome do auctor lhes conhecem.

Não se admire do meu ingenuo enthusiasmo pela sciencia; se é ella inacessivel á minha pobre e mesquinha intelligencia, nem por isso deixa de mostrar-me deliciosos horisontes em longinqua e nebulosa distancia; as suas grandezas sem limites correspondem ás aspirações inquietas do meo coração ambicioso e opprimido. Quantas vezes me não succede em sonhos abraçar n'um amor tão puro, como a alma de Socrates, a astronomia e os astrônomos, a botanica e os botânicos, a jurisprudencia e os jurisconsultos, a philosophia e os philosophos! Se esta ternura abstracta recahe ás vezes sobre entes reaes, se na pessoa de meu primo Victor amo a algebra, ou o direito constitucional na de Frederico, não se concentra toda nestas amaveis individualidades a minha sympathia; no arreouamento de um amor universal e colectivo, percorro com um beijo ideal e casto a roda dos academicos, e abraço as sociedades litterarias, os exercitos victoriosos, os parlamentos, as universidades, a imprensa, as commissões scientificas e os governos.

Permítta me que exclame com Jourdain, esse abalisado personagem de Molière :

Oh! qu'il est beau de savoir quelque chose!

e com Prud'homme, de patriotica memoria:

La science est le plus beau jour de ma vie!

Porque não me havia eu de poder consagrar ao culto da sciencia apezar do meu sexo! Esta nobre abstracção eu m'a represento debaixo da figura de uma robusta donzella, tumidos os seios, e com tudo virgem; sempre joven e bella como Ninon; sem affectação nem rebique, sem pomada nem espartilho, nem saia de balão; acariciando com o vigoroso braço os nossos rapazes de escola, e reanimando a energia dos velhos com o seu halito vivificador e seus beijos electricos.

Com que direito, caro redactor, se reservarão os homens o privilegio exclusivo dos estudos superiores, como monopolisarão tantas outras vantagens, em que nos negão o nosso quinhão? Consolemo-nos porém, pobres mulheres que somos, já que nos deixarão, sem nol-o disputarem, o sacerdocio do amor. Aproveitemol-o pois!... Demais, pela parte que me toca, não faço reclamações; uma pouca de felicidade repartida com Frederico me basta; uma choupana e o seu coração!

Mas o que é realmente deploravel, é o pouco caso que fazemos dos sabios; temos delles differentes especies ao pé de nós, e até entre nós, e parecemos ignoral-o, alem de que cada dia traz consigo a descoberta de mais algum. Um dos nossos amigos, grave auctor de charadas e logogriphos, ainda há pouco nos fez vêr um, no qual antes d'elle talvez ninguem tivesse enxergado, senão virtudes. É um escriptor ingenuo e modesto, que fez, sem dar por isso, uma importantissima descoberta, que deve destruir um prejuizo, deshonra da humanidade desde os tempos de Hesiodo. Acho esta descoberta em germen na seguinte passagem de um dos mais ingenhosos periodicos do Rio de Janeiro. «.... o caes do Botafogo já está bastante arruinado.... as aguas do mar desde « já vão invadindo o terreno.... parece porem que ainda mesmo que Plutão não « fosse fabuloso, e realmente existindo, como rei dos mares, tivesse mandado « seu ultimatum áquelles, que deverão zelar pelo bom estado do Botafogo, « todos elles terião ficado sem resposta, etc. (Monarchista de 15 de Janeiro « de 1859).

Ora considere agora, com quão pouca pretensão se expõe similhante descoberta mythologica; sem commentarios, sem esse acompanhamento de erudição enfiçada, que sem augmentar-lhe o valor scientifico, te-lo-ia privado de parte da sua graça original. Mas tambem já ahí se diz pela boca pequena que um poderoso monarcha da Europa, querendo recompensar dignamente o auctor de tão estupenda invenção, acaba de conferir-lhe, á imitação de Filippe II,

o título de duque de Plutonado. Venturoso seculo, em que o merito encontra, á par da gloria, o favor de um príncipe esclarecido!

Contudo como seria impossivel que tal revolução no mundo e no Olympo passasse sem reclamações, tem-se formado nas principaes capitães do mundo clubs, em que os sabios sob a denominação de Neptunistas e Plutonistas combatem entre si encarniçadamente.

Confesso que eu própria fiquei um pouco atordoadá, ao saber da restauração de Plutão sobre um throno, que, havia tanto tempo, tinha sido usurpado por Neptuno; embora não seja este o primeiro exemplo de semelhantes vicissitudes na historia dos Deuses e dos homens. Mas o que me afflige é ver inconsolavel a minha mestra de inglez, que é uma excellente pessoa. Imbuída desde a infancia nos princípios mythologicos de Frederico Creuzer, Lobeck e Buttmann, vivera ella sempre na esperanza de morrer na fé da doutrina dos seus mestres: ora com 48 annos de idade não se renuncia facilmente, nem sem saudades a tantos sonhos, que nos embalarão durante tão crescido numero de primaveras. Pobre mistress Crawford! quantas lagrimas tem chorado! De balde procurei mitigar-lhe a dôr, fazendo lhe ver que por fim de tudo obteve Neptuno uma compensação brilhante e sufficiente, no presente, que o Sr. Leverrier lhe fez, no dizer de Victor, de um grande e magnifico planeta.

Emfim, máo grado a opposição dos Neptunistas, e as imprecações de mistress Crawford, eis ahí a descoberta a brilhar com puro esplendor entre seus irmãos, o vapor, a telegraphia electrica, etc, etc.

Não lhe falta senão a consagração official no dictionario do Sr. Eduardo de Faria, rico repertorio de quanto a erudição e o bom gosto podem accumular de mais enfiado e delicado.

Este livro, que não passa ainda das suas primeiras paginas, mostra a louvavel intenção de engordar desmesuradamente: está já bem crescidinho para a idade. Dizem que o autor se vê perseguido de empenhos da parte de pessoas, que querem ver o seu nome inserido neste monumento: cita-se um barão, que lhe offereceu uma somma consideravel, para admittir no lugar competente um paragrapho concebido nestes termos;

« Barão. Subst. masc. Personagem notavel por sua fortuna, virtudes, ou « serviços prestados á patria; por exemplo o Sr. barão de***, protector desin- « teressado das viúvas e das orphãs. Todo o mundo pasma de não lhe ver « brilhar ao peito as insignias cavalleirescas, a que lhe dão incontestavel direito « o seu amor do bem publico, e as suas boas intenções, como uma das summi- « dades carnavalescas. »

Apezar dos bons conselhos, com que o soccorre o publico, está o dictionario do Sr. Eduardo de Faria longe ainda de ser completo! oustrei apontar, por exemplo, a omissão da palavra abacate, que designa uma fructa deliciosa, cujo nome, embora de origem mexicana, era bem digno de adopção na lingua

portugueza, bem como os seus derivados, como abacateiro, abacatophilo, abacatogenesis, abacatographia, abacatologia, abacatophonia, abacatoforme, abacatocultura, abacotonomia, etc., etc. Accrescentarei finalmente que o Sr. Eduardo de Faria prestaria um serviço á igreja e ao Sr. Laemmert, admitindo no seu repertorio os nomes dos santos inscritos nas nossas folhinhas.

Verdade é que neste livro se encontra, em compensação do que lhe falta, uma multidão de cousas, que ninguém esperava, mas que por isso mesmo maior prazer nos causão. Com quanta admiração e júbilo não deparei eu com um chorrião de lindas palavras bascas, celticas, scythicas, hebraicas, etc., etc, termos de alchimia, necromancia, etc. e nomes dos mais celebres personagens das epochas e dos paizes mais ignorados. Quantas cousas, de que nem meu pai, nem meus primos, nem os nossos amigos nunca jamais havião ouvido fallar! Mas também com que aqodamento não fomos logo assignar a obra, para aprendermos a escrever e fallar um portuguez puro e castiço!

Sejão quaes forem os defeitos, que uma critica por demais exigente pretenda assacar ao Sr. Faria, forçoso será confessar que o seu trabalho presuppõe um zelo á toda a prova, e uma paciencia inexaurível; se o auctor não teve a pretensão de escrever uma obra litteraria, destinou evidentemente o seu dictionario a um fim utilitario. Devemos pois felicitá-lo e render-lhe infinitas graças. Se recolheu numero demasiado de palavras realmente extranhas á nossa lingua, e que sem escrupulo podia haver omittido; se por outro lado desprezou outras, cuja orthographia muito convinha fixar e regular, como nomes designativos de localidades de Portugal e do Brazil, e termos emprestados das linguas indigenas, ou proprios da linguagem do povo, injustiça seria negar que a ideia predominante na sua empresa, o modo de execução, é digno de encomios, pois que todo o serviço prestado ao publico merece um acolhimento grato, uma recompensa equitativa.

Uma obra deste genero é, como já ha muito o disse L. Scaliger n'um epigramma latino, a que exige da parte do seu auctor a mais fastidiosa applicação de espirito. Demais não é n'um dictionario, que se devem buscar modelos de estylo e seria desarrazoado exigir mais do que exactidão e clareza de definições.

Outro tanto se não pode dizer de publicações, como o Brazil Pittoresco, onde a descripção das scenas grandiosas da historia de uma nação permite a profusão das riquezas da eloquencia. Nesta obra derão-se as mãos a arte e as letras, para celebrarem as glórias e as maravilhas da nossa patria; agradeçamos pois aos deus estrangeiros, que com esta homenagem digna d'elles saudão as praias de um paiz hospitaleiro. Um d'elles é um photographo de talento, outr'ora associado no exercicio da sua arte a um brioso refugiado hungaro, conhecido hoje como jurisconsulto de pezo; o outro é o Sr. Ribeyrolles, que depois de ter feito, com sua voz poderosa, tremer os thronos da Europa, veio accender aos nossos lares o cachimbo da amizade, cultivar nos nossos climas,

não, como Diocleciano em Salona, simples e vulgares legumes, mas a murta e o loureiro poeticos.

É cedo ainda para aquilatar o merecimento das photographias, que devem acompanhar esta publicação; mas a sua execução não deixará por certo de corresponder ás justas esperanças, que o talento do Sr. Frond tem feito conceber, nem a escolha dos assumptos desmentirá a opinião, que temos direito de formar do bom gosto dos dous collaboradores.

Pelo que toca ao valor litterario dos artigos publicados no primeiro volume do Brazil Pittoresco, não é elle somenos da ideia, que anticipadamente se fazia do merito do auctor, o Sr. Ribeyrolles. É o mesmo estylo fogoso, talvez um pouco lyrico demais, do jornalista popular; facilmente se reconhecem os habitos oratorios do tribuno, que declama a sua phrase, escrevendo-a; pode até avaliar-se a força dos seus pulmões pela extensão uniforme e parallelismo dos seus periodos, em que o pensamento parece seguir o *rhythm* da respiração. É esta particularidade, que fez dar ao estylo do Sr. Ribeyrolles por um illustre naturalista, amigo de Frederico, o nome de estylo articulado. Quanto a mim, confesso que na obra deste escriptor prefiro os varios capitulos, em que elle abandona o tom da epopea, para descer a um medio menos olympico. Cança-se o espirito á admirar no decurso de um grosso volume de 153 pag. os esforços por demais visiveis que o autor emprega, para fazer brilhar sobre um fundo, que nada tem de novo nem de original, as mais garridas cores da poesia oriental. Essa emphase apocalyptica, essa cesura por strophes arredondadas, fechadas por estribilhos em cascata, essas locuções bizarras, que chegam até a criancice, e que felizmente desaparecem em parte na traducção, finalmente todo esse entusiasmo altisonante, que faz lembrar o chauvinisme democratico dos jornaes destinados ao consumo da classe operaria, tudo isso impaciente e desanima o leitor menos apaixonado. Para ser decantado em prosa, não precisa, o que é grande e bello, de tal aparelho sublime, nem de tal acompanhamento lyrico. Deixemos aos oradores emphaticos, ás epochas de decadência, e aos rapazes de escola essas amplificações pueris. Se quizermos dar com o verdadeiro tom historico, releamos e procuremos imitar na sua nobre sobriedade os grandes modelos, Tacito e Bossuet.

Nesta crise de mau humor nos achavamos domingo passado, Frederico e eu, lendo a obra do Sr. Ribeyrolles, sem que por isso deixassemos de fazer justiça aos recursos da sua vasta intelligencia. Persuadidos por outro lado de que elle é capaz de fazer couza melhor, preferiamos suppor que elle se teria enganado a respeito do gosto dos Brasileiros, para quem escrevia. Esperamos que elle nos julgará melhor para o futuro, e que escreverá para nós, como deve saber fazel-o, quando se dirige a um publico, cujas luzes aprecia.

Pozemos de parte o Brazil Pittoresco para lêr algumas paginas do novo livro do Sr. Michelet, desse livro, cujo titulo impresso em gordos caracteres,

L'Amour, havia attrahido as minhas vistas, e feito palpitar meu coração. Não me atrevia a deixar perceber na presença de meu pai a sympathica curiosidade, que me inspirava este pequeno volume; mas Frederico bem a percebera, ou antes a adivinhara e compartira. Escondemo-nos pois no vão d'uma janella, para o folhearmos juntos furtivamente. Não tardou tão fecundo texto a arrastar-nos a commentarios sentimentaes, a que se seguiu um schismar silencioso e melancholico, enquanto nossos olhos divagavão pelas tão pittorescas margens da nossa enseada do Botafogo.

Foi neste mesmo momento, domingo 13 de fevereiro, que principiou a singular aventura, que me proponho lbe narrar. Os phantasticos episodios deste romance, quasi diria deste drama, cujo desenlace será talvez terrivel, e ainda nos é desconhecido, inspirão-me, bem como a Frederico, um terror supersticioso.

Acredite, caro redactor, que o meu espirito não propende muito para o maravilhoso. Contudo avivando as minhas recordações, parece que alguns dias antes estava eu já sob o dominio de um fatal presentimento. Como esses animaes, que instinctivamente preveem as tempestades e as catastrophes, e vão a toda a pressa refugiar-se em lugares, que o flagello imminente não possa attingir, sentia-me eu com novo ardor e mysteriosa fé attrahida por Frederico, como para um protector dedicado e intelligente. Uma voz interior como que me dizia: aproxima-se o perigo, mas o teu noivo o desviará; mão invisivel parecia traçar em torno a mim um circulo de trevas, em cujo centro me apparecia Frederico, como um anjo brilhante de luz, armado da espada ardente do amor em minha defesa.

Quem me diz que o diabo não metten tambem a sua colher nesta inexplicavel aventura, cujas phases se succedem com a lentidão dos acontecimentos dirigidos pelas potencias occultas que dispõem dos seculos e dos homens?

Mas não tardará que eu tudo isto lhè conte.

Botafogo 19 de Fevereiro de 1859.

CARLOTA FREDERICA.

(Extrah. da *Revista Popular*, I (1859), pgs. 176 e 243.)

LETTRES ÉCRITES DE BOTAFOGO.

L'auteur de ces lettres, qui en avait commencé la série dans les premiers numéros de la *Revista Popular*, et avait été contrainte d'en suspendre la publication, ne se propose, en la continuant, que de passer en revue quelques uns des aspects d'une région peu connue de notre société. Mais son sexe et son âge lui interdisent des développements trop précis, et les limites de son entendement lui imposent une prudente réserve, lorsqu'elle prétend exposer les faits ou analyser les opinions qui se sont manifestés en sa présence: il lui semble

suffire que ses indiscretions soient sans danger et ses observations sans amertume. Elle sollicite donc l'indulgence du lecteur, pour elle même et pour son traducteur, qu'elle autorise à corriger ses erreurs, ses défauts et ses excès, s'il veut bien se charger de cette tâche laborieuse.

3.^e LETTRE.

Botafofo, 17 Mars 1860.

Cher Rédacteur.

J'ai le bonheur de vivre, vous le savez, entourée de gens qui m'aiment, qui honorent et vénèrent mon père, et pour lesquels, en raison même de l'estime et de l'affection qu'ils nous témoignent, j'éprouve à la fois des sentiments de sympathie et de reconnaissance. Nos amis, dirait peut être un philosophe d'humeur morose, sont trop nombreux pour être dignes d'un titre qui exclut le partage, qui exige un dévouement, une confiance absolue, et surtout l'accord et l'harmonie des goûts, des principes, des opinions. Eh bien ! quoique toutes ces conditions ne se trouvent pas réunies dans la société qui peuple notre salon, trop petit pour la contenir à l'aise, quoique même il s'y rencontre des éléments contraires, nous y vivons dans la plus douce et la plus pacifique intimité ; si c'est un miracle, je n'en chercherai pas la cause ; si c'est un phénomène accidentel, mais persistant, il doit avoir sa raison d'être. Mais pourquoi me torturer l'esprit pour la trouver ? Je me laisse vivre dans cette charmante ignorance et je m'écrie avec Descartes : « J'aime et je suis aimée, donc j'existe. » Cela me suffit.

Cependant, comme dans une cité bien gouvernée, on n'entre pas dans nos murs sans passeport, et le signalement exigé, c'est la bienséance pour l'extérieur, et une moralité bien constatée pour le fond. Ces deux conditions réunies forment un ensemble très suffisant : pour le reste, nous nous en rapportons au hasard et à la bonne volonté, aux efforts et aux facultés de chacun ; on a de l'esprit si l'on peut, ou le montre si l'on veut : le savant est bienvenu, pourvu qu'il ne soit ni pédant, ni ennuyeux : il est même permis d'être sot, si l'on est bon, silencieux et discret. Je ne parle pas des dons et des qualités accidentels, que le hasard distribue et ravit sans raison ni justice, et qui peuvent échoir ou manquer à ceux auxquels il seraient le plus nécessaires, qui en seraient le plus dignes, ou chez lesquels il plairait davantage de les voir réunis et accumulés ; la fortune, la beauté, la grâce, la jeunesse. Heureux celui qui les possède ; bienvenu soit celui qui en est dépourvu, s'il est privé de tout, *hors l'honneur*.

Quant à la mode, si elle exerce encore quelqu'empire dans cette enceinte réservée, elle ne s'y permet ni les exagérations, ni les excentricités qu'elle

réserve au spectacle et à l'admiration du gros vulgaire, et se conduit parmi nous en femme honnête, modeste et bien née.

Dans le salon de mon excellent père, si vous vous en souvenez, vous qui n'y paraissiez que trop rarement, règne la plus complète liberté, limitée uniquement par les convenances sociales qui, loin d'être une gêne et un embarras pour nos visiteurs, rendent leur commerce facile et enjoué; leurs luites elles-mêmes font jaillir des traits piquants sans amertume, des demi-mots d'un artifice plein de grâce: ils échangent des opinions contradictoires, sans épuiser les formules d'une dialectique pédantesque, et les armes du combat qu'ils se livrent sont d'un acier si poli, si brillantes d'or et de pierreries, qu'ils se rapprochent involontairement pour en admirer le travail et la matière, et se réconcilient en les échangeant. En un mot, les rivalités de nos hôtes engendrent nos plaisirs, leur émulation ne tend qu'à mériter notre estime, à imaginer de nouveaux moyens de plaire, d'aimer, de jouir ensemble des délices, qu'engendrent le goût et la possession du beau et du bon.

C'est donc au milieu des discrets bavardages d'une société polie, que je m'efforce de récolter le bagage que je vous envoie: si j'y ramasse, un peu à la hâte, des épis plus ou moins riches, plus ou moins mûrs, sans pouvoir toujours faire un choix très scrupuleux, c'est que j'ai la confiance de n'y trouver que des grains saints et point d'ivraie. Je recueille avec une bonne foi naïve, les opinions aussi variées que les professions, les goûts, les intérêts, les passions, l'âge, la condition de nos hôtes, sur les divers sujets dont peuvent s'entretenir des hommes, qui partagent leur temps entre les plaisirs délicats du monde élégant et les occupations graves de la vie publique. Peut-être bien m'échappera-t-il quelque imprudence, peut être aussi mes chers cousins, qui m'aideront à dresser mes procès-verbaux, me feront-ils quelque espièglerie dont vous me rendrez responsable. Mais que ne pardonnerait-on pas à une petite folle qui nous aide, sans malice, à découvrir les faiblesses et les petits péchés des gens que nous sommes, accoutumés à admirer ou à craindre sous leur costume officiel. Bien loin d'ailleurs de me borner à vous révéler les défauts d'autrui, rôle qui répugne à mes penchants de tolérance, je n'aspire au contraire, qu'à réhabiliter, dans l'opinion des vieillards mal informés, ces pauvres garçons, jeunes et fougueux héros de l'avenir, qu'on accuse trop souvent de frivolité, de présomption, et chez lesquels j'aime à découvrir, sous les formes quelquefois excessives, que l'âge et les bons exemples corrigeront, des tendances nobles et des instincts généreux. En un mot, je serai l'avocate de ces aimables enfants, pour les quels la vie n'est encore qu'un théâtre, où se jouent des amours mythologiques, des bergeries sentimentales; ils y chuchotent, au parterre, rient, se réjouissent, lorgnent la scène et les loges, sans scandale, sans bruit, sans trépignements et sans sifflets.

Ne soyez pas surpris, cher rédacteur, de me voir prendre fait et cause pour cette cohorte juvénile, où je me fais gloire de compter quelques beaux cousins.

Je les blâme seulement de rester célibataires : mais ce que je ne leur pardonnerais pas, c'est de priser, de cracher sur les parquets et par les croisées, de se moucher avec bruit, de se parfumer de musc, d'attirer les regards sur leur cure-dents, de sacrifier leurs grâces naturelles au mauvais goût de la mode, etc... etc... enfin tous ces petits défauts qu'on observe ici chez des jeunes gens, fort honnêtes d'ailleurs, qui se rendent ainsi, ou ridicules ou insupportables aux yeux de ceux mêmes dont ils ambitionnent l'admiration, l'estime ou l'affection. Les lois des bienséances ne sont pas écrites : les infractions à ces lois ne conduisent pas devant les tribunaux ; mais elles gênent et inquiètent les relations et déshonorent la société, au sein de laquelle elles se commettent.

Si les contemporains de nos pères et de nos aïeux ont droit à nos respects, à notre confiance et à notre soumission, réservons à ceux dont nous partageons l'âge, les folies, les grâces et les défauts, un peu d'indulgence et de sympathie. D'ailleurs nous vieillissons et nous changeons si vite ! à peine a-t-on le temps d'exercer à notre égard ce rôle d'indulgente bienveillance que je réclame de la part de nos aînés. Vous voyez aujourd'hui paraître dans le monde, portant son mince bagage d'étudiant, celui chez lequel vous serez forcé, dans quelques mois, de vénérer le magistrat, le médecin auquel vous confierez le soin de veiller sur la santé d'êtres bien-aimés, d'instruire ou de diriger vos frères et vos enfants. Il a déjà l'intuition de ce rôle grave et superbe : il se rappelle au mois de Janvier, au moment de partir pour S. Paulo ou Olinda, que le mois de Novembre le verra coiffé d'un bonnet à contours d'hermine, affublé d'une toge de satin noir : Il s'exerce, quand il y songe, à porter des lunettes d'or, signe caractéristique mais quelquefois usurpé, du doctorat : on le surprend quelquefois donnant à sa voix des intonations cavernueuses, à ses gestes le rythme tragique ou l'intempérance parlementaire, imprimant à ses sourcils des ondulations majestueuses. Cette année, je reconnaissais à peine Frédéric, que j'avais connu l'an dernier si expansif, si sentimental, si... etc... Mais moi-même ? Qui sait ce qui, dans cet intervalle de quelques mois, peut venir assombrir les horizons bleus, où je me plais quelquefois à promener ma pensée en tête à tête avec mon bon Frédéric, mon fiancé bien aimé !

Pardonnez-moi ces élans de sentiment, qui n'ont qu'un rapport bien indirect avec la thèse que j'essayais de développer à ma façon. Tout change, disais-je, sur la face du monde : tout s'efface ou se colore de teintes nouvelles. La société, la nature, notre propre conscience nous en offrent à chaque instant la preuve, et je vais vous en citer un exemple, illustre et contemporain. Tel homme, que vous avez vu hier, Voltaire à la main, promener une plume éloquentes, à travers les colonnes d'un journal terrestre, vous le rencontrez aujourd'hui, rayonnant d'une béatitude séraphique, portant d'une épaule légère le poids d'un monde surnaturel, affectant une allure de cathédrale gothique, et brisant d'un dévot coup de pied, comme un Sicambre converti, les élégans vases grecs, qui jadis ont servi à ses profanes libations.

On a dit au XVI^e siècle : souvent femme varie, bien fol est qui s'y fie ; il paraît qu'au XIX^e siècle l'inconstance a changé de sexe.

Ainsi vont les choses sur notre indigne planète ; il faut bien s'y résigner.

Pour moi, je m'en réjouis. En effet, quelle monotonie, si nous avions la certitude chaque jour, en nous réveillant, de revoir exactement ce que nous avions vu la veille, le mois précédent, l'année passée : si nous entendions tous les jours répéter l'éloge des mêmes individus, des mêmes vertus ; blâmer chez d'autres les mêmes fautes, flétrir les mêmes crimes, stigmatiser les mêmes bassesses. Il y a, au contraire un certain plaisir à voir qu'un ancien fripon passe aujourd'hui par un homme de bien ; on éprouve une amusante surprise à reconnaître que Pedro, autrefois âpre adversaire de telle doctrine politique, en est devenu l'apôtre et le coryphée : que Paulo, hostile au gouvernement, sera demain son plus dévoué soutien, si le budget le permet. Tout cela est divertissant.

A ces accidents qui font miroiter incessamment la scène où nous représentons, à la clarté du soleil, une comédie sans entr'acte, ajoutez les phénomènes naturels qui en forment la décoration : les pluies diluviales, les ouragans furieux, les tremblements de terre, les éruptions volcaniques, les éclipses de soleil, les comètes enfin ; vous avouerez que le monde, tel qu'il est, est encore plus varié dans ces aspects, que ne l'était notre carnaval cette année, plus amusant que les vingt journaux de notre capitale, y compris le vôtre, quoiqu'ils aient, réunis, de l'esprit comme quatre.

Mais permettez moi de prendre un instant, malgré mon sexe et mon âge, une attitude solennelle et un langage élevé : j'ai à vous entretenir d'un objet, sur lequel j'appelle toute votre attention : il s'agit d'une nouvelle comète.

Ne me demandez pas : qu'est ce qu'une comète ? Je ne crains pas d'avouer que je l'ignore, cependant je puis vous répondre comme je l'ai fait, à la même question que m'adressait un de nos vieux amis, sénateur respectable : « Une comète est une chose que vient de découvrir M. Liais à Olinda ; » — solution fort juste à ce qu'il paraît ; puis que notre vieil ami me félicita et me dit : ma belle enfant, Laplace, Arago, M. Mello, le P. Secchi, M. Liais lui-même auraient pu donner une définition plus longue et plus savante, mais certainement moins exacte. Or, si un sénateur qui doit savoir toutes choses, a approuvé ma réponse, pourquoi donc Frédéric est-il venu me dire tout bas : chère cousine, vous avez dit là une grosse naïveté. Du reste je n'ai pas la prétention de résoudre des problèmes d'astronomie, mais je me réserve de consulter un député de Pernambuco : c'est un astre de son pays !

Quoiqu'il en soit de la nature des comètes, on vient d'en découvrir une jolie petite, d'une clarté très faible, et qui, suivant la lettre de l'astronome, que vous avez publiée dans votre journal, se montrera peut-être aux habitants de Rio-de-Janeiro. Il paraît que c'est la première comète, même le premier astre

nonveau qui ait été découvert au Brésil : je m'enorgueillis d'y être née. Il ne faut pas juger du mérite de la découverte, par la grosseur du météore ; d'ailleurs il est double, ce qui en augmente l'importance ; mais, fût-il simple, crochu, obscur, affreux enfin, ce n'en est pas moins une comète : et cette découverte n'est pas moins glorieuse pour la science, pour l'observatoire d'Olinde, et pour l'astronome auquel on la doit, M. Emmanuel Liais, savant dont tout le monde s'accorde à vanter le mérite et la modestie. La lettre dans laquelle il a fait part de son observation au gouvernement impérial, en manifestant le désir qu'elle fût insérée dans les journaux, a pour but de constater son droit de priorité, et n'indique que le soin légitime de se réserver l'honneur de son travail.

Je regrette qu'il soit contraire aux usages adoptés, de donner un nom de fantaisie à ces astres errants ; si c'eût été une planète, peut-être lui eût-on imposé un nom cher aux Brésiliens : le choix d'ailleurs en eût appartenu à l'astronome. Peut-être aussi, dans ce cas, eussions nous vu naître bien des ambitions. Qui sait si quelque riche négociant, jaloux de voir son nom traverser l'éther et circuler dans une orbite parabolique pendant des siècles infinis, n'aurait pas élevé des arcs de triomphe sur le passage de M. Liais afin d'obtenir, pour récompense de son enthousiasme désintéressé, cette distinction flatteuse et ce diplôme d'immortalité. Mais puis qu'une comète prend le nom de son inventeur, tous les calculs de la vanité deviennent superflus.

Que nous sommes loin, cher rédacteur, de l'époque où l'apparition d'une comète était regardée, même chez les nations les plus civilisées, comme le présage de quelque horrible catastrophe ! de l'époque où en France, sous le règne brillant de Louis XIV, le critique Bayle jugeait nécessaire de combattre, par des raisonnements qu'on accusa d'impiété et d'hétérodoxie, un préjugé à la fois si puéril et si extravagant. C'est qu'en effet, depuis ce siècle, si voisin du nôtre, si l'on considère la durée réelle du temps écoulé, le monde a marché d'un pas rapide, la science est descendue des sommets escarpés et nuageux, où elle allaitait quelques rares favoris, dans les plaines populeuses, où sa présence seule n'éclaire et protège ceux-là mêmes qui n'entretiennent aucun commerce avec elle.

Une comète aujourd'hui cause moins de surprise, au Brésil, que l'arrivée d'un archiduc d'Autriche : et la découverte toute récente d'une nouvelle planète voisine du soleil, trouvée et observée par un savant et modeste médecin de la petite ville d'Orgères, M. Lescarbault, qui étudie l'astronomie en amateur, fait moins de bruit et suscite moins de curiosité que la visite d'un chinois à Paris, que la brochure *Le pape et le congrès*, que l'Encyclique du Saint-Père, que l'inauguration du libre-échange, que la suppression de *l'Univers* et le martyre de M. Veuillot ne soulèvent de clameurs, de haines, de dangers en Europe.

Quel doit être l'étonnement de Louis-le-grand s'il daigne contempler, du haut du ciel, notre monde planétaire et arrêter ses regards vers ce coin de la

terre, où il régnait sur la nation la plus cultivée de son siècle ; sa longue chevelure doit s'hérissier d'horreur et d'indignation, en présence des énormités qui signalent le temps où nous vivons : et s'il trouve quelque consolation à voir un de ses petits neveux, une princesse du plus pur sang de sa race, recevoir des hommages d'amour et de gratitude d'une jeune nation, appelée à de glorieuses destinées : ne doit-il pas tressaillir en voyant les afflictions et l'abaissement du Père commun des fidèles, réduit à invoquer l'assistance d'une plume vénale, pour proclamer et défendre ses droits méconnus, impuissant à brandir de ses mains débiles les foudres de Grégoire, de Sixte et de Jules, désormais transformés en feux d'artifice ou en attributs mythologiques, par les contemporains d'un siècle d'incrédulité.

Mais je ne veux ni ne dois, ni ne puis, jeune fille dont la science théologique et politique ne s'étend pas au de là de ce qu'enseignent le catéchisme ou les nouvelles diverses du *Correio Mercantil*, porter des yeux téméraires sur cette question italienne, où se trouvent peut-être en germe un monde inconnu, une société nouvelle, ou le signal d'un bouleversement universel.

Je le répète : tout change, cher rédacteur, même l'Eglise ; et comme l'a dit chez mon père un homme d'Etat en disponibilité, l'Eglise peut se proclamer immuable, mais elle ne saurait être immobile.

CHARLOTTE-FRÉDÉRIQUE.

4.^e LETTRE.

Botafogo, 24 Mars 1860.

Monsieur le Rédacteur.

Malgré les espérances d'une paix durable, qu'avait donné lieu de concevoir le traité conclu entre la France et l'Angleterre, la situation politique de l'Europe, si j'en crois mon cousin Frédéric, est loin d'être bien assurée.

Peut-être ne remarquerez-vous pas sans étonnement que je me préoccupe des graves événements qui se préparent sur l'autre rivage de l'Atlantique, lors qu'au contraire nos hommes d'Etat, nos publicistes paraissent y prendre un très faible intérêt. Mais votre surprise diminuera, quand je dirai, avec toute la gravité qu'exige la politique, que souvent j'accompagne au piano les *modinhas* qu'un jeune diplomate s'exerce à chanter pour faire jouir son souverain, lors qu'il sera de retour dans sa patrie, de la saveur transatlantique de nos mélodies nationales. S'il s'extasie avec bonté sur mon talent musical, s'il se montre infiniment touché de la complaisance, avec laquelle je supporte les écarts de sa muse, il faut bien qu'à mon tour je me hâte de mettre à profit ses capacités politiques ; et je cherche à me payer des petites tribulations que m'impose sa voix de tête, en lui adressant à propos des affaires de l'ancien monde mille

questions plus ou moins saugrenues. Je dois avouer qu'il a déjà fortement ébranlé la sympathie que m'inspiraient les malheurs du Saint Siège : l'Autriche est sur le point de perdre ma bienveillance : j'hésite encore à me prononcer sur le compte de Napoléon III ; cependant un attrait de curiosité m'entraîne vers ce monarque dont la politique, hérissée d'énigmes, ouvre à mon imagination des perspectives infinies.

Mais je me réserve d'exposer, dans une brochure anonyme, avec la collaboration de mon diplomate, nos vues prophétiques sur l'avenir de l'Europe et sur les destinées du Nouveau Monde. Je me contente de signaler dès à présent un événement, fort grave à mon avis, dont je développerai les conséquences dans le sus dit écrit : il s'agit d'une révolution dont la France, comme toujours, donne le signal, dont elle est d'abord le théâtre, et qui bientôt doit envahir l'univers. La mode des ballons est abrogée !!!

Quoi, direz-vous, ces immenses pyramides de soie de mousseline, de dentelle, qui se balançaient avec tant de grâce sur nos trottoirs, autour desquelles se jouaient les zéphirs indiscrets, dont les profondes cryptes cachaient tant de mystères, ces crinolines prudentes et chastes qui élevaient, dans les environs des vierges et des veuves, d'audacieuses fortifications, vont disparaître de la surface du monde ! Rassurez-vous, brave homme ; nous substituons à ces pyramides, héritage de quarante siècles, des monuments non moins respectables, non moins antiques, non moins égyptiens, ces mêmes obélisques dont s'enorgueillissaient les salons du premier Empire, ces étroits et longs fourreaux de velours, ces gaines de cachemire aux plis flottants, sous lesquels la tendre Joséphine, l'altière Marie-Louise, la séduisante Récamier, la savante baronne de Stael, la fougueuse Tallien, exerçaient sur leurs contemporains une fascination, dont l'histoire anecdotique permet de calculer l'intensité, quelque doute que puissent susciter à nos yeux les portraits d'Isabey, d'Ingres et de David.

Qu'allons nous faire de ces carcasses de métal, échafaudages trompeurs, qui nivelaient tous les embopoints, qui ont inauguré le régime de l'égalité entre les hanches rebondies et anguleuses ? Nous les foulerons aux pieds : mais qu'il leur reste au moins la consolation d'être utiles ; qu'on en fasse des chemins de fer ! *Va victis !*

Si mon sexe a la gloire d'avoir contribué à la déchéance du ballon, il aspire à intervenir, d'une manière encore plus éclatante, dans les affaires publiques. J'avoue même que si le sort de la crinoline a soulevé en moi ce sentiment de compassion, qui assiége les âmes généreuses, en faveur d'un géant terrassé, je m'associe avec énergie aux vœux exprimés par les dames de la ville de Lyon : je m'écrie avec elles, de toute la puissance de mes poumons : plus de célibataires !

Quel magnifique spectacle nous offrira la capitale du Brésil, si cette croisade salutaire y recrute de nombreux prosélytes !

Du temple, orné partout de festons magnifiques
Les jeunes gens en foule inondent les portiques :

Les prêtres ne pourront suffire aux sacrifices.

Les arguments les plus imposants se réunissent pour faire triompher ma doctrine : l'Etat lui-même y trouve un puissant auxiliaire à l'appui de ses projets économiques ; colonisation, recrutement, production agricole, amélioration des mœurs, etc., les plus grands problèmes que n'ont pas résolus, dans d'interminables discussions, nos assemblées législatives, se trouvent résolus d'un seul coup ; et ce cri patriotique, plus de célibataires ! sorti du sein palpitant d'une faible femme, inaugure l'ère de régénération économique de l'Amérique du Sud. Qu'on m'accorde une subvention, et je fonde un *Regenerador* ; qu'on ouvre une souscription, et j'élève à ma féconde idée des arcs de triomphe, des statues, des colonnes et des fontaines !

O Frédéric ! o chers cousins, Pierre Paul, Antoine, Arthur, Anatole ! composez vos épithalames ; cueillez des fleurs parfumées ; allumez des torches, et faites fumer les aromates.

Le célibat, dans les mœurs modernes, est un contre-sens, une anomalie, un scandale, un danger ! Au Brésil, plus encore que partout ailleurs. Quoi ! nous appelons à grands cris des Allemands, des Suisses, des Tyroliens, des Lombards, voir même des Chinois, qui refusent de venir ; nous tendons nos bras généreux, nous ouvrons nos cœurs fraternels, nous offrons notre sol, nos *sejões*, à ces fils de l'ancien continent, qui trouvent à peine dans leur patrie l'espace nécessaire pour leur sépulture ; et tous nos efforts, toutes nos promesses ne suffisent pas à les attirer. Eh bien ! croissons et multiplions sans leur secours ; nous obéirons ainsi à la fois aux ordres du créateur inscrits dans les livres Saints aux lois de la nature, aux vœux de nos législateurs, aux nécessités de l'Etat. Que nos codes imposent aux citoyens, lorsqu'ils sont parvenus à leur majorité, l'obligation de fonder une famille ; à ceux que le veuvage a atteints avant leur soixantième automne, de convoler à un second, troisième, quatrième hymen ; qu'ils prononcent une peine sévère contre le malheureux qui persisterait dans cet égoïste isolement, flétri par la pétition des dames de Lyon ; qu'on accorde s'il le faut, des récompenses, des pensions, des décorations, des titres de noblesse, aux plus honnêtes et aux plus intelligents propagateurs de l'espèce humaine ou plutôt de la variété brésilienne ; que ces primes, ces grâces, ces obligations, ces châtimens atteignent aussi les étrangers qui résident parmi nous, et dont les fils, aux termes de notre constitution, naissent citoyens de l'Empire ; et nous verrons, en quelques années, tous nos déserts peuplés, notre agriculture, notre industrie, avec l'auxiliaire de plusieurs millions de nouveau-nés, prendre des proportions gigantesques ; nos rivières seront sillonnées de bateaux, chargés d'abondantes denrées ; nos forêts, nos marécages se transformeront en prairies, en plaines cultivées, en vergers ; les cadres de notre flotte et de notre armée imposeront une terreur salubre à nos voisins. Combien de ponts ne faudra-t-il pas construire pour traverser les fleuves, combien de routes, de chemins de fer, pour la circulation de cette foule active, heureuse, riche et bien portante : combien de maisons, de villages

s'élèveront dans des solitudes aujourd'hui inexplorées, pour abriter toutes ces tourmis humaines. Après quelques années, les fruits accumulés de leur travail permettront à ces laborieux enfants de se reposer dans des palais somptueux, dans des châteaux élégants, d'y réunir les éléments d'un luxe délicat, d'y accumuler ces objets d'art merveilleux, dont la vue suffit à former le goût; vingt théâtres lyriques, dramatiques, comiques offriront dans chacune de nos villes d'honnêtes et utiles délasséments au public.

Hâtons-nous donc d'adopter ces mesures destinées à sauver la patrie: et si l'initiative de cette innovation bienfaisante appartient aux dames d'une grande ville d'Europe, donnons ici l'exemple et l'impulsion à l'Amérique, dans cette carrière de régénération sociale.

L'histoire un jour inscrira sur des tables d'or les noms de ces héroïques vierges de Lyon, et placera peut être à côté du nom de Jeanne d'Arc celui de

Votre servante,
CHARLOTTE-FRÉDÉRIQUE.

5.^e LETTRE.

Botafofo, 31 mars 1860.

Monsieur le Rédacteur.

« On a singulièrement calomnié votre ville de Rio de Janeiro, » nous disait, il y a quelques jours, un de nos visiteurs, digne et honorable Européen, qui réside depuis quelques années dans notre capitale, et qui menace de nous quitter dans peu de temps, pour retourner dans sa patrie. Il venait de trouver, parmi les livres, feuilles volantes, albums et journaux, dont mon père se plaît à encombrer notre salon, deux ou trois de ces petits volumes, que de prétendus touristes lancent périodiquement aux badauds de Paris, de Vienne ou de Londres, sous les titres engageants de *promenades à travers l'Amérique, souvenirs, impressions, voyages*, moyen précaire de se procurer les ressources nécessaires à leur subsistance ou à leurs plaisirs. Ne les en blâmons pas: il faut bien que tout le monde vive; et mieux vaut, sans aucun doute, exploiter, avec le secours d'un paradoxe, la candeur des bourgeois parisiens, que de voler ou d'assassiner son prochain.

Mais si notre ami ne se montre pas plus que nous disposé à blâmer les aspirations littéraires de ces critiques, plus innocents encore qu'il n'ont l'intention de l'être, il aime à s'égayer sur leur compte.

« Je me plais, ajouta-t-il, à les voir s'évertuer à peindre vos mœurs, à apprécier vos institutions, à gourmander votre barbarie. La plupart d'entre ces

honnêtes écrivains, qui débarquent sur vos rivages à la suite d'une pacotille de peignes ou de chaussettes, dont ils cherchent et trouvent assez vite le placement, s'informent naturellement de l'état du pays : ils échangent avec leurs acheteurs, en outre de bons procédés mutuels, les nouvelles politiques qu'ils apportent d'Europe, contre les données économiques, les traits de mœurs qui caractérisent la situation du Brésil, ou le naturel de ses habitants : renseignements fournis, au dire du coiffeur, qui les transmet à son hôte, par tel député, tel sénateur, tel publiciste, qui s'est fait tailler les cheveux chez le spirituel Figaro. Cette pacotille de retour, ces précieuses notes, sont expédiées aux entrepreneurs de ces bureaux d'esprit, qui vendent aux uns des documents inédits, aux autres des bons mots, des discours d'ouverture, des sonnets improvisés, des mémoires sur le futur Congrès. On entasse dans des cartons numérotés, sous la rubrique *Brésil*, tout ce que le commis-voyageur a pu recueillir dans ses pérégrinations, pour les en faire sortir un jour, sous le titre imposant : *le Brésil en 1860, l'avenir du Brésil*, lorsque l'attention publique fatiguée de Sebastopol, de Solferino, du Pape, du Sultan, de Mr. Cobden, du Maroc et de la Cochinchine, demandera à l'Amérique du Sud une nouvelle et quelconque émotion.

Il en est, d'ailleurs, de ces commis-voyageurs de peignes et de la pensée, qui ne manquent pas d'esprit, qui en ont même beaucoup, et peuvent par conséquent en fournir abondamment les magasins d'Europe, dignes de leur confiance. Celui-ci a exercé sa verve, dès sa plus tendre enfance dans les coulisses, ou sous le troisième plancher d'un théâtre ; celui-là comme *loustic* hygiénique d'un régiment ou d'un équipage de frégate ; un autre enfin a cultivé son intelligence entre une choppe de bière et une pipe culottée, dans l'un des estaminets d'un quartier plus ou moins latin, où le calembourg et la déclamation socialiste prospèrent côte à côte en bonne intelligence.

N'est-il pas évident qu'une telle origine recommande infiniment les œuvres de ces appréciateurs du Brésil, et donne aux éléments dont leurs livres sont composés, sinon l'authenticité historique, au moins une saveur d'excentricité bouffonne. »

« Vous vous montrez bien rigoureux, répondit mon père, à l'égard de ces pauvres gens qui, s'ils ne sont pas vos compatriotes, sont en définitive Européens comme vous : nous sommes, nous, je vous l'affirme, beaucoup plus indulgents pour leurs petits défauts : quelquefois ils nous amusent, souvent ils nous ennuiant, jamais ils ne nous fâchent : si nous n'éprouvons, en les lisant, ni admiration, ni impatience, nous leur donnons ce qu'on offre au pauvre qu'on ne peut secourir : notre compassion et la formule, *Dieu vous bénisse !* »

Cependant il en est d'autres, qui n'ont peut-être pas autant d'esprit, mais qui se présentent pourvus de titres respectables, qui se donnent comme exerçant d'honorables professions, qui se proposent, disent-ils, d'étudier, d'observer nos affaires et nos intérêts publics, qui vantent leur savoir, leur jugement, et

nous entraînent après une exhibition si brillante, à nous occuper d'eux, à nous intéresser à leurs projets, à leur en faciliter l'exécution. Trouvant parmi nous un accueil dont ils ne savent pas interpréter la valeur et l'intention, n'attribuant qu'à l'éclat de leur mérite les premières manifestations de notre bienveillance, ils arrivent bientôt à se persuader que leur passage parmi nous est un bienfait, et veulent nous convaincre que, du jour de leur apparition, va commencer une ère nouvelle de gloire et de prospérité pour notre patrie. Ils improvisent donc des plans gigantesques : ils nous prennent, malgré nous pour complices de leurs extravagances, et s'indignent bientôt si nous essayons de calmer leur ivresse, de modérer leurs transports et leurs espérances, de leur signaler les obstacles ; s'ils nous voient enfin reprendre l'attitude froide et réservée, propre à nous garantir des éclats de leur impétuosité. Arrivés depuis quelques semaines, ignorant notre langue, nos lois, nos coutumes, admis avec trop peu de circonspection dans quelques maisons, ils croient avoir tout pénétré et avoir découvert tous les ressorts de notre société.

« C'est alors qu'en prenant en souveraine aversion les hommes, dont ils se sont aliénés l'estime et la sympathie, ils se proclament blessés dans leurs droits, payés d'ingratitude par les Brésiliens dont ils voulaient réformer les mœurs, dont ils voulaient faire la félicité ; leur dévouement à l'Amérique a été méconnu, ils venaient sauver le Brésil, ils le renverseront et fouleront sous leurs bottes indignées la poussière de notre société. *Trema Byzancio !*

« Telle est, à peu-près, continua mon père, l'histoire de ces formidables athlètes, qui lancent de temps à autre sur l'arène du journalisme Européen un ridicule réquisitoire contre le pauvre Brésil.

« Je ne parle pas de quelques vrais touristes, élégants, jeunes, de bonne humeur et de bonne mine, qui se trouvent un beau jour transportés à Rio de Janeiro, presque à leur insu. Il leur fallait fuir pour quelques mois devant la colère des prudes *ladies*, échapper aux reproches d'un père trop scrupuleux, et laisser au temps le soin d'effacer le souvenir de quelque petite pèché d'opéra ou de lansquenet. Mais que faire en ce nouveau pays, si ce n'est écrire ses impressions, et, à défaut d'impressions, de légères médisances, inoffensives quant à l'intention aussi bien que par la forme ? On était parti avec un certain bagage de bons mots, de lieux communs descriptifs, de phrases ramassées à droite et à gauche, sur l'esclavage, la traite, l'émancipation : mais tout cela, bons mots, lieux communs, phrases, a déjà vieilli quand on se trouve à Paris. Le naïf voyageur avait rassemblé tous les souvenirs récents de sa classe de rhétorique pour peindre les forêts vierges, qu'il croyait rencontrer en débarquant devant l'hôtel Pharoux, pour décrire les mœurs des sauvages indiens, des scènes d'anthropophagie, et tant d'autres merveilles tropicales. Quel n'est pas son étonnement, son dépit, en retrouvant à Rio de Janeiro les becs de gaz, les trottoirs et les parallépipèdes de granit, le télégraphe électrique, les chemins

de fer, les modes de Longchamps, la cuisine du café anglais et le reste..... ! Il faut bien pour rendre compte au public de son voyage, hérissé de mystifications et de désappointements, que le pauvre garçon exhale son dépit dans la critique de nos usages : et s'il daigne à certains égards, se montrer débonnaire, c'est pour s'écrier comme le soldat de Cortez : « tout cela ne va trop mal ; mais quoi ! ils ne portent pas de haut-de-chausses ! »

Pour moi, Monsieur, qui n'aurait pas osé prendre la parole dans un si grave débat, et qui me suis contentée de vous communiquer les fragments que j'ai pu recueillir de la conversation de mon père et de ses amis, je crois qu'il reste au voyageur, qui saura s'en servir avec esprit, un nouveau moyen d'intéresser la curiosité du public des capitales d'Europe, en leur peignant notre pays. Il suffirait qu'il prît par la queue le paradoxe, qui a servi de thème à tous ces conteurs, et dont ils ont épuisé toute la substance : au lieu d'exagérer les vices et les ridicules du Brésil, il devrait exalter ses mérites jusqu'au mensonge, et prendre pour objet de ses éloges hyperboliques ce qui a servi de point de mire à la mitraille des critiques. Il vanterait la sollicitude de notre police, les vertus du clergé, l'exactitude de la poste, l'intégrité de nos magistrats, la probité des commerçants, le bon marché des denrées nécessaires, la générosité de l'Etat envers les fonctionnaires, notre aménité envers les étrangers, l'innocuité du climat, l'amabilité et la grâce des femmes, la délicatesse du point d'honneur chez nos jeunes gens, la blancheur du teint des jeunes filles, l'essor de notre agriculture, notre goût pour les beaux arts, le désintéressement de nos hommes publics, l'indépendance de la presse, l'activité de nos travailleurs, la bravoure de nos soldats, l'originalité de nos écrivains ; enfin le tableau serait tel, que l'Europe en crèverait de dépit, et de honte.

CHARLOTTE-FRÉDÉRIQUE.

N. B. L'abondance des matières nous a forcé de supprimer une grande partie de cette 5^{me} lettre de Botafogo.

6.^e LETTRE.

Botafogo, 21 Avril 1860.

Mon cher voisin.

Me voici enfin de retour, après une absence de quelques semaines ; j'arrive de la campagne, où, suivant un programme rédigé longtemps avant ma naissance, et auquel je ne crois pas qu'il ait été dérogé une seule fois, mon père va passer les derniers jours du carême et la semaine de Pâques : sa famille et quelques bons amis l'accompagnent. C'est tout un petit monde de femmes,

d'enfans, de vieillards, de jeunes gens et de fillettes, qui émigrent avec leur gaité, et vont moins chercher un nouveau genre de vie, que renouveler au milieu des champs les habitudes et les plaisirs de la ville : plaisirs d'ailleurs peu variés, peu recherchés, mais qui suffisent à nos goûts. La décoration de la scène seule est changée : ce sont les mêmes acteurs qui y jouent le même rôle, avec la même liberté et la même bonhomie. Aussi le temps s'écoule-t-il, dans ce pèlerinage, qui n'est pas sans offrir quelques incidens, voire même quelques dangers, avec une extrême rapidité. On ne s'élance pas ainsi sur des routes désertes, à travers les bois et les montagnes, montés sur des chevaux ou des mulets de caravane, sans s'attendre à quelque aventure : je crois même qu'on souhaite, avant de se mettre en route, de voir se réaliser quelqu'une de ces histoires effrayantes que racontent les légendes locales ; cependant on arrive avec plaisir sain et sauf dans la *fazenda* ; on y est attendu, et l'appétit qu'un voyage d'une douzaine de lieues a passablement aiguisé, accepte avec reconnaissance le repas préparé par d'honnêtes et diligens serviteurs.

C'est une époque solennelle, dans notre habitation, que celle de notre arrivée : le temps de notre séjour est pour les travailleurs, libres ou esclaves, un intervalle, sinon de repos absolu, au moins de loisirs et de fêtes. Aussi chacune des circonstances de notre passage parmi ces bonnes gens, laisse-t-elle dans leur souvenir une impression durable : c'est une date historique dans les annales de la *fazenda*, comme le déluge ou la fondation de Rome, dans les annales du monde. Il est vrai de dire que durant ce peu de jours, des actes plus ou moins graves signalent la venue du maître. Mon père, en effet, se fait rendre un compte exact, non seulement des travaux, des produits, des revenus de l'habitation, mais de la conduite de chacun des esclaves ou des ouvriers, qui y remplissent une tâche ou un emploi. C'est l'époque des regrets et des grincemens de dents pour les paresseux et les vagabonds, des joies et des félicités pour les serviteurs laborieux : les enfans nés dans le cours de l'année sont baptisés, les filles nubiles sont mariées ; les vieillards sont mis à la retraite ou quelquefois affranchis, suivant leurs mérites. Enfin, c'est le moment de la grande revue, qui met en émoi toutes les consciences, qui soulève l'ambition des uns, fait éclore des vœux ou des espérances chez les autres, manifeste les tendances variées et des caractères, les passions diverses, dont le spectacle est un avertissement pour le maître qui les observe, et qui saura en tenir compte à l'occasion.

Je vous laisse à penser si cette population bariolée, composée d'individus de tout âge, depuis le négillon, né dans le cours de l'année et qui va recevoir le baptême entre les mains de notre bon chapelain, jusqu'au vieux Pharaon, qui ne portait jadis dans ses bras vigoureux, si tous ces pauvres noirs, durant ces jours de fêtes et de loisirs, demeurent silencieux et immobiles. Eh bien ! ce bruit et ce mouvement me plaisent : il n'est pas, jusqu'aux vibrations de la guitare mal accordée, avec laquelle les virtuoses de l'endroit accom-

pagnent leurs *modinhas*, leurs plaintes mélancoliques, à la porte de leurs cases, pendant que des groupes dispersés sous les bouquets de bois exécutent le *lundú* ou dansent le *fado*, au son bourdonnant du *noma*, tambour grossier, d'origine africaine, qui ne charment mon oreille, sans doute en faisant renaître des souvenirs presque effacés, en me rappelant, comme dans un songe subitement réalisé, les scènes familiales à mon enfance. Aussi abandonné-je le salon, où mon père exerce patriarchalement sa magistrature domestique, où il tient ses assises, où il reçoit les visites de ses voisins de campagne, qui viennent lui confier leurs doutes, demander ses conseils, articuler leurs plaintes relativement aux prochaines élections : il y aurait là pour moi une belle occasion de recueillir des cancans de petite ville, de saisir les curieux portraits de ces personnages importants de l'arrondissement, gens d'une courtoisie exagérée, et souvent d'une impertinence et d'une dureté atroce envers leurs inférieurs ou leurs égaux : mais ce sont des plaisirs auxquels j'attache peu de prix : les ridicules des gens, estimables d'ailleurs, m'affligent sans m'intéresser. J'aime donc mieux, avec les bonnes amies qui m'ont accompagnée, avec celles qui sont venues des environs se joindre à nous, courir autour des cases, y visiter les bonnes vieilles, *tia Carmagnola*, *tia Semíramis*, leur distribuer des images de saints qu'elles suspendent à la muraille, à côté de ces gravures grossières que leur vendent les colporteurs français, gravures placardées de couleurs criardes, qui représentent Napoléon, la belle au bois dormant, l'assassinat de Fualdez, le lion de Florence, avec la légende ou la complainte, imprimées en français sur les marges.

J'entre dans la chambre d'une jeune mère, qui nourrit d'un lait abondant et pur un beau petit noir à la peau luisante, dont je vais être la marraine : je la trouve, entourée d'autres enfants de différents âges, tous bien portans, gais, heureux, qui, loin de fuir à notre approche, comme les petits paysans que j'ai vus en Allemagne et en France, viennent recevoir les jouets, que je leur distribue annuellement, des tambours, des trompettes, des accordéons, des poupées noires et blanches, muettes ou pourvues d'un mécanisme qui leur fait exhaler, sous la pression du doigt, d'attendrissans gémissemens : quels élans de joie, quels accens d'admiration, d'étonnement, devant ces merveilles de Nuremberg ou de la Forêt Noire ! Mais aussi dirai-je, pour être franche, que ces libéralités, qui me donnent des airs de vertu et de négrophilisme, ne sont autre chose qu'un égoïsme déguisé : je paie ainsi, comme un billet de théâtre, un spectacle aussi amusant pour moi qu'une comédie sentimentale de Scribe, et dont les acteurs exécutent leur rôle avec un naturel et un entrain, auquel les meilleurs artistes dramatiques n'atteignent que difficilement : en un mot, il me semble qu'il y a des scènes de la vie réelle, quand on se place à une certaine distance pour les observer, qui offrent tous les attraits du drame artificiel, sans exiger comme celui-ci de pénibles efforts d'imagination pour favoriser l'illusion. J'admire néanmoins le talent de l'artiste, qui sait peindre les passions humaines devant la rampe d'un théâtre, au milieu d'une forêt de carton, barbouillé de

vert, ou dans les chapitres d'un roman; j'admire le paysage fixé sur la toile par le pinceau habile d'un grand peintre: mais je préfère toujours à ces chefs-d'œuvre, malgré leur rareté et leur perfection relatives, les grandes scènes, les magnifiques tableaux que la nature multiplie si généreusement autour de nous, ou les drames que jouent chaque jour sous nos yeux, sans le savoir, les passions de l'homme, vivant de la vie commune.

Mais pardonnez-moi cette invasion dans le domaine de l'esthétique: je m'éloigne à grands pas des *moleques* de la fazenda, que j'ai laissés en possession de leurs jouets, qui sont pour eux aussi l'imitation de la réalité et la source de douces illusions. Le peu de jours que je passe à la campagne me donnent occasion d'observer un monde différent de celui au milieu duquel je passe le reste de l'année, et si j'y rencontre des traits propres à l'homme de toutes les conditions, si la vie des noirs sur notre habitation m'y découvre le jeu des mêmes passions, j'aime à me persuader, et j'y réussis par ignorance sans doute, que ces pauvres noirs sont meilleurs qu'on ne les représente généralement. Si l'on remarque, ce qui n'est que juste, qu'ils n'ont reçu aucun des principes d'éducation qui doivent contribuer, mais ne contribuent pas toujours, à reformer et corriger, chez les blancs, les mauvais instincts de la nature humaine, ne saura-t-on pas quelque gré aux esclaves noirs d'être moins pervers qu'ils ne pourraient l'être?

Aussi me paraît-il que l'on se montre moins généreux qu'équitable en les traitant avec indulgence et avec douceur: en les considérant moins comme des êtres dégradés, que comme des âmes susceptibles d'amélioration; en les contenant sous une tutelle, que l'infériorité de leur intelligence rend nécessaire, mais qui doit s'exercer plutôt par une protection bienfaisante que par la compression brutale. C'est du reste la méthode de gouvernement adoptée par mon père à l'égard de ses esclaves: il les rend meilleurs en les faisant heureux, ou peut être plutôt les rend-il heureux, parcequ'il s'efforce de les améliorer. Et je dois dire que ce que fait mon père, dans ses propriétés, les possesseurs d'esclaves brésiliens le font également partout: les exceptions, infiniment rares qu'on pourrait citer, ne font que confirmer cette assertion, qui n'a rien de trop absolu. On nous calomnie donc, en Europe, lorsque sous un faux prétexte de philanthropie on exagère, d'un côté, la barbarie des maîtres et que, d'un autre côté, on proclame la condition morale des noirs supérieure à ce qu'elle est réellement. J'ignore ce qui se passe dans les états du Sud de l'Union Américaine, dans les colonies espagnoles ou hollandaises, où s'est maintenu l'esclavage, mais j'affirme en me fondant sur ce que mon père et ses amis, les étrangers eux mêmes qui fréquentent sa maison, ont souvent répété devant moi, dans leurs conversations qui roulent sur ces sujets trop sérieux, mais très intéressants pour moi, qui ai l'intuition des vérités qu'ils discutent, j'affirme donc que le régime des esclaves, au Brésil, est humain et bienfaisant; j'ajouterai même que quelques uns des maux que l'on attribue à la rigueur de l'esclavage, tels que

le suicide, par exemple, ont leur source dans l'excès d'indulgence et dans la confiance irréfêchie de certains maîtres à l'égard de leurs esclaves: c'est un thème que mon père a longuement développé en ma présence, il y a quelques mois, à l'occasion du suicide du jeune noir Olympio, qui jouissait de tous les privilèges de l'homme libre, moins la possession du titre lui-même.

Mais je laisse là les noirs, l'esclavage et les mensonges abolitionnistes; je ne me sens pas à l'aise dans ces vastes et graves questions, surtout quand je n'ai pas près de moi mon savant cousin Frédéric, qui parle si bien de toutes ces choses, et avec lequel j'apprends si facilement à résoudre les problèmes difficiles, qui me brouillent la cervelle lorsque j'y applique mon esprit en son absence. Oh! quand il va revenir de S. Paulo, parfumé de science et d'amour fidèle, j'aurai à vous communiquer de belles thèses, composées à frais communs, par Frédéric et moi: seulement, je ne vous les promets pas pour l'époque qui suivra immédiatement son arrivée: mon père nous marie, et dès lors, au moins pendant quelques mois, j'aurai à étudier les préceptes de ménage qu'on appelle, je crois, la lune de miel: nous aurons à nous initier à ces grandes questions que l'on traite quand on est marié, et qui doivent être bien difficiles, puisqu'il faut que le mari soit docteur en droit pour les résoudre. En attendant, je brode un gilet de cachemire blanc qui fera partie de la toilette de Frédéric le jour de notre mariage: je m'en occupe depuis plus d'un an, et ne croyez-pas que, si je mets à l'exécution de ce travail un si long-temps, c'est que je le néglige; non, non! j'ai toujours ce cher gilet entre les mains; je m'assieds une partie du jour près de la porte du salon qui donne sur le jardin, je prends l'aiguille, la soie, le dé et les accessoires; je fais quelques points; mais bientôt le jardin, le salon, le gilet, tout enfin s'évanouit: ma main reste immobile, et je me trouve transportée dans une rêverie délicieuse, au sommet de la *Serra de Cubatão*: je me vois à S. Paulo près de Frédéric: je le stimule pour qu'il se hâte d'être docteur: il se moque de mon impatience, je me fâche, et bientôt je retombe dans la réalité, me trouvant de nouveau face à face avec mon gilet qui, si cela continue ainsi, ne sera pas prêt pour le mois de novembre, quoiqu'il soit encore bien éloigné. Il faut cependant que je m'y applique avec ardeur: papa quelquefois m'en demande des nouvelles, et s'étonne de la lenteur avec laquelle s'exécute ce chef d'œuvre. Ce cher papa ne comprend pas ces choses là: cependant il s'est marié, il devrait avoir éprouvé ce que j'éprouve moi-même: j'en conclus que de son temps les choses ne se passaient pas comme aujourd'hui, ou bien qu'il ne brodait pas de gilet pour ma mère. Certes, j'aime infiniment mon père, mais je crois avec le *Correio Mercantil*, que les gens âgés ne sont pas propres aux affaires, sinon en général, au moins à celles d'un certain ordre. Aussi bien, voyez aujourd'hui les plus beaux trônes de la terre, ils sont occupés par de jeunes monarques, et le monde n'en marche que mieux. Je voudrais bien sa-

voir ce que penserait de mon gilet de cachemire l'empereur François-Joseph. Et vous même, excellent voisin, qu'en dites-vous ?

CHARLOTTE-FRÉDÉRIQUE.

7.^e LETTRE.

Botafogo, 28 avril 1860.

Mon cher voisin,

Ma sœur aînée, Bernarda, mariée dans une province éloignée, vient de nous confier, pour plusieurs années, son unique et cher enfant, mon neveu Guillaume Alexandre, petit bonhomme de sept ou huit ans, déjà robuste comme un jeune paysan du Tyrol, rose et joufflu comme une bergère des Alpes.

Quoique les parens de l'enfant l'adressent au grand-papa, auquel revient de droit le souci de son éducation, une lettre de ma sœur me charge de veiller sur mon neveu, et de remplacer près de lui les soins et les caresses de sa mère absente. Je me vois donc prématurément appelée à jouer le rôle d'une maman : rôle qui, il y a quelques années, m'aurait plu comme un amusement nouveau. Mais aujourd'hui, le dirai-je, la perspective des devoirs que va m'imposer cette situation imprévue me cause une vive anxiété. Le bon sens, la bonne volonté suffiront-ils pour me faire deviner la méthode, que l'instinct maternel est capable d'inspirer, que peuvent suggérer l'âge et l'expérience, et les procédés d'éducation morale, que l'étude et un difficile apprentissage ont pu révéler à ces femmes dévouées qui se consacrent à l'enseignement de la jeunesse ? Certes, je ne suis pourvue d'aucune de ces qualités, ni placée dans ces conditions favorables.

La part de mon père, dans cette tâche périlleuse, est facile à déterminer ; il va donner à l'enfant un précepteur, qu'il choisira avec les scrupules d'un cœur honnête et avec la sagacité d'un juge éclairé, qui apprécie également la science et la moralité : son intervention se bornera à cette première et importante mesure. Le professeur aura ses heures fixes pour s'occuper de l'enseignement de son élève : il y aura dans les rapports du maître et de l'enfant des alternatives de mécontentement et de satisfaction : et Dieu sait quelle besogne pénible ne donnera pas un jeune campagnard, accoutumé sans doute à courir les bois pour chercher des nids d'oiseaux beaucoup plus qu'à lire et apprendre le rudiment. Il est naturel d'ailleurs de supposer que le précepteur se trouvera prémuni contre l'indocilité, la paresse, les défauts de son écolier, et que, s'il a lieu de sévir, il n'y aura pour lui, dans cette nécessité de réprimander ou de châtier, rien de pénible ou d'alarmant, en raison de son expérience de situations analogues. Mais moi, qui veux avant tout me concilier l'affection du

pauvre petit, qui devrai le consoler s'il pleure, être la confidente de ses chagrins ; en un mot, sinon lui faire oublier sa mère, l'aider à en supporter courageusement l'absence : pourrai-je me défendre d'intervenir, à sa prière, pour lui faire pardonner ses fautes, sans nuire à son amélioration, sans contrarier le système du maître, et sans encourir les reproches du grand-père, qui professe, en matière d'éducation, des principes d'une justice austère ? Puis, les tendances du caractère, les dispositions innées ou acquises de ce petit être, déjà façonné par d'autres mains, ne renverseront-elles pas tout l'édifice de mes rêves et de mes projets : cette jeune âme qui se trouve, à l'improviste, associée à ma vie, et vers laquelle je me sens entraînée par sympathie, par conscience, par cette charité qui nous inspire tout être qui a besoin de notre protection et de nos soins, ne résistera-t-elle pas à ma tendre sollicitude : et la logique de l'enfant, qui ne pourra enchaîner à aucune tradition, à aucun souvenir de ses premières années, l'amour que je lui aurai voué, ne le fera-t-elle pas hésiter à s'y confier avec abandon ?

Je révèle ici la plus cuisante et la moins légitime de mes préoccupations : je reconnais, en analysant ma pensée, qu'elle exclut le dévouement et le désintéressement ; que je m'inquiète moins de remplir un devoir, de répondre aux vœux de ma sœur, en la substituant, que d'usurper ses droits, et de me faire aimer de son fils ; qu'enfin c'est plutôt à moi que je songe qu'au devoir qui m'est imposé.

Il est vrai que mes obligations vont être plus que partagées par le maître que choisira mon père, pour le charger de l'enseignement de son petit-fils. Il s'en est déjà présenté quatre : et j'ose dire que j'ai été assez peu édifiée, en observant chez trois d'entre eux des opinions contradictoires, sur un sujet qui paraît d'abord si simple, et des vues qui s'accordent encore moins avec l'idée, que je m'étais faite à l'avance, des qualités qui doivent se révéler à première vue chez le précepteur d'un enfant. Mon père, qui m'avait invitée à assister à ces entrevues, n'a pas dédaigné de s'informer de mon avis : et je me félicite de m'être trouvée d'accord avec ses propres impressions.

En effet, parmi ces professeurs, qui semblent avoir des mérites divers, et qui d'ailleurs se trouvaient pourvus de titres, de recommandations et de certificats respectables, j'ai été bien étonnée de voir des hommes à peine informés des règles les plus élémentaires du savoir-vivre : j'ai remarqué la loquacité des uns, le pédantisme ou l'indiscrétion, la fatuité ou l'aplomb des autres. Je ne prétends pas, sans doute, qu'on doive attendre d'un homme, que sa profession ou des études sérieuses ont pu tenir éloigné du monde, qu'il en observe toutes les exigences, souvent puériles ou affectées. Mais la simplicité des mœurs ne me paraît pas exclure la dignité personnelle, qui accompagne l'honnête homme dans toutes les situations.

Que pouvais-je penser, en effet, de celui qui, invité à donner son avis sur

ce qu'il conviendrait d'enseigner à l'enfant, se plut à raconter ses propres aventures, depuis l'époque la plus reculée de sa jeunesse ; de celui qui, reçu par mon père dans le jardin et s'y promenant avec lui, fit successivement l'inventaire de toutes les plantes qu'il y remarquait, vomissant à chaque pas, avec une emphase ridicule, des mots latins peu harmonieux, *Taraxacum dens leonis*, *Gledizia ferox*, etc., comme s'il passait un examen d'élève en pharmacie, et négligeant, du reste, de s'occuper de l'objet principal de sa visite, de l'élève qui pouvait lui être mis entre les mains ; de celui enfin qui, avec un sangfroid risible et une conviction capable de soulever des montagnes, promit des succès si prodigieux et si rapides, qu'il crut pouvoir intituler lui-même sa méthode : le chemin de fer de l'enseignement ? Mon père ne parut que médiocrement touché de cette découverte et répondit gravement à l'auteur : — nous ne sommes pas aussi pressés, Monsieur ; mais, puisqu'il suffit d'un si court espace de temps pour former un savant, nous pourrions ajourner sans danger l'application de vos procédés à l'instruction de notre enfant, jusqu'à ce qu'il ait atteint à un âge plus avancé : d'ailleurs vous n'ignorez pas que les accidents sont assez communs sur les chemins de fer, ce qui peut justement préoccuper la tendresse d'un grand-papa : et puis, quand on a du temps devant soi, mieux vaut, à mon avis, un bon mulet qui marche l'amble et qui finit par arriver au but sans catastrophe.

Ces réflexions, direz-vous, manifestent beaucoup de rigueur envers des gens estimables, sans aucun doute, qui mettent en œuvre, avec maladresse peut-être, les moyens qu'il croient propres à se concilier la confiance, lorsqu'il s'agit pour eux de conquérir par leur travail un emploi honorable et utile. Mais considérez aussi qu'il s'agit de recevoir, au sein de la famille, une personne inconnue, qui partagera notre vie de tous les jours, à notre table, au salon, qui sera l'égale de nos amis : si, dès le premier jour, lorsqu'on doit supposer qu'elle se montre sous les dehors les plus avantageux, cette personne se signale par un manque absolu de tact ou de modération, que sera-ce lorsqu'une intimité de quelque temps lui aura permis de franchir les limites d'une discrète retenue et de s'élancer, sans avoir conscience de son importunité, dans les écarts d'une insupportable familiarité ? convient-il, d'un autre côté, de faire servir aux expériences des inventeurs de méthodes, un enfant qui sortira de leurs mains, instruit à la manière des chiens savans, des puces travailleuses, des serins, des singes, des souris, des chats et des lapins, dont on montre les talens sur les théâtres de la foire ? Les médecins réservent leurs expériences douteuses pour leur clinique des hôpitaux : que les empiriques, en matière d'enseignement, aillent donc aussi appliquer leurs théories autour des lits numérotés des collèges : ils y recueilleront, s'il réussissent, une gloire bien plus éclatante que sur un théâtre domestique.

Mais n'accusez pas mon père d'une exigence outrée : il sait apprécier la difficulté de rencontrer des hommes absolument parfaits ; il n'hésiterait pas,

s'il observait, chez quelqu'une des personnes qui lui sont adressées, quelques qualités essentielles, à les accueillir avec empressement, à les traiter avec distinction, à rémunérer généreusement leurs services ; il croit aussi que, lorsqu'il s'agit de ses enfans, de sa famille, toute précipitation est périlleuse et que, au contraire, « tout vient à bien à qui sait attendre », suivant un ancien proverbe, antérieur sans doute à l'invention des chemins de fer et de la télégraphie électrique.

L'événement vient d'ailleurs de justifier le proverbe et les temporisations de mon père : mon neveu a un précepteur : et le grand-papa, la tante et l'enfant sont tellement satisfaits du choix, que le nouvel hôte, destiné à devenir l'ami de la famille, a été prié de s'installer le plus tôt possible, aujourd'hui même, dans un des pavillons de notre maison. Je vais donner des ordres pour qu'on lui prépare un logement agréable et commode ; je n'ai donc pas le temps de vous signaler tous les traits qui ont recommandé à l'attention et à l'estime de mon père ce jeune professeur, qui a tous les airs d'un homme du meilleur monde, la simplicité extérieure d'un homme de goût, les connaissances variées d'un homme savant et studieux, qu'il ne semble montrer d'ailleurs qu'à regret et avec une réserve qui révèle son jugement et son savoir-vivre.

Je cours à mes affaires : adieu, cher voisin.

CHARLOTTE-FRÉDÉRIQUE.

8.^e LETTRE

Botaſogo, 12 Mai 1860.

Mon bon voisin.

Vous me paraissez vivre dans une retraite si absolue, engagé et perdu dans les hautes herbes de vos études mathématiques ; nous entendons si peu parler de vous depuis quelques semaines, enfin vous faites de si rares apparitions à la fenêtre, où je vous voyais quelques fois arroser des fleurs, que je serais tentée de croire, si j'étais superstitieuse, que vous êtes allé, comme Orphée, faire un petit voyage de fantaisie aux enfers, non pour en arracher votre Eurydice, — vous êtes au dessus de ces passions légères, qui servent de motifs ou de prétexte à des expéditions extravagantes et coupables, comme celle de la *praisa de Flamengo*, — mais pour chercher la solution d'un problème de physique, dans ces contrées souterraines que gouverne Pluton. Vous remarquerez, en passant, que je me permets des allusions mythologiques, comme un véritable académicien : ne vous en étonnez pas, ou plutôt regrettez de n'être pas venu étudier avec nous la légende d'Orphée, dans la riche partition de l'opéra de Glück,

que nous avons exécutée, avec beaucoup d'entrain et de plaisir, pendant cette dernière semaine. Je tenais le piano, et le précepteur de mon neveu, M. Maurice, qui a fini par avouer, d'abord qu'il aimait assez la musique, puis qu'il la connaissait légèrement, puis qu'il se servait à l'occasion, d'un violon, et qui enfin a prouvé graduellement qu'il est excellent musicien, M. Maurice accompagnait, aidé d'autres instrumentistes de force secondaire comme moi; nous déchiffrions, en feuilletant la partition, passant rapidement sur les passages d'un goût un peu vieilli, insistant au contraire sur les endroits véritablement beaux, en recommençant vingt fois la lecture, et essayant chaque fois d'en mieux exprimer la force et la grandeur.

Nous avons eu pour nous seconder, dans cette étude pleine de charmes, un nouvel arrivé, ou mieux un revenant, car il a fait l'année dernière une courte apparition parmi nous, et vous avez eu, je crois, l'occasion de le voir. C'est ce même M. Léopold de Bohme qui m'avait causé d'abord cette impression de terreur singulière, dont on m'a tant blâmée comme d'une sottise puérile, et dont il me reste encore, en le désignant comme un *rettenant*, une sorte de souvenir involontaire. Je ne saurais d'ailleurs vous dire, car je l'ignore moi même, sur quoi se fonde ce sentiment, qui n'est pas cependant antipathique: et si je pouvais m'en rendre compte, je me garderais bien de l'expliquer à un mathématicien comme vous. Dans tous les cas, que M. de Bohme soit un vampire, un loup-garou ou tout autre être diabolique, mystique, apocalyptique, on ne saurait nier que c'est un homme bien remarquable: mon père admire sa pénétration, ses vastes connaissances, la grâce et l'à-propos des traits dont scintille sa conversation: tous nos amis, brésiliens et étrangers, remarquent avec étonnement qu'il parle, avec une facilité et une élégance peu communes, leurs propres idiômes, sans qu'on puisse distinguer quelle est sa langue maternelle: il connaît, sur l'histoire de notre pays, des particularités que presque tout le monde ignore, et que l'homme d'état, initié aux secrets de la politique brésilienne, de l'époque actuelle aussi bien que des temps antérieurs, croit être seul à savoir. Moi, je me contente de le juger sous un point de vue plus frivole: j'observe l'aisance et l'urbaineté de ses manières, le goût qui préside à tous les détails de sa toilette, l'élégance des chevaux qu'il monte avec une grâce parfaite, le ton successivement enjoué ou grave, simplement poli ou respectueux de sa conversation; suivant qu'il s'adresse à un homme ou à une femme, à une personne jeune ou âgée, recueillant partout et méritant de la part de chacun un accueil sympathique; mais ce qui m'a causé une singulière surprise, c'est la verve avec laquelle il a exécuté devant moi, sur divers instruments, le violon, la flûte, le haut-bois, le violoncelle, la harpe et le piano, des motifs improvisés évidemment, d'un effet saisissant. Quant aux traits de sa figure, je ne saurais les décrire: ne pouvant me livrer ouvertement à l'examen de sa physionomie et cependant poussée par la curiosité, j'ai cherché, je l'avoue, à suivre son visage répercuté dans les glaces du salon; Eh bien!

chose singulière, je n'ai pu parvenir à l'y voir réfléchi : est-ce erreur de mes sens, préoccupation ? je ne saurais le dire, mais le fait est bizarre : expliquez-moi ce phénomène, cher savant.

M. de Bohme paraît se plaire beaucoup dans la société de M. Maurice, mon père se félicite de les avoir rapprochés. Il y avait à peine quelques jours que le nouveau professeur s'était établi parmi nous, lorsque M. de Bohme, à peine débarqué, vint visiter mon père et lui remit quelques lettres qui, à en juger par l'attention avec laquelle mon père les lut et les relut, après le départ de celui-là, par le soin avec lequel il les déposa dans un tiroir secret de son secrétaire, doivent avoir beaucoup d'intérêt ou d'importance, à ses yeux. Il ne m'en a pas dit un seul mot, et vous pensez si j'ai essayé d'en savoir quelque chose : mon père ne me cacherait pas le sujet de ces lettres, s'il y avait pour moi quelque utilité à le connaître.

Le lendemain de cette première visite, M. de Bohme vint de nouveau et fut retenu à dîner par mon père : lorsque nous passâmes dans la salle à manger, où M. Maurice vint nous rejoindre avec son élève, mon père présenta les deux convives l'un à l'autre, et M. Maurice articula d'un ton poli et réservé cette phrase banale usitée dans un cas semblable : — Je me félicite, monsieur, de faire votre connaissance. — Je le crois bien, monsieur, répondit M. de Bohme avec un sourire qui n'exprimait que la satisfaction et la bienveillance. Mais cette réponse inusitée, qui pouvait même passer pour grossière et insultante, contrastait d'une manière si singulière avec l'accent, l'attitude de celui qui la proférait, avec son parfait savoir vivre habituel, aussi bien qu'avec la modestie de celui auquel elle s'adressait, que mon père en éprouva un certain malaise, et regarda successivement d'un air étonné les deux interlocuteurs. M. Maurice avait rougi et pâli comme un homme offensé qui s'efforce de se contenir, et moi même je me sentis tellement blessée, que je résolus de manifester par une froideur affectée l'indignation que j'éprouvais d'une conduite aussi peu courtoise. Le premier acte du dîner fut donc silencieux et froid : cependant mon père entraîné par le charme d'une conversation, qui s'animait peu à peu, avait enfin recouvré sa sérénité accoutumée et se plaisait à faire raconter par M. de Bohme quelques épisodes intéressants de ses nombreux et lointains voyages. Il décrivit les usages de peuplades indiennes qu'il avait visitées, compara leurs coutumes, et en citant quelques traits caractéristiques de la vie des sauvages de la Nouvelle-Zélande, il se tourna vers M. Maurice, qui semblait lui-même le regarder avec étonnement et l'écouter avec plaisir : enfin, d'un air aussi dégagé que s'il eût été son meilleur ami, il invoqua le témoignage de M. Maurice qui se contenta de répondre : — Je l'ignore, monsieur. Mais M. de Bohme, sans s'arrêter à cette réplique évasive, sans cependant lui opposer aucun signe de doute ou de dénégation, continua son récit et raconta une scène terrible, dont il n'assurait pas avoir été témoin, mais dont tous les détails paraissaient

lui être parfaitement connus. Il fallait bien que cette narration eût quelque chose de saisissant, car M. Maurice, ordinairement calme et froid, et qui devait, surtout alors, réprimer toutes ses émotions, éprouvait une agitation nerveuse si violente, que le verre plein d'eau qu'il portait à sa bouche pour prendre contenance, se répandit sur la table et lui échappa des mains.

Cette scène étrange, qui se passait sous nos yeux depuis le commencement du dîner sans que nous en pussions deviner le dénouement, et sans que M. Maurice lui-même parût en comprendre le sens, ne pouvait avoir été prévue ou préparée.

Mais j'achèverai de vous en raconter les incidens et les suites dans quelques jours. Je me contente de vous souhaiter, en attendant, un sommeil tranquille, je vous engage à modérer votre ardeur studieuse et à mettre de côté, autant que possible, cette sauvagerie qui désole vos meilleurs amis et semble même inquiéter mon père.

CHARLOTTE-FRÉDÉRIQUE.

9.^e LETTRE.

Botafofo, 26 Mai 1860.

Cher et savant voisin.

Je n'ignorais pas en vous donnant, dans ma dernière lettre, quelques détails sur l'entrevue de M. de Bohme et de M. Maurice, que vous ririez de mes préjugés, ou que vous cherchiez à expliquer par les lois de l'optique, du somnambulisme, du magnétisme ou de quelque autre catégorie de ces phénomènes, auxquels vous donnez des noms si difficiles à retenir, ce que vous appelez mes hallucinations. Moquez-vous, à votre aise : je pardonne tout à un mathématicien ! Quant à l'interprétation des faits étranges, que je n'ai fait que signaler, en retranchant ce qu'ils offraient de prodigieux, hâtez-vous de venir me la communiquer, pour rétablir l'équilibre entre mes sens et ma raison : mais, je vous en supplie, mettez-vous à ma portée, descendez à mon niveau et n'allez pas me dire comme Pallavicini, que « l'aimant attire le fer, parcequ'en lui réside une vertu attractive ; » prenez-y garde ; je serais capable, malgré l'attachement que je vous porte, de vous appeler *théologien* !

Je reprends donc mon récit au point où je l'avais interrompu.

Mon père paraissait se disposer à quitter la table et conduire ses convives au salon, lorsque M. Maurice, singulièrement ému, laissa tomber le verre qu'il tenait à la main, son visage se couvrit subitement d'une affreuse pâleur, et quelques grosses larmes sillonnèrent ses joues. Sans me préoccuper de ce que mon empressement à secourir ce pauvre jeune homme pouvait offrir d'irrégulier,

d'inconvenant peut-être aux yeux de M. de Bohme, je me précipitai vers M. Maurice, et baignant la serviette que je tenais à la main, dans un verre d'eau glacée, j'inondais ses tempes et son front, avec l'aplomb d'une sœur de charité : mes yeux cependant se dirigèrent par hasard vers M. de Bohme, qui contemplait cette scène avec le sang-froid et la satisfaction d'un chirurgien, qui vient de terminer avec succès l'amputation d'un membre de son prochain. Quant à M. Maurice, il ne prêtait aucune attention à mes soins, et, sans paraître se souvenir de mon père, du lieu où il se trouvait, il fixait sur M. de Bohme un regard étonné, attendri, reconnaissant, en s'écriant sans cesse : « — je le crois bien : — je le crois bien ! »

La répétition si vivement accentuée de cette phrase, qui m'avait paru dans la bouche de M. de Bohme d'une fâcheuse et d'une hauteur inconvenantes, donnait un démenti à mes suppositions et aux reproches, que j'avais adressés mentalement à M. de Bohme pendant le cours du dîner. Il devenait évident que, bien loin de susciter, dans l'esprit de M. Maurice, l'idée d'une offense et de lui inspirer des sentimens d'aversion et de vengeance, ces mots ; — « *je le crois bien* » — se liaient à quelques souvenirs ou touchans ou terribles, dans lesquels M. de Bohme occupait une place importante et honorable, et paraissaient concilier à celui-ci la gratitude et l'affection de M. Maurice.

Au surplus, les inquiétudes et les doutes qui avaient troublé les premiers instans de cette soirée s'étant dissipés, il ne m'appartenait pas de chercher à pénétrer les secrets, qui liaient apparemment nos convives. Je ne cache pas qu'il m'eût été agréable de connaître le mot de cette énigme : j'espérais que M. de Bohme, si bien informé des moindres délicatesses du monde, ne tarderait pas à donner à mon père une explication quelconque, et je comptais bien prendre ma part de ses révélations et de ses confidences.

Le pauvre Maurice, confus d'avoir été l'objet de notre attention et de mes soins, s'excusait de son mieux et me remerciait avec cette timidité enfantine, qui donnait plus de grâce et de signification à ses paroles. Mais cette petite scène, déjà trop prolongée, devait avoir un terme : mon père se leva et, invitant M. de Bohme à passer au salon, conseilla à M. Maurice d'aller prendre quelques instans de repos ou de faire une courte promenade, pour revenir prendre part ensuite à nos entretiens du soir, dans le cercle de nos amis. M. Maurice, en effet, se retira, en saluant avec un certain embarras, et nous passâmes au salon.

En y entrant, nous trouvâmes réunis quelques uns des amis, qui consacrent habituellement à mon père une partie de leur soirée. Ils ne sont pas tous de son âge et de son humeur : mais ils se plaisent à lui faire part, les uns des bavardages du monde frivole, les autres des nouveautés littéraires ou politiques ; d'autres encore, à certains jours, viennent payer à ce vieillard d'un esprit aimable, facile et tolérant, leur tribut de soins et d'attentions, et lui font la

lecture des fragmens de journaux ou des brochures, qu'ils jugent propres à l'intéresser, ou lui disputent une partie d'échecs, ou bien aussi font leur partie dans un orchestre improvisé, dans lequel je tiens moi-même ma place.

Ce soir là n'était pas d'un jour privilégié : nos visiteurs étaient d'ailleurs en petit nombre. Je ne fus pas surprise, mais un peu contrariée, je l'avoue, de les trouver si tôt rassemblés : j'espérais, en effet, que mon père mettrait M. de Bohme sur la voie des explications, relativement à ce qui s'était passé durant le dîner : et lui même, sans doute, en congédiant M. Maurice, pensait se trouver pendant quelques instans au moins, en tête à tête avec son hôte. Mais il fallut bien se résigner.

La conversation fut très gaie, très animée, variée comme toujours, et M. de Bohme, à peine connu de la plupart de nos amis, alors présents, y prit néanmoins une large part. Mon père eut bientôt oublié les incidens qui l'avaient préoccupé, pour se livrer tout entier aux plaisirs qu'il apprécie par-dessus tout, aux jouissances d'un entretien successivement léger et sérieux, où l'imagination, la science, le goût, quelquefois la médisance sans amertume, l'ironie sans aigreur, jettent tour à tour des clartés rapides et diversement colorées. Ici encore j'eus l'occasion de constater l'impression singulière que produit, sur l'esprit de ses interlocuteurs, la parole éloquente de M. de Bohme et l'ascendant qu'il exerce, sans le savoir ou le chercher, sur ceux qui l'écoutent. En effet, un des vieux amis de mon père me prit à l'écart, m'adressa sur M. de Bohme quelques questions, auxquelles il m'était impossible de satisfaire, et ajouta d'un accent profond et pénétré : — « cet homme est fort extraordinaire ; je serais tenté de le prendre pour un sorcier, si j'ajoutais fois à de « tels préjugés, et surtout s'il ne se trouvait pas en si bonne compagnie... ». Puis il prononça le nom de M. de Bohme, comme s'il eût interrogé inutilement ses souvenirs, et revint s'asseoir près de mon père, qui prêtait une grande attention et mêlait ses propres objections à une discussion engagée à propos de la colonisation étrangère au Brésil.

Avant qu'il fût onze heures, — c'est le moment où mon père se retire chaque jour et me laisse le soin de tenir le salon, — tout le monde avait déjà disparu, à l'exception de M. de Bohme, qui s'excusa de rester encore quelques instans, en priant mon père de recevoir l'explication, qu'il croyait devoir lui donner sur la scène qu'il avait involontairement provoquée pendant le repas, et dont il n'avait pu jusque là lui révéler la signification. Mon père l'invita donc à parler, et je me préparais à recueillir ces confidences qui intéressaient vivement ma curiosité, quoique j'eusse la crainte de le voir tourner au préjudice de ce bon M. Maurice. Mais mes appréhensions se dissipèrent bientôt, lorsque M. de Bohme commença son récit en ces termes :

« Il y a un peu plus de vingt ans que je vis pour la première fois M. Maurice. Depuis l'année 1839 où je le connus, je fis de vains efforts pour le

rencontrer, je m'informai de tout ce qui le concernait, lui, sa famille, sa fortune, ses antécédents, ses espérances et sa situation actuelle ; j'obtins la plupart des renseignemens que je cherchais, mais quoique j'eusse appris qu'il s'était embarqué en 1854, pour l'Amérique du Sud, j'ignorais s'il résidait au Brésil, à Rio de Janeiro ou ailleurs : à plus forte raison devais-je peu m'attendre à le rencontrer ici et à lui être présenté par vous-même.

« Il ne pouvait me reconnaître, pour plusieurs raisons : mais il m'était facile, à moi qui le cherchais depuis si longtemps, qui gardais son souvenir constamment présent, qui avais conçu l'espérance de le rencontrer ou d'en obtenir des nouvelles en Amérique, il devait m'être facile de retrouver les traits de mon ami Maurice, dans cette physionomie honnête et franche, dans cette attitude fière à la fois et timide, qui révélaient à première vue toutes les qualités qui distinguent le caractère de cet excellent jeune homme : la noblesse, l'honneur, la simplicité et l'intelligence. En le reconnaissant, j'éprouvai une joie si vive, que si je n'eusse acquis, dans une vie longue et agitée, le pouvoir de réprimer à mon gré les plus fortes émotions, si d'ailleurs le respect que je devais à mon vénérable hôte ne m'eût obligé à me contraindre, j'eusse manifesté dans un long embrassement les sentimens, que m'inspirait l'apparition inattendue de mon ami. Aussi ma réponse à la phrase polie qu'il m'adressait, lorsque vous nous présentâtes l'un à l'autre, exprimait-elle la satisfaction que j'éprouvais moi même, quoiqu'elle dût paraître sauvage et altière.

« J'avais, du reste, le pressentiment d'un heureux événement, sans en connaître exactement la portée. Cet anneau d'or, avec la pierre antique grossièrement gravée qui le surmonte, m'annonçait, dès ce matin, que la journée ne s'achèverait pas sans qu'un de mes vœux se trouvât réalisé. Cette espèce de talisman ne m'a jamais trompé : il m'avertit également d'un danger qui me menace, de l'approche d'un ennemi, ou des joies qui me sont réservées dans un avenir prochain. »

Après avoir ainsi décrit les propriétés de cette bague, M. de Bohme la tira de son doigt et me la présenta pour que je pusse l'examiner à loisir. La pierre était gravée de caractères bizarres un peu effacés, qu'il me dit être des signes adoptés par une ancienne secte de gnostiques de l'Orient : à quelques questions, que je lui adressai sur la signification de ces caractères, sur la manière dont cet anneau manifestait ses vertus, et sur la manière dont il en était devenu le possesseur, il répondit que, quant au sens littéral de l'inscription, il l'ignorait encore, mais que l'anneau avait la propriété de se resserrer, au point d'exercer une pression douloureuse sur le doigt de celui qui le portait, lorsqu'il était menacé d'un danger, et qu'au contraire, il tendait à s'échapper et se dilatait s'il présageait d'heureuses circonstances. « Quant à ce qui regarde son origine et acquisition, je le tiens, dit-il, de mon oncle, général de l'Ordre des Jésuites, qui me le donna en 1831, lors de mon premier voyage au Brésil,

et qui l'avait reçu lui-même en cadeau d'un savant Vartabied, arménien de Venise. »

Je ne sais pourquoi j'éprouvai, lorsqu'il parla de cet oncle, général de l'Ordre des Jésuites, une sorte de frayeur que j'eus, à ce qu'il paraît, l'imprudence de révéler par un mouvement involontaire. M. de Bohme le remarqua et, souriant légèrement, me fit observer que, s'il avait pour oncle un jésuite, il ne l'était pas lui-même et que, bien loin d'avoir été entraîné par son oncle à s'affilier à l'ordre dont il était le chef, celui-ci avait mis toute sa sollicitude, non seulement à l'en détourner, mais à le préserver, dès son enfance, des séductions que les membres de la Société, obéissant à leurs statuts secrets, auraient pu chercher à exercer sur lui, pour l'y attirer.

— « Mon oncle, ajouta-t-il, ne voulut même confier le soin de mon éducation à aucun établissement, où il sût qu'il existât un seul membre de son ordre. Il me parla souvent des services que la Société rendait à l'Eglise, et de la haute, mais secrète influence que lui permettaient d'exercer sur les affaires du monde les ramifications, qu'elle propageait dans toutes les directions et dans tous les pays. J'ai pu d'ailleurs me convaincre des effets de cette puissance occulte, car j'ai dû à la confiance et à l'amitié de mon oncle de connaître à l'avance des événements, dont l'accomplissement n'était encore prévu par personne, ou de m'expliquer la suite et l'enchaînement, la source et les conséquences de ceux qui me passaient sous les yeux. »

Je tenais encore, en écoutant M. de Bohme, la bague qu'il m'avait confiée : mais, avant de la lui rendre, je le priai de permettre que je la passasse à l'un de mes doigts ; il me supplia de n'en rien faire. Il se tourna alors vers mon père, qui semblait écouter dans un recueillement silencieux, et la tête légèrement inclinée ; c'est alors seulement que nous pûmes reconnaître qu'il s'était endormi.

Je me trouvais assez embarrassée de mon attitude à l'égard de M. de Bohme. Il devait sans doute pardonner à un vieillard de s'être laissé dominer par le sommeil, à une heure aussi avancée : il était, en effet, minuit. Il me paraissait assez peu régulier de me trouver en tête à tête, à cette heure, avec un homme, étranger à la famille, quelque fût la confiance qu'il dût m'inspirer. Mais le moment de silence, qui succéda au murmure de la conversation, suffit pour réveiller mon père, qui adressa des excuses à M. de Bohme. Celui-ci à son tour s'accusa d'avoir abusé de sa patiente hospitalité, et insista pour se retirer au plus vite, promettant à mon père, qui l'y engagea, de venir terminer son récit le lendemain.

Quoique cette conversation de M. de Bohme ne m'eût pas encore éclairée sur ses relations avec M. Maurice, j'éprouvais néanmoins un certain bien être en me rappelant les éloges, que lui avait spontanément prodigués celui que j'avais d'abord considéré comme un adversaire dangereux. Je savais gré à M. de Bohme de ses bons sentiments pour Maurice.

Mais après que mon père se fût retiré dans sa chambre à coucher, lorsque je me trouvais seule chez moi, en présence de mes souvenirs de la journée, analysant les sentiments qui avaient agité mon cœur, cherchant à en déterminer le caractère, l'objet, l'occasion, je me sentis fortement émue, et je m'écriais, dans ma conscience avec terreur : aimai-je donc Maurice...

... Et Frédéric!!!

Cher savant, bénissez-moi!

CHARLOTTE-FRÉDÉRIQUE.

10.^e LETTRE

Batavago, 31 Mai 1860.

Bon et cher voisin.

Tout m'invite à vous regarder comme le confident naturel de mes chagrins secrets, de mes pensées intimes : votre amitié pour ma famille, les souvenirs de cette époque où vous encouragez mes jeux, où vous improvisiez de charmans petits contes pour intéresser mon imagination d'enfant ; votre âge, votre expérience, la bonté de votre cœur, le calme et la sérénité de votre âme, mûrie par l'étude, annoblie par la science, où les passions cependant ont dû séjourner, sans y faire de ravages, mais en y laissant une empreinte de tolérance pour les erreurs, de compassion pour les douleurs d'autrui : en un mot, la confiance que vous m'inspirez vous rend, à certains égards, l'égal de mon père, dans ma pensée ; souffrez donc que je vous révèle ce que je n'oserais pas lui dire.

Vous connaissez déjà le premier mot, la première cause des mes agitations ; aimé-je Maurice?... tel est le cri de ma conscience inquiète et désolée, depuis cette soirée fatale où les récits de M. de Böhme ont changé en profonde estime le léger intérêt que m'avait d'abord inspiré M. Maurice. Durant la nuit qui suivit, cette préoccupation qui avait retardé mon sommeil, me poursuivait dans mes rêves. Les noms de Frédéric et de Maurice se confondaient dans ma mémoire et murmuraient à mes oreilles, comme si quelque lutin familier prenait plaisir à se jouer de ma terreur. Mon imagination fatiguée m'offrit pendant le sommeil des scènes bizarres, des images incohérentes, puis enfin un horrible tableau qui me causa une si forte émotion que je me réveillai frémissante et poussant des cris aigus ; je venais de voir, dans un songe douloureux, Frédéric se précipitant sur Maurice sans défense, et s'efforçant de l'étouffer : la poitrine de Maurice était découverte, sanglante, déchirée par les mains de Frédéric dont les traits avaient pris une expression indescriptible de haine et de feroacité.

Une femme de mon service et qui occupe un cabinet voisin de ma chambre accourut à mes cris, me fit respirer des sels et contribua par ses soins à me rendre le calme et le sommeil. Il était alors trois heures du matin.

Le lendemain, à l'heure du déjeuner, je me trouvais en présence de mon père qui, remarquant l'altération de mes traits, la fatigue empreinte sur mon visage et indiquée par ma démarche, s'informa de ma santé avec sa sollicitude accoutumée. Je ne pus lui cacher que de mauvais rêves avaient troublé mon sommeil et que si je n'eusse craint de lui causer quelque inquiétude, je me serais abstenue de descendre. Il m'engagea donc à me retirer, ne consentant pas à me laisser le soin, dont je m'inquiète chaque jour, de présider à tous les détails de son premier repas. « Il paraît, ajouta-t-il, que nous sommes presque tous dans un mauvais jour; votre femme de chambre Marguerite est souffrante, et Maurice, qui paraît jouir d'une si bonne santé et d'un tempérament si calme et vigoureux, est resté au lit où il est retenu par la fièvre. Je suis allé le voir et je l'ai trouvé, en effet, très abattu: je crois même que sa fièvre est accompagnée d'un peu de délire, car il m'a conté je ne sais quelle histoire d'un revenant qui lui est apparu cette nuit, vers trois heures et qui a voulu l'étrangler: il faut que l'accès de fièvre ait été bien fort ou le cauchemar bien pesant, car il m'a montré quelques déchirures sur sa poitrine et les traces d'une compression violente autour de sa gorge; il se sera sans doute meurtri lui-même. Dans tous les cas, je vais faire appeler le médecin. »

Cette coïncidence et cette analogie si frappantes entre la vision de Maurice et mon rêve suffisaient bien, vous l'avouerez, pour confirmer et augmenter l'impression pénible que m'avait laissée le songe de la nuit. Mon père heureusement se méprit sur le sens de l'exclamation que la surprise m'arracha. Il donna des ordres pour qu'on prit soin du malade, et recommanda qu'on l'appelât lorsque le médecin serait arrivé, afin de l'accompagner dans la chambre de Maurice. « Je ne crois pas, continua-t-il, que la petite scène du dîner ait pu exercer une influence aussi fâcheuse sur ce pauvre garçon, au point de lui troubler l'esprit et de déranger sa santé: au surplus, j'ignore encore quelle en était la cause, et je n'ai pas voulu l'interroger ce matin, de peur d'augmenter son malaise; mais M. de Böhme, qui m'a promis de revenir dans le cours de la journée, nous édifiera sur ce qui concerne ce petit mystère. Allez vous reposer, ma chère enfant, et nous irons bientôt, le docteur et moi, vous faire une petite visite... Désirez-vous, dans le cas où M. de Böhme viendrait, que je vous fasse prévenir? n'est-il pas juste que vous soyez informée du dénouement d'une histoire dont vous connaissez le premier chapitre? Oui; n'est-ce pas? je sais bien qu'il n'est pas nécessaire de stimuler votre curiosité. A propos, hier lorsque je commençais à m'endormir, j'ai entendu, je crois, M. de Böhme parler de jésuites, d'arméniens et de, je ne sais quelles autres choses, dont je n'ai gardé qu'un souvenir vague et confus: de quoi donc s'agissait-il

et comment ces différents mots ou idées qu'ils rappellent, se liaient-ils au récit de M. de Böhme? » Je dus rapporter à mon père les détails de la conversation de la veille, la description de l'anneau et de ses propriétés merveilleuses, la parenté de M. de Böhme avec le général de la compagnie de Jésus, les précautions de celui-ci pour que son neveu demeurât éloigné de toute séduction et de toute influence exercées par la Société, enfin, tout ce que je pus me rappeler : mais je fus assez surprise, lorsque mon père, au lieu de se montrer sérieux, en entendant des révélations qui me paraissaient si graves, s'écria en riant : « Ne voyez vous pas, petite folle, que M. de Böhme me sachant endormi, a profité de l'occasion pour donner libre cours à son imagination, aux dépens de votre crédulité : oh ! vraiment, l'invention est excellente, à minuit, en tête à tête près d'un veillard endormi, au moment où l'on va se mettre au lit, un conte fantastique ! je l'en féliciterais, si je ne supposais que c'est à cette plaisanterie que vous devez d'avoir mal passé la nuit. Ce M. de Böhme est impayable ! » Malgré la bonne humeur et l'ironie de mon père, je ne restai pas moins bien persuadée que M. de Böhme avait adressé son récit à mon père aussi bien qu'à moi, qu'il n'avait prétendu se jouer de la simplicité d'aucun de nous et qu'il était profondément convaincu de ce qu'il avançait ; n'aurais-je pas d'ailleurs obtenu tout à l'heure une preuve convaincante de la réalité d'un double phénomène de pressentiment, de seconde vue ; le fantôme qui avait visité Maurice et le rêve qui avait agité mon sommeil, ne suffisaient-ils pas à me démontrer que ce qui est incompréhensible est néanmoins quelquefois possible et que le doute, dans certains cas, n'est qu'un aveu de notre impuissance à expliquer ce qui est au-dessus de notre intelligence, quoiqu'il ait la prétention orgueilleuse de combattre et de détruire l'erreur.

J'avais recommandé à ma vieille et fidèle Marguerite de m'annoncer l'arrivée du médecin, de l'accompagner, lorsqu'il entrerait avec mon père, dans la chambre de Maurice, où je ne pouvais aller moi-même, et de venir me rapporter les réponses de Maurice aux questions du docteur et les observations de celui-ci.

J'entendis bientôt s'arrêter la voiture du bon docteur devant le perron de notre demeure ; il ne pouvait, en effet, se faire attendre ; son empressement à nous assister ne s'est jamais démenti, depuis tant d'années qu'il prend une part active dans tous les événements de notre famille ; il a présidé à ma naissance, il a contribué à prolonger la vie de ma mère, sans pouvoir la sauver ; en un mot, il est l'ami, le confident, le conseiller de mon père ; c'est un des trésors de notre patrimoine que partagent, avec nous, tous nos parens ; oncles, cousins, neveux, tous sont placés sous sa tutelle attentive et bienfaisante, depuis un demi-siècle ; aussi connaît-il, non seulement le tempérament, la constitution, le caractère de chacun de nous, mais devine-t-il nos pensées, les passions qui nous assiègent, les moyens propres à les calmer ou à leur imprimer une direc-

tion utile, à détourner leurs effets pernicieux. Mais pourquoi vous en parler ? vous le connaissez aussi bien que moi. C'est que je me plais à réciter les louanges de ceux que j'aime et que j'estime : et vous me fournissez souvent vous même l'occasion de satisfaire cette innocente manie.

Enfin, le docteur passa quelques minutes près de Maurice et vint ensuite, avec mon père, me faire sa visite. Il me demanda quelques renseignements sur la nuit, sur les circonstances qui avaient troublé et interrompu mon repos ; puis, après avoir rassuré mon père sur l'état de ma santé, il se disposa à sortir avec lui de ma chambre ; ils s'éloignèrent en effet ; mais le docteur trouva un prétexte pour revenir seul, et me fit alors subir un interrogatoire, dont la direction et l'intention montraient assez qu'il avait pénétré tous mes secrets. Il insista curieusement sur les détails de mon rêve, en rapprocha les circonstances de la vision de Maurice, en rechercha la signification avec plus de gravité que je ne m'y attendais, et finit par conclure en ces termes : « M. Maurice quittera la maison de M. votre père. »

Cette décision si absolue, si inattendue pour moi, me frappa de stupeur et m'arracha des larmes abondantes, que les attentions délicates, les paroles touchantes du bon docteur étaient impuissantes à tarir. Il parvint toutefois à calmer ma douleur indiscrete, lorsqu'il affirma que cette déclaration si dure et si brutale n'était, de sa part, qu'une tactique de juge d'instruction, mise en œuvre dans le but d'éclaircir la situation, de pénétrer dans les retranchemens de l'ennemi, en un mot de m'arracher, par une perfidie, les confidences que j'aurais peut être refusées à sa prière, et qu'il lui importait cependant d'obtenir, pour en faire usage dans mon intérêt. Il ne voulut pas m'entendre, lorsque je m'efforçai de lui persuader que son interprétation était sans doute trop rigoureuse, qu'il attribuait à mes larmes imprudentes un sens qu'elles ne pouvaient avoir et que je ne pouvais moi-même définir. Il resta sourd à mes observations et se contenta de me dire en pressant affectueusement mes mains dans les siennes : « ne soyez ni affligée, ni inquiète, ma belle enfant ; le tumulte qui trouble aujourd'hui la paix de votre cœur, n'est qu'un orage de courte durée, sans catastrophe et sans danger : lorsqu'il aura passé, laissez chanter votre cœur en liberté, j'écouterai avec attention les hymnes qu'il exhalera, et je prierai Dieu et votre père, pourqu'ils exaucent les vœux qui y seront exprimés. »

Je demurai triste et rêveuse, après le départ de l'excellent vieillard, qui retourna près de mon père, avec lequel il resta longtemps enfermé. Plus tard, Marguerite vint m'annoncer que M. de Böhme était arrivé, que mon père l'avait présenté au docteur, qu'ils se trouvaient tous trois réunis dans le cabinet de mon père, qui n'avait pas ordonné qu'on m'appelât. Que signifiait cette conférence secrète ? Dans les dispositions où je me trouvais, les moindres incidens prenaient des proportions alarmantes ; méconnaissant la prudence et la discrétion du docteur, je craignais qu'il n'inspirât à mon père des appréhensions et

des doutes funestes : je redoutais la participation de M. de Böhme à des confidences dont je croyais être le sujet, oubliant ainsi de rendre justice au caractère digne et réservé de mon père. Quelles angoisses torturaient mon cœur !

Mais bientôt mon père me fit prévenir qu'il m'attendait au salon. Je l'y trouvai en effet, avec M. de Böhme ; ils s'entretenaient d'abord de sujets variés : puis mon père, qui paraissait fort satisfait, exempt de toute préoccupation, proposa à son hôte de reprendre le récit de la veille. Un domestique lui remit alors une lettre, dont mon père examina l'extérieur et s'écria, en s'adressant à moi : « c'est une lettre de Frédéric, elle porte le timbre de S. Paulo. » Puis il la déposa, et invita M. de Böhme à commencer.

Quelle longue histoire !

Je vous la raconterai bientôt.

CHARLOTTE-FRÉDÉRIQUE.

II. L'ÉPIQUE.

Botafoego, 16 Juin 1860.

Cher et respectable voisin.

Si brève et si concise qu'elle fût, votre lettre m'a comblée de joie ; je craignais, en effet, que vous traitassiez de puérilités les impressions dont je m'étais hâtée de vous faire part. Mais, puisque vous les partagez, puisque vous ne dédaignez pas de considérer comme des avertissements dignes d'attention, sinon d'une facile interprétation, les circonstances extraordinaires qui ont signalé l'apparition simultanée de M. de Böhme et de M. Maurice, leur rencontre fortuite, et leur intervention fatale dans notre vie de famille, jusque là si calme, je regrette d'avoir supprimé, dans mes récits, quelques détails qui auraient confirmé dans votre esprit l'importance de mes révélations ; je craignais d'en exagérer involontairement la valeur, et je m'efforçais d'attribuer aux écarts de mon imagination troublée les phénomènes surnaturels qui se manifestaient sous mes yeux. Cependant, comme je vous vois ébranlé dans vos hésitations, persuadé enfin qu'il existe, au delà de la sphère qu'il est permis à la science d'atteindre et d'explorer, une région réservée, où l'âme seule pénètre, je me sens rassurée et je me flatte d'être, dans cette voie d'investigation, non seulement à votre niveau, non pas votre disciple ou votre émule, mais peut-être votre guide. Vous en plaindrez-vous, en rougirez-vous, savant ami ?

Je dois vous rendre compte de la conversation qui s'établit entre mon père et M. de Böhme, lorsque nous fûmes tous trois réunis au salon. Si accablée que je fusse alors, je n'aurais pas volontiers renoncé à entendre ce

que notre hôte allait raconter à mon père, quoique je prévisse encore que le nom de Maurice, souvent prononcé dans le cours du récit, dût mettre plus d'une fois mon sang-froid à l'épreuve, en présence de deux personnes qui, peut-être, avaient été instruites par le bon docteur de ce qui occupait ma pensée. Puis, cette lettre de Frédéric, déposée sur un guéridon et placée sous mes yeux me semblait protester contre mes sentiments secrets, les deviner et les condamner.

Mais M. de Böhme prit la parole et nous raconta longuement, en l'interrompant quelquefois pour répondre aux questions de mon père, l'histoire que je vais résumer et dont les incidents variés doivent servir de thème à des développemens que mon père a sollicités et que M. de Böhme a promis de lui fournir, au gré de sa curiosité.

Maurice a sauvé la vie à M. de Böhme; tel est le nœud du petit poème que jouent isolément, sur la surface du monde, séparés jusqu'ici par des milliers de lieues, deux hommes qui ne se sont rencontrés qu'une seule fois, en 1839, ne se sont vus qu'un instant, qui se sont dès lors éloignés dans des directions opposées, conservant au fond du cœur, l'un la reconnaissance pour un service reçu, l'autre le touchant souvenir d'un service rendu, au péril de sa vie, à un inconnu, qu'il n'espérait plus revoir. Ces deux hommes, d'un caractère noble et généreux, se retrouvent, en 1860, rapprochés par le hasard, à Rio-de-Janeiro, à Botafogo, dans la maison de mon père.

Voici, du reste, l'exposé des faits; je laisse parler M. de Böhme:

« Je me trouvais, en 1839, à la Nouvelle-Zélande, à moitié du cours d'un voyage autour du monde, entrepris dans un but à la fois de curiosité et d'études scientifiques, et accomplissant en même temps une mission presque politique, dans un pays où la frégate *la Syrene*, à bord de laquelle j'étais embarqué comme passager, devait aborder. Nous étions alors mouillés, en hivernage, dans la baie d'Akaroa, au S. de la presqu'île de Banks, fréquentée durant cette saison par les bâtimens baleiniers, qui y pratiquent la pêche des côtes, c'est à dire, poursuivent les baleines qui viennent déposer leur progéniture sur les bas-fonds du littoral. Parmi les quelques navires, de diverses nations, réunis dans ce port, se trouvait un beau baleinier Américain, la *Jenny-Dora*, de New-York, sur le quel naviguait, comme passager, un très jeune homme, instruit, aimable, amateur de chasse et collectionneur actif d'objets curieux: il prenait part assez souvent, à différents titres, aux expéditions des officiers de la frégate, qui l'entraînaient à bord et l'invitaient à partager leur table. Dans quelques unes de ces occasions, quoique je vécusse habituellement dans la société du commandant, j'étais appelé à prendre part au repas des officiers, dont l'entrain et la gaité, dont l'accueil franc et cordial me plaisaient infiniment. C'est par eux que me fut présenté leur jeune hôte; c'était Maurice. Je remarquai sans doute la distinction de son langage et de ses manières, mais je n'eus pas l'occasion de lier avec lui des rapports intimes.

« Quelques jours avant l'époque fixée pour le départ de la frégate, je me fis conduire à terre, dans l'intention de gravir un sommet basaltique qui dominait la forêt et ne paraissait être éloigné que de quatre ou cinq milles. Je m'étais fait accompagner par un jeune mousse, qui portait quelques aliments, mes instruments d'observation et un couteau de chasse. Les officiers, presque tous occupés ce jour-là des préparatifs d'un appareillage prochain, étaient demeurés à bord.

« En descendant à terre, sur la plage où se trouve établi le principal village des Mahouris d'Akaroo, je fus, comme toujours, assailli par quelques uns d'entre eux, qui me demandaient soit des cigares ou du tabac, soit de la poudre et du plomb de chasse. L'un d'eux fut assez hardi pour plonger la main dans une poche de mon vêtement, pour y puiser à l'aise les objets qu'il ne daignait pas demander : cette importune familiarité, que j'eusse dû, en y réfléchissant, regarder comme un trait de mœurs, admirer même, à la façon de Jean Jacques, comme un vestige de naïveté de l'homme primitif, me révolta et me fit repousser, brutalement peut-être, le pauvre sauvage, qui se contenta de me regarder d'un œil un peu oblique et s'éloigna dans la direction du village.

« Après avoir marché pendant plusieurs heures, sans atteindre à la montagne que je prétendais explorer, je me déterminai à reprendre, en compagnie de mon mousse, le chemin que nous avions parcouru déjà, la boussole à la main. Avant de parvenir à la lisière du bois, nous nous reposâmes un peu et nous tirâmes de la besace quelques aliments. Nous n'avions pas achevé notre légère réfection, lorsqu'un mahouri, suivi d'une femme, envahit la clairière où nous étions tranquillement assis. A la vue des Indiens le pauvre mousse s'enfuit et me laissa seul avec ces hôtes, d'un commerce peu rassurant dans le tête-à-tête, quoiqu'ils se montrent généralement assez dociles lorsqu'on les rencontre dans des conditions favorables à la défense, ou à portée des navires mouillés dans le port. Je me trouvais non seulement isolé, loin de tout secours, mais privé de mes armes : le mousse avait emporté le couteau de chasse, et l'Indien venait de poser son pied sur mon fusil ; il se trouvait alors assez près de moi pour que je reconnusse le mahouri que j'avais brusquement repoussé quelques heures plus tôt. Il se précipita sur moi, me porta sur la poitrine et sur la tête quelques coups de son *patou-patou* : mais je pus lutter encore quelque temps, — j'étais alors jeune et robuste, — jusqu'à ce qu'enfin épuisé, ensanglanté, je perdis entièrement le sentiment de ce qui se passait ; cependant, je me rappelai plus tard qu'une figure avait apparu sur le lieu du combat, et que l'Indien était tombé à la renverse : mais ma mémoire ne me présentait cette scène que comme un rêve vague et indéfini. Qui me délivra de l'ennemi dangereux à la merci duquel je me trouvais ? qui me transporta à bord de la frégate ? quel était enfin ce génie protecteur qui s'était présenté tout à coup pour me conserver la vie ? Je ne le sus que plusieurs jours après l'événement : c'était Maurice.

« Le mousse qui avait pris la fuite, courut, après m'avoir abandonné, dans la direction du village, afin d'y réclamer le secours des hommes d'équipage qui pouvaient s'y trouver, ou même l'intervention de quelques indigènes. Dès qu'il fut parvenu à un endroit découvert de la colline qui domine le village, il aperçut Maurice sur la plage et lui fit des signaux qui manifestaient, d'une manière si expressive, sa terreur et sa détresse, que Maurice accourut à la hâte, prit à peine le temps de s'informer de ce qui se passait, se précipita, guidé par le mousse, à travers le fourré et apparut sur le lieu de la lutte avec tant de promptitude, qu'il put frapper et terrasser le mahouri, sans que celui-ci ou sa femme eussent le temps de se mettre en défense. Mais, après s'être délivré du meurtrier, il eut à combattre contre la femme, espèce de furie robuste qui, avec ses ongles, ses dents et la massue qu'elle avait reprise des mains de l'indien, lui fit de graves et douloureuses blessures. Maurice néanmoins resta maître du champ de bataille, transporta à quelque distance les cadavres des Mahouris et me chargeant sur ses épaules, expédia le mousse en avant pour hâler un canot du bord.

« Mes blessures, fort graves, me laissèrent pendant plusieurs jours sans aucun sentiment. De son côté, Maurice, en raison du sang qu'il avait perdu, et des efforts qu'il avait faits pour me transporter, dut rester quelque temps au lit ; de sorte que la frégate appareilla, sans que j'eusse pu revoir et remercier celui qui avec tant de dévouement et de courage, m'avait soustrait à une mort certaine.

« Quels regrets n'éprouvai-je pas lorsque, ayant repris mes sens, j'appris que nous étions en pleine mer et que je perdais ainsi, peut-être pour toujours, l'espoir de retrouver mon bienfaiteur. Je recueillis avec soin, de la bouche des officiers tous les détails qu'ils purent me fournir, en interrogrant leurs souvenirs, sur les antécédants, les liaisons, les projets de Maurice, et que celui-ci avait pu involontairement leur révéler dans leurs entretiens communs. Mais quelle que fût sa familiarité, et si fréquentes qu'eussent été les relations de Maurice avec les jeunes officiers de la frégate, il avait observé dans cette liaison passagère, une réserve et une discrétion absolues, et gardé un silence complet sur tout ce qui le concernait personnellement. Je ne pus donc constater que deux ou trois circonstances, relatives au jeune Maurice : son nom, son passage sur la *Jenny Dore*, de New-York, et le lieu de sa naissance, indiqué d'une manière assez vague, sur les bords du Rhin.

« Mais, si limités que fussent ces renseignements, ils me suffirent pour me mettre sur la voie des investigations que je poursuivis, dès mon retour en Europe, avec un zèle et une persévérance infatigables. Mon oncle, général de l'ordre des Jésuites, mit à ma portée tous les moyens dont il disposait : et mes efforts obtinrent le meilleur succès, comme vous pourrez en juger vous même. »

Une visite importune interrompit, à cet endroit, le récit de M. de Böhme

qui, en prenant congé, manifesta le désir d'aller visiter Maurice dans sa chambre. Mon père l'y fit conduire et avant de recevoir le nouveau visiteur, il prit la lettre de Frédéric, me la présenta, en me disant : « voyez ce que dit votre cousin, » puis il se ravisa, et mit la lettre dans sa poche, comme s'il eût obéi à une arrière-pensée.

Que dois-je penser, digne voisin, de cette réserve de mon père ? Venez le voir, et tâchez de savoir ce qu'il pense : vous m'en informerez.

CHARLOTTE-FRÉDÉRIQUE.

12.^e LETTRE

Botafofo, 25 Juin 1860.

Respectable et excellent ami.

Comment ! Frédéric ne dit pas un mot à mon sujet ou à mon adresse, dans cette lettre qui me suscitait de si puérils remords ! n'est il pas juste que je fasse, à mon tour, tous mes efforts pour l'oublier ? serai-je ingrate, inconsistante, légère, si, dans la crise douloureuse qui éprouve mon cœur, le souvenir et l'image de Frédéric en disparaissent ou y palissent ? Hélas ! pauvre ami, ce n'est pas à vous que je dois demander des consolations ou des conseils contre les sentimens qui m'animent : vous comprendriez à peine que j'eusse aimé Frédéric d'une affection plus vive que celle d'une sœur, comment me pourriez-vous pardonner de le haïr et de blasphémer son nom !

J'abandonne ce sujet qui me trouble et m'offense, pour vous parler des incidens vulgaires, plus calmes et consolans de notre vie courante. L'histoire du bon Maurice est un texte inépuisable ; chaque jour nous découvre quelque nouveau point de vue dans sa noble et intéressante vie. M. de Böhme semble prendre à cœur de nous la révéler toute entière et met son amour-propre à montrer avec quelle constance, avec quelle merveilleuse sagacité il a suivi les traces de l'existence errante, triste, modeste, mais toujours honnête de son ami, et avec quel succès il a éprouvé et deviné ce fier et grand caractère.

Maurice a quitté sa chambre : il a repris, après un court intervalle, ses habitudes et ses humbles fonctions, qu'il exerce avec tant de conscience et de dignité qu'il les élève et les annoblit. Il est bien vrai de dire que le caractère de l'homme fait sa condition ; si, aux yeux des gens superficiels, le rôle de précepteur est classé dans une catégorie subalterne, c'est que souvent ce rôle est usurpé et déshonoré par des hommes qui n'ont, pour le remplir, ni les capacités spéciales, ni le dévouement, ni la patience et la résignation qu'il exige. Combien d'aventuriers ne nous vient-il pas d'Europe, qui nous éblouissent par l'exhibition de diplômes menteurs, bien que légalement authentiques, et aux-

quels manque, sinon la science qui est le superflu, la conscience et la dignité qui sont le nécessaire; qui enfin, se ravalant eux-mêmes au rang de domestiques infidèles, vendent chèrement leurs mauvais et dangereux services. Je ne veux intenter de procès à personne, ce n'est ni mon rôle, ni mon goût: mais il m'est permis, en comparant notre Maurice à la plupart de ceux dont j'entends critiquer et blâmer la conduite, de constater chez lui des mérites qui ne se rencontrent que rarement réunis, à ce qu'il paraît, chez les hommes de sa profession, transplantés d'Europe en Amérique.

Mon père, qui a conçu pour Maurice une vive sympathie, a essayé d'obtenir de lui quelques confidences sur sa vie, sur sa famille, sur ses vues d'avenir et ses espérances: mais tout en répondant avec franchise, aux questions que mon père ne saurait d'ailleurs lui adresser que dans son propre intérêt et avec la plus scrupuleuse discrétion, Maurice semble ne s'arrêter qu'avec peine aux souvenirs de sa jeunesse: on sent bien, en l'écoutant, qu'il n'a rien à dissimuler, mais on devine que ses premiers pas dans le monde ont été difficiles et douloureux, et que les années qui se sont écoulées autour du foyer paternel ont été pour lui une époque d'amère et cruelle expérience! C'est d'ailleurs ce qui résulte trop clairement des révélations que nous a faites à ce sujet M. de Böhme, à l'insu de Maurice, qui est allé passer quelques semaines hors de la ville.

Chose singulière! l'absence de Maurice m'inspire plus de soucis que ne m'en ont jamais causés le départ et l'éloignement de Frédéric. Oh! je suis bien vengée de l'oubli et de l'indifférence de celui-ci; et je sens, à mon tour, que si l'habitude, les liens de famille et notre mutuelle estime avaient établi entre mon cousin et moi d'étroites relations, mon cœur n'a jamais cessé de rester, en pensant à lui, aussi calme que durant les longues années de notre enfance; jamais sa présence ou son absence, sa tristesse ou sa gaieté, son accent même n'ont fait retentir dans mon sein les vibrations qui l'ébranlent aujourd'hui, lorsque je vois, lorsque j'entends Maurice; lorsque j'admire sa vertu élégante, les grâces décentes de son langage, l'énergie avec laquelle il a affronté les tempêtes de la vie, la réserve et la tolérance dont ses idées, ses sentimens, ses mœurs portent l'empreinte, et jusqu'à cette douce tristesse qui voile son front, et qui ne procède pas des blessures de l'amour-propre ou des amertumes de l'égoïsme déçu. Est-ce donc un crime d'aimer un homme bon et estimable? Enfin; j'aime Maurice! vous l'avez deviné, mon vieil ami; en différant plus longtemps de vous faire cet aveu, je ne ferais que prolonger les terreurs de ma conscience. Mais que dira mon père, s'il parvient à lire dans ma pensée, s'il a déjà pénétré mes sentimens secrets! Et Maurice? m'aimera-t-il, songe-t-il à moi?

M. de Böhme a donné sur la famille de Maurice des détails qui ont paru produire sur l'esprit de mon père une vive impression: ses questions multipliées

ont donné occasion à M. de Böhme, non seulement de nous raconter le passé, mais aussi de manifester les espérances et les intentions qu'il a conçues, relativement à l'avenir de Maurice. Je vais résumer en quelques lignes ce qui concerne sa naissance, sa famille et sa situation actuelle, suivant ce que nous en a rapporté M. de Böhme, qui s'exprima à peu près ainsi :

« Maurice est le troisième des fils de Christophe, des comtes d'Oppenheim, chef d'une famille originaire de la Bohême et qui s'est transportée, depuis plusieurs siècles, sur les bords du lac de Constance. Il avait pour résidence, à l'époque de la naissance de Maurice, un vaste et antique édifice qu'on nomme le château d'Oppenheim, manoir ruiné, qui peut être, si je n'y avais pourvu, n'existerait plus actuellement, et aurait sans doute passé entre les mains des créanciers du dernier comte, homme prodigue et sans dignité, dont les fils, à l'exception de Maurice, paraissent avoir partagé les principes et suivi l'exemple de leur père. Maurice passa les premières années de sa jeunesse dans cette résidence, relégué dans un pavillon séparé où son père ne le visita jamais et où souvent il eut à supporter, avec son précepteur, digne et savant vieillard, les tortures de la faim, du froid et d'un complet abandon. Appelé quelquefois en présence de son père pour y recevoir des reproches violents et injustes, il se vit encore exposé, dans ces occasions, aux exigences, aux caprices et aux sarcasmes d'une cruelle marâtre. Il échappa enfin, à l'âge de seize ans, à ces tourmens de toute espèce, en prenant la fuite, après la mort de son précepteur : et telle était l'indifférence de son père, qu'il ne fut informé du départ de Maurice que plusieurs mois après son passage en France. Je supprime le récit de ses tribulations, mais il est facile de concevoir à quelles privations, à quelles angoisses il se vit exposé lorsque, complètement étranger aux choses du monde, sans ressources, sans conseils, Maurice se trouva bientôt seul au milieu de Paris. Cependant il parvint à connaître la demeure et obtint la protection d'un vieux magistrat, veuf et riche, qui, durant un voyage dans les hautes vallées du Rhin, avait visité, quelques années auparavant, le bon précepteur de Maurice, son ami, dans la résidence d'Oppenheim, et y avait reçu de celui-ci la révélation de ce qui s'y passait. La présence, la fuite, le dénuement de Maurice ne purent donc l'étonner, mais l'affligèrent et lui inspirèrent, en faveur du malheureux enfant, le plus vif intérêt : de sorte que cédant aux vœux de celui-ci, il lui fournit généreusement les moyens de passer et de s'établir aux Etats-Unis, où Maurice s'embarqua pour accomplir le voyage pendant lequel j'eus l'occasion de le connaître.

« C'est à ce même magistrat, ajouta M. de Böhme, que je m'adressai pour suivre la trace de Maurice : il ne put me donner que de vagues renseignements. Mais j'avais au moins la certitude qu'il vivait, je savais son nom, je pouvais connaître sa famille, je ne perdais pas l'espérance de le rencontrer et je m'efforçai de lui rendre, en son absence, tous les services, que je pourrais un jour le prier d'accepter. C'est ainsi que j'ai pu lui conserver le manoir d'Oppenheim,

qui, restauré et agrandi, lui appartient désormais, avec les terres cultivées qui l'environnent, et dont les revenus accumulés ont dû déjà constituer un petit capital, qui cependant, si faible qu'il soit, est encore de beaucoup supérieur à la somme que j'ai consacrée à l'acquisition du domaine. La plus grande difficulté, celle devant laquelle j'hésite et je recule depuis le jour où j'ai retrouvé Maurice, c'est de le déterminer, en ménageant sa fierté, à recevoir de moi un service, qui paraîtra peut-être aussi important à ses yeux qu'il est insignifiant dans mon opinion ; de l'amener à consentir enfin à se voir réintégré dans son patrimoine par une main étrangère. Je crains surtout que, se rappelant que je lui dois la vie, il ne repousse mes offres, en les considérant comme la rémunération de son dévouement désintéressé. C'est donc pour vaincre ses scrupules que je voudrais employer tous mes efforts et solliciter votre intervention et vos conseils. Il serait d'ailleurs inutile de songer à lui cacher la vérité ; il ne tarderait pas à la découvrir.... Ah ! si je connaissais le cœur de Maurice !... »

Mon père éprouvait, en écoutant M. de Böhme, un certain étonnement : cette ingénieuse et digne protection que celui-ci avait exercée, à l'insu même de Maurice, pour le rétablir dans la situation qui convenait à son nom et à ses mérites ; les refus, fondés sur de nobles sentimens, qu'il semblait redouter ; le peu d'importance qu'il paraissait attribuer à ses services, tout cela suffisait bien pour motiver l'admiration et la surprise de mon père. Aussi bien exprima-t-il son approbation, et promit-il de préparer Maurice à recevoir favorablement les ouvertures de M. de Böhme. Mais, ajouta mon père, vous n'appréciez pas justement l'étendue et la valeur de vos bienfaits : je ne crois pas qu'il soit possible de rencontrer par le monde et par le temps qui court un grand nombre d'hommes, même parmi les plus puissans, qui consentissent à jouer aussi généreusement le rôle de la Providence, fussent-ils guidés par des devoirs de gratitude ou par des sentimens de vive affection.

M. de Böhme crut devoir repousser les éloges indirects que lui adressait mon père, et se vit entraîné à des révélations fort curieuses sur lui-même, sur la tâche héroïque et grandiose qu'il s'est imposée, sur les moyens qu'il a su réunir pour l'accomplir. Mais l'âge le presse, ses forces décroissent, à mesure que les ressources dont il dispose augmentent et grandissent. Il veut confier à Maurice l'exécution du plan gigantesque qu'il a conçu, en lui transmettant les forces et les élémens nécessaires pour le réaliser.

Je vous mettrai au courant de tous ces miracles. Sachez cependant dès aujourd'hui que cet homme d'une gravité si simple est en train de remuer le monde.....

CHARLOTTE-FRÉDÉRIQUE.

(Do *Écho du Brésil*. 1860)

(A QUESTÃO BANCARIA)

Parmi les causes auxquelles on s'accorde à attribuer la crise économique et financière que nous traversons actuellement, on donne presque unanimement le premier rang à "l'affaiblissement progressif et rapide de la production nationale industrielle," c'est à dire, de la production agricole, la seule qui jusqu'à présent figure dans notre commerce international.

Cette cause étant admise, il devient d'une nécessité absolue, pour en faire disparaître ou en atténuer les conséquences, de protéger le développement de l'agriculture, en favorisant les entreprises qui se rapportent à cette industrie, le mouvement des capitaux qui leur sont indispensables, l'amélioration des méthodes et des procédés de culture, enfin d'augmenter, par l'immigration de colons étrangers ou par l'application d'une partie de notre population à l'exercice de l'industrie agricole, le nombre des travailleurs qui lui font défaut.

Quelle que soit l'urgence des mesures propres à satisfaire à ces intérêts, quelle que puisse être l'efficacité de celles qui seront adoptées, les résultats qu'elles doivent produire se feront attendre longtemps encore.

Ce dépérissement de l'agriculture, qu'il était peut-être facile de prévoir dès longtemps, a engendré, indépendamment de l'influence qu'il a exercée sur la situation commerciale de l'Empire, d'autres phénomènes économiques, parmi lesquels l'un des plus remarquables, quoiqu'il ne soit que secondaire, dans l'ordre de leur génération, est la cherté excessive et croissante des denrées de première nécessité, procédant, non pas autant de l'insuffisance et de la rareté de ces denrées, comme il serait d'abord naturel de le supposer, que de la dépréciation de l'intermédiaire des échanges, de la monnaie courante qui sert à les obtenir.

La diminution progressive de la production, en détruisant l'équilibre nécessaire entre notre exportation et l'importation étrangère, a donné lieu à un excès considérable en faveur de celle-ci; de sorte que, ne pouvant expédier, en retour des denrées importées de l'extérieur, une somme de produits égale à leur valeur, nous nous sommes constitués débiteurs, à l'égard des marchés étrangers, d'une somme égale à la valeur de l'excédant des marchandises étrangères importées.

Pour faire face aux nécessités résultant de cette situation, il devenait indispensable, ou de réexporter les marchandises non soldées, en leur faisant subir une dépréciation considérable, ne pouvant les payer avec le papier-monnaie ou le papier de crédit dont la valeur commerciale ne s'étend pas au-delà des limites de notre territoire, ou de retirer de la circulation la monnaie métallique, jusqu'à concurrence de la valeur des retours à faire sur les marchés étrangers.

La monnaie métallique, réduite ainsi au rôle de marchandise, devait subir

dans sa valeur les oscillations qui résultent de la proportion entre l'offre et la demande, et acquérir, sur la place où elle était recherchée, une valeur fictive indépendante de celle qu'elle conservait sur les marchés auxquels elle était destiné.

Aussi, dans les opérations qui, dans ces derniers temps, ont eu pour objet l'achat de l'or destiné à l'exportation, ce métal obtint une prime de 10 %; prime à laquelle il faut ajouter, pour établir la proportion entre la valeur relative de l'or et du papier-monnaie alors en circulation, les bénéfices que se proposait l'acheteur, et les frais de transport, d'assurance, de courtage, les risques, les intérêts, &c, conditions qu'on peut évaluer approximativement au moins à 12 %.

L'acheteur calculant donc le prix de l'or à raison de 22 %, le papier-monnaie se trouvait réduit à une valeur de 78 %, ou perdait les 22 % que l'or gagnait.

Cependant cette dépréciation ne devait affecter qu'une fraction de valeur de la monnaie courante, égale à celle de la monnaie d'or exportée, et se trouvait répartie sur la totalité de la circulation.

L'exportation de l'or n'a donc influé sur la dépréciation du papier-monnaie que dans une proportion limitée, et, s'il est juste de la considérer comme une cause accidentelle et secondaire de dépréciation, il est surtout nécessaire d'y reconnaître les symptômes d'une crise, procédant de causes multiples, beaucoup plus générales, et indépendantes de celle-ci.

L'une de ces causes, que l'on ne s'accorde pas aussi généralement à admettre ou que peut-être on craint de signaler, mais qui n'en semble pas moins être aussi réelle que grave et difficile à surmonter, c'est l'abondance excessive et anormale du papier, faisant office de monnaie, qui existe dans la circulation, cause formellement indiquée par M. le Ministre des Finances de l'Empire, dans son Rapport aux Chambres.

C'est pour porter remède à cet état de choses que le Gouvernement Impérial, outre les efforts qu'il se propose de faire pour fortifier l'industrie agricole, a proposé à l'Assemblée Législative, par l'organe du Ministre des Finances, des mesures ayant pour objet la réduction du chiffre du papier-monnaie en circulation, et sa substitution progressive par une monnaie métallique.

Ces mesures, fondées en grande partie sur des restrictions apportées au régime des banques d'émission, ont été vivement combattues, dans le sein du Parlement, et par les chambres de commerce, les sociétés de crédit et les particuliers, par l'intermédiaire des journaux ou par des représentations et pétitions adressées au Corps Législatif.

Mais il est juste aussi de remarquer que, si le projet de M. le Ministre des Finances a soulevé une vive opposition, aucun de ceux qui jusqu'ici ont

élevé la voix, pour en contester l'opportunité ou l'efficacité, n'a pu méconnaître les dangers que les mesures proposées sont destinées à écarter, et n'a surtout indiqué, en substitution aux mesures qu'il attaquait, un moyen différent de parvenir au but qu'il s'agit avant tout de poursuivre et auquel il faut s'efforcer d'atteindre.

On pourrait d'ailleurs signaler, dans ces débats, des exagérations passionnées qui semblent avoir une toute autre origine que l'amour du bien public, et peut être aussi des erreurs graves, nées de préventions injustes, d'un examen trop peu approfondi de la question, ou enfin de la crainte légitime, mais mal fondée, de voir surgir des complications nouvelles d'une mesure dont tous ne peuvent pas également et à première vue comprendre et prévoir toute la portée.

Les adversaires de cette mesure ont d'abord contesté la réalité de quelques uns des faits signalés dans le Rapport du Ministre des Finances, tels que la surabondance du papier-monnaie, et se sont ensuite prévalus de cette prétendue inexactitude, pour nier d'une manière absolue que les causes de la dépréciation de la monnaie courante dussent être attribuées à un excès d'émission.

En effet, l'excès d'émission n'est pas, dans l'ordre chronologique des phénomènes, la première et unique cause de la surabondance de la circulation et de la dépréciation de la monnaie; car, l'émission qui est devenue excessive quand elle a cessé d'être en équilibre avec les éléments du crédit, aurait pu rester non seulement proportionnelle, si la production nationale se fût équilibrée avec l'importation, mais serait devenue même insuffisante, loin d'être excessive, si, par exemple, au lieu de devoir aux marchés étrangers la valeur de leurs produits, nous fussions devenus leurs créanciers pour une égale valeur de nos produits. Mais il n'en est pas moins vrai qu'elle est actuellement en excès, que cet excès ira en croissant aussi longtemps qu'on ne l'aura pas corrigé, c'est à dire, tant qu'on n'aura pas payé le crédit emprunté par l'émission, détruit le crédit superflu, fondé ou emprunté un nouveau crédit et racheté la valeur que le papier a perdue par sa dépréciation.

Il s'agit donc de corriger cet état de choses, dont on n'accuse personne et qui résulte, non pas d'un abus volontaire et calculé, mais des illusions auxquelles le commerce se laisse entraîner quand, dans un pays comme le nôtre, où la production est stationnaire ou même rétrograde, et où l'agent des échanges est une monnaie de papier, on veut mettre en pratique les théories économiques, destinées dans la pensée de leurs auteurs, et applicables en effet seulement aux pays où la production industrielle est en progrès et surabonde, et où la circulation d'une monnaie métallique permet toujours de reconnaître à temps, de retenir et de compenser les excès du crédit sur l'équilibre commercial.

Le Gouvernement Impérial n'ayant à combattre que les conséquences d'une suite de circonstances antérieures à son exercice, n'a donc dû se préoccuper

que du fait, tel qu'il se présentait à sa vigilance, la dépréciation de la monnaie courante, fait évident, facile à constater pour tout le monde, et qui entraîne, comme suite nécessaire, la cherté proportionnelle des denrées qu'elle sert à obtenir; cherté qui, certes, n'est que trop sensible pour toutes les classes de notre société.

Or, la dépréciation d'une monnaie quelconque, comme de toute marchandise, est à la fois le signe et l'effet de sa surabondance. Ainsi, le Rapport de M. le Ministre des Finances, en signalant un excès dans la circulation, ne révélait pas un mystère, et constatant un fait qui se manifestait de lui-même, n'avait pas besoin d'en rechercher ou d'en désigner les causes; il suffisait que, les connaissant, il déterminât les moyens d'en diminuer ou d'en corriger les funestes effets; que, prévoyant leurs rapides progrès, il s'efforçât d'adopter des mesures promptes, énergiques, rigoureuses peut-être, mais salutaires et protectrices, autant en faveur du commerce général qu'en faveur de la masse du peuple et surtout des classes nécessiteuses, pour se rapprocher de l'équilibre actuellement rompu, et qui ne pourra être définitivement rétabli, dans un avenir plus ou moins éloigné, que par le développement de l'industrie nationale, développement incertain, lent et graduel, dépendant d'ailleurs de circonstances multiples, complexes, et qui sera l'objet des mesures spéciales et de la sollicitude du Gouvernement Impérial.

Ces mesures elles mêmes, proposées par le Ministre des Finances, pourront d'ailleurs être modifiées dès que, soit par l'abondance croissante de la production, soit par la substitution d'une monnaie métallique au papier-monnaie, notre commerce se trouvera en état de solder les valeurs importées, en exportant les produits nationaux, ou, à défaut de ceux-ci, en expédiant de l'or, seul agent qui puisse remplacer les marchandises et en jouer le rôle, dans les échanges internationaux, et lorsqu'ainsi la valeur de la monnaie courante sera rétablie dans son état normal.

Or, ces mesures, loin d'être, comme on l'a dit, arbitraires, injustes, rétroactives, inopportunes, illégales, inconstitutionnelles, anti-économiques et dangereuses, restent beaucoup en deçà de la rigueur de celles que la situation semble exiger. Elles ne font que limiter une émission qui, en vue des conditions du crédit, aurait dû spontanément se restreindre elle même, et qui dérive d'un privilège qui, en raison des circonstances antérieures et actuelles du pays, n'aurait pas dû être concédé; elles ne provoquent la révision et l'interprétation des stipulations d'un contrat que dans ce que ces stipulations présentaient de contradictoire avec l'essence même du contrat, d'illégal par conséquent et d'onéreux pour l'intérêt commun: enfin, elles fixent à une époque relativement éloignée, trois ans, l'exécution d'une clause qui était la première et la plus importante condition de la faculté d'émission concédée à la Banque du Brésil, la conversion de ses billets en monnaie métallique; que cette clause fût littérale,

tacite ou amphibologique, elle n'en était pas moins obligatoire, aux yeux de la raison et de la bonne foi.

La question d'ailleurs ne réside pas exclusivement dans l'efficacité immédiate ou plus ou moins tardive des mesures proposées ; de même que celles-ci ne prétendent pas s'appliquer à toutes les questions économiques qui peuvent surgir de la situation présente. Quelque soit l'intervalle qu'exige la réalisation de l'objet principal que ces mesures ont en vue, leur adoption, dans les circonstances actuelles, avancera l'époque de la régénération économique du Brésil, retardera sa décadence industrielle et commerciale, et imposera un terme à la progression des dangers qui assiègent notre état social, et à l'invasion des calamités qui menacent de les accompagner ou de les suivre. Ce sera donc seulement un pas fait en avant, une étape parcourue, vers un but que le patriotisme autant que les intérêts individuels désignent aux vœux de chacun des Brésiliens ; et c'est assumer une grave responsabilité envers l'avenir que de se plaindre, sous le prétexte spécieux que le résultat n'est pas immédiat, à embarrasser la marche et le chemin qui doivent nous aider à nous éloigner d'un abîme que nous voyons tous ouvert devant nous, sans pouvoir ou sans oser en mesurer la profondeur.

Mais toute modification dans le régime économique d'un pays produit, avec le bien général, quelques inconvénients particuliers ; il n'est pas de mesure d'intérêt public qui n'entraîne de semblables conséquences. On ne doit donc pas s'étonner des clameurs que soulève le projet, si l'on considère que les dangers et les abus auxquels il prétend s'opposer, ont pu donner ou promettre des avantages considérables à des particuliers, qui craignent de voir se révéler la source de leurs succès, ou de voir s'évanouir l'espérance de réaliser des profits illégitimes. Cette opposition prouve peut-être à elle seule, ce que ne pouvait démontrer la vigilance la plus active, c'est que les opérations commerciales qui se font dans notre pays sont, comme dans d'autres pays, en partie légitimes et loyales, en partie fictives et occultes, mais que ces dernières sont plus funestes ici que partout ailleurs. Il eût été bien plus surprenant que les mesures dont il s'agit eussent été reçues avec indifférence, ou qu'elles eussent obtenu l'approbation générale. Il ne serait même peut-être pas téméraire d'affirmer que si, chose d'ailleurs impossible, le Gouvernement Impérial eût proposé la cession d'une province de l'Empire, s'il eût décrété le rétablissement du trafic des esclaves, la censure de la presse, s'il eût initié avec une puissance étrangère un traité onéreux ou avilissant, l'opinion publique ou ceux qui ont la prétention de la représenter et de la diriger, se fussent montrés plus réservés et plus faciles à convaincre.

Je vais passer en revue quelques unes des objections qui ont été mises en avant par les adversaires du projet, en essayant de suivre l'ordre dans lequel elles ont été présentées, c'est-à-dire, sous le triple point de vue légal, politique et économique.

Mais je dois examiner d'abord un argument qui, formulé en chiffres, et portant par cette raison même un caractère de certitude imposante, articulé d'ailleurs dans une pièce officielle, l'un des Rapports séparés de la Commission de Justice civile, Finances et Commerce de la Chambre des Députés, séduit à première vue l'esprit et semble lui interdire toute investigation ultérieure.

A l'aide de cet argument, on ne prétend pas seulement contester ou nier absolument qu'il y ait excès de papier-monnaie et de papier des banques d'émission dans la circulation, mais on veut au contraire démontrer que la circulation est insuffisante; argument donc qui, s'il était fondé, batterait en brèche tout l'édifice du projet ministériel, contredirait tous les phénomènes auxquels nous assistons, et rendrait ainsi superflue toute discussion; mais qui, s'il est possible de prouver que les chiffres invoqués ne comportent pas la signification qu'on leur donne, servira lui même à renverser toutes les déductions qu'on en a tirées.

D'après les chiffres, signalés dans le Rapport cité plus haut, si l'on a égard à la proportion existant entre la monnaie en circulation et le mouvement commercial en 1854 (1 : 2), et si l'on transporte cette même proportion à l'année 1857-58 (1 : 2), on trouvera que la somme de 90,000 contos de reis, représentant la circulation à cette dernière époque, et que M. le Ministre des Finances considère comme excessive, est de beaucoup inférieure, d'un cinquième ou de 23 mille contos, à ce qu'elle devrait être, c'est-à-dire à 113 mille contos. Telle est du moins la conséquence que tirent de cette comparaison les Rapporteurs de la Commission, auxquels j'emprunte le tableau suivant :

année 1854 :	mouvement commercial...	162,000 :	} proportion. 162 : 81 :: 2 : 1.
	circulation.....	81,000 :	
année 1857-58 :	mouvement commercial...	226,000 :	} proportion. 226 : 113 :: 2 : 1.
	circulation calculée.....	113,000 :	

Il résulterait donc de cette comparaison que la circulation réelle, évaluée à 90,000 contos, est moindre que ne le permet notre mouvement commercial; que cette circulation aurait pu s'élever, en 1858, à 113,000 contos, sans néanmoins outrepasser ses limites normales; qu'une émission de 23,000 contos, au-delà de notre circulation actuelle, n'eût été qu'indifférente, sinon bienfaisante, utile ou même nécessaire; que, par conséquent, les terreurs du Ministre des Finances ne sont autre chose que les rêves d'une imagination malade, *velut agri somnia*, et que la restriction imposée à l'émission des billets de banque est une barrière élevée par le pouvoir contre l'invasion de tous les trésors de prospérité économique.

En effet, la circulation étant inférieure de 23,000 contos à la moitié du mouvement commercial, proportion que les auteurs du Rapport prennent pour type et pour règle, nous avons donc fait avec 90,000 contos toutes les trans-

actions pour lesquelles il nous eût fallu 113,000: contos; nous avons donc économisé, gagné 23,000: contos, épargne considérable (un cinquième!) et qui signale, dans la condition industrielle du pays, un progrès dont aucune autre nation n'a jamais offert l'exemple, en un temps aussi court que l'intervalle des trois années, écoulées entre 1854 et 1857.

Ainsi, en 1858, nous avions en disponibilité, toujours suivant le Rapport de la Commission, un crédit de 23,000: contos sur les marchés étrangers; par quelques opérations habilement et sagement dirigées, le Trésor public pouvait réaliser et proclamer, à la fin de 1858, quelque 20,000: contos d'excédant de recette ou de *saldo*, en dehors des sommes indiquées au Budget (*); nous devons donc nous attendre à voir affluer au Brésil une quantité d'or ou de marchandises égale à la valeur de notre crédit de 23 mille contos; enfin le change devait s'élever dans une proportion de 20 % au moins, en faveur de notre papier.

Tel est le tableau que le Rapport de la Commission a tracé de la situation commerciale et financière du Brésil, tableau dont on ne m'accusera pas d'exagérer les conséquences, et destiné sans doute à consoler les bonnes gens qui, voyant le prix de toutes choses augmenter rapidement, devront s'écrier: « C'est l'effet nécessaire de la prospérité du pays et le signe évident de la richesse nationale. »

N.º 24.

OS NEVOEIROS SECCOS

Um phenomeno meteorologico que se-reproduz annualmente, em localidades e epochas determinadas, sempre com os mesmos characteres identicos em sua essencia sinão em sua intensidade, parece merecer attenção, ainda quando se-não pretenda reconhecer-lhe as causas.

Este phenomeno, observado em diversas regiões e em varios climas, parece manifestar-se d'um modo mais regular e mais constantemente apreciavel nos paizes intertropicaes.

Tractase dos nevoeiros sêccos que, no fim do mez de Agosto, durante o de Setembro e uma parte de Outubro invadem a atmosphera da bahia do

(*) C'est peut-être là qu'il faut chercher la solution de cette magnifique énigme ou mystification des 20 mille contos de *saldo*, et des opérations de crédit si activement conduites par l'administration passé; c'est peut-être aussi aux déceptions qui ont succédé à de si brillantes illusions, que l'on doit attribuer la retraite précipitée du Ministère du 4 Mai; retraite dont les motifs ont si vivement exercé la sagacité et la curiosité du public, et qui sont néanmoins restés enveloppés de nuages, malgré les interpellations adressées, dans les deux chambres, aux membres du Cabinet démissionnaire.

Rio de Janeiro e dos arredores, parecendo occupar um espaço consideravel em altura vertical e em extensão horizontal. Mantem-se elles aqui durante um periodo mais ou menos longo, conforme a altura, força e direcção dos ventos ou das correntes aereas, e se-deslocam ou se-enfraquecem algumas vezes por espaço de muitos dias para reaparecerem de novo, até que de todo desaparecem.

Qual é a natureza d'estes singulares nevoeiros? onde e sob que influencia se-formam? Em uma palavra, qual é a sua origem?

Já notados em 1784 no Rio de Janeiro pelo astrónomo Dr. Orta, que consignou suas observações nas memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa de _____, estes nevoeiros foram objecto, desde esse tempo, de novos trabalhos da parte de sabios brasileiros.

O respeitavel Dr. Freire Allemão leu em 1851 em uma sessão da *Sociedade Vellosiana* uma breve e interessante noticia sobre estes nevoeiros; ahi, depois de examinar as explicações d'este phenomeno ou de outros analogos dadas por sabios que os-observaram em outras regiões, — depois de ter citado com imparcialidade os trechos de seus escriptos que mais se-oppõem a suas proprias convicções, declara elle que não considera tacs nevoeiros, até demonstração do contrario, sinão como fumaças provenientes dos incendios com que os agricultores e principalmente os fazendeiros de café preparam os terrenos destinados á cultura, reduzindo a cinzas grandes extensões de florestas. Esta opinião do sabio professor, suppondo que ella não tivesse objecções, offereceria a vantagem de resolver d'uma assentada os dous pontos mais graves do problema, determinando ao mesmo tempo a natureza d'esses nevoeiros e a causa que lhes dá origem.

Mas esta opinião, accorde com a explicação popular, não parece satisfazer completamente a maior parte das questões que o phenomeno suscita; por isso deu logar, de parte d'um socio illustre da Sociedade Vellosiana, o brigadeiro dr. Burlamaqui, a objecções apresentadas com a reserva que tanto assenta nos sabios e com o respeito devido ao seu adversario.

Entretanto, o sñr. dr. Burlamaqui, sem adoptar nenhuma das explicações dadas pelos physicos e meteorologistas cuja tentativa assignala, não quiz enunciar de modo absoluto sua propria opinião, contentando-se com declarar que a seus olhos o phenomeno não podia ser attribuido nem ás causas demasiado geraes invocadas pelos sabios europeus, nem á causa excessivamente restricta ou por demais vulgar a que o-attribuiu o dr. Freire Allemão.

Parece entretanto que estes sabios persistiram, um e outro, em suas opiniões, pelo menos até o anno de 1859, epocha em que as suas observações anteriores foram de novo publicadas e nos mesmos termos em um dos numeros do *Archivo Municipal*.

Seria temerario pretender resolver d'um jacto o problema. O proprio

phenomeno, variavel em suas phases, não se presta egualmente todos os annos á observação de todos os pormenores.

Baste-nos pois assignalar as observações que até aqui foi licito fazer, salvos os accrescimos successivos que ultteriores observações mais completas possam suggerir.

« No Rio de Janeiro podemos estudar com mais lazer este phenomeno, que aqui occupa no tempo e no espaço um logar quasi invariavel. Mas seu apparecimento periodico no littoral do Brazil, ainda que não pareça produzir-se sinão sporadica e accidentalmente em outras regiões, não inhihe de admittir à priori, que elle pode pelas mesmas causas manifestar-se annualmente, si bem que de modo menos sensivel e menos duradouro, em outros paizes, onde condições especiaes interrompem a sua formação, ou o-fazem desaparecer logo que começa a produzir-se, e o-subtrahe por conseguinte á observação directa.

« Eu ousarei quasi affirmar com o dr. Burlamaqui que este phenomeno não deve ser attribuido ao exercicio das grandes forças cosmotelluricas; supponho antes que se-pode achar a sua explicação no jogo regular e constante das forças physicas que actuam regularmente nos limites dos logares e das epochas em que o phenomeno se-produz. Considero-o como produzido espontaneamente sob a influencia das reacções que se-dão na atmosphera, em certas epochas do anno, d'um modo mais ou menos duradouro e intenso, e que modificam as suas condições relativas á composição chimica, ao seu estado electrico, thermometrico e hygrometrico.

O que pode acontecer todavia, e isto estaria um pouco de accordo com a opinião do dr. Freire Allemão, é que a operação da queimada das mattas nesta mesma estação contribua para o apparecimento e origem dos phenomenos precursores e provocadores da formação do nevoeiro secco, sem que entretanto este seja composto das fumaças provenientes da queimada. »

Delineando o auctor a sua theoria explicativa, encontro esta nota :

« O ar atmosferico é composto de dois gazes associados, mas não combinados, — o azoto e o oxygenio, cuja mixtura soffre diariamente e em diversas alturas importantes modificações segundo as condições de luz, de calor e de electricidade que acompanham a presença ou ausencia do sol; a acção dos organismos que vivem na superfície do solo de dia e de noite, e conforme as estações a maior ou menor abundancia dos vapores vesiculares, o estado de calma ou de agitação das camadas gazosas, determinam ali e desenvolvem junta ou successivamente movimentos, oscillações, decomposições e recomposições que perturbam o seu equilibrio.

D'aqui resulta que a atmosphera é ora calma ora agitada por ventos de rumos diversos, ora secca ora humida, limpida ou carregada de vapores e de nuvens, — e que ella se-torna até o theatro de violentas descargas electricas

acompanhadas de phenomenos luminosos, de rapidas oscillações de temperatura, de quedas abundantes de agua liquida ou congelada. Em algumas d'estas circumstancias formam-se novos gazes e se-mixturam com o ar atmospherico, a composição normal d'este se-altera, separam-se, isolam-se e se-combinam em novas proporções os seus elementos constitutivos, e estes mesmos elementos contrahem no momento de sua dissociação propriedades novas que lhes-permittem reagir sobre os corpos que encontram d'um modo mais energico. »

É finalmente est'outra que nos-ministra a explicação definitiva :

« Ora, si assim é, si o nevoeiro secco é formado de uma accumulção de gaz nitroso, como explicar a sua origem, a proveniencia de semelhante corpo e sua presença em quantidade consideravel nas altas regiões da atmosphera?

É evidente que na distribuição dos elementos necessarios á vida dos seres organizados a natureza procede por um methodo que se-poderia chamar circular ou recursivo. As aguas que devem alimentar as fontes e os rios &, fecundar os vegetaes &, são elevadas pela evaporação afim de formar as nuvens, que resolvendo-se caem sobre vastos espaços da superficie terrestre para ahí ficarem algum tempo até serem levadas para os grandes reservatorios, lagos, mares &, d'onde são retiradas de novo sob a forma de vapores para desempenharem outra vez o papel que já representaram. O mesmo acontece com o ar atmospherico, o qual, depois de haver servido para a respiração dos animaes e depois de se-tornar impuro, é analysado pelas plantas que lhe-restituem puros os elementos da mixtura.

Pois bem ; que meios teria a natureza para restituir á terra o azoto que foi absorvido pelas plantas e que ellas têm de transmittir á nutrição dos animaes? Cumpre que haja um modo de distribuição que o-espalhe uniformemente sobre toda a superficie ; de outra sorte haveria accumulo aqui e falta acolá.

Deve pois haver para o azoto, como para a agua, como para o oxygenio e para o carbonio, uma especie de processo de ascensão e de retorno.

Tracta-se portanto neste caso de uma das applicações do processo circular ou de recurrencia de que se-serve a natureza para restabelecer periodicamente o equilibrio nos meios necessarios á vida organica. »

N.º 25.

CRISE COMMERCIALE.

I

(16 SEPTEMBRE 1864)

Le 10 Septembre, la maison de banque J. Alves Souto et C.^{te}, maison établie depuis longtemps à Rio de Janeiro et dirigée, fondée même, je crois, par M. J. Alves Souto, auquel, en raison des services rendus, le roi de Portugal a récemment donné le titre de Vicomte de Souto, cette maison dont les

opérations étaient devenues fort importantes, dont le chef jouissait d'une excellente réputation d'honneur et de probité et qui, Portugais lui même, recevait en dépôt les sommes que lui apportaient les travailleurs, presque tous Portugais, qui les avaient péniblement économisées, cette maison se vit dans la nécessité de suspendre ses paiemens : la nouvelle de cette catastrophe se répandit promptement et répandit la terreur dans toute la ville ; non seulement parmi les pauvres dépositaires, mais parmi tous les commerçans intéressés directement ou indirectement dans leurs transactions avec cette maison.

On apprit que, le 8 M. Souto avait demandé à la Banque du Brésil une avance de 200 contos qui lui avait été refusée : le 9 M. Souto demanda encore, mais par voie indirecte, une autre avance de 300 contos, en échange de papiers de commerce qui ne parurent pas à la Banque du Brésil offrir des garanties suffisantes et qui furent refusés. M. Souto dut donc interrompre ses paiemens. Mais on le plaignit, sans le blâmer : l'Empereur lui même lui fit manifester ses regrets et surtout le regret de ne pouvoir l'aider.

La panique à Rio fut si générale et si intense que le peuple se porta en foule dans les environs de la banque Souto, de la banque du Brésil et de la Bourse et son attitude menaçante obligea le gouvernement à envoyer pour empêcher le désordre un certain nombre de troupes qui furent mal reçues.

Ce même jour, 12 Septembre, un paquebot allait partir pour les provinces du Nord : on eut la négligence de ne pas empêcher son départ, et probablement, en répandant dans les provinces la nouvelle de cette calamité, il devait en accroître et en étendre les fâcheuses conséquences. On ignore encore ce que ce retentissement a pu produire.

Dans cette dangereuse et pressante situation, on invoquait l'intervention du Gouvernement Impérial.

Mais de quelle nature pouvait être cette intervention ? On n'était pas d'accord à ce sujet, mais la population peu éclairée ne doutait pas que le gouvernement put prendre la responsabilité de la situation et lui reprochait son inaction.

Heureusement le gouvernement résista à cette pression ; mais il fit encore trop, à mon avis, en permettant par deux décrets successifs :

que la banque du Brésil élevât son émission au triple de son encaisse ;

que les billets de la banque eussent cours forcé et que la banque suspendît le paiement de ses billets en espèces.

Ces dernières mesures, qui ne pouvaient être prises qu'avec l'autorisation du gouvernement, étaient d'urgente nécessité : mais en élevant au triple l'émission de la banque, on ne faisait que discréditer son papier, dans un moment où il était nécessaire de l'affirmer. D'ailleurs comment pouvait on augmenter la somme du papier de crédit, c'est-à-dire, faire un emprunt, dans un moment où le crédit était temporairement suspendu. On peut dire, sans doute, que cette mesure, si imprudente qu'elle soit, remédiait momentanément et falla-

ciusement aux difficultés et que, après la crise, cet emprunt pourrait être facilement soldé.

La banque du Brésil est créancière de Souto pour 14,000 contos de réis. C'est le principal créancier, auquel on prétend confier la liquidation de la faillite.

Mais pourquoi n'a-t-on pas approximativement fixé la somme à laquelle se montait le passif en regard de l'actif de la maison Souto. En présence de ce bilan, on aurait pu se faire une idée de la situation et connaître les causes, au moins prochaines des embarras de cette maison. Serait-il donc vrai que cette situation serait tellement déplorable qu'il valait mieux ne pas la révéler ?

Mais ne peut-on pas se demander aussi comment il se fait que la Banque du Brésil, lorsque depuis fin d'un an, des bruits sinistres couraient sur le compte de la maison Souto, ait fait à cette maison des avances aussi considérables, qui équivalent à peu de chose près à tout l'encaisse de la Banque ?

Est-ce parceque la banque, malgré ou à cause de cette situation voulait retarder cette catastrophe dans laquelle elle craignait d'être entraînée ? mais il y avait lieu, dans cette prévision, de prendre des mesures préservatrices, de communiquer cette situation au gouvernement, de s'adresser secrètement aux principaux négocians ou banquiers...

Peut-être de faibles sacrifices faits à temps, des opérations bien dirigées eussent diminué l'importance ou reculé l'explosion de la crise.

Aujourd'hui, il ne s'agit pas de récriminer, de voir ce qu'on aurait dû prévoir et faire ; mais il faut à tout prix sortir de cette situation, quelque sacrifice qu'il en coûte : mais il importe par-dessus tout de limiter la crise à un caractère commercial, sans compromettre le crédit public et l'Etat.

Les journaux, ou plutôt des correspondents anonymes signalent une foule de moyens : quant à la rédaction elle-même des journaux elle se contente de déclarations, de prévisions sinistres...

Le Journal do Commercio d'aujourd'hui commence par extraire de la Presse un article sur l'émission des banques, sur l'unité, etc., c'est-à-dire, l'examen des systèmes qui n'a pour effet que d'inquiéter ceux qui ne les comprennent pas et de ne rien résoudre sur la question présente.

Mais cette catastrophe de la maison Souto, la crise générale mais cachée qui travaille depuis longtemps le Corps Commercial, à quelles causes lointaines peut-on l'attribuer ?

CRISE COMMERCIALE

II

(17 SEPTEMBRE 1864)

La faillite Souto n'est pas la cause, mais l'un des symptômes de la situation.

Les mesures prises dans ces derniers jours, avec l'intervention de l'Admi-

nistration publique, paraissent avoir calmé un peu la terreur que la faillite de la maison de banque Ant. J. Alves Souto avait répandue, depuis le 10 Septembre dans la population de la Capitale, et probablement dans les parties de l'Empire où la nouvelle s'en est propagée.

1.^e autorisation accordée à la banque du Brésil d'élever son émission au triple de son encaisse;

2.^e autorisation de suspendre le remboursement de ses billets en monnaie métallique; et cours forcé de ses billets jusqu'à nouvel ordre;

3.^e suspension pendant 60 jours, à partir du 9 Septembre, des obligations commerciales;

et liquidation par voie administrative des faillites déclarées.

Ces mesures sont de nature à reculer l'explosion du mal, mais non à y remédier complètement.

L'émission de billets de banque est un emprunt dissimulé qui diminue la valeur du capital flottant, puisqu'il se l'approprie indirectement.

La suspension du remboursement ne peut être que temporaire et l'excès d'émission le rendra plus difficile, lorsque le cours forcé des billets ayant cessé, ceux qui les ont acceptés voudront tous à la fois s'en défaire.

La suspension des obligations commerciales pendant 60 jours retarde la catastrophe des maisons commerciales dont la position est embarrassée, mais comme cette suspension, en les dispensant de payer, les prive de recevoir, elles se trouveront, après cet intervalle, dans la même situation.

Quant à la liquidation, combien de révélations douloureuses n'en vont pas sortir.

S'il n'est pas à propos de récriminer à l'égard des actes qui ont conduit à cette situation, ni à l'égard des personnes qui y ont pris part ou les ont laissés s'exécuter, n'est il pas juste au moins d'accuser d'aveuglement le public tout entier, c'est-à-dire tous ceux qui ont eu une part quelconque directe ou indirecte dans le mouvement des affaires?

La situation actuelle ne résulte-t-elle pas de l'abus du crédit?

N'est il pas évident que la crise se prépare depuis de longues années et que, s'il était impossible de s'en préserver absolument, on pouvait se mettre en mesure d'y faire face?

Qu'on se souvienne de la désastreuse campagne du ministère Souza Franco! de cette multiplication indéfinie des banques d'émission et de la fièvre d'agio-tage à laquelle elle a donné lieu!

Comment a pu être rachetée cette masse immense de billets au porteur?

Quel avantage est-il résulté pour l'industrie de ce mouvement excessif du crédit? S'est-il créé de nouvelles valeurs, de nouveaux capitaux? non: la pro-

duction et l'exportation ont-elles augmenté? non. Où se sont enfouis tous ces prétendus capitaux sans fondement, sans hypothèque, lancés dans la circulation par ceux qui, par un abus inconcevable, par une ignorance sans exemple, ou par une mauvaise foi infiniment coupable, ont fait croire au public que le crédit est capital, ou que la promesse de travail futur est l'équivalent du travail accompli?

Peut-être dira-t-on que ces titres de crédit, si mal fondés qu'ils fussent, ont servi à l'organisation des compagnies de chemin de fer et que, par conséquent, le pays en a profité.

Quelle erreur! ne vient-il pas de sonner aujourd'hui ce quart d'heure de Rabelais où il devient nécessaire de liquider toutes ces opérations, dont le véritable caractère restait caché tant que l'évolution des titres n'était pas achevée? Avec quelles ressources les compagnies ont-elles payé les travailleurs, les matières premières, les dividendes? ces paiements effectués entre les mains des ouvriers, des fournisseurs, des actionnaires, à quoi leur ont-ils servi, sinon à acheter eux mêmes les objets apportés par le commerce. Si les titres avec lesquels se sont faits ces paiements ne représentaient pas un capital réel économisé, les non-valeurs qu'ils recèlent n'ont fait qu'enjamber sur les différentes classes de vendeurs ou de producteurs, mais ils n'ont pas soldé, ils n'ont fait que promettre un paiement. C'est ce paiement réel, effectif que l'on réclame aujourd'hui. D'où tirera-t-on les moyens d'y faire face?

Le commerce du Brésil arriéré dans son exportation depuis bien des années doit au commerce étranger toutes les valeurs représentées par l'excès de l'importation de ce même nombre d'années.

Les capitaux réels économisés, ou fictifs, employés à la création des chemins de fer sont devenus, de capitaux flottans, capitaux fixes, ou pour parler clairement ont absorbé la valeur de toutes les denrées qui n'étaient pas encore payées à l'étranger, faisant ainsi croître la dette, dans une proportion inouïe.

Et quels intérêts a produit cet emploi de ces prétendus capitaux? Le commerce des produits agricoles en a-t-il été amélioré proportionnellement, ou augmenté? Le rapide transport et à meilleur marché du café en a-t-il fait baisser les prix?

Qu'on calcule l'intérêt des sommes employées, et celui qui jusqu'à présent a été recueilli: sans tenir compte des garanties du gouvernement qui, en définitive, en emprunte le montant au public.

Que va-t-il résulter de tout cela? Le commerce d'importation va nécessairement diminuer, jusqu'à ce que les avances qu'il a faites soient rentrées? Par conséquent diminution considérable du produit des contributions indirectes.

Mais les avances faites par les importateurs lui seront-elles payées? Dans un moment de crise, où la consommation se restreint, où les travaux indus-

triels sont en partie suspendus, les consignataires ne vendant pas, ne pourront satisfaire à leurs mandataires et se déclareront en faillite. Le Gouvernement Imperial pourra-t-il, privé des ressources des contributions indirectes sur l'importation et sur les transactions devenues presque nulles, pourra-t-il satisfaire aux engagements que, sur une échelle immense, il a contractés envers l'étranger ?

S'il s'agissait seulement des faillites des maisons d'importation étrangères, la pression serait supportée en partie par le Brésil, en partie par les nations avec lesquelles il est en relations de commerce. Quelques années de bonnes récoltes de café, une grande économie dans l'administration pourraient suffire pour rétablir peu à peu l'équilibre : mais les dettes extérieures de l'Etat, s'il ne peut y suffire, peuvent donner lieu aux complications les plus graves.

La dette intérieure est encore ou peut devenir un grave embarras : puisque les transactions cessant, la monnaie de circulation surabonde, se déprécie à mesure que les prix des denrées augmentent, et n'étant pas convertible en métal ne peut jouer le rôle de marchandise, elle se stérilise sans recours.

Puis si le travail industriel est suspendu, que deviennent tous les travailleurs, comment leur créer des ressources ?

Il était naturel de prévoir dès les premières années de l'Empire qu'en décrétant le cours forcé d'un papier monnaie, c'est-à-dire en fondant la circulation sur un emprunt, il viendrait un jour où il faudrait le payer. Il eût donc été nécessaire d'amortir progressivement cette dette. On a fait le contraire : on a augmenté successivement l'émission, sans réserver un fonds pour les éventualités sinistres.

N. 26.

LES SAVANS.

Le titre de savant comporte une signification bien différente, suivant qu'il est employé substantivement ou comme adjectif. Un savant astronome, un savant physicien, un savant philosophe, un savant historien, peuvent n'être pas des savans. Mais il est bien rare qu'on établisse cette distinction dans le langage usuel, quoique elle réponde à des conditions bien tranchées.

Le savant n'est pas cependant, comme pourrait le faire croire cette expression générale et absolue, celui qui par ses connaissances ou par ses études embrasse l'ensemble ou la généralité des sciences : car, on trouverait facilement des hommes fort savans, infiniment instruits, qui se sont mis, par une application constante et avec une remarquable pénétration, au courant de toutes les sciences, ne sont restés étrangers à aucune d'elles, au point d'être devenus

capables de les enseigner tour à tour avec éclat, d'en exposer les résultats acquis et l'état actuel avec une réelle supériorité, mais qui, malgré tous ces mérites, malgré cette vaste instruction, malgré l'entendue et la force de leur intelligence, ne sont pas néanmoins des savans.

Au contraire, celui qui a mérité le titre de savant, peut être resté dans une ignorance, sinon absolue, au moins relative, à l'égard de quelques uns des rameaux ou même des embranchemens des sciences, en se consacrant presque exclusivement à l'étude de l'un d'elles: il peut arriver même qu'il soit incapable de l'enseigner, de l'exposer dans des leçons orales, non pas seulement parcequ'il lui manque le don de la parole, les facultés oratoires, mais parceque les habitudes et les procédés de son esprit se refusent au développement méthodique des principes dont il a le sentiment et la connaissance acquise ou intuitive, mais dont les formules sont pour lui classées suivant une méthode qui lui est particulière, qui est son invention, et qui ne répond pas à la condition commune des intelligences auxquelles il devait les communiquer.

C'est que, en effet, la marche du savant est bien différente de celle des hommes les plus instruits qui ne peuvent mériter cette première qualification. Sa méthode d'assimilation des vérités scientifiques est presque l'inverse de la méthode commune: il s'est mis en possession, sans doute, des généralités de la science qu'il étudie, mais ce coup d'œil d'ensemble ne l'arrête pas, il recompose la science en partant d'un point de vue limité et spécial, il procède dans sa synthèse non suivant une méthode convenue, mais suivant les procédés que lui suggèrent, dans cette marche pas à pas, les nécessités de ses recherches, ses découvertes successives, la suite pour ainsi dire fatale de ses observations: il s'avance dans une direction qu'il peut prévoir et désirer, mais qu'il ne calcule pas à l'avance et qu'il abandonne si elle ne répond pas à ses espérances nouvelles ou si les résultats obtenus l'entraînent dans une direction contraire ou différente.

Aussi voit-on que la plupart des savans qui ont fait faire à la science de notables progrès, ne sont pas ceux qui se sont contentés de suivre l'enseignement ordinaire, même le plus élevé, et d'accompagner la science à la suite des professeurs ou des savans, mais ceux qui ayant acquis par le contact et l'enseignement de ceux-ci les notions générales, s'élancent isolément, en suivant leur propre impulsion, en se créant une méthode personnelle, en choisissant leurs sujets d'observation, d'expérimentation, dans le champ de la science et se font eux mêmes leur éducation scientifique en procédant à leur gré, appliquant à leurs recherches la méthode que leur suggèrent la nature de leur esprit et les occasions qui se présentent à eux ou qu'ils provoquent et sollicitent.

C'est pour cette raison que je crois que, pour former des savans, il ne suffit pas d'ouvrir des cours aussi élevés qu'ils soient: mais qu'il faut fournir aux jeunes gens les occasions de s'exercer eux mêmes sur des questions définies,

en les traitant dans toute leur étendue et en traitant subsidiairement toutes celles qui s'y rattachent plus ou moins directement : il faudrait encore qu'ils suivissent et observassent la marche que les savans isolés adoptent dans leurs travaux personnels, afin d'y puiser la pratique technique des recherches, sauf à en modifier les procédés.

Sous ce rapport, l'usage de présenter des thèses et de les discuter contradictoirement est certainement fort utile, mais surtout si celui qui les compose ne s'astreint pas aux méthodes usuelles et ne se limite pas à l'exposition d'un sujet, sans lui faire produire tout ce qu'il peut renfermer, même au risque de courir la carrière de l'hypothèse et du paradoxe.

On ne saurait, sans doute, être assuré que les travaux ainsi conduits fussent tous excellens et réguliers : ce ne serait, en définitive, qu'un exercice : mais les efforts qu'il exigerait, la largeur des vues et la liberté des perspectives que cette méthode autoriserait servirait à révéler aux jeunes gens, comme à leurs guides, l'originalité et la fécondité de leur intelligence.

J'aimerais donc à voir choisir comme sujets de ces exercices les questions obscures et douteuses, les erreurs même, avec le droit et l'obligation de les résoudre ou de les poursuivre en toute liberté.

Il est incontestable en effet, que pour traiter dans toute son étendue une question quelconque il devient nécessaire d'en faire d'abord l'histoire, de connaître ce qui en a été dit et tenté, de signaler les essais des autres, d'y montrer ce qu'il s'y trouve de défectueux, d'insuffisant ou d'erroné, de motiver la refutation, de substituer aux anciennes expériences, aux anciennes observations, aux anciennes déductions, de nouveaux faits et de nouvelles conclusions : en présence des faits particuliers contradictoires et pour en déterminer le rôle et la valeur, il faut les rattacher aux lois générales et par conséquent parcourir de nouveau la série des principes que l'on comprend mieux en les appliquant.

N.^o 27.

LES POÈMES HOMÉRIQUES

M. Grôte dans le tome 3.^e de son Histoire de la Grèce (traduction française de A.-L. de Sadous, 1865, que je viens de recevoir) discute longuement la question des poèmes homériques et les théories favorables ou contraires à celle de Wolf.

En le lisant je retrouve des argumens que j'ai vus exposés ailleurs, je reconnais des vues que j'ai depuis longtemps partagées et pour l'exposition desquelles j'ai déjà réuni bien des données.

Ce retour à ces questions me suggère actuellement le devoir d'examiner ces divers points et de voir si je pourrais établir certaines idées que j'ai conçues à ce sujet.

— Il y a d'abord quelque incertitude sur la réalité de la guerre de Troie.

Il me semble qu'en effet il peut y avoir, sinon une fiction complète dans cette légende, au moins une certaine exagération dans l'importance que la tradition a donnée à cette guerre et dans les proportions des forces qui y ont été déployées, du temps qui y a été consacré.

Je ne sache pas que les historiens grecs aient démontré les conséquences internationales de cette guerre, ni même qu'ils aient cherché à lui donner une cause réellement politique; car l'enlèvement d'Hélène n'en paraît pas être une suffisante.

Or, il me semble que la position de Troie à l'entrée de la Propontide et sur la route de l'Asie Caspienne, devait être aux yeux des peuples d'origine Arya, émigrés dès longtemps dans la Grèce, un point qu'il leur importait d'occuper ou au moins de voir occupé par une population ou une dynastie alliées ou de même origine. Il est probable en effet que les races helléniques avaient conservé des rapports avec les races congénères restées dans l'Orient: mais ces rapports ne pouvaient continuer dans les routes de l'Asie Méridionale occupée par des états d'origine différente et hostiles; les Aryas de l'Occident suivaient sans doute la route du pont Euxin, les vallées du Caucase et les bords méridionaux de la mer Caspienne. Mais la Troade, Satrapie assyrienne, fermait cette route; et les Argonautes, durant leur navigation vers la Colchide, avaient eu à triompher des obstacles que les habitants de la Troade et de la Mysie leurs avaient suscités...

Ce fut environ un demi-siècle après cette entreprise des Argonautes, que les Grecs portèrent la guerre contre Troie. On peut supposer que, si l'insulte faite à Ménélas en fut le prétexte, le motif réel dut être d'affranchir le Bosphore...

Telle pourrait être la cause politique de cette guerre célèbre. Mais pourquoi lui en attribua-t-on une différente? Quel fut le résultat de cette guerre? Les Grecs furent-ils réellement vainqueurs? détruisirent-ils Troie? repoussèrent-ils les Asiatiques qui en occupaient le territoire? après cette guerre, les rapports des Grecs avec l'Asie se multiplièrent-ils et devinrent-ils constans?

Les émigrations helléniques, Éoliennes et Ioniennes, qui ne paraissent pas être venues entièrement de l'Europe, semblent être la continuation du courant émigrant de l'Asie... Elles ont lieu après la guerre de Troie et semblent la conséquence de l'affranchissement, du passage du Bosphore...

Des poèmes et des chants furent consacrés à célébrer ces événements.

Un poème sur ce sujet devait être, en effet, pour les Grecs un monument patriotique: non seulement il s'agissait d'un triomphe glorieux contre des

opresseurs étrangers, de venger les résistances que ceux-ci opposaient aux libres rapports des Hellènes avec les contrées de leur origine, mais encore il s'agissait d'une guerre à laquelle avaient pris part ou étaient censés avoir pris part tous les peuples Héliéniques ou tous les chefs de ces peuples.

On ajoutait comme principale cause l'enlèvement d'Hélène, mais je crois pouvoir dire plus loin que cet incident appartient à l'un des élémens de l'Iliade sans y être le principal.

Ce poème national, composé plusieurs siècles après cette guerre et destiné à être récité dans les assemblées religieuses et populaires des Grecs, dut, en supposant qu'il ait été composé d'un seul jet, tel que nous le connaissons, réunir tout ce qu'il pouvait flatter l'orgueil des Grecs : l'importance de la guerre fut exagérée, les exploits des héros démesurément grandis... Il n'est donc pas bien sûr que les événemens qui y sont racontés aient jamais eu lieu. Quoiqu'il en soit, admettons-les comme réels.

Mais ne semble-t-il pas que ce poème est une sorte de copie largement modifiée et améliorée d'un poème dans le genre du Ramayâna : comme s'il y avait eu chez l'auteur un souvenir vague de ce poème, qu'il aurait accommodé à d'autres peuples, à d'autres lieux, à d'autres temps.

Cette princesse enlevée, la divine Sita, etc. etc., bien des épisodes semblent copiés d'un poème dans l'autre...

Or, ici se place la question des poèmes homériques. Si Homère est une personne ? S'il a écrit ou composé son poème entier, ou s'il en a composé séparément les parties ? Si ce poème n'est pas formé de parties diverses, de différens auteurs, composé de plusieurs petits poèmes, épopées ou ballades, réunies ensuite en un seul ? Quelles sont ces parties ? Par qui et à quelle époque ont-elles été réunies ?

C'est à toutes ces questions que répondent les études de M. Grôte et, parmi les ouvrages que je possède, les travaux d'Otfried Müller, Thirlwal, Egger... questions très compliquées et très difficiles.

Pour moi, voici, indépendamment de la lecture de ces derniers auteurs, que je ne possède que depuis peu, ce que je me suis figuré.

Il paraîtrait qu'il exista dès une époque très ancienne sur la côte occidentale de l'Asie Mineure un mouvement religieux et politique très prononcé. Des associations ou corporations sacerdotales y célébraient solennellement le culte des Dieux héliéniques... Il est même remarquable que ces dieux étaient surtout des dieux Aryas, ou de l'Asie NE., tels que Apollon, Diane, la mère des Dieux, comme si le courant de la Chaldée né s'était pas encore fait sentir...

Ces corporations sacerdotales durent conserver, de proche en proche, leurs relations avec les sanctuaires de l'Orient Arya, à travers la Phrygie, l'Arménie, la Médie jusqu'à la Bactria. De sorte que la tradition ne se trouva pas interrompue. Ce fut autour de ces sanctuaires de la côte de l'Asie Mineure Ionienne

que se réunirent à certaines époques, pour y célébrer des fêtes, beaucoup de députés des populations grecques, de toutes cités et des dévots de toute origine Hellénique.

Dans ces fêtes, de Junon à Samos, d'Apollon à Delos, de Diane à Ephèse, etc., on récitait des hymnes composés pour ces dieux et des ballades ou poèmes à la fois historiques et religieux, mais qui intéressaient à la fois tous les grecs et où figuraient tous les Dieux.

Ces poèmes récités ou chantés étaient divisés en parties, suivant le nombre des jours que durait la panégyrie..... De ces poèmes, les uns célébraient les gloires de tel héros, flatterie pour telle ville ou telle contrée: un autre, tel autre héros, également pour flatter telle autre ville...

Il en résulte donc une suite de poèmes dont la collection, entre les mains des prêtres qui les avaient composés et des rhapsodes qui les apprenaient par cœur et les recitaient, formaient un vaste ensemble. On put en retrancher quelques uns: d'autres demeurèrent et furent rapprochés...

Telle fut l'Iliade... où se trouve un poème à la louange d'Achille et où semble avoir été placé dans le principe un autre poème sur Agamemnon, qui plus tard fut retranché ou mutilé..... puis d'autres sur des héros secondaires...

Plus tard, sous Solon, puis sous Pisistrate on en fit la révision: peut-être y fit-on de nouveaux retranchemens que le patriotisme local exigeait.

Un décret de Pisistrate auquel il est fait allusion, me paraît se rapporter non à la transposition prohibée des chants, mais à leur récitation suivie, dans l'ordre logique chacun des jours de la panégyrie des Panathénées...

N.º 28

ANTIGUIDADES AMERICANAS

(FRAGMENTOS)

A questão tão frequentemente debattida desde a epocha da conquista do Novo Mundo pelos Europeus, da origem das nações indígenas que os Hispanhoes alli acharam estabelecidas no isthmo intercontinental da America, e de posse de uma civilização relativamente muito adeantada, deu occasião ainda nestes ultimos tempos a investigações e a hypotheses tão numerosas quanto discordes entre si.

Os primeiros exploradores colheram da bocca dos Indios e nos-transmitiram em relações, das quaes muitas por largo tempo ficaram desconhecidas ou ineditas, informações preciosas e assaz detalhadas, que revelaram nestas populações a existencia de tradições historicas, de crenças religiosas, de usos e costumes que se tem querido comparar com os de povos do antigo continente:

O estudo progressivamente mais attento de todos estes elementos, o achado de documentos novos e de monumentos de architectura e de esculptura, permittiram recommençar com ardor novo, com methodo mais rigoroso e mais probabilidades de éxito, no fim do seculo passado e no principio d'este, o exame das fontes da historia do Mexico e da America Central. Grandes collecções, magnificas publicações, trabalhos de mérito incontestavel forneceram-nos materiaes d'ora ávante assaz completos para o estudo da archeologia mexicana.

Nestes ultimos annos, um sabio viajante e philologo, o sñr. Brasseur de Bourbourg, publicou em obras dignas da admiração e do reconhecimento de quantos se interessam por estas questões pesquisas cheias de novidade, applicações engenhosas, inesperados descobrimentos fundados no conhecimento profundo das línguas d'estes povos, em documentos indigenas até então sepultados nos archivos publicos ou em collecções particulares, e na appreciação conscienciosa dos factos e informações que elle proprio colhera em suas viagens.

Está porem resolvido o problema? Os sabios, que por ultimo o tractaram, têm por ventura consciencia e certeza de haverem definitivamente esclarecido as duvidas, ou pelo menos de haverem indicado com precisão o caminho por onde deve a sciencia marchar d'ora em diante?

Não ousaremos affirmar o contrario, mas longe estamos de crer que os resultados d'estas tentativas, não obstante a erudição desenvolvida, a sagacidade dos investigadores e a coragem de seu commettimento, correspondam ás esperanças que havia direito de conceber. A que causa attribuir-se semelhante insufficiencia?

Talvez ao methodo seguido no aproveitamento de tão preciosos materiaes, e ao emprego prematuro das generalizações em conhecimentos tão pouco elucidados nos seus pormenores. A sciencia historica, antes de proceder por traços largos, confia á critica minuciosa e paciente o cuidado de preparar os elementos que ella deve aproveitar, de discutir-lhes o valor e a authenticidade. Verdade é que esta critica não interessa ao publico em geral, mal preparado para segui-la em suas laboriosas investigações e incapaz de apreciar as difficuldades e o proveito de similhante trabalho; mas por mais modesto que seja o seu papel, e por pouco interessante que ella pareça em relação ao historiador, não deixa de ser o seu auxiliar indispensavel, que o guia e o anima, que o detem nos seus transviamentos, condu-lo á verdade quando elle a-exquece ou desconhece; finalmente reserva para si o direito de censura-lo, quando elle, caminhando só e apartado dos seus conselhos, se aventura sob pretexto de philosophia ou de inspiração prophetica nos caminhos do erro ou do paradoxo.

O que saberíamos nós hoje, já não digo dos tempos antigos mas dos dous ou tres seculos que precederam o nosso, e até dos acontecimentos contemporaneos cujas circumstancias vemos contestadas todos os dias, si, no silencio do

gabinete, no meio das memorias especiaes, dos diplomas, das correspondencias particulares, a mão vigilante do critico não procedesse ao exame e á verificação dos testemunhos assim como á sua interpretação, para contestar ou apoiar as afirmações do historiador?

Pelo que respeita á origem e á historia da civilização nas nações indígenas da America, — não tendo nós ao nosso dispor sinão materiaes relativamente pouco numerosos, que deixam subsistir entre os factos grandes lacunas, e que não adquirem todo o seu valor sinão após um exame escrupuloso e mediante uma confrontação judiciosa, — como seria possivel sem perigo arriscarmo-nos a esboçar um quadro formado de elementos confusos, por vezes contradictorios, frequentemente duvidosos, sempre insufficientes?

O barão Alexandre de Humboldt inaugurou em archeologia americana o methodo que parece mais convir a este genero de trabalhos. Formado na eschola dos Heyne, dos Böckh, e sem duvidá guiado tambem por seu sabio irmão Guilherme, grupou elle em curtas monographias em torno d'um monumento, d'um facto, d'uma lenda, para interpretar-lhes o sentido e descobrir-lhes o alcance, todas as noções que podiam explica-los. Assim é que essas dissertações, si bem redigidas em epocha anterior ás explorações que deram á sciencia documentos novos, ficaram sendo um guia seguro e um modelo; excitaram o zelo dos sabios, contribuíram para divulgar o gosto d'estes estudos e firmaram conclusões inatacaveis que servem ainda de ponto de partida a quantos se-empenham neste genero de pesquisas tão curiosas quanto difficeis.

Todavia o seu exemplo não foi bastante seguido, julgaram-n'o até com severidade (por ex: d'Eichthal), e, cousa notavel, enriqueceram-se as collecções e os musens de abundantes monumentos Americanos, com cuja interpretação bem pouco se-preoccuparam.

O sñr. Brasseur rehabilitou estes estudos imprimindo-lhes character de grave e profunda discussão. Os diversos trabalhos que ha cerca de 10 annos elle publica encerram e vulgarizam preciosos thesouros: possue elle evidentemente todos os predicados, todos os conhecimentos, a curiosidade e a sagacidade que caracterizam o historiador critico. Todavia, estudando estas mesmas obras, que fazem a sua gloria, a *Histoire des nations civilisées du Mexique*, a *Introduction au livre sacré des Quichés*, e a memoria sobre as *Sources de l'histoire du Mexique*, eu pude reconhecer que o seu auctor formulara hypotheses cuja ousadia excede em muito o que eu acreditara possivel e licito tentar. Em todas ellas o sñr. Bourbourg, depois de ter successivamente procurado a origem da civilização americana entre os Scandinavos, os Carthaginezes, os Phenicios, os Carios, e ultimamente no Egypto, não duvidou renovar as velhas hypotheses sobre a Atlantide, fazendo assim intervir noções tiradas de uma fonte duvidosa e paradoxal para resolver um problema erigido de mysterios.

Não se-contentando com recolher para seu uso todos os documentos de

que pretendia aproveitar-se, o *sñr* Brasseur apprehendeu e propõe se a continuar a publicação d'elles, querendo d'est'arte ministrar aos seus leitores o meio de verificar as deducções e a oportunidade de tentarem elles mesmos a interpretação. Generoso e louvavel proposito sem duvida, de que a propria sciencia se-deve prevalecer! Quem pode com effeito lisongear-se, em pesquisas tão vastas, de abraçar com um lancear d'olhos todo o conjunto e todos os pormenores, de fazer surgir todas as consequencias, de se-não deixar arrastar pelas preoccupações do momento a apreciações temerarias, a comparações sem base, e de manter-se em surruna, sem fraquear um só instante, nos estreitos limites que impõe a critica?

Mas evitou todos estes escolhos o *sñr* Brasseur em suas obras? Elle mesmo o-não querera affirmar. Suas primeiras tentativas, a principio timidas, successivamente se-foram affirmando, e seus derradeiros trabalhos, onde elle eleva a vista a alturas perigosas, demonstram assaz que o auctor se-entregou com enthusiasmo por vezes arriscado ás concepções de seu espirito generalizador. Sem formular uma conclusão definitiva ou pelo menos provisoria, elle parece trazer de novo ao debate tudo o que antes affirmára, e o leitor, mais surpreso do que convencido, chega a temer o risco de abraçar um dos varios systemas que o auctor fez successivamente prevalecer, e que elle de cada vez defendeu com talento notavel e copiosa erudição.

Assim é que na dissertação ou ensaio que precede a sua traducção da obra de Landa sobre as cousas do Yucatan, e sobre as fontes da historia primitiva do Mexico e da America Central &c, elle não recusa indicar no proprio titulo que procura estas mesmas fontes nos monumentos egypcios, e que pretende refazer a historia primitiva do Egypto segundo os monumentos americanos.

Não seremos de certo demasiado severos, apunctando como um paradoxo esta formula ambiciosa.

Mas um paradoxo de mais ou de menos, dir-se-ha talvez, não prejudica, quando se-tracta da America — campo fertil em que todas as imaginações trabalharam desde o XVI seculo.

Pela nossa parte lamentamos ver o *sñr*. Brasseur enveredar por este caminho, ou pelo menos, manifestar suas recentes convicções de modo tão absoluto. O Egypto antigo, apezar de tantos esforços laboriosos, ainda não é perfeitamente conhecido dos sabios que o-exploram ha muitos annos: a America mal desvendada agora á sciencia alguns d'estes mysterios, de que o *sñr*. Brasseur foi o mais completo iniciador, mas que só parcialmente poudo lobrigar. Como pois esperar-se que as trevas reunidas á obscuridade possam produzir a luz?

Sem procurar no character ou no merito pessoal do illustre americanista a explicativa da illusão singular a que se-elle entregou, nós não n'a-attribuímos sinão ao methodo, engenhoso e seductor é certo, mas tambem enganador, a que se-ateve. Nestes quadros geraes, em que elle passa revista a varios objectos

que o artifício da composição associa e confunde, em que uma idéa complexa deve achar-se encadeada a outra idéa do mesmo grau, sob pena de romper a harmonia do plano, é bastante, difficil sinão impossivel levar em conta particularidades contradictorias e lacunas que a falta de informações sobre o assumpto interpõe a cada passo entre as noções exactas e as que o não são.

Este methodo, satisfactorio para fazer resumos em que se afasta a discussão por que elles não são destinados sinão á instrucção do vulgo, ou appropriado á exposição de uma sciencia já feita e madura, não poderia ser sinão perigoso quando se applica á construcção de um edificio, cujos elementos todos, alem de raros e incompletos, não puderam ser experimentados, medidos quanto ao seu valor relativo, e que superpostos com apparencia de ordem e de elegancia não resistem ao menor abalo, como poderiam fazer si fossem accumulados sem pretensão á symetria.

A sciencia da antiguidade americana, a nosso ver, não attingiu ainda ao ponto de madureza a que chegará um dia sem duvida com o poderoso auxilio do sr. Brasseur. Ella não está bastante segura de si mesma para caminhar com o passo da historia classica de Athenas, ou de Roma, as quaes aliás reclamam todos os dias o soccorro da erudição paciente para esclarecer-se no meio dos obstaculos e das duvidas que as embaraçam: não têm mesmo todos os recursos de que dispõem os que com estudo laborioso e difficil avançam lentamente no campo das antiguidades do Egypto, da Assyria e da India.

Ora, qual é o methodo por estes seguido? Cada pormenor é para elles objecto de um trabalho especial, e legando ao futuro suas memorias e dissertações, que o publico pouco lê na verdade, preparam, para os que as reunirem e generalizarem um dia o espirito e o alcance d'ellas, uma conquista segura e duradoura, da qual terão sido generosos e intelligentes cooperadores.

Foi este o processo que o sabio A. de Humboldt adoptou na composição das suas *Vues des Cordillères*, obra que, sem ser a primeira em que se interpretaram os monumentos indigenas da America, deu todavia o impulso e indicou o caminho aos trabalhos posteriores.

É pois por este modelo, repito, que se devem guiar os estudiosos da antiguidade americana, e guardemos as considerações de synthese para quando houvermos esgotado pacientemente a investigação e a analyse dos factos particulares.

Demais parece-nos que a questão deve ser circumscripta em limites menos extensos do que pretendeu o sabio sr. Brasseur. Não se tracta com effeito de determinar quaes são os povos do velho mundo que puderam conhecer ou frequentar as costas da America; neste caminho poder-nos-hiamos entregar a conjecturas impossiveis de destruir ou de confirmar de modo absoluto, e que portanto deixariam o campo da discussão eternamente aberto, sem resultado proficuo para a sciencia. Tracta-se antes de procurar nos usos, nas crenças

religiosas, nas tradições e lendas dos povos americanos pontos de semelhança com as de outras nações.

Foi neste intuito que reuni algumas curtas dissertações sob o título de — *Tradições, lendas e monumentos relativos á Historia do Mexico* — . »

Parece que, de accôrdo com estas idéas, o seu trabalho tinha de comprehender seis dissertações especiaes, segundo se-depreheende de um esboço que acho juncto a esta introdução, e que transcrevo textualmente :

1. « Opiniões e tradições dos indigenas sobre sua origem estrangeira. — Opiniões varias dos sabios sobre a região e o povo d'onde provieram. — Não obstante esta divergencia, pode admittir-se uma corrente principal de immigração e uma corrente secundaria. — Exame da opinião que attribue aos Scandinavos uma parte importante na civilização e população da America Central. — De Volan, seu papel entre os Scandinavos e entre os Americanos.
2. Da communhão de origem, preconizada por elles mesmos, de algumas tribus de indigenas, cujos idiomas, usos e religião apresentam contudo differenças. — Toltecas, Chichimecos, Aztecas.
3. Do Teo-Amoxtli, do Popol-Vuh : dos livros sagrados em geral : referem narrativas de acontecimentos occorridos no paiz de origem, mas cujas circumstancias vieram a ser localizadas no paiz de immigração, ou por se-haverem esquecido as tradições, ou por espirito de nacionalidade. — Exemplos tirados dos poemas e livros sagrados do velho mundo : a Biblia, os dramas hieraticos da Grecia... os poemas Scandinavos & Armenios. Indos. Persas, Polynesios, &.
4. Da tradição do diluvio : por que via transmittida aos Mexicanos. — Si as circumstancias referidas pela tradição indicam origem judaica ou christian. — Origem hindou.
5. Dos pretendidos vestigios do Christianismo na America. — Cruz, communhão, confissão, &.
6. Da analyse dos nomes proprios de logares e de pessoas para descobrir as origens da população indigena. — Phonetica e hieroglyphica mexicana. — Da transcripção das palavras estrangeiras em um idioma privado de certas articulações. Diversas etymologias.

a). « As tradições conservadas pelas nações da America Central e do Mexico indicam não só immigrações successivas de povos vindos de paizes longinquos, mas parecem concordar em attribuir a estas levas de colonos uma origem commun.

Entretanto, si se-ponderam, á parte as exaggerações do espirito de systema, as analogias que foram notadas desde muito tempo entre os povos do Novo Mundo e algumas nações do velho continente, parece necessario admittir que

povos oriundos de pontos muito afastados uns dos outros, e cuja civilização offerece characteristics mui diversos, se-deram encontradouro em epocha muito remota, e definitivamente se-fixaram no grande isthmo da America intertropical.

Ora, seria difficil acreditar que esta affluencia de nações diversas tenha podido realizar-se sem que se-tivesse divulgado no antigo continente o conhecimento do paiz para onde se-passavam, pois que só o facto de semelhante diversidade, si o transporte dos colonos se-fez não por acaso, mas com um intuito determinado, indica que a noção do paiz para onde emprehendiam suas viagens se-havia derramado em cada um d'esses povos. Fôra portanto extraordinario tambem que semelhante noção tão divulgada escapasse aos historiadores do velho mundo.

« Cumpre acceptar de duas uma: ou que o povo, que em varias epochas mandou colonos para America, era composto de elementos diversos e já apresentava no paiz de sua origem a mixtura de elementos semiticos, arianos, mongolicos, chinezes, etc.; ou que colonias semiticas, arianas, &c., successivamente se-transportaram para a America, dirigidas pelo conhecimento que haviam adquirido da existencia do novo continente.

Tracta-se nos livros sagrados e nas tradições da America Central da chegada de estrangeiros ás costas orientaes ou occidentaes do isthmo americano. A lembrança d'estas immigrações é indicada pela expressão.... cenial (?) e... anial (?) — grande e pequena descida.

A grande descida, ou a chegada de grande numero de estrangeiros é aponetada como feita nas praias do mar do sul, sobre a costa occidental da America.

A pequena descida, immigração menos numerosa, se-refere ao fundo do golfo do Mexico, entre o Yucatan e o rio Pamico.

b). Depois de ter procurado demonstrar que cumpre procurar na Asia a patria primitiva das nações civilizadas do Mexico e das regiões visinhas, resta determinar em que parte da Asia se-deverá fixar a sua ultima residencia.

Resulta para mim do exame das tradições, das crenças religiosas, dos usos, de algumas indicações linguisticas e da comparação de nomes proprios de homens e localidades, que os antepassados dos Toltecas e Aztecas occupavam as regiões do alto Indo e desceram successivamente, até á foz, seguindo o curso d'este rio: que estes antepassados compunham nesses mesmos logares uma nação mesclada de elementos varios, indigenas ou não, representantes das diversas civilizações que a conquista estrangeira havia em differentes epochas transportado para estas regiões. Assim se-explicam os vestigios da influencia assyrica, persa, mongolica e hindou que se-aclam no culto, nas artes e nos idiomas do isthmo americano: podem-se até descobrir os signaes de uma antiga civilização espalhada na Asia meridional, entre o Tigre e o Indo, civilização

que depois de haver percorrido phases diversas, transportou-se em differentes direcções e deixou um cunho profundo nas populações da India do N.O.

Vê-se pois que, segundo estas considerações, para attribuir a uma origem determinada as nações da America Central, necessario se-faz remontar ás epochas longinquoas da historia do velho mundo e até discutir algumas das questões ainda obscuras que se-referem a essas epochas. »

c) Um povo, errante a principio nas planicies da alta-Asia, tendo descido depois para as regiões meridionaes onde occupa as cadeias de montanhas, e finalmente estabelecido nos primeiros seculos da era christan desde as bocas do Indo até os valles de Cachemira, — vivendo no meio de nações que o-consideram como barbaro em razão de sua lingua, de seus costumes e de suas crenças religiosas, exposto assim a revoluções, guerras e invasões que deveram muitas vezes obriga-lo a transportar seus estabelecimentos para logares novos e a emprehender longas e perigosas peregrinações, — este povo de origem estrangeira poudo conservar os traços de sua origem e as crenças dos seus maiores, não obstante suas mesclas successivas com os indigenas dos paizes onde successivamente se-fixaram e apezar da influencia exercida pelos idiomas, pela religião e pelos usos d'estes mesmos paizes.

E com effeito entre os povos barbaros que as tradições se-mantem com mais perseverança sinão mais estabilidade. Pode fazer-se a historia das religiões buddhica e brahmanica, das da Grecia, do Egypto e da Assyria, mas não se-poderia fixar a epocha do nascimento do fetichismo, cuja origem parece perder-se nas primeiras edades do mundo.

Ora, em seu estabelecimento nas regiões do Indo, as tribus turcas ou tou-rianas, ás quaes se-dá o nome de Indo-Scythas, deveram submeter e assimilar, não as populações arianas cuja divisão em castas excluia os barbaros, mas as tribus errantes, os montanhizes restos dos Cephénios...

Na Asia occidental os grandes imperios da Assyria, da Media, de Baby-lonia e da Persia estyleram sempre expostos, sinão a continuas mudanças (pois que os usos, as crenças e as proprias linguas se-conservaram intactas apezar das revoluções e das invasões por que passaram), pelo menos a influencias constantes da parte dos povos estrangeiros.

O mesmo não acontece com a Asia Oriental: salva a conquista da India pelas tribus arianas, é sempre a populações das mesmas localidades que se-devem attribuir as diversas mudanças.... Os Brahmanes, tão negligentes de sua propria historia, mal conservaram e transmittiram de modo vago sob o véu da allegoria as noções que acaso alcançaram sobre as populações indigenas; e estas, sem outros annaes alem da tradição, se-perpetuaram em estado estacionario de meia-civilização, apezar de suas revoluções e emigrações...

Não é pois extraordinario achar nos tempos anteriores á conquista arabe

tribus cujos costumes, linguas e religião parecem pertencer a uma epocha muito mais antiga...

Os Indo-Scythas, vindos da grande e pequena Bouckaria, confundidos com os montanhezes das margens do Indo, offereceram talvez em sua civilização muitos traços pertencentes ás antigas populações da Asia Oriental, cuja historia mal conhecemos por alguns factos isolados. »

d) « As cosmogonias, taes como as expuzeram em seus livros religiosos ou historicos as nações do velho e do Novo Mundo, têm evidentemente uma fonte commum, que é a tradição.

As coincidencias e analogias d'estes systemas não é licito explicar sinão por emprestimos, porque é impossivel admittir que a imaginação de povos differentes se tenha encontrado casualmente de accordo em suas concepções phantasticas; e como esta divisão das edades do mundo e suas regenerações successivas em consequencia de revoluções naturaes operadas na mesma ordem, pelos mesmos elementos, não repousa sobre dado scientifico algum, tambem se não pode acreditar que similhante conformidade dependa de observações dirigidas no mesmo sentido e chegando aos mesmos resultados.

Com mais razão se-poria em dúvida a origem commum dos systemas chronologicos, cujas similhanças poderiam em rigor ser consideradas como provenientes da applicação espontanea dos mesmos methodos para dividir o tempo, cuja medida tem por base a marcha dos astros que illuminam todas as partes do nosso planeta.

Mas onde collocar o berço d'esta tradição sobre a divisão das edades do mundo, transportada com outras lendas, que tambem nos-espanta encontrar nesta parte do mundo, accostumados como estamos a considera-la isolada e desconhecida até a epocha do seu descobrimento por Christovão Colombo? »

e) Tenho ou julgo ter já demonstrado que algumas tradições conservadas pelos indigenas da America Central foram para alli transplantadas passando pela India; que raros mas importantes testemunhos tirados dos monumentos americanos parecem affirmar que o culto de Vichnou e um buddhismo degenerado de mixtura com outros cultos formam o fundo da religião dos antigos mexicanos; que entretanto a raça que occupava a região central e occidental do Novo Mundo não se-filia nem pelos characteres physicos nem pelo conjuncto dos idiomas a um ramo da familia aryana ou hindou propriamente dicta.

Agora julgo poder procurar entre as populações de origem estrangeira, que invadiram e occuparam durante os seculos visinhos do começo da era christan as regiões situadas nas duas margens do Indo (entre sua foz e o curso do Oxus), os antepassados das nações civilizadas do Mexico e da America Central, emigradas com intervallos successivos em virtude das revoluções profundas por que

passou a Índia N. O. entre a epocha das conquistas de Alexandre e a da invasão musulmana.

Tracta-se aqui d'esses povos de origem turca, mongolica ou thibetana, conhecidos pelo nome de Indo-Scythas, que fundaram um grande imperio sobre as ruínas do reino grego da Bactriana, que invadiram a Cachemira, uma parte da Índia, o Caboul e o Afghanistan, onde se acham ainda hoje vestígios de seu dominio.

Expostos durante sua occupação aos ataques dos povos nomades, Onigours, Turcos, etc., deveram elles na epocha da conquista recalcar as tribus indigenas, que formavam no Sindh e no Dekkan principados mais ou menos independentes, isto é, esses Djats estabelecidos desde era remota (talvez anterior á chegada dos Aryas) em toda a extensão da Índia Septentrional, entre as fronteiras da Persia e as boccas do Ganges.

Expulsos então de seus territorios pelos Indo-Scytas, e embora descendentes do mesmo tronco, os Djats do Pendjab, navegadores e piratas, provavelmente emigraram para o sul passando para as costas do Malabar, para Ceylão e para as ilhas do Archipelago.

Esta primeira corrente de emigração deu lugar sem duvida nos paizes invadidos a movimentos de populações no sentido opposto aos dos invasores: estas seguiram então para S. E. e L., e é talvez d'essas tribus mixturadas successivamente com povos de raças diversas que saíram as populações da Polynesia..... »

f). As nações do Mexico e da America Central designavam como patria de seus maiores communs uma terra muito afastada, situada alem dos mares, por nome Tlapallan ou Hue-hue-Tlapallan.

Esta designação parece referir-se, não a uma região limitada, mas a um conjunto de paizes, a um vasto continente percorrido durante muito tempo pelas populações, d'onde provieram as da America, e onde ellas viveram successivamente na paz e na abundancia ou expostas aos ataques e perseguições de poderosos inimigos.

Foi d'essa grande terra que os povos vindos para a America se-exilaram, em consequencia de revoluções e de conquistas, em differentes epochas, seguindo o caminho indicado por emigrações anteriores, conservando os nomes que distinguiam suas raças ou suas tribus, e applicando ás localidades os nomes das que haviam abandonado, ou fôsse para perpetuar a recordação da patria, ou por analogias que descobriram entre o aspecto, o clima e as produções de suas antigas e novas residencias, como habitualmente fazem todos os emigrantes.

Qual será pois esta terra longinqua, d'onde saíram em epochas diversas os Chichimecos, os Nahuas Toltecos e Aztecos, os Tutul-Xiu, isto é, as nações que transportaram para a America os elementos da civilização que os Hispa-

nhoes ainda encontraram na occasião da conquista? Qual é esse Tlapallan — vasta região em que a tradição colloca as varias Tula fundadas pelos Toltecos, o reino de Xibalba contra o qual tiveram de sustentar porfiada lucta, o Mictlan (morada dos mortos) representado em suas recordações como o paiz onde tinham succumbido seus antepassados, onde haviam ficado sepultados, e onde deviam depois da morte reunir-se os seus descendentes transportados a outros climas; — região ainda em que se achava a cidade sagrada de Colhuacan, poncto de peregrinação dos Colhuas, de uma raça de serpentes que ali celebrava um culto mystico em templos ricamente decorados, e esse paiz de Aztlan, d'onde se-projectaram os derradeiros enxames da grande familia Nahuatl, que vieram fundar no México a poderosa monarchia dos Aztecos?

Tlapallan ou Huehue-Tlapallan, isto é, a antiga, a antiquissima Tlapallan, designa uma terra sagrada situada em regiões muito septentrionaes (Introd. ao P. V. p. LXIV); terra dos antepassados, berço primitivo da raça americana (Ibid. p. LXIII e not. 3), ella não é uma cidade mas um vasto paiz (Brass. Ann. pph. chr. 7.^{mo} 55. p. 201. e Pop. V. p. LXIII e not. 3.), cujo nome parece significar — terra colorida dos antigos, terra das cores das cousas preciosas, ou das cousas que dão cor —, ou — terra nobre, dos nobres —, em sentido mystico segundo M. Aubin.

D'este paiz saíram os Toltecos, e sem duvida foi para conservar a lembrança de sua origem que elles deram a uma cidade fundada nas costas do Pacifico, talvez na epocha de sua chegada, o nome de Tlapallan-tzinco — a cidade dos homens, vindos de Tlapallan (P. V. p. CLIX) — e a uma região, quizá a mesma, chamada Tapalan por Alvarado, situada no interior, a 15 dias de viagem de Guatemala, e cuja capital ornada de grandes edificios era tão importante como Mexico (2.^a ch. de Alvarado a Fern. Cortez em Ternaux. Collecç. X. 147).

O Huehue-Tlapallan recebêra em epocha remotissima, que o sr. Brasseur avalia em 30 seculos antes da nossa era, uma emigração de tribus ás quaes se dá o nome de Chichimecos (P. V. LXV. Palavra vinda, segundo Betancourt, de chichi-cão — chichime no plural.), população barbara de caçadores, designados tambem como chichimecos — Quinamés, gigantes, de costumes dissolutos (P. V. LXXIX. no plural Quinamatín), e apellidados no Mexico Tzocuilhoxime (ib. LXVIII).

Foi em Huehue-Tlapallan que se-reuniram os sabios ou astrologos, que reformaram o calendario e ajustaram o anno do equinoxio da primavera (ib. CXII).

Ora, como o paiz de Tlapallan era a patria de seus antepassados, que alli haviam morrido, e cuja morte fôra até consequência de guerras desastrosas, bem pode ser que o confundissem com esse Mictlan, terra dos mortos, que era considerado como os Campos Elysios, o Tartaro d'elles (ib. CXXVIII).

g) O velho se apraz em lembrar as alegrias da mocidade, e, si vive no exílio ainda que voluntário, ama a recordação de sua pátria, que elle aspira tornar a ver, cujos esplendores e cujas doçuras exalta, e das quaes faz a seus filhos uma pintura deliciosa; estes por sua vez a-transmittem aos seus descendentes com as côres novas e maravilhosas que lhes-inspiram a sua imaginação e o seu amor filial.

O mesmo succede aos povos transportados ou por emigração espontanea ou por causas violentas para longe do paiz de sua origem; a terra dos antepassados da raça se-lhes-torna objecto das lendas sagradas; descrevem-n'a então sob um nome mystico, por vezes tirado de lingua estrangeira, como fua morada deliciosa onde reinam a abundancia, a paz e a felicidade, e finalmente fazem d'ella o ultimo refugio que os seus Deuses lhes-reservam depois da morte.

D'est'arte na lingua sagrada a antiga pátria se-converte na morada dos Deuses, em um Paraíso, onde viveram na idade de ouro homens dotados de belleza, força e virtudes; seus descendentes perderam tão grandes privilegios por haverem offendido os Deuses, mas espera-se que tornarão a ser recebidos na mansão dos bemaventurados os que obtiverem o perdão dos crimes de seus maiores ou merecido por suas virtudes e piedade a benevolencia e a protecção dos mesmos Deuses.

A par d'este Paraíso, que deverá ser a recompensa dos bons, collocam as lendas um lugar de exílio e de castigo, para onde irão expiar suas faltas os que viveram no crime e desconhecaram os Deuses.

Encontra-se nas tradições dos povos da America central e do Mexico mencionada sob nomes diversos uma região feliz, uma especie de Paraíso, onde parece collocado o lugar de sua origem, e para onde acreditavam que seriam de novo transportados depois da morte.

Esta região fabulosa tem os nomes de :

Tlalocan, Tamoanchan, Tonacatepatl, Omeyacan, Kamuhíbal, Teocolhuacan, — os quaes todavia não são inteiramente equivalentes.

(Seguem-se notas sobre cada um d'estes nomes :)

— O Tlalocan ou morada de Tlaloc, deus da agua (Humb. Vues, 2, 92), da abundancia, é uma terra fertil, um jardim delicioso, situado no meio de montanhas; alli residem os Tlalocas (Brasseur, Hist. III, pg. 496-497. — Id. Introd. ao P. V. p. CXXI, CLIII, LVII, e passim v. o Indice). Cf. Savila (sanscr.), Haverá (zend) — terra da producção, do nascimento, da vida (Obry. p. 121).

É a terra dos bemaventurados, aonde vão ter as almas depois das provas infernaes, e onde brilha o dia, quando as trevas cobrem a terra dos vivos.

Este deus Tlaloc ou Tlaloteuctli — senhor do Tlalocan — era representado com uma tromba Cf. o elephante de ouro, d'onde sae o Indo (Introd. au

Siyuki. t. 2. p. LXXIV): cf. Ganesa (Sonnerat. Bertrand): cf. Pollear, deus do casamento, com cabeça de elephante e basto ventre (Sonnerat. l. 76) que parece ser o lingam (Id. p. 81).

Suas festas sollemnes se-celebravam nos mezes de Fevereiro, Março e Abril, epocha de sêcca.

Como divindade que presidia á fecundidade, Tlaloc pertencia á mythologia Nahuatl.

Sua mulher, chamada Xochiquetzal — loque de flores — (v. a mulher do ramalhete de lotus, em Steph. e d'Eichthal), ou Chalchiuhyé — sãia matizada de esmeraldas — era uma deusa das aguas (Brasseur. Hist. t. III. p. 491). Cf. Ardouissour. Nanaia. a deusa Ganga.

Collocavam-n'a nas regiões primitivas de Tamoanchan: ella habitava os jardins de Xochitlycacan, situados no nono Céu, regados por fontes de agua limpida, e alli vivia cercada de anãos, concundas, histriões. Era pois, ãa estancia de prazeres e de alegria. Cp. o valle de Kashmira.

Essa Xochiquetzal, que era formosíssima, foi raptada, e depois d'este acontecimento succedeu-lhe Matlalxueyé como esposa de Tlaloc.

— Tamoanchan era o nome dado pelos Mexicanos á região onde collocavam o Paraíso, e onde se-goza do mais bello céu (Brasseur. Ann. phil. chr. 4.^a s. t. 12. p. 480).

D'esta terra afortunada tinham vindo os antepassados da raça Culhuaca e Nahuatl para as praias do mar oriental, onde desembarcaram ou para ir á terra de Papuhá como fizeram os Ulmecos e Xicalancos, ou para seguir ao longo da praia até a região feliz de Tamoanchan (Ibid).

Cucumatx, que parece ter de lá vindo, volta depois de haver descoberto em Tonacatepatl uma população agricola que cultivava o milho (Brass. Intr. au P. V. p. LXXXIV).

Este nome de Tamoanchan significa segundo Sahagun (Hist. gen. de las cosas de N. España. Prolog. p. XVIII): — procuremos nossa morada —, ou — vamos para nossa casa —; mas Brasseur duvida d'esta etymologia e diz que fôra necessario para isso ler Temoanchan (Brass. t. I. p. 59. nota).

Neste paiz se-acha uma cidade de Thula.

Este Tamoanchan é no ritual mexicano um verdadeiro Paraíso terrestre, chamado em virtude de suas delicias Xochitlycacan (— lugar onde as flores estão de pé —). Foi lá que se-acharam reunidos os grandes deuses depois da inundação; não podendo entender-se, se-separaram, indo uns para o lado da terra de Anahuac... e outros para Xibalha, indicada aqui com nome de Mictlan, onde reinavam Mictlanteuclí e Mictlancihuatl, mais tarde considerados divindades na região dos mortos (Brass. Hist. t. 3. p. 485).

Compare-se, pela similhança do nome, Tâmasavana — floresta sombria ou obscura —, onde se-achava o convento buddhico chamado Djalandhara, situado

no reino de Kanichka, e onde se reuniu o 3.º (4.º) concílio no tempo d'este rei (Viv. S. Martin, Mém. anal. s. la carte de l'Asie Centrale, etc., p. 82, 83, nota).

Nas cercanias d'este convento de Tâmasavana, Hionên Tsang viu muitos *stoupas* com reliquias de Buddha (ibid. p. 80).

Veja-se também — a caverna da sombra — em H. Tsang. Compare-se este Tâmasavana, quanto à sua significação, com o Kamuhibal, paiz da sombra.

— O nome de Tonacatepatl, que significa — montanha de nossa subsistencia —, designa uma morada encantadora, um paiz abundoso e fertil, occupado por uma população agricola (Brass. Introd. au P. V. p. LXXXIII e nota s., p. LXXXIV e § VII. p. CIX).

Foi lá que Gucumatz descobriu o milho nas mãos dos indigenas. Este logar nos textos quichuas é denominado Pan Paxil, Pan Cayala, ou só Paxil.

Compare-se Pouchtigour — montanha da nutrição — (V. Obry. p. 122) nome que se applica ao alto cumo visinho das nascentes d'um ramo do Yarkand-daria-Tarim. Cf. o radical sanscrito Pouch — nutrir, alimentar, entreter —. Pouchan, aryano, — o que nutre — (Ib. ibid. p. 119).

— O Kamuhibal, na mythologia da America Central, é uma região mysteriosa, d'onde vieram os primeiros legisladores da America, e situada do outro lado do mar (Brass. Hist. I. p. 50, e nota. Id. Intr. au P. V. p. LXXVII e nota 1; P. V. p. 5, nota 4).

Este nome é traduzido por — logar onde faz sombra — obumbraculum; alli a vida é feliz, civilizada (Id. t. I. p. 49 sqq.). Deriva de muhi — fazer sombra — (Id. P. V. p. 5, nota 5).

Como ponto de partida dos antigos legisladores e dos antepassados da raça, o Kamuhibal se-confunde com o Tamoanchan, que é também uma especie de Paraíso, como egualmente o é o Tlallocan.

Este logar onde faz sombra — obumbraculum —, allude talvez ao paiz do chapéu de sol, na India, uma das 4 divisões ou monarchias, e cujo chefe tinha o título de chatrapati, o chefe do chapéu de sol (Reinaud, Mém. p. 205, onde cita Stirling, Burnouf, etc., nota 3); seria o paiz do chapéu de sol do dragão, ahitchatram, que o sr. d'Eckstein colloca no Taxila, Kampila (?) ou Chavila, Afghanistan Oriental, Cashmira e Madyndeshah (Journ. asiat. Jan. 1860. p. 70).

Os brighus do S., accrescenta este, raça pontifical, que se-tinham desavindo com os seus reis, dirigiram-se para o paiz do ahitchatram para realizar o transporte de uma colonia de pontifices dragões e estabeleceu-a no Malabar, onde ella organizou a gynecocracia dos Naírs, por odio ás familias aryas guerreiras. É o fundo da lenda-antibrahmanica de Parashu Râma (Id. ibid).

(1) Note-se que uma parte do Kampila, é o Indo, parte oriental do Chavila, é o Udyâna — o jardim —, o Eden, o Vrihat onde se-encontram os Deuses e os homens (Ekstein, s. la gramm. Véd. de Regnier. Journ. asiat. Junho 59. p. 196. 59).

Este logar de delicias e de prazer seria o Kāmarūpab, logar do governo de mulheres (Journ. asiat. Fev. e Março 1860. p. 233. Ekstein).

Compare-se, pela significação, o Tāmasavana ou floresta sombria, no reino de Kanishkha (V. a minha nota sobre o Tamoanchan).

— Tlocolhuacan, Colhuacan. Garcia (Orig. de los Indios, l. v. c. 3. p. 320) interpreta esta palavra assim: « tierra de los que tienen abuelos divinos » — paiz dos que têm avós por antepassados.

Colhuacan será pois — a terra dos avós — ? Cf. Kourkhandje ou Gorya, capital dos Hunos Ephthalitas (de Guignes, Hist. des Huns, t. III).

Colhuacan (capital do Xibalba ?) = Nachan, cidade das serpentes; chan — serpente —, palavra que pertence a uma antiga tribo Lacandona dos arredores de Palenque. Colhuas ou Chanes = serpentes (Ordóñez e outros). Brasseur considera os Guinames como chanes ou Colhuas (Introd. au P. V. § VII. p. CIX).

Cf. os Gollas, reis dos Indo-Scythas, e o signal tai-chan..... (ap. Theophyl. Sinocatta).

Cf. Khorassan, Kourgans. — Cory e Coliacon prom. (Exx Plin. 997, e.). Colhuacan seria talvez a cidade das serpentes, e Teocolhuacan a morada das serpentes divinas, dos Nāgas.

Uma grande serie de notas identicas se encontra sobre Xibalba (que nas tradições dos Nahuas representava uma especie de inferno) o paiz ou cidade em que os seus maiores haviam soffrido, correspondente ao Mictlan dos Mexicanos — a morada dos mortos, logar escuro no centro da terra e governado pelo deus Mictlanteuctli e sua mulher Mictlancihuatl —, bem comparavel ao reino das trevas ou imperio dos mortos da lenda buddhica de que tracta Theqd. Pavia (Journ. Asiat. 1857. t. X. p. 328-329. e outras).

k) LINGUA NAHUATL

Os linguistas têm feito vãos esforços para descobrir a origem da lingua nahuatl, e para verificar entre ella e as linguas do velho mundo analogias que permittam ligá-las a um tronco commun.

A forma das palavras do idioma dos Mexicanos, a superabundancia das consoantes e sua exquisita associação, pareciam repellir ou pelo menos difficulter qualquer comparação; com effeito taes caracteristicos se não acham em outro idioma com egual physionomia.

Mas para estabelecer comparações, fôra preciso poder isolar as raizes taes como ellas existiam na lingua nahuatl em epocha remota; ora a lingua pode ter soffrido variações e modificações, as palavras podem ter-se alterado de maneira que as raizes se-achem truncadas, dobradas, transpostas, transformadas em summa.

Ha todavia uma classe de vocabulos que em todas as linguas conservam

por mais tempo do que os da lingua usual sua forma primitiva: são os nomes proprios de logares, de pessoas, os que têm relação com o culto, etc.

Com effeito ainda nos tempos modernos é sabido que as nações que fundaram estabelecimentos longe da patria, transportaram para elles os nomes das cidades, dos rios, das montanhas &c., do seu paiz natal: ha d'isto provas evidentes nas colonias da Inglaterra, da Hispanha e de Portugal. — Na antiguidade, sabe-se que as nações de origem arjana que emigraram para Europa deram ás localidades em que se fixaram, em recordação dos sitios que haviam deixado, nomes cujos equivalentes se encontram nos idiomas dos outros ramos de uma mesma raça. É assim que nomes geographicos viajaram espaços consideraveis da Asia e da Europa, acompanhando a nação que os transportava, e por esta forma até contribuíram muito para certa confusão nas lendas antigas: os nomes dos montes Ida, Caucasos, Tauro, Atlas, Ararat e Parnaso, do rio Acheronte, da tribu guerreira das Amazonas, do lago Tritonis, das columnas d'Hercules &c., avançaram aos poucos desde a Asia Central até a Asia Menor, a Grecia e o Norte da Africa; e estes mesmos nomes, ou outros analogos já modificados, de novo emigraram com os exercitos de Alexandre e no reinado de seus successores para a Asia, para as regiões d'onde os primeiros Hellenos haviam saído para invadir a Europa.

Não será pois extraordinario encontrar nas denominações geographicas de algumas localidades da America indícios que revelem o ponto de partida das populações que outrora aqui se estabeleceram.

Poder-se-hão egualmente encontrar em sua mythologia, nas palavras consagradas pelo ritual, nas que designam os astros, as constellações, &c., traços da lingua do povo d'onde vieram estes usos e estes conhecimentos. E com effeito em taes vocabulos, que nem sempre permitem traducção e que não apresentam um sentido determinado na analyse das syllabas que os compõem, é em taes vocabulos, repito, que a forma primitiva persiste as mais das vezes; reconhece-se-lhes até a physionomia extrangeira, e suas raizes não se encontram na lingua para que foram trasladados; haja vista a propria palavra — nahuatl —.

É pois pela analyse d'esta classe de vocabulos, que se faz mister encetar o exame.

Mas os nomes geographicos ou mythologicos puderam variar por muitas causas, e apresentam hoje talvez uma forma alterada que é difficil referir ao thema primitivo.

Entre essas causas de alteração é licito aponctar as seguintes:

1.^a A falta, no idioma mexicano, de certos sons que entravam na composição primitiva d'estes vocabulos. É a mesma causa das transcripções usadas pelos chins buddhistas.

De facto a lingua nahuatl carecia de um certo numero de consoantes; elles não faziam uso algum das nossas letras b, d, f, g, dj, r; raramente se

-serviam de j e v, que substituíam provavelmente por tch e bu; e finalmente empregavam com singular affectação as consoantes duplas ou triplas: ch, tz, tch, tl, pt, xtl, &c., que entram na composição de quasi todas as palavras de sua lingua.

A que motivo attribuir o uso de articulações tão asperas, e semelhante superfetação bizarra de consoantes? A conformação original dos seus órgãos vocaes? A modificação d'estes mesmos órgãos em virtude de practicas prescriptas por sua religião austera, taes como cortes feitos na lingua ou nos labios?

Como quer que seja, poucos povos ha que offereçam em sua lingua semelhante singularidade, e é por outro lado tambem incontestavel que o facto traria sensiveis alterações aos vocabulos recebidos de linguas estrangeiras.

2.º Os vocabulos que apresentavam em sua composição um sentido definido puderam ser traduzidos segundo a sua primitiva significação e representados no novo idioma por articulações differentes que tivessem o mesmo sentido. Tambem esta causa de alteração encontra exemplos nos buddhistas chinezes.

3.º Os vocabulos pronunciados de maneira irregular no novo idioma, puderem ser depois traduzidos conforme esta pronuncia viciosa e representados hieroglyphicamente em razão, não de sua primeira significação, mas da significação de cada uma das syllabas componentes que serviam para pinta-los phoneticamente. D'esta sorte os hieroglyphos ou antes os enigmas phoneticos deveram servir de transição entre a lingua primitiva e a lingua popular dos indigenas.

Tomemos um exemplo: o nome de Quetzalcohuatl.

Este nome, cuja formula hieroglyphica é uma serpente ornada de plumas verdes, representa as palavras *quetzalli* (plumas verdes, loque, pennacho, ou estandarte de plumas verdes, e tropicamente rico, grande, precioso, veneravel) e *cohuatl* (serpente, — palavra cujo sentido indirecto encerrava a idéa de sabedoria, sciencia, astucia, magia); mas si elle é a traducção de uma palavra estrangeira com a mesma significação, pode o hieroglypho ser phonetico para dous idiomas differentes, e neste caso pode ser lido de duas ou de muitas maneiras conforme a lingua d'aquelle que o interpretar.

É tambem susceptivel de ser interpretado tropicamente, dando logar assim a uma ou muitas transcripções novas, segundo a lingua d'aquelle que traduzir o seu sentido tropico. D'esta sorte Quetzalcohuatl, que significa tropicamente homem illustre e sabio, se-lerá de differentes modos conforme a lingua de quem o-lêr.

Emfim a palavra quetzalcohuatl pode não ser sinão uma forma approximativa e degenerada d'um vocabulo estrangeiro, cuja pronuncia se-approximasse mais ou menos das palavras ou de uma parte das palavras *quetzalli* e *cohuatl*, ou cujos elementos se-achassem nellas abbreviados ou modificados.

Dadas estas causas de alteração dos vocabulos, como proceder para a averiguação de suas origens?

Para guiar-nos na analyse das articulações da lingua nahuatl e na sua composição com as articulações das linguas estrangeiras, temos varios dados de que parece se-não fez uso até agora.

Os Mexicanos, quando queriam repetir as orações que lhes-ensinavam os missionarios catholicos, recorriam a um processo que nos-aponcta o caminho para descobrir as equivalencias das consoantes que, em sua lingua não conheciam. Representavam por exemplo a palavra *pater noster* assim: *Pautli noctli*.

Pois bem, é procurando estes sons equivalentes, e decompondo as palavras, que se-lhes-pode dar uma figura mais regular e encontrar alguns elementos que permitam filia-las á outra lingua.

Este methodo, embora não dê resultados muito abundantes desde a primeira tentativa, pode conduzir a revelações importantes, e deve ser applicado sobretudo aos nomes proprios de Deuses, de herocs, das localidades designadas nas lendas e nas tradições, — nomes que sem duvida pertenciam á lingua dos seus antepassados quando ainda não haviam deixado o paiz d'onde emigraram para colonizar ou civilizar a America. »

Seguem-se conjecturas (mal esboçadas) sobre a etymologia de varias palavras mexicanas.

f) EMIGRAÇÃO E NAVEGAÇÃO

Si os descobrimentos geographicos que assignalaram a segunda metade do XV seculo devem ser attribuidos ao genio e á coragem de alguns grandes homens impellidos pelo movimento intellectual e pela curiosidade scientifica que se-manifestaram nessa epocha, justo é tambem observar que um acontecimento a outros respeito deploravel — a invasão da Europa pelos Turcos; — deveu contribuir para o desenvolvimento da navegação, constangendo os povos commerciantes do Mediterraneo a se-afastarem da bacia oriental d'este mar, e a procurarem um novo caminho para a Asia, com a qual se-achavam as suas relações interrompidas ou ameaçadas. »

A queda do imperio grego, ao mesmo tempo que trouxe para o occidente da Europa os sabios que deviam regenerar o gosto litterario, fez affluir para as nações ribeirinhas do Mediterraneo occidental uma população desde muito accustomed ás expedições maritimas e prompta a associar-se aos commettimentos aventureiros dos chefes que quizessem aproveitar a sua coragem, sua experiencia e suas forças ora desempregadas.

Não é pois ao aperfeiçoamento subito das artes nauticas ou a novas tendencias calculadas que se deve attribuir o progresso da navegação naquella epocha, mas sim á oportunidade favoravel que então se-offereceu aos monarchas de Hispanha e Portugal para proverem suas marinhas de pilotos e marinheiros experimentados, e por outro lado á necessidade de dirigir para o Oceano Atlantico, com o fto de procurar novo caminho para o paiz das

especiarias, dos perfumes, dos estofos luxuosos e das pedras preciosas, os navios que o commercio não attrahia mais para as costas asiaticas do Mediterraneo.

Esta causa, a que se não tem ligado grande importancia, parece com effeito que contribuiu notavelmente para os descobrimentos geographicos do XV. seculo, sem que isso diminua a gloria dos grandes homens que tiveram o merito de conceber, dirigir ou auxiliar, e a coragem de executar as empresas que produziram similhantes descobrimentos.

Ora, si admittimos que os navegadores que atravessaram então o Oceano Atlantico, os que dobraram a ponta meridional da Africa, e os que aportaram ás praias do continente Americano não dispunham de frota mais bem construidas ou mais bem armadas, de instrumentos de observação muito mais aperfeiçoados, de formulas e de methodos de calculo ou de noções geographicas mais seguras do que tinham os contemporaneos de Alexandre e Hipparcho, melhores do que aquelles que serviram aos Phenicios, Indios, Arabes, Chins, Bascos e Scandinavos para se-aventurarem em mares desconhecidos, longinquos e perigosos, — si é isto indubitavel, não ha razão para rejeitarmos a conjectura de que o novo mundo pudesse ser conhecido de alguns povos antigos, e de que individuos, familias pertencentes ao velho continente, impellidas ou pelo acaso das tempestades ou pelo espirito de commercio e de curiosidade, e guiadas por vagos presentimentos pudessem ter-se transportado ás praias da America, e se-houvessem ali estabelecido e propagado, trazendo consigo e transmittindo aos indigenas, que por ventura encontraram, suas tradições, sua lingua, seus costumes, as artes e industrias de sua patria.

A distancia que separa o velho do novo mundo, a extensão do Oceano Pacifico que fôra preciso atravessar, serão acaso obstaculo invencivel, que baste aponctar para invalidar qualquer hypothese de communicações em tempos remotos entre a Asia Oriental e a America?

Antes de expôr os argumentos que me parecem capazes de confirmar a opinião de Humboldt, o sabio que, applicando tão judiciosa critica á explicação dos antigos monumentos da America Equinoxial, julgou descobrir nelles os vestigios de ideas e tradições tomadas a nações asiaticas pelos antigos habitantes do Perú e principalmente do Mexico, — eu assignalarei um facto bem conhecido, a dispersão por toda a superficie do grande Oceano dos individuos de uma familia, cujas tribus hoje estabelecidas a distancias enormes, desde a Nova-Zelandia até ás ilhas Hawai, offerecem em seus caracteristicos physiologicos, em sua lingua e religião, prova evidente e incontestada de origem commun. Que meios de transporte, que guias conduziram estes povos selvagens de sua patria primitiva (qualquer que ella fôsse) para os logares em que actualmente demoram? Que circumstancias os compelliram ou animaram a abandonar seu paiz e colonizar ilhas, que provavelmente eram incultas e desertas antes de sua chegada? Ha ahí um curioso problema, que a historia das revoluções

da Asia poderia sem duvida resolver, e cuja solucao nos-sera dada talvez um dia por documentos que por enquanto não conhecemos.

Como quer que isso fôsse quanto ás nações da Polynesia, não ha negar que as circumstancias, que presidiram á sua emigração, puderam egualmente determinar a das nações americanas ou pelo menos a de algumas d'entre ellas.

Sem que nos demos ao trabalho de examinar si existia uma população autochthone (questão insolúvel e que pertence antes á zoologia), impossível é desconhecer que no solo da America se encontram grupados e superpostos elementos de população muito variados.

Eu me proponho pois, neste ligeiro ensaio, a examinar, não a historia das populações do Mexico anterior ao seculo XV, mas alguns dos seus monumentos que, já conhecidos e publicados, todavia não me parecem haver sido igual e sufficientemente examinados. Si as minhas investigações forem estereis, e apenas servirem para augmentar o numero dos systemas desprezados, ter-me-hão ellas ao menos offerecido uma boa compensação, — o prazer que dá o estudo de uma questão interessante —.

(Occorrem depois as seguintes notas sobre viagens longinquoas de povos asiaticos:)

Kapivaktra (o Cercôps dos Cephénios)

O Vnâsya, o cabeça de simio.... induz duas gerações descendentes de Dakeha (...obreiro do mundo) a visitar os paizes estrangeiros, a navegar o Oceano Indico, a explorar os confins do mundo.... mas ellas não voltam mais (Ekst. J. asiat. X.^{me} 59, p. 522).

Os Hari-Ashoâh, filhos de Dackhas, a conselho de Nâradah (o Capi adoptado pelos Brahmanes) embarcam-se, mas não voltam (Id. ibid. p. 523).

Nâradah anima depois os Shabalâshvâh a ir em busca de seus irmãos..... elles partem e não voltam (Id. ibid.).

Naufragio de Indios em viagem para as ilhas do Oriente; embarcam em Itanca (Wilford, As. Res., nos Ann. pph. chr. 3.^a ser. 1847, t. XV. p. 67).

Sobre o Fou-Sang, diss. de Newmann, de Munich (cit. por Mohl, rapport Ann. pph. chr. ibid. p. 218); outra de Paravey (ibid.).

Uso na Ethiopia de embarcar *estrangeiros* em um navio, com viveres para 6 mezes, e ordem de tomar para o S. afim de irem a uma ilha do Oceano Meridional (Diod. Sic. II. p. 96-97. em Mignot, Acad. Inscr. m. t. 31. p. 85).

Foi o que succedeu a Jambuli, diz Diod. (ibid.), apanhado por *corsarios ethiopicos* nas costas da Arabia Feliz e levado para a Ethiopia. Jambuli chega felizmente a uma ilha do Oceano Meridional, fica ali 7 annos e volta para a Grecia pela India e Persia. — Acredita-se que é Ceytão ou Madagascar. — Mignot (ibid.) crê que é Sumatra.

Antigas navegações e commercio da India. Opinião de Jac. Bruce: V. C. G. Heyne, Opusc. acad. t. IV. p. 194-210).

Navegações dos antigos na India. J. des Sav. 9.^{me} 1846, p. 679).

O Rig-Vêda (I, 116, 5) menciona longinquas viagens marítimas em grandes navios (V. Lassen, Ann. des voy. 1850. 5.^a s. t. 22. p. 304-305 e nota).

Sobre o conhecimento que os antigos Hindous tinham da Asia, fóra da India, e sobre suas relações com povos estrangeiros (V. Chr. Lassen, *ibid.*, p. 269 e seg.).

Relações dos Chaldeus com a India. Os Chaldeus navegam em seus proprios navios (Isaías, XLIII. 14.). Desde os tempos mais remotos, alguns pontos da sciencia astrologica dos Chaldeus chegaram até a India (Lassen, *ibid.* p. 306).

Todavia os Indios e sobretudo os Brahmanes tinham aversão ás viagens longinquas e ao commercio com estrangeiros — os barbaros, os Mlêkha — (Lassen, *ibid.* p. 292. 293. 295 nota 1).

Nos primeiros seculos da era christan os hindous fizeram viagens frequentes a paizes remotos (As. res. t. X. 105).

Relações dos povos do archipelago da Asia com os da Persia, etc. (J. asiat. 1847. t. I. p. 124. nota 25).

Allusões a viagens longinquas dos Hindous:

Visita dos filhos de Brahma a Vishnu: estes filhos se-chamavam Játa, Vôdu, Pancha-sic'ha etc. Visitam-n'o em um paiz (situado ao N. do mar frio, Tôyambud'hi) o Swêtadwipa (As. Res. t. XI. p. 99, onde o auctor cita o Padma-Purâna, secção do Uttara-c'hând'a).

Cf. Játa, Japia, Japet. — Vôdu, Odin. — Sweta dwipa, Scandinavia?

Crishna avançou na direcção das montanhas de Lôka-Lôka, nos confins occidentaes do mundo, regiões inacessiveis, até o paiz do ouro, Suyarn'a Bhûmi, para o qual abriu passagem (As. res. XI. p. 100).

Viagens de Bouddha. Do reino de Varânaçi, cuja capital é visinha do Ganges, Bouddha partiu para fazer a volta do mundo e converter os homens (H. Ts. S.^a Jul. I. 134).

Tchârîra-Poura, a cidade d'onde partiu embarcado para remotos paizes: situada nas fronteiras S. E. do reino (de Quda-Orissa), perto das praias de um grande mar, a 200 ao S. E. Ceylão (Ibi, I. 371. cf. p. 420).

Immigrações dos Indios em Java. Antes d'ellas esta ilha tinha o nome de Nouso-horo-horo ou ilha deserta, e Nouso-Kendeng — ilha com cadeia de montanhas (J. as. 1847. t. I. p. 244).

Sumatra: nome indigena — Poulo Pertcha ou Poulo Indalas. — Os Arabes a chamaram Ramny. — Sobre a etymologia do nome Sumatra v. J. asiat. 1847. t. I. p. 125. nota 26.

Uma revolução que expelliu o Buddhismo da peninsula Indiatca, substitue-o

egualmente pelo Brahmanismo em Java, em Sumatra e na península de Malaka: mas o buddhismo se-mantem em Ceylão e na China (Journ. as. 1846. t. 2. p. 298).

O rei Sudraka (que reinava em 191 dep. Chr. ou 3291 do Kaliyonga, em Charchita-Nagara) destruiu os obreiros de iniquidade — (As. Res. X. 91).

Na epocha da viagem de Hiouen-Tsang, o reino de Kapila Vastou, India Central, então deserto e arruinado, offerecia vestígios de antigo esplendor....

O que fôra feito de seus habitantes? (H. Ts. t. 1. p. 393).

(Seguem-se: um extracto da Memoria de de Guignes — *Recherches sur les navigations des Chinois du côté de l'Amérique &c.*, publicada nas Mém. de l'Acad. des Inscr. et B. Lettr. 1761, t. 28. p. 503-525. — e logo depois notas da refutação de Julio Klaproth, publicada nos Nouv. Ann. des Voyages, t. XXI. 2.^a ser. t. LI da collecção, 1831. t. 3. p. 53 e seg., sob o titulo: *Recherches sur le pays de Fou-Sang, mentionné dans les livres chinois et pris mal à propos pour une partie de l'Amérique*).

Em referencia a esta discussão, continúa fr. Camillo:

« É bem verdade que no que respeita ás explorações da America e aos monumentos antigos descriptos pelos viajantes, tem havido açodamento em accusa-los de mentira. O sñr. barão Al. de Humboldt já fez justiça a alguns d'aquelles cuja veracidade havia sido posta em duvida (Gemelli Carreri, la Condamine...), e adoptou varias de suas informações, eliminando apenas o que os preconceitos da epocha, as tendencias romanescas e o enthusiasmo haviam feito exaggerar. Com effeito é de sã e judiciosa critica não admittir sinão o que tem character de verdade, mas também o-é não repellir sinão o absolutamente falso.

« Ora parece que a noticia sobre o Fou-Sang não deve ser rejeitada com tanto desdém como se-tem querido. O escriptor sinologo que no-la deu a conhecer devêra ser tractado com mais respeito ou pelo menos com mais benevolencia do que a que se-lhe-tem concedido. Si em seus trabalhos sobre a lingua, a litteratura ou a historia da China commetteu graves erros, justo é reconhecer que na epocha em que os-compoz, elle não tinha á sua disposição muitos dos documentos que vieram mais tarde fecundar os estudos chinezes...

« Os poucos pormenores que dá sobre Fou-Sang o escriptor chinês citado por de Guignes são comtudo sufficientes para deixar reconhecer a região inter-tropical da America. Com effeito, não só a physionomia do paiz que elle descreve, como os usos de seus habitantes indicam de modo palpavel a Nova Hispanha, mas também sua narrativa comparada com a de alguns viajantes do XVI seculo offerece traços de singular similhaça.

« Si pois supposmos que os missionarios buddhistas, partindo em 458 de um

dos portos da Asia Oriental e dirigindo-se para um paiz situado a L. á distancia de 20.000 li's equivalente a 2.000 leguas, aportaram com effeito a um ponto da costa occidental do Novo Continente, — não é indifferente investigar os motivos de tão aventuroso commettimento, os meios que esses mesmos missionarios tiveram para realiza-lo, os resultados obtidos, e a influencia que sua estada com os indigenas poude exercer sobre os costumes e as crenças das nações que visitaram.

« A epocha a que se refere a viagem d'estes religiosos buddhistas coincide com a da perseguição que elles soffreram na India da parte dos sectarios do Brahmanismo (?). Foi tambem por esse mesmo tempo que o imperador da China, Hiao-Wou-ti da dynastia dos Soung do N., forçou pela sua crueldade os bonzos que viviam em seus estados a expatriar-se, e destruiu os seus conventos e templos. Não foi sinão cerca de 30 annos mais tarde que a religião de Fo poude recobrar a sua independencia.

« Como, no intervallo entre a China e o Mexico á distancia equivalente aos 20.000 li, não existe paiz algum a que possa convir a descripção do geographo chinéz, licito é reconhecer no Fou-Sang o planalto da Nova Hispanha.

« De facto, foi-lhe dado o nome de Fou-Sang por causa da planta que ahi crescia e que, por suas varias propriedades, apresenta toda a sorte de analogias com o *mell* ou *maguay*, Agave Americana, planta propria das regiões intertropicaes da America.

« A L. e á distancia de alguns graus do Fou-Sang se-achava o reino das mulheres indicado nas narrativas de Castanheda e João Diaz, na descripção do Yucatan (Tern. Comp.).

« A escripta hieroglyphica, os usos, as leis, o governo de Fou-Sang conveem perfeitamente ao Mexico.

« As tradições mexicanas indicam a chegada de estrangeiros ás costas da Nova Hispanha: estrangeiros entre os quaes se acham legisladores que divulgam neste paiz uma religião nova e os beneficios da civilização. Um d'estes estrangeiros, entre os quaes se-acham legisladores que divulgam neste paiz uma religião nova e os beneficios da civilização. Um d'estes estrangeiros permaneceu ahi longo tempo e volta depois para sua patria.

« Finalmente a epocha da chegada e da estada d'este bemfeitor coincide com a viagem dos missionarios buddhistas. »

j) QUETZALCOHUATL.

Entre os Deuses do Pantheon Mexicano, como nas lendas heroicas dos Toltecas e das Aztecas, o personagem conhecido sob o nome de Quetzalcohuatl occupa o primeiro logar não só pela importancia do seu culto e beneficios que se-lhe attribuem, como chefe eponymico da raça e seu legislador, sinão tambem em virtude da universalidade de sua adopção sob nomes diversos entre a maior parte das tribus da America civilizada.

Mas mesmo considerado como um Deus, parece que elle tem uma origem mortal e que foi elevado a esta suprema categoria por causa de suas virtudes; crença que, a este respeito, se-approxima das da India e sobretudo da dos buddhistas (v. F. Burn. Introd. à Ph. du B. t. I. p. 134).

Na lenda religiosa é aponctado como um Deus bemfazejo que preside á abundancia, á riqueza e que se torna até divindade protectora do commercio. Approxima-se assim do Kouvera da India do Norte, com o qual seu proprio nome e seus attributos têm alguma similhança.

Como mortal consideram-n'o — chefe de emigração, fundador de colonia, legislador e civilizador.

Chamado Quetzalcohuatl, isto é, serpente de plumas verdes ou preciosas — entre os Mexicanos, tem elle os nomes de — Comaxtli entre os Tlascaltecas, de — Cuculcan e Gucumatz no Yucatan, nomes que têm a mesma significação allegorica de serpente ornada com o symbolo do poder ou da magestade, nãga resplandecente

Consideram-n'o ainda como identico ao Bochica, ao Nemquetheba, ao Zuhé — de Bogotá, e identico ao Zamma, grão sacerdote das lendas do Yucatan Votan.

Assim Quetzalcohuatl é o chefe e representante da raça das serpentes (Nágas), Serpente illustr. Figura-o a tradição como branco, de estatura alta, cabellos louros e longa barba; no moral, como um homem moderado, religioso, sancto e finalmente Deus.

Conta-se que guardára o celibato e a continencia.

Foi o chefe ou fundador de uma seita religiosa austera; instituiu o jejum e as mortificações, e com suas penitencias deu o exemplo das virtudes e dos bons costumes.

Prêgou a lei natural. Substituiu aos sacrificios humanos o costume de sangrar os labios e as orelhas como mortificação e remedio contra a mentira.

Veneravam-n'o principalmente em Tlascallan e em Cholollan, e attribuiam-lhe a construcção ou reconstrucção de Tlascallan, Huexocinco, Chololla, &c.

Dizem que apaziguou uma fome na provincia de Culan.

Depois de haver passado 20 annos em Cholollan retirou-se para voltar a Tlatpallan, paiz remoto; embarcou na foz do Coazacoalco e desapareceu na direcção de S. E. annunciando que voltaria.

Segundo a chronologia Mexicana vivia pelo anno 13,060 da creação do mundo, i. é, conforme Bourbourg em 870 (Eu opinaria antes pelo anno 1027; 13060: 1027:: 18028: 1417, isto é, 1027 + 41 = 1068 dep. Chr., 15 annos depois do comêço da 3.^a idade de Ixtl.).

Sua genealogia não é menos curiosa:

É filho de Iztac Mixcohuatl, o grão Serpente nebuloso, e de sua segunda

mulher Chimalmak; elle é o 7.º filho de Mixcohuatl, o qual de sua primeira mulher Ilancuicil teve seis filhos, os 6 Serpentes paes de outras tantas raças.

Compare-se Quetzalcohuatl a Kacha-Klau = senhor occupado de boas obras = dos Birmans; este, filho de Kacha-Jova = o senhor eterno =, prégou e fez milagres, desapareceu do lado do Occidente, morreu e resuscitou (Bertr. 3. 157).

Cf. Indegoepte, o habil grão sacerdote que presidiu á construcção d'um templo magnifico (Mahawansu, c. 28 fim, em Migne, Livr. Sac. t. II. p. 504). É Indragupta?

Hunab Ku. O unico sancto. — Seu filho Hun Ytzamna ou Vaxcocahtut, segundo Cogolludo (Kingsb. VI. p. 113. Comment).

Icshwaku, filho de Noé, morto na 2.ª idade (As. Res. X. 38); seus descendentes frequentaram ou conquistaram as regiões do Indo (Ibid. IX. 219).

Ehecatl. Huracan. — O vento confundido com o espirito de Deus que separa o Céu e a terra. Ind. (Athen. fr. Jan. 1855. p. 61-62).

Yohualli Ehecatl. o vento da noite (Sahagun). Nome do Deus que trouxeram os Nahuas. — Bourbonbourg compara o planeta Saturno, chamado pelos habitantes do continente Cronio: *κρονόπος*, guarda da noite (Intr. ao P.V. p. CIII, nota 4).

Ehecatl. — Cf. o vento forte creado por Mazda (Vendidad. fargard 19). — Depois do tempo, diz Oppert, vem immediatamente o vento (Ann. phil. chr. Jan. 1862. p. 62-63).

Ehecatl. Hurakan. Cf. o Deus vivo, sôpro, vida. O *πνεύς* de Anaxagoras, — debaixo da forma do vento nas cosmogonias de Sanchoniathon dos Sidonios, dos Babylonios (Ekst. Journ. as. Ag. e Sept. 1859. §§. 15, p. 178).

Hurakan. Ur (Zend: coração, centro?). Caan, céu (quich. ou maya?) — Coração do Céu.

Ehecatl. — Indra, soberano da atmosphera (J. as. Junho 1860. p. 511).

Hurakan. A voz da tempestade. Illapa. (Quichuas e Quito), o vento, o sôpro. Cf. Ehecatl (Intr. P.V. p. CCXXXV. nota 2).

Compare-se tambem Mixcohuatl ao grão Serpente e Inverno, primeira creação de Ahriman (Vendidad Sadé). O Inverno parece reinar no Airyana Vajia ou Paraíso (Bréal, Journ. as. 1862 Junho. p. 484.485). Este Serpente nebuloso seria o Shechab, o ente celeste, o primogenito ou o melhor dos Dragões que desce em baixo da terra, &? (Mahabharata, cit. por Ekst. Journ. as. 1860. I. p. 88). Cf. tambem Ahi = o mago Serpente (Maury. Lég. p. 104).

Como chefe e antepassado de uma raça de Serpentes, Quetzalcohuatl recorda as lundas da India Noroeste, e parece approximar se muito do rei dos Nâgas — Vasouki —, um dos chefes do Patala ou Inferno indico, — Serpente

de frente ornada com pedras preciosas, assim como aquelle é um Serpente ornado de plumas preciosas. Esta raça proveio de Kaçyapa e de Kadrou, uma das duas filhas de Brahma, que gerou mil Serpentes (B.^o S. H. Anal. du Mahabh. Journ. des Sav. 7.^{me} 65. p. 549).

Ha quem pretenda que este deus dos Toltecas é o apóstolo S. Thomé, e observam que o nome d'este apóstolo Didymo significa em grego o mesmo que Quetzalcohuatl em Mexicano. Este S. Thomé fez grandes viagens: na Parthia, á Calamita — cidade problematica da Índia, a Meliapur na costa de Coromandel, até á China, e enfim á America (Riv. e Tschudi. Antig. Peruan. p. 15).

A abstinencia de Quetzalcohuatl recorda a dos Chaldeus (Diod. Sic. II...), dos Chaldeus e dos Magos (Clem. Alex. Strom. III. p. 446). Cf. Porphy. de abstinen. IV. p. 399. (Acad. des Inscr. t. 31. p. 148 e seg. Mignot).

Elle desapareceu na foz do rio Goazacoalco (Bourb. p. 311). Goazacoalco, rio cujo nome significa «repouso dos viajantes» (B.^o Soc. Géogr. 4.^a s. t. 19. Junho 1860. p. 456).

em Quetzalcohuatl-co.

Seu retiro sobre o volcão Catcitépetl. Zalmoxis dos Getas retira-se para o monte Cogdon (V. o Index de Strabão).

Quetzalcohuatl (Topiltzin, Ce-acatl) é sem duvida o nome generico dos chefes religiosos e politicos da associação. É um Hercules — ἥρως —. Brasseur compara-o ao Hercules que, em sua expedição ao Occidente, visitou o continente dos Meropas ou a terra Cronia (Plutarch. de dif. oracc. c. 18), habitada por homens de raça grega, degenerados e que perderam a sua lingua. Depois de Saturno, era Hercules alli o mais honrado (P. V. CIII).

Symm. de Chios vs. 404 sqq. (Geogr. min. p. 24. Huds.). Timeu ap. — et fragm. 42 (t. I. p. 201. Fragm. hist. Didot) diz: «a grande Chersoneso d'Hilla Τίλλη, quasi tão vasta como o Peloponeso, onde havia 15 cidades habitadas pelos Hillas, de origem grega, e fundadas por Hillus, filho de Hercules. Os habitantes, segundo Timeu e Eratosthenes, tornaram-se barbaros por sua mescla..... Elles possuem uma ilha de Issa, onde Colonia de Syracuse..... É notavel que, assim como Hercules, elle é ao mesmo tempo um Deus antigo e um heróe colonizador, um chefe de emigração, ἥρως, um protector do commercio e da navegação.....

Descida de Quetzalcohuatl aos Infernos. — No romance buddhico, o Macaco.....: elle percorreu a terra inteira até chegar ao lugar onde habitava o hospede da casa do Poente Sayam-griho (Mahabharata); viu alli seus antepassados prestes a cair no abysmo (Journ. as. Janeiro 1860. p. 84. Ekst).

Cf. Dcharat-Káru.... velho dragão, do qual deve nascer Astika, o salvador de sua raça (Ibid. p. 86. 87). Cf. Zetachtli.

Cf. no Ramayana.... a morada dos Macacos.....

Desce Quetz. ao Mictlan (Inferno), onde vae procurar as almas dos mortos

(Cod. Chimalpopoca na Hist. dos sóes (Brass. Intr. ao P.V. p. CV, nota 3).
Bourbourg compara Saturno adormecido na ilha Ogygia. — Compara também
a ilha Mictim, perto da Bretanha, Cassiteride.... porque, diz elle, Mictim e
Mictlan são s.

? Votan vai por mar á Babylonia: iniciado nos mysterios na qualidade de
Khivim, isto é, de Kephénio, i. é., de Chaldeu?....

Descer ás profundezas da terra parece dizer-se dos iniciados (Pindar. ap.
Clem. Alex.) — Baccho. Votan. Hern. Quetzalcohuatl. Orph.... Ulysses. Dante.
Vishnou. Adonis. Osiris.

Oraculos dos mortos.

Ser exilado para o Tartaro, para o Patala, parece referir-se a uma depor-
tação longínqua nas ilhas?....

Culto de Adonis, com ritos fúnebres. — Associado ao culto de Venus
entre os Persas, que haviam recebido o culto dos Assyrios e dos Arabes
(Herod.) — Era Mitran.

O Deus dos Mortos (Mythol. Ind.) habita do lado do S. ; d'ahi o nome
de.... regente da parte meridional do horizonte dado a Yama (J. as. X. 331).

Os adoradores de Vishnou julgavam-se libertos da dependencia do Deus
dos Mortos (Ibid.).

Vishnou depois de ter vencido, no seu 3.º avatar, o gigante Beles que
havia subjugado os Deuses e na-expellira do Sorgon.... manda-o governar o
Patala, o mundo subterraneo, com a faculdade de voltar uma vez por anno no
dia da lua cheia de Novembro (Sonnerat. I. 163. Cf. Bertrand. t. 3. 440).
Cf. o irmão de Ravana, no Ramayana. Mahabali precipitado nos infernos por
Vishnou.

Patala, regiões infernaes (As. Res. XI. 91). — Pataladéi, deusa das regiões
infernaes (Ibid. III. 385). — Cf. Patalene, cidade dos Indo-Scythas, nas
nascentes ou na foz do Indo (Ibid. IX. 232, e XVII. 616).

O Patala muitas vezes confundido com o Naraka (Bertrand. V. Patala). —
Região subterranea, habitação dos Serpentes Nagas (Ibid.). — Naraká, morada
dos condemnados (Ibid.). Cf. Mictlan.

Quetzalcohuatl comparado a Purucha, o Deus homem. Ver o hymno de
Purucha, no Rig. (Édg. Burn. Pref. do Bhagavatá-Purana I.
CXXI. sq.).

1. Purucha tem milhares de cabeças, de pés e de olhos....
2. É tudo o que foi e o que será.... dispensa a immortalidade... É
elle que pela nutrição sae para desenvolver-se. Cf. Tonacateuctli.
4. Tendo-se depois multiplicado, elle penetrou (o que vive de) nutrição,
como (o que não vive de) nutrição....
5. D'ahi nasceu Virâdj....
6. } Sacrificio de Purucha pelos Deuses.
- 7 }

8. Neste sacrificio, aquelle que é o mundo torna-se offerenda.

9. D'este sacrificio nasceram os Ritch (hymnos).

12. De Purucha immolado, a *bocca* foi o Brahmane; seus braços — a casta real; suas coxas — o Vâigya; o Çoudra seus pés....

Purucha — espirito. Eug. Burnouf (Ibid. p. CLX) dá os motivos que o-levaram a traduzir esta palavra por espirito, mas declara que similhante traducção é imperfeita. Este termo que é, diz elle, uma das mais antigas designações do Ser Supremo, considerado como natureza espiritual.

O nome de Purucha é o de Deus, do mundo e do homem (Ibid. p. CLXI).

Sentido theologico	} Deus (Ibid.).
— cosmogonico	
— philosophico	

Anquetil transcreve: Bark' heh Soukt, o que Burnouf transcreve Purucha Sâkta (Ibid. CXIV, nota 3), i. e., o hymno de Purucha, ou do Deus-homem, considerado como a victima que os Deuses immolaram para dar ao mundo o exemplo do primeiro sacrificio. — Traducção d'este hymno do Rig (Ibid. p. CXV. sqq. — p. CXXI. sqq.).

Quetzalcohuatl, segundo a tradição, era branco, alto, de cabellos louros. — Caracteristicos da raça caucasica e em particular dos Alanos (Ann. Voyag. t. 119. p. 129. sq.).

A-lan-na dos Chinezes, ao N.O. da Sogdiana, perto dos paços do lago Aral (Ibid. p. 131).

Os Alanos tiram seu nome de Altaï (Ibid. p. 134. nota 2). Cf. Tal p allan?

Quetzacohuatl. Gucumatx. Caculcan. Votan. — Analogia entre estes nomes e as tradições que a elles se-referem (Br. Hist. I. 45. e n. 1). Brasseur os-reduz a dous: Votan e Quetz.

Gucumatx, de Guc ou Cuc, em quichua, a mesma ave que o quetzal. Cumatx significa Serpente.

Cukulcan, em maya do Yucatan, tem a mesma significação (Ibid.).

Quecadqual, nome de uma divindade dos habitantes da Nova-Hispanha (Relat. anon. em Ternaux X. 81). É o mesmo Quetzacohuatl?

Huemac ou Huemaczin. — Sabio astrologo que guiou os Toltecas durante sua longa viagem; morreu velho, com mais de 300 annos (Ternaux, not. sobre Ixtl. Hist. dos Chichimecos. p. 6). Elle tinha composto um grande livro... chamado teo-amoxtil, ou livro divino (Ixtl. H. dos Chichim. rel. 3. p. 1). O sr. Ternaux diz que se não deve confundir Huemac com Quetzacohuatl, sendo aquelle Tolteca, e este Uimeca; onde viu elle isso?

O nome de Huemac, diz Ixtlilxoxitl, vem de que elle imprimiu suas mãos sobre um rochedo; asseguram outros que significa "mão grande e poderosa" (l. e. cap. I. p. 6). Huemac. an Gucumatx? an Hue madj, o grande ou o velho mago?

Huēmac Atecpanecatī. — Último rei dos Toltecas, morto em 1070; enforcou-se. Contava-se d'elle uma lenda maravilhosa, como de Quetzacoatl (como de D. Sebastião e outros), que voltaria um dia.... que os Deuses lhe haviam dado por morada um reino subterraneo (cf. Saturno), cuja entrada era a gruta de Chapultepec, &c. (Brass. Hist. I. 422) — Cf. Patala.

h) CIHUACOHUATL, A MULHER SERPENTE.

A lenda brahmanica (no Astica-parva, um dos cap. do Adi-parva do Mahabharata) falla de duas mulheres, uma prototypo da raça aryana, a outra da raça ethiopica. Ambas constituem, mythicamente, uma só mulher, um ser ideal sob dous aspectos; aquella representa a origem celeste, de natureza luminosa (Cf. Pandora antes de abrir a boceta fatal; e Eva antes de comer do fructo prohibido); esta de origem terrestre e natureza tenebrosa.

A Kadroū, prototypo da raça ethiopica, de pelle escura, ennegrecida ou vermelha escura, raça que adorava as grandes divindades chthonias, os deuses da agricultura, do commercio e da navegação d'um mundo antigo (b. d'Eckstein, Jour. as. 1855, t. 2. p. 194). — Invocada primitivamente pelos antepassados de um povo de Shoudras, Sydras, Oxydracos (Id. ibid.).

Kapischt é o seu nome religioso, citado no Veda, a mulher Copenia ou Kaphenia, ou Ethiopica, — a Kassiopeia dos Gregos (Id. ibid.).

Kadroū é o seu nome profano: mãe d'um povo de Kâdraveyas, de deuses serpentes, de homens serpentes, raça mythica e autochthone (Id. ibid.).

D'onde Gadosia ou Kedrosia, — a Gedrosia segundo Lassen (Id. ibid.).

Kâdraveyas, posteridade mythica e historica da Kadroū; o mesmo que os Cephénios ou Ethiopios Orientaes, da ethnogr. mythica, segundo Lassen.

É a Nâga-Kanyâ, a filha do Serpente, ou a moça serpente (Id. ibid. p. 191-192). Comparada com Koré, que desce ao Hades (cf. Mictlan. cf. Patalá?) como virgem, e alli reina como Persephone ou como rainha dos mortos (cf. Mictlanteuctli). Comparada tambem a Koumâri, raptada pelo Roudra, e a Sitâ raptada por Paustya (Id. ibid.).

Os Kapis, ou Cephénios, raça escura, rica, commerciante, cujo ponto de partida é Kousch e Chavila, s. o Gihon e o Pishon, segundo o Genese; figurados pelo dragão (Id. Rev. Arch. 1859, 1860. t. 2. p. 451); têm por socio e satellite o Pani, o mercador, o companheiro dos ladrões do Touran, que lhes-compra os rebanhos, as mulheres roubadas (Id. ibid.).

Kapisa, nome patronym. dos descendentes de Capesa ou Cepheu (As. res. VIII, 258. Kapisayana = Cephisenia (Ibid.). Kapisthala, tribu ou localidade do imperio de Bharata (Ibid. 338). Sihlukas ou Sehlukas, descendentes de Kapesa ou Cepheu (Ibid. 258). Kapenasa = Cepheu, invade Barbara (Ibid. III. 338).

Macacos, Kâpyas. Seu Deus é Hades, deus das riquezas subterrâneas, deus Cephenio (b. d'Eckst. Rev. Arch. 1859. 1860. t. 2. p. 463).

O Vasi, deus do lar subterraneo, dispensador das riquezas nas regiões de Kousch e Chavila (Ibid. "p. 466).

Gedrousi e Cadrousi — povos diferentes para Plinio (H. N. VI. 25. 1) são dous ramos de uma mesma familia. Cf. os Syndraci (Plin. l. c.) e os Sodroi ou Sydri de Diod. (XVII. 102) nas duas margens do Indo, onde elles confinam com os Oxydracos ou Kschoudrakâh (Lassen, ap. Eckst. Jour. as. 1855. t. 2. p. 193).

Restos de um grande povo de Cephenios ou Ethiopes Orientaes dominam no Afghanistan, no Belutchistão, na Pattalenia, e ainda mais longe a L. e O. Floresciam na epocha em que os Aryas ainda estavam no Outlara Madra a O., o Outlara Houron a L. do Inaus, a Bactriana e a Sogdiana de um lado, a Serica ou o Turkestão chinês do outro. Nesses tempos, o rei mythico Kepheus, que, á maneira do Azdahac ou Zohak da Media e do Afghanistan, alimentava o dragão, o deus volcanico das regiões do Caucaso Indico.... offerecendo-lhe victimas humanas.

Os Ethiopes orientaes, povos escuros ou negros, tiveram destino quasi identico na Media, na Persia e na India. Anteriores aos Aryas na Media, aos Semitas e Aryas na Persia ou na Elymaida, aos Arphaxitas na Babylonia.... eram conhecidos pelos antigos sob o nome de Cephenios (Hellanic. ap. Steph. Byz. v. Herodoto VII, 61).

Estes Cephenios, filhos portanto de Kapischi, ou da Kadrou, constituem a raça aborigene do Afghanistan Occidental, ou da Kapisha dos Indios, a Capishenia de Plinio e Ptolomeu, o Kiapiche dos viajantes chinezes, e que Solino chama Caphousa. Cyro arruinou-lhes a capital (Plin. VI. 23, 25).

Radical Kap., d'onde Kapila.... Caboul.... Kabolita e Kamp que tem o mesmo sentido.

Kapisha = Kampila = Chavila....

Chavila do Genese descende de Cousch.

O Genese faz vir uma raça audaciosa dos confins do Oriente á planicie de Sennaar, onde edifica uma torre, d'onde os Coushitas se-estendem progressivamente para a Arabia Meridional e Ethiopia....

Os Cephenios = Ethiopes Orientaes — Shoudras = Kadraveyas = Coushitas.... perderam seus idiomas provavelmente porque esses idiomas eram inferiores, como instrumento do pensamento, ás linguas semiticas e aryanas; mas communicaram a estes as suas sciencias e industrias.

Cihuacohuatl é algumas vezes confundida com Eva pelos auctores modernos (Intr. ao P. V. p. CXX). Cf. a Kadrou, mãe dos Serpentes, mulher de Kacyapa, — a Nâga Kanyâ, moça Serpente, a Kore, Persephone, Parasu arpan, Proserpina.

Sob os traços de Cihuacohuatl é representada Oxomoco (Ibid.) que se chama também Tonacacihuatl — a mulher de nossa subsistência, e Omecihuatl — duas vezes senhora... e parece ser mulher de Cipactonal chamado também Mam — o antigo ou o avô, Cipactli ou Imox, que é o primeiro signo do calendario da America Central (Ibid. CXIX), também denominado Tonacateucli — o senhor de nossa subsistência — e Ometeucli — duas vezes senhor (Ibid.).

São elles os senhores do Omeyocan, lugar de delicias mysterioso (Cf. Oudyana, Vaikounta; eden, paraíso), que parece ser um segundo nome do Tonacateucli — a montanha de nossa subsistência —, o Pan Paxil e Pan Cayala dos quichuas, descoberto por Quetzalcohuatl, e de que se tornaram senhores pela violencia matando Utiu ou o Chacal, que era o seu guarda. Crê-se-hia ver Hercules matando o dragão para entrar no jardim das Hesperides, diz Brasseur (Introd. ao P. V. p. CXX. not. 1).

Cihuacohuatl, si é a Kadrou, mulher de Kacyapa.

Cipactonal seria Kacyapa, filho de Maritahi, um dos rishis....

7) VUKUB-CAKIX

Chimalman, mãe de Quetzalcohuatl. Cf. Chimalmat, nome symbolico de mulher de Vukub-Cakix, mãe de Zipacna e Cabrakán (Br. P. V. p. 35, n. 3).

Vukub Cakix = 7 aras. Nome provavelmente de origem tolteca; denominação de um chefe.

Zipacna. Compare Cipactli, que significaria corno? Zipac, esporão de gallo (Ibid.).

Cabrakán = de duas pernas. Brasseur crê que esta palavra é de origem haítiana, como huracán (Ibid.). Cabrakán abalava as montanhas, sacudia o céu e a terra (Ibid. p. 36).

Vukub-Cakix dizia: "extraordinário é o numero que resta dos que se afogaram... eu serci pois grande ainda uma vez acima dos seres creados, sou a sua aurora (P. V. c. IV. p. 31. 32)." É uma allusão, diz Brasseur, ao mesmo tempo a um diluvio e a um naufragio: este Vukub-Cakix era portanto o chefe de uma expedição.... chefe rico de esmeraldas &c.

Vukub-Cakix derrotado e morto pelos dous moços (P. V. c. V. p. 35); morto de um tiro de zarabatana por Huhnpu e Xbalanque (Ibid. c. VI. p. 37-47); e roubado por um medico indigena (Ibid. p. 45).

Cabrakán, 2.º filho de Vukub-Cakix, morto por Hun Ahpu e Xbalanque; os quaes o-enterram depois de tê-lo envenenado por meio de uma terra (branca) chamada zabceb (Ibid. c. IX. p. 61. e nota 1. p. 64).

Hunahpu. Ahpu, nome generico — atirador de zarabatana —.

Apotheose e fogueira de Nanahuatl metamorphoseado em sol (Br. I. 181. sq.). Semelhança com o Heracles assyrio. Sardan ... (RR.).

Nanahuatl, sol, e seu companheiro Metzli, lunus (Ibid.).

Nanahuatl toma suas flechas e sua massa, e vai com Metzli fazer prisioneiros (Ibid.).

Nanahuatl, tendo esfregado o corpo com essencias, se-atira ao fogo, enquanto Metzli cantava á moda das mulheres; depois Metzli se-lança nas cinzas (Ibid.).

O sacrificio de Nanahuatl, mysterioso e terrivel, inaugura um novo periodo sob o nome de Nahuí ollin (4 movimento) ou Ollin Tonatiuh (sol em movimento). (Ibid. I. 184). Coincide com Ce tecpatl, e começa provavelmente a era do novo calendario, cujos creadores eram Oxomoco e Cipactonal (Ibid.).

Neste dia (diz o cod. Chimalpopoca) os reis tremeram. Tracta-se, diz Brasseur, do terror dos Xibalbias ante o ataque de Hunhunahpu e de seu irmão; mas Hunhunahpu e seu irmão nada conseguiram; foram vingados mais tarde (Ibid. I. 185).

Si se tracta aqui da queda de Ninive, esta cidade seria Xibalba, e este periodo o começo de uma emigração assyria.

Nanahuatl. Cf. Ninihual....

Nanahuatl.... Napal.... Sarda napal. Pala — terminação dos nomes reaes.

Era em Teotihuacan, cujas pyramides haviam sido erigidas para consagrar esta recordação, que se-celebrava a apotheose dos principes que não morriam, mas acordavam do somno que tinham vivido. É idéa toda indiana; ver no Ramayana as consolações dadas a Rama depois da morte de seu pae (Dara-vatha?) e a apotheose d'este...

Depois da apotheose de Nanahuatl em Teotihuacan começa a immolação divina, teomicohua — fazer morrer divinamente ou em Deus —, isto é, segundo B. de Bourbourg — sacrificios humanos. Diz-se que o primeiro que immolou victimas humanas foi Exbalanque (Br. I. 187). Note-se que Nanahuatl e Metzli se-puzeram em campo para apanhar captivos ou victimas para seus funeraes...

O uso indiano de queimar sobre a fogueira de um individuo sua mulher mais querida, tambem existe, diz Herodoto (V. 6), entre os Scythas, acima de Crestona. Cf. Nic. Damasc. fragm. 143. Müller t. III. 463. que cf. Strab. XV. 699, 714. Ælian. V. II. VIII. 18. — e Strab. XV. 709. Ælian. V. H. IV. 1. Böhlen, Indien, II. p. 9. Ver Diod. R.R.

Este Nanahuatl seria Nanarus, rei effeminado de Babylonia, quando era rei dos Medos Artæus successor de Sardanapalo o assyrio? Ver em Nic. Damasc. fragm. 10. t. III. p. 359-263 a lenda de Nanarus e Parsondas, e em Ctes. ap. Diod. Sic. II. 23 a lenda de Parsondas, general dos Cadusios.

A apotheose de Nanahuatl recorda a de Hercules, de Sardanapalo, de Memnon...

Sardanapalo succede a Lames e este a Ares. É Perseu, filho de Danae, que mata Sardanapalo e destrõe a monarchia assyria; reina depois e dá seu nome aos Persas (Joann. Antioch. fragm. 6. 2) (Müller, t. IV. p. 542).

Ares reinou antes de Sardanapalo; os Assyrios tinham-lhe erigido columnas (Ares e Hercules id. segundo os Chald. Vide: RR. p. 46. 47. nota, onde 2 stelas: ao fogo e ao espirito), adorando-o como a um Deus. Por isso é chamado até hoje Baal deus. Ares, deus da guerra (Joann. Ant. fragm. 6. 1).

Sardanapalo, Empacnes (cf. Zipacna), ou Tonos Concoleros (cf. Khon....), ultimo rei do primeiro imperio da Assyria, de 797 a 759 a. J.C.

Arbaces, príncipe Médo, e Belesis (chefe ou general Belys. Nic. Damasc.), chaldeu, instruido na astronomia, &c. Sacerdotes sublevaram contra Sardanapalo os Médos, Persas e Babylonios.... Sardanapalo a principio resiste, ganha uma batalha, depois se queima em Ninive com suas mulheres. Outros o collocam de 836-817. Depois d'elle, desmembra-se o imperio da Assyria, formando 3 novos reinos: Media, Babylonia, Ninive. Phul, Sardanapalo II, seu filho, reina em Ninive...

Sardanapalo, ultimo rei da Assyria, irmão de Sammuges (ou Sarac) reina 21 annos; é desthronado por Nabopolassar e Astyage (Cyaxares); queima-se (Fragm. hist. Muller, t. 2. 305. 12). Cf. Saracus.

Sardanapalo, filho de Anakyndarax (Ibid. II. 180, 253); seus costumes (Ibid. III. 357, 8); conjuração de Arbaces e Belesis (Ibid. III. 358, 9); morto por Arsace indignado de sua molleza (Ibid. II. 473, 14); seu monumento (Ibid. II. 305, 5); inscripções (Ibid.); epocha de Sardanapalo (Ibid. III. 627, 1. Cf. IV. 91. 542. 409).

Memnon. — Morte e apothese de Memnon, queimado em Susa; heroe da guerra de Troya (Diod. II. 22).

m) O DEUS MEXICANO HUITZILIPUCHTLI

Huitzilipochtli ⁽¹⁾, uma das principaes divindades do Pantheon Azteca, presidia á guerra sagrada ⁽²⁾.

Attribuia-se-lhe milagroso nascimento, cuja lenda recorda antigos mythos de origem asiatica.

Sua mãe, Coatlique (saia de serpente), conceben-o em um templo perto de Tulan no lugar chamado Cohuatepec (montanha dos Serpentes), quando se achava occupada em varrer o sanctuario, recolhendo em seu seio uma bola

⁽¹⁾ É provavelmente o mesmo Deus cujo nome está escripto Horchilonos em uma relação anonyma da Nova Hispanha publicada na collecção do sr. H. Ternaux-Compan, t. X. p. 81. — O nome d'esta divindade se achu aliás indifferentemente transcripto sob a forma Huitzilipochtli ou Vitzilipochtli.

⁽²⁾ Dava-se-lhe por este motivo o nome de Teo-yacatlachua — o que proclama a guerra sagrada (Braas. Intr. ao P. V. p. CXXII, onde cita Fabregat, expos. do Cod. Borgia).

ornada de pennas que voava no ar. O sñr. Brasseur compara a lenda do nascimento de Hun Ahpu e Xbalanque, concebidos por Xquiq ou Ixquiq — a mulher sangue, ou a gomma negra — princeza de Xibalba, de um esgarro atirado em sua mão por Hunbun Ahpu, filho de Xpiyacoc e de Xmucane (Brass. l. c. p. CXXXVII).

Nesta lenda a mãe é igualmente perseguida e condemnada, mas escapa, e seus filhos tornando-se poderosos derrotam Xibalba e até seus irmãos Hun Batz — um macaco — e Hun Chouen.

Os irmãos de Coatlique, os 400 Vitznahuas⁽¹⁾ quizeram mata-la: foi então que nasceu Huitzilipochtli todo armado, o qual marchou contra seus tios e os desbaratou. O sñr. Brasseur diz, segundo Sahagun (Hist. gen. l. III. c. I. § 1), que d'estes 400 Vitznahuas, alguns se-submeteram, mas a maior parte emigrou para o Sul (Vitzlampá). L. c. p. CXL.

As circumstancias do seu nascimento, no dizer do mesmo sñr. Brasseur, Huitzilipochtli devia provavelmente seu nome, que significa: aquelle que safu da esquerda, ou o bastardo⁽²⁾.

Este Deus diz-se que fizera sua primeira appareição no dia 1 tecpatl, do anno 2 acatl (Humb. Vues des Cordill. t. II. p. 79).

Que a lenda d'este Deus seja tirada dos Quichuas, ou pertença aos proprios Nahuas, não ousou eu affirmar nem negar; mas parece-me mais provavel que tanto uma como outra derivam de fonte commum.

O Deus Huitzilipochtli era para os Mexicanos uma grande divindade, e tambem um Deus domestico; todos tinham em suas casas um idolo d'este Deus. Sua lenda se-me-afigura indiana.

An ex Vitzli = Vishu. e pochtli — poutra; filho de Vishnou?

An ex Viç — homem, povo, e pati — senhor, ou poutra — pae; o senhor ou o pae do povo?

Seus tios Vitznahuas, os Vaichnavas.

Cf. Viroupakcha, rei dos Nâgas, sobre o monte Merou.

An Viratpurucha — o espirito que constitue a personalidade de Virâdj e criou a terra (Burn. Pref. da Bhâg, p. CXIX).?

An Vischnou Puraska — o homem mundo incarnado para crear o mundo.

Huitzilipochtli aconselha aos Aztecas que peçam ao rei de Colhuacan sua filha

Tazí, a deusa dos Mexicanos, para ser sua rainha.

Virâtpurucha. De Purucha nasceu Virâdj, etc.

Os sectarios de Vâma (civa), os Vâmatcharins, da segunda divisão dos Çaivas, Çakta da mão esquerda (Burn. Ibid. p. LXI. nota 3).

(1) O sñr. Brasseur traduz as palavras Centzon Vitznahuas por = 400 meridionaes ou Nahuas do Sul.

(2) Dao-se-lhe varias etymologias: de Huitzilin — colibri — e opochtli — a esquerda —, porque era representado tendo pennas de colibri debaixo do pé esquerdo (Humboldt).

« Entrem na iniciação de Çiva, lá onde a divindade é o succô fermentado dos liquores inebriantes » (Baghavata Purana, l. IV. c. 2. Burn.).

« Não pronuncie o nome de Viehnu: não toque em uma folha de tulasi ». A planta tulasi (*Ocimum sanctum*) — objecto do culto dos Vaichnavas (Burn. ibid. LXXI. nota 5).

« o espirito unico, supremo, toma neste mundo os nomes distinctos de Hari, Virintchi, Hara, para conservar, crear e destruir o universo » (Baghavata Purana, l. I. c. 2. H. 23. trad. de Eug. Burn. t. I. p. 17).

Viracocha. Cf. Boudhdhagocha (Burn. Pali. 70).

Virabukka, rei de Vidjayanagara (Vers. 1334. Burn. pref. do Baghav. p. XI).

2) VOTAN.

Votan. Coração do povo. Primeiro fundador. Principio e cabeça de suas genealogias (Brass. Ann. phil. chr. 1855. IV ser. t. XII. p. 487).

Elle descende de Nin, da raça dos Serpentes; tira sua origem dos Chivim. O primeiro que divide e povoa as terras de...; depois de se-haver alli estabelecido, viaja 4 vezes para Valum Chivim ou terra de Chivim. Na primeira viagem parte de Valum Votan, segue pelos logares denominados das 13 serpentes (Oxlahun-nachan), e d'ahi para Valum Chivims d'onde vae para a grande cidade em que se-acha a casa de Deus que se-estava a construir. Vae depois á antiga cidade, onde vê as ruinas de um edificio grande levantado outrora para chegar ao Céu. Os homens com quem conversou disseram-lhe que neste logar Deus dera a cada familia uma lingua especial (Ibid. p. 488-491).

Votan existiu realmente. Ordonnez diz que houve muitos Votans. « Este nome, diz Brasseur, foi por ventura attribuido como titulo glorioso a outros homens vindos depois d'elle e dignos do reconhecimento publico? » (Id. Hist. I. 44).

Votan adorado sob o nome de coração do povo ou coração do reino (Id. ibid.).

Votan apresentado ora como uma creação mythica representante de Deus ora como um principe e legislador (Ibid. p. 45).

Votan muitos seculos antes da era christan opéra maravilhas nas margens do Tabasco e de Usumasinta (Ibid. p. 35). Tradições tzendalas. Brasseur diz que não sabe sobre que se funda Ordonnez para dar a Votan tão grande antiguidade (Ibid. nota 2).

Votan com seus companheiros fundador da civilização americana (Ibid. p. 42).

Conquista ou civilização? uma e outra (Ibid. p. 43). Votan não vinha povoar o continente; a população indigena, então selvagem (ibid.).

Analogias entre Votan, Gucunatz, Cuculcan, Quetzalcohuatl. Revelador de religião confundido com Deuses.

Coração do Céu e da terra: titulo da divindade suprema (Br. P. V. CXI. e 3).

Si Votan significa coração, diz o sr. J. Fred. Waldech, não pode ser sinão o Thol Pusickha » (Bochica?). (Charta datada de Palenque 1832. Bull. Soc. Géogr. Par. 2.^a s. t. IV. 1835. p. 176).

O título — alma do céu — é dado a Amouon Râ (Rev. arch. Agosto 1862. p. 100).

Epocha de Votan. 955 a. J. Chr. Brasseur?

Bouddha nasce em 995 a. J. Chr. segundo a chronologia adoptada pelo p. Couplet (Mignot. Acad. Inscr. Mem. t. 31. p. 87).

Em Siam o Nirvâna é de 544 (ibid.).

O coração do céu = qux cah. }
 — dos lagos = qux cho. } Pop. V.
 — do mar = qux palo }

O coração do Céu é Huracan. Huracan Caculha = o relampago.

— chipi cakulha = o *sillonement* do —

— Raxa cakulha — o raio que fere.

Votan vem de Valum Votan (Cuba, segundo Ordonnez) muitos seculos a. J. C.: costeia o Yucatan ... até os paizes de Chiapas (lagoa de Terminos, terra de Papuha — aguas *bourbeuses*). Bôccas do Usumasinta. Sobe-lhe o curso. Cidade de Palenque ao pé dos montes de Tumbala. Esta cidade a principio chamada Nachan (Nagapoura?) — cidade ou habitação das serpentes (Brass. Hist. I. 69). Nachan. Cf. Naouscha. Nysa.

Teopixco, cidade dos sacerdotes de Votan, antiga Valum-Votan, no estado de Chiapas (Br. P. V. CXXXI).

Votan atravessou um caminho subterraneo buraco de serpente porque elle era filho de Serpente (Br. H. I. 72).

Depois de suas viagens volta a Palenque; acha seu povo dividido os Tzequillos tinham usurpado o poder. Elle põe termo aos tumultos divide a monarchia em 4 reinos ... confia um d'elles ao chefe dos estrangeiros (an dos Tzequillos?). — A capital foi Tulha. Um subterraneo communicava Tulha e Palenque; trad. Tzendala (Br. ibid. I. 73).

Casa tenebrosa construida por Votan; deposito dos archivos da nação, confiado á guarda dos velhos ou das sacerdotisas; perto da cidade de Huehuetan — cidade dos velhos — (Ibid. p. 74). Cf. Sippara.

Votan — coração do povo, coração do Céu, coração do reino (Brass. I. 44).

Votan. Cf. Bodha = coração (Mus. Borg.).

— Cf. Huatani = laço. Huata = anno. Huatanam = corda grossa, em quichua (Humb. Vues. I. 345. 346). Votan seria o que juncta, *qui congregat populos?*

— Cf. Vahu = bon. (H. Burn. Yaçna).

— Cf. Tan, deus Cretense, de origem pelasgica. Ligação com o Jupiter de Dodona, cujo oraculo conservou por muito tempo a direcção

- das instituições religiosas entre os povos hellenicos (Rev. Numism. 1862. t. VII. p. 305).
- Wustan, Odin. De vâta = vento, sanscr., etymologia proposta por J. V. Grobman (Rev. Germ. Jan. 1862. p. 152). Grimm deriva-o do verbo watan = vadere.
 - Boud war. Brahm. O quarto dia da semana consagrado a Buddha.
 - Budyas. Indorum rex (Fragm. hist. II. 418).
 - Buddas, mestre ou discipulo de Manes... um Budasp fundador do sabeismo (Renan. I. p. 275).
 - Bud, um periodenta (peregrino buddhista?) viajou pela India pelo anno de 570, e traduziu em Syriaco o livro de Calila e Dimna (Renan I. 274 e Journ. asiat. 1856. I. p. 250 sq.).
 - Cf. Ek-batana.
 - Cf. Adon. Cf. Adanus, f. do Céu e da terra. Adanu insula (exx Plin. 1240. b. e. 1264. a e. 1265. a.).
 - Cf. Bhûdhana, sanscr. = rei. Bhûti = poder, dignidade (Journ. as. 7.^{mo} 1847. p. 239).
 - Cf. Oboda, rei dos Nabateus (da Arabia) enterrado em Oboda e venerado como um Deus (Uranus, ap. Steph. Byz. fragm. hist. IV. 525, 23).

o) TETZCATLIPOCA

Seu nome significa = o do espelho fumegante (Br. P. V. p. CXXI. n.º 3. Cf. P. Fr. de Bologna em Ternaux X. 216).

Era-lhe dedicado o teocalli do Mexico, assim como a Huitzilpochtli (Humb. Vues. I. 99).

Tetzcatlipoca — grande espirito, o Deus supremo.

— lançando o raio. Representado com grandes oculos (Br. ibid.).

— considerado com Tetzauh como inimigo de Quetzalcóhuatl e de seu culto (Br. Hist. I. 408. 413).

O p. Franc. de Bologna (l. c.) chama-o Tescatipochi, dando-lhe entretanto a significação de espelho de fumaça.

Tetzcatlipoca parece ser um heroe que escapou da morte alliando-se a um rei inimigo de sua raça. Elle commanda os Aztecas, e torna-se seu Deus. Procura consola-los da morte de seu mestre Xolotl. Manda uma embaixada ao sol, além do mar... Inimigo dos Toltecas. Contemporaneo de Quetzalcóhuatl, a quem astuciosamente afasta e faz viajar por paizes longinquos (Bertrand. v. Tetzcatlipuca).

Tezcatlipuca ou Tescatliputza escapa da vingança do Sol, porque o-adorára ao nascer d'elle, voltado para o Oriente; os outros, que se-haviam voltado para o Occidente, foram mortos. Accusam-n'o de ter artificio-

samente procurado destruir os Toltecas. Apresenta-se sob a forma de um indígena... procura seduzir a filha do rei Huemac e rapta-a. D'ahi se origina uma guerra, na qual foram vencidos os habitantes.

Deus de côr preta.

♂) XIONTEUCTLI, divindade do fogo.

Tambem chamado huehuetectli, o deus antigo ou o velho Senhor (Br. Hist. III. 491. 492). Estes dous nomes designavam tambem o senhor do anno e personificavam o sol (ibid.). Eguamente denominado Ixcozauhqui = o que tem olhos amarelllos (ibid.).

Apparece na idade do fogo da 2.^a idade, Tlatonatiuh, idade vermelha.

Xiuh pode ser comparado a tiuh, diuh, tonetiuh?

Xiuh é fogo? Xiutlamin — escravo do fogo (Br. 3. 423).

Culto do fogo entre os Turcos no tempo de Hiouen Tsang (Viv. S. M. Mém. géogr. em H. Ts. III. 268. Cf. Menandro, excerptt. legatt. p. 152. ed. Reg. — em 369 —, e Plan-Carpin no XIII sec.). Vide tambem: H. Tsang I. 56.

Os Tutulxiuh seriam os Tou tou kieou — os Turcos —?

Fogo sagrado. Producção ou invenção d'elle por Tohil (Br. P. V. 217. 219 e nota 2 p. 218). A palavra bak (nota 2. d.) indica bem o que referem os Vedas sobre a producção do fogo etc. Ha até uma allusão indirecta á geração: xah.

Tletlaxoni, instrumento composto de dous pausinhos que se-atritam para dar fogo. É a ferula (Vêr Baudry).

Barsom, instrumento usado nas ceremonias religiosas dos Parsis; sua materia e sua forma. Usado pelos Magos no tempo de Strabão (Acad. Inscr. M. t. 34. 383). Falla-se d'elle frequentemente nos livros zends (Acad. Inscr. 38. 189).

Guhã, gruta sagrada, capella onde o fogo sagrado foi acceso pela primeira vez (Eckst. Rev. Arch. 1859. t. XVI. p. 326). Cf. cuh = templo... sagrado....

Purificação pelo fogo aos 11 annos (Racc. de Mendoza, em Humb. Vues. est. 59. fig. 4).

Purificação pelo fogo. Sacrificios humanos a Baal. Crianças queimadas ou passadas pelo fogo, entre os Phenicios (Acad. Inscr. ms. t. 38. 395).

Tonatiuh — o resplandecente, o sol. Mytho do sol (Br. P. V. p. CCXXXII). Este nome parece ter sido dado primitivamente aos seus grandes sacerdotes, como um titulo real (Br. Hist. I. 199. n. 5).

an ex dyu (sanscr.) = dia, divasa (scr.) = dia; em pali: diahu. • Dah (scr.) = brilhar, luzir (Journ. as. 1847. 7.^{bre} p. 243. 244).

Sobre o sabeismo dos antigos mexicanos (Bourbourg, P. V. introdução, texto e indice).

g) VARIOS DEUSES.

Atit. — A avó, em quichua. Mytho antigo (v. Brass. P. V. p. CXIX nota 2. Vide Oxomoco). Cf. Aditi, mãe dos Adityas, irmãos e inimigos dos Daityas.

Tazi = deusa dos Mexicanos = a avó, Mulher elevada á divindade. Filha do rei de Colhuacan. Huitzilipochtli aconselha aos Aztecas que a peça a seu pae para rainha (Bertrand). Seria Vinata, irmã de Kadron, escrava. = Dâsi d'esta? (Eckst. Journ. as. 1855. t. 2. p. 200).

Ome teuctli, cuja mulher Ome cihuatl é mãe de Xolotl, que regenera o genero humano, depois de sua destruição. Este Xolotl seria um priapo, Ome cihuatl uma Venus? Cf. Ekata, Dvita, Tria. Os 3 sábios.

Ome tochtli = deus do vinho. Baccho ou Noé mexicano. Astakis, lago transformado em vinho por Baccho (ap. Nonn. As. Res. XVII. 610).

Côn = deus da America Central (Br. P. V. e Introd. a Landa). Cf. o Hercules egyp. Khôn ou Khons (R.R. p. 340 sq.). Deusa Koun e o deus Rampo; introdução do seu culto no Egypto (R.R. p. 338. n. 2); os mesmos sobre monumentos votivos egypcios extranhos ao Egypt. orig. asiat. — A palavra Koun tem sentido obsceno.

Akbal — a panella (quichua). Mytho antigo. 20.º signo dos calendarios da Am. Central. (P. V. CXXII).

Chonnu, χρῶνον. Vaso de bronze que se dava em Creta aos ephebos *κλεινοί* = illustres, que serviam para os prazeres (Athen. XI. 182. c. XI. 502. b. Sobre a pederastia entre os Cretenses e Chalcidios de Eubéa Athen. XIII. 601. f.). Cf. Kanyâ?

Inox. Figura o primeiro dos 20 signos (20 chefes vindos de E. em navios, guiados por Quetzalcohuatl, Cuculcan ou Gucumatz) do calendario do Mexico e da Am. Central; dos 20 dias do mez Nahuatl ou Tolteca. — Votan, descende de Imos (Br. I. 72).

Imos, venerado na arvore ceiba. Cf. a arvore bo em Ceylão e na India, consagrada a Buddha; arvore sempre verde de Upsala.....

Imos, o mesmo que Cipactli do calendario mexicano — espadarte.

Ig = Ehecatl, o sôpro, vento, espirito (Br. P. V. LXXII. sq.). Estes 20 chefes personificavam a raça nahuatl; chegam de NE., aportam em Panuco. Descriptos por Torquemada.

Cf. Ymis dos Scandinavos.

Hymer. a historia da creação entre os Scandinavos começa: ex Ymis carne (v. Vafthrudnismal. Strophe 21. in Edda Sæmund. t. I. p. 13 sq. V. Hymis quida t. I. p. 131).

Este Hymer é parente do gigante Api. É comparado a Typhon, vel Utgardensi Lokio (sic auctor lexicí mythol. ad Eddam Sæmund. t. III. p. 876. ed. Havniae).

Cipactli ou Cipactonal. Mytho Tolteca: um dos 4 grandes Deuses (Br. P. V. CXIII); — inventor do calendario (ibid. p. CXXIV). Origem possivel d'este mytho (ibid. p. CXXXIX).

Cipactonal. Ce — um, ipan = sobre, tonalli = o sol; superior ao sol (Br. ibid. p. CXIII. CXVII, CXX. CXXI).

Os outros chefes são: Oxomoco, Tlaltecui e Xuchicaocaa.

Oxomoco identificado com Xmucane, que adora Xbalanque.

Huchuetonacateo Cipactli. Cod. Borg. fol. 24. Mss. Fabry. n.º 98. Humboldt, Vues & atlas est. XIII. n.º 4. Vêr Humb., Vues, t. I. p. 199. cf. p. 16 e 128. Cf. cod. Borg. fol. 60.

Cipactli. Serpente com cornos ou crocodilo.....

Teocipactli, o Noé dos Aztecas (Humb. 2. 16).

Xolotl — Um dos heroes oriundos da deusa Omecihuatl. Elle toma os ossos dos que morreram na catastrophe universal, e, regando-os com seu sangue, faz d'elles nascer o genero humano....

Ometeuctli, deus do Paraiso celeste, habitava com Omecihuatl uma cidade magnifica no 12.º Céu (Bertrand, N. Omecihuatl, Ometeuctli).

Cf. Cholollan — a cidade do exilado?

Tlaloc, o fecundador da terra. Mytho nahuatl (Br. P. V. p. CXXI).

Tlalocan, terra da abundancia, especie de Paraiso terrestre (ibid. p. CLIII). No centro das montanhas, morada dos tlalocas: jardim delicioso: lá o dia, quando os vivos tinham a noite. Depois das provas infernaes, as almas passavam ao Tlalocan (Br. Hist. t. III. p. 496. 497).

— Deus da agua (Humb. Vues, II. 92).

— Tlalotenci, deus da agua; suas festas solemnes em Fevereiro, Março, Abril; meiz da secca (ibid. I. 353. 354).

— Sobre Tlaloc: vêr Boturini, idea &c. p. 98.

— Tlaloc representado com uma tromba.

Cf. Ganges?

O Tlalocan é a Kashmira? Ao sul do lago, da bocca de um elephante de ouro sae o Sindh, o Indus (Introd. ao Si-yu-ki, t. 2. p. LXXIV). Onde 4 rios sahem do lago Anavatapta: a L. o Ganges que se-lança no mar de S.E., ao S. o Indus que se-lança no mar de S.O., a O. o Oxus que se-lança no mar de NO, e ao N. o Sita, que se-lança no mar de NE.; este ultimo dá origem ao Rio Amarello da China.

A mulher de Tlaloc é Xochiquetzal, tambem chamada Chatchihlycue — stia ornada de esmeraldas, deusa das aguas. Seu symbolo — um leque de 5 flores, d'onde seu nome Macuil Xochiquetzalli. Collocavam-n'a nas regiões primitivas de Tamoanchan, habitando os jardins de Xochitlycacan (Br. t. III. p. 491).

Os jardins de Xochitlycacan eram situados no 9.º Céu e banhados

por fontes de agua limpida. Xochiquetzal tinha alli ao seu serviço
anãos, corcundas, hístriões (Br. H. III. 491). Cf. Kacyapa.

Matlalcueye, esposa de Tlaloc, depois que Xochiquetzal lhe-foi roubada;
protectora dos magicos (Br. H. III. 490).

Matlalcueye — com saia de esmeraldas. Citlalcueye — com saia estrellada.
Tlalocan. Cf. Uttarakourou?

A fonte divina Ardouissour, pela virtude de cujas aguas resuscitam os
mortos (Zendav. II. p. 884. 399. 404). Cf. Xolotl.

As aguas do Gangá resuscitaram os 60.000 filhos de Sagara, quando a
deusa desceu á terra (V. Obry. p. 186).

Tlalocan. Tlalpallan...?

Ixcuina ou }
Tlazolteucilhua } deusa da voluptuosidade (Humb. Vucs. I. 275).

Estas duas palavras pertencem á mesma lingua?

Ixcunia. Cf. Isani, deusa dos Indous?

Huicatlitan ou Tlazolteotl. Planeta Venus.

Tonacateucli — o Adão dos Aztecas (Humb. Vucs. I. 235. 273).

Tonantzin — a Eva dos Aztecas (ibid. e II. 198).

Seus filhos que combattem (ibid. I. 237. e II. 392). Cf. a mãe dos
Daityas, &c.?

7)

Parece-me muito provavel que existem muitos erros na computação das
epochas cosmogonicas taes como nol-as-apresenta o quadro do Vaticano,
ou pelo menos na interpretação que se-lhe-deu. É assim que o sr. Brasscur
de Bourbourg explica a incoherencia e a exaggeração dos numeros inscriptos
para cada epocha, numeros que, já tinha observado Al. de Humboldt, não
concordam com os que dá para a duração d'estas edades o historiador mexi-
cano Ixtlilxoxitl. Crê mesmo o referido auctor que Humboldt se-enganou na
explicação dos signaes numeræes que achou indicados no ms. do Vaticano;
acha fabuloso o numero total de 18000 annos, julgando ver no algarismo 5206
uma data chronologica indicando o numero de annos decorridos desde a 1.^a
catastrophe até o tempo em que o Codex foi pintado ou escripto. Ora, diz
elle, suppondo que este trabalho se-houvesse feito em 1500 de J.C., o sol da terra
(talvez o começo da colonização da terra mexicana) remontaria ao anno 3706
antes de Christo, a erupção dos Volcões a 3304, o grande furacão a 2510, e
a inundação a 2508. Verdade seja que tudo isto muito hypothetico e dicto com
grandes reservas.

Todavia, comparando entre si os dous systemas, poder-nos-hemos convencer
de que foram em parte concebidos sob o mesmo plano.

Estou pela minha parte tentado a crer que o quadro do Vaticano dá a

serie das edades cosmogonicas fixando de modo arbitrario a sua ordem e duração; mas o auctor teve quiçá debaixo dos olhos um typo que julgou poder imitar modificando-o.

Nada ha na verdade que nos-espante na exaggeração do numero total de 18000 annos dado como o da duração das edades: é processo commum de todos os auctores de similhantes systemas inserir nelles algarismos extravagantes, sob os quaes se-occultam talvez datas historicas. Elles seguem aliás marcha decrescente do 1.º ao 4.º, de sorte que se-tornam comparaveis entre si desde que ponhos de parte os numeros determinados como poncto de partida do calculo.

Si quizermos admittir que uma das duas computações é erronea, e que esta deve servir para corrigir aquella, poderemos observar em favor do systema adoptado por Ixtlilxoxitl não só que os numeros dados por elle não têm a apparencia de exaggeração dos do Codex Vaticanus, mas ainda que este historiador indigena, mui versado na historia nacional e nos processos graphicos usados em seu paiz, devia ter conhecido o quadro cosmogonico do ms. do Vaticano e podia interpreta-lo melhor do que qualquer dos sabios estrangeiros que o-pretenderam explicar: accrescente-se que, como já vimos atraz, as epochas por elle assignaladas coincidem mais ou menos com datas historicas, e que por outro lado a comparação dos dous systemas demonstra que elles se-correspondem exactamente em algumas de suas partes.

É licito suspeitar, à priori, que o signo numerico traduzido por 400 (valor que elle tem com effeito na maior parte dos titulos) não tem aqui sinão um valor vago e convencional, visto que o proprio numero 400 serve para determinar de modo geral, e empregado emphaticamente, quantidades consideraveis, indefinidas, quer em absoluto quer comparativamente.

Este signo, abstracção feita de seu valor concreto, pode representar um periodo, um cyclo: ora, os povos do Mexico parece que não conheciam cyclos de 400 annos, mas sim periodos de 13, 28, 52 ou 104 annos, os quaes consideradas como numeros mysticos deram logar em certos casos a combinações diversas, conforme se-tomaram uns ou outros por base de calculo.

Assim no quadro do Vaticano o signo considerado equivalente a 400 e repetido 13 vezes dá: $400 \times 13 = 5200$; mas si substituirmos a esse valor o numero 52 teremos: $52 \times 13 = 676$. Ora, este numero 5200 representa no quadro do Vaticano a duração da primeira idade, que é representada no de Ixtlilxoxitl pelo numero 676. D'aquí deve concluir-se que o signo de Ixtlilxoxitl está para o do Vaticano como 52 para 400.

Resulta pois que o poncto de partida é o mesmo.

Passemos agora ás edades seguintes:

Aqui a proporção se-acha gravemente alterada: com effeito, o quadro do Vaticano dá para a 2.ª idade a duração de 4800, isto é, 400×12 , ao passo

que Ixtl. só lhe dá 364, isto é, 52×7 . A differença é portanto consideravel; mas cumpre notar que a 2.^a e a 3.^a edades de Ixtl. reunidas, $364 + 312$, formam um total igual á somma da 1.^a: $364 + 312 = 676 = 52 \times 13$, o que taria suppor que a 2.^a idade do Vaticano. corresponde á 2.^a e 3.^a de Ixtl., posto que ainda incompletamente.

$$\begin{array}{l} 2.^a \text{ idade do Vaticano} \quad 400 \times 12 = 4800 \\ \left. \begin{array}{l} 2.^a \\ 3.^a \end{array} \right\} \text{ de Ixtl.} \quad 52 \times 13 = 676. \end{array}$$

Não se-poderia entretanto combinar no ms. do Vaticano a 2.^a e 3.^a idade sem augmentar muito a difficuldade, porque o total das duas reunidas corresponderia a $400 \times 22 = 8800$. Foi talvez aqui que appareceu o erro, ou accidental ou premeditado, do auctor do quadro, o qual, depois de ter querido dar proporções exaggeradas aos seus periodos para fazer d'elles edades cosmogonicas de valor, por consequente mythologico e mystico, e tomando aliás por base os mesmos dados colhidos depois por Ixtlilxoxitl, não hesitou em approximar a duração das duas ultimas edades da das duas anteriores.

Si elle houvesse seguido a mesma marcha de Ixtl., dando á 2.^a e 3.^a edades reunidas a duração da primeira, teria estabelecido esta progressão

$$\begin{array}{l} 1.^a \quad - 400 \times 13 = 5200 \dots \dots 52 \times 13 = 676 \\ \left. \begin{array}{l} 2.^a \\ 3.^a \end{array} \right\} - 400 \times 13 = 5200 \dots \dots 52 \times 13 = 676 \\ 4.^a \quad - 400 \times 1 = 400 \dots \dots 52 \times 1 = 52 \\ \hline 400 \times 27 = 10800 \dots \dots 52 \times 27 = 1404 \\ \quad - 23 \text{ annos d'um cyclo começado} \quad + 13 \text{ d'um cyclo começado} \\ \hline 28 = 10823. \qquad \qquad \qquad 28 = 1417. \end{array}$$

D'esta sorte os signos simples O representariam a multiplicação.

Si agora, pelo contrario, quizermos constituir o quadro de Ixtlilxoxitl pelos dados do ms. do Vaticano, teremos

$$\begin{array}{l} 1.^a \text{ idade} \quad 52 \times 13 = 676 + 6 = 682 \\ 2.^a \quad \times \quad 52 \times 12 = 624 + 4 = 628 \\ 3.^a \quad \times \quad 52 \times 10 = 520 + 10 = 530 \\ 4.^a \quad \times \quad 52 \times 10 = 520 + 8 = 528 \\ \hline 52 \times 45 = 2340 + 28 = 2368. \end{array}$$

Este numero 2368 não parece correspondêr a dado algum historico ou mythologico, a menos que se não queira d'elle deduzir o algarismo 1417 dado por Ixtl. e referido á era christã; ter-se-hia então $2368 = 951 \text{ a. J. C.} + 1417 \text{ dep. J. C.}$, e 951 se-approxima de uma data aliás bem duvidosa nos annaes dos povos emigrados para o Mexico. Mas a similhante methodo nada nos-auctoriza; mal se-pode conjecturar porque Ixtlilxoxitl teria dado a somma d'estes dous numeros, e nada indica que elle houvesse combinado nem subtrahido numero algum.

Acredito portanto que é ao systema de Ixtlilxoxitl que se deve subordinar o do Vaticano, e que a somma de 18000 annos, ainda que nada tenha de extraordinario em documentos d'este genero, foi substituida á de 10800, que já é por si bastante consideravel para a-termos como arbitraria:

1. ^a idade.	$400 \times 13 = 5200 + 6$	ou	$52 \times 13 = 676$
2. ^a "	$400 \times 7 = 2800 + 4$		$52 \times 7 = 364$
3. ^a "	$400 \times 6 = 2400 + 10$		$52 \times 6 = 312$
4. ^a "	$400 \times 1 = 400 + 8$		$52 \times 1 = 52$
	$400 \times 27 = 10800 + 28 = 10828$		$52 \times 27 = 1404 + 13 = 1417.$

s)

« Eu me-propuz demonstrar:

1.^o—Que quanto á origem dos Toltécas e dos Aztecas, o estado da lingua usada no Mexico e os raros monumentos litterarios existentes no tempo da conquista dos Europeus, sendo a lingua fallada e escripta conservadas sem o socorro da escripta alphabetica e por consequente podendo ter soffrido no intervallo de muitos seculos grandes alterações, não permittiam sinão difficilmente achar o idioma tal como elle era na epocha da chegada das populações antigas do Mexico, e com mais forte razão o idioma ao qual elle corresponde entre as linguas do velho mundo d'onde poderia ter provindo.—Que por outro lado os povos, com que os Mexicanos parecem ter maior numero de relações d'analogia, quanto aos usos e tradições, os da alta Asia por exemplo, não são perfeitamente conhecidos no que respeita á sua lingua e sua historia: taes são v. gr. as nações de uma e outra margem do alto Indus, e as do Tibet, — paizes que nos dez primeiros seculos de nossa era soffreram numerosas e grandes revoluções. — Que, entretanto, si alguns traços persistiram da lingua fallada pelas tribus estrangeiras que emigraram para o Mexico, cumpre procura-los nos nomes de divindades, nas palavras consagradas no ritual e na liturgia, — mas fazendo-as soffrer, para se-lhes-descobrir a raiz e a physionomia original, uma alteração que restabelêça as consoantes, que por uma singularidade de pronuncia propria dos Mexicanos o uso fizera desaparecer: com effeito, talvez porque as mutilações practicas voluntariamente em sua lingua, em seus labios e nas maças do rosto houvessem tornado difficil ou impossivel a articulação de certos sons, é certo que as letras *b*, *d*, *f*, *r*, *n*, *s* haviam sido supprimidas ou antes substituidas. Assim é que o *b* e o *n* parecem ter sido substituidos por *hue*; o *f* egualmente; o *r* por *l*, *ll* e até por *ch* e *xll*, etc. — Ora, applicando a certas palavras aztecas este processo de substituição, encontram-se formas que, salvas algumas differenças de vogaes intercalares e poucas modificações por que o tempo faz passar todas as linguas (taes como supressão-transposição de syllabas), correspondem muito geralmente e com bastante exactidão a palavras pertencentes ao ritual e á liturgia, e a nomes proprios de

Deuses entre os povos da Asia. — Eu aponeto alguns exemplos notaveis, que por sua vez servem de ponto de partida para fixar analogias de tradições e de crenças.

2.º — Que, quanto ao pretendido quadro das cidades cosmogonicas, e á dupla forma que elle apresenta no manuscrito do Vaticano e nas relações de Ixtlil-xachitl, cujos numeros não concordam, pode-se demonstrar que ambos são concebidos sobre o mesmo plano, posto que em espirito diverso. — Que o primeiro é ritual e phantastico, mas conforme com os quadros do mesmo genero que se acham na Asia, e é formado com os mesmos elementos, pelo mesmo processo; e o segundo, verdadeiramente chronologico, mas traçado a grandes linhas: finalmente, que se podem até certo ponto comparar um ao outro.

3.º — Que, nas relações de Ixtlilxochitl, não obstante as inexactões e contradicções que ellas apresentam e que são alias para mim quasi um indicio de authenticidade, encontram-se vestigios da estrada que seguiram as populações em sua emigração da Asia para a America.

4.º — Que, pelo conjuncto dos dados que resultam do exame dos factos, monumentos e documentos indicados nas dissertações especiaes do meu trabalho, se-poderia admittir que os Toltecas e Aztecas têm por antepassados povos Touranicos mixturados de longa data com povos de origem arjana.

5.º — Que os traços de buddhismo, que o sr. d'Eichthal notou nas tradições, nos cultos e nas instituições do Mexico, parecem-me a mim como a elle evidentes, conforme já ha muito signifiquei verbalmente a S. M. o Imperador (1853): mas que estas similhanças pertencem ao buddhismo do Norte, buddhismo corrompido, mesclado de elementos Vischnuitas, Çivaítas, Parsistas, etc.

6.º — Que o centro d'onde provavelmente irradiaram as populações que transportaram estas crenças para a America parece dever ser procurado nas regiões do alto Indus, na Sogdiana, na Gedrosia, no Cabul, no Afghanistan, na Cachemira: regiões onde dominou o buddhismo, principalmente sob os reis turcos ou indo-scythas, onde reinou o culto da serpente, e cujas populações parece que a si mesmas se-designam sob o nome de Nâgas, que significa serpente, em sentido mystico e allegorico, e que, sob a forma Nahuá ou Nahuatl, designa a raça civilizadora da Nova-Hispanha.

7.º — Que os Toltecas poderiam ser approximados dos Turanios, Turuchkha, e os Aztecas — dos povos ou tribus da Cophenia, os Astacani e outros de nomes analogos, cuja cidade, Mazaca, poderia ter dado origem ao nome de Mexico.

8.º — Que os livros sagrados dos Toltecas, que serviram de base aos dos Mexicanos e dos Quichuas, não foram compostos, em seus elementos principaes, na America, mas formados de fragmentos e de tradições oraes trazidas da Asia.

9.º — Que o proprio Popol Vuh parece não ser mais do que um Purâna, uma collecção antiga de lendas, — idéa que alias já teve Humboldt.

ARTIGO DE JOÃO BAPTISTA CALOGERAS.

FR. CAMILLO DE MONSERRATE.

Lá se foi, quasi sem que ninguem reparasse, uma das maiores illustrações que tentava procurar as praias hospitaleiras do Brazil.

No dia 19 do corrente deu a alma a Deus frei Camillo de Monserrate, monge benedictino, ex-professor de historia e geographia do Imperial Collegio de Pedro II, membro do Instituto historico e geographico brasileiro ⁽¹⁾, bibliothecario da bibliotheca publica, paleographo do archivo publico e membro do conselho director da instrucção publica do municipio da Corte.

Por mais honrosos que fossem esses titulos, elles por certo não lhe proporcionavam os meios de utilisar convenientemente a sua rara intelligencia e o seu vasto saber. Formado em archeologia e em todos os ramos que se prendem a esta tão complicada sciencia, frei Camillo era, alem d'isso, perfeitamente versado nas sciencias naturaes, na historia e geographia, e nas litteraturas grega, latina e franceza. Em França, quando ainda moço, o nosso sempre chorado amigo havia sido collaborador do celebre archeologo Letronne; no Brazil teve apenas occasião de compôr algumas inscrições, e de decifrar algumas bullas antigas, escriptas em characteres lombardos.

Descendente de uma das familias mais conspicuas da Europa ⁽²⁾, sobre a qual a sorte havia descarregado seus golpes mais rués, já por esta circumstancia, já por soffrer de asthma e portanto aconselhado pelos medicos a procurar um paiz quente, frei Camillo veio para o Brazil em 1845 ⁽³⁾, entrou pouco depois na Ordem de S. Bento, em 1850 foi nomeado professor de historia e geographia no Imperial collegio de Pedro II, e em 1852 ⁽⁴⁾ bibliothecario e paleographo ⁽⁵⁾ do archivo.

Homem verdadeiramente superior, e tão modesto quanto illustrado, frei Camillo nunca fez alarde nem da sua nobre origem, nem do seu merecimento; era preciso procura-lo porque elle não se mostrava; obrigado a residir constantemente na bibliotheca, e tendo por consequente renunciado ás promovações e ás vantagens que lhe podia offerêr o mosteiro, o bibliothecario viveu unicamente do mesquinho ordenado que competia áquelle lugar, sem nunca queixar-se nem pedir cousa alguma, excepto o augmento dos vencimentos, ainda mais mesquinhos, dos seus empregados.

(1) Ha engano nesta asserção. Fr. Camillo nunca pretendeu nem obteve o titulo de membro d'esta associação.

(2) Esta allusão á familia Bourbon confirma ainda uma vez o que no principio d'esta biographia dissermos quanto á filiação do monge benedictino.

(3) Quem tiver lido com attenção nosso trabalho reconhecerá que ha inexactão em todas estas datas, o que se explica naturalmente pela precipitação com que Calogéras escreven a noticia, baldo do tempo indispensavel para investigações mais seguras.

Digão aquelles que o frequentarão a amenidade e delicadeza de suas mancinhas, a elevação de seus pensamentos, a generosidade de sua alma, a fineza de seu espirito, a variedade interessante de sua conversação. Quanto a nós que o conhecemos intimamente, o respeito e a affeição que lhe temos consagrado, e que durante um quarto de seculo nunca soffrirão a menor alteração, nos acompanharão até a nossa ultima hora.

Frei Camillo conservou sempre na bibliotheca, com o maior empenho e perseverança, a boa ordem e o decoro tão indispensaveis em taes estabelecimentos. Apesar do estado melindroso de sua saude, occupou-se com a reorganização do respectivo Catalogo, e fez alguns trabalhos importantes, que não quiz dar á luz, entre os quaes sobressahe aquelle sobre as antiguidades mexicanas.

É muito para desejar que taes trabalhos não fiquem inutilizados.

Havia mais de um anno que o nosso querido amigo ia succumbindo a uma hypertrophía do coração, complicada de asthma, bronchite chronica e emphysema pulmonar. Com admiravel coragem elle conservou-se no seu posto, até que viesse a morte bater-lhe ás portas. Não podendo mais respirar na bibliotheca, pediu ao Ex.^{ma} Sñr. Ministro do Imperio licença para transportar-se para a ilha do Governador. S. Ex.^a apressou-se a annuir ao seu pedido com a maior benevolencia; mas poucos dias depois, enquanto se estava tratando da aposentadoria de frei Camillo, veio a morte tornar inuteis os esforços dos seus amigos.

Frei Camillo morreu como tinha vivido; um negro fiel proporcionou-lhe os ultimos cuidados; os seus irmãos do Mosteiro o levarão ao seu ultimo jazigo, e continúa sobre o seu tumulo a paz e o silêncio, que tanto affagavão a sua vida modesta.

J. B. CALOGERAS.

(*Jornal do Commercio* de 24 de Novembro 1870)

INDICE

PREFACIO.

PRIMEIRA PARTE

BIOGRAPHIA

	Pags.
CAP. I. (1818-1834). Nascimento. Educação. Tendencias litterarias. Primeiro ensaio archeologico.	5
II. (1834-1836). Seus estudos. Trabalhos de maior folego. Secretario de Instrução. Graves desgostos na casa paterna.	16
III. (1836-1837). Situação critica. Luctas do coração.	28
IV. (1837-1839). A viagem.	36
V. (1839-1844). Novos trabalhos. Vida de professor. Corbeil, Gonçes, Fontenay-aux-Roses, Ménars. Tentativas de vida monastica. Partida para o Brazil.	50
VI. (1844-1847). Situação penosa no Rio de Janeiro. Consulado de França. Projectos.	73
VII. (1847-1853). Faz-se religioso benedictino. Vida no mosteiro. Trabalhos e delusões. Imp. Collegio de Pedro II.	79
VIII. (1853-1870). Bibliothecario da Bibliotheca Nacional. Sua administração. Projectos e serviços.	103
IX. (1853-1870). Ainda o bibliothecario e o sabio.	138
X. Paleographo do Archivo Publico. Examinador. Membro do Conselho Director da Instrução Publica. Distincções honorificas.	149
XI. O verdadeiro amigo. Solidão. Morte.	156

SEGUNDA PARTE

NOTICIA E ANALYSE DOS SEUS ESCRITOS

A Biblia de Moguncia de 1462	173
Linguistica americana.	179
Theorias cosmogonicas	181
O ensino da Historia do Brazil	197
Estatistica da população do Imperio	198
A raça africana	204
Cartas escriptas de Botafogo.	204
A questão bancaria.	211
O apologo gnomico.	211
Cryptographia	218
Nevociros seccos.	221
Crise commercial de 1864.	223
Les savans	223
Periodo glacial.	225
Os poemas homericos.	231
Inscripções	231
Antiguidades mexicanas.	261

TERCEIRA PARTE

DOCUMENTOS, MEMÓRIAS E NOTAS

N.º 1.	Une statue d'Héraclite.	291
N.º 2.	Philologia, Ænigmati, graeco scripti, nova interpretatio	294
N.º 3.	Um verso de Eschylo	298
N.º 4.	Clitodème	299
N.º 5.	Notice biographique sur Duris historica et tyran de Samos.	301
N.º 6.	Le port Otago	310
N.º 7.	Vocabulaire néo-Zélandais	312
N.º 8.	Fragmento de charta (s. Raoul-Rochette?) sobre o vaso da collecção Pentelés.	321
N.º 9.	Notice sur un vase représentant Typhon.	322
N.º 10.	Chartas a discipulis de Fontenay-aux-Roses.	338
N.º 11.	Prologo do Catalogo da Bibliotheca do Mosteiro de S. Bento.	348
N.º 12.	De S. Sebera dissertatio	348
N.º 13.	Discurso em acção de graças pela entrada do S. P. Pio IX em Roma.	350
N.º 14.	Licções de geographia antiga.	354
N.º 15.	Correcção de um texto de Ptolomeu	375
N.º 16.	Parecer sobre o Manual de historia geral contemporanea.	376
N.º 17.	A Biblia de Moguncia de 1462.	381
N.º 18.	Linguistica americana	386
N.º 19.	O ensino da Historia do Brazil.	391
N.º 20.	Estatistica da população do Imperio.	394
N.º 21.	A raça africana.	398
N.º 22.	Cartas escriptas de Metafogo	400
N.º 23.	A questão bancaria	453
N.º 24.	Os nevoeiros secos	459
N.º 25.	Crise commerciale.	462
N.º 26.	Les savans	467
N.º 27.	Os poemas homericos	469
N.º 28.	Antiguidades americanas	473
N.º 29.	Artigo de Joao Baptista Calogeras	518

ERRATA

<i>Pags.</i>	<i>Links.</i>	<i>Erros.</i>	<i>Emendas.</i>
14,	15	oute	fonte.
28,	29 (epigr.)	mores	móeres.
172,	12-13	sagacidade	sagacidade.
239,	32	lustres	lustros.



TYPE DE G. LEDZINGER & FILS, RUA D'OUVIDOR 31 — RIO DE JANEIRO
